

ALICE A. BAILEY

Vida e Legado

ISOBEL BLACKTHORN



ALICE A. BAILEY

Vida e Legado

ISOBEL BLACKTHORN

ALICE A. BAILEY, VIDA E LEGADO

ISOBEL BLACKTHORN

Tradução por

MARCIA BRANDO

Copyright (C) 2020 Isobel Blackthorn

Design de layout e copyright (C) 2022 por Next Chapter

Publicado em 2022 por Next Chapter

Capa de CoverMint

Editado por Dandara Da Silva

Todos os direitos são reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, sem a permissão do autor.

Muitas das fotos exibidas neste livro foram gentilmente fornecidas por Rose Bates www.alicebaileyarchives.com

ÍNDICE

Nota da autora

Introdução

1. Surge Uma Evangelista

2. Casas dos Soldados de Elise Sandes

3. Tempos sombrios como Sra. Evans

4. Uma conversão esotérica

5. Mudando-se para Krotona

6. A chegada de Foster Bailey

7. O Tibetano

8. Uma Tempestade em um Copo d’Água

9. Separação

10. Tratado sobre o Fogo Cósmico

11. Aula de Doutrina Secreta

12. A Escola Arcana

13. Alguns amigos influentes

14. Escola de Verão Espiritual

15. O Novo Grupo de Servidores do Mundo

16. Aborrecimentos com Helena Roerich

17. Sede em Tunbridge Wells

18. Alguma Competição

19. O reaparecimento do Cristo

20. Saúde em declínio

Fotografias

Fragmentação e cura

21. Aspirantes ao Portal

22. A Escola de Estudos Esotéricos

23. Roberto Assagioli

O legado

24. As Nações Unidas

25. O Movimento Nova Era

26. Uma adversária e uma entusiasta

27. Cedercrans e Laurency

28. Documentos acumulados

29. Avanço dos Ensinamentos

30. Astrologia Esotérica

31. Magia Branca

Comentários finais

Caro leitor

Uma lista incompleta de grupos inspirados pela sabedoria eterna

Notas

Aos Servidores do Mundo

.

NOTA DA AUTORA

A primeira coisa que me chamou a atenção quando me deparei com a produção literária de Alice Bailey foi a aparência austera e formal dos livros, com a ausência do nome da autora na capa da frente. Em vez disso, todas as capas apresentavam um curioso símbolo triangular contendo uma série de linhas, que depois eu descobriria serem as iniciais L U X: A palavra luz, em latim. Em seguida, havia o tom eduardiano dos ensinamentos e é claro, a própria mulher; apresentada como modesta, benevolente e gentil, nas poucas fotos que existem dela sob domínio público. Sucumbi a uma confiança imediata.

Mas como eu poderia confiar de todo coração e imediatamente em alguém que nunca conheci, que havia falecido em 1949, 13 anos antes de meu nascimento, uma mulher que eu só poderia ver numa antiga foto? Fiz um julgamento baseada em uma impressão rápida. Infundada talvez, embora naquele momento eu tinha certeza de que não era. Aquele rosto gentil poderia contradizer as forças de um mal absoluto, como os cristãos fundamentalistas diziam? Poderiam os pensamentos registrados por essa figura acolhedora prover o fundamento para uma nova Ordem Mundial em distopia, como afirmam os teóricos da conspiração? Ela era dissidente, rebelde e plagiava trabalhos anteriores, como alguns teosofistas argumentam? Ou ela era simplesmente uma iludida excêntrica, como a visão mantida pelos estudiosos? Essas eram perguntas longe da minha mente quando olhei o rosto de Alice Bailey em 1994, preparada para ler sua autobiografia incompleta.

Alice Bailey entrou em minha vida de uma forma curiosamente cerimonial. Eu vivia em Perth, oeste da Austrália, como astróloga praticante estudando para um diploma em Aconselhamento Transpessoal, e eu tinha uma queda por um jovem rapaz bem atraente, que recentemente havia deixado sua vida em Adelaide e arrumou suas coisas, dirigindo um longo caminho pela planície desértica de Nullarbor. Não tinha muito espaço em seu carro e ele tinha abandonado muitos

pertences, mas ainda assim se sentiu forçado a trazer consigo um livro no qual não tinha nenhum interesse em particular. Ele o encontrou numa livraria de segunda mão e se chamava Astrologia Esotérica. Um dia, enquanto o visitava em sua casa nova, ele me pediu para esperar enquanto foi buscar algo em seu quarto e reapareceu com o livro em suas mãos. “Antes de nos conhecermos, não tinha ideia por que trouxe esse livro,” disse ele, todo formal e sério, “mas agora sei. É para você.”

Peguei o livro, um exemplar grosso e pesado, e lhe agradeci. Logo devorei aquele livro e com o tempo, comprei todos os outros que a Alice Bailey havia escrito. Eu não tinha uma ideia clara do que iria fazer com eles, mas toda vez que me mudava de casa, e me mudei muito na época, os encaixotava e levava junto.

Isso foi em 2001, logo depois que as torres gêmeas caíram e uma outra série de eventos aconteceram, o que me levou a iniciar um estudo sério dos textos de Alice Bailey. Ao mesmo tempo, eu trabalhava como professora de História e Religião no ensino médio. Meu trabalho me satisfazia imensamente, ainda mais quando comecei a fazer pesquisas para o doutorado. A princípio, minhas ideias eram vagas e a The Open University, a mais adequada para minha necessidade de ensino à distância, vivia perdendo meus e-mails.

Em janeiro de 2002 levei um grupo de alunos do ensino médio a um campus universitário para pesquisar a dissertação deles em um curso de nível A. Todos eles decidiram estudar a Nova Era. Quando estávamos saindo do campus, encontrei um livro didático na livraria da universidade, que parecia fornecer tudo o que meus estudantes precisavam para completar a redação deles. Comprei o livro e levei-o para casa. Li então a introdução editorial da Dra. Marion Bowman, da Universidade de Bath. Não havia pensado em nada disso. Depois, naquela mesma tarde, verifiquei meus e-mails. Para minha surpresa, a Dra. Marion Bowman, a mesma Marion Bowman, só que agora trabalhando para a Universidade Open, havia respondido a minha pesquisa de doutorado! Ela me pediu que reenviasse meu e-mail pois de alguma maneira o conteúdo original

havia se perdido. Eu reenviei e desta vez, por meio de um pós-escrito que considerei mais uma frase irrelevante, mencionei Alice Bailey. A Dra. Bowman instantaneamente respondeu e entrou em contato momentos depois, com um telefonema.

Circunstâncias pessoais fizeram com que eu não estudasse Alice Bailey sob a supervisão da Dra. Bowman. Em vez disso, garanti a supervisão pela escola de Ecologia Social da Universidade de Western Sydney. Com valores holísticos, ecológicos, comunitários e ênfase em psicologia transpessoal, a Ecologia Social provou-se um lar adequado para uma tese de Alice Bailey.

Lembro-me da minha primeira residência de pesquisa no campus, cerca de cem alunos cursando bacharelado e mestrado e as expressões de perplexidade estampadas nos rostos dos que perguntavam, quando descobriam o que eu estava prestes a empreender.

Recebi meu doutorado em 2006. Naquela época, pelo menos pelo que pude verificar, eu era a única acadêmica de Alice Bailey no mundo, fato que achei intrigante já que para mim, ela parecia ter contribuído muito para o pensamento mundial.

Dez anos e vários outros endereços se passaram antes de Alice Bailey entrar em minha vida novamente pela terceira vez. Comprei um bangalô estilo anos 1970, e a cozinha precisava urgentemente de uma renovação. Quando o mostrador eletrônico do antigo forno de parede piscou “HELP” (AJUDA) em verde digital – descobri então que era um recurso do modelo, mas não sabia disso na época – senti que tinha que agir. Depois que a renovação acabou, descobri que havia uma prateleira alta num lugar saliente do armário da cozinha. Daquele ponto você consegue observar toda a sala de estar. Tirei o pó da antiga cópia do retrato de Alice Bailey presente em sua autobiografia, e a coloquei num porta-retratos. Não tinha ideia do motivo em colocar seu retrato naquela prateleira alta, mas senti, vagamente, a importância.

Ela sorriu para mim.

Um mês depois e completamente sem esperar, eu estava escrevendo sua biografia.

Usei a versão original – que senti estar incompleta e inconsistente por causa da escassez de material de pesquisa – para compor The Unlikely Occultist: A biographical novel of Alice A. Bailey (A Ocultista Improvável: Um Romance Biográfico de Alice A. Bailey, em tradução livre), que complementa a versão real e conta a história conhecida de Alice. Com base na resposta positiva da comunidade Bailey àquele romance, voltei a trabalhar na biografia.

Eu não poderia ter escrito essa biografia sem Steven Chernikeeff, cujo apoio sincero, o encorajamento e a orientação me permitiram entender a história desconhecida de Alice e da comunidade Bailey. Estou em dívida com Stephen Pugh, que me ajudou a passar por um período complexo e difícil dessa história e me deu acesso livre ao The Polaris Project (O Projeto Polaris). Calorosos agradecimentos para Lynda Vugler, Cynthia Ohlman, M. Temple Richmond e Geoffrey Logie, todos eles responderam às minhas perguntas e me deram muita clareza. Minha gratidão a Rose Bates, por sua prontidão em conversar comigo por longas horas e por disponibilizar alguns recursos e fotografias fundamentais, e a Patrick Chouinard, Murray Stentiford, Kenneth Sørensen e Håkan Blomqvist, pelo valioso feedback. Sou grata a Gvido Trepsa, da sociedade Agni Yoga, que me ajudou com pesquisas essenciais. Meus sinceros agradecimentos a Gail Jolley, da The School for Esoteric Studies (Escola de Estudos Esotéricos), por me fornecer uma significativa provisão de material inédito. E para Christine Morgan e Steve Nation da Fundação Lucis, que examinaram seus pequenos arquivos para fornecer fotos e me equipar de recursos úteis. Finalmente, um agradecimento caloroso para Mindy Burge e Veronica Schwarz, por lançarem seus olhares críticos sobre o manuscrito para fazê-lo brilhar.

Nota: Rompi com as convenções e escolhi o nome completo de Alice Bailey quando me refiro à figura pública, e Alice quando apresento sua vida.

INTRODUÇÃO

Pode ser útil saber como uma trabalhadora cristã ortodoxa e fanática se tornaria uma famosa professora de ocultismo.

[e]

Uma das coisas que procuro mostrar nessa história é o fato da direção interna para assuntos mundiais, e familiarizar as pessoas com o fato paralelo da existência daqueles que são responsáveis (nos bastidores) por guiar espiritualmente a humanidade, pela tarefa de tirá-la da escuridão para a luz, do irreal para o real e da morte para a imortalidade. [1]

Se houvesse uma única palavra para resumir a figura de Alice Bailey, seria devoção. Devoção em permanecer firme e ativa, com habilidade e força, quando além da sua base de ensinamentos espirituais, as organizações de críticos e detratores estavam armadas e prontas. Não surpreende que uma mulher e uma obra fundamentalmente espirituais sejam sujeitas a todo um século de vilipêndio, escárnio, condenação e rejeição. O que Alice Bailey pretendia alcançar era uma transformação global da consciência, uma transformação da maneira que pensamos e agimos no mundo. Não é de se admirar que as pessoas iriam e irão resistir.

Alice Bailey foi uma líder ocultista no século XX, bem conhecida e bem-conceituada durante sua vida nos círculos do livre-pensamento, apesar da controvérsia a cercar mesmo assim. No momento que começou a escrever sua obra, suportou acusações de plágio e fraude, e puristas do meio teosófico consideravam-na como uma teosofista de terceira geração, uma neoteosofista, ou

pior, uma pseudoteosofista. Esses ataques precoces foram os precursores das intensas condenações que seu trabalho receberia mais tarde.

Depois de sua morte, Alice Bailey entrou gradualmente na escuridão, sendo conhecida, além de seu próprio meio, somente entre teosofistas, alguns seguidores da Nova Era, cristãos fundamentalistas excêntricos e mais recentemente, teóricos da conspiração. Na comunidade acadêmica ela foi esquecida e completamente desprezada por historiadores da religião. [2] Como resultado, fora de sua esfera de influência, seus ensinamentos são amplamente desconhecidos, incompreendidos ou distorcidos. Mas sua obra continua a influenciar de várias maneiras pesquisadores de todos os lugares. Van Morrison com Beautiful Vision (Bela Visão), celebra os ensinamentos de Bailey, em especial Glamour: A World Problem (Glamour, Um Problema Mundial). The Velvet Underground, “White Light White Heat” (Luz Branca Chapéu Branco) foi inspirada por A Treatise on White Magic (Um Tratado Sobre Magia Branca). E álbum do instrumentista de rock progressivo Todd Rundgren, Initiation (Iniciação), é uma homenagem a Treatise on Cosmic Fire (Tratado Sobre O Fogo Cósmico). A segunda parte desse álbum leva o mesmo título. Quantos artistas, escritores, poetas e outros pensadores criativos e críticos, aprenderam, tiveram inspiração e aplicaram os ensinamentos de Bailey em seus próprios campos não se sabe. Muitos preferem manter suas crenças esotéricas para si mesmos.

Em sua autobiografia, Alice Bailey se descreve como uma mulher tímida e muito reservada, que detestava publicidade. Porém era uma ótima oradora e aprimorou suas habilidades por volta dos 20 anos, liderando encontros sobre o Evangelho. Ela era natural da aristocracia britânica. Quando criança e no início da fase adulta, enfrentou uma imensa perda e muita adversidade. Por volta dos 35 anos, descobriu que a Teosofia foi para ela uma epifania, que despertou um compromisso sem igual. Ela abraçou seu novo saber como tinha abraçado sua anterior crença cristã. Escreveu todos os dias por mais de 30 anos, como escrevente do Tibetano, ou Djwhal Khul, um Mestre na Hierarquia Espiritual da Teosofia, um grupo de Mestres da Sabedoria que inspeciona a evolução da consciência da humanidade. O resultado é uma demonstração extraordinariamente detalhada e abrangente da Sabedoria Eterna.

Os ensinamentos de Bailey são considerados a segunda de três demonstrações, a primeira é da fundadora da Sociedade Teosófica, Helena Blavatsky. A versão de Alice Bailey serve para guiar aspirantes e discípulos do caminho espiritual para o século XXI. Uma terceira demonstração é prevista por volta de 2025, junto com a exteriorização ou aparecimento no plano físico da Hierarquia de alguma maneira, junto com a reaparição muito antecipada do Professor do Mundo.

Nos últimos meses de sua vida, depois de muita persuasão, Alice Bailey começou a escrever sua autobiografia. Ela nunca terminou. Pouco foi escrito sobre sua vida desde então. The Unfinished Autobiography (Autobiografia Inacabada), de Alice Bailey, continua como a fonte central de informação e conhecimento de sua vida. É uma obra inspiradora e descreve honestamente as tragédias e os triunfos de uma mulher dedicada ao serviço mundial.

Alice Bailey foi contemporânea de luminares esotéricos influentes como Rudolph Steiner, George Gurdjieff e P. D. Ouspensky que, junto com diversas figuras notáveis como Indra Devi e Carl Gustav Jung, fez contribuições significantes ao desenvolvimento da Nova Era, um termo que Alice Bailey apropriou-se e tornou-o seu. Sua contribuição ao movimento é extraordinária. Ela estava na metade de sua vida quando aceitou o desafio e embarcou em 30 anos de trabalho, pelos quais foi descrita como “a mãe da Nova Era”. [3] Seus escritos, traduzidos para vários idiomas e lidos mundialmente, permanecem sendo impressos. Entre suas organizações, fundou: A Escola Arcana, uma escola esotérica que dá treinamentos por correspondência para os discípulos do caminho espiritual; a Boa Vontade Mundial, uma organização que recebe seminários e conferências regularmente com o objetivo de espalhar a compreensão amorosa e o bem-estar para todos; a rede global de meditação Triângulos; a revista The Beacon (O Farol, em tradução livre); e sua casa de publicação, a Lucis Trust (Fundação Lucis). Todos estão ativos ainda hoje. [4]

Uma das dificuldades com a obra de Alice Bailey é sua inacessibilidade. O conhecimento puramente esotérico é difícil para o leitor não-esotérico entender e

mesmo aqueles inclinados ao esoterismo acham partes de seu trabalho desafiadoras. Outra coisa é que Alice Bailey afirma ter escrito a maior parte de sua produção em conexão telepática com o Tibetano Djwhal Khul, uma disposição difícil para o cético aceitar.

Os textos de Bailey são destinados a servir como conselho e ensinamento para aspirantes e discípulos do caminho espiritual. O cânon é longo, chegando a cerca de 11 mil páginas de texto, o suficiente para encher uma prateleira, e inclui volumes pequenos e alguns pesados, como o Tratado Sobre o Fogo Cósmico, um trabalho de puro esoterismo que é impossível de entender, ao menos que o leitor tenha apetite para isso.

Antes de viajar na vida e obra de Alice Bailey, vale a pena dar uma pausa para colocar os ensinamentos em contexto e ganhar um entendimento parcial do terreno. Os conceitos a seguir fornecem uma estrutura para visualizar o conteúdo dos capítulos seguintes.

O Senso Esotérico

O esoterismo abre a porta para uma realidade interna que encontra-se atrás do mundo que podemos ver, ouvir e sentir. Seu objetivo principal é a criação de uma unidade entre nosso interior ou realidade subjetiva, e o mundo externo, no qual nos encontramos (realidade extramental). Para alcançar isso, praticantes esotéricos cultivam dentro de si uma forma intuitiva de conhecimento denominado sentido esotérico - a habilidade de reconhecer e entender uma realidade metafísica que somente pode ser conhecida ou vista subjetivamente. Essa nova realidade substitui até certo ponto a preexistente vida interior comum, remodelando a visão de mundo do praticante. Através de treinamento esotérico, pensamentos e ações começam a ser consistentes com esse reino metafísico. Um astrólogo, por exemplo, através de seus vários anos de imersão, treinamento e aplicação, invoca em sua imaginação toda uma cosmologia de planetas e signos do zodíaco, e suas complexas interações. O astrólogo vê na cosmologia e através

dela, origina um significado disso e comunica o que ele encontra no formato de uma narração. Ele vê nas imagens simbólicas traços e pontos fracos da personalidade do outro, talentos e atributos, dificuldades e desafios. Ele pode até prever uma coisa ou duas. É por esse processo de imersão, absorção e interação que o conhecimento oculto é transmitido.

O propósito principal do treinamento que Alice Bailey oferece em sua escola espiritual, a Escola Arcana, e no grosso de sua obra, é o desenvolvimento do senso esotérico, ou "o poder para viver e funcionar subjetivamente, possuir um contato interior constante com a alma e o mundo no qual ela se encontra". [5] Cultivar o senso esotérico envolve meditação contínua e orientação espiritual, até que o indivíduo viva no assento do observador, a alma. É semelhante à prática budista de atenção, mas a um nível muito mais avançado.

Uma consciência ativa, aberta e ágil é exigida para interagir de uma maneira sintética com as realidades metafísicas. No processo de interação, o esotérico pratica a gnose. O líder estudioso do Esoterismo Ocidental, Wouter Hanegraaff, faz parte de um pequeno grupo de intelectuais que concentram seus esforços em desmistificar o esoterismo e proporcionar ao campo de estudo alguma reputação acadêmica. Hanegraaff lança mão da definição de gnose do teólogo holandês Gilles Quispel, como uma terceira orientação em direção ao propósito e a realidade. Enquanto a fé encontra a verdade na revelação como é nas Santas Escrituras, a razão pela qual pode ser racionalmente conhecida e o que pode ser descoberto através da ciência, a gnose depende de experiências pessoais internas, frequentemente expressadas em imagens, e é orientada "no sentido do conhecimento secreto da coerência oculta do universo". [6]

O gnóstico típico é um intelectual e um radical. Eruditos com orientação gnóstica incluem: o artista abstrato Wassily Kandinsky; o designer de Canberra, Walter Burley Griffin; o poeta W. B. Yeats; os filósofos Gottfried Leibniz e Francis Bacon; os compositores Erik Satie e Claude Debussy; o autor e dramaturgo Johann Goethe; o médico Robert Fludd; e o físico e matemático, Isaac Newton. Como os caminhos gnósticos individuais do saber e a abordagens

do conhecimento influenciaram as suas ideias e criatividade, daria uma discussão interessante.

A intenção de Alice Bailey não era apenas estimular o senso esotérico - um contato íntimo com a alma - naqueles com uma disposição gnóstica, mas também transformar em ativistas esotéricos os entusiastas reprimidos, para desviar seus alunos do fascínio do esoterismo como uma forma de conhecimento em si, e na direção de uma prática esotérica, ao formar grupos orientados ao aprimoramento da humanidade.

Esoterismo Ocidental

A tônica do esoterismo é a inacessibilidade. O esoterismo sai de seu caminho não para ser compreendido. O conhecimento é mantido em segredo, disponível apenas para os poucos preparados a se submeterem a um treinamento especializado. [7] O Esoterismo Ocidental se refere àquelas variantes emergentes no Oeste, incluindo astrologia, gnosticismo, cabala, alquimia, rosa-cruz, iluminismo e maçonaria. Cada variante carrega seu estilo único, mas compartilha visões similares da existência do invisível ou de realidades metafísicas habitadas por energias, forças e entidades espirituais. Todas as variações envolvem: a prática da correspondência baseada na crença de que tudo no universo está interconectado; a crença na existência da alma e de sua jornada evolutiva de volta à fonte; o comprometimento com a transformação pessoal; a transmissão de uma sabedoria eterna e o uso da imaginação, como ponto de entrada para o esoterismo.

O esoterismo habita à margem da cultura convencional e da sociedade, e isso é espelhado no tipo de personalidade atraída para a prática esotérica. Ainda que marginalidade não denote impotência. O esoterismo está longe de ser ineficaz. É um marionetista poderoso, com uma grande probabilidade de influenciar tipos específicos de indivíduos, intelectualmente talentosos, situados no centro da sociedade e da cultura. Um bom exemplo de tal influência pode ser encontrada

no livro Hitler’s Priestess [A Sacerdotisa de Hitler, em tradução livre], de Nicholas Goodrick-Clarke, que explora a influência do pensamento ocultista em Adolph Hitler. Mais exemplos encorajadores podem ser encontrados na arte, literatura, música, ciência e psicologia, como observado acima. Dentro do círculo de influência de Bailey estão: a precursora da Nova Era, Vera Stanley Alder; o secretário-geral assistente das Nações Unidas por 40 anos, Robert Muller; e o distinto psiquiatra, Roberto Assagioli.

A Teosofia e a Sociedade Teosófica

Os escritos de Alice Bailey pertencem à variante do esoterismo ocidental conhecido como teosofia. A noção de “teosofia” é anterior ao século XV, termo sendo usado pela primeira vez pelo neoplatônico Porfírio (234-305 AD) para descrever uma combinação de capacidades do filósofo, do artista e do sacerdote. O termo foi mais tarde adotado no final do século XVI e no século XVII pelo místico e teólogo Jacob Boehme, que criou uma teosofia com bases judaico-cristãs, inspirado na produção literária de Paracelso (1493-1541 DC). [8]

A teosofia emergiu novamente no mundo que fala inglês ao final do século XIX, especialmente entre os livres-pensadores. O período testemunhou um crescente desencantamento com a doutrina cristã, com suas estruturas institucionalizadas e interpretações fundamentalistas. Havia uma necessidade concomitante de responder à nova onda de descobertas científicas, particularmente à teoria evolucionária de Darwin, que não apenas enfraqueceu a história da criação cristã, mas também ameaçou a fundação de qualquer fé em uma realidade não material. Isso levou a muitos pesquisadores a buscarem interesses esotéricos como uma nova espiritualidade. Ou, nas palavras do autor e estudioso Peter Washington: “a espiritualidade em si não estava em questão, sequer uma fonte segura de autoridade espiritual [...] a busca por uma única chave que resolveria os mistérios do universo”. [9]

A ciência ocidental se confina ao entendimento do universo físico. A ciência

oriental tem um escopo maior, colocando religião, história, filosofia e psicologia ao seu alcance. Descobrir as leis da natureza é uma coisa. Aprender como viver harmoniosamente com essas leis, é outra. A base em noções místicas orientais de carma e reencarnação permitiu que os teosofistas propusessem sua própria teoria evolucionária, em contraste tanto com o Gênesis da Bíblia cristã quanto com a teoria científica darwiniana. Os teosofistas afirmam que o seu sistema de crença transcendeu a divisão entre a ciência e a religião através do seu retorno a uma Sabedoria Eterna. Os mistérios do universo foram explicados na teosofia através de uma elaborada cosmologia, que tinha o potencial de se tornar uma autoridade espiritual vista por indivíduos distanciados do cristianismo.

A Sociedade Teosófica foi fundada em Nova Iorque em 1875, pela aristocrata russa e ocultista, madame Helena Petrovna Blavatsky (1831-91), junto com o advogado e jornalista, Coronel Henry Steel Olcott (1832-1907) e com o místico anglo-irlandês, William Quan Judge (1851-96). O trio compartilhava um interesse anterior no espiritualismo, com sua crença na vida após a morte e na habilidade, através da função de um médium, de contatar e receber mensagens do mundo espiritual.

Blavatsky devotou sua vida na busca do conhecimento esotérico. Finalmente, ela respondeu ao que sentiu ser o chamado dos Mestres da Sabedoria – muitos dos quais estavam localizados na região fronteiriça da Índia e Tibet, próximo à Darjeeling – para servir como transmissora da Sabedoria Eterna para um mundo que precisa muito dela. O resultado foi Isis Unveiled (Ísis sem Véu), seguido cerca de uma década depois por sua obra mais conhecida, The Secret Doctrine (A Doutrina Secreta).

Blavatsky e Olcott viajaram extensivamente pela Índia nos primórdios da sociedade, e a visão deles foi bem recebida entre as comunidades britânicas e indianas. Foi enquanto estavam na Índia que alegações de fraude foram instigadas – com o apoio incondicional de alguns missionários cristãos – por Emma e Alexis Coulomb, depois de terem sido dispensados do centro em Adyar, Mumbai, no que é conhecido como o Caso Coulomb. [10] Essas alegações diziam

respeito à afirmação de Blavatsky de que seus escritos foram transmitidos a ela por um Mestre na Hierarquia Espiritual. Daquele momento em diante a Sociedade Teosófica foi assunto de crítica, tanto interna, confirmado por disputas de poder, acusações de fraude e mentira, quanto externa, sua dependência de ideias místicas orientais, que causou um incômodo nos seguidores das correntes esotéricas daquela época mais centrados no ocidente. [11]

A controvérsia continuou na segunda geração da Sociedade Teosófica envolvendo escândalos, dissidências e crises de autoridade sobre as alegações feitas por líderes conhecidos, de que operavam sob a orientação direta de mestres espirituais. [12] Alice Bailey não escapou da confusão.

A existência dos Mestres da Sabedoria provou-se polêmica. O leitor poderia considerar que a Hierarquia Espiritual é uma "'sociedade de mentes organizadas e iluminadas' – iluminadas pelo amor e pela compreensão, por profunda compaixão e inclusão, iluminada pelo conhecimento..." [13]

Também é válido notar que a ênfase dos Mestres é sempre na humanidade como um todo e no serviço mundial e eles nunca se preocupam com professores individuais e seus grupos. Sempre e acima de tudo, não é a conexão reivindicada por um único indivíduo com esse Mestre ou aquele, mas sim como eles mesmos são Servidores do Mundo, orientados para a melhoria humana e planetária e não para qualquer forma de engrandecimento, não importa o quão sutil isso possa ser.

Esta biografia começa com as tragédias da infância de Alice Bailey como uma órfã aristocrática que se afastava das mansões de suas tias e termina com o legado de uma professora do mundo e sua obra que inauguraria, não tanto uma nova era, mas a Nova Era movimento. É a história da jornada de fé de uma mulher de origem cristã-ortodoxa por uma prolongada crise espiritual, a uma recém-descoberta crença na teosofia. É a história de uma mística e uma pesquisadora, e a vida que levou como fundadora de várias organizações globais que continuam até hoje a seguir o seu trabalho. Também é a história da luta de

uma mulher para superar a adversidade, afastar seus adversários e encontrar a realização em seu serviço para a humanidade.

Por toda a narrativa está a marcante história da sua produção. A cosmologia de Alice Bailey em A Treatise on Cosmic Fire (Tratado Sobre O Fogo Cósmico) pode ser considerada uma teoria esotérica de tudo, repleta de planos de existência, raios cósmicos, esferas radiantes e fogos solares. Muitos volumes contêm instruções para aspirantes e discípulos do caminho espiritual com retratos perspicazes de eventos introdutórios pelo caminho. Por fim, a pesquisadora enfrenta o Morador do Limiar, a soma de tudo que se interpõe no caminho do avanço espiritual e Alice Bailey fornece os meios necessários para dissipá-lo.

Depois de sua morte, seu marido Foster Bailey assumiu totalmente o controle organizacional. As tensões cresceram por outros sentirem-se no direito de certas responsabilidades. Uma colaboradora se separou para formar um grupo dissidente, levando um pequeno grupo com ela. Alguns anos depois, outra separação ocorreu bem no coração da sede em Nova Iorque. Essas divisões passaram a marcar a comunidade Alice Bailey, criando desunião onde deveria haver união.

Figuras importantes promoveram os ensinamentos de Bailey. O psiquiatra italiano pioneiro e fundador da psicossíntese, Roberto Assagioli foi fundamental na formação da Psicologia Transpessoal e liderou seu próprio grupo global de meditação dentro das linhas da Sabedoria Eterna. A estudante devota Vera Stanley Alder escreveu vários livros que deixaram os ensinamentos mais acessíveis, livros que inspiraram futuros praticantes da cura esotérica da Nova Era. Com a ajuda de tais estudantes, Alice Bailey deixou um legado memorável como a mãe do movimento Nova Era. Do cruzado entusiasta Benjamin Crème ao desbravador David Spangler, a obra de Alice Bailey influenciou vários pensadores e suas organizações. Visões alternativas e talvez utópicas de um despertar espiritual global continuam a serem avançadas por seus seguidores, na esperança de criar uma mudança de paradigma. Os ensinamentos embasam a

visão, a aspiração e a esperança por um mundo melhor.

Os ensinamentos inspiraram buscas na psicologia esotérica ou psicologia dos Sete Raios, e a astrologia esotérica intimamente relacionada na medida que os alunos se esforçam para compreender e desenvolver as ideias e colocá-las em prática. Indivíduos, grupos pequenos e grandes espalhados pelo mundo, continuam a estudar, seguir, praticar e aplicar a Sabedoria Eterna. É através de todos esses grupos que a Sabedoria Eterna se mantém viva e vai inspirar muitas gerações seguintes.

Algumas notas da Autobiografia Inacabada

Autobiografia Inacabada, de Alice Bailey, tem sido a fonte primária para os interessados em saber algo da vida dessa figura oculta. Os primeiros capítulos do trabalho atual baseiam-se fortemente e embelezam substancialmente as próprias palavras de Bailey, sempre que possível. A falta de fontes complementares em forma de cartas ou outros materiais corroborantes é problemática. Todas as autobiografias são propensas à parcialidade, incluindo omissões, ênfases e modificações da verdade e deveriam ser consideradas mais como expressões de sentimento e lembrança na forma de esboço literário, do que como demonstrações de fatos históricos.

Nos meses finais de sua vida, Alice Bailey teve uma premissa particular em mente quando começou a escrever uma agenda em 1949, coisas que ela queria dizer e outras que escolheu omitir. Pouco é dito sobre a família de sua mãe. Talvez houvesse pouco a contar pois Alice Bailey não conhecia sua herança materna. A dor que sentiu pela rejeição de sua única irmã é evidente pela falta de menção do nome dela, Lydia, como se Alice Bailey tivesse escolhido sutilmente negar sua existência completamente entre as capas. Alice Bailey escolheu ser elusiva quando se tratava do seu relacionamento com Foster, não se dando ao trabalho de reprimir rumores de que ela provavelmente tinha ouvido dizer, de que seu casamento não foi consumado. Também não há nenhum detalhe sobre a

família de Foster. Alguns amigos são mencionados, muitos outros não. Ela fica de boca fechada quando se trata de sua separação da Sociedade Teosófica e da inquietante situação com Olga Fröbe. Ela não menciona Helena Roerich ou Rudolph Steiner, os quais tinha em consideração especial.

Alice Bailey é naturalmente interessada em mostrar-se bem e ela o faz com humildade e esperteza, fornecendo dezenas de esboços divertidos. Ainda que fosse defensiva também quando se tratava de afirmar a integridade de suas filhas e de seu relacionamento com o Tibetano. O que predomina por trás das palavras é uma intenção entusiasmada de se retratar com dignidade, como uma autêntica discípula do mundo e de se distinguir dos excêntricos e médiuns que operam no nível psíquico inferior e que abundaram em sua vida.

Nota final – é meu sincero desejo que este livro estimule, tanto quanto informe e divirta e que, ao final dele, os leitores escolham fazer muito mais do que se espantarem com os mistérios do universo e considerem agir para promover a melhoria humana e planetária. Parafraseando Alice Bailey, permanecer mentalmente quieto diante da vida é um desastre.

1

SURGE UMA EVANGELISTA

A criança que se tornaria a controversa ocultista Alice A. Bailey começou sua vida como Alice Ann La Trobe-Bateman em Manchester, Inglaterra, em 16 junho de 1880. Ela nasceu sob o signo zodiacal de Gêmeos, o signo dos gêmeos, um mortal e o outro divino. É o lar zodiacal do planeta Mercúrio que, em seu papel psicopompo, é o condutor das almas entre esse mundo e o próximo. Para alguns, Gêmeos é o símbolo da dualidade da sombra e do eu. O governante esotérico, Vênus, o aspecto mais alto da mente, une esses pares de opostos e oferece um relacionamento com a irmandade divina. Tudo isso provê, em termos astrológicos, um eco simbólico de um tipo de consciência dupla, que seria a marca de uma vida extraordinária.

Alice nasceu no final do período vitoriano na Grã-Bretanha, em uma época em que a pequena nobreza rural passava por um período de ajuste considerável às novas condições econômicas emergentes da Grã-Bretanha pós-Revolução Industrial. A queda no faturamento das fazendas nos grandes estados do país, parcialmente por causa da importação barata de grãos dos Estados Unidos da América, fez com que muitos vendessem partes de suas terras. Outros começaram a se interessar nos assuntos de negócios e comércio. Era uma época de investimento abundante em obras públicas e engenharia civil, mais significativamente para a família de engenheiros pioneiros La Trobe-Bateman, com a construção de pontes e fornecimento de água.

Em sua autobiografia, Alice Bailey fala bastante do lado paterno de sua família, com uma pitada liberal ao mencionar nomes e lugares. Ela cresceu dentro da aristocracia britânica e confessa ter sido uma esnobe incondicional. Quando criança, e novamente mais tarde na vida, ela movimentou-se por círculos

privilegiados. Sua posição social influenciou muito a maneira como formou suas organizações, as pessoas com as quais se associou e o legado que deixou à humanidade. Sua ascendência culta moldou a maneira que via o mundo, as atitudes e crenças que ela amava e, acima de tudo, sua moralidade eduardiana. Mesmo essa linhagem ilustre representa apenas a metade da herança de Alice Bailey e a outra, a linha de sua mãe, conta uma história diferente.

Em sua autobiografia, Alice Bailey soletra incorretamente o nome de solteira de sua mãe. Do lado de sua mãe, Alice refere-se a si mesma como uma Holinshed. Ela declara que os membros de sua família eram descendentes de Raphael Holinshed, o cronista que inspirou Shakespeare. Não faz nenhuma outra menção de sua herança materna além de declarar:

Até onde sei, nenhum de meus ancestrais [maternos] fizeram nada interessante em particular. Eles eram respeitáveis, mas aparentemente desinteressantes. Como minha irmã uma vez disse: “eles ficaram na mesma vidinha de sempre.” Era uma linhagem de cultura boa e limpa, mas nenhuma das pessoas atingiu qualquer notoriedade famosa ou infame. [1]

A impressão que Alice Bailey dá é de uma nobreza pequena e preguiçosa, que vive da fartura da terra.

A mãe de Alice La Trobe-Bateman foi Alice Harriet Holinshead (6 de agosto de 1856 - 3 de outubro de 1886), filha de William Holinshead e Jane Holinshead (Wrathmell), em Birkby, Huddersfield. [2] A família aparece, menos Alice Harriet, no censo de 1861 em Brushfield, um povoado de três fazendas no distrito Peak, que agora é Derbyshire. [3] A região é conhecida por sua beleza bucólica – montes verdes ondulados, rios correntes e vilas exóticas – e por seus moinhos de água que processaram primeiro milho, e depois, durante a Revolução Industrial, algodão. Algumas fábricas, incluindo a Bamford, mantinham suas próprias fábricas de gás e William Hollinshead naquela época trabalhava com fundição de ferro e invenções. Teria sido por causa do emprego de William que a família

vivia em Brushfield.

William tinha ascendência de classe média, o terceiro mais novo de oito filhos. Seus pais, avós de Alice, eram Joseph Hollinshead e Elizabeth Hollinshead (Swetmore), que vieram da região das olarias de Staffordshire e lá casaram-se, região conhecida desde 1910 como Stoke-on-Trent. Joseph era vendedor de tecidos de linho ou comerciante de têxteis. Entre os irmãos de William, havia um professor, uma governanta, um fabricante de boinas e um encarregado ferroviário. O próprio William começou como contador antes de assumir a engenharia de gás. [4]

Alice Harriet era a segunda mais velha de dez filhos. Depois de uma infância situada em Brushfield, a família mudou-se para a cidade mercantil de St. Neots em Cambridgeshire (então Huntingdonshire) em algum momento entre 1860 e 1863, onde quatro irmãos de Alice Harriet nasceram. St. Neots era então uma cidade industrial próspera que possuía cervejarias, a fábrica de papel Paxton e uma fábrica de gás. William continuou trabalhando ali como engenheiro de gás/inventor. George Bower era industrial e desenvolvedor de aparelhos a gás e havia acabado de estabelecer a Vulcan Iron Works na cidade, uma fundição que produzia equipamentos e aparelhos a gás, além de maquinário para fazendas. William foi contratado para inventar “melhorias nos aparatos da produção e transmissão de gás e outros fluídos”, sendo que duas de suas invenções receberam patentes com George Bower, uma em 1863 e a outra em 1868. [5]

A mudança para St. Neots não se mostrou um sucesso completo. Bower não era conhecido por práticas inteligentes nos negócios e declarou falência em 1887. Sua imprudência talvez tenha passado para William, que foi à falência em Londres 12 anos antes, em 21 de junho de 1865, presumidamente depois de angariar investimentos para uma patente malsucedida. [6] O que quer que tenha acontecido, William continuou trabalhando para Bower. A família permaneceu em St. Neots, mas um pouco antes de 1871 eles também fixaram residência em Hill Street, Peckham, onde a irmã mais nova de Alice Harriet, Louise, nasceu. [7]

Alice Harriet aproveitava o relacionamento que tinha com seus tios e tias. Com 14 anos de idade em 1871, visitou os irmãos de seu pai – Ann, Hannah e Joseph – para passar a Páscoa na casa da família na George Street, Huddersfield. Ann tinha na época 52 anos e trabalhava como governanta. Ela havia assumido o papel de chefe da família quando os avós de Alice Harriet faleceram. [8] Alice Harriet pode ter também aproveitado um relacionamento próximo a seu pai. Cinco anos depois, com apenas 19 anos, ela estava à beira da cama dele quando faleceu em St. Neots. [9] William morreu de tuberculose, aos 46 anos.

Por volta dessa época, a sorte de Alice Harriet passou por uma mudança radical. No espaço de dois anos, casou-se com Frederic Foster La Trobe-Bateman (1853-1889) na igreja de Santa Margarida, Westminster, o que somente pode ser descrito como um salto significativo na posição social de sua origem de classe média, para o seio da alta burguesia britânica. [10]

Não foi um casamento comum. Fundada por monges beneditinos no século XII, reconstruída e depois restaurada e renovada no século XVII quando foi revestida com pedra Portland, a igreja de Santa Margarida fica no terreno da Abadia de Westminster e serve como a igreja do distrito do palácio de Westminster. Casamentos importantes, inclusive os de Winston Churchill, Lorde Louis Mountbatten e membros da extensa família real britânica. Era o tipo de igreja conveniente para Frederic Foster, mas não para Alice Harriet.

É provável que o casal tenha se conhecido através de conexões nos negócios. George Bower, um homem ambicioso, tinha interesse em Buenos Aires nos anos antecedentes a 1876, quando foi contratado para iluminar a cidade com gás, um contrato que o levou à falência. [11] Trabalhando nos negócios de seu pai e provando seu valor como engenheiro, Frederic estava naquela época instalando drenagem e fornecimento de água na mesma cidade. Talvez Frederic e William se conheceram em Buenos Aires e William, ansioso para encontrar um par para sua filha mais velha, forçou uma apresentação.

Frederic pode não ter ganho a aprovação imediata de seus pais para casar-se com uma jovem da classe média, ainda que filha de um inventor e engenheiro modestamente bem-sucedido. Sem dúvidas isso veio como uma pequena decepção aos seus pais, quando descobriram que o seu segundo filho havia escolhido Alice Harriet como esposa. Talvez quando seu pai reconheceu que o seu próprio pai, o fabricante John Bateman foi também um inventor malsucedido e, portanto, sem destaque em particular, sua simpatia por William Hollinshead e por extensão, à sua filha Alice Harriet, o animou, e ele deu permissão. Muito provavelmente Frederic Foster, um homem ardoroso e apaixonado, esgotou seu pai.

O pai de Frederic, John Frederic La Trobe-Bateman (1810-1889) era o primeiro filho de John Frederic Bateman (1772-1861) e Mary Agnes La Trobe (1773-1848). A união dos Batemans com os La Trobes pode ser descrita apenas como fortuita para o marido, sendo Mary de uma família de alto desempenho.

Os La Trobes eram de origem huguenote e haviam se mudado para a Irlanda alguns séculos antes de Henri Bonneval La Trobe deixar a França, em 1688, para servir o exército de Guilherme de Orange, chegando em Dublin depois de ser ferido em batalha. [12] O pai de Mary, reverendo Benjamin Bonneval La Trobe, era ministro líder na Morávia e os irmãos dela incluíam o talentoso compositor, músico e líder na Morávia, Christian Ignatius La Trobe, que foi pai de Charles La Trobe, o primeiro governador de Victoria, Austrália. Outro irmão foi Benjamin Henry La Trobe, o renomado arquiteto que fez seu nome depois de migrar para os Estados Unidos.

A tendência continuou na geração seguinte. O irmão mais novo de John Frederic e tio-avô de Alice era Edward La Trobe-Bateman, o renomado aquarelista e ilustrador de livros. [13] John Frederic promoveu as conquistas de sua família ganhando destaque em sua profissão escolhida de engenharia hídrica, construindo reservatórios, fazendo obras hídricas e planejando sistemas de abastecimento de água para várias cidades britânicas e outras ao redor do mundo. Na Grã-Bretanha, ele foi presidente do prestigioso Instituto de

Engenheiros Civis entre 1878 e 1879, e tinha uma estreita aproximação com o governo da época. [14]

Seguindo os passos de seu pai, John Frederic casou-se para se beneficiar, sendo sua esposa Anne Fairbairn (1817-1894) a filha única do ilustre engenheiro e cientista escocês, Sir William Fairbairn. [15] Fairbairn foi pioneiro na construção de pontes, navios e locomotivas ferroviárias. Em 1844 ele inventou a caldeira Lancashire. Ainda por volta dos seus 20 anos, o ambicioso John Frederic trabalhou com Fairbairn na construção de reservatórios na Irlanda, uma associação que levou o jovem ao sucesso. Ambos eram bem-conceituados na comunidade da ciência e da engenharia e foram eleitos sem votação para o Clube Ateneu, um clube privado para aqueles que tinham conquistado distinção em seu campo de atuação. [16]

À luz de tantos feitos, os pais de Frederic Foster devem ter tido altas aspirações para seu filho. Suas irmãs mais velhas casaram-se vantajosamente e parecia que Frederic tinha sido uma exceção à regra. Seria Frederic, o segundo irmão mais novo, um jovem impulsivo e obcecado? Cabeça quente, talvez? Teimoso? Ou simplesmente extremamente apaixonado? Em sua autobiografia, Alice Bailey dá a dica de que talvez ele tenha sido tudo isso.

Quando jovem, Frederic não desfrutou de boa saúde e foi retirado da faculdade Westminster para ser ensinado em casa. A saúde dele não o impediu de buscar alcançar alguma importância no campo da engenharia. Depois de trabalhar nos negócios de seu pai, com os projetos de engenharia hídrica em Manchester e em Buenos Aires, ele se tornou sócio em 1880 e supervisionou a construção de grandes adições ao sistema de distribuição de água de Manchester. Sua esposa Alice Harriet casou-se em circunstâncias familiares, tratando-se da profissão de seu marido, se não sua riqueza e posição social, deu à luz a uma menina em um ano.

Alice Ann La Trobe-Bateman nasceu em casa na Holly House, Hollins Lane,

Greenfield, Saddleworth, na cercania rural de Manchester. [17] Greenfield é uma área rica situada no extremo sul dos Peninos do Sul, logo abaixo da várzea de Saddleworth. As antigas casas de pedra das fazendas espalhadas por lá datam de 1600, muitas delas listadas como grau II. Holly House é uma bela mansão em uma charmosa estrutura rural em Hollins Lane, dispondo de vistas abrangentes do amplo vale logo abaixo. Uma localização bucólica, segura, tradicional, sadia e acolhedora.

Naqueles primeiros meses de sua vida, Alice se beneficiou do contato com pelo menos uma de suas tias maternas. Aos nove meses, a bebê Alice foi deixada em casa com a irmã de sua mãe, Sarah Hollinshead, que tinha 17 anos, junto com uma babá e vários empregados, enquanto seus pais visitavam os pais de Frederic na casa da família em Londres, na Great George Street, Westminster. [18] Em suas memórias, Memories of Grave and Gay (Memórias Sérias e Alegres), o irmão mais velho de Frederic, William Fairbairn La Trobe-Bateman, fala calorosamente da casa na esquina da Great George Street, com seu grande jardim em frente e uma varanda com vista para a Ponte de Westminster e as Casas do Parlamento. [19]

A família La Trobe-Bateman gozou de considerável vantagem social. Quando Alice nasceu, seu avô John Frederic chegou ao auge em seu campo de atuação e alcançou os altos escalões da sociedade britânica. Só se pode imaginar o que Alice Harriet fez de seu recém-descoberto privilégio, pena ter sido breve. Frederic levou sua pequena família para um passeio em Montreal no outono de 1881, onde ele esboçou planos para a extensão da ponte Victoria sobre o rio São Lourenço. [20] Seu relatório, datado de 18 de janeiro de 1882, foi apresentado às autoridades locais, mas nada saiu de seu projeto. A ponte Jacques Cartier fica em seu lugar. Não fica claro se Frederic persistiu com seus planos para a extensão da ponte Victoria durante sua estadia em Montreal, mas presume-se que sim pois a família permaneceu na cidade e a irmã de Alice, Lydia, nasceu lá, também por volta de 1882. [21]

Foi uma época interessante para se estar em Montreal. Mark Twain fez uma

visita no mesmo ano e um banquete especial foi oferecido em sua homenagem. Graças à ponte Victoria, a cidade estava se tornando rapidamente o centro industrial e ferroviário do Canadá com a década de 1880 testemunhando uma fase de rápida expansão. Cerca de metade da população na época era francesa. Para celebrar sua economia próspera, a cidade teve seu primeiro carnaval de inverno em 1883. Alice devia ter cerca de três anos e meio. Talvez ela tenha ido. Alice Bailey tem poucas recordações desse período de sua vida, a não ser de se meter em sérios apuros por se trancar com Lydia em um baú cheio de brinquedos e quase sufocar as duas. [22]

Assim como outros de sua posição, os La Trobe-Batemans se beneficiaram com o crescimento das redes ferroviárias e de navios a vapor da época, e as viagens se tornaram a tônica da infância de Alice, incutindo nela um amor e apreciação por isso por toda a vida. Contudo, apesar das aventuras de uma nova terra refletirem naqueles primeiros anos da infância, Alice Bailey lembra-se somente de um sentimento piegas crescente dentro dela que “as coisas eram fúteis”, e a vida quase não valia a pena ser vivida. Mesmo naquela idade precoce, ela não gostava de “sentir” a vida. “Eu não valorizava o que o mundo parecia ser ou ter para oferecer.” [23] Ela atribui seus estados de tristeza esporádicos como uma evidência de uma disposição mística, uma visão certamente nascida de suas experiências posteriores.

A infelicidade de seus anos de formação no Canadá piorou drasticamente quando seu pai os levou de volta para a Grã-Bretanha. Foi após o retorno da família que a garotinha Alice, aos cinco anos de idade, descobriu o motivo de terem deixado Montreal: sua mãe havia ficado gravemente doente com tuberculose. A família primeiro foi para a Suíça, na renomada casa de saúde de Davos, onde se acreditava que a altitude elevada poderia influenciar na cura. Um tempo de confusão e inquietação para uma garotinha com idade suficiente para entender que sua mãe estava doente, mas ainda muito jovem para interpretar isso. Eles permaneceram em Davos por vários meses, mas o tratamento mostrou-se não ter benefícios e então voltaram para a Inglaterra. A mãe dela faleceu pouco tempo depois. Ela tinha 30 anos. Foi enterrada em Torquay, Devon, onde a tia paterna de Alice, Mary Dorothy La Trobe-Bateman vivia com seu marido, o almirante Sir Brian Barttelot e seus quatro filhos. [24]

Devido à morte precoce de sua mãe, é improvável que Alice Bailey soubesse muito sobre seu legado materno. Ela nunca menciona suas tias e tios maternos e é provável que não tenha nunca mais visto nenhum deles. Tudo que ela lembra de sua mãe em sua autobiografia é de seus cabelos dourados. [25]

Perder a mãe tão cedo é traumático e sabe-se que tem consequências prolongadas. Como a jovem Alice lidou com sua perda, não é claro. Não há indicação em sua autobiografia de que ela fosse especialmente próxima de sua mãe. É como se ela a tivesse excluído completamente de sua vida, não por não ter afeto por ela, ao contrário, na época que escrevia, quando toda sua própria vida quase havia passado, a perda talvez tenha sido muito distante e possivelmente também, um pouco comovente. Tem muita coisa contida naquela memória sentimental dos cabelos dourados de sua mãe. Também pode ser que ela não sabia nada sobre sua mãe ou sobre a família dela, porque os La Trobe-Batemans nunca contaram o pouco ou o muito que sabiam. Os humildes Hollinsheads foram descartados, apesar de que Alice certamente foi levada a crer que eram de boa origem social. [26]

Depois da morte de sua esposa, Frederic levou suas filhas para morarem com os pais dele em Moor Park, sua residência de campo em Farnham, Surrey. Seria uma vida bem diferente daquela que Alice teria levado se tivesse sido deixada com as irmãs de sua mãe.

Construído no século XIV como Compton Hall, Moor Park foi redesenhado nos anos 1680 pelo diplomata e ensaísta Sir William Temple, e mudou o nome em homenagem a sua outra mansão Moor Park em Hertfordshire. Temple dispôs magníficos jardins formais na propriedade de cinco acres. John Frederic comprou a propriedade em 1859 e imediatamente estabeleceu um spa hidroterápico, operado pelo médico e fisioterapeuta aquático, Dr. Edward Lane. Entre aqueles que frequentavam o spa regularmente estava Charles Darwin, que fez seu aniversário de 50 anos no Moor Park, e concluiu seu trabalho “A Origem das Espécies” durante esse período. O influente texto foi publicado em 24 de

novembro de 1859. [27]

O ambiente luxuoso não passou desapercebido por Alice. “Lembro-me vividamente... a beleza do interior, as ruas floridas e vários bosques pelos quais minha irmã e eu andávamos em nossa pequena carruagem.’ [28]

A vida para a Alice nesse período estava longe de ser tranquila. Apesar do luxo óbvio, a rotina diária no Moor Park para as garotinhas La Trobe-Bateman era penosa, e Alice Bailey se lembra de cada detalhe. As garotas foram forçadas a aderir a rotinas diárias rigorosas, sob o controle rigoroso da governanta, da babá e da empregada. Disciplina e obediência eram a ordem do dia, como era típico da época e origem social, apesar de talvez um tanto quanto mais austero na família de Moor Park. “Posso ver a tabela pendurada na parede de nossa sala de aula, indicando a próxima obrigação. Me lembro bem de passar por ela e me perguntar: ‘O que mais agora?’” [29]

Não é de se admirar: Levantavam-se às seis, uma hora de escalas e um café da manhã na sala de aula às oito, seguido pelas orações em família, lições até ao meio-dia, uma caminhada, seguida pelo almoço na sala de jantar, e então passavam uma hora deitadas numa prancha inclinada enquanto a governanta delas lia em voz alta, outra caminhada, e lições até às cinco. As garotas eram então vestidas com seda, faixas e levadas para a sala de estar, onde os convidados do dia tomavam chá. Lá, as meninas faziam reverências e levantavam enquanto os outros observavam e as escolhiam, até que eram levadas para um jantar na sala de aula, seguido de mais aulas até as oito, depois iam para a cama. [30]

Esta ordenação era reproduzida no culto diário da família. Todas as manhãs, a família toda, incluindo os empregados, se reunia em torno do avô de Alice, que da ponta da mesa da sala de jantar, liderava as orações. Dessa maneira, os La Trobe-Batemans levavam adiante uma fé austera e comprometida com o dever. A denominação dessa fé não é clara. A aristocracia da Grã-Bretanha vitoriana

respeitava a High Church (Alta Igreja) da Inglaterra e não há indicação de que os La Trobe-Bateman agissem diferente. Embora como neto do reverendo Benjamin La Trobe, John Frederic foi criado em um assentamento da Morávia e frequentou escolas de lá, e esta educação não convencional certamente deve ter influenciado suas crenças e práticas religiosas.

Fundada na Morávia, Europa central, no começo do século XV pelo padre católico dissidente Jan Hus, a denominação é considerada como a mais antiga de todas as crenças protestantes. A fé centraliza-se em torno de uma profunda crença em Jesus Cristo e coloca uma forte ênfase em valores como amor e respeito pelos outros, ao invés do comprometimento com a doutrina religiosa. Os morávios são conhecidos pela vida em comunidade e pelo trabalho missionário. Na biografia do primo de John Frederick, o estudioso John Barnes identifica as influências da fé nas escolhas e decisões que Charles La Trobe fez como primeiro governador de Victoria. [31] Teria o sermão doméstico de John Frederic nascido de sua educação moraviana? Certamente essa fé acerta uma nota distante no próprio sistema de crença de Alice Bailey, particularmente no compromisso dela ao valor do amor e das boas obras acima da doutrina. [32]

No Moor Park, Alice e Lydia foram ensinadas a importarem-se com os pobres e os doentes. Várias vezes na semana, elas “tinham que ir para a sala das empregadas domésticas, para fazer gelatina e sopa para alguns doentes da propriedade, fazer roupas para o novo bebê de uma das cabanas e fazer livros para alguém que estava confinado em casa poder ler. [33] Tais atos são mantidos na fé da Morávia, junto com seu forte senso de dever e comunidade. Foi o resultado de tais atos que a jovem Alice incutiu, com um senso de responsabilidade e dever para com os outros típico do paternalismo de sua classe social, ainda talvez mais intensamente expresso em Moor Park. Essa dedicação para servir os outros, inculcada na criança impressionável que ela era, seguiu em se tornar a tônica da obra de Alice Bailey, não apenas moldando sua noção de boa vontade, mas tornando-se a força motivacional primária para a melhoria humana e planetária, para ser instilada nas mentes e corações de cada discípulo espiritual na forma de serviço mundial.

Uma sombra de enfermidade pairava sobre Moor Park, quando ficou evidente que o próprio Frederic havia sucumbido à mesma doença de sua esposa. Nessa atmosfera de perda e doença, Alice iria enfrentar alguns anos bem difíceis. Em sua autobiografia, ela afirma que seu pai nunca havia gostado dela e parecia culpar sua existência pela morte da esposa. [34] Foi algo chocante para uma garotinha ouvir e alguns podem se perguntar sobre o caráter de um homem com tal atitude cruel. Talvez o pesar e a doença tivessem afetado a conduta dele. Qualquer que fosse a razão, a angustiada Alice deve ter sentido que a perda de sua mãe foi intensificada, selada em sua memória por esta condenação brutal. Foi o anúncio de outra rejeição punitiva que Alice Bailey sofreria de sua irmã mais tarde.

Por ser muito jovem e impressionável, Alice deve ter internalizado a atitude de seu pai e se culpava pessoalmente pela morte da mãe, uma culpa infundada e que talvez fosse a raiz de um forte senso que levou consigo por toda a vida, que teria desapontado alguém e precisava redimir-se. Foi uma culpa que culminou em medo, às vezes paralisante, do fracasso.

Durante sua infância, Alice sofreu de depressão profunda. Em suas autorreflexões naquela época, Alice Bailey é dura consigo mesma, atribuindo sua "infelicidade bastante incipiente" à sua posição entre os La Trobe-Batemans. “Eu era a mais simples de uma família de extrema boa aparência, e eu não sou simples. Sempre fui considerada imbecil quando na sala de aula e a menos inteligente de uma família inteligente.” [35] Tais comentários referem-se à autopiedade sentimental que tinha agarrado Alice, produto de uma solidão intensa e profunda falta de ligação.

Sozinha e muito mal, Alice viu seu pai decair. Em 1888 sua condição se deteriorou e ficou decidido que o clima inglês estava prejudicando sua saúde. Em uma tentativa desesperada para melhorar os sintomas dele, a família organizou para que ele e as meninas se mudassem para Pau, nos Pirenéus Franceses, uma localização anunciada pelo famoso Dr. Alexander Taylor por ter clima e águas medicinais. Sem encontrar ajuda em Pau logo após sua chegada, e

em uma oferta final de sobrevivência, as meninas foram levadas de volta para Moor Park, enquanto o pai delas embarcou numa viagem para a Nova Zelândia, na companhia de uma enfermeira. Ele faleceu próximo a Hobart, Tasmânia, em 5 de fevereiro de 1889. [36] Alice tinha então oito anos e meio.

Após a morte de seu pai, Alice e Lydia permaneceram com os avós paternos no Moor Park até que o avô delas também morreu. Ele faleceu quatro meses depois da morte de seu filho, em 10 de junho de 1889, seis dias antes do aniversário de nove anos de sua neta Alice. O Moor Park foi então vendido e as meninas mudaram-se para Londres para morar com a avó, que era tão severa que uma vez fez a Alice ficar sentada o almoço todo na sala de jantar com os cotovelos em cima de um pires, punição por olhar pela janela com os cotovelos em cima da mesa. [37]

As meninas permaneceram com a avó em Londres intermitentemente, conforme eram também largadas com várias tias paternas. Se fossem meninos, teriam sido enviadas para o internato. A avó de Alice morreu em maio de 1894, quando Alice estava para completar 14 anos. Ela escreveu pouco sobre aqueles cinco anos, tirando isso, lembra-se de que a vida com sua avó era “muito tediosa e monótona”. [38] Ela se refere aqui somente à atitude de uma garota nos meados de sua adolescência. Não há dúvidas de que ela tinha uma grande proximidade e afeição por seus avós.

Quando a avó das meninas morreu, elas ficaram sob a guarda compartilhada das irmãs mais velhas de seu pai, tia Dora (Mary Dorothy Barttelot) em Torquay, e tia Agnes Elizabeth Parsons, cujo marido, o “duro e severo tio Clere” era filho do renomado astrônomo anglo-irlandês William Parsons, Terceiro Conde de Rosse, famoso por estabelecer a construção do maior telescópio do mundo. Os Parsons tiveram seis filhos, uma casualidade de maior relevância para a irmã de Alice, Lydia, que casou-se com um daqueles garotos, o conhecido eclesiástico da Igreja da Inglaterra, Lawrence Edmund Parsons (1883-1972), único comissário do arcebispo da Cidade do Cabo, África do Sul. [39] Alice e Lydia também ficaram com sua tia Margaret Maxwell na Escócia.

Apesar das muitas reviravoltas conforme as adolescentes eram levadas de um lado para outro, da região do Galloway nas fronteiras escocesas, para Devon, Suíça, e para a Riviera Francesa, entre os vários lares de seus responsáveis e outros membros da família, esses foram inegavelmente anos que se passaram nos melhores confortos e luxos da aristocracia britânica. Alice era cercada, segundo ela, por muita beleza e muitas pessoas interessantes. Ela não queria nada e ainda assim permaneceu amuada e muito triste.

Ao refletir sobre sua vida, Alice Bailey admite não ter um bom motivo para sua tristeza, apesar de haver muitas de suas circunstâncias para deixá-la infeliz. Ninguém pode se dizer ser indiferente à perda dos pais e dos avós não muito tempo depois, quando muito jovem, e sabe-se bem que a estabilidade e a continuidade na infância promovem um senso de pertencimento. Alice, a filha mais velha, teria carregado o peso maior. Lydia podia ao menos procurar sua irmã mais velha para se consolar. A quem Alice poderia recorrer?

De todas as influências de vários membros da família, foram os verões passados na Escócia com Margaret Maxwell que tiveram maior relevância na vida de Alice. Viúva antes de Alice nascer, Margaret Maxwell era esposa de David Maxwell, que morreu em 1874. David era o filho mais velho e herdeiro de Sir William Maxwell, sexto baronete do Castelo Cardoness, Kirkcudbrightshire. Como David faleceu prematuramente, seu pai sustentou a viúva Sra. Maxwell, que residia em Castramont House, um elegante solar erguido numa colina, às margens do rio Fleet, ao norte da portaria de Fleet, nas planícies arborizadas ondulantes do sudoeste da Escócia.

Não foi o cenário idílico, embora isolado, ou a posição social de sua tia que impressionou Alice. A Sra. Maxwell era uma líder filantropa, presidente do braço escocês do Young Women’s Christian Association (YWCA) - Associação Cristã de Jovens Mulheres, e fundadora de seu próprio hospital de campo, conquistas que fizeram uma profunda e duradoura impressão em sua jovem aprendiz. Uma grande afeição cresceu entre elas. “Ela me deu uma tônica para

viver, de modo que sinto até hoje que qualquer realização que eu possa ter tido pode ser atribuída a sua profunda influência espiritual.” [40]

Outra figura influente em sua vida naquela época foi o “tio Billie” ou Sir William Gordon, sexto baronete de Earlston, conhecido por ser um dos líderes do comando da Brigada da Carga da Luz em Balaklava, Ucrânia, durante a Guerra da Crimeia. De acordo com o caráter do homem, ele encorajou Alice a sair e seguir seu próprio caminho na vida, e a não se curvar aos desejos e restrições de sua classe social. Ela diz que ele sempre a defendeu, dizendo-lhe: "Eu confio em você, Alice. Siga seu próprio caminho. Vai ficar tudo bem com você.” [41] Com aquelas palavras, tio Billie ajudou dar o aval para Alice ser diferente, um aval que ela tanto precisava à luz das expectativas de conformidade que vinham, sem dúvida, dos outros.

A maior influência estabilizadora em sua vida naquele momento veio através de sua governanta, Srta. Godby. Alice Bailey se lembra dela como “simples, bastante simples na experiência e no conhecimento, mas sensata e doce”. [42] A Srta. Godby amava e acreditava em Alice desde a primeira vez. Ela viajava com Alice e Lydia de uma propriedade da família para outra na Escócia, passando os outonos e os invernos em Devonshire – por causa da saúde menos robusta das meninas – na Riviera Francesa. A presença da Srta. Godby concedeu a Alice sentimentos de continuidade, pertencimento e confiança. “Ela era a pessoa em quem eu me sentia ‘ancorada’.” [43] Alice Bailey permaneceu em contato com a Srta. Godby até sua morte, por volta de 1934.

Apesar de seu humor tedioso e introspectivo, Alice Bailey admite que era uma adolescente especialmente temperamental. Uma vez, com raiva de algo que a Srta. Godby tinha feito, pegou todas as joias dela e as jogou no vaso sanitário. Mais ou menos nessa época, Alice entrou de fininho no quarto da governanta para ler o diário onde a Srta. Godby escrevia suas reflexões de seu próprio comportamento durante o dia, na forma de autoanálise. Nos dias que se seguiram, Alice leu que a Srta. Godby sabia o que a Alice tinha feito com suas joias. Quando a pressão daquela maldade se tornou insuportável e Alice

confessou tudo, a reação da Srta. Godby a deixou surpresa. Não foi a perda material que magoou a sua governanta, mas a traição da confiança. A reação da Srta. Godby deixou uma marca duradoura. Ao refletir pelas lentes de suas próprias crenças, Alice Bailey vê isso como uma lição de grande significado e importância sobre os valores espirituais acima dos materiais.

Assim como muitas crianças, em toda a sua infância Alice tinha o hábito de se comparar desfavoravelmente à sua irmã, apesar de ser a mais velha e isso é uma contrariedade da tendência normal; tais ressentimentos são mais comuns de serem mantidos pelas crianças mais novas. Ela descreve Lydia como “uma das mais belas meninas que já vi e sua é inteligência insuperável”. [44] Um simples comentário de admiração contradiz o ciúme latente de adolescente que ela sentiu na época. Talvez Lydia tenha roubado a atenção e afeição do resto da família. Ela podia ser comunicativa, confiante e popular, uma criança extrovertida com um charme abundante, ganhando a aprovação de todos. Certamente ela era uma criança esperta e ambiciosa, que obedecia às expectativas de sua classe social em pelo menos um aspecto, casando-se com seu primo. Uma adepta fiel dos costumes sociais, Lydia também continuou cristã ortodoxa a vida toda.

Jogada talvez na autocriada sombra de sua irmã, Alice estava convencida de que ninguém gostava muito dela e como resultado, ela odiava quase todo mundo. Ela se descreve como uma criança mórbida e excessivamente egoísta, cheia de inveja e autopiedade. De fora parecia que era sensível, magoada e perdida, separada da maioria da sua família mesmo enquanto parte dela.

Esses sentimentos estavam profundamente arraigados. Ela fez três tentativas de tirar a própria vida antes de completar 15 anos, uma quando tinha 5 anos e se jogou de um lance de degraus de pedra; outra quando tinha 11 anos e tentou se sufocar com areia, só para descobrir que “a areia na boca, nariz e olhos de alguém não é confortável e decidi adiar o dia feliz”; e a última vez, quando tentou se afogar em um rio escocês. [45]

Alice Bailey era a primeira a admitir que não estamos nesse planeta para termos conforto. Não há movimento sem fricção, não há mudança ou crescimento sem sofrimento. Talvez uma psique como a de Alice Bailey devesse ser entendida em seus próprios termos. Como o testemunho dela demonstra, a disposição mística é propensa a extremos do humor, quase uma introspecção patológica, e um tipo de interior agitado que requer muita paciência, que certamente não é para os fracos.

O cristianismo tinha sido infundido em Alice desde cedo e aos 15 anos, ela era nada menos que uma zelote. Ela via o mundo em preto e branco, como os jovens sempre costumam fazer e a humanidade dividia-se em dois grupos: os salvadores de almas e os pagãos. Talvez seu fundamentalismo tenha fornecido uma âncora muito necessária, uma constante numa vida sempre em mudança e um substituto para os entes queridos perdidos. Ser uma fiel tornou a alienação mais fácil. Ela trouxe Deus para mais perto dela para confortá-la, um tipo de muleta existencial. Mas quanto do caráter de uma pessoa é inato, remanescente de uma vida passada se é nisso que você acredita, e quanto se formou por meio do condicionamento? Qualquer que seja o caso, em seu coração, Alice Bailey levou até a morte uma forma de zelo missionário. Embora sua mentalidade religiosa em sua atual forma cristã, estava prestes a receber um golpe gentil, porém firme.

No domingo de 30 de junho de 1895, durante uma de suas estadias com Margaret Maxwell em Castramont, enquanto o resto da casa estava na igreja, Alice teve uma visita estranha. Ela estava sozinha na sala de estar, lendo, quando um homem alto vestido com roupas europeias, seu cabelo escondido sob um turbante, entrou na sala e sentou-se ao lado dela. Apavorada ao ver esse homem vestindo um turbante, ela não falou nada. O homem tinha muito a dizer. Ele disse-lhe que um trabalho importante estava à sua frente, o trabalho de seu Mestre, um trabalho que a levaria a muitos países, mas ela não receberia esse trabalho se não mudasse drasticamente seus maus modos. Ela precisaria exercitar o autocontrole e aprender a ser agradável, e precisava fazer essa mudança imediatamente. Ele foi enfático nisso. Ele continuou dizendo que manteria contato a cada poucos anos e então partiu da sala, parando na porta de entrada para olhar para ela, o “que até hoje me lembro bem claramente”. [46]

Depois que o terror passou, dúvidas transbordaram. Alice pensou que pudesse ter sonhado ou estava ficando louca. Aqueles pensamentos logo deram lugar a sentimentos de satisfação pessoal. Havia um trabalho especial para ela adiante. Ela tinha sido escolhida. Tudo o que precisava fazer era mudar seus modos. Pela primeira vez, não estava à sombra de sua irmã.

A visita foi uma ocorrência extraordinária e que Alice Bailey imbui com um significado particular. Em sua autobiografia, ela é inflexível sobre não ter adormecido e sonhado com o encontro. Que isso não foi nenhum tipo de visão. Foi um evento real. Um homem entrou na sala de estar, falou com ela diretamente e então saiu.

Existem explicações alternativas. Alguns podem argumentar que teve um sonho lúcido, que ela sinceramente acreditou estar completamente acordada. Ela poderia estar indisposta naquele dia. Afinal, por que ela não estava na igreja com os outros? Ela pode ter adormecido no meio da leitura de seu livro e sonhou com a cena, acordou e ainda sonhava no momento que o estranho saía da sala. Em seu estado desorientado, ela pode ter achado que esteve acordada o tempo todo. Ou talvez seu testemunho seja preciso. Aquele homem realmente entrou na sala com sua mensagem. Para se engajar com os ensinamentos oferecidos ao mundo por Alice Bailey, o estudante deve aceitar essa visão ou deixar o julgamento. [47] O homem na sala de estar era Koot Hoomi, um Mestre espiritual importante nas posições da Hierarquia Espiritual, que inspeciona a evolução da humanidade. A visita foi um sinal adiantado para Alice Bailey de que ela seria uma discípula chamada para o Serviço Mundial.

Nessa mesma época da visita e reforçando a visão que ela depois desenvolveria, de que uma Hierarquia Espiritual de fato guia a evolução da humanidade, ela teve duas experiências visionárias idênticas que descreve como sonhos despertos. Em cada ocasião, ela se achou participando de uma cerimônia nos Himalaias, no período da lua cheia de maio:

Me encontrei (enquanto bem acordada) nesse vale, e fazendo parte de uma vasta e ordenada multidão, na maioria orientais, mas com uma grande quantidade de ocidentais. Eu sabia exatamente onde estava no meio daquela multidão e percebi que era meu lugar certo, e indicava meu status espiritual.

O vale era amplo e no formato oval, rochoso e com montanhas altas nos dois lados. As pessoas aglomeradas no vale, voltadas para o leste e para uma passagem estreita, um gargalo no final. Logo antes dessa passagem em forma de funil, tinha uma imensa rocha se levantando do chão do vale, como uma grande mesa e no topo da rocha estava uma bacia de cristal, que parecia ter um metro de largura. [48]

Diante da rocha havia três figuras em forma de triângulo. A que estava no ápice do triângulo, ela conhecia como Cristo. A multidão estava em movimento, formando primeiro um símbolo e então outro: uma cruz, um círculo com um ponto no centro e uma estrela de cinco pontas. Ela descreve todo o processo como uma dança rítmica solene, ao mesmo tempo digna e silenciosa. As três figuras estenderam suas mãos aos céus e a multidão congelou. Uma figura apareceu no céu sobre o gargalo e se aproximou da rocha. Ela sabia que a figura era o Buda. A visão em sua plenitude, ela retrospectivamente considerou como uma cerimônia da unidade de todas as coisas, material e espiritual, oriental e ocidental. [49]

Na época, Alice não sabia o que fazer com suas experiências místicas. Sua teologia limitada foi desafiada à luz dessa nova compreensão. Diante dela, um novo mundo subjetivo de significado surgiu, um reino espiritual interior que ela mal conseguia entender. Seriam outros 20 anos antes dela encontrar uma explicação satisfatória, da qual formaria a essência de sua visão esotérica de mundo.

Não é sem uma medida de cautela que a amadurecida Alice Bailey dá seu testemunho. “Diz-se que as experiências espirituais mais profundas e mais íntimas de alguém nunca deveriam ser discutidas ou relatadas.” [50] Ela reconhece

que tal testemunho é frequentemente desacreditado. Em sua época, ela era conhecida, pelo menos em seus próprios círculos, como uma mulher sã, inteligente e de boa reputação, e em sua autobiografia escolheu adicionar para registro seu “certo conhecimento e convicção ao testemunho de muitos outros pelos tempos”. [51]

Aquelas visões em parceria com o estranho visitante de turbante, tiveram um efeito profundo. A Alice de 15 anos se ergueu e fez um esforço resoluto para mudar. A transformação precipitou uma busca por sentido e respostas para suas dores. Sua jornada de crescimento pessoal foi um processo de intensa purificação, e inicialmente, o resultado talvez não tenha sido exatamente o que o Mestre tinha em mente. Alice foi de uma adolescente egocêntrica, mal-humorada e algumas vezes volátil, para uma surpreendentemente virtuosa jovem mulher. Em uma ocasião, sua tia Margaret se aproximou dela e disse: “’Meu Deus, Alice, perca a paciência.’” [52]

Foi uma transformação que estimulou a reorientação. Não mais absorta internamente em seu sofrimento, ela começou a estender a mão para o mundo em sua volta. Ela se juntou à sua tia Margaret, fazendo boas obras para o YWCA (Associação Cristã de Jovens Mulheres). Ironicamente, essa mudança de orientação trouxe consigo um desejo muito entusiasmado de converter os outros, assim como ela mesma havia sido convertida numa boa autêntica cristã. Ela fez isso indiscriminadamente. No final da adolescência, ela passava muito tempo frequentando festas em grandes casas, se esforçando para salvar as almas daqueles que encontrava.

Enquanto isso, ela disse que fazia longas caminhadas ou se deitava num campo na Escócia, no sul da França ou no lago Geneva, e que “tentava escutar o silêncio” e “ouvir a Voz”:

Eu sabia que por trás de tudo que pudesse ver e tocar havia Algo que não podia ser visto, mas que podia ser sentido, e que era mais real e mais verdadeiramente

essencial do que o tangível. Fui levada a acreditar em um Deus Transcendente, fora do mundo que criou, inescrutável, imprevisível, geralmente duro... que ama só aqueles que O reconhecem e O aceitam.... Sobretudo critiquei essa apresentação de um Deus amoroso, mas automaticamente a aceitei. Mas Ele estava longe, distante e inacessível.

Mas o tempo todo, algo dentro de mim, incompleto e indefinido, buscava o Deus inerente, o Deus por trás de todas as formas, Aquele que podia ser encontrado em todo lugar, tocado e conhecido de verdade, que ama sinceramente todos os seres... [53]

Essa divisão em sua visão religiosa não se resolveu por duas décadas.

Mantendo sua fé firme dentro de si, Alice terminou os estudos e então, depois dos termos da tutela acabarem, morou com sua irmã e uma dama de companhia numa casa alugada próxima a St. Albans. Ela era uma garota da sociedade bem viajada e que falava francês, com uma boa educação clássica. Ela era conhecida por ser bem atraente, com bom gosto para as roupas. O problema é que ela tinha um profundo conhecimento da Bíblia e não sabia nada sobre os fatos da vida. Ela se autodescrevia como uma religiosa fanática, do tipo ingênua e sincera. Sua santidade era do tipo superior, que não prestava nenhum favor quando se tratava de encontrar aceitação em seu meio social. Isso certamente não arranjaria um marido para ela.

Quando Lydia atingiu a maioridade, escolheu buscar uma formação em medicina na Universidade de Edimburgo, uma oportunidade impressionante na época e pela qual ela recebeu “alguns meses de treinamento”. [54] Medicina era um caminho raro para uma mulher na virada do século XX. Poucas tinham permissão para estudar a disciplina. Havia somente duzentas médicas na Grã-Bretanha em 1900. Lydia se tornou uma das primeiras a ganhar uma distinção da universidade. Ela se tornou médica. Ela seguiu e escreveu Life, How it Comes: A Child’s Book of Elementary Biology (Vida, Como Ela Vem: Livro Infantil de Biologia Elementar, em tradução livre), e mais tarde fez pesquisas sobre o

câncer. Ela também foi poeta, escrevendo sob o pseudônimo de Stephen Reid-Heyman. A Vagabond's Wallet (A Carteira de um Vagabundo, em tradução livre), foi publicado em 1916. Seu poema de 72 páginas, A Vision of Immortality (Uma Visão da Imortalidade, em tradução livre), publicado em 1917, foi relançado em 2011 e considerado por estudiosos como sendo de importância cultural. [55] Quando tinha por volta de 30 anos, Lydia teve uma filha, Mary Alice Parsons (1912-), nascida no mesmo ano que a filha do meio de Alice, Mildred. [56] Não há indicação de que Alice Bailey tenha alguma vez conhecido a sobrinha, mas ela certamente sabia de sua existência, apesar de não mencionar isso em sua autobiografia.

De volta a St. Albans, Alice precisava achar seu próprio caminho na vida e ela não tinha desejo pelo ensino superior. [57] Ela recebia uma pequena ajuda de custo do patrimônio da família, como também sua irmã, o suficiente para bancar uma certa medida de independência financeira. Tudo o que ela precisava era uma direção.

Ela teria passado a maior parte das primeiras duas décadas de sua maioridade aprendendo muitas lições difíceis, lições de humildade e boa vontade, eliminando as atitudes esnobes nela instiladas pelos La Trobe-Batemans, e talvez reivindicando parte do caráter materno de sua herança Hollinshead ao longo do caminho.

2

CASAS DOS SOLDADOS DE ELISE SANDES

Com 22 anos, Alice La Trobe-Bateman estava pronta para romper com os laços de sua família, deixar seu estilo de vida de garota da sociedade, e partir para o mundo com "o toque seguro da completa inexperiência". [1] Se ela apenas pudesse saber como. Ela nunca havia estado sozinha antes, embora quaisquer medos e incertezas que tivesse foram obscurecidos por uma resolução inabalável. Tinha em vista passar uma vida para salvar almas, realizada de uma forma compatível com sua posição social. Foi uma escolha que deve ter vindo como uma grande decepção para sua família. Pelos olhos deles, ela teria parecido uma extremista, uma extremista condenada a pagar um alto preço. Apesar de três temporadas, falhou em achar um marido. Ela era incapaz de interagir socialmente com seus contemporâneos que amavam festas, sua temperança e piedade eram corretas demais para aquele meio. Ninguém na cena da sociedade aristocrática estava interessado em ser salvo. Pior, os La Trobe-Batemans apoiavam o protestantismo de sua classe e Alice havia desenvolvido uma forte tendência evangélica, mais comumente associada com as classes mais baixas. Ou, em suas próprias palavras, ela havia se tornado uma “fundamentalista obstinada”, embora fosse “extremamente tacanha e muito consciente de sua classe”. [2]

O ano era 1902 quando Alice buscou direção para sua vida. O rei Eduardo VII havia tomado o trono depois da morte da rainha Vitória e a sociedade estava mudando, com a expansão imperial e propriedade moral dando caminho para uma nova era de paz, flexibilidade social e prosperidade. A filantropia continuava a prosperar, enquanto as classes superiores protestantes como os La Trobe-Batemans viam isso como dever, de ajudar os pobres e desfavorecidos. O evangelismo também havia tido uma enorme expansão no século XIX, com sua ênfase no serviço sobre a doutrina. O status das mulheres começou a melhorar. Era considerado respeitável para as mulheres de classe média e alta se envolverem em trabalhos sociais. As funções caridosas habilitaram as mulheres

a encontrar realização além dos limites das atividades domésticas e da maternidade, embora ainda vistos como extensão delas. Senhoras de boa posição participavam dessa onda de caridade e filantropia através da arrecadação de fundos: organizavam jantares, banquetes e festivais. [3] Nenhuma dessas funções atraía Alice. Ao mesmo tempo que admite ter talento para o bordado, ela tem pouco interesse ou consideração por atividades femininas.

Ela também não tinha nenhum interesse no feminismo. Conforme Alice buscava por um papel realizador na vida, as mulheres na Grã-Bretanha ainda não tinham direito ao voto. O movimento Sufragista, que havia feito campanha por décadas pelo mundo e tinha sido levado para a Grã-Bretanha naquela época por Emmeline e Christabel Pankhurst, estava em pleno andamento. [4] Alice Bailey estava bem atenta às Sufragistas, mas não mencionou o movimento em sua autobiografia, se descrevendo ainda como não sendo feminista. [5] Seu silêncio no feminismo é notável à luz de suas fortes opiniões em questões sobre raça, igualdade e direitos humanos espalhadas por toda obra. Talvez essas mulheres estridentes fossem uma afronta às suas sensibilidades. Talvez ela achasse que ativistas políticos fossem tão desagradáveis quanto evangelistas “gritando e vociferando em plataformas”:

As evangelistas que conheci (e foram muitas) não me impressionaram muito. Pareciam um bando de pessoas com pouca educação; vestiam roupas baratas, de corte ruim, e o cabelo delas parecia precisar de escovação; eram muito boas para estarem bem arrumadas. [6]

Uma oportunidade de direção na vida surgiu quando foi sugerido que ela visitasse as Casas dos Soldados de Elise Sandes, localizada em cidades-guarnição em toda a Irlanda. Alice acolheu a ideia e, uma vez que sua irmã tinha se estabelecido na universidade em Edimburgo, ela usou todos os talentos que possuía na esperança de fazer boas obras no campo.

A Grã-Bretanha esteve em guerra com vários países da África e da Ásia durante

o século XIX, com a Segunda Guerra Boer (1899-1902) vendo a maior força que a Grã-Bretanha já enviou ao exterior, chegando a cerca de meio milhão de soldados. Longe do campo de batalha, aqueles soldados eram cercados em fortes como os espalhados pela Irlanda. Para uma cristã justa como Elise Sandes, o resultado foi um desastre social e moral. Entediados e inquietos, os soldados buscavam entretenimento em pubs e bordéis; e beber, apostar e praticar sexo ilícito eram vícios que certamente levariam direto para o inferno. Evangelista e filantropa de Tralee, no sul da Irlanda, Elise Sandes era amiga de infância de Lorde Kitchener. Em 1868, Sandes respondeu ao pedido para fazer amizade com um soldado solteiro. Daquela amizade nasceu o trabalho de uma vida. Sandes estabeleceu sua primeira casa de soldados em Cork, em 1887, abrindo outras em Belfast, Dublin, Dundalk, Queenstown e Curragh. Em 1913 havia 22 casas anexas a quartéis na Irlanda e outras 9 na Índia. As casas ofereciam recreação e promoviam o bem-estar de jovens soldados no exército britânico. “Ela introduziu o elemento da vida no lar no acampamento” para muitos milhares de soldados. [7]

Cada casa continha um dormitório grande para acomodação por uma noite, uma cafeteria com comida servida a baixo custo, e uma sala de recreação para escrever cartas, jogar e áreas para sentar-se e ler. Duas moças eram encarregadas para cada casa, alojadas em quartos separados. O papel delas era principalmente conversar com os solitários, cansados e nostálgicos. Cada casa também tinha uma sala do Evangelho, completa com um harmônio, livros de hinos, Bíblias e cadeiras, e “alguém que poderia explicar as Escrituras e rogar com os homens pela salvação de suas almas” [8].

Era um trabalho que convinha a mulher com a experiência de Alice. Elise Sandes buscava por moças de refinamento e boa postura para trabalhar em suas casas, uma separação de classes levada em consideração para dar distância suficiente e evitar impropriedades. No primeiro encontro, Alice achou a Srta. Sandes “uma mulher muito sofisticada, charmosa e culta”. [9] Foi uma impressão que deve ter sido um alívio e um prazer para uma jovem tímida e esnobe, ansiosa em fazer o bem.

Alice se instalou na casa de Belfast. Ela se encaixou bem, fazendo amigos rapidamente e adquirindo as habilidades necessárias para o trabalho. Parte do papel dela envolvia circular nas mesas na sala de recreação e na cafeteria, cada uma frequentemente cheia de centenas de soldados. “Havia quartos onde eles podiam escrever cartas, jogar jogos, sentarem-se próximos da lareira e ler os jornais atuais, jogar xadrez e damas e conversar conosco se estivessem se sentindo solitários, cansados e com saudades de casa.” [10] Durante todo o tempo, se esperava que ela se mantivesse reservada. Era um trabalho difícil, e Alice “adorava cada pedacinho dele”. Ela havia de repente encontrado uma saída maravilhosa para salvar almas.

Em sua própria conta, Alice Bailey é entusiasmada para enfatizar a batalha que enfrentava ao fazer suas primeiras reuniões do Evangelho. Isso não era nenhuma maravilha, dada a inocência e arrogância juvenil de sua abordagem inicial. Ela não tinha ideia de quão desafiador seria seu primeiro evento sério para falar em público. Na época pensou que tinha a capacitação para o trabalho. Afinal, havia liderado estudos bíblicos e falado em reuniões de oração no passado. Mas isso era diferente. Era ficar de pé na frente de algumas centenas de soldados, não exatamente um público simpático de benfeitores e devotos religiosos.

As reuniões aconteciam aos domingos. Quando chegou a vez dela, subiu na plataforma cheia de uma autoconfiança errada. Ela não foi muito longe em seu discurso. Conforme enfrentava o mar de rostos expectadores, o pânico tomou conta e sua mente esvaziou. Ela fugiu da plataforma em lágrimas. Algumas semanas depois, fez uma segunda tentativa. Dessa vez, na esperança de evitar outra catástrofe, ela assiduamente memorizou seu discurso. Quando estava mais ou menos na metade, tentou recitar um poema e teve um lapso repentino na memória. Novamente, saiu em disparada do palco.

Alice não desistiria, mas levaria mais algumas tentativas e uma excessiva quantidade de ansiedade antes que ganhasse confiança. Ao olhar para trás, Alice Bailey se lembra que isso não aconteceu até perceber que a raiz de seu problema era o egoísmo, que foi capaz de esquecer em si e focar sua atenção no grupo. [11]

Foi uma lição importante e muito necessária em servir Alice Bailey como oradora pública.

Espalhou-se a notícia de que Alice era boa em seu trabalho. Impressionada, Elise Sandes convidou-a para o Acampamento de Prática Artilharia em Kildare, no centro da Irlanda. Alice Bailey escreve de modo positivo sobre essa época, sobre como dividia um quarto com a Srta. Sandes na "casinha engraçada" na qual viveram. Ainda vulnerável e de certo modo sem rumo no início de sua vida adulta, Alice adorava a Srta. Sandes. "Eu a amo por sua beleza, força mental, conhecimento da Bíblia, compreensão da humanidade e senso de humor contagiante. Eu a amava mais, creio, pois descobri que ela me amava de verdade." [12]

Era um sentimento muito forte, que sugere que Alice tenha encontrado na Srta. Sandes uma imagem de mãe, junto com o aval e aprovação que ela ansiava. Ela admite que sua temporada na Irlanda, apesar de curta, foi um dos períodos mais felizes em sua vida. Em Elise Sandes, Alice encontrou não só uma amiga e um exemplo, mas junto com isso um senso profundo de pertencimento. Trinta anos mais velha, Sandes ofereceu o aconselhamento e a orientação necessária. A influência dela começou a ampliar a versão estreita e absolutista do cristianismo que Alice possuía, suavizando sua convicção de que seu caminho para a salvação era o único e de que era seu dever salvar a alma de todas as pessoas que encontrava.

Em seu capítulo nas casas dos soldados, Alice Bailey reflete como foi através de sua ligação com aqueles homens que começou a melhorar suas maneiras. Ao aprender a ser alvo de provocações e do ridículo bem-humorado, ela também aprendeu uma lição de humildade, embora mantivesse certo recato como qualidade por toda sua vida e sempre foi uma mulher de opiniões morais justas.

Ela continuou a passar seu tempo nas casas em Dublin e Curragh, onde havia cinco mil soldados posicionados. Trabalhadora dedicada, mantinha prestações de

contas, escrevia cartas para os soldados e fazia intermináveis encontros sobre o evangelho e reuniões de oração.

Seu tempo na Irlanda chegou a um fim abrupto, quando uma carta da Srta. Theodora Schofield na Índia chegou para Elise Sandes, anunciando que não estava bem. O clima severo e a carga pesada de trabalho, afetaram sua saúde. Mulher de grande caráter e força, Theodora Schofield havia assumido após a pioneira Anna Ashe, e era responsável pelas casas na Índia há alguns anos. [13] A Srta. Sandes enfrentou um dilema. Não havia ninguém disponível na época para substituir a Srta. Schofield. Ela decidiu que Alice teria que fazer isso, dizendo-lhe: “mesmo que você não seja muito boa, provavelmente será melhor do ninguém.” [14]

Fundos materializaram-se dias depois, na forma de uma carta anônima contendo cinco mil libras. Alice então ganhou permissão de sua tia Agnes Parsons que, junto com Lydia, viram Alice partir nas docas Tilbury.

Alice não tinha ideia do que estava acontecendo quando desembarcou em Mumbai. Ela teria aparecido para os outros exatamente como era, uma jovem mulher eduardiana, atraente e especialmente inexperiente, vulnerável e ingênua, sozinha na Índia: uma tola no sentido completo da palavra.

A Índia vivia na época uma fase de expansão industrial, conforme a Grã-Bretanha buscava manter sua posição manufatureira, tendo em vista os avanços na América e na Alemanha. O investimento em infraestrutura foi considerável. Em 1900, o Raj britânico se gabava do maior sistema de irrigação no mundo e tudo estava longe de ser pacífico. As reformas de Lorde Kitchener – que começaram em 1903 – concentraram o exército britânico ao norte do subcontinente para defender a fronteira norte-oeste, a princípio. Sob o comando de Kitchener, as divisões de luta foram organizadas pelo eixo Lucnau-Peshawar-Khyber e pelo eixo Mumbai-Mhow-Quetta. [15] As casas dos soldados estavam concentradas ao longo dessas linhas.

Alice inicialmente passaria dois anos na casa em Quetta, situada em um vale elevado de cerca de 1.500 quilômetros e conhecido por sua beleza excepcional, a cerca de 80 quilômetros da fronteira afegã, onde hoje é o Paquistão. [16] De lá, faria a longa jornada de volta através do deserto de Thar e depois através do norte da Índia, para chegar às outras casas espalhadas ao norte de Déli, no extremo leste de Lucnau.

A Índia deixou uma forte impressão; Alice Bailey diz que ficou "chocada com o Oriente":

Era tudo muito novo, tão estranho, completamente diferente de qualquer coisa que eu tenha imaginado. Cores, belas construções, sujeira e degradações, palmeiras e bambus, adoráveis criancinhas e mulheres carregando potes de água em suas cabeças; búfalos de água e transportes estranhos, como gharries e ekkas... bazares lotados e ruas de lojinhas locais, talheres e belos carpetes, nativos silenciosos a pé, muçulmanos, hindus, sikhs, rajputs, gurkhas, soldados e policiais nativos, um elefante com seu treinador casual, cheiros estranhos, idioma desconhecido, e sempre o sol, exceto durante a monção — o calor sempre e com certeza... amei a Índia. [17]

No momento em que Alice chegou no lar Quetta e encarou ter que domar soldados descontrolados e indisciplinados na cantina, percebeu que era muito jovem e despreparada para suas novas responsabilidades. Ela conseguiu controlar o tumulto, que provou ser apenas um em todos os tipos de desafios.

Foi em Quetta que ela desenvolveu um permanente medo do escuro. Sua colaboradora ficou doente com febre tifoide e foi transferida para um hospital. Alice ficou em seu quartel sozinha. À noite, antes de ir para a cama, os chefes da casa checavam seus quartos para garantir que estavam vazios e então trancavam todas as portas. A luta na fronteira era feroz e era uma época do ano que

dobravam os guardas como membros das tribos das colinas, e lhes era permitido ir ao acampamento militar. Às duas da manhã, ela acordou com o barulho da maçaneta da sala de estar “sendo girada”. Ela sabia que o cofre na sala de estar tinha centenas de rúpias e se quem quer que seja conseguisse entrar, ela receberia uma facada no coração porque “era uma grande virtude matar uma mulher branca”. Muito aterrorizada, sentou-se na beira de sua cama e observou a maçaneta da porta. Quarenta e cinco minutos passaram. “Descobri então que o medo chega num ponto que você está tão desesperado que se arrisca.” Ela caminhou pelo quarto e abriu a porta da sala. Não tinha ideia de quem estava atrás da porta, e antecipou totalmente o pior. Ao invés, lá estavam de pé seus dois gerentes. [18]

Houve muitos altos e pequenos triunfos durante seu tempo na Índia, mas no geral, Alice Bailey descreve sua temporada lá como complicada:

Fui de uma Casa a outra, frequentava as prestações de contas, entrevistava gerentes, fazia reuniões intermináveis sobre o evangelho, falava com os soldados sobre as suas almas e as suas famílias, visitava hospitais militares e lidava com os muitos problemas que naturalmente surgiam quando centenas de homens estão alocados longe de casa e enfrentam os problemas da vida em um clima quente e numa civilização estrangeira. [19]

Ao ignorar seu próprio bem-estar e os limites de sua constituição, que não era robusta, foi muito além das tarefas exigidas dela. Ela não apenas mantinha os homens entretidos jogando damas, mas também sentava-se ao piano e tocava as músicas favoritas do dia, ou pegava o teclado e cantava hinos. Ela tinha “uma voz meio soprano muito boa, com um alcance amplo e extremamente bem treinada”. [20] Ninguém tinha visto algo assim, pelo menos não de uma pregadora do evangelho. Em uma ocasião, quando ela estava prestes a começar a cantar o hino “Shall We Gather at the River” (Devemos nos reunir no rio?), um general com seu ajudante e equipe, entraram. Eles foram confrontados com “uma jovem um tanto quanto religiosamente superficial, de vestido branco e faixa azul, que não se assemelhava a nenhum evangelista que já haviam imaginado”. [21]

Ela era surpreendentemente diferente, talvez com um toque teatral numa pele justa de fundamentalista, mas suas canções eram muito valorizadas pelos soldados e oficiais semelhantes, e ela repetidamente era saudada quando estava para fazer seu serviço. Ela estava se divertindo muito. Era bem conhecida e muito amada por todos. Os soldados a chamavam de “vovó”, “senhora bondosa” ou “mãe” – nomes dados a todas as senhoras das casas – mas um regimento tinha um nome especial para ela. A chamavam “porcelana”. Em seu próprio relato, esse último nome a intrigava. Era uma abreviação de uma gíria de rima de Cockney. Um “prato de porcelana” é alguém “bacana”.

A afeição era recíproca. Ela gostava da companhia deles. Ainda que todas aquelas performances musicais somavam-se a um crescente cansaço. As pressões de uma agenda de trabalho sobrecarregada cresciam. As casas alimentavam de 500 a 600 homens a cada noite nas cafeterias. “Eu fiquei responsável por seis casas de soldados. Eu tinha o bufê para fazer para essas seis casas, com 600 homens em cada uma, todos os dias da semana. Conduzia 1517 reuniões de oração e do evangelho por semana.... Fui a 40 regimentos britânicos. Tinha a escola bíblica dominical para 600 homens aos domingos: Recebia milhares de cartas. Eram todas cheias de elogios.” [22] Ela era “constantemente” chamada para sentar-se com os homens que estavam morrendo. Ela sofria de enxaquecas que a incapacitava por vários dias, contudo, continuava ainda a cumprir suas tarefas. O que agravava a tensão da sua escala pesada, eram as decisões gerenciais que tomava e que geralmente a enchiam de dúvidas e autorrecriminações. Para cobrir tudo, ela achou que tinha que lidar com os colapsos nervosos dos membros da equipe que haviam “sucumbido ao clima, à solidão, ao desconforto em geral da vida na Índia naqueles dias”. [23]

Essa interminável corrente de problemas e responsabilidades, além de sua incapacidade de se autorregular, tiveram um efeito extremo em sua saúde. Suas enxaquecas pioraram. Ela estava no limite da exaustão física, emocional e mental. Ao exacerbar uma situação já precária enquanto as pressões do trabalho aumentavam, fez ela passar por um colapso espiritual, resultado de um desdobramento de uma dúvida existencial profunda dentro dela. A experiência

de vida era para libertar Alice de seu fundamentalismo muito entusiástico, só que foi sentido tão intensamente, foi tão devastador psicologicamente, que a deixou abalada por uma década.

O início do colapso de sua construção religiosa interna começou quando ela estava no princípio da adolescência, e ficava com sua tia na Escócia. Ela tinha falado numa reunião do evangelho em sua igreja e quando retornou, sua cozinheira Jessie Duncan – uma aliada na época – entrou na sala, pegou Alice pelos ombros e disse: “você vai aprender, Srta. Alice, de que há 12 portões na Cidade Santa, e que todos no mundo virão e entrarão por algum deles. Eles todos se encontrarão no mercado, mas nem todos entrarão pelo portão.” [24]

O relato foi uma alusão de Duncan ao hábito, aos atos de salvação indiscriminados de Alice enquanto ela buscava converter a alma de cada pessoa que encontrava. Na época, ela não tinha ideia do que Duncan quis dizer, mas as palavras de sua cozinheira deixaram uma impressão profunda e seriam contadas a milhares nas palestras públicas de Alice Bailey. [25]

Duas experiências na Índia combinaram com a censura precoce de Jessie Duncan. A primeira foi quando Alice chegou em Ambala, ao pé do Himalaia, para abrir uma nova casa de soldados. Ela estava acompanhada de seu carregador pessoal, Bugaloo. Eles estavam parados na varanda do complexo, olhando para a estrada adiante, uma estrada cheia de transeuntes, "hordas e multidões incontáveis de indianos". Bugaloo veio até ela, colocou a mão em seu braço e disse: “senhorita Baba, ouça. Milhões de pessoas aqui. Milhões, o tempo todo, bem antes de vocês ingleses chegarem. O mesmo Deus me ama, assim como ama você.” [26]

Foi uma coisa corajosa e assertiva a se dizer. Afinal, Bugaloo era seu servo. Ora, ele se sentiu compelido a dizer isso para Alice e de uma maneira sugerindo que ela precisava realmente ouvir, foi provavelmente em resposta a ministrações contínuas e a opiniões emitidas por ela. O comentário de Bugaloo carregava um

tom de desafio à imposição de qualquer tipo de cristianismo sobre aqueles da fé hindu. Ele quis que ela compreendesse a tônica de todas as religiões: a universalidade de Deus.

O comentário dele disparou em sua mente, penetrando na essência da sua fé. Ela começou a imaginar o que Deus havia feito com as milhares de pessoas no planeta antes da vinda de Cristo. Como todas aquelas pessoas foram salvas? Elas foram salvas? Ou todas elas foram para inferno? Ela simplesmente não conseguia compreender como Deus, o mesmo Deus vingativo e punitivo dela, poderia ter condenado toda a humanidade à maldição por tanto tempo.

A terceira experiência que Alice narra foi a de desfazer o dogmatismo religioso em seu coração. Ela estava em Quetta, e tinha em mente dar sua primeira palestra sobre o inferno. Como uma cristã salva e, portanto, destinada ao céu, ela não sabia muito sobre o lugar onde Deus depositava os indesejáveis. Durante um mês inteiro:

Eu me enchi com o pensamento sobre o inferno e, reluzindo de informação e esquecendo que ninguém nunca havia voltado de lá para nos contar se isso era verdadeiro ou não, naquela tarde subi na plataforma diante de 500 homens, preparada para aterrorizá-los nos tribunais celestiais. [27]

Ela fez sua palestra “numa sala imensa, com longas janelas francesas que se abriam para um jardim de rosas”. As rosas estavam em plena floração. Um cenário bonito, e no sentido simbólico que não poderia estar mais longe das palavras que ela disse. Conforme “declamava veementemente”, perdida dentro de si como uma verdadeira pastora pregando a condenação, ela falhou em perceber que seu público, um a um, se levantou e saiu. Ao final, viu apenas um pequeno grupo de soldados religiosos que ficaram em seus assentos. Um deles chamou-a de lado e disse-lhe: “agora senhorita, contanto que fale a verdade, vamos sentar e ouvir tudo o que tem a dizer, você sabe disso, mas no momento que começar a contar mentiras, a maioria de nós irá levantar-se e sair. E saímos.”

Foi uma “lição drástica e impetuosa”, que ela levou algum tempo para entender. Embora ouvir a explicação sincera do soldado e sofrer a humilhação devastadora de não só perder toda a plateia, mas de falhar em ao menos perceber isso até que fosse muito tarde para mudar de rumo, a fez questionar a veracidade dos fundamentos de suas crenças.

Acreditei que a Bíblia ensinou a realidade do inferno, e todos os meus valores foram abalados. Se ensinar sobre o inferno era falso, o que mais era? Eu sabia que havia muitas pessoas boas que não pensavam como eu, e até o momento só sentia pena delas.... Uma pequena fermentação, que era básica em seus resultados e agonizante em sua aplicação. Eu estava completamente preocupada e comecei a dormir muito mal. Não conseguia pensar claramente e não ousava perguntar a ninguém sobre isso. [29]

Em 1906, cerca de três anos de seu período na Índia, Alice estava “exaurida”. Suas enxaquecas aumentaram tanto em frequência, quanto em intensidade. Enxaquecas que deixariam qualquer um incapaz de levantar a cabeça do travesseiro e ainda assim, ela se arrastava para cumprir suas tarefas. Além disso, para intensificar a tensão e o sofrimento, se apaixonou por um soldado do regimento Hussar: Walter Evans. Esse amor basicamente seria sua destruição.

Alice Bailey descreve Walter Evans como de “extrema boa aparência” e “muito educado”. Ele tinha uma “mente brilhante” e pelas ministrações dela nas casas dos soldados, ele se “converteu completamente”. [30] Ela também o chamava de “nobre alistado”, um termo geralmente reservado para aqueles que, por azar ou desventura, não conseguia garantir uma patente de oficial comissionado ou então foi destituído dela. Sua classe de origem não era adequada com a de oficial, então presume-se, era sua educação que merecia tal patente. Nada disso importava para Alice na época. Seu amor por ele era ardente, porém era um amor proibido. As senhoras que trabalhavam nas casas eram de origem

aristocrática para garantir muitos graus de separação entre elas e os soldados. O casamento, até onde Alice sabia, era proibido. Acreditando nisso, se tornou “completamente frenética”. Ela estava tão exausta física e mentalmente naquela época que não se admira que fosse incapaz de um único pensamento racional. Seu coração a puxava para uma direção e sua cabeça cheia de regras que não devem ser quebradas, para outra.

Enquanto estava nesse estado frenético, recebeu outra mensagem de seu Mestre Koot Hoomi. Ela estava na casa de soldados em Lucnau. “Era uma noite quente e não conseguia dormir:

Levantei-me e andei pelo meu quarto, e me senti completamente desolada. Saí para a espaçosa varanda, encoberta com buganvílias em flor (sic), mas não encontrei nada lá a não ser mosquitos. Voltei para meu quarto e parei diante da minha penteadeira por um minuto. De repente um amplo raio de luz entrou no meu quarto, e a voz do Mestre que chegou até mim quando eu tinha 15 anos falou comigo.... Ele me disse que as coisas haviam sido planejadas e a vida de trabalho que ele havia traçado antes para mim começaria, mas de uma forma que eu não reconheceria.” [31]

Nesse período, a Srta. Schofield havia voltado para a Índia. Fugindo da monção, Alice uniu-se a ela na longa jornada até Ranikhet em Uttarakhand, onde localizava-se um posto de colina, um hospital militar e um quartel-general do prestigioso regimento Kumaon, o regimento de infantaria mais condecorado no exército indiano. As moças viajaram para lá para abrir uma nova casa.

Com uma elevação de mais de 1.800 metros, Ranikhet também era usada pelo exército britânico como um posto de retiro durante o calor do verão, o que explica porque Walter Evans chegou com seu regimento na mesma época. Ele era discreto sobre suas afeições, mas quando ele, junto com alguns outros, se ofereceu para ajudar Alice a melhorar suas habilidades de equitação, qualquer esperança que ela tinha de que seu amor ficaria escondido da Srta. Schofield

frustrou-se.

Meses se passaram e ao final da monção, a Srta. Schofield instruiu Alice a cuidar do fechamento da casa e saiu antes dela. Essa decisão trouxe o ilícito caso de amor à mente. Walter Evans ainda estava no posto da colina, e Alice sozinha na casa. Talvez essa tenha sido a grande confiança que a Srta. Schofield depositou em sua jovem colega – deixou-a sozinha com sua consciência – o que fez com que Alice acabasse com o caso e cortasse todos os laços com Walter. Com todo o melodrama do exagero, ela se comprometeu “com uma vida de solteirona e tentou continuar com o trabalho”. [32]

A saúde de Alice se deteriorou dramaticamente. Suas enxaquecas ficaram severas e constantes. Ela ficou tão indisposta que a Srta. Schofield providenciou que voltasse para a Irlanda. Ela estava muito doente para protestar. “‘Cheguei ao ponto que não ligava mais se eu iria viver ou morrer.” [33]

Quando deixou Ranikhet, foi levada direto para Mumbai para a casa de passagem. Suas memórias dessa passagem revelam a que ponto chegou seu mal-estar. Alice Bailey se lembra de dormir por 17 horas seguidas enquanto aguardava para embarcar no navio, tanto que alarmou seus cuidadores, depois chorou durante todo o trajeto para casa, três semanas inteiras de lágrimas.

O que aconteceu quando finalmente passou um tempo com Elise Sandes foi tão inesperado, que Alice não conseguiu se prender a isso. Em vez de validação e aprovação pelo imenso sacrifício pessoal que fez, enfrentou uma Srta. Sandes muito desapontada e preocupada. Alice havia trabalhado intensamente indo muito além do que era esperado dela e, como resultado, as esperanças da Srta. Sandes de que ela iria trabalhar para as casas por mais muitos anos, estavam em perigo. Ela até quis nomear Alice uma administradora de seu trabalho.

Olhando para trás, uma espécie de colapso nervoso era inevitável, dada a psicologia de Alice Bailey. Ela carregava um firme medo de falhar e tinha um "profundo complexo de inferioridade", ambas qualidades levaram-na a se sobressair, trazendo-a à beira do fracasso que desesperadamente tentava evitar.

Alice também se deu conta de que havia desapontado a Srta. Sandes de outra maneira, e o "sacrifício galante" de seu amado Walter Evans havia sido desnecessário. A Srta. Sandes deixou claro de que Alice era livre para casar-se com ele, se desejasse. De um jeito ou de outro, arranjos poderiam ser feitos. "Ela me amava, me tratava bem e disse para não me preocupar. De qualquer maneira, eu estava muito cansada para ligar... estava abalada... me senti desiludida. Enfrentei um grande anticlímax... me senti uma tola, uma idiota." [34]

Repreendida e cheia de esperança renovada, embora cautelosa, Alice saiu às pressas para Edimburgo para discutir o assunto com sua tia Margaret, que estava lá naquela época. Alice ficou lá por apenas uma semana. Naqueles sete dias, recebeu propostas de casamento de outros dois homens, uma pelo correio, de um oficial do exército, e outra de um dos médicos que cuidou dela quando contraiu sarampo enquanto estava em uma das casas de soldados, "um homem muito charmoso e encantador", que a seguiu "o caminho todo, desde a Índia". [35] Alice não mencionou nenhuma das propostas para sua tia atenciosa e em vez disso, concentrou-se em explicar a ela seu dilema.

A resposta de sua tia se provou inadequada, então Alice foi em busca de conselho de sua "tia Alice", a líder das diaconisas da igreja da Escócia e irmã do sogro de Margaret Maxwell, Sir William Maxwell. "Eu a adorava por não haver limitação ou estupidez nela." [36]

A confissão dela pousou em ouvidos compreensíveis.

Walter Henry Evans (1880-1935) nasceu em Brotton, uma vila mineradora de minério de ferro, no condado de Redcar, Yorkshire, em uma família de classe baixa, sem empregados. [37] Ele estava para ser dispensado do exército. A tia Alice organizou para que ele viajasse aos Estados Unidos e fizesse um curso de teologia. Ele iria se tornar clérigo da igreja episcopal, tornando-o uma combinação aceitável para Alice aos olhos da família dela, e posicionando o casal longe o suficiente da atenção do padrão social dela, para o qual o casamento teria sido visto como um escândalo e submeteria a família à fofoca.

Igualmente apaixonado, Walter colaborou. Enquanto ele passava por seu treinamento, Alice voltou para a Índia. Ela primeiro foi a Umballa para o inverno, e então para Chakrata, ao pé do Himalaia, durante a monção. Ainda exausta, não demorou muito para que sua saúde tornasse a piorar, e por fim, ficou tão doente que foi incapaz de trabalhar. Somente com a ajuda de dois coronéis ela conseguiu voltar para Mumbai, e depois para a Inglaterra, trazendo um repentino e dramático fim a uma fase importante de sua vida.

Nos seis anos que Alice trabalhou para a Srta. Sandes, ela adquiriu habilidades essenciais para gerenciar e tocar projetos, tudo desde o gerenciamento de equipe até como lidar com a correspondência para manter a contabilidade. Ela acostumou-se a lidar com grandes públicos. Tudo isso ela usaria mais tarde na vida, e sem o qual não estaria equipada para fazer o trabalho esotérico que estava por vir. Uma mulher de paixão e energia, Alice Bailey nunca aprendeu naqueles colapsos a se acomodar com as fragilidades de sua constituição e desacelerar.

3

TEMPOS SOMBRIOS COMO SRA. EVANS

Nos seus primeiros 28 anos de vida, a Srta. Alice La Trobe Bateman não havia se movido além das fronteiras de sua classe social. Apesar de todo seu trabalho com muitos milhares de soldados no exército britânico, permaneceu diferenciada. Suas relações pessoais eram com vários homens da classe militar, com seus colaboradores e com senhoras de origem aristocrática, incluindo suas amigas íntimas Edith Arbuthnot-Holmes e Catherine Rowan-Hamilton, e a sucessora de Elise Sandes após 1934, Eva Maguire. [1] Foi uma existência estreita e protegida, apesar dos encontros diários com os soldados. Suas lições de vida eram pessoais, centradas em suas várias forças e fraquezas, particularmente sua saúde física. Ela aproveitou seu trabalho, viajou de um lado para outro pela Índia com passagem de primeira classe de trem, e não tinha preocupações financeiras. [2] Passou por uma crise de fé, mas como estava desligada da origem mais modesta de sua família materna, ainda teria que aceitar os valores centrais que formariam a base moral de sua visão de mundo: a humanidade comum, a ideia de um pertencimento compartilhado com uma única família humana, que significa que todos somos iguais e merecedores.

Alice convalesceu por seis meses na Casa Castramont. Quando não estava na cama ou caminhando pelos pequenos campos e florestas da propriedade, ela passava muito tempo no bordado. Suas buscas nada fizeram para curar o desejo tenaz de seu coração. Walter Evans manteve a chama acesa com suas cartas, que chegavam a cada poucos dias.

Quando ela ficou bem, sua solidária “tia Alice” arranjou as coisas e pagou para Walter voltar para a Escócia para que pudessem se casar. Ao contrário do ilustre casamento de seus pais na igreja Santa Margarida de Westminster, Alice Bailey

descreve seu casamento como uma cerimônia pequena, feita numa capela particular, na casa de uma amiga. O casamento deles foi celebrado pelo bispo de Ripon, o reverendo William Boyd Carpenter, e o irmão mais velho de seu pai, William, a entregou ao noivo. [3]

Todos, exceto o casal, podiam ver que havia uma incompatibilidade. Não era só a origem de Walter que despertou a apreensão dos La Trobe-Batemans, embora apenas isso já era chocante o suficiente; eles pareciam ver algo nele para o qual Alice era cega. Até mesmo os servos estavam preocupados. O velho cocheiro Potter, que levou os recém-casados para a estação, se levantou em seu coche, pegou a mão dela e disse: “Srta. Alice, não gosto dele e não gosto de dizer isso a você, mas se ele não a tratar direito — volte para nós.” [4]

Determinada a ignorar a desaprovação e seguir seu coração, Alice partiu para Cincinnati, cheia de otimismo com seu novo futuro.

O seminário teológico Lane localizava-se em Cincinnati, no bairro de Walnut Hills, a cerca de um quilômetro do rio Ohio e a nordeste do centro da cidade. Organizado com bases presbiterianas, o seminário foi estabelecido por volta de 1829 e recebeu seu nome em homenagem aos doadores Ebenezer e William Lane e era mais conhecido por uma controvérsia abolicionista em 1834, em que a diretoria da escola tentou proibir os alunos de apoiarem a abolição da escravidão. Como resultado, muitos estudantes saíram. [5]

O campus do seminário era grande e composto de muitos prédios impressionantes. O último foi demolido em 1956 para dar lugar a uma construção residencial. O que existe no local hoje é um pátio de automóveis O que resta é uma fileira de sobrados de madeira, na Seminary Place, uma rua estreita que passa por trás do antigo terreno do seminário. Foi tudo construído no final de 1800. Os Evans podem ter morado em qualquer uma daquelas casas, pegando um quarto no andar de cima. [6]

Alice chegou em Cincinnati numa época vibrante da história. Outrora uma cidade fronteira entre os estados escravistas do Sul e do Norte, em 1908 Cincinnati era uma agitação industrial e um centro cultural emergente, com a especialidade, graças à sua grande população alemã, em fabricar cervejas, gabando-se de possuir 36 cervejarias naquela época. [7] Não foi a cerveja ou os prédios que deixaram sua marca em Alice. Ela ficou impressionada com a atmosfera multicultural da cidade e com o racismo que permanecia e que ela confrontava entre as pessoas brancas que encontrava. Em sua autobiografia, é nas passagens referentes à sua época em Cincinnati que ela se esforça para enfatizar seus pontos de vista sobre raça, sua crença em igualdade de oportunidade e na necessidade por direitos civis. Ela diz que ficou alarmada com o racismo que encontrou na América. “Fiquei chocada, impressionada e assustada com a atitude de muitos americanos para com seus compatriotas, a minoria negra.” [8]

Essas palavras não se encaixam confortavelmente com as passagens sobre os assuntos sobre raça encontrados em outras partes de seus escritos. A inclusão do comentário sobre raça e racismo em sua autobiografia é um movimento defensivo designado a exonerá-la de tais acusações.

A teosofia há muito é acusada de racismo. De Trevor Ravenscroft, The Spear of Destiny: The Occult Power Behind the Spear which pierced the side of Christ (A lança do destino: o poder oculto por trás da lança que perfurou o lado de Cristo, em tradução livre) – lançado em 1973 e conhecido por seu pouco conhecimento – afirma que o esquema racial de Blavatsky deu a justificativa aos nazistas para exterminarem os judeus. [9] Conhecimento duvidoso ou não, Ravenscroft expressa um conceito popular errôneo e profundamente arraigado das raízes raciais.

Na teosofia, a evolução ocorre em amplos esquemas influenciados pelos grandes ciclos de constante renovação encontrados no hinduísmo. Nas palavras de Alice Bailey, nesses amplos esquemas, “raça após raça de seres humanos apareceram e desapareceram de nosso planeta, e cada civilização e cultura viu a humanidade

dar um passo um pouco adiante para o caminho do retorno”. [10] Há sete raças-raízes ao todo: A primeira é conhecida como Polar, a segunda dos Hiperbóreos e a terceira dos Lêmures. A quarta, a raça-raiz dos Atlantes, começou há mais de 4 bilhões de anos atrás, na África. Atualmente, a humanidade como um todo é considerada a quinta raça-raiz ou a raça-raiz ariana, que se diz ter emergido da raça-raiz Atlante a cerca de 100 mil anos atrás, na Atlântida.

Para alguns, quando Blavatsky usou palavra “ariana”, não foi para se referir a uma raça real de pessoas, mas sim a uma noção macrocósmica, denotando um certo estágio na evolução da consciência com o termo “raça” referindo-se apenas ao “estado do pensamento”. [11] Mas não dá para escapar do sabor pró-indo-europeu da palavra, que a tornou vulnerável ao abuso pelos nazistas e esotéricos de direita. [12]

Qualquer ideia pode ser deturpada para satisfazer as intenções de outro grupo. É uma falácia, uma lógica retrógrada e inerente ao presentismo de argumentar que, uma vez que a ideia de raça ariana de Blavatsky foi adotada pelos nazistas, a ideia original por si mesma tem que ser racista. As ideias teosóficas podem ser difíceis de analisar; elas precisam ser consideradas dentro do argumento geral, compreendidas de uma perspectiva esotérica e situadas no contexto das épocas nas quais foram escritas. O presentismo e os antagonistas de extrema direita de então e agora, fariam bem em notar isso.

Entretanto, quando Blavatsky assegura que os indígenas australianos, os “australóides”, junto com vários povos africanos e outros mais são descendentes da raça-raiz semianimal Lêmure, a metáfora ou argumento de “estado do pensamento” é enfraquecida, e fica difícil para os teosofistas defenderem as alegações de racismo. [13] Embora esta seja uma simplificação grosseira e para os teosofistas, as raças-raízes são uma expressão da evolução física e um estado do pensamento, que formam uma única parte numa elaborada macrocosmologia. Cada raça-raiz engloba outras sete sub-raças, acrescentando ainda mais complexidade. Somos a quinta sub-raça da quinta raça-raiz, conhecida como Teutônica. A sexta sub-raça está fundamentalmente entrando em encarnação no

século XXI, e será conhecida por ter glândulas pineais muito desenvolvidas, dando grandes habilidades psíquicas e uma capacidade desenvolvida para o conhecimento intuitivo ou percepção holística. [14] Deixando as questões raciais de lado, o esquema de raça-raiz é um dos avanços da evolução da consciência. O desafio maior em todos esses modelos é evitar a tendência de criar hierarquias de superioridade.

As alegações de racismo movem-se um passo além das raças-raízes nos ensinamentos de Bailey. Em Problemas da Humanidade, uma coleção de panfletos que Alice Bailey compôs sob seu próprio nome durante a Segunda Guerra Mundial, entre outubro de 1944 e dezembro de 1946, há um intitulado "O problema das minorias raciais". Nesse panfleto, Alice Bailey se esforça para explicar o problema dos "negros" do ponto de vista da evolução humana e da tendência da personalidade de se separar dos outros. Adotando a ideia de evolução humana de Blavatsky, Alice Bailey garante que aquelas nações que avançaram na indústria, tecnologia e complexidade do modo social, cultural e econômico, são exemplos de progresso evolucionário ao passo que nações que contam predominantemente com práticas tradicionais, em vigor, marcaram uma época evolucionária. Consequentemente, ela descreve os africanos como tribais, primitivos, guerreiros e constantemente lutando entre eles mesmos. [15] Essas observações eram feitas por muitos de sua classe social na época. Seria outros 30 anos antes dessa atitude, nascida do império, que começaria a dar caminho para o pensamento progressivo evidente nos círculos acadêmicos em novas disciplinas, como Estudos de Desenvolvimento. Em seu crédito, Alice Bailey também vê entre os sistemas de crenças africanas um "misticismo fundamental e puro... e uma compreensão esotérica que pode algum dia tornar a África o trono da mais pura forma de ensino e de vida ocultista". [16] O comentário não tranquilizaria aqueles determinados a condená-la por suas opiniões.

Alice Bailey é uma espécie de paradoxo. Ela defendeu, talvez tacitamente, talvez não, os valores centrais e as atitudes de sua classe e ao mesmo tempo, propôs ideias progressivas que enfraqueciam aqueles valores e atitudes se fossem realizadas. No mesmo panfleto, ela reconhece as complexidades envolvidas em lidar com questões de discriminação racial e a necessidade de uma frieza na parte de todos os envolvidos em abordar a questão. Ela fala da necessidade de

autonomia e independência e da necessidade de acabar com a discriminação. Fala ainda do fim das divisões e da promoção de um espírito de boa vontade. O tom que usa é algumas vezes inevitavelmente superior, ainda que a trajetória de seus argumentos seja a boa vontade. Ela busca persuadir seus leitores a se tornarem solucionadores de problemas, mediadores, negociadores e pacificadores, não adversários. Ela vem de um lugar de amor, não de ódio.

Não havia paz para Alice em Cincinnati, mas havia boa vontade. Sua primeira amizade na América foi com a Sra. Snyder, uma afro-americana que comandava uma pensão onde os Evans ficaram. A Sra. Snyder sem dúvidas viu em Alice uma inglesa vulnerável, um tanto quanto delicada e culta, e ela a aceitou imediatamente, rapidamente tornando-se uma forte aliada de Alice.

Alice precisava dela.

As dificuldades no casamento logo surgiram e foram comprovadas no campo de batalha das dificuldades financeiras. Alice usou a sua pequena renda do patrimônio da família para pagar todas as despesas semanais deles na América. Walter recebia um pequeno estipêndio do seminário e pelo que parece, ele desperdiçava. Rapidamente ficou claro que o casal não tinha nada em comum além de seus pontos de vista religiosos, e isso só aconteceu porque foi ela quem o converteu. O entusiasmo natural dela e a motivação também devem ter sido desafiadores para o ego de Walter. Não contente com o papel tradicional de esposa, ela aproveitou a oportunidade de seguir seu próprio interesse em teologia. “Comecei imediatamente e fiz vários dos seus cursos com ele.” [17] Sua participação certamente teria ameaçado o orgulho intelectual dele, mas isso não justifica a maneira que ele escolheu responder. Um homem aparentemente habilidoso física, espiritual e mentalmente, ele reagia com a forma mais vil de afirmação masculina: a violência.

A princípio, seu temperamento explodiu com broncas. Felizmente para Alice, a Sra. Snyder arranjou para ela certa proteção. A Sra. Snyder detestava Walter

Evans e “tinha prazer em dizer isso a ele”. [18] Quando Alice ficou grávida, foi a Sra. Snyder que cuidou dela. Ela até mesmo marcou com seu próprio médico para fazer o parto, quando Dorothy Margaret Matilda Evans chegou ao mundo em 24 de fevereiro de 1910. [19]

A amizade entre Alice e a Sra. Snyder durou pouco tempo. Poucos meses depois do nascimento de Dorothy, a jovem família se mudou para um pequeno apartamento. Foi ali que Alice experimentou pela primeira vez o cuidado de crianças e de tarefas domésticas. Ela tinha um bebê pequeno e nunca havia feito uma tarefa doméstica na vida. Apesar de todos aqueles anos nas casas dos soldados, ela não sabia como cozinhar um ovo ou até mesmo preparar uma xícara de chá. Lavar a roupa da semana era seu “Waterloo”. Ela não tinha ideia de como lavar roupas delicadas, e conseguiu destruir todas as roupas de bebê que havia trazido consigo da Grã-Bretanha. Depois de presenciar as fracas tentativas de Alice, a Sra. Schubert, uma empregada inglesa do apartamento abaixo, ofereceu ajuda dizendo: “não aguento mais isso... vou lhe ensinar como lavar roupas.” [20] E ensinou.

Em sua autobiografia, Alice Bailey foca nesses atos básicos de gentileza que encontrou de estranhos enquanto seu casamento desastroso durou. Em suas ilustrações, ela demonstra sua convicção ao longo da vida de que a boa vontade básica é a salvação da humanidade. Em grande parte, minimiza os horrores que vivia e foca em seu próprio questionamento e crescimento interno. Adotar essa postura é vital para o caminho da alma: transcender, perdoar e esquecer. Mas a violência de Walter Evans era tão cruel, que da perspectiva de Alice Bailey, a mulher e figura histórica, vale a pena fazer uma pausa para refletir mais sobre o que ela passou e as ramificações subsequentes que devem ter influenciado suas escolhas e decisões na vida futura.

O abuso doméstico que Alice enfrentou aconteceu numa época da história quando havia pouca consciência dos efeitos prejudiciais da violência familiar nas vítimas, e não havia provisão na sociedade para esposas agredidas. A expressão “varrer para debaixo do tapete” é a que melhor descreve a resposta de muitas

mulheres que se encontravam na situação de Alice, e as vítimas comumente experimentavam enorme vergonha, associada com os berros e as surras. As famílias fingiam-se de cegas, e vizinhos, mesmo talvez preocupados, geralmente se retiravam do envolvimento com medo das repercussões. No início do século XX, o homem era o chefe do lar e a mulher devia saber seu lugar. A polícia intervinha, mas as prisões eram raras e as cortes geralmente não estavam interessadas na violência que ocorria na esfera privada. [21]

Na privacidade do apartamento deles, Walter frequentemente liberava sua fúria. Por trás de suas agressões verbais estava a ameaça de ataques físicos. Apavorada, Alice corria e se refugiava no pequeno apartamento da Sra. Schubert.

Uma trégua veio quando, ao deixar Walter concluir seu treinamento e se ordenar, Alice levou Dorothy para a Grã-Bretanha para visitar a família. Não foi uma época feliz. Durante sua estada e, presumivelmente por que foram em 22 de julho de 1911, Lydia se casou com seu primo Lawrence Parsons na Igreja de Todos os Santos em Ascot, Windsor, Berkshire. [22] Ver sua irmã mais nova se casar dentro de sua posição deve ter exacerbado a angústia de Alice, mas ela não revelaria isso, não para sua irmã ou para a mãe de Lawrence, tia Agnes, ou até mesmo para sua tia favorita, Margaret Maxwell. Ela simplesmente não conseguia falar sobre o temperamento terrível de seu marido. “Meu orgulho não me deixava, mas certamente eles imaginavam, ainda que não fizessem perguntas.” [23]

Por motivos casuais, ela não voltaria para a Grã-Bretanha por outros 20 anos, e passou duas décadas sem o benefício, ou mesmo julgamento, de sua extensa família. Indicando suas condições diminuídas, ela viajou de volta a Boston com uma passagem turística de Cook, em “um barco pequeno e sujo, com quatro pessoas em uma cabine e refeições servidas em mesas longas, onde os homens mantinham seus chapéus nas cabeças”. [24]

Quando chegou em Nova Iorque, sentiu-se “cansada, mal, infeliz e com saudades de casa”. Ela foi ao hotel Gotham na Quinta Avenida para almoçar e sentou-se no lounge “sentindo-se muito triste e deprimida”. Para se manter ocupada, pegou uma revista. Ela abriu aleatoriamente e lá, para sua surpresa, estava o retrato de sua avó Anne Fairbairn, seu avô John Frederic La Trobe-Bateman e seu bisavô, Sir William Fairbairn, todos olhando para ela. Estava tão exausta que chorou. [25] Deve ter sido um momento penoso de percepção que, através de seu casamento, ela havia criado uma grande distância de sua família. Era algo que nunca foi resolvido. Em suas duas décadas de ausência da Grã-Bretanha, perdeu sua tia Dora em 1899, sua tia Agnes e seu tio Clere em 1923, e sua muito amada Margaret Maxwell, também em 1923.

Enquanto ela estava na Grã-Bretanha, Walter Evans foi enviado para trabalhar como reitor com o bispo de San Joaquin em Reedley, na Califórnia. Cansada e deprimida, Alice fez seu caminho pela América de trem, com uma Dorothy inquieta em seu colo, e chegou numa cidade – sem nome em sua autobiografia – contendo na época uma população de cerca de 1.500 pessoas. Em 1910, Reedley tinha “lojas com fachadas falsas, postos de carona onde carruagens e carroças eram amarradas (pois os automóveis ainda eram uma escassez) e o correio da vila, de onde vinham todas as fofocas e conversas.” [26]

A Sra. Alice Evans claramente não estava impressionada.

Fotos de Reedley datando daquela época transmitem uma impressão diferente, uma pequena cidade próspera com um punhado de casas grandes para os residentes mais ricos. Uma grande colônia menonita alemã havia construído em 1906 uma bela igreja lá, para lutar com a igualmente boa igreja católica, e as igrejas batista e Irmãos Unidos também eram grandiosas. Não era assim com a igreja Metodista-Episcopal, para onde Walter tinha sido enviado, um ambiente bastante simples, coberto com um telhado de estrutura em A simples, parecendo uma prefeitura. Ao lado, ficava a reitoria onde presumivelmente, os Evans viveram. [27] Não é de se admirar que Alice se sentiu desmoralizada.

Foi lá que Alice aprendeu a ser a esposa do clérigo. Ela teve competir com o "aspecto estritamente feminino das congregações". "Eu tinha que fazer reuniões com as mães e tinha que ir à igreja sempre e, incessante e interminavelmente, tinha que ouvir os sermões de Walter." [28]

Ela não encontrou satisfação em nada disso. A cidade de Reedley pode ter sido moradia de Deus, com suas 11 igrejas de várias denominações – embora com congregações minúsculas, de acordo com Alice Bailey – mas entre todos aqueles adoradores, Alice sentiu-se "completamente isolada cultural, mental e espiritualmente". Seus únicos amigos na época eram o bispo e sua esposa, Ellison. As preocupações dos locais eram com seus filhos e com suas colheitas. "Por meses empurrei meu narizinho esnobe para cima e decidi que não havia ninguém bom o suficiente para eu me associar." [29] Alice não sabia então, que entre os habitantes locais – comerciantes, ferroviários, catadores de frutas e professores – havia uma corrente de boa vizinhança.

Uma experiência positiva de Alice foi a escola Bíblica, que logo excedeu em número a congregação do domingo pela manhã de seu marido, uma questão que Walter não deve ter gostado. Através disso, o erro que o casal fez em se escolherem tornou-se nitidamente aparente. Alice não se encaixava no estereótipo da esposa contente e devota, com um papel de apoio na vida de seu marido. Ela nunca teve um apetite pelas obrigações ou atividades femininas, exceto o bordado. Ela era uma empreendedora, uma mulher valente o suficiente para partir para a Índia sozinha, capaz de dirigir casas de soldados, fervorosa e inteligente, educada o suficiente para ser uma pregadora da sua própria verdade. Havia uma missão dentro dela, rudimentar, mas sentida afetuosamente, que quase não podia conter. Era uma mulher com cerca de 30 anos, obstinada e dominante, ainda que não de maneira autoritária, e com idade suficiente para conhecer sua própria mente. Ela saberia nessa altura que havia caído em desgraça com o obsessivo amor romântico e que seu próprio desejo, teimosa como era, havia se trancado em Walter com toda a tenacidade do desespero. Talvez ela tenha se prendido a ele durante sua convalescência porque bem no fundo, não conseguiria tolerar a perda do amor dele, algo que teria se misturado às perdas prematuras de seus pais e avós. Talvez estivesse cega, apesar de todos os seus recursos de beleza e educação cultural, por uma baixa autoestima,

resultado de uma infância vivida à sombra de sua irmã mais nova. Talvez estivesse seguindo os passos de seu pai, ao se casar com alguém de nível inferior ao dela.

Walter havia se casado muito acima de sua posição. Sendo bonito, inteligente e "talentoso espiritualmente", ele tinha muito para provar. Sua esposa poderia ter sido em particular para ele, uma amarga decepção. Ela não era o troféu que ele esperava. Alice estava presa. Walter também estava preso. Presos num casamento infeliz, em uma parceria incompatível, mas a forma que ele continuou escolhendo responder à situação era abominável.

Em particular, Alice sofria um terror duplo. Terror do temperamento de seu marido e o "terror constante de que membros da congregação descobrissem isso, e de que ele pudesse perder seu posto". [30] Ela relutava em enfrentar a humilhação e a destituição que poderia ter implicado. Em seu próprio relato, Alice Bailey é cuidadosa em elogiar os atributos de Walter. "Como clérigo, ele era muito querido e uma figura impressionante em sua sobrepeliz e estola. Ele era muito bom pregador." [31] Ela não se culpa diretamente, apesar de reconhecer que em sua estratégia de enfrentar a situação, "tentou a paciência" como chama, o que pode tê-lo irritado. "Nada, entretanto, que eu fizesse o agradava e depois de destruir todas as fotografias e livros que ele pensava que eu pudesse dar valor, começou a me bater." [32] Era um padrão típico de intensificação.

Ele nunca machucou Dorothy diretamente e Alice Bailey afirma que ele era "sempre amável com as crianças", mas como agora sabe-se bem, as crianças que vivem em um campo de batalhas doméstico, onde sua mãe é espancada e fica toda roxa, não tendem a sair disso sem danos. Talvez seja por isso que Dorothy nunca teve filhos.

Muitas das vezes que Alice enfrentou as surras, estava grávida. Sua segunda filha, Mildred Kathleen, nasceu em 3 de agosto de 1912. [33] Foi um parto difícil, "Mildred já estava atrasada dez dias; a temperatura era de 45 ºC na minha

varanda; as 12 crianças do vizinho eram terrivelmente barulhentas; eu havia ficado doente por dias e então a fossa caiu.” [34] Dorothy tinha apenas dois anos e meio na época, e Alice preocupava-se que ela pudesse cair lá. Walter havia sumido “nas suas obrigações paroquiais” e o médico estava atrasado para chegar. Alice só tinha uma enfermeira participando, que ficava cada vez mais assustada. O que Alice soube a seguir foi que a esposa do dono do salão entrou e assumiu o comando. Ela rodeou o médico, enfiou Dorothy debaixo de seu braço e sumiu. Alice ficou sem ver Dorothy novamente por dois dias.

Mildred foi um “bebê instrumentado” e como resultado, Alice sofreu duas hemorragias. Ela quase morreu. Notícias de sua situação ruim rapidamente se espalharam e a comunidade se reuniu. “Jorraram sobremesas, tortas, vinho do porto e frutas frescas.” As mulheres se revezavam para limpar a casa, lavar a roupa, costurar e emendar. Elas dispensaram a enfermeira e tomaram conta de todas as necessidades de Alice por vários dias. A gentileza pousou em sua mente como uma revelação. “De repente acordei para o fato de que o mundo estava cheio de pessoas adoráveis, e que estive cega toda minha vida.” [35]

Dez dias depois, sem nenhuma outra ajuda, ela estava de pé lavando a roupa. A esposa do curador da igreja a descobriu e “procurou Walter Evans e leu para ele o ato de tumulto”. Depois disso, o povo ficou desconfiado e vigilante. Nessa altura, “o temperamento dele estava adquirindo proporções sérias”. Alice sentiu que sua vida corria perigo. Contudo, ela não conseguia encontrar explicação para o comportamento sem lógica dele. Ele não tinha vícios. Não bebia, não jogava e nem mesmo falava palavrão. Conforme a violência piorava, ficou “impossível de se viver com ele e por fim, tornou-se perigoso estar na mesma casa que ele”. [36]

Numa ocasião, a esposa do curador da igreja descobriu que o rosto de Alice estava muito machucado. Ela se sentia tão deplorável por revelar que ele jogou meio quilo de queijo nela, e a acertou bem no rosto. A esposa do curador da igreja imediatamente contatou o bispo, cuja solução foi mudar Walter Evans e sua família para Fowler.

Alice ficou feliz com a mudança. Ela estava em uma comunidade maior, mais perto de sua grande amiga e esposa do bispo, Ellison Sanford. A saúde dela começou a melhorar e ela ganhou força.

Em 1913, Alice engravidou de novo e, no outono daquele ano, quase no final da gestação, sua saúde piorou novamente. E o temperamento de Walter piorou junto. Um dia, num ataque selvagem de raiva, ele arremessou sua esposa grávida pelas escadas.

Ellison nasceu em 24 de janeiro de 1914, com vazamento numa válvula cardíaca. [37] Alice Bailey atribui o defeito ao trauma que Ellison sofreu antes dela nascer.

Depois do nascimento de Ellison, a violência continuou. A gritaria e pancadaria devem ter sido intensas porque toda a comunidade sabia. Novamente, as pessoas se reuniram. Uma moça “muito simpática” ofereceu para mudar-se para lá como hóspede pagante, para que Alice tivesse alguém em casa. A moça logo ficou com medo de estar lá, mas ela não saiu. Um grupo de fazendeiros fazia turnos para arar o campo próximo à reitoria todos os dias, para que Alice tivesses “alguém a quem chamar”. As mulheres da central telefônica ligavam em intervalos para a reitoria, para verificar se ela estava bem. O médico que cuidou do nascimento de Ellison fez Alice prometer “esconder a faca de trinchar e o machado todas as noites” debaixo do colchão. As pessoas começaram até a questionar a sanidade de Walter. Somado aos machucados e ao constante campo de batalha que era sua vida doméstica, Alice achou toda a experiência profundamente humilhante e seu orgulho estava “profundamente ferido”. [38]

A sanidade de Walter era questionada e um dia, Alice e as meninas foram convidadas a passar o dia com uma amiga e enquanto estavam fora, Walter foi enviado a São Francisco para uma avaliação psiquiátrica completa. Nenhuma evidência de doença mental foi encontrada. Em vez disso, ele foi diagnosticado com um temperamento descontrolado. Embora tivesse outras falhas como uma certa irresponsabilidade manifesta na incapacidade de gerenciar o dinheiro. “Ele

saía de casa para pagar a conta do mês no mercado e voltava com um gramofone.” [39]

As tribulações de Alice não acabaram. Enquanto Walter estava fora, Ellison ficou doente com cólera infantil. Alice foi aconselhada a levá-la ao Hospital Infantil de São Francisco, enquanto sua amiga Ellison Sanford cuidava de Dorothy e Mildred. O prognóstico não era bom. Alice foi enviada de volta para casa e disseram-lhe parra cuidar de suas outras duas filhas. Ela não esperava ver Ellison novamente.

Milagrosamente, Ellison sobreviveu. Ela recebeu alta ao mesmo tempo que Walter foi “dispensado da observação, com um atestado de boa saúde”. [40] Eles voltaram para casa juntos.

Sua volta para casa pode marcado um momento decisivo, e de certa maneira marcou, pois Alice foi repentinamente forçada pelas circunstâncias a se levantar e assumir o comando de seu marido. A estarrecedora violência de Walter o deixou desempregado dentro da igreja e eles foram forçados a viver com a pequena renda dela que, devido à Primeira Guerra Mundial, começou a chegar intermitentemente, quando chegava, e a uma taxa muito menor.

Alice Bailey menciona que se não fosse a generosidade do verdureiro judeu, o sr. Jacob Weinberg, que ignorou o débito crescente dela – um débito que Alice finalmente pagaria por completo – e que até fez aparecer algum dinheiro no pedido da mercearia, eles teriam passado necessidade.

Alice Bailey aproveita a oportunidade dessa pequena ilustração e não mede esforços para esclarecer sua atitude em relação ao povo judeu, usando quatro páginas de digressão em sua autobiografia para explicar seus pontos de vista. Ela começa afirmando que nunca se deparou com qualquer atitude antissemita na

Grã-Bretanha e acreditava não haver nenhum sentimento desse por lá, assunto que muitos contestam. Nem havia qualquer sentimento antijudaico em seu coração, pelo menos nenhum que ela pudesse ver. Três de seus associados mais próximos e leais, Roberto Assagioli, Regina Keller e Victor Fox, eram judeus. Ela afirma que estava "oficialmente na 'lista negra' de Hitler por defender os judeus, enquanto palestrava por toda a Europa ocidental". [41] Contudo, o que ela descreve como "o problema judaico" continua sendo o aspecto controverso de sua obra.

Em sua representação da comunidade judaica, ela salienta o estereótipo ao fazer comentários generalizados sobre costumes judeus – "pendurar roupas nas janelas" e "sentar em grupos nas calçadas" – que ela destaca na antiga história deles da "habitação em barracas". [42] Ela também admite a milenar história de perseguição. Em seu crédito, ela faz um esforço para elevar o povo judeu de sua perspectiva evolucionária macrocósmica, descrevendo-os como membros de uma raça-raiz muito antiga e altamente desenvolvida.

Para Alice Bailey, os judeus eram um grupo único, com um papel muito especial para desempenhar na evolução da humanidade e do planeta. Em sua linguagem esotérica, o povo judeu representa o chacra do plexo solar do Logos planetário, e a resolução do problema judaico causará uma "grande transmutação". [43] Ainda que ela afirme também que parte do problema do povo judeu é a incapacidade de assimilarem e sua grande demanda para que "gentios e cristãos façam todas as concessões". [44]

Em outras partes de seus comentários, quando escritos durante a construção da fundação de Israel, ela critica as atitudes sionistas e suas reinvindicações de direitos especiais. Para Alice Bailey, qualquer ato ou regra que separa um grupo de outro é maligno, e onde quer que ela visse tais atitudes, chamava a atenção para elas. Não há dúvidas de que os pensamentos dela teriam aborrecido muitos da comunidade judaica da época, como de agora.

Quando ela escreveu suas opiniões, o povo judeu havia se tornado uma preocupação maior para muitos intelectuais e comentaristas. Animosidades para com os judeus cresciam depois do Tratado de Versailles (1919) forçar a Polônia a proteger sua própria minoria judaica, enquanto não foi exigido de nenhuma outra nação uma atitude similar. Logo o antissemitismo acelerou o ritmo na Áustria, com chamadas para expulsar os judeus de Viena. A discriminação permaneceu predominante por décadas, continuando depois do final da Segunda Guerra Mundial, com massacres acontecendo regularmente na Polônia. A ascensão dos movimentos de protesto sionistas e nacionalistas dificilmente foi surpreendente à luz de tão recente, sistemática e hedionda perseguição.

Novamente, o presentismo não fará nada a não ser condenar os pontos de vista de Alice Bailey. Alguma empatia histórica é exigida, com uma boa noção dos contextos históricos e esotéricos de seus comentários. Em sua defesa, ela escrevia para um público específico e seu argumento era direto. Em seus escritos cita numerosas manifestações exteriores de forças de separação, incluindo aquelas que operavam dentro e através do povo judeu, que acreditava estarem ativamente enfraquecendo o progresso para a unidade espiritual e a humanidade comum. Em sua visão de mundo, a ideia de unidade-na-diversidade só funciona se os diversos elementos cooperarem uns com os outros. Qualquer motivo egoísta de qualquer grupo, seja cristão, judeu, de uma nação, estado, grupo político ou individual, vai criar divisões, polarizar pensamentos e inflamar emoções. A retidão política desde então exigiu que pensadores e escritores cuidem de como expressam tais ideias, tornando alguns tópicos quase que completamente proibidos.

Alice Bailey estava bem ciente da natureza contenciosa de suas declarações, razão pela qual ela se esforçou muito em sua autobiografia para elogiar as contribuições judaicas para a história, citando seus amigos judeus e afirmando: “não importa a raça ou a nação, basicamente somos todos semelhantes”. [45]

Talvez no esforço de esclarecer e defender seus pontos de vista, ela tenha se amarrado com alguns nós que às vezes não dá para escapar, e estava propensa a

frases infelizes. Seus seguidores e colaboradores se esforçaram para entender o significado por trás das palavras, para não interpretar o valor de face ou por literalmente verdadeiro. Ciente do dano potencial que seus escritos sobre os judeus poderiam causar, hoje o cerne da sua organização Fundação Lucis se esforça para explicar a situação em seu website, reconhecendo que a questão permanece sem solução:

Nós enfatizaríamos a declaração do Tibetano: “pelo povo judeu em todo o mundo, o sentimento... sendo reunido...” sugere que o sentimento natural de todos os seres humanos, não só daqueles atualmente encarnados em corpos judeus, está sendo estimulado através da reação deles aos problemas centrados na situação dos judeus. Todos nós contribuímos para a criação desse problema ao longo dos milênios, e cabe a todas as pessoas de boa vontade resolvê-lo por meio de pensamentos corretos, de atitudes amorosas e de uma identificação inabalável com o fato de uma humanidade única. [46]

O problema para a fundação não é que os oponentes usem tais palavras para difamar Alice Bailey, mas que partes de seus ensinamentos sejam desagradáveis para aqueles que possam de outra forma serem solidários às suas ideias. Dado que tais opiniões não constituem o cerne dos ensinamentos de Alice Bailey, mas que servem como exemplos do que ela percebeu de errado com toda a humanidade, o leitor é convidado a manter uma mente aberta.

De volta à Califórnia, enfrentando as contas que se acumulavam e sem meios para pagá-las, Alice teve pouca escolha senão dar um ultimato em Walter. Depois de uma longa conversa com o bispo Sanford, ela disse ao seu marido cruel que se ele parasse o abuso físico e provasse ser um novo homem, ela então poderia reportar seu comportamento melhorado no devido tempo, e ele receberia um outro cargo. Se ele não parasse de bater nela, então ela teria muitos motivos e evidências para o divórcio e a carreira dele como clérigo estaria acabada.

De certo modo, o ultimato dela funcionou. Devidamente censurado e

sucumbindo ao seu próprio senso de orgulho, Walter respondeu controlando-se e ao invés de bater nela, “ele ficava emburrado e não falava por dias a fio”. [47] Em uma típica maneira passiva-agressiva, ele também se tornou ocioso, deixando-a com todo o trabalho.

Eles não podiam mais permanecer na reitoria e, segundo sua quase miséria, mudaram-se para uma cabana no interior de uma floresta de pinheiros em Pacific Grove.

Uma cidade costeira ao sul de São Francisco, Pacific Grove foi fundada em 1875 e era famosa por suas históricas casas vitorianas. Rica em beleza natural, a cidade se tornou um paraíso de artistas e por volta da época que Alice estava lá, os locais haviam atraído muitos artistas notáveis, incluindo Charles B. Judson e Eugen Neuhaus. Mais tarde o autor John Steinbeck, filho do tesoureiro do condado de Monterey, viveu lá no chalé de seu pai onde sua inspiração culminou na obra “A rua das ilusões perdidas”.

Foi nos quarteirões desse ambiente salubre que Alice começou a criar galinhas. Ela mantinha várias centenas delas e conseguiu alimentar a família com a venda dos ovos.

Os tempos eram difíceis, e Walter continuava amuado. “Eu costumava sair pelas matas ao redor com um carrinho de mão, as crianças trotando atrás de mim, e juntava lenha para a fogueira.” [48] A vida era “enfadonha” e ela ficou enormemente insatisfeita. “Senti que eu não servia para ninguém.” Sua consciência fundamentalista “morbidamente condicionada”, desempenhou o papel de crítica interna e continuou dizendo que ela estava “pagando a pena” por ter “dúvidas questionadoras”. E que se ela mantivesse sua fé, “não estaria nessa situação”. [49]

Cerca de seis meses depois, Alice viu o bispo e disse a ele que Walter “estava se comportando”. Como resposta, e depois de algumas buscas por um cargo compatível, o bispo o enviou para uma vila mineradora em Montana. O casal foi separado. Parte do salário dele era enviado para ela cuidar das crianças. “Isso foi em 1915 e foi a última vez que vi Walter Evans.” Previsivelmente, ela recebia pouco dele a não ser pelas cartas abusivas, “cheias de ameaças e insinuações”. [50]

Depois que ele partiu, Alice se mudou para um chalé de três quartos, em Pacific Grove (endereço desconhecido). Aos 35 anos de idade, quando a Primeira Guerra Mundial estava em pleno andamento, tornou-se mãe solteira empobrecida. Ellison tinha um ano, Mildred três e Dorothy cinco. A pouca renda de Alice que vinha da Grã-Bretanha chegava irregularmente. Nenhuma de suas amigas estava em condições de ajudar, e ela “não acredita em gritar, chorar e lamentar para os amigos”. [51] Ela também se recusava a buscar ajuda de seus parentes. Adotando a atitude predominante da época, decidiu que havia feito sua cama e devia deitar-se nela. Além disso, a humilhação de admitir para a sua família de que estavam certos sobre Walter o tempo todo, e que ela havia cometido o péssimo erro de desistir de sua vida por ele, traria uma sensação de derrota. Foi uma resposta típica de uma sobrevivente de violência familiar da época, como é agora. Mais ou menos naquela época, ela começou a receber “cartas prestativas e compreensivas” de seu tio Clere – o sogro de sua irmã Lydia – cartas que mostravam para Alice que ela não havia sido esquecida. Em sua autobiografia, ela está convencida de que sua irmã não sabia nada sobre a “relação amigável e feliz” que existia entre ela e seu tio. [52] Foi, pelo menos na cabeça de Alice, uma afeição secreta e que deveria ser mantida.

Uma sobrevivente estoica, Alice se apoiou na convicção de que Deus ajuda aqueles que se ajudam. O problema era que ela não tinha habilidades, a não ser bordar, para o qual não havia demanda naquela época de guerra e escassez. Para agravar uma situação já muito ruim, sua contínua crise espiritual não a deixava. Sua busca por respostas sobre em que verdades espirituais se podia acreditar, uma busca que começou na sua adolescência e atingiu o ponto máximo em Quetta, com sua fracassada palestra sobre o inferno, não pôde ser encontrada nos textos teológicos. “Os teólogos nunca pareciam enfrentar as questões básicas; eles recorriam à declaração trivial ‘Deus disse.’” [53] Ela começou a questionar a

veracidade da Bíblia em sua íntegra, decidindo que, uma vez que o livro sagrado passou por várias traduções e consequentemente interpretações, todas elas provavelmente não confiáveis, toda a obra poderia ser considerada duvidosa. Sua dúvida persistente “por que Deus fala somente com os judeus?” não podia ser respondida pelas Escrituras, ainda que ela não conhecesse nada sobre os ensinamentos de outras religiões. O golpe final veio quando descobriu que o símbolo da cruz, aquela metáfora quintessencial do sofrimento e sacrifício humano, de Jesus Cristo e de tudo que ele defendeu, seu uso precedia muito antes do cristianismo. “Eu estava, portanto, completamente desiludida com a vida, com a religião e sua apresentação ortodoxa e com as pessoas, particularmente com meu próprio marido, que eu havia idealizado.” [54]

Ninguém precisava dela a não ser suas três filhas pequenas, e ela estava acostumada a ser requisitada por “centenas e milhares”. Ela se sentiu “completamente inútil” e “sabia o significado do desespero total”. Na verdade, as necessidades de suas filhas a faziam seguir adiante. Ela podia estar “cansada de lavar fraldas e preparar pão com manteiga”, mas esconder-se naquelas tarefas rotineiras era a sua força. Ainda que sua frustração fosse intensa. Ela era, afinal, uma mulher inteligente, apaixonada e com um forte senso de propósito.

Um dia saiu para o bosque e implorou a Deus para libertá-la para uma vida mais útil. Ela achava que pudesse ter uma visão, ouvir uma voz, algo, qualquer coisa para dar-lhe um senso de propósito, uma direção e uma esperança, mas ficou “absolutamente sem resposta”. Deus a havia abandonado. Cristo parecia “muito distante. Me senti abandonada por Deus e pelo homem.” [55]

Ela estava perdida num deserto metafórico e literal, de intensa adversidade e insegurança financeira, mas não lastimou. Em vez disso, com uma resolução extraordinária, foi ao centro da cidade, na única indústria do distrito e “ao invés de deixar suas filhas morrerem de forme”, se candidatou a um emprego como operária numa das fábricas de enlatar sardinha em Monterey. Garantir trabalho revelou-se fácil, visto que a indústria da sardinha estava em plena expansão em 1915 por causa da guerra. [56]

O trabalho era pesado e o ambiente bruto, e Alice não conseguia esconder seus medos. “Eu estava no meio das pessoas; eu apenas era ninguém e sempre pensei que fosse alguém. Permaneci no tipo de trabalho que ninguém conseguiria permanecer.” [57] Era um trabalho por unidade. Metade de seu salário ia para uma vizinha que cuidava de suas filhas. Alice ia para a fábrica às sete da manhã e voltava para casa às quatro da tarde. Inicialmente trabalhou no departamento de etiquetagem, mas não ganhava o suficiente para atender as suas necessidades, foi então para o departamento de embalagem.

Ela se candidatou à tarefa de embalar sardinhas, com a obstinada resolução de receber o suficiente para conseguir sobreviver e ela provou ser boa nisso também, ganhando o respeito de seus colegas de trabalho. “Eu manuseava uma média de dez mil sardinhas por dia, e embalava centenas de latas.” [58] Apesar de sua voz culta e modos refinados, ela estava vulnerável. Visitantes da fábrica que eram trazidos para observar a sua extraordinária habilidade de embalar, eram menos que gentis. Em vez de admirarem os esforços dela, muitos visitantes a desmereciam com: “ela deve ter feito algo que a trouxe para esse tipo de trabalho” e “melhor não se levar pelas aparências, provavelmente ela é um ovo podre”. Uma vez, um encarregado da fábrica ouviu os comentários e veio até ela depois e disse que, no chão da fábrica, ela era conhecida como “um diamante perdido na lama”. [59]

Ela embalou sardinhas por cerca de dois anos e meio. Quando pôde, pediu o divórcio apenas para ficar sabendo que Walter havia deixado Montana e entrado para a guerra. “Ele fez um trabalho notável e recebeu a Croix de Guerre (Cruz de Guerra Francesa).” [60] Buscar o divórcio de um marido no campo de batalha a desfavoreceu. Alice retirou os procedimentos para evitar a desgraça. Muito embora ela estivesse completamente consciente de que os atos heroicos no campo de batalha não tornavam um homem automaticamente bom em casa.

A vida estava exigindo de Alice, mas ela persistiu. “Eu ainda estava na escuridão, espiritualmente, mas muito ocupada em ganhar dinheiro para cuidar

das três meninas, para ter tempo em querer saber da minha alma.” [61] Aquela escuridão estava para acabar.

4

UMA CONVERSÃO ESOTÉRICA

A vida em Pacific Grove adaptou-se a um ritmo de trabalho árduo e às tarefas domésticas. Em sua vizinhança e na fábrica de sardinhas, Alice estava cercada de mulheres e homens bons e trabalhadores. Foi uma época enriquecedora no sentido físico, e livre de Walter, onde suas emoções e nervos tiveram a chance de se acalmarem. Isso permitiu que a busca espiritual interior que sempre fez parte de sua natureza se desenvolvesse. Ela não era mais a fanática cristã de seus anos de formação. Ela se tornou consciente de sua mente, de seus poderes de reflexão, tanto interna quanto externamente do mundo ao seu redor, mas sua disposição mística inata foi deixada sem orientação ou credo. Por causa disso e apesar de sua vida ocupada com o trabalho e as filhas, ela estava solitária. Ela sempre seria uma mulher da classe alta britânica, de virtude eduardiana, com uma mente curiosa e ansiava por um estímulo intelectual e a companhia de opiniões similares. Havia muitos em volta, na comunidade artística e de livre-pensamento de Pacific Grove. Alice só precisava encontrar uma forma de entrar.

Ela conheceu outras duas inglesas de formação similar que estava ansiosa para conhecer. Ela as tinha visto nas ruas e despertaram sua curiosidade. Quando ouviu um rumor de que as mulheres estavam dando uma palestra em sua sala de estar sobre “um assunto um pouco peculiar”, Alice garantiu um convite através de uma amiga em comum.

Ela não ficou impressionada. “Achei a palestra muito tediosa e o palestrante muito fraco. Não consigo imaginar palestra pior em nenhum lugar.” [1] Foi uma introdução à teosofia. “Dezenove milhões de anos atrás, os Senhores da Chama vieram de Vênus e plantaram a semente da mente no homem”, disse o palestrante. [2] Ele disse isso como uma declaração de algo inexplicável. Essa

visão absolutista pousou na mente de Alice como uma afronta. Ela enfrentava de outra forma sua própria tendência em fazer o mesmo, confirmada em suas visões cristãs que permaneciam. Afinal, ela ainda tinha a data da criação como sendo 4004 a.C. Ela leu com muita culpa e deslealdade a teoria da evolução que Charles Darwin desenvolveu sob o teto de seu próprio avô, na casa Moor. Sentada naquela palestra em Pacific Grove, enfrentou essa nova ideia com incompreensão, decidindo que a própria noção de que o mundo começou há 19 milhões de anos era "pura blasfêmia". O resto da palestra se provou impenetrável. "O palestrante vagou por todo o mundo do pensamento.... Registrei uma decisão no momento de que se eu alguma vez me encontrasse palestrando, me empenharia em ser tudo o que esse palestrante teosófico não é". [3]

Apesar do tédio, a noite não foi desperdiçada pois Alice ficou amiga das duas inglesas, que "imediatamente a tomaram pela mão" e deram livros para ela ler. Ela diz que depois daquela noite, "passava algumas vezes na casa delas para conversar e fazer perguntas, um ótimo negócio". [4]

Alice não saberia disso ao entrar pela porta da frente da casa daquelas inglesas, que estava entrando em um novo e empolgante salão de sabedoria, e que viveria naquele salão pelo resto de sua vida. O momento era, no linguajar esotérico, introdutório. Astrólogos tropeçariam uns nos outros pela data.

Por aqueles textos emprestados para ela por suas novas amigas, a teosofia irrompeu na vida de Alice. Ela devorou os ensinamentos com o apetite de um animal faminto, ainda mais sendo a neta de seu avô, diligente, responsável e severa com seu tempo. No espírito daqueles anos da infância no parque Moor, ela seguiu em frente com todas as suas tarefas diárias em uma rotina muito arregimentada: acordava às quatro para os afazeres domésticos, saía para o trabalho de embalar sardinhas, voltava para casa para alimentar e entreter as meninas e então, depois que as crianças estavam dormindo, as roupas de molho e o pão crescendo, ia para a cama devorar cada palavra que lia. Ela lia "continuamente até a meia-noite", permitindo-se somente quatro horas de sono,

que felizmente, era tudo o que precisava. Descobriu como ler enquanto passava roupas e enquanto descascava batatas, ervilhas e vagens. Lia até enquanto costurava. Ela também lia “com grande rapidez, compreendendo parágrafos inteiros e páginas tão rápido quanto outras pessoas que liam uma sentença”. [5]

Embora quando ela abriu A Doutrina Secreta, achou o tema confuso e o texto sinuoso. Descobriu muito mais tarde da secretária de Blavatsky, Claude Falls Wright, de que quando Blavatsky escreveu o volume, ela produzia página após página sem numeração, jogando-as no chão ao lado dela. Coube à Sra. Wright e seus outros ajudantes agrupar essas páginas numa aparente ordem. [6]

Alice se esforçou, como muitos antes e depois dela, mas ela persistiu, intrigada. Logo conheceu “duas senhoras bem idosas, que viviam em dois chalés uma ao lado da outra — indispensáveis uma à outra, e batendo boca o tempo todo. [7] As duas tinham sido alunas particulares de Blavatsky e souberam das dificuldades de Alice com A Doutrina Secreta, e de bom grado pegaram-na pela mão.

Para os teosofistas e esotéricos de fato em geral, esses relacionamentos são significativos. Enquanto estudar um texto esotérico é muito bom, é preferível receber os ensinamentos através de um discípulo ou mestre mais velho, mais sábio. A característica central de todas as formas de esoterismo é a transmissão mestre-para-discípulo. Adiante, através dessas senhoras, uma linha direta de descendência de Blavatsky para Alice Bailey é estabelecida, atribuindo a credibilidade e autenticidade necessárias. Alice Bailey menciona isso em sua autobiografia por essa razão.

A necessidade de Alice por compreensão era tão grande, que mudou de casa para ficar mais próxima daquelas senhoras. Enquanto suas filhas brincavam no jardim, ela sentava-se na varanda de uma delas, e ouvia e absorvia.

Ela não era uma aluna corretiva. Em 1916, juntou-se ao alojamento teosófico em Pacific Grove e num piscar de olhos, estava ensinando e dando aulas, mantendo "seis páginas adiante" de seus alunos, como muitos professores costumam fazer. "Eles nunca descobriram quão pouco eu sabia. Sei que não importa o que a classe aprendeu, eu aprendi muito." [8]

Logo ela adotou o esquema evolucionário teosófico, com sua cosmologia emanacionista e noções concomitantes de carma e reencarnação. Ela não tinha dificuldade com a ideia de um grande projeto ou padrão para toda a existência, que pensou ser "um grande Plano divino".

A ideia de um grandioso projeto não é exclusiva da teosofia. Ela forma a base do argumento teleológico para a existência de Deus, conhecido como Relógio de Paley. A ideia é que, uma vez que o mundo é no mínimo tão intricado e complexo em design quanto um relógio, e o relógio foi criado por um humano, então o mundo também deve ter sido criado e esse autor ou criador deve ser Deus. Na teosofia, esse projeto ou Plano não é um conceito abstrato, pertencente a algum Deus transcendente inexprimível; é um plano atual ou um princípio orientador pelo qual um pequeno grupo de seres de espiritualidade avançada são responsáveis. Esses seres são a Hierarquia Espiritual ou os Mestres da Sabedoria. Como notado acima, não é possível adotar a visão de mundo teosófica sem uma aceitação da existência da Hierarquia, apesar de ser possível suspender o julgamento ou agrupar fenomenologicamente a Hierarquia, a fim de se envolver e se beneficiar dos ensinamentos. [9] Alice Bailey não precisava de tais agrupamentos:

Descobri que o Chefe desta Hierarquia de Líderes espirituais era o Cristo, e quando isso me ocorreu, senti que Ele havia sido devolvido a mim de uma forma mais próxima e íntima. Descobri que Ele era "o Mestre de todos os Mestres e Professor semelhante a anjos e homens." [10]

Os teosofistas adotam uma visão positiva e esotérica de Cristo. Na época que

Alice Bailey descobriu a teosofia, a então presidente da Sociedade Teosófica, Annie Besant já havia publicado Initiation: The Perfecting of Man (O Aperfeiçoamento Do Homem), uma coleção de palestras lançada em 1912. [11] A obra representa a vida de Cristo como o Chefe da Hierarquia e fala da segunda "vinda do professor do mundo" ou salvador do mundo. O resto da Hierarquia engloba outros Mestres e seus discípulos. Ao ler tais obras, Alice teria se recordado do estranho sonho acordado que teve em Castramont, quando tinha mais ou menos 15 anos, da cerimônia sendo realizada em um vale cercado de montanhas altas. Assim como naquela visão, Alice achou na teosofia uma apresentação esotérica da verdade que "de maneira alguma depreciava Cristo". [12]

Os Mestres podem ser considerados uma forma-pensamento espiritual, no que diz respeito à consciência humana média. A Sabedoria Eterna ensina, por meio da linguagem, ideias que apontam para níveis mais elevados de consciência além de nossa compreensão. Os Mestres podem ser pensados como uma alusão, uma amostra, um sabor sutil encorajando aqueles prontos e predispostos a prosperar para avançar além das limitações humanas.

O leitor deve acreditar na palavra de Alice Bailey quando ela enfatiza que cada leitor deve tomar sua própria decisão em relação à verdade de qualquer apresentação, e não aceitá-la simplesmente porque vem de alguma forma de autoridade. Ela sentiu que o indivíduo devia se adaptar a uma divindade emergente em seu interior, e não ser retido por algum dogma, algo que é essencial para compreender sua própria obra.

Deve ser notado que a metafísica é o estudo da realidade, não a verdade. A teosofia é uma representação esotérica da realidade em linguagem simbólica e abstrata, que retrata a evolução da consciência e se preocupa com os planos internos da existência e de como se relacionam com a realidade extramental, do mundo no qual vivemos e nos movemos. A teosofia é menos do que um corpo de conhecimento, apesar de ser geralmente tratado como tal, e mais uma forma de conhecer. A teosofia, como todo esoterismo, diz respeito ao inexprimível, ao incompreensível. É sempre apenas uma teoria ou visão de mundo, e uma

realidade vivida na mente daquele que acredita. Para avaliar qualquer esquema metafísico, incluindo a teosofia, devemos avaliar seu poder explanatório, seu valor ou contribuições feitas ao mundo e as consequências para o seguidor de possuir tal visão de mundo, em termos de vivência. Para os não-esotéricos, os ensinamentos teosóficos podem ser vistos como conhecimento provisional, que pode ou não ser a representação precisa da realidade. Para o esotérico, a teosofia pode ser vista como um conhecimento provisional e uma maneira de saber, com poder explicativo perspicaz e um conjunto complexo de princípios orientadores. A Hierarquia Espiritual nesse sentido é um princípio orientador.

Alice Bailey acreditava e era ávida por isso. Durante aqueles primeiros meses de exposição à teosofia, ela começou a dar-se conta de que poderia cooperar com o Plano e trabalhar com a Hierarquia Espiritual, apesar de não ter ideia de que forma isso aconteceria. Estava tudo lá diante dela no campo da possiblidade, fazendo completo sentido a estranha visita que teve quando tinha 15 anos e novamente quando ouviu a voz de seu Mestre na Índia.

Sua entrada na teosofia foi oportuna. Ela descobriu o sistema de crença no ponto da história quando interessava na teosofia, e o espiritualismo passava por um reavivamento. A Primeira Guerra Mundial era intensa, demandando as vidas de milhões de soldados. Em 6 de abril de 1917 a América se juntou à guerra, e mais de dois milhões de soldados americanos se juntaram aos campos de batalha na França. As separações e perdas provocaram uma crise espiritual, enquanto muitos buscavam por respostas, por sentido, por comunicação pela divisão da morte. [13]

A vida pessoal de Alice na época, a imensa dificuldade na fábrica de enlatados em Pacific Grove, junto com tudo o que enfrentou em sua vida antes, são novamente explicados a ela de uma maneira memorável pelos textos teosóficos que leu. Ela veio a entender, lentamente a princípio, de que era uma discípula no caminho espiritual e já havia passado por diversas iniciações.

A iniciação é um dos motivos centrais do esoterismo ocidental. Nas seitas esotéricas, isso pode significar um ritual ou cerimônia decretado para iniciar um membro nos mistérios ou segredos previamente ocultos. Na teosofia, iniciações são pontos de entrada em estágios cada vez mais avançados de desenvolvimento espiritual. O teosofista e fundador do antropomorfismo, Rudolph Steiner (1861-1925), escreveu extensivamente sobre os processos de iniciação. [14] Os vários estágios também foram apresentados em O Aperfeiçoamento Do Homem, de Annie Besant, e são de importância central nos livros de Alice Bailey.

Cerca de metade dos ensinamentos de Alice Bailey logo seriam escritos com foco na psicologia esotérica e referiam-se à natureza da personalidade humana e da alma. Cada aspecto da constituição humana, junto com a jornada que o aspirante deve fazer ao longo do caminho espiritual, são dados em ricos e intrincados detalhes. A noção de iniciação está espalhada por todos os seus escritos, alguns trabalhos focando exclusivamente no caminho introdutório em si, com seus vários estágios, barreiras e momentos influentes.

De volta a Pacific Grove, Alice rapidamente adquiria conhecimento e a partir dele, desenvolveu um novo vocabulário esotérico. Seres humanos eram “átomos” no “corpo” do “Logos planetário”, ele mesmo um dos sete “Centros” no corpo do “Logos Solar”. A humanidade como um todo, estava centrada numa jornada evolucionária solar sistêmica de proporções imensuráveis. A teosofia coloca a humanidade no eixo do esquema todo. Somos encorajados a assumir a responsabilidade por nossa própria evolução individual, a evolução da nossa consciência, para poder progredir na jornada evolucionária como um todo. O estágio principal desse processo evolucionário é quando a personalidade registra a existência e é influenciada pela alma. [15]

Assim como todas as religiões do mundo nos cobram com o autoexame e a purificação, assim também a teosofia o faz. Os ensinamentos são fundamentalmente centrados na alma. Alice Bailey argumenta que somente ao remover a alma da prática do esoterismo que ele se torna “magia negra”, ou caminho na contramão.

Nos modelos de estágio espiritual, a marca registrada da experiência humana é o crescimento. Fazemos uma jornada da infância pelos anos difíceis da adolescência, e por aqueles do começo da vida adulta, em direção da sabedoria adquirida na velhice. Estar consciente é estar desperto e atento. Experimentar a consciência é estar desperto a essa percepção. Ao virar a cabeça, pelo olho surgirá uma perspectiva alterada. Uma mudança no foco interior, e outra questão é submetida em consideração. Onde quer que nossa atenção interna seja atraída, mudanças podem acontecer. Em Variedades da Experiencia Religiosa, William James falou sobre isso dessa maneira:

Tudo que sabemos é que existem sentimentos mortos, ideias mortas e crenças frias, e que há aquelas que são quentes e vivas; e quando algo cresce quente e vivo dentro de nós, tudo tem que se recristalizar nisso. [16]

Um novo amor, uma longa viagem, uma mudança de carreira, o nascimento de uma criança, a morte de um ente querido, toda panóplia de experiência de vida oferece potencial para transformação. No modelo de Alice Bailey, a jornada para a consciência da alma envolve um tipo particular de transformação, de expansão introdutória. [17]

Expansões da consciência requerem algum tipo de gatilho, na forma de uma crise existencial. Repentinamente, tudo o que era verdadeiro, em que se acreditava e em que se podia confiar torna-se inadequado diante de um novo entendimento. Novas respostas e explicações deviam ser encontradas, uma nova perspectiva adotada, novos valores incorporados, novas atitudes em relação ao conhecimento e ao saber instilado. Essa crise se torna espiritual quando de repente o conhecedor é conhecido, quando a consciência se torna ciente de si como um observador divino inteligente, a alma. A chave para a iniciação encontra-se em reconhecer que isso está acontecendo.

Assim que a alma é registrada, o indivíduo é puxado em duas direções, a personalidade puxando o indivíduo na direção dos três mundos da vida nos planos físico, emocional e mental, e a alma na direção do espírito em seu próprio plano. É esse processo de puxar e esticar que expande a consciência.

As iniciações são momentos cruciais na vida do pesquisador espiritual, marcadas por repentinos e dramáticos saltos para outro nível de percepção. É um eu maior estourando na pele velha, uma entrada em uma nova vida, uma sensação de propósito e direção profundamente sentida, uma experiência intensa e pessoal, o resultado de meses e anos de trabalho duro. Iniciação:

é a primeira de toda a entrada em um mundo dimensional novo e mais amplo, pela expansão da consciência do homem, para que ele possa incluir e englobar o que agora ele exclui, e do qual ele normalmente se separa em seus pensamentos e atos. É, em segundo lugar, a entrada no homem daquelas energias que são distintas da alma e somente a alma – as forças do amor inteligente e da vontade espiritual. [18]

Iniciações só ocorrem nas vidas daqueles que são subjetivamente orientados, que buscam conhecimento a partir de dentro, e que pensam reflexivamente. Esses indivíduos entram em estágios de noção holística, a marca da consciência espiritual. A experiência acontece em plena consciência desperta, é reconhecida e aceita. “A iniciação é uma intensa iluminação lançada sobre o rio da existência, e está na natureza da experiência total. Não há indefinição nela, e o iniciado nunca é exatamente o mesmo de novo em sua consciência.” [19]

Durante uma iniciação, o discípulo atinge um ponto de tensão, envolvendo grande estresse e esforço. Cada iniciação é precedida por uma jornada e a cada um, “um Sinal é dado” e “uma Voz é ouvida”. Antes, o iniciado é uma encruzilhada. Uma escolha deve ser feita ao renunciar o antigo e seguir para uma vida de serviço expandido. Tais fases são marcadas por uma intensa preocupação com o mundo dos significados. Por fim, o iniciado emerge para um novo campo

da experiência. [20]

Alice Bailey descreve o processo da iniciação de várias perspectivas. Ela aconselha seus estudantes continua e persistentemente, para se prepararem para o futuro. Os corpos físico, emocional e mental precisam ser purificados, para que a entrada de energia espiritual possa fluir sem impedimentos. Quando a energia não flui suavemente, é dissipada e espalhada. O resultado é confusão. O corpo físico precisa de uma boa dieta e de exercícios. O corpo emocional deve ser mantido estável e impedido de reagir, e o corpo mental é treinado através da meditação para focar e sustentar a concentração. O estudante deve ficar ciente de seu estágio de conquista, e compreender qual iniciação vem pela frente. Só então saberão quais os próximos passos a tomar.

Para ilustrar o caminho introdutório, Alice Bailey vale-se da vida de Cristo. Ela não está sozinha ao ver Cristo dessa maneira. Jung vê na vida de Cristo a jornada de um herói primordial, do nascimento até a vida adulta para a morte, da inconsciência para a consciência. [21] Ao passo que Jung adota a perspectiva mítica, entendendo a história do evangelho como uma metáfora, Alice Bailey acredita que a vida de Cristo foi uma encenação dos estágios introdutórios do caminho espiritual do nascimento, batismo e transfiguração, até a crucificação e ressurreição. A vida Dele serve como um molde, um padrão para os outros seguirem. Para dar suporte à sua opinião, em De Belém ao Calvário, um livro escrito em seu próprio nome, ela se apoia no O Cristianismo Esotérico, de Annie Besant, um volume compacto que traça a história de misteriosas tradições da igreja primitiva. [22] Alice Bailey vai além. Ela oferece uma representação das ideias centrais, reformuladas em linguagem instrucional e explanatória, estreitando o escopo para as próprias iniciações. De Belém ao Calvário foi escrito nos anos 1930, durante a preparação para a Segunda Guerra Mundial e carrega um poderoso senso de urgência:

Os corações dos homens nunca estiveram mais abertos para a impressão espiritual do que estão nesse momento, e a porta para o centro da realidade está completamente aberta. Paralelamente, entretanto, esse significativo

desenvolvimento é uma tendência na direção contrária, e filosofias materialistas e doutrinas de negação estão se tornando cada vez mais prevalentes. [23]

Alice Bailey convida o leitor a mapear a vida pessoal dela nesse modelo introdutório e mais predominante na obra ainda, está a crença em uma iniciação coletiva, como então Alice Bailey acreditava que muitos indivíduos, os "Discípulos do Mundo", alcançariam o mesmo estágio evolucionário e estaríamos prontos para nascer numa vida espiritual. A Era de Aquário representa para ela uma grande esperança e glória, enquanto a humanidade está prestes a ter essa nova revelação.

Assim como Alice Bailey interpreta a vida de Cristo em termos do caminho introdutório, também sua autobiografia é também uma história de discipulado e iniciação. Ela não faz nenhuma reivindicação ou atribui detalhes específicos a uma ou outra das iniciações, mas é possível discernir a primeira e a segunda iniciação, e talvez até a terceira em sua história de vida. Desde seu "nascimento espiritual", quando o homem de turbante de terno europeu entrou na sala de estar de sua tia, Alice estava no caminho espiritual.

No mundo de Alice Bailey, a primeira iniciação ocorre na penumbra, quando os primeiros lampejos da luz interna da alma são reconhecidos e o indivíduo começa a se conhecer como um aspirante espiritual. Ocorre quando a personalidade se torna uma entidade auto direcionada. "Esse tipo de indivíduo pode ser extremamente versátil, charmoso e atraente," o que Alice sem dúvidas era. Ela diz que o processo de encaminhar-se para qualquer iniciação não é um privilégio, mas "de extrema dificuldade e resistência", que para Alice certamente era o caso. [24]

A segunda iniciação lida com o corpo emocional, limpo para permitir a entrada do amor. O aspirante deve demonstrar controle de suas reações emocionais e desejos egoístas, seus anseios e desejos. "O processo introdutório entre a primeira e segunda iniciação é para muitos o pior momento de sofrimento,

dificuldade, concretização de problemas e o esforço constante para ‘se limpar’”. [25] Deve-se resistir às tentações. O iniciado deve batalhar com a experiência da vida, com as neblinas e vapores criados por sentimentos de raiva, desespero e desejo:

Essa iniciação produzirá no iniciado um senso crescente de relacionamentos, de uma unidade básica com tudo que respira, e um reconhecimento da Vida Única que levará finalmente àquele estado de irmandade expressa, que a Era de Aquário objetiva trazer à existência. [26]

Ela proporciona efetivamente um somatório simbólico de seu período na Índia, culminando em seu completo colapso mental. Não houve imersão cerimonial em águas purificantes. Somente uma intensa luta interna em cada nível de seu ser, e uma luz que entrou em seu quarto numa noite, uma luz guia que atravessa suas múltiplas crises, uma luz que marcou um ponto de virada.

A entrada de amor que Alice experimentou em seu batismo simbólico, direcionou para Walter Evans. Ela então entrou em um período de luta intensa e dificuldades em seu casamento. Quando finalmente limpou seu corpo emocional, estava pronta para começar as preparações para a terceira iniciação.

Alice Bailey afirma que nem sempre o aspirante está ciente de ter passado pelas duas primeiras iniciações, mas a terceira sempre ocorre com a consciência desperta:

Até a terceira iniciação, o homem está ocupado com o processo de fundir a alma e o corpo em uma unidade. Depois da terceira... o homem é orientado para frente e fica preocupado com uma fusão adicional na consciência, do espírito-alma-corpo. Falo da fusão na consciência. A unidade sempre está lá e o homem na evolução realmente fica ciente do que já existe. [27]

Um alinhamento interno acontece, as mentes concreta e abstrata se alinham e um canal direto para o olho da alma, ou terceiro olho, é criado. No momento que isso ocorre, o iniciado experimenta uma entrada repentina de energia espiritual, uma explosão de luz brilhante e iluminadora. [28] É um sentimento de êxtase como nenhum outro. Alice Bailey não diz ter passado por esse evento, mas do ponto de vista de sua história de vida e dos ensinamentos contidos em sua obra, ela deve ter tido. Ela certamente não fala de uma luz transbordante repentina. Se tivesse falado, teria sido uma afirmação, e nos círculos esotéricos, uma questão considerada prova de que o evento na verdade não ocorreu. Mas a maneira súbita e dramática que encontrou a teosofia, com as duas senhoras idosas que estavam prontas a guiá-la e toda a avidez do novo conhecimento, o senso emergente de um trabalho importante à frente, sua missão, tudo tem o sabor de sua terceira iniciação.

Sua vida, de acordo com o retrato feito por ela, se encaixa em seu próprio modelo. Consciente ou inconscientemente, ela interpreta sua história dessa maneira ao destacar algumas coisas ao invés de outras, moldando suas experiências para se adequar. Mas não há rejeição das fases e estágios que passou, do sofrimento que enfrentou.

As marcas de caráter depois que a terceira iniciação passou são humildade, desapego, resistência e poder. O iniciado carrega consigo a compreensão de que há um novo trabalho a ser concluído, um trabalho que ela nunca soube que existia e de repente, toda sua vida sofre uma reviravolta em torno disso. Ela se torna dedicada a isso assim como um escravo ao seu mestre, ao propósito da alma. Antes, o iniciado é uma vida do Serviço Mundial. Uma única atividade de vida emerge. O iniciado muitas vezes trabalhará nos bastidores, com atividades sem qualquer necessidade de recompensa pessoal. Isso sintetiza perfeitamente como a vida de Alice Bailey se desdobraria.

Não é que a iniciação signifique que o indivíduo deixou seu eu antigo de lado e dele saiu uma nova mulher. Nem significa que ela despiu-se de suas fraquezas,

ou que de alguma maneira, milagrosamente, seja perfeita. Mas sim que ela está pronta; ela é boa o suficiente, só isso. O caminho também não é linear, um estágio leva a outro. É parecido com uma espiral, com muitas sobreposições. E é penoso. Questões e temas antigos são revisitados conforme o iniciado aprende a lidar com a entrada das novas energias espirituais, que podem causar um caos interno, com emoções e pensamentos turbulentos. O discípulo é um espectador e participante dramático de sua vida. A personalidade ainda apresenta seus problemas; no mínimo, eles são exacerbados pela estimulação da energia espiritual. O sistema nervoso é sensibilizado. Pode resultar em hipersensibilidade ao ambiente e ao que está ao arredor. A vida do discípulo se torna mais intensa, é vivida mais rapidamente. As mudanças podem criar problemas psicológicos também, conforme a necessidade de encontrar um novo ritmo, e um novo equilíbrio sempre está presente. “A ambição é, por excelência, o problema do aspirante desenvolvido e do discípulo — ambição pessoal, amor à popularidade, ambição mundana e intelectual e a ditadura do poder sobre os outros. [29] Alice Bailey argumenta repetidamente que a maneira de se opor aos efeitos intensificadores da infusão de energia espiritual, é direcioná-la o serviço à outras pessoas.

Para Alice Bailey, a iniciação é uma experiência universal, disponível a todos. Através dessa declaração, ela tentou arrancar os vários estágios do caminho espiritual da exclusividade das ordens esotéricas, ou seitas. Conforme livrou as iniciações da exclusividade ao usar a vida de Cristo como exemplo, ela criou outra dificuldade, irritando os cristãos ortodoxos que acharam a versão dela do ser divino deles, repugnante. Alice Bailey mantinha fortemente uma perspectiva cristã, que nunca a deixou. Em vez disso, transmutou sua crença em Cristo como Deus inerente e a tornou dela.

5

MUDANDO-SE PARA KROTONA

No segundo semestre de 1917, a vida para a Alice se tornou muito mais fácil. Walter tinha um trabalho seguro na Associação de Jovens Homens Cristãos, na França, e o bispo Sanford arrumou para que uma parte do salário dele fosse pago a Alice. Junto com a pequena renda da propriedade da família, foi possível que ela deixasse a fábrica de sardinhas. Para promover seus interesses espirituais, com o apoio de sua amiga e teosofista Dot Weatherhead, Alice mudou-se para Hollywood, local original da sede da Sociedade Teosófica em Krotona, acomodada nas colinas do cânion Beachwood. [1]

O Instituto Krotona foi criação do advogado Albert Powell Warrington, de Norfolk, Virgínia, que se juntou à Sociedade Teosófica em 1896, aos de 30 anos, e rapidamente se tornou um devoto e membro ativo. Warrington era Presidente da seção americana de 1912 a 1920, e representante pessoal de Annie Besant na América entre 1907 e 1928. [2] Na época que Alice estava na cena, Besant havia sido presidente da Sociedade Teosófica por uma década, desde que o membro fundador e presidente, coronel Olcott, faleceu em 1907.

Líder teosofista da segunda geração, Annie Besant estava na base em Adyar, Índia, um dos muitos alojamentos que estabeleceu durante sua vida. Ela uma figura muito forte. Nascida em Londres, com pais de classe média e origem irlandesa, ela começou sua vida adulta como a esposa de um clérigo, mas logo descobriu que o casamento que tinha era insatisfatório. Como Alice Bailey, ela também era obstinada, muito inteligente, muito apaixonada por um ríspido vigário. Ao contrário de Alice Bailey, ela se tornou ativista e socialista, lutando por direitos das mulheres e dos trabalhadores. Escritora e oradora prolífica, Besant encontrou a teosofia em 1889, quando recebeu o pedido para escrever

uma peça em A Doutrina Secreta. Ela se mudou para a Índia quatro anos depois, em 1893. Sob sua liderança, o cristianismo esotérico e seus ensinamentos de "Avatares" tomaram um lugar central na doutrina teosófica. [3] Sem sua influência, Alice Bailey, com sua fé declarada em Cristo, provavelmente não teria sido atraída para a teosofia de modo algum.

Foi com a aprovação de Besant que os planos de Warrington para o Instituto Krotona prosseguiram. Com uma certa ajuda generosa, na forma de empréstimos pessoais, ele comprou quatro hectares do antigo Rancho Charles Hasting, em Pasadena, e estabeleceu um oásis em homenagem à comunidade Crotona, que foi estabelecida por Pitágoras na Itália em 518 a.C. [4]

Krotona tinha uma qualidade surreal; uma comunidade de cerca de 500 devotos que moravam em conjuntos de construções deslumbrantes, projetadas por arquitetos, muitas no estilo mouro. Essas grandiosas construções foram feitas em terrenos elegantemente jardinados, repletos de lagoas de lótus, laranjeiras e oliveiras, eucaliptos e tamareiras, com um teatro externo e espaços para rituais. [5] Krotona exemplificava as aspirações e formação de elite de muitos daqueles livres-pensadores, atraídos pela teosofia e tradições místicas do ocidente. Naqueles tempos, como agora, o livre-pensamento era um luxo que as classes trabalhadoras mal poderiam pagar.

Muitos teosofistas ricos haviam doado dinheiro para que Krotona se estabelecesse, e o resultado foi esplêndido em sua concepção, isolado e sereno. No centro do instituto estava o Krotona Inn, projetado em 1912 pelo extremamente influente escritório de arquitetos, Mead e Requa. "Em meio a um pátio exuberante, o elegante complexo de estuque incluía quartos de hóspedes, sala de jantar e cozinha, escritórios para a equipe da revista da seita e dos oficiais de Krotona, uma sala de palestras para várias aulas públicas, e uma sala de meditação esotérica "magneticamente carregada". [6] Os alojamentos eram igualmente impressionantes, muitas das casas fantásticas e algumas eram mansões. Luminares teosóficos incluíam: A nova iorquina Shaw Duff, filha do humorista Henry Wheeler Shaw (Josh Billings); a herdeira da Companhia de

Pintura de Pittsburg, Sra. Christine Stevenson; e a cantora de ópera, Marie Russak Hotchener. Sua mansão, Moorcrest, era residência das estrelas de filmes Charlie Chaplin e Mary Astor em diferentes épocas. [7] Krotona dava aulas de educação para adultos abertas a um público mais amplo, e ainda organizavam extravagantes produções teatrais. Para Alice, não poderia haver um contraste maior entre esse ambiente paradisíaco e a fábrica de sardinhas em Pacific Grove.

Quando chegou, Hollywood ainda era um lugar agradável e relativamente preservado. Isso logo mudou em 1924 e os teosofistas sentiram-se deslocados pela indústria da filmagem em desenvolvimento, e mudaram-se para Ojai, na Califórnia, onde Krotona tem estado desde então.

Alice não se mudou para a comunidade em si, mas alugou uma pequena casa próxima, em North Beachwood Drive. Com as suas filhas na escola, ficou livre para frequentar as aulas e palestras. [8] Fez muitos amigos em Krotona e logo pediram-lhe que operasse a cafeteria. Era estritamente vegetariana. Ela já havia adotado a dieta quando se tornou teosofista, e aprendeu a ser uma boa cozinheira vegetariana. O trabalho dava uma pequena renda e, sem dúvida, um senso de pertencimento, ainda que modesto, pois Alice sabia que era capaz de muito mais e tinha uma fome certa não por comida, mas por conhecimento espiritual. Ela era, nessa época, como uma criança abandonada, desgastada e acabada pelo trabalho na fábrica e tarefas domésticas da maternidade. Talvez fosse por causa das reações de seus patrões à sua aparição no café, que a levou a notar uma correspondência interessante entre várias abordagens entre dieta e atitude espiritual; parecia para ela que quanto mais estrito e rígido antes, mais superior e crítico depois. [9] Ela, em troca, reagiu negativamente ao que observava. “Melhor comer um bife e ter uma língua gentil”, decidiu ela, descobrindo que não tinha paciência para elitismo espiritual.

Na verdade, ela não tinha ideia da extensão da realidade elitista na qual havia entrado. Para ela, pelo menos estava entre pessoas de opinião similar, todos aparentemente pesquisadores autênticos para trilhar o caminho espiritual. Ao contrário do chão da fábrica de conservas, o meio em Krotona era privilegiado,

englobando uma porção progressiva de uma classe alta e bem-educada. O ocultismo atraía a vanguarda e de repente, graças a Blavatsky e uma coorte da segunda geração de teosofistas, tais pesquisadores poderiam juntos comunicar-se espiritualmente em um isolamento quase monástico. Era um lugar paradisíaco, mas não sem sua sombra.

Poucos meses após sua chegada, tendo servido os dois anos mandatórios como membro da sociedade teosófica, Alice foi admitida na Seção Esotérica, o santuário interno da sociedade teosófica. Reuniões aconteciam na sala de meditação, ou santuário. Pendurados nas paredes dessa sala estavam os retratos dos Mestres. Na primeira vez que Alice entrou na sala, observou aquelas pinturas e lá, para sua perplexidade, estava o retrato do homem que a havia visitado naquele domingo, quando estava sozinha na casa de sua tia Margaret Maxwell, em Castramont. Com seu terno e turbante, ele era inconfundível. Ela foi pega tão de surpresa, que correu para um dos membros superiores da Seção Esotérica e perguntou pelo nome do Mestre. Disseram-lhe que ele era Koot Hoomi. Nesse ponto, Alice faria bem em ficar em silêncio. Ao contrário, disse: “Ah, então ele deve ser o meu Mestre, pois falei com ele e estou sob sua orientação desde então.” [10]

Ao que o membro sênior olhou para ela e respondeu com um tom fulminante: “Devo entender que você acredita ser uma discípula?”

Alice colidiu de frente com a evidente competitividade e superioridade entre alguns dos pesquisadores espirituais. É uma forma de materialismo espiritual, um termo cunhado pelo mestre Tibetano de meditação Chögyam Trungpa, para se referir a uma tendência pela qual a personalidade se agarra à ideia de progresso espiritual e se torna inflada na proporção do avanço sentido. [11] Além disso, apenas os membros avançados da Seção Esotérica poderiam conceber estar em qualquer tipo de comunicação com os Mestres. Era o graal de todo pesquisador teosófico e requeria o selo de aprovação de Annie Besant. Alice, inadvertidamente, havia alegado um status de discipulado para o qual ela não havia sido intitulada. Foi uma gafe purista que os teosofistas nunca perdoariam.

6

A CHEGADA DE FOSTER BAILEY

Cuidar da cafeteria não era a única função de Alice em Krotona. Junto com seu treinamento na Seção Esotérica, ela também dava palestras públicas semanais. Ao final de uma dessas palestras, sua amiga Dot Weatherhead a apresentou para um jovem de boa aparência, chamado Foster. [1] Foi para provar um momento determinante na vida de Alice.

Advogado e maçom, o tenente Foster Bailey (1888-1977) nasceu em Fitchburg, Massachusetts, filho do engenheiro civil William Kimball Bailey (1853-1927) e sua esposa Cora Isabel Wheeler (1859-1945). Foster era o filho do meio. Ele tinha uma irmã, Lucy Goldsmith Bailey, e um irmão, Carroll Capen Bailey. Diferente de Walter Evans, Foster era de uma descendência americana distinta. Do lado paterno, sua avó Dorothy S. Kimball era membro vitalício da Sociedade Missionária Doméstica de Massachusetts e descendente do pai fundador de Fitchburg, proprietário de terras e proprietário da Cavendish Amos Kimball (1717-1774). O avô de Foster pelo lado paterno, era o ilustre calvinista Ebenezer Foster Bailey (1820-1907), que escreveu obras na história da igreja. O tio-avô de Foster era o advogado, editor e político, Goldsmith Fox Bailey (1823-1861), que morreu de tuberculose pouco depois de se tornar congressista pelo partido republicano. Tio de Foster e graduado na faculdade de direito de Harvard, Harrison Bailey (1849) também era advogado, admitido na Ordem dos Advogados de Fitchburg, Worcester County. [2]

Não há como dizer por que Foster escolheu abster-se dos privilégios de sua posição e carreira no escritório de advocacia de seu tio, mas quando conheceu a Sra. Alice Evans, vivia numa tenda em Krotona.

Naquela época, Foster já era membro da Sociedade Teosófica por cerca de um ano, tendo ingressado em 27 de outubro de 1917. [3] Ele se alistou no ramo das forças armadas no exército americano em 18 de setembro de 1917. [4] Foi dispensado do serviço apenas cinco meses depois, em 28 de março de 1918. [5] Alice Bailey afirma que ele havia espatifado um avião enquanto treinava observadores do exército. [6] Ele ficou sob cuidado intensivo por um longo período, e durante essa época, seu cabelo ficou branco. [7] Provavelmente, ele chegou a Krotona algum tempo depois de março de 1918, encontrando em sua recém-descoberta teosofia, algo como um paraíso, devido ao compromisso da Sociedade Teosófica com o apoio aos militares durante a guerra, incluindo a arrecadação de fundos e o estabelecimento de salas de recreação para os militares que retornaram do serviço, principalmente nos estados do sul. [8]

Em sua autobiografia, Alice Bailey afirma que Foster foi desmobilizado da força aérea dos Estados Unidos depois do armistício de novembro de 1918, para ser coerente com sua alegação de que o casal se conheceu em janeiro de 1919, comentando que ele havia estado de licença por doença durante meses, antes daquela época. [9] Dado também o mês e o ano, sugere-se que ela estava sendo precisa e queria que o leitor acreditasse em seu testemunho. [10] Este assunto é abordado no capítulo seguinte.

Ao encontrar Foster, Alice teria se lembrado de todos os soldados que ela tratou, das camas que teve que sentar-se ao lado, nos hospitais da Índia. A afeição entre eles foi forte e imediata, apesar de talvez não ter sido ardente. Ele era oito anos mais novo que ela e no primeiro encontro, ele a encontrou "em péssimo estado de saúde... quase arrasada". [11] Mas ainda assim, ela o impressionou. “Ela era uma pensadora racional excepcional. Nos primeiros dias, quando a conheci, seu grande desejo impulsionador era saber, compreender a sabedoria ancestral, penetrar e captar mais da visão, conhecer mais claramente o que os Mestres queriam.” [12]

Alice Bailey nunca escreveu suas impressões de Foster, a não ser por elogiá-lo

como excelente pai para suas filhas, e por sacrificar uma carreira promissora no escritório de advocacia de sua família para trabalhar ao lado dela. Em Foster, Alice encontrou seu maior aliado. Eles tinham uma sintonia que duraria a vida toda, e parece que estavam unidos desde o início.

Alice já havia instituído os procedimentos do divórcio e uma vez que o divórcio foi concedido, o casal ficou noivo. Foi nesse ponto que a irmã de Alice, Lydia, se recusou a ter algo a ver com Alice e se desligou completamente.

Alice perdeu o último membro restante de sua família de origem. Lydia era uma cristã ortodoxa que considerava "qualquer pessoa que teve a infelicidade de se divorciar, passou dos limites". [13] Alice Bailey não faz críticas à sua irmã, ao contrário, se esforça para elogiar as conquistas de Lydia. Porém, a rejeição deve ter sido sentida profundamente pois ao dispensar Alice desse modo, Lydia também dispensou toda vida da irmã, e no momento que sua surpreendente contribuição para a humanidade estava para revelar-se. O que é muito revelador em sua autobiografia é que não há menção de Lydia pelo nome.

Foster era uma figura intrigante na vida de Alice Bailey. Por que ele ficou ao seu lado? Um homem oito anos mais novo, sem dúvidas traumatizado por suas experiências no exército durante a Primeira Guerra Mundial, incluindo principalmente o acidente de avião, um homem que apareceu de modo genial, de formação privilegiada, mas rebelde o suficiente para escolher viver a longo prazo numa tenda, quando tudo à volta dele era opulência. Isso por si só, atinge o coração do homem. Ele era defensor de uma causa e, intencionalmente ou não, sua vida morando numa tenda era uma forma simbólica de protesto contra a riqueza evidente em Krotona, o que até certo grau, era uma vida de privilégio às custas da ampla associação da seção americana.

O que fez esse casal ficar junto? Uma visão unificada, embora rudimentar? Ambos eram forasteiros, Alice em seu humilde papel de comandar a cafeteria e alugar uma casa em Beachwood Drive, e Foster em sua tenda. Essas

circunstâncias por si só teriam moldado a perspectiva deles da extremamente privilegiada comunidade de Krotona, apesar do fato de ambos serem naturais do mesmo meio. As frustrações de Alice com a exclusividade da Seção Esotérica e modos ligeiramente ditatoriais, onde a Sociedade Teosófica era comandada remotamente por Annie Besant, era também compartilhado por Foster. Juntos, seguiram e se tornaram parceiros.

Conforme os meses foram passando, Alice frequentou as meditações da Seção Esotérica e recebeu os ensinamentos. Foster foi impedido de fazer o mesmo, uma vez que ele havia se juntado à Sociedade Teosófica em 27 de outubro de 1917 e precisaria servir seus dois anos. [14] Alice continuou a dar palestras e conferências, manter a cafeteria e comparecer às suas tarefas maternas em casa. Em Foster, ela tinha um novo parceiro de vida nos ganhos. Ele visitou sua casa e formou um forte laço com suas filhas. Alice Bailey fala afetuosamente de seus encontros iniciais, de como Dorothy literalmente caiu nos braços dele ao se pendurar no galho de uma árvore, e de como ele ajudou a cuidar de Mildred, que contraiu sarampo. [15] Com tudo o que Foster significava para ela, na introdução à sua autobiografia, Alice Bailey declara:

Meu marido Foster Bailey, por mais de 45 anos têm feito possível o meu trabalho. Sem ele, sinto que teria realizado muito pouco. Onde há amor e compreensão profundos e duradouros, respeito e camaradagem ininterrupta, a pessoa é realmente rica. Ele tem sido uma torre de força e “a sombra de uma grande rocha em uma terra sedenta”. Há coisas que são estragadas pela expressão em palavras, e soam sem sentido e fúteis, quando escritas. Nosso relacionamento é uma delas. Devemos ter vivido e trabalhado juntos em muitas vidas, e ambos buscamos por muitas mais. Não tenho nada mais a dizer sobre isso. [16]

Que motivo Alice Bailey tinha para limitar o que divulgaria sobre o relacionamento deles, não se sabe. O que é claro, é que Foster era o principal apoio dela, ao seu lado por várias décadas, abstendo-se de sua carreira na lei para dedicar sua vida no serviço de uma visão compartilhada. Alice estava frágil e

magra quando se conheceram. Talvez ela tenha ganho de volta um pouco de sua força, mas sua saúde nunca foi boa. Foster deu apoio a ela quando sua saúde enfraqueceu dramaticamente entre seus 50 e 60 anos. Em tudo, Foster Bailey era um homem notável, humilde o bastante para assumir uma função de cuidador, tipicamente mais adotada por mulheres.

7

O TIBETANO

Em um dia de outubro, depois de mandar as crianças para a escola, Alice saiu para uma caminhada na colina próxima a sua casa. Ela sentou-se, perdida em seus pensamentos. De repente, ouviu “claramente uma nota musical, que soou do céu, pela colina e em mim”. Ela se descreveu “perplexa e atenta”. Ouviu então uma voz dizendo-lhe: “há alguns livros que se deseja que sejam escritos para o público. Você pode escrevê-los. Você faria isso?” Ela diz que a princípio recusou, falando em voz alta: “certamente não. Não sou uma sensitiva maldita e não quero ser puxada para nada assim.” [1]

De acordo com seu próprio registro, a voz - a do Tibetano ou Djwhal Khul (DK) - disse a ela para não fazer um julgamento repentino, que ela tinha um dom peculiar e que não estava de forma alguma associado ao psiquismo inferior dos médiuns e sessões espíritas, ou à escrita e canalização automática que ela abominava. Novamente expressou sua recusa. Ela não estava interessada. Encontre outro. A voz disse que voltaria em três semanas para ver se ela teria mudado de opinião. Alice se sacudiu como se acordasse de um sonho e foi para casa. Ela prontamente tentou esquecer do incidente, sem mencioná-lo para ninguém, nem mesmo para Foster.

Seguindo a sequência de eventos, Alice e Foster mal se conheciam na época desse evento influente na vida espiritual de Alice, e eles certamente não estavam na fase de casal estabelecido e comprometido a se casarem. A afirmação de que Alice Bailey negou a Foster o estranho contato em sua caminhada é um assunto que não deixa dúvidas, pois representa a verdade moral da autobiografia. O que preocupa é quando o relato de Alice Bailey não é confiável.

O momento desse primeiro contato é crucial. Alice Bailey afirma que seu primeiro encontro com o Tibetano aconteceu em 19 de novembro de 1919. A primeira carta que aparece na edição de 1993 de Cartas Sobre Meditação Ocultista, uma carta que desde então foi removida pela Fundação Lucis numa edição posterior, é datada de 25 de setembro de 1919. [2] A carta começa: “busco hoje falar com você sobre os poderes da Irmandade das Trevas”, e continua com “como disse antes a vocês, o perigo é como ainda...” [3] Fica claro nesta carta que existem outras, com datas anteriores. Na edição original de 1922, a primeira carta é datada em 16 de setembro de 1919 e afirma: “busco dar a vocês hoje, encerrando essa série, algo de uso geral”. [4] Claramente, várias cartas a precedem.

Outras cartas que eram para serem incluídas no mesmo livro – cartas que não passaram pelo corte e permanecem não publicadas – vieram à luz e trazem a data de 1918, por volta ou pelo menos um ano antes do que Alice Bailey alega. [5]

Por que Alice Bailey faria a reivindicação de que começou a escrever para o Tibetano em 19 de novembro de 1919, quando isso claramente é falso, é algo que intriga. Alice Bailey escreveu sua autobiografia nos poucos meses finais de sua vida, na época que ela estava gravemente doente, o que pode ter feito com que confundisse algumas datas. Ela pode ter involuntariamente dado a data errada de quando conheceu Foster, naquele janeiro de 1919, como discutido no capítulo anterior, ou simplesmente ter dado a data por causa da coerência.

Porém, em A Exteriorização da Hierarquia, num panfleto datado de abril de 1948, 18 meses antes de Alice morrer, o Tibetano afirma: “em 19 de novembro de 1919, fiz meu primeiro contato com A. A. B.” [6] Essa é, portanto, a data que a comunidade Bailey segue, apesar da histórica evidência contrária. [7] Pode ser também porque Alice Bailey deu a data em sua autobiografia.

Da perspectiva de escritora, 1918 é uma data mais realista. Durante o Natal de

1919, Alice entregou ao editor da “O Teosofista”, Bahman Pestonji Wadia, três capítulos de Iniciação Humana e Solar, totalizando cerca de 25 páginas completas de texto redigido. [8] Se ela tivesse produzido todo esse material em um período tão curto, sendo um mês na data oficial de 19 de novembro de 1919, então somente se poderia interpretar sua atitude como apressada e impulsiva. Se antes tivesse escrito para o Tibetano por pelo menos um ano, então o ato se tornaria mensurável, determinado e até calculado, pode-se arriscar dizer.

Na minha opinião, Alice Bailey esteve um ano fora. A data verdadeira pode até ser 19 de novembro de 1918. De qualquer jeito, pesquisadores precisarão do acesso às cartas de 1918 para provar isso, algo que o atual conselho da Fundação Lucis pouco provavelmente irá disponibilizar, dada a recente retirada de cartas anteriores ao importantíssimo dia 19 de novembro de 1919, em Cartas Sobre Meditação Ocultista.

O momento desse ponto de referência do primeiro contato é importante por outro motivo. No relato de Alice Bailey, ela e Foster já tinham papéis indispensáveis na administração da sociedade teosófica quando foi contatada pela primeira vez pelo Tibetano, e se envolveu em uma briga organizacional, assunto do próximo capítulo. Considerando que a sequência real é aquela que coloca sua conexão pessoal com a Hierarquia como um impulsionador em tudo o que se seguiu, conexão que formou independente de qualquer pessoa, inclusive Foster.

Alice Bailey descreve como ouviu aquela voz novamente três semanas depois do primeiro contato, enquanto estava sentada em sua sala após suas meninas terem ido dormir. Mais uma vez o pedido foi feito, e mais uma vez ela recusou. Só que dessa vez, quem falava implorou que reconsiderasse. Eles concordaram em um período de teste por algumas semanas.

Na teosofia, Djwhal Khul é o Mestre da Sabedoria, um iniciado de alto grau dentro do Ashram de Koot Hoomi, e chamado o “mensageiro dos mestres” ao passar verdades espirituais e instruções para discípulos guiarem a humanidade.

Alice Bailey garante que ele é o autor principal de A Doutrina Secreta, de Helena Blavatsky, publicado em 1888.

Djwhal Khul é considerado abade de um monastério Tibetano, próximo da fronteira entre a Índia e o Tibet, não muito longe de Darjeeling. O terreno montanhoso é muito acidentado, razoavelmente próximo do monte Everest. Helena Blavatsky identifica Shigatse, no Tibet, como a residência dos Mestres Morya, Koot Hoomi e Djwhal Khul. O local é conhecido como um ponto importante de tradição, habilidades espirituais e psíquicas excepcionais, resultado de sólidas práticas sagradas. [9]

Em sua autobiografia, num esforço para acalmar os céticos, Alice Bailey continua a descrever como ela mesma recebeu um presente do Tibetano, através de seu querido amigo e aliado, o sr. Henry Carpenter, amigo do Lorde Reading, que uma vez foi vice-rei na Índia. O sr. Carpenter foi ao Himalaia três vezes para tentar alcançar o Tibetano, em Shigatse. Ele chegou até a fronteira, mas o Dalai Lama recusou sua entrada no Tibet. Enquanto fazia essas tentativas, um abade do monastério do outro lado da fronteira tibetana chegou num jumento, carregando dois pacotes de incenso, um presente para Alice Bailey. O abade, conhecido por ser um “homem muito bom e santo” até perguntou por Alice Bailey e sua Escola Arcana. Três monges Tibetanos em jumentos estavam presentes e os nativos faziam muitas reverências. [10]

Existe especulação dentro da comunidade Bailey quanto à verdadeira identidade do Tibetano. Alguns estão convencidos que Djwhal Khul é o nono Panchen Lama Thubten Choekyi Nyima (1883-1937) do monastério Tashi Lhunpo, Tibet. Porém, o nono Panchen Lama morreu em 1937, 12 anos antes dos escritos de Bailey serem completados e não há menção dessa morte em qualquer lugar da obra, algo que os estudantes teriam notado. As datas mencionadas de eventos decisivos na existência do Tibetano também não batem com a vida do nono Panchen Lama; a mais evidente é a afirmação de que ele é um iniciado do Quinto Grau, feito tendo essa iniciação em 1875, oito anos antes do nono Panchen Lama nascer. O Tibetano segue em afirmar que ainda ocupa o corpo no

qual fez a iniciação. [11]

Dando peso às especulações de que o Tibetano é o Lama, um retrato emoldurado do nono Panchen Lama está pendurado atrás de uma árvore de Natal numa foto tirada no apartamento de Bailey em Nova Iorque, em algum momento da década de 1940. O neto de Alice Bailey, Gordon Pugh, também entendeu que o retrato seria do Tibetano. [12] O assunto permanece um mistério.

Ao retratar esse contato inicial, Alice Bailey se empenha para se diferenciar do médium comum, insistindo que o que aconteceu entre ela e o Tibetano, foi conscientemente compartilhado. Ela não entra em um estado de transe e perde sua própria consciência, tornando-se instrumento dele, passando pelo estado de transe psíquico inferior típico do médium. Alice Bailey era uma participante ativa. Naquelas semanas do fim de 1918, se tornou uma escrevente especial ao copiar as palavras ditadas a ela, enquanto permanecia com o controle total de todas as suas faculdades. Ela presumiu que foi "uma atitude de atenção intensa e positiva". Anotou em taquigrafia, palavra por palavra, tudo o que era dado, suavizando ocasionalmente a linguagem. "Nunca mudei nada do que o Tibetano me passou... quero que isso fique completamente claro. Nem sempre entendo o que é passado. Nem sempre concordo." [13] Ela começa com a técnica clariaudiente, mas com o tempo descobre que era capaz de harmonizar-se como os pensamentos do Tibetano conforme apareciam na mente dela. [14]

É impossível determinar se as palavras escritas são sempre somente da mente do Tibetano, sem influência de Alice Bailey. Céticos dizem que tal conexão telepática é impossível, e explicam a ocorrência ao apontar que Alice Bailey então estava há três anos na teosofia, e era um talento quando se tratava de estudar teologia. Logo, ela poderia facilmente ter formulado sua própria versão do pensamento teosófico. Ela era evangelista em sua essência, acostumada a defender princípios. Poderia ser natural fazer o mesmo, de forma textual. Contudo, há um tom distinto dos escritos que ela anotou em nome do Tibetano e não somente uma voz diferente, mas uma energia, uma carga, uma atmosfera, um tipo de magnetismo que acerta o leitor receptivo desde o primeiro parágrafo.

Ao menos que a crítica adote uma postura firme e cética, o relacionamento que Alice Bailey e DK tinham não é facilmente refutado na área que a telepatia não existe. Evidências que apoiam a existência de habilidades telepáticas podem ser encontradas em vários estudos. [15] Alice Bailey era uma da coorte daqueles nascidos com essa habilidade única, e ela passou a empregá-la não para localizar objetos perdidos em lugares obscuros, mas no serviço mundial orientado para a melhoria humana e planetária. Essa distinção a rendeu uma telepatia superior.

Alice estava longe de estar satisfeita ao possuir esse talento. Depois de anotar aquelas comunicações iniciais, ela ficou apreensiva, preocupada que poderia ficar louca. Ela não podia se dar ao luxo de perder a cabeça. Tinha três filhas para cuidar. Quando falou isso ao Tibetano, ele sugeriu que discutisse o assunto com seu mestre Koot Hoomi. Assim ela fez e foi informada por ele que não corria perigo físico ou mental, e que o trabalho seria de grande valor. [16] Ele acrescentou ainda que ele sugeriu essa estrutura. Persuadida, Alice concordou em continuar.

Nos meses que se seguiram, ela anotou os capítulos iniciais de Iniciação Humana e Solar, que englobam um capítulo observações introdutórias na metafísica teosófica; uma definição detalhada da iniciação e um resumo do trabalho da Hierarquia. Ela também anotou pelo menos uma seção de Tratado Sobre O Fogo Cósmico. [17]

Desde o começo, essa demonstração da Sabedoria Eterna carrega um tom autoritário. A produção literária é instrucional, explícita e pragmática, com diagramas, gráficos e explicações passo a passo. A obra parece mais um livro didático do aluno. Não há nenhuma pitada de linguagem poética ou floreada.

Nos 19 capítulos de Iniciação Humana e Solar, em uma conexão telepática com Alice Bailey, o Tibetano prosseguiu em estabelecer a fundação de seus ensinamentos, desenvolvido e extrapolado em obras futuras, incluindo uma representação dos discípulos no caminho experimental, regras pelo caminho e as

iniciações que os colocariam em um contato mais próximo com a Hierarquia:

Um discípulo é aquele que acima de tudo promete fazer três coisas:-

Servir a humanidade.

Cooperar com o plano dos Grandes da maneira que vê e da melhor maneira que puder.

Desenvolver os poderes do Ego [alma], expandir sua consciência até que possa funcionar nos três planos nos três mundos.... [18]

Quatro capítulos de Iniciação Humana e Solar são dedicados à Hierarquia Espiritual, apresentando as personificações das energias espirituais nas formas de seres abstratos, similares à maneira que os deuses gregos foram alinhados na astrologia com os planetas, mas sem suas fraquezas e mitos associados. Há o Mestre Júpiter, regente da Índia, que vive em Nilgherry Hills, sul da Índia; Mestre Morya, um adepto oriental e príncipe Rajput, que possui posição autoritária nos negócios indianos; Koot Hoomi, de origem Kashmiri, com sólida educação numa universidade britânica e que vive com Morya em Shigatse, nos Himalaias; o Mestre Jesus, que atualmente vive em um corpo sírio; Djwhal Khul, o Tibetano, o “Mensageiro dos Mestres”; Rakoczi, o húngaro, que num momento ou outro foi o conde de Saint Germain, Roger Bacon e Francis Bacon; e o Mestre Hilarion, que uma vez foi Paulo de Tarso. [19]

Cada um desses Mestres trabalha com a humanidade para ajudar a estimular a evolução da consciência.

Alice Bailey convida o leitor a adotar apenas aquilo que invoca reflexão interna,

não a considerar os ensinamentos como dogmas, mas a existência da Hierarquia Espiritual é o único aspecto de sua obra que ela, assim como a maioria, senão todos os teosofistas, considera como verdade inequívoca, e ela é enfática sobre isso. A Hierarquia Espiritual é a base para os teosofistas. Sem pelo menos uma aceitação temporária desse grupo de seres avançados, mesmo se apenas metaforicamente, toda a corrente esotérica é destituída de significado e propósito.

Talvez haja pouco, senão nada, nesse primeiro volume produzido por Alice Bailey, que seja completamente novo para a teosofia. O trabalho é apresentado como se fosse introduzisse os alunos ao esoterismo pela primeira vez. O tom instrucional por si declara uma autoridade maior. De onde quer que as palavras tenham vindo, Alice Bailey ressoa forte com elas. Ao discutir o processo que passou dia a dia com seus alunos da Escola Arcana em 1944, ela diz: “depois que a mente dele e a minha criaram uma conexão próxima, eu sabia o que ele estava pensando. Me pergunto se vocês têm ideia da tensão de passar duas horas copiando um ditado, sem perder o fio da meada. Eu não podia relaxar nem por um minuto.” [20]

Muita controvérsia cerca as obras de Alice Bailey compostas dessa maneira. Ela é acusada de ter uma fabulosa cláusula de "retirada", de infundir os pensamentos do Tibetano com os dela, turvar a pureza, ser uma fraude completa, fazer reivindicações para aumentar seu próprio status espiritual. O eminente psiquiatra Carl Jung, que nunca encontrou Alice Bailey, acreditava que o Tibetano devia ser uma manifestação de seu eu superior. [21] Alice Bailey refuta a ideia de “eu superior” enfaticamente, citando o presente de incenso como prova concreta de seu relacionamento especial com o Tibetano. Em sua avaliação, Carl Jung também credita inadvertidamente Alice Bailey com uma sabedoria excepcional.

8

UMA TEMPESTADE EM UM COPO D’ÁGUA

Era verão de 1919. O tratado de Versalhes havia sido assinado no dia 28 de junho, como consequência da “Grande Guerra”. A indústria de filmes em Hollywood florescia, depois que Charlie Chaplin uniu forças com Mary Pickford, Douglas Fairbanks e D. W. Griffith para criar a United Artists Corporation (Corporação de Artistas Unidos, em tradução livre). Uma nova era de otimismo, esperança e riqueza pujante estava em construção. A ciência e a tecnologia avançavam a passos largos, e havia no espírito da época um senso prevalente de transição do antigo para o novo. Em contraste a esse contexto de otimismo em Hollywood, Krotona estava em grande dificuldade.

Uma sombra de dívida pairou sobre a instituição por alguns anos, antes da chegada de Alice. Em 1917, o saldo da dívida era de US$ 25 mil, o equivalente a cerca de US$ 600 mil hoje. Naquele mesmo ano, incidiu uma hipoteca adicional de US$ 17 mil, através da doação de uma propriedade adjacente, aumentando a dívida total no dinheiro de hoje, a uma estimativa aproximada de um milhão de dólares. [1] A dívida e os desafios de encontrar e chegar a uma solução alcançaram proporções de crise em 1919, quando Foster Bailey e Alice Evans assumiram suas indispensáveis funções na organização.

Somente dá para especular como ou por que, tanto Foster quanto Alice foram indicados para esses cargos. Desde a época que Alice conheceu Foster e que começou a escrever para o Tibetano em 1918, não há registro dos pensamentos que os dois possuíam sobre comandar a sociedade teosófica, ou de suas interações com várias figuras centrais, que desfrutavam de posições de poder organizacional. Seis meses completos de conversa, pelo menos, e imaginando a visão para uma mudança organizacional, aconteceram entre o casal e seus

aliados, conforme aproximaram-se de posições influentes.

Uma indicação do envolvimento de Alice em Krotona e uma visão do caminho que ela estava prestes a seguir na Teosofia, podem ser encontradas em uma aula com boa participação que ela dava todas as semanas naquele verão de 1919, um estudo bíblico do ponto de vista do ocultismo. A aula foi dada no templo de Krotona. Alice deu uma segunda aula para cerca de 15 frequentadores em sua casa, para discutir o lado esotérico do cristianismo. “O campo cristão ainda é um solo virgem para a teosofia, e muitos pedem por ‘carne’ em vez de ‘leite’.” [2] O artigo em “O Mensageiro” anunciando essas aulas também refere-se à recente formação de um alojamento cristão por Annie Besant, na Inglaterra. [3] Alice Evans havia sido nomeada palestrante da divisão em algum momento antes de outubro de 1918. [4] Ela também foi membro da Ordem dos Servidores de Campo, lançada em 10 de março de 1919 como uma escola de treinamento, que oferecia cursos por correspondência e entregava diplomas. Ela dava dois cursos: Reencarnação e homilia, ou a arte de escrever e pregar. [5]

Não há menção de Foster Bailey em nenhuma edição da revista seccional de junho de 1918 subsequentemente até abril de 1919, quando Alice Evans e o tenente Foster Bailey foram nomeados contadores de votos por Albert Warrington, para supervisionar a contagem de votos presidenciais da Sociedade Teosófica. Warrington foi reeleito. [6] Deduz-se que foi pela reputação de Alice Evans em Krotona, que Foster foi capaz de ascender tão rapidamente, para ser considerado aceitável a uma posição administrativa central. Dado que ela tinha escrito para o Tibetano por vários meses e que tinha em sua posse uma nova demonstração da Sabedoria Eterna, não seria além dos limites da razão sugerir que ela havia alimentado planos ambiciosos, e que Foster era um tipo de instrumento.

Em 14 de julho de 1919, Foster estava empregado como secretário nacional, após renúncia de Craig P. Garman em junho. [7] Em 28 de agosto de 1919, uma reunião do conselho administrativo apontou temporariamente a Sra. Alice Evans como editora da “O Mensageiro” devido à ausência de May S. Rogers, que

estava em uma prolongada viagem pela Austrália. Para essas tarefas, Foster e Alice recebiam dez dólares por semana. [8] Na mesma reunião, o aliado deles, Dr. Woodruff Sheppard foi apontado como diretor de publicidade. [9] Em uma reunião do conselho administrativo acontecida em 6 de setembro de 1919, a nomeação de Louis W. Rogers como vice-presidente foi confirmada.

Entre eles, Foster, Alice e Woodruff eram responsáveis pela maior parte da operação da administração. Eles também eram amigos íntimos do fundador de Krotona, Albert Warrington, colocando-os, ou assim eles pensavam, na posição perfeita para influenciar uma mudança organizacional para lidar com o problema da dívida, e limitar o poder da Seção Esotérica de uma tacada só.

Uma confluência interessante da discórdia que se formava na época e uma carta citada anteriormente, pode ser encontrada em Cartas Sobre Meditação Ocultista. Em 25 de setembro de 1919 Alice escreveu uma carta ditada pelo Tibetano, aparecendo em um capítulo chamado “Perigos a serem evitados na meditação”. [10] As cartas dizem respeito aos poderes e métodos da Irmandade das Trevas, aqueles que persistentemente exaltavam a mente concreta e recusavam a entrada do superior. O resultado é o super desenvolvimento numa direção, com abismos e lacunas onde as virtudes deviam estar. A Irmandade das Trevas:

não reconhece unidade com sua espécie, apenas vendo nela pessoas a serem exploradas para o incremento de seus próprios fins.... Eles não respeitam a pessoa, referem-se a todos os homens como presas atraentes, usam a todos para fazer sua própria maneira imposta, e por meios justos ou não, procuram quebrar toda oposição, para o eu pessoal adquirir o que deseja. [11]

A Irmandade das Trevas irá se disfarçar como agente da luz, e retardará o progresso da humanidade. A carta prossegue em explicar que a maneira de evitar o poder destrutivo da Irmandade das Trevas, é lidar com os seus pontos fracos, permanecer puro e limpo nos níveis físico, emocional e mental, levar uma vida balanceada com relaxamento e jogos, dormir o suficiente e se exercitar, e

derrubar o medo pessoal pois o medo abre a porta para o mal. [12]

Tudo parece bom senso, mas o comentário sobre o medo surge mais contundente. É como se esta parte da comunicação fosse direcionada diretamente para a própria Alice que, desde aquele terrível dia em Quetta, sofria de um medo terrível, agravado pela violência que sofreu nas mãos de Walter Evans. Ocultista e mística, Alice Bailey era especialmente sensível à necessidade de repelir a Irmandade das Trevas que, se considerada sutilmente, pode ser vista de várias maneiras por tê-la frustrado ao longo de sua vida, uma "Irmandade" que iria impedir o progresso de seus ensinamentos.

As primeiras impressões da administração da Sociedade Teosófica de uma talvez ingênua e inexperiente Alice foram positivas, e ela diz que encontrou muita cooperação entre os funcionários do escritório, mas a harmonia logo se revelou superficial. Quando se trata de organizações comandadas por um comitê pequeno, novos membros fariam bem em não complicar, por mais óbvio que uma melhoria possa parecer. A sociedade teosófica não estava imune à forte resistência em mudar membros de longa data do comitê, muitos dos quais tinham altas posições na Seção Esotérica e quando se tratava do gerenciamento organizacional, moderação não parece ser evidente na então jovial personalidade de Foster. Em poucos meses que assumiu o escritório, e possivelmente antes, ele tinha um plano de como a Sociedade Teosófica na América deveria ser comandada, e não estava de acordo com o status quo "reacionário". Era um plano compartilhado com Alice. A dificuldade para eles no começo foi a nomeação de Louis Rogers como vice-presidente.

Na visão de Foster e de Alice, a crise da dívida se resolveria com uma mudança fundamental na estrutura organizacional, que restringiria o poder que a Seção Esotérica tinha sobre a sociedade. Os alojamentos teosóficos deviam ter autonomia local, mas pelo posicionamento dos principais membros da Seção Esotérica, Annie Besant e os líderes em Adyar tinham o controle organizacional total. A Sociedade Teosófica foi fundada com a noção de irmandade universal, mas tanto Alice quanto Foster viram, em vez disso, uma organização obcecada

em fundar alojamentos e aumentar o número de membros, uma estratégia que argumentaram que deveria ser interrompida. Outros, Louis Rogers ente eles, não compartilhavam da mesma visão. Porque um aumento no número de membros ia de certa forma, de encontro com a solução da enorme dívida hipotecária de Krotona.

Para Alice, a trajetória do sectarismo evidente no controle da Seção Esotérica da administração e dos membros da Sociedade Teosófica, era anátema, por tudo o que ela defendia. Depois de suas experiências de humanidade nas casas dos soldados e na fábrica de sardinhas, junto com todo o suporte que recebeu de vizinhos e de igualmente estranhos em seus anos com Walter Evans, ela via o princípio teosófico de irmandade universal como crucial. Ela também desejava frear o poder e autoridade de Annie Besant em Adyar, na Índia, que discordava claramente depois de sua humilhação na sala do santuário. Seus motivos permanecem ocultos, mas na época que Alice Bailey tornou-se editora da O Mensageiro, ela havia escrito para o Tibetano por pelo menos dez meses. Ela sabia que era a discípula e escriba da segunda demonstração da Sabedoria Eterna, e nessa altura, teria pensado muito sobre as maneiras de tornar isso conhecido e implementado de alguma maneira. O controle da sociedade teosófica poderia ter sido mais do que um pensamento que passou.

Percebendo que enfrentavam uma considerável oposição, Alice e Foster e seus aliados se uniram. Alice comenta que foi apanhada em um conflito de interesses, entre seu senso de lealdade e afiliação aos seus amigos na Seção Esotérica, que estavam determinados a reter o status quo, e a sua firme aderência à visão democrática por mudança, uma visão que Foster compartilhava. [13]

Logo ficou claro que uma cisma era fomentada, e a Sociedade Teosófica já tinha sua parte. Em 1884, o alojamento teosófico em Londres dividiu-se em dois setores, um liderado por Alfred Sinnett, que era leal a Blavatsky, e o outro por Anna Kingsford, que seguiu e fundou a Sociedade Hermética. Aproximadamente ao mesmo tempo, conflitos surgiram entre os fundadores, Blavatsky e Olcott, que somente foi resolvido com a morte de Blavatsky. Dez anos depois, em 1894,

Annie Besant e Henry Steel Olcott acusaram o cofundador William Quan Judge de forjar uma carta que ele alega ter recebido de um Mestre. Seus acusadores decidiram que ele tinha forjado “a carta Mahatma” em uma “aposta bem-sucedida de competir com Annie Besant pela liderança da Seção Esotérica”, um assunto posteriormente destacado por comentaristas feministas sobre as tendências na Sociedade Teosófica. [14] Uma grande parte da seção americana tomou o lado de Judge, e separaram-se para formar “A Sociedade Teosófica na América”. Judge faleceu em 1896, e a liderança incialmente foi para o jornalista e escritor Ernest Temple Hargrove. Ele foi rapidamente exonerado pela espiritualista e astuciosa visionária, Katherine Augusta Westcott Tingley, que então renomeou a sociedade para Irmandade Universal e Sociedade Teosófica. Em 1898, Hargrove foi para Nova Iorque para formar a Sociedade Teosófica na América. Em 1900, Tingley mudou a sede da sociedade para Point Loma, próximo a San Diego, onde ela estabeleceu uma comunidade utópica. Enquanto isso, Warrington, com a aprovação de Besant, transferiu sua linha da sede da Sociedade Teosófica de Chicago para Pasadena em 1912, com vista de criar uma sociedade utópica, baseada na visão do associado dela, Charles Webster Leadbeater. Outra cisma aconteceu quando o líder da sede alemã, Rudolph Steiner, separou-se em 1912-1913, tomando suas próprias interpretações da teosofia com ele, na forma de antropomorfismo. [15] Disputas sobre procedimentos e lutas pelo poder afetam muitas organizações e, embora a Sociedade Teosófica tenha ficado dividida com eles por várias décadas, eram uma indicação da intensidade de sentimento de muitos membros e de um forte apego à Teosofia, comprovado nos vários alojamentos fundados e nos grupos dissidentes formados, muitos dos quais prosperaram e continuam a existir até hoje. [16]

De volta a Krotona, Alice não poderia antecipar a escala de confrontação que estava fomentando. O fica aparente sobre o assunto pelo tom de suas próprias palavras em sua autobiografia, é o quanto ela achou o tumulto perturbador. Em seu próprio relato, ela demonstra um suporte inabalável e incondicional de Foster, que liderou a chamada para a mudança. Se ele, se ambos não tivessem agitado desta forma, o curso do futuro de Alice poderia ter sido bem diferente.

A resistência à mudança se provou feroz e inflexível. Em face do que ela percebeu ser uma forma de regra absoluta por um punhado de iniciados

autoinflados, Alice decidiu que havia “se desviado para outra seita”, vendo na organização da Sociedade Teosófica reflexos do cristianismo ortodoxo. Ela estava profundamente desapontada. [17]

Através de cartas e opiniões parciais, a batalha pelo controle organizacional encontra seu caminho na revista seccional, o tempo todo lá para os membros verem. Os membros começam a se afastar. A divisão se torna tão séria, que Foster Bailey enviou um telegrama para Annie Besant para informá-la que se a Seção Esotérica não parasse de dominar a administração, eles “logo estariam sob um ataque muito sério”. [18] O que ele quis dizer com esse comentário é incerto.

Em resposta, Annie Besant enviou Bahman Pestonji Wadia, que na época estava na América como representante indiano na Conferência Industrial Internacional, e em uma excursão pelos alojamentos da Sociedade Teosófica.

Bahman Pestonji Wadia (1881-1958) era um influente colaborador e editor da revista internacional da sociedade “O Teosofista”. Ele era de uma família de ricos construtores de navios de Surat, norte de Mumbai. Por ser jovem, foi enviado por seu pai para a Grã-Bretanha para trabalhar em uma grande empresa têxtil. A experiência teve curta duração. Logo após seu retorno à Índia, seu pai morreu e Wadia se viu responsável pelos negócios têxteis da família. Ele tinha 19 anos. Em Mumbai conheceu Blavatsky, e se juntou ao alojamento de lá em 1903, quando tinha 22 anos. Um ano depois, vendeu o negócio da família e usou o lucro para dedicar sua vida à teosofia. Ele rapidamente foi indicado para cargos indispensáveis na organização, primeiro como subeditor de periódicos, e então como assistente pessoal do fundador da Sociedade Teosófica, Coronel Olcott. Com a morte de Olcott, ele se tornou o assistente pessoal de Annie Besant, que assumiu como presidente em 1907. Wadia se mudou de Mumbai para Adyar, e lá se tornou gerente da casa de publicações da Sociedade Teosófica e editor assistente da “O Teosofista”. Ele também se uniu a Besant no movimento do governo interno da Índia, e se envolveu com os direitos dos trabalhadores. [19]

Wadia era responsável por avaliar a situação em Krotona e intervir. Ele chegou por volta do Natal de 1919. Foram realizadas reuniões oficiais. Do lado administrativo estavam Foster, Alice, Woodruff Shepherd e seus apoiadores, e do lado da Seção Esotérica, estavam os conhecidos teosofistas Marie Poutz, Albert Warrington, e seus pares. As reuniões transformaram-se em brigas completas. Wadia foi trazido para encontrar uma resolução, mas ao invés de mediar entre os progressivos na sede e os membros reacionários da Seção Esotérica, ele começou a "criar problemas". [20] A princípio, Alice e Foster acharam Wadia sincero e colaboraram com ele acreditando que tinham um novo aliado. Fizeram isso na esperança de que a sociedade retrocedesse ao seu princípio de irmandade universal. Ele, todavia, parecia ter sua própria agenda, revelada mais tarde para eles em 1921, quando se ofereceu para concorrer pela liderança.

Em Krotona, a política faccionária continuou a piorar. Foster e Dr. Shepherd formaram a Towards Democracy League (Liga Rumo à Democracia), a TDL, na esperança de obter o apoio dos membros. A Liga produziu panfletos para divulgar as crenças deles. Fizeram isso com o apoio incondicional de Wadia, que na época também advogava por uma maior liberdade para os membros.

Foi nessa conjuntura, em meio a toda a fúria e indisposição, que Alice tomou uma decisão determinante. Diante da reação que recebeu de um membro chave da Seção Esotérica ao revelar que havia se comunicado com um dos Mestres, ela pode ter retido seus escritos iniciais e considerado suas opções. Em vez disso, durante aquele Natal de 1919, ela entregou a Wadia um manuscrito que fez em nome do Tibetano.

Foi um entusiasmo cego ou uma ânsia por reconhecimento, que fez com que Alice entregasse uma cópia de seus escritos para Wadia? Ou ela estava lançando o desafio, testando uma Sociedade Teosófica reacionária com essa nova demonstração da sabedoria? Qualquer que fosse o motivo, o ato teria maiores consequências. Quando ela mostrou a ele o que havia escrito, ele "ficou muito animado", dizendo-lhe que iria "publicar qualquer coisa que 'vinda daquela fonte'". [21] Ele manteve sua palavra. Na edição de fevereiro de 1921 da "O

Teosofista", os dois primeiros capítulos de Iniciação Humana e Solar apareceram, e em março daquele ano, o capítulo oito apareceu. [22] Nas edições de setembro e novembro de 1921, uma peça intitulada "Cosmic and Systemic Law" (Lei Cósmica e Sistêmica, em tradução livre) também foi publicada em duas partes. Essas 32 páginas apareceram mais tarde em seu prestigiado texto Um Tratado sobre o Fogo Cósmico, publicado pela primeira vez em 1925. [23] Alice Bailey não menciona entregar ou enviar posteriormente um manuscrito para Wadia, e sugere que não tenha feito isso em sua autobiografia. Parece que provavelmente ela entregou para ele esse material adicional naquele Natal de 1919.

As amostras não foram muito bem recebidas. Como Alice Bailey coloca: "então, a típica inveja teosófica e a atitude reacionária apareceram e nada mais foi impresso". [24]

Daquele momento em diante, Alice descobriu que tinha um competidor principal, com o qual não se importava nem um pouco: Charles Webster Leadbeater.

Outrora um sacerdote da igreja da Inglaterra, Leadbeater (1854-1934) é uma figura controversa na história da Sociedade Teosófica. Nascido em Stockport, Cheshire, filho de um ferroviário, Leadbeater foi ordenado em 1879 e logo desenvolveu um interesse pelo espiritualismo. Ele se uniu à Sociedade Teosófica em 1883, chegando em Adyar um ano depois. Alegava possuir habilidades clarividentes e tornou-se um dos palestrantes mais proeminentes da sociedade, fazendo uma turnê pela Europa, América e Austrália. Ele era sócio de Annie Besant, e por muitos anos, foi o segundo no comando da Sociedade Teosófica.

Duas décadas depois de sua chegada na Índia, uma sombra pairou sobre a ilustre figura. Alegações de abuso sexual de garotos sob os seus cuidados foram levados adiante em uma corte de Londres em 1906. Um escândalo posterior aconteceu em 1909 quando Leadbeater aproximou-se de outro menino indiano

nas terras de Adyar e, usando suas habilidades clarividentes, declarou-o o Instrutor do Novo Mundo, a segunda vinda de Cristo.

Leadbeater e Annie Besant chamaram o garoto de Jiddu Krishnamurti (1895-1986) e procederam em prepará-lo para seu futuro como Professor Mundial, ofuscado pelo Cristo. Na preparação, a Ordem da Estrela no Leste foi formada em 1911, com o jovem Krishnamurti como líder, uma organização que atraiu cerca de 100.000 membros antes de ser dissolvida em 1929. [25] As atividades de Besant e Leadbeater com relação a Krishnamurti resultaram em uma extensa condenação, e à ridicularização dentro da sociedade.

Em 1912, o pai de Krishnamurti abriu um processo de custódia contra Leadbeater, alegando abuso sexual, mas desistiu depois. Leadbeater então se mudou para Sydney, na Austrália, onde permaneceu uma figura líder na Sociedade Teosófica. Ele também uniu forças com James Ingall Wedgwood na formação da Igreja Católica Liberal. Foi ainda submetido a novas investigações policiais em 1917 e em 1922, com base em suspeitas e observações de comportamento sexual inapropriado envolvendo garotos, expressas pelo Secretário Geral Honorário da Sociedade Teosófica na Austrália, sr. T. H. Martyn e por sua esposa, em cuja casa Leadbeater morava. O assunto chegou ao auge em 1921, quando o sr. Martyn escreveu uma carta particular para Annie Besant, que posteriormente se tornou pública, questionando se Leadbeater deveria ser considerado um iniciado diante de sua “irregularidade sexual”. [26]

Esses escândalos devem ter afetado Alice enormemente. Talvez eles fossem uma fonte de motivação em relação ao desejo dela em democratizar a administração, e tirar o poder de Annie Besant como Líder Externa da seção americana, colocando o controle organizacional nas mãos dos recrutas.

Leadbeater era um escritor prolífico por quem Alice Bailey tinha pouca consideração. A obra dele Homem: De onde, Como e Para Onde, publicada em 1913, provou a ela “a falta de confiança básica no que ele escreveu”:

É um livro que descreve o futuro e o trabalho da Hierarquia do futuro, e o mais curioso e impressionante para mim, é que a maioria das pessoas destinadas a ocupar altos cargos na Hierarquia e na futura civilização, foram todos amigos íntimos do sr. Leadbeater. Conheci algumas dessas pessoas - dignas, gentis e medíocres, nenhuma delas gigantes intelectuais e a maioria delas completamente sem importância. [27]

Alice Bailey tinha uma boa razão para não gostar de seu rival. Em sua biografia sobre Alice Bailey, The Bailey Inheritance (A Herança de Alice Bailey, em tradução livre), admirador e seguidor leal dos ensinamentos dela, Sir John Rollo Norman Blair Sinclair (1928-1990), 9º Baronete de Caithness, conta a história de como Leadbeater plagiou o primeiro livro de Alice Bailey. O livro de Leadbeater, Os Mestres e o Caminho (1925), foi publicado quatro anos depois daqueles primeiros capítulos aparecerem na “O Teosofista”, e três anos depois de Iniciação Humana e Solar ser publicado em 1922, e parece derivar sua inspiração do livro de Alice Bailey. Quando os capítulos dela foram publicados na “O Teosofista”, pode muito bem ter fornecido a Leadbeater, que vivia então em Sydney, Austrália, uma oportunidade de plagiar a obra. Enquanto puristas teosóficos mais tarde censurariam Alice Bailey e se recusariam em ler a obra dela, criticando-a oficialmente por alegar falsamente estar em comunicação com o Tibetano, Leadbeater ficou conhecido por adquirir silenciosamente sua cópia dos escritos de Alice Bailey no momento que foram publicados. Ele fez comentários entusiásticos sobre eles no particular, embora nunca tenha elogiado publicamente o trabalho dela. [28]

A sugestão de Sinclair de que Leadbeater usou as ideias de Alice Bailey e as reformulou para construir a base do seu próprio livro, permanece aberta para especulação. Talvez nenhuma das partes tenha plagiado a outra. A versão do assunto que persiste, até mesmo entre os acadêmicos, é que foi Alice Bailey quem plagiou Leadbeater. Estudioso do Esoterismo Ocidental, Olav Hammer de seu Claiming Knowledge (Alegando Conhecimento, em tradução livre), um estudo epistemológico da teosofia publicado em 2001, adota essa visão. [29]

Uma visão alternativa da controvérsia é o reconhecimento de que todas as ideias são, de alguma forma, compartilhadas ou derivadas, que o conhecimento esotérico envolve a reformulação e reapresentação da Sabedoria Eterna para adaptar-se a públicos diferentes, e que de onde quer que Alice Bailey tenha tirado suas ideias, a contribuição real dela foi em torná-los disponíveis a todos e não a poucos selecionados, e de uma forma que foi supreendentemente detalhada e exaustiva, como observado pelo autor e teosofista Kurt Leland. [30]

Alguns teosofistas alegam que Alice Bailey plagiou o material disponível somente para aqueles da Seção Esotérica. Segue-se o argumento de que, uma vez que o material em questão não foi se tornou público, as alegações de plágio são impossíveis de se avaliar. Até mesmo uma leitura superficial do estritamente particular Esoteric School of Theosophy Instructions (Instruções para a Escola Esotérica de Teosofia, em tradução livre), de Helena Blavatsky, logo dissipa as acusações. Sem dar nenhum conhecimento ocultista secreto, esse volume contém inúmeros diagramas e tabelas de correspondências fortemente baseadas no misticismo oriental, tabelas referentes aos planetas, metais, dias da semana, partes do corpo, cores, forças, planos e princípios, tudo em série de sete. O trabalho inclui a discussão de astrologia, teurgia, raja ioga e neoplatonismo. Cada uma das três longas instruções são prefaciadas por preâmbulos discursivos sobre a natureza do conhecimento ocultista. Há uma apresentação interessante das glândulas pineal e pituitária e de como elas se relacionam com Manas, Buddhi e Chakras em geral, e outra no Antahkarana, a ponte imaginária entre o ego (alma) humano e o divino. O trabalho é concluído com mais três conjuntos de instruções, equivalendo a uma longa lista de definições de termos-chave, com parágrafos longos, assim como vários tipos de consciências.

Ler esse volume lado a lado com Iniciação Humana e Solar, de Alice Bailey, é abundantemente claro de que são livros completamente diferentes. O tema de Alice Bailey é iniciação. Ela apresenta inicialmente um diagrama rotulado de a “Constituição do Homem”, que é uma representação das ideias centrais teosóficas, e então segue adiante com um relato detalhado da Hierarquia, da natureza do discipulado e do caminho da iniciação. O que está ausente é o

sânscrito védico, o detalhe histórico, as justificativas e as discussões um tanto sinuosas, evidentes no livro de Blavatsky. Em vez disso, a escrita é concisa, estilosa e diretiva. Deve haver algum ponto em particular de similaridade, não seria de se admirar, uma vez que os dois livros surgiram da mesma corrente de pensamento esotérico.

Na segunda página do primeiro capítulo de Iniciação Humana e Solar, e que foi dada a Wadia para incluir na “O Teosofista”, Alice Bailey escreve:

Nesses dias de despedaçamento da antiga forma e da construção do novo, a adaptabilidade é necessária. Devemos desviar do perigo da cristalização através da maleabilidade e da expansão. A “velha ordem muda”, mas primariamente, é uma mudança de dimensão e de aspecto e não de material ou de fundação. O fundamental sempre foi verdade. Para cada geração é dada a parte de conservar as características essenciais da forma antiga e estimada, mas também de sabiamente expandi-la e enriquecê-la. Cada ciclo deve agregar o ganho de pesquisas futuras e empenho científico, e deduzir o que está desgastado e sem valor. Cada era deve incorporar o produto e os triunfos de seu período, e sintetizar os acréscimos do passado que poderiam enfraquecer e distorcer as linhas gerais. Acima de tudo, para cada geração é dada a alegria de demonstrar a força das antigas fundações, e a oportunidade de construir sobre essas fundações uma estrutura que atenderá as necessidades da vida interior em evolução. [31]

Com essa declaração de intenção quase pouco discreta, Alice havia entregado um anúncio para Wadia publicar na revista principal da Sociedade Teosófica, de que havia uma nova demonstração da teosofia a caminho, e que ela era a pessoa que iria registrar isso. Foi um ato de provocação aos olhos da Seção Esotérica, submetida a uma conjuntura crítica quando pensou que a campanha para democratizar a Sociedade Teosófica seria favorecida.

As reações negativas que recebeu provavelmente não surpreenderam, e deveriam ser também compreendidas à luz do conteúdo regular da “O Teosofista”. Besant

escreveu temas polêmicos tais como racismo e escravidão, e Wadia compôs artigos referente a assuntos organizacionais e das metas e objetivos da sociedade. Outros colaboradores forneceram amostras de comparação de religião, filosofia, política mundial, psicologia, discussões indiretas e sínteses dos ensinamentos de Blavatsky. As amostras de Alice Evans saltavam aos leitores. Elas eram confiáveis e claramente projetadas para representar uma nova demonstração da Sabedoria Eterna, com ou sem prova de intenção. Para os membros mais ortodoxos, esse novo material teria causado uma ofensa imediata. Para eles, o novo ensinamento foi composto por uma pretenciosa recém-chegada e encrenqueira, que claramente não sabia seu lugar dentro da hierarquia da sociedade teosófica e não poderia estar em relacionamento telepático com o Tibetano, pois Besant e Leadbeater não haviam afirmado que isso fosse verdade.

Quando Alice entregou para Wadia aqueles capítulos, ela devia saber o impacto que teriam. Mas ela não sabia o que estava por vir.

Em fevereiro de 1920, em sua função como editora da “O Mensageiro”, Alice Evans escreveu “Uma visão do futuro de Krotona”, onde explicou aos membros, de forma comedida e balanceada, sua visão por uma liderança mais unida, mais centrada em Krotona. Para resolver o problema financeiro e aperfeiçoar a organização, ela tentou persuadir os membros a votarem em mudanças para que a sede da seção americana pudesse juntar forças com a Seção Esotérica, para formar um corpo governante abrangente. A sede de Krotona manteria então o controle da seção americana. O artigo foi escrito para convocar uma discussão livre e aberta entre os membros. Em vez disso, provocou uma tempestade de mordacidade. [32]

Num movimento oportuno, Albert Warrington renunciou como presidente em 18 de março de 1920, uma posição que ele teve por oito anos, anunciando que pretendia se juntar a Annie Besant na Índia. Ele foi substituído por Louis Rogers, que tinha servido como vice-presidente pelos sete meses anteriores.

Louis William Rogers (1859-1953) é uma figura notável no movimento teosófico. Ele começou como professor antes de se tornar palestrante e, em seguida, um proeminente e estridente sindicalista ferroviário, ativista do movimento sindical, tornou-se editor de vários jornais do movimento sindical. Era ativo na União Ferroviária Americana, ascendendo para o conselho executivo da organização antes de ser condenado a três meses de prisão por seu envolvimento na greve Pullman, de 1894. [33] Ele se juntou à Sociedade Teosófica em 1903, e rapidamente alcançou destaque como orador e conferencista. [34]

A mudança na liderança não era um bom presságio. Rogers se tornou um formidável inimigo, e ele era “amargamente oposto” a Foster Bailey e à Liga Rumo à Democracia, não tendo escrúpulos em expressar seus sentimentos. Rogers não estava sozinho em seu ponto de vista. Nas edições de abril e maio da “O Mensageiro”, várias cartas foram publicadas atacando a Liga. Uma delas, composta pelo advogado e sacerdote da Igreja Católica Liberal, Robert Kelsey Walton, era especialmente mordaz, acusando os organizadores da liga de espalharem informações incorretas e de fazerem zombaria da própria democracia que pretendiam instituir. [35]

Vários membros da Liga tentaram se defender, mas a bronca contra eles foi implacável e maldosa, especialmente do novo presidente.

Foster Bailey não era páreo para Louis Rogers, um homem bem versado nas batalhas organizacionais. Logo depois dessa nomeação, executando seus novos poderes presidenciais, Rogers imediatamente tirou Foster e Alice de seus cargos. Em junho de 1920, Alice não era mais editora da “O Mensageiro” e Rogers anunciou que na edição daquele mês, sua substituta seria a residente de longa data, a Sra. Grace Boughton; Foster foi substituído como secretário nacional por Betsey Jewett naquele mesmo mês. Woodruff Sheppard também foi despedido.

Sem um cargo oficial e os rendimentos que vinham dele, Foster continuou com sua campanha. Enquanto isso, Rogers enchia a “O Mensageiro” com veneno. Na

mesma publicação, ele afirma: “A Liga parece ser uma das melhores piadas da temporada. Em um dos boletins, fui informado que no final das minhas regras está o ‘instinto separatista’. Vindo da Liga, isso me parece ser uma sagacidade de alta classe. Ninguém é tão verdadeiramente divertido como o humorista inconsciente.” [36]

Seu tom sarcástico é indicativo do estilo de suas implacáveis condenações. “Um pouco é tentar permanecer em silêncio sob ataque, quando a seção é inundada com circulares de ultrajante deturpação de supostos mártires, que têm queixas contra a administração...” [37] Louis Rogers domina a edição de julho da “O Mensageiro” na prévia da convenção anual e lança um ataque à Liga:

Não há maneira mais justa de julgar uma pessoa ou uma liga, do que contrastar o que é prometido com o que é feito posteriormente. Não é estranho que as cartas dos membros da sociedade teosófica chegam nesse escritório mostrando que se juntaram à Liga Rumo à Democracia com a impressão de que era algo bem diferente do que se mostrou ser. Ninguém pode ser culpado por se juntar a ela depois de ler o anúncio feito, mas, à luz do que a Liga fez desde então, esse anúncio agora soa como uma piada sinistra. Provavelmente, nunca na história da teosofia em todos os países, alguém ou qualquer organização foi responsável por tanta discórdia, em harmonia e destrutividade em geral, em tão pouco tempo, como a Liga conseguiu. Para que esqueçamos a promessa justa com a qual foi lançada e que, naturalmente, levou para si muitos teosofistas sérios, vamos ler novamente sua declaração original ao mundo. Depois de se referir à importância de executar as ideias dos fundadores da sociedade teosófica, diz: “Para este fim, um bando de pessoas da Sociedade Teosófica, harmoniosas e construtivamente inclinadas em Krotona, estão se esforçando para promover aquela tolerância fraterna que se expressa através de uma forma de governo espiritualmente democrática, e para esse propósito fundaram uma Liga, cujos detalhes estão anexados.” Agora, o que a Liga de fato fez? Entregou uma quantidade de informações completamente erradas. Atacou a atual administração sem o esforço mínimo de primeiro verificar os fatos. Tornou-se campeã de três funcionários dispensados, aceitaram a história deles de queixas pessoais, e publicaram essa versão sem fazer uma única investigação de qualquer membro da administração ou de tentar verificar alguma coisa contada a eles pelo trio ofendido. Não

publicou correções ou pedidos de desculpas e, portanto, se posiciona hoje como campeã de revolucionários, que desafiam métodos constitucionais, pois o procedimento do conselho administrativo estava estritamente de acordo com as leis da Seção. Eles são incumbidos pelos Estatutos da função de nomear e destituir os dirigentes em questão. Se fossem oficiais eletivos, o caso seria totalmente diferente. A remoção deles então, se tivesse sido possível por algum tecnicismo, teria de fato sido um abuso de poder. Mas assim, os membros do conselho diretor simplesmente dispensaram uma obrigação da lei sobre eles. [38]

Já as dificuldades financeiras de Krotona eram tão severas, que mal conseguia gerenciar sua dívida. Uma mudança estava em andamento, instigada por Rogers, para transferir a sede administrativa para Chicago e vender Krotona. Na mesma edição da “O Mensageiro”, Rogers apresenta seu argumento. A ideia era pragmática e ganhou apoio popular.

Ao invés de conceder a derrota, Foster, um homem íntegro de 32 anos, levou a Liga Rumo à Democracia para a convenção de Chicago, em julho de 1920. Ele subestimou grosseiramente seu oponente, colocando seu juízo contra o robusto Rogers, um homem de cerca de 60 anos, orgulhoso de seu próprio poder. Em sua autobiografia, Alice Bailey fala vagamente sobre a humilhação que se seguiu e apenas afirma que o sr. Warrington e a Seção Esotérica garantiram o controle e foram “agressivamente triunfantes”. Relatos nas edições dos meses seguintes da “O Mensageiro” contam uma história diferente. Quando Foster subiu ao palco e fez sua apresentação em apoio aos argumentos e à visão da Liga Rumo à Democracia, ele foi publicamente condenado. Alice e Foster retornaram para Krotona derrotados. Rogers persistiu com seu antagonismo, recorrendo ao ridículo na edição de setembro da “O Mensageiro”, chamando a disputa de “tempestade num copo d’água”. [39]

As tribulações não acabaram ali. Rogers tentou despejar Foster, que ainda vivia em uma tenda, do terreno de Krotona. Foster enviou um telegrama para Annie Besant, que interrompeu o despejo. Enquanto isso, Foster tentava obter uma cópia da ata da conferência enviada para Annie Besant, para que ela pudesse ver

com os próprios olhos o que havia acontecido, mas Louis Rogers bloqueou a jogada, alegando que isso seria muito caro pois havia cerca de 800 páginas transcritas. Rogers então mudou rapidamente a administração de Krotona para Chicago naquele mesmo mês. [40]

A maior parte da repercussão da falha na aposta da Liga caiu sobre Foster, mas infelizmente, para Alice Bailey, ela atraiu um formidável inimigo e sua reputação sofreu dentro da sociedade teosófica.

No decorrer do verão de 1920, durante a formação e no rescaldo da saga, Alice compôs o resto das cartas em Cartas Sobre Meditação Ocultista, e quando o drama atingiu o auge, ela estava escrevendo o resto do capítulo sobre os perigos da meditação. O conselho que recebeu durante esse período teria sido profundamente necessário. Com Rogers firmemente assentado no poder, a situação para Alice comprovava-se uma enorme tensão. Em 18 de junho de 1920, desempregada e sozinha em casa, recebeu uma mensagem direta do Tibetano:

Posso sugerir algo a você? Todo cuidado e ansiedade baseia-se primariamente em motivos egoístas. Você teme mais dor, recua diante de novas experiências tristes. Não é dessa maneira que o objetivo é alcançado; ele é alcançado pelo caminho da renúncia.... Se línguas mentirosas agem, não tema, mas siga em frente.... Não falo nada mais. Mas desejo que você não dissipe uma força desnecessária em imaginações vãs, especulações frenéticas e expectativas conturbadas. [41]

Aquelas palavras devem ter sido um grande conforto. Não é claro se Alice também foi expulsa de seus cargos de palestrante e professora, ou quando parou de comandar o café de Krotona, mas nessa conjuntura, Foster e Alice não tinham renda e ela tinha três filhas para cuidar. Alice Bailey afirma que no dia que avaliaram a situação, as finanças conjuntas deles somavam US$ 1,85 ou US$ 24,00 no dinheiro de hoje. Havia contas e aluguel para pagar. Na época, Alice

não recebia nada da Grã-Bretanha. [42]

O futuro era incerto, seus prospectos não eram bons, mas nos dias que seguiram, um doador anônimo deixou dinheiro num envelope na soleira de sua porta, e Foster recebeu uma oferta de um cargo como secretário na Associação Teosófica de Nova Iorque, uma organização extraoficial, independente, que se separou da sociedade teosófica em 1899, por volta da época da sucessão de Katherine Tingley. Ele aceitou o cargo e em poucos dias, se prepararam para atravessar a América. [43]

9

SEPARAÇÃO

A palavra “respeitável” é a que melhor descreve a atitude moral de Alice Bailey. Depois do escândalo de Leadbeater, que deve ter impactado a sensibilidade dela, ela estava muito preocupada em que o ocultismo não devesse ser trazido à infâmia pelo comportamento de seus proponentes. Foi por isso, por todas as tribulações em Krotona, que Foster Bailey permaneceu vivendo em sua tenda. Para evitar a “fofoca suja”, Alice morou com sua amiga idosa e leal, Augusta Craig, carinhosamente chamada Craigie, uma mulher que “reverberava inteligência e lucidez”. [1] Ela era tão leal que, apesar da atenção de muitos admiradores, Craigie continuou com a família de Alice até que envelhecesse demais para isso.

Um padrasto devoto desde o princípio, Foster visitava regularmente a casa em Beachwood Drive, e formou vínculos estreitos com as pequenas Dorothy, Mildred e Ellison. As garotas o adoravam. Para elas, ele era tudo que Walter não foi e ele as considerava como se fossem suas. Dorothy tinha nove anos quando se conheceram, e Ellison apenas cinco. Até que ele surgisse em cena, as meninas só conheciam dificuldade e pobreza. “Uma vez, vivi por três semanas só com chá (sem leite ou açúcar) e pão seco, para que minhas três filhas pudessem ter o que era essencial para comer.” [2] As meninas devem ter carregado em algum lugar lá no fundo, as memórias infelizes da violência que a mãe delas enfrentava. Foster pode ter sido para elas uma libertação. Através desse novo compromisso em Nova Iorque, as vidas daquelas três garotinhas e de sua mãe estava prestes a passar por uma nova e animadora transformação.

No final da década de 1920, deixando Alice e as meninas para trás, Foster foi para Nova Iorque e se hospedou próximo aos escritórios da sociedade teosófica

na Broadway.

A associação foi fundada em 1899 pelo Dr. J. H. Salisbury, por Donald Nicholson e pelo filósofo e escritor, Harold Waldwin Percival. Eles eram apoiadores do falecido William Quan Judge, e estabeleceram a associação em reação contra Katherine Tingley, quando ela assumiu a presidência de Ernest Hargrove, na Sociedade Teosófica na América. [3] Nascido em Barbados, filho do dono de uma plantação, Percival descobriu a teosofia em 1892. Depois da morte de Judge, Percival também continuou e fundou a Theosophical Publishing Company of New York (Companhia Editora Teosófica de Nova Iorque) e através dela, tornou-se um importante escritor e editor de literatura teosófica. A associação lançou sua própria publicação, The Word (A Palavra), em 1904. Esse jornal foi editado por Percival até a sua última edição, em setembro de 1917. [4]

Em 1920, o presidente da associação era um financista, o sr. Ernest Salisbury Suffern (1880-1975), filho de Edward Lee Suffern (1845-1925) e Alice de Reimer Adams (1848-1923), de Boston, Massachusetts. [5] Ernest Suffern era descendente do juiz do condado de Rockland, John Suffern, em cujo nome a vila de Suffern, em Nova Iorque, foi fundada em 1796. [6] Um homem de riqueza considerável, Ernest Suffern não apenas assegurou a Foster seu trabalho como secretário com um salário de 300 dólares por mês, uma cifra muito superior aos dez dólares por mês que Foster e Alice recebiam cada um em Krotona, mas também comprou uma casa para o casal em Ridgefield Park, uma pequena cidade com ruas arborizadas e amplas casas suburbanas, do outro lado do rio Hudson, em Nova Jersey. [7]

Como presidente da associação, o sr. Suffern sabia dos problemas que Alice e Foster estavam tendo em Krotona. Ele teria sido um dos destinatários da “O Mensageiro”. Talvez ele tenha participado da conferência em Chicago e testemunhou pessoalmente a humilhação pública. Ele conhecia as habilidades de Foster na capacidade de secretário, e em sua crença nos princípios da democracia quando se tratava do gerenciamento organizacional. Parece que o sr. Suffern tinha sua própria agenda ao nomear Foster. Preocupado com a reputação

da sociedade teosófica, Suffern tentou mais tarde persuadir a Sra. Besant em agir para preservar o nome da organização, e numa carta para ela datada de 25 de abril de 1922, ele expressa sua decepção por ela ter lhe recomendado encerrar sua associação com a Seção Esotérica. [8] Essa rejeição pode ter sido em parte por que em 1921, Suffern reclamou abertamente que se percebia que não foi dado aos membros da sociedade tempo para nomear candidatos independentes nas eleições presidenciais seguintes. Ele também enviou um apelo prolongado aos membros da seção americana da Sociedade Teosófica, chamando para uma reforma administrativa. O presidente da Sociedade Teosófica, Louis Rogers, respondeu ao apelo na carta publicada na edição de abril da "O Mensageiro", anulando a questão. [9] Dado seu próprio desejo por reforma, e como presidente de um grupo separatista, Suffern teria visto em Foster uma oportunidade. Ele claramente acreditava em protagonistas, compadecia-se deles e resolveu candidatar-se. Quaisquer que fossem os motivos do sr. Suffern, Foster e Alice tinham um novo aliado.

Ao final de 1920, uma vez que estava estabelecido em seu trabalho, Foster mandou chamar Alice. Deixando suas filhas sob os cuidados de Craigie, ela fez a longa jornada de trem pela América e ficou em um apartamento nos Yonkers, não muito longe da hospedagem de Foster. Em 14 de março de 1921, o casal foi à Prefeitura e obteve uma certidão de casamento. Eles se casaram e retornaram ao escritório para trabalhar, naquela mesma tarde. Não houve nem um pouquinho de romance no ato. Um comentarista observa que havia rumores de que o casamento deles não foi consumado, um "casamento em branco", baseado não em paixão, mas em companheirismo. Se é verdade ou não, não há como saber. [10] Cada um deles pode ter tido suas várias razões para formar um casamento baseado numa visão compartilhada, em vez de no amor romântico. Foster havia pilotado um avião que caiu, e ele também tinha sofrido com exposição ao gás mostarda. [11] Em vez de retornar para sua carreira anterior de advogado, escolheu forjar uma vida na teosofia. Alice tinha sido sujeita a anos de violência emocional, mental e física, suportou um parto traumático e sua saúde nunca havia sido boa. Romance provavelmente era a última coisa em sua mente. O que fica claro é que permaneceram casados por quase 30 anos, e aparentemente, eram inabalavelmente leais um ao outro em todos os aspectos.

Consumado ou não, na empolgação inicial da vida de casados, os recém-casados estavam ocupados, criando um lar para eles e para as crianças, começando a mobiliar a propriedade em Ridgefield Park. Enquanto sua nova esposa estava ocupada fazendo cortinas e estocando a casa com itens básicos – a maioria das quais Ernest Suffern forneceu – Foster foi para o oeste para buscar as crianças. Quando ele voltou, exausto depois da longa jornada de trem para lá e depois de volta, a família Bailey começou sua nova vida.

A década de 1920 foi uma época empolgante para se estar em Nova Iorque, uma cidade manufatureira, de comércio e cultura, com uma grande população migrante. A economia americana estava em crescimento. Foi uma década marcada pelo consumo. Os carros substituíram os cavalos e as carroças nas ruas. As mulheres eram cada vez mais empregadas em funções administrativas, e a 19ª emenda da constituição deu a elas o direito do voto. O trabalho pesado dos afazeres domésticos começava a ser amenizado, com invenções como a máquina de lavar roupas. De certa maneira, o vestido conservador de estilo eduardiano, com seu colarinho alto, corpete apertado, mangas presunto e saias longas e esvoaçantes, foi rapidamente substituído por roupas que caíam soltas dos ombros e na cintura, alcançando apenas até o meio da panturrilha. Era a época do chapéu clochê e do vestido melindrosa. O cabelo não era mais mantido longo e preso em um coque no alto. Era tipicamente um corte curto e aparado no pescoço, num bob angular. Repentinamente, os corpos das mulheres foram liberados dos espartilhos. Elas começaram a vestir calças. Essas mudanças na moda refletiram a mudança das atitudes das mulheres na sociedade. As mulheres fumavam, bebiam e dançavam. Clubes de jazz abriram e, junto com salas de dança e bares clandestinos, forneceram uma válvula de escape para a rebelião. A década de 1920 na América foi uma era marcada pela proibição de um lado, e a liberação da inibição do outro.

Alice assistia a isso com preocupação. Ela sabia que a era vitoriana, com suas atitudes restritivas ao sexo, havia sido repressiva, mas ela achou que a balança estava caindo demais para o outro lado. Ela assumiu uma postura de alta moral na conduta pessoal, em concordância com a sua própria criação estrita e devota. Suas filhas frequentaram a escola pública local, que era coeducacional, outra coisa que ela foi forçada a aceitar.

Enquanto isso, a campanha para reformar a Sociedade Teosófica continuava. Em uma tentativa de persuadir os membros, Foster organizou o Comitê dos 1.400, que “prometeu esforçar-se para virar a Sociedade Teosófica para seus princípios originais”, e a remover o que se tornou uma teocracia baseada na Índia. Até onde Alice Bailey estava preocupada:

Foi uma briga entre um grupo seletivo, isolacionista e superior, que se considerava mais sábio e espiritual do que o resto dos membros, e daqueles que amavam seus semelhantes, que acreditavam no progresso e na universalidade da verdade.” [12]

Alice assumiu um papel de suporte. Foster era seu leme. Sua frustração foi profundamente sentida e enquanto muitos outros compartilharam seu desejo de mudança, incluindo Ernest Suffern através de sua função anterior em Krotona, Foster se posicionou na vanguarda da campanha por mudança.

Em casa, nos bastidores, abrigada em sua vida doméstica, Alice permaneceu parte da campanha. Ela apoiou os esforços de Foster, ajudando de alguma forma a conduzi-los para ela, a alma da organização da Sociedade Teosófica precisava ser salva das fraquezas de sua personalidade. Era uma crença que atraiu e continua a atrair a ira de muitos teosofistas ortodoxos.

Wadia continuava a ser solícito, mas foi então que Alice e Foster descobriram que ele tinha uma agenda pessoal. Ficou visível que ele usava o Comitê dos 1.400 para expulsar Rogers e assumir a presidência no lugar dele. “Foster, porém, não havia organizado para colocar no poder um homem que representaria o comitê. O comitê foi organizado para apresentar a questão envolvida e os princípios que faziam parte da adesão à Sociedade Teosófica.” [13] Quando Wadia descobriu a posição de Foster, ameaçou lançar seu peso em um grupo sectário rival, que tinha a crença de que a última palavra na teosofia era dita por

Blavatsky. Foi uma ameaça que logo cumpriu, quando uniu forças com a United Lodge of Theosophists (Loja Unida de Teosofistas). [14] Isso seria sentido por Alice Bailey como um tapa no rosto, que previamente tinha sido levada a acreditar que Wadia publicaria qualquer coisa que escreveu. Aqueles trechos que apareceram na “O Teosofista” em 1921, seriam isso. Alice Bailey não guardava rancor de Wadia. Em uma conversa em novembro de 1994, ela o descreve como um “discípulo muito bom”, mas “a ambição o tomou”. [15]

A evidência do desejo de Alice Bailey de seguir em frente com sua própria visão, pode ser encontrada em uma palestra que deu aos membros da Associação Teosófica de Nova Iorque, no Dia do Lótus Branco, em maio de 1921, e que apareceu na edição de março de 1922 da “O Teosofista”, onde ela apresenta o movimento teosófico da era de Blavatsky até o então presente, terminando com:

Tivemos a revelação que Helena nos trouxe; recebemos as explicações e interpretações que a Sra. Besant nos deu; e, com tudo aquilo para auxiliar-nos, certamente vocês e eu recebemos a inteligência e a disposição para seguir com o trabalho. Temos que dar essas verdades, não só para poucos intelectuais e para os estudantes teosóficos, mas para o público em geral. As massas de pessoas por todo lugar clamam pelo que temos para dar, e agora é nosso momento e oportunidade. [16]

Qualquer menção ao Comitê dos 1.400 estava fora de sua palestra. “Agora é nosso momento e oportunidade” é um chamado para a ação, implicando que ela já estava ávida para avançar com seus próprios projetos e não tinha receio de anunciar esse desejo.

Até então, a campanha tinha acabado. Em março de 1921, Foster Bailey foi indicado para presidente nacional. Ele recebeu 6 votos, Ernest Suffern recebeu 62 e o sr. Rogers teve a grande maioria, passando Suffern com 2 mil adicionais, uma clara indicação de que o Comitê dos 1.400 nunca ganharia o voto popular. [17]

Mas a necessidade por reforma era amplamente reconhecida, e Roger sabia disso. Enquanto ele continuou a desmerecer e dispensar os esforços de Foster Bailey, em seu relatório presidencial da edição de abril de 1921 da “O Mensageiro”, ele continuou a discutir o caso pela reforma, seguindo o sistema da sociedade britânica. Em 1924, Krotona foi vendida e a Seção Esotérica se mudou para Ojai, na Califórnia, onde permanece até hoje. Com a instrução de Rogers, a sede teosófica foi realocada para Chicago, antes então de se mudar para Wheaton, em Illinois, em 1926, quando um terreno de quatro hectares foi comprado. Um departamento de publicidade e uma biblioteca nacional foram estabelecidos sob o comando de Rogers, e o número de membros cresceu de 3.500 – onde ficou em 1913, depois do primeiro ano de Warrington na posição – para impressionantes 8.700. Diante de todas essas conquistas, parece que a animosidade de Rogers em relação aos Baileys foi fundada não em mesquinhez, mas numa poderosa motivação para melhorar as condições da sociedade, algo que claramente ele conquistou. [18]

Essas mudanças organizacionais aconteceram em uma época de tremenda pesquisa espiritual e psíquica, conforme o público pensador buscava por uma espiritualidade nova e moderna, ambos em resposta à devastação da Primeira Guerra Mundial e de um otimismo recém emergente pelo futuro, trazido em parte pelos acordos fechados pela Liga das Nações. No espírito da época, havia um desejo profundamente arraigado de romper com o passado em todos os seus aspectos. As artes desabrocharam. Uma nova onda de autores, incluindo Aldous Huxley, Ernest Hemingway, Scott F. Fitzgerald, D. H. Lawrence, Edith Wharton e H. G. Wells, compuseram e publicaram seus trabalhos influentes.

Na Academia, o influente matemático que se tornou metafísico, Alfred North Whitehead, estava prestes a se mudar para Harvard em 1924, após o sucesso de seu livro O Conceito da Natureza. Uma década antes, em 1909, o psicólogo e filósofo William James apresentou uma série de palestras de Hibbert, publicadas como Um Universo Pluralista, onde ele discute a interconexão de toda a existência, baseando-se na filosofia de Gustav Fechner. A escritora Evelyn Underhill lançou seu trabalho influente em experiências místicas: Mysticism:

Um estudo na natureza e desenvolvimento da consciência espiritual do homem, em 1911. Esses pensadores representavam o interesse emergente e as pesquisas eruditas no mundo subjetivo da experiência espiritual e explicações metafísicas do universo. O professor de filosofia na Universidade de Tubingen, Dr. Konstantin Oesterreich, um estudioso influente no campo da pesquisa psíquica, saiu em 1921 com a afirmação de que a telecinese e as materializações eram fatos.

Na frente popular, a década de 1920 testemunhou a publicação de um excesso de livros de qualidade, que variavam sobre os tópicos de psiquismo, espiritualidade e ocultismo. O movimento Novo Pensamento publicou a produção prolífica de livros inspiracionais de autoajuda, do autor Orison Swett Marden. Em 1926, Arthur Conan Doyle lançou A História do Espiritualismo. Edgar Cayce, místico cristão, despertava muito interesse popular e crítico em suas leituras sobre transe. O interesse no espiritualismo proliferava e Harry Houdini estava ocupado tentando refutar todas as reivindicações da existência do paranormal.

Havia uma sede por algo fresco, convincente, abrangente, capaz de explicar realidades metafísicas, o sentido da vida, as origens do universo, toda a panóplia das experiências místicas e paranormais. Sentada tranquilamente em casa, em Ridgefield Park, Alice Bailey preenchia essa necessidade. A questão seria como apresentar essa nova demonstração ao mundo, de maneira que evitasse as dificuldades que ela encontrou na sociedade teosófica, com todas as suas rivalidades organizacionais, elitismo e exclusividade.

10

TRATADO SOBRE O FOGO CÓSMICO

Com todas as cartas contidas em Cartas Sobre Meditação Ocultista escritas — a última carta publicada foi escrita em 7 de novembro de 1920 — e o conteúdo de Iniciação Humana e Solar completa, Alice Bailey continuou a abordar a cosmologia esotérica, conforme o Tibetano voltou sua atenção ao material que se tornaria o Tratado sobre o Fogo Cósmico.

Essa obra serve como solução psicológica para A Doutrina Secreta, de Blavatsky, e é constituído de 1.282 páginas de puro pensamento esotérico. A obra cumpre uma profecia feita por Helena Blavatsky, de que “no século XX, um discípulo se tornaria aquele que daria informação a respeito dos três fogos, com os quais A Doutrina Secreta lida: fogo elétrico, fogo solar e fogo por fricção”. [1] Considera-se amplamente como o livro mais impenetrável de Alice Bailey. Todos os ensinamentos de DK na composição de Bailey são apoiados pela visão teosófica de mundo que esse livro contém, e é impossível entender o sentido completo e a significância do resto sem se aventurar. O índice por si só pode confundir, com capítulos de diferentes tipos de fogo e movimento, com várias leis governando o universo, o “manas” ou mente, e o pensamento elemental. Existem regras para magia, junto com instruções de como criar “forma-pensamentos”.

Para aqueles que desconhecem o terreno, o que é retratado em todas essas páginas constitui uma teoria metafísica de tudo, que pretende explicar a origem e o propósito do universo em uma única totalidade. Ler o Tratado sobre o Fogo Cósmico gera um sentimento de maravilha, que logo abre caminho para um esforço mental, conforme a complexidade do esquema cósmico envolve o leitor num surpreendente processo intenso de visualização.

Da perspectiva de quem não é parte da comunidade, a cosmologia contida dentro do tratado refere-se à evolução da consciência descrita, usando uma variedade de metáforas. Cada metáfora é em si um vasto sistema complexo. Seja acreditando completamente ou não, o leitor deve expandir sua mente para aceitá-lo. Não há exigência de que o leitor veja essas metáforas como verdade. A metafísica sempre se preocupa com representações da realidade. Uma realidade interna que estimula um tipo particular de percepção. Para o agnóstico, a suspensão da descrença, junto com uma disposição para envolver a imaginação e o esforço para compreender, pode ser o bastante para estimular um crescimento significante na consciência.

O tratado é fundado na noção da correspondência ou no princípio dos relacionamentos de similaridade que existem em vários níveis ou partes do universo: o macrocosmo e o microcosmo, o mundo natural e o mundo interior espiritual. A correspondência é uma forma de compreender pela analogia, reconhecendo similaridades na estrutura em grupos de coisas externamente diferentes. [2]

A cosmologia no Tratado sobre o Fogo Cósmico, começa no nível macrocósmico, com um princípio controlador no universo, um Construtor divino ou Mente Criativa. “O universo objetivo é apenas o produto de alguma mente subjetiva.” [3] No linguajar teosófico, o tratado descreve essa mente como o Logos solar. O Logos solar não é para ser confundido com a realidade absoluta, que está tão fora de alcance nesse esquema que mal pode ser concebido.

O Logos solar é um dos numerosos Logoi em evolução, em uma vasta hierarquia cósmica do ser. É a ideia por trás do nosso sol do sistema solar. Para essa ideia encontrar expressão, deve combinar com uma substância inteligente pré-existente. Essa combinação de espírito puro e matéria inteligente, cria luz ou objetividade, e então um sol nasce, um sol físico, um que também é um símbolo de consciência.

Assim como o cristianismo retrata Deus, o criador máximo, seu Filho e o Espírito Santo como a divina trindade, o Logos solar é um desses três aspectos ou atributos da manifestação. Em outras palavras, nosso Logos solar é apenas um aspecto ou face de um Logos trino. Seguindo um retrabalho de metafísica Neoplatônica, esse Logos trino engloba vontade, sabedoria e atividade. [4]

Adotando um ponto de vista evolucionário macrocósmico, antes que nosso Logos solar expandisse sua energia (indicado na teosofia como involução), o terceiro aspecto, o da atividade, teve sua vez e a única evolução que aconteceu naquela época dizia respeito à própria matéria. [5] Naquela manifestação do terceiro aspecto do Logos, a matéria era inteligente e evolutiva. Em nosso sistema solar atual, nessa segunda rodada da evolução, nosso Logos solar jorrou o segundo aspecto, a energia do amor-sabedoria com nosso Logos solar representando a soma total de todos os estados de consciência dentro dele.

Se isso fosse tudo para a estrutura cosmológica abrangente do tratado, qualquer pessoa com um certo grau de compreensão religiosa ou espiritual não acharia nada confuso. Daqui em diante, as coisas ficam complexas.

Nessa apresentação esotérica, os indivíduos humanos são chamados de átomos, uma apelação de certa forma justa quando considerada da perspectiva da cosmologia:

O objetivo para a evolução do átomo é a autoconsciência, como exemplificado no reino humano. O objetivo para a evolução do homem é uma consciência grupal, como exemplificada pelo Logos planetário. O objetivo para o Logos planetário é a consciência de Deus, como exemplificado pelo Logos solar. [6]

Num esquema interdependente, interrelacionado, o Logos solar não consegue alcançar seu objetivo evolucionário exceto através da humanidade Depende de cada átomo humano individual desenvolver o controle de seus pensamentos, de suas emoções, hábitos e gostos. Um grande peso de responsabilidade é repentinamente imposto sobre todos nós. Somos cobrados para nos refinarmos para o bem do todo, da mesma maneira que o cristianismo nos convida a seguir os passos de Jesus, ou o budismo nos convida a seguir o caminho óctuplo, ou o islã os cinco pilares, todos caminhos de purificação e serviço aos outros.

Um universo ordenado ou não-caótico, com um propósito evolucionário único, que deve ter alguns princípios de governo ou leis que explicam e direcionam todo o enrolar da consciência de volta à sua fonte. A regra suprema sob o segundo Logos solar é a lei da atração e repulsão, e a sua tônica é amar sabiamente. [7] Sob essa lei, existimos como aspectos da vida subjetiva do Logos solar. O Logos pensou, logo nós existimos. É a lei que governa nossa alma. A manifestação mais óbvia dessa lei no reino animal é o sexo e a atração sexual. Ela se refere à maneira que somos atraídos ou rejeitados uns pelos outros. O amor nos une, o ódio afasta. Em uma direção é a dinâmica que cria oposição, na outra, unidade.

A humanidade existe dentro de energias de outra entidade em evolução, o Logos planetário. Imagine a energia exalada pelo nosso Logos solar, serpenteando em torno de seu corpo, nosso sistema solar, e então se acomodando em um complexo sistema que compreende sete vórtices ou redemoinhos de energia. Cada uma dessas sete concentrações ou centros de energia espiral, é chamada de esquema planetário.

O objetivo evolucionário é simples, a conquista da harmonia perfeita de um fluxo de energia desimpedido, para e através dos centros de energia. Os obstáculos são muitos: nós.

Para complicar a matéria ainda mais, nosso sistema solar é eletrificado pela

energia que emana do plano cósmico mental.

Enquanto os centros de energia, ou chacras, representam focos de energia, os planos retratam níveis de manifestação e estágios de progresso evolucionário. Os planos são integrais ao pensamento teosófico. São planos de percepção alcançada, e há sete ao todo. O primeiro é um campo universal de potencial, esperando para tomar forma. Cada plano descendente se torna mais denso, se movendo pelo gás e pelo líquido, e chegando ao sétimo, o plano físico da matéria. Seguindo adiante nos planos, o plano líquido é o das emoções, e o gasoso, o mental.

Os planos podem também ser pensados como amplas esferas rotativas.

Assim como existem os chacras, também cada plano compreende sete sub planos. Tudo que existe em nosso sistema solar está localizado nos vários sub planos do plano físico cósmico. Pedras e árvores, por exemplo, estão localizadas em nosso plano físico, que é o sétimo sub plano solar sistêmico, o sub plano mais baixo do plano físico do sistema solar, o mais baixo sub plano em si do plano físico cósmico. E assim segue. Confuso de qualquer jeito, provavelmente fica melhor se considerado como um tipo de boneca babusca cósmica. Nosso planeta é a menor boneca e somos apenas pintas de tinta na pele dela.

Os planos permitem um caminho para a evolução da consciência. A ideia é que conforme ganhamos controle dos nossos vários corpos, que tem a manifestação deles nos planos mais baixos, somos capazes de ascender e ganhar acesso aos planos mais altos da percepção. Embora esse acesso não seja, de forma alguma, dado e não seja simples.

Enquanto os planos esferoidais do sistema solar rotacionam latitudinalmente, assim como os centros de energia ou chacras, eles são afetados por uma vasta

enxurrada de energias rotacionando longitudinalmente. Essas energias são os Sete Raios, bandas esferoides de cor, que formam uma vasta rede entrelaçada. [8] Nosso sistema solar é de repente uma dança iridescente de cor e luz:

Os três maiores raios do aspecto (emanações da essência divina)

Raio IVontade ou poder

Raio IIAmor-sabedoria

Raio IIIInteligência ativa

Os quatro raios menores de atributo

Raio IVHarmonia através do conflito

Raio VConhecimento concreto ou ciência

Raio VIDevoção ou idealismo abstrato

Raio VIIMagia cerimonial ou ordem.

“Todo o sistema de raios de influência, ou calor radiativo... uma intrincada circulação e interação.” [9]

O sistema solar se tornou uma evolução caleidoscópica, o ajuste de energias em alinhamento para formar belos padrões. Se estivesse ensinando hoje, o Tibetano poderia ter recorrido ao pensamento de complexidade e se referido aos fractais, sempre repetindo padrões em infinitos graus de escala.

O leitor não-esotérico pode já estar abalado com a incompreensão, e há muito mais para seguir nesse tratado. Qual é o ponto de tal sistema intricado? Para o não praticante, tudo pode parecer irrelevante ou pior, baboseira.

A conceitualização elaborada do tratado tem duas funções. Carrega uma poderosa mensagem, e tem um profundo efeito na mente. A apresentação deixa a maioria de nós na primeira página, incapazes de atravessar o limiar para esse estranho universo de significados subjetivos, confiando, se houver interesse, em outros para interpretar e reformular as ideias de uma forma mais simples e otimizada, como Robert Ellwood conseguiu com seu livro: Theosophy: A modern expression of the wisdom of the ages (Teosofia: uma expressão moderna da sabedoria de todos os tempos, em tradução livre). [10]

Em suma, de uma perspectiva metafórica, o Tratado sobre o Fogo Cósmico chega a um caminho de conhecimento que envolve a habilidade de ser capaz de imaginar a realidade de múltiplos pontos de vista, e visualizar a interconectividade entre esses pontos de vista, através de um entendimento do princípio esotérico da correspondência. A mente mais alta ou abstrata é demasiadamente estimulada, assim como a intuição, ou a compreensão do todo. O tratado convida o leitor a aceitar o universo em toda a sua vasta proporção, e entender que nós, como unidades humanas trancadas dentro de nossa própria percepção, cheios de nossa própria importância, somos na realidade minúsculos. Ao escrever essa obra em casa, nas poucas horas em Krotona e em Ridgefield Park, Alice Bailey deve ter aproveitado uma experiência extraordinariamente sobrenatural e imersiva.

11

AULA DE DOUTRINA SECRETA

Depois do Comitê dos 1.400 falhar, os Baileys rapidamente perderam interesse nas políticas da sociedade teosófica. Era verão de 1921, e Alice Bailey alugava então um quarto na avenida Madison, onde dava aulas sobre Doutrina Secreta, e atendia pessoas com hora marcada de acordo com a capacidade do conselheiro espiritual. As aulas eram bem frequentadas por estudantes de teosofia e do ocultismo. Richard Prater, um ex-aluno de Blavatsky e associado próximo de William Quan Judge, deu sua aula de Doutrina Secreta para Alice Bailey, depois de frequentar apenas uma sessão. [1] O ato fez com que a aula dela fosse um sucesso instantâneo. Prater sabia, pelos ex-alunos pessoais de Blavatsky da época de Pacific Grove, que ela havia recebido uma instrução compreensiva e intensiva em teosofia e ele estava profundamente impressionado com os resultados. Ele viu em Alice uma aluna especial, e seguiu em dar a ela uma cópia das instruções da Seção Esotérica que a própria Blavatsky havia escrito, dizendo-lhe que poderia usar o material conforme desejasse. Mais tarde, depois de sua morte, ela receberia toda a biblioteca teosófica de Prater. [2]

O apoio veio de muitos lugares. Outra antiga aluna de Blavatsky e Olcott foi a Srta. Sarah Jacobs, que presenteou Alice com placas fotográficas das imagens dos Mestres. [3]

Apoiada por esse aval muito necessário, Alice começou a enviar por correio resumos das lições de suas aulas para grupos de estudo que estavam se formando por todo o país. Infelizmente, as aulas estavam sendo tão bem-sucedidas que rapidamente levantaram o antagonismo dos teosofistas, e seu associado Dr. Jacob Bonggren alertou Alice que suas aulas estavam sob ataque. De onde e de que maneira, é incerto, mas não importava. Uma nova organização começava a

tomar forma. Era baseada no princípio da irmandade universal, aberta a todos; os portões do sigilo que tinham mantido o conhecimento esotérico longe das massas seriam, para o bem ou para o mal, abertos. Alice Bailey estava pronta para germinar as sementes fundamentais que por fim dariam origem ao movimento Nova Era. Nenhum outro ocultista ou místico teria contribuído de forma tão abrangente para sua origem.

Em 1921, Alice formou um pequeno grupo particular de meditação, com sete membros. O grupo se encontrava todas as terças-feiras depois do trabalho, “para discutir o plano dos Mestres da Sabedoria e para meditar por um tempo em nossa parte nisso”. [4] Como resultado daquelas reuniões, os Baileys fundaram a Fundação Lucis, incorporada em 5 de abril de 1922 “como um veículo para fomentar o reconhecimento dos princípios espirituais universais no centro de todo o trabalho, para construir relações corretas”. [5]

Um mês depois, estabeleceram a Lucifer Publishing Company (Companhia de Publicações Lúcifer, em tradução livre) e prudentemente, mudaram esse nome para Lucis Publishing Company (Companhia de Publicações Lucis, em tradução livre) em 1924, quando Alice ficou preocupada com as interpretações da palavra “Lúcifer”, especialmente entre os cristãos ortodoxos. A mudança veio muito tarde. Cristãos evangélicos da década de 1980 usaram o nome original da companhia de publicação para apoiar o argumento deles de que Alice Bailey estava possuída pelo anticristo. Uma líder crítica era a ativista cristã, Constance Cumbey (1944-). “Lúcifer” pode significar portador da luz, mas para Cumbey, a palavra denota o puro mal. [6]

Tudo que Alice Bailey escreveu foi visto por Cumbey pelas das lentes de Lúcifer. O plano dos Mestres Espirituais que ela e seus colaboradores passaram anos meditando, é para Constance Cumbey, muito mais do que simplesmente uma formulação heterodoxa. “Eles pretendem erradicar completamente as pessoas que acreditam na Bíblia e adoram a Deus, acabando totalmente com o cristianismo.” [7] Consequentemente, até mesmo a noção de “manter a mente firme na luz” é vista como um ato de pura maldade.

A obra de Cumbey continua a circular, com a ajuda dela mesma, que mantém sua presença online. Há muitos, e possivelmente centenas de websites de teoria da conspiração e blogs dedicados a atacar Alice Bailey, amparados em parte pelo livro de Cumbey, The Hidden Dangers of the Rainbow (Os perigos ocultos do arco-íris). [8]

De volta a Manhattan, Iniciação Humana e Solar e Cartas Sobre Meditação Ocultista, foram os primeiros textos a serem publicados pela Fundação Lucis.

Outro trabalho, A Consciência do Átomo, também foi lançado em 1922. Ele compreende uma série de sete palestras que Alice Bailey deu em Nova Iorque, no inverno de 1921, cerca de nove meses depois que os Baileys estavam casados e estabelecidos em Ridgefield Park e bem na época que ela estava compondo Um Tratado sobre o Fogo Cósmico. As palestras referem-se à evolução da matéria e à consciência de uma perspectiva teosófica, e tinham a intenção de servir como uma introdução básica ao ocultismo. A palestras viajam desde uma simples apresentação da visão esotérica sobre a evolução na natureza, até a ideia da evolução da consciência, seus objetivos e evolução cósmica.

Alice entrava em ação. Aqueles tempos defendendo o evangelho nas casas dos soldados na Índia, davam frutos. Ela continuaria a dar cerca de seis a oito palestras públicas por ano, algo que aproveitou por completo.

Ela estava palestrando numa época bem antes do rádio, e então a televisão prendeu a atenção da sociedade, uma época que as pessoas de todas as classes participavam da vida fora de casa. O entretenimento era procurado onde quer que ele pudesse ser encontrado. A palestra pública foi a versão de um documentário da década de 1920. Tamanha era a fome do público por novas apresentações de espiritualidade, metafísica e psicologia, que “todo tipo de psicólogo fazia conferências por todo o país”. [9]

As palestras de Alice Bailey eram bem frequentadas. Inicialmente ela não cobrava entrada, e atraiu públicos de mais de mil pessoas, mas logo percebeu que muitos daqueles participantes eram parte de uma plateia “flutuante”, que vai a qualquer palestra gratuita que seja oferecida. Quando uma pequena taxa de 25 centavos foi imposta, a plateia reduziu-se pela metade, para cerca de 500 pessoas, todas elas interessadas em ouvir o que ela tinha para dizer.

Conforme aqueles primeiros trabalhos foram publicados, os Baileys estabeleceram a revista organizacional deles, The Beacon (A Colina), que também foi lançada em abril de 1922. Uma revista de filosofia esotérica, The Beacon – ainda hoje impressa – forneceu e fornece um espaço para estudantes apresentarem suas visões. Os tópicos incluem a natureza do homem, Deus e o universo, o surgimento da nova era, eventos mundiais e os problemas que a humanidade enfrenta. Eram lançadas 12 edições por ano. Hoje, a revista é publicada e enviada trimestralmente para assinantes em todo o mundo. [10] Em fevereiro de 1934, a prestigiosa Occult Review (Análise Ocultista), que exibia então o título O Fórum de Londres, deu as boas-vindas à The Beacon, como um “periódico intelectual” e continuou citando Alice Bailey na “presente necessidade por otimismo”. A edição de junho de 1934 descreve a edição de abril da The Beacon como uma “excelente revista de ocultismo” que “continua a manter seu alto padrão usual”. [11] Um grande elogio de um periódico que geralmente é bem reservado.

As primeiras edições da The Beacon continham trechos reimpressos por Olcott e Blavatsky, e uma série de Alice Bailey chamada “Esboço das lições de Bhagavad Gita”. Outros colaboradores incluem: Advogado e autor bengalês, Mohini M. Chatterji (1858-1936), com “A Joia da Sabedoria”; e o Orientalista, sr. John Woodroffe (1865-1936), também conhecido como Arthur Avalon, com “As Sensações e os Sentidos”. [12] Posteriormente, se incluiriam como colaboradores o psiquiatra renomado e sócio, Roberto Assagioli, e o notável autor, compositor e astrólogo, Dane Rudhyar, que conheceu Alice Bailey em 1920 em Krotona e tinha seus primeiros trabalhos em alta consideração. [13] Outros destaques incluem o autor, inventor e teórico de sistemas, Buckminster Fuller; o Secretário Geral

das Nações Unidas (1961-1971) U Thant; o assistente do Secretário Geral das Nações Unidas por 40 anos, Robert Muller; e o economista E. F. Schumacher, autor de O Negócio é ser Pequeno, que contribuiu com dois artigos para a revista. [14]

De volta em 1922, tipificando aqueles que gravitavam a organização novata de Alice Bailey, estava o escritor e editor sueco, Dr. Jacob Bonggren (1854-1940), que se mostraria um apoiador leal. Um teosofista de longa data, Bonggren era amigo íntimo de William Quan Judge, ficando do lado de Ernest Hargrove quando Katherine Tingley assumiu e deixou a sociedade. Quando Besant se tornou presidente, ela convidou Bonggren para voltar, e ele reingressou na Seção Esotérica. Entre 1886 e 1927, Bonggren teve muitos artigos publicados na "O Teosofista". Ele continuou a ser um colaborador regular para a The Beacon. O texto dele sobre cromoterapia ocultista apareceu na edição de outubro de 1923, sendo posteriormente traduzida para espanhol, e surgiu na forma de livro em 1934. [15]

Em dezembro de 1923, Bonggren saiu em defesa de Alice Bailey, numa carta publicada na "O Teosofista": "Como no passado temos servido nosso grande e maravilhoso H. P. B., também iremos servir no presente e no futuro a sua fiel aluna e sucessora como portadora da luz, nossa líder incomparável, Alice Bailey..." [16]

É interessante notar que tanto Jacob Bonggren quanto os fundadores da associação teosófica de Nova Iorque ficaram firmemente do lado de William Quan Judge. Por associação, Alice Bailey também se encontrou entre aqueles que haviam ficado do lado do cofundador da Sociedade Teosófica e advogado irlandês-americano, que contribuiu enormemente para divulgar a teosofia nos Estados Unidos e era criticado por falsificação.

Apesar de seus próprios críticos e talvez em grande parte por causa das ações daqueles que ficaram ao lado dela, Alice Bailey começava a estabelecer uma boa

reputação. Em dezembro de 1922, a The Occult Review incluiu uma avaliação de Cartas Sobre Meditação Ocultista:

O volume é essencialmente único pelo questionamento sério do assunto, e espalhado em suas páginas, se encontra um ensinamento muito valioso... e há muito tempo nos deparamos com um trabalho de tamanho interesse considerável para estudantes do ocultismo, especialmente que acompanhe as linhas teosóficas.[17]

Isso, numa época quando vários livros estavam sendo publicados sobre mediunidade, clarividência, telepatia, astrologia, sociedades secretas, espiritualismo, misticismo oriental e teosofia. O Cristianismo como Fato Místico, de Rudolph Steiner, originalmente publicado em 1914 e reimpresso naquele ano, recebeu uma reluzente avaliação na mesma edição.

12

A ESCOLA ARCANA

Conforme a venda de livros crescia, também cresciam as correspondências. Cartas chegavam de toda a parte pedindo instruções de meditação. Outros buscavam conselho dos Mestres da Sabedoria ou informação das aulas da Doutrina Secreta. Para responder à essa onda de necessidade, em abril de 1923, Alice Bailey fundou uma escola esotérica. Foi para formar o centro de sua visão, uma escola de treinamento para discípulos do caminho espiritual. Se tornaria o aspecto central do trabalho com o qual se comprometeu pelo resto da vida, e se ela merece ser chamada de a “mãe da Nova Era”, a apelação tem muito mais a ver com sua escola e com os alunos que atraiu, assim como a obra que escreveu em nome do Tibetano.

Fundar uma escola de qualquer tipo é um empreendimento ambicioso, que envolve horas de planejamento, metas e objetivos originais, até a criação de um curriculum e material de aula, e então, sua apresentação. Alice Bailey já havia ganho uma experiência valiosa como parte da Ordem dos Servidores de Campo de Krotona, e havia praticado bastante ao preparar anotações de palestras e materiais de ensino. A escola surgiu depois de dois anos de aulas da Doutrina Secreta, grupos de meditação e da grande quantidade de consultas que ela recebia sobre esses temas. Em seu apogeu, ditava dez mil cartas por ano e levava 48 minutos só para abrir os envelopes das cartas que recebia num único dia. [1] Não é exagero dizer que no começo da década de 1920, a necessidade sentida de uma escola avançada de treinamento esotérico de algum tipo, era grande.

Seu princípio para a escola era quase revolucionário. Na época existia várias escolas ocultistas associadas a diversas ordens, incluindo a Seção Esotérica da Sociedade Teosófica. Geralmente eram administradas de acordo com linhas

exclusivas, e normalmente envolviam promessas de lealdade ou devoção a uma figura superior na organização. A Ordem dos Servidores de Campo ministrava cursos sobre uma variedade de tópicos esotéricos, mas de forma alguma constituía uma escola de treinamento esotérico. Alice Bailey concebeu algo diferente. Essencialmente, ela combinou o estilo de entrega de uma escola por correspondência com os princípios de uma escola de ocultismo. Para ela, aprender sobre um tópico não era nem de longe tão importante quanto colocar em prática várias técnicas e aprender de algum conhecimento ensinado pelas próprias experiências particulares do estudante. [2]

Dar um nome para a escola foi fácil. No material teosófico que Richard Prater deu para Alice Bailey, estava um artigo no qual Blavatsky expressou seu desejo de que a Seção Esotérica se chamasse Escola Arcana. “Nunca foi e eu decidi que a velha senhora devia ter seu desejo atendido.” [3]

A palavra “arcana” significa secreto, escondido, esotérico, oculto, e compreensível para somente alguns poucos. Um termo adequado para uma escola destinada a preparar alunos para o caminho do discipulado e colocá-los em um treinamento espiritual sério. Alice Bailey queria moldar os estudantes em discípulos equipados para o serviço mundial. Até onde sabia, nenhuma escola esotérica que dava formação seguindo essas linhas existiu anteriormente. As que existiram eram apenas preparatórias. [4]

Outro objetivo da escola está contido na vaga, mas significativa afirmação, de que o treinamento dizia respeito à “revelação da divindade no homem e no universo...” [itálico dela] [5]. A escola em escopo seria não-sectária, não-política e internacional. O treinamento seria expressamente para adultos e não para devotos espirituais. A participação era gratuita. A Escola Arcana não exigia obediência ou lealdade exclusiva. Nenhum Mestre a administrava, e nenhuma teologia seria ensinada. Alunos não precisariam aceitar nenhum dos ensinamentos como verdade, incluindo a existência da Hierarquia Espiritual – apesar da escola reconhecer a Hierarquia Espiritual como fato – e uma rejeição de qualquer aspecto dos ensinamentos não afetaria a posição daquele estudante

na escola.

A Escola Arcana era um projeto da própria Alice Bailey. Apesar da ideia original ter vindo do Tibetano, para Alice Bailey, a escola era sua oportunidade de abordar o que percebeu como uma devoção equivocada dos membros da Sociedade Teosófica, de várias personalidades da Seção Esotérica na Sociedade, e nos comportamentos resistentes de algumas daquelas personalidades em renunciar o poder. Ela batalhou para formar sua escola seguindo as linhas que fariam desnecessárias qualquer forma de veneração da personalidade.

Ela colocou uma condição de que o Tibetano não teria controle sobre as políticas e sobre o curriculum. Dos ensinamentos escritos em nome do Tibetano, somente alguns aspectos de Glamour: Um Problema Mundial e, por demanda popular, um curso com base em Um Tratado Sobre Magia Branca foram usados. Todo o resto do material do curso foi criado por Alice Bailey. [6] “O treinamento básico dado na Escola Arcana é o que é dado pelas eras aos discípulos.... Destina-se a ser uma escola para aqueles que podem ser treinados para agir direta e conscientemente sob os Mestres da Sabedoria.” [7] Esse treinamento era compreensivo, incluindo técnicas de meditação, reconhecimento da impressão da alma, as leis do mundo espiritual e a natureza das energias e forças dentro dela e, especialmente, a psicologia esotérica. A meta da escola era treinar os alunos para controlar sua natureza interna, e estimular o contato com a alma, estabelecendo por fim, um contato com o seu ser espiritual interno. A escola ensinava a Sabedoria Eterna e a meditação, enfatizando “a necessidade de viver a vida espiritual e de rejeitar todas as reivindicações de status espiritual.” [8]

Alice Bailey criou intencionalmente uma escola com um apelo limitado. “Nenhum ensinamento será dado em nenhum momento para o desenvolvimento de poderes psíquicos; as pessoas não serão ensinadas a serem clarividentes ou clariaudientes; nenhum treinamento é dado em magia ou no uso de rituais de magia e nada é ensinado em nenhum estágio da magia do sexo.” [9]

Naquela época assim como agora, o glamour usual do esoterismo tem a tendência a atrair e desviar aspirantes a discípulos para a formação de cultos centrados em autonomeados e carismáticos gurus. Alice Bailey nunca cairia naquela armadilha e era sensata o suficiente para evitá-la.

Como mencionado, não era necessário acreditar na existência dos Mestres para se unir à escola. Ao contrário, Alice Bailey queria que seus alunos alcançassem um estágio no qual eles simplesmente saberiam. “Na Escola Arcana não estamos atrás da crença; estamos atrás de conhecimento.” [10] Alice Bailey fala do tipo de conhecimento que vem de experiência direta.

Ela queria que a escola tivesse um padrão muito alto, uma vez que sua intenção era estimular discípulos mundiais, aqueles que sairiam dali serviriam significativamente o mundo, ou por eles mesmos ou ao se unirem em atividades de outros ex-alunos. A missão deles era fundar uma nova e espiritual ordem mundial.

Alguns dos graduandos da escola permaneceriam trabalhando nas várias organizações de Alice Bailey. Outros seriam altamente influentes em seus campos de empenho, como capítulos posteriores nessa biografia mostrarão. Foi dessa maneira que Alice Bailey criou as condições para o aparecimento da Nova Era, em parte ao fazer nascer espiritualmente legiões de “ativistas” espirituais dedicados e ao prover um modelo inicial de educação de adultos, que pode muito bem ter inspirado seus alunos, muitos dos quais eram psicólogos e educadores.

Os esforços dela eram louváveis. Como seu marido Foster mais tarde diz:

Ela trabalhou sacrificando-se, geralmente com a adversidade de uma grande fadiga, por longas, dolorosas horas, aperfeiçoando cursos de estudo da escola, escrevendo artigos de acompanhamento, produzindo mais ensinos conforme os

anos passavam, e assim substituindo e modificando esses cursos e estudos. [11]

Foster enfatiza que Alice nunca promoveu a Escola Arcana. Ela nunca mencionou a escola em suas palestras públicas ou divulgou sua existência. Isso foi numa época quando a The Occult Review carregava inúmeros anúncios de um monte de grupos de ocultismo e espiritismo, editoras e indivíduos incluindo várias sociedades teosóficas, oferecendo diversas atividades, incluindo tarô e leituras astrológicas, “Como ler xícaras de chá”, cura espiritual, e convites para estudar.

Alice Bailey promoveu os livros dela. Em abril de 1923, o mês em que a Escola Arcana passou a existir, a The Occult Review destacou meia página de anúncio da Companhia de Publicações Lúcifer, promovendo os três primeiros títulos de Alice Bailey. [12] Foi através de seus livros, que a estabeleceram como autoridade, junto com boca a boca, que leitores se tornavam estudantes da Escola Arcana.

Ela previu um corpo de estudantes pequeno. No começo, ela aceitava todos os candidatos, impondo mais tarde, um método de seleção conforme ficava claro que muitos não se encaixavam. Ela não favorecia ninguém e tirava alunos mesmo que fossem grandes contribuintes. Ela nunca tentou manter alunos. [13] Apesar dessas restrições, a Escola Arcana atraiu 30 mil estudantes de todo o mundo entre 1923 e 1945 – um número alto, considerando o quanto a escola é especializada – e desfrutava de uma boa taxa de retenção. [14] A escola era e ainda é conhecida e reconhecida mundialmente. Por volta de 1947, a escola tinha sedes em Nova Iorque, Inglaterra, Holanda, Itália e Suíça. Apesar da interrupção com a Segunda Guerra Mundial, a Escola Arcana naquela época era composta de 140 secretários de escola, ou estudantes sêniores, supervisionando o progresso dos novatos. [15]

Levaria muitos anos para que os resultados da escola se manifestassem no mundo.

Naturalmente, a própria existência da escola inflamou aqueles teosofistas que acreditavam que a Seção Esotérica deles, com suas práticas exclusivas e requisitos de fidelidade, ofereciam a abordagem correta para trilhar o caminho espiritual. Viam a Escola Arcana em oposição à deles. Como Alice Bailey não exigia tal compromisso de lealdade, ninguém na Seção Esotérica era bem-vindo a frequentar a Escola Arcana. Dessa maneira, diferente da Seção Esotérica, sua escola não era exclusiva. Embora, paradoxalmente, a Escola Arcana não podia deixar de manifestar sua própria forma de exclusividade, com conteúdo e tom do curso projetados para afastar o pesquisador comum. O treinamento era “firme, rígido e difícil”, para eliminar os “não inteligentes”. [16] Resumindo, era uma escola para os bem-educados, com inclinação para o esotérico.

Uma maneira útil de ver a diferença entre a Escola Arcana e a Seção Esotérica é fornecida pelos estudiosos Dick Anthony e Bruce Ecker, que criaram uma estrutura para avaliar grupos espirituais e de consciência, e chamaram-no de “A Tipologia Antônio”. A Escola Arcana fica no estilo técnico da prática, aquele no qual o treinamento “guia ao lado”. A Sociedade Teosófica fica no estilo carismático, aquele que se apoia na “potência transformativa” de um relacionamento pessoal com um Mestre. [17] Alice Bailey reconheceu a distinção e decidiu, corretamente ou não, que a escola dela oferecia um treinamento de um tipo mais avançado do que aquele da Seção Esotérica, que na visão dela, atendia aprendizes, não discípulos. Na década de 1930, enquanto estava em Paris, ela cometeu o erro em explicar isso, sem tato, para o então líder da Sociedade Teosófica na França, o sr. Marcault. Ele “não ficou nem impressionado, nem contente” com o que ouviu. [18]

Em retrospecto, pode ser fácil pensar que ela teria feito melhor se guardasse seus próprios conselhos, mas Alice Bailey às vezes conseguia ser impulsivamente honesta e só depois de falar é que percebia seu erro. Em seu crédito, ela foi humilde e corajosa o suficiente para compartilhar tal momento embaraçoso em sua autobiografia e desta forma limitada, assumir parte da culpa pelas contínuas tensões com a Sociedade Teosófica. Ela nunca se considerou perfeita.

Aqueles antagonismos continuariam até hoje. Outra crise estava por vir. Mas pelo que ficou de 1920, Alice Bailey adaptou-se ao ritmo, dedicando todo o seu tempo disponível, espontaneamente e de bom grado, ao desenvolvimento de suas muitas atividades organizacionais, escrevendo para o Tibetano, dando palestras, cumprindo seus intermináveis compromissos, e tratando da montanha de correspondências. Ela reuniu em sua volta um pequeno grupo de colaboradores leais para dividir a carga e é claro, Foster. [19] Naqueles primeiros anos, o time trabalhou num escritório situado na rua Cedar, 140, em Manhattan, Nova Iorque. [20] Logo precisariam de um escritório muito maior.

13

ALGUNS AMIGOS INFLUENTES

Em Nova Iorque, a posição social de Alice Bailey foi restaurada. Ela mudou-se para círculos privilegiados similares àqueles que ela cresceu sendo uma La Trobe-Bateman. Ela era membro da sociedade novaiorquina. Estava na ascendência, quando se tratava de sua reputação como ocultista e, para Alice Bailey, reputação era tudo.

Em 1925 publicou seu influente trabalho Um Tratado sobre o Fogo Cósmico, com mais de 1.200 páginas. Dois anos depois disso, lançou A Luz da Alma: Uma Interpretação dos Aforismos de Ioga de Patanjali, outra leitura robusta de cerca de 400 páginas, oferecendo suas próprias interpretações dos antigos aforismos que formam a base do rajá ioga.

Em sua versão, Alice Bailey se apoia em nove outras traduções e comentários, incluindo uma composta por William Quan Judge e outra por Swami Vivekananda, discípulo do místico indiano Ramakrishna e uma das figuras indispensáveis envolvidas na introdução de filosofias orientais ao mundo ocidental. A publicação da versão de Vivekananda recebeu elogios radiantes na edição de novembro de 1922 da The Occult Review. [1] Foi lançada numa época em que havia um interesse florescente em ioga. Pode-se dizer que, por Alice Bailey se estabelecer como uma séria concorrente em um mercado competitivo, algo que certamente almejava alcançar, ela precisava produzir sua versão dos antigos sutras.

O sábio indiano Patanjali compilou a série de 196 sutras de ioga, ou aforismos,

no período do século II ao V AEC, uma compilação que serve como um dos textos mais importantes da filosofia hindu e originalmente traduzida para dezenas de línguas indianas, antes de cair na obscuridade. Foi Vivekananda quem primeiro apresentou os sutras ao ocidente. Para Alice Bailey, a significância dos sutras reside na capacidade deles em treinar a mente para se tornar um instrumento da alma. O livro dela, que engloba uma explicação detalhada de cada sutra, lhe possibilitou não só se estabelecer como uma autoridade em meditação por direito próprio, mas também forneceu um meio de vincular sua visão de mundo esotérica às suas raízes místicas orientais.

Se notaria que dos 24 volumes conhecidos como os Livros Azuis, 6 foram compostos pela própria Alice Bailey, 4 deles antes de 1932, durante a fase inicial de rápida expansão organizacional. Ela também escreveu Os Trabalhos de Hércules: Uma Interpretação Astrológica.

Enquanto Alice estava ocupada com sua escola e seu trabalho para o Tibetano, Foster Bailey acompanhou as numerosas atividades administrativas, com a ajuda de uma pequena equipe. Não há indicação na autobiografia de Alice Bailey a respeito do que a família de Foster pensava sobre sua decisão de renunciar à carreira de advogado em favor das questões teosóficas – embora duvide-se que tenham oferecido qualquer ajuda financeira para a jovem Fundação Lucis – ou se aprovaram, aceitaram, deram suporte ou o condenaram, ou ainda se sua esposa e enteadas foram bem recebidas no seio da família dele, não muito distante em Fitchburg, Massachusetts. Com as tias de Alice Bailey agora falecidas e o distanciamento permanente de sua única irmã, os familiares de Foster eram tudo que suas filhas conheciam como família. Dorothy, Mildred e Ellison tinham relacionamento com a família de Foster, embora a única evidência seja uma viagem que Dorothy fez aos 18 anos para o Havaí em 1928, com o irmão de Foster, Harry, e sua esposa Kathleen e filhos, Margaret e Joseph, de 1 e 3 anos de idade. [2] Dorothy é listada como residente em Ridgefield Park, Nova Jersey. A família de Harry Bailey vivia a cerca de 30 quilômetros de distância, em Maplewood, Nova Jersey.

Em 1928, os Baileys se mudaram de Ridgefield Park para uma casa muito maior em Stamford, Connecticut, que ficou disponível para eles por alguns anos. A casa, aliás, a mansão, pertencia ao amigo deles, o aristocrata americano, ativista político e filantropo, James Graham Phelps-Stokes (1872-1960). Phelps-Stokes era um socialista milionário, filho do proeminente banqueiro Anson Phelps-Stokes e de sua esposa, Helen Louisa Phelps. Graham Phelps-Stokes se graduou como médico em 1896, mas absteve-se da prática médica para dedicar seu tempo a uma ampla variedade de organizações, ajudando os pobres e desprovidos, incluindo a Assistência Jurídica, a Associação Prisional e a Instituição para Instrução de Surdos e Mudos. [3]

A casa que Phelps-Stokes presenteou para uso dos Baileys, tinha sua própria praia particular e situa-se na em Greenaway Island, Long Island Sound. A ilha é um paraíso particular de cerca de dois hectares, também conhecida como ilha Caritas, que o milionário havia herdado. Antes dos Baileys tomarem posse, a residência havia sido local de uma galeria intelectual bem conhecida, uma colônia e retiro de artistas que Phelps-Stokes estabeleceu com sua então esposa, a ativista, feminista e comunista entusiasta, Rose Harriet Pastor Stokes (1879-1933). [4]

Eles formavam um casal interessante. Pastor Stokes nasceu na Rússia, filha dos judeus ortodoxos Jacob e Hindl Wieslander, e veio para a América como uma pobre migrante judia. Ela passou mais de uma década trabalhando numa fábrica de charutos em Ohio, e foi lá que começou a criar uma agitação pelos direitos dos trabalhadores através de cartas enviadas ao Jewish Daily News (Diário Judaico, em tradução livre). Em 1903 ela foi contratada com colunista. Dentro de alguns meses, ela foi encarregada de entrevistar Phelps-Stokes. Eles se casaram dois anos depois, em 1905. O casal permaneceu ativo no movimento trabalhador, mas o ativismo de Pastor Stokes era consideravelmente mais intenso. Ela ajudou a liderar greves de trabalhadores e era defensora do controle de natalidade. Através dos anos, fez campanhas pelo país condenando o esforço de guerra e foi sentenciada a dez anos de prisão por criticar o envolvimento da América na guerra, até que a sentença foi anulada após apelação. Em 1919, Pastor Stokes desenvolveu fortes associações com o partido comunista e no final, mostrou-se muito radical para seu marido mais conservador, episcopal.

Depois de alguns anos, ele achou que o salão e a colônia de artistas na Ilha Caritas eram irresistíveis, não só por causa dos flertes dos numerosos admiradores do Pastor Stokes, pois ela era linda e carismática. Em 1925, ele acusou sua esposa em uma carta por trazer “nada além de vergonha” pelo seu uso da casa de campo. [5] Ansioso para abandonar seu passado, ele convidou os Baileys para viver na casa depois que o casamento acabou.

Alice Bailey e Rose Pastor Stokes não poderiam ser mais diferentes. Alice Bailey era uma mulher recatada, reservada, ao mesmo tempo definitivamente um ser social, mas não era dada aos modos maliciosos de uma socialite. Sua versão de ativismo era espiritual, não político, e ela reuniu em torno de si aqueles cujo desejo de mudar o mundo vinha de um espaço esotérico e ocorria internamente, nos planos internos por meio da meditação avançada focada, exercendo influência nos bastidores, ou com a incorporação dos ensinamentos num pensamento, atitude e trabalho diário, sem nenhuma menção da fonte. Alice Bailey atraiu pessoas cujo desejo de fazer boas obras surgiu de uma noção distanciada de melhoria humana, não de uma paixão estridente por uma única causa. Nisso, ela também era diferente de Annie Besant.

Como Phelps-Stokes conheceu Alice Bailey, não se sabe. Eles podem ter se encontrado de muitas maneiras. Embora não fosse conhecido por ser ocultista, outro de seus amigos, o autor Upton Sinclair, tinha interesse no assunto. Sinclair experimentou a telepatia e o tema de seu livro, Mental Radio (Rádio Mental, em tradução livre) continuou a inspirar o desenvolvimento da pesquisa em parapsicologia na Universidade de Duke. Talvez tenha sido através de Sinclair que a amizade nasceu. Upton Sinclair participou do grupo do fundador da Biosofia, Dr. Kettner Spinoza, que, em no começo, realizava algumas de suas palestras na Escola Arcana. [6] O Instituto Spinoza, fundado em 1928, estabeleceu sua sede em 1929, no museu Roerich, sob o convite de Nicholas Roerich. [7]

Quaisquer que fossem as circunstâncias, pela clientela de amigos tais como Phelps-Stokes, Alice Bailey havia firmemente se reassegurado no meio aristocrático no qual havia nascido. Ela adorava a casa na ilha Caritas – e não é

de se admirar. Uma mansão de pedra, com 1.300 metros quadrados, cheia de características impressionantes incluindo pisos de carvalho espinha de peixe, painéis de madeira, lustres e 12 quartos. [8] Alice Bailey descreve uma parte da casa que consistia em um grande quarto, com janelas em três das paredes. O quarto da empregada era embaixo. Lá, em tranquilidade, com uma ampla vista, ela viveu e trabalhou. Para ela, foram anos maravilhosos. O luxo doméstico a inspirou receber suas próprias reuniões. “Praticamente todos os domingos estávamos em casa para receber amigos e convidados, e frequentemente tinha 20 a 30 pessoas na casa.” [9] Ela escreve afetuosamente sobre seu cachorro, seu gato, o carro que ganharam – que dirigiram até e além de Nova Iorque – e suas filhas entrando na adolescência.

No começo, as meninas frequentaram a escola estadual local, mas Alice ficou preocupada com os meninos com quem estavam se misturando. “As três meninas nunca me deram qualquer trabalho de verdade, e nunca me fizeram desconfiar delas,” diz, mas ela não conseguia deixar de observar se um carro entrava pela estradinha e parava na entrada se uma delas pudesse estar com um garoto. Alice sempre soube que suas filhas eram “completamente decentes”, mas ela ainda inquietava-se, como qualquer mãe se inquietaria. Aos 18 anos, Dorothy teria sido a maior preocupação.

O alívio veio quando sua amiga íntima, poeta, autora e filantropa, Alice Eugenie du Pont Ortiz (1876-1940), pagou pela mensalidade das meninas na escola Low Hayward.

Maior doadora da Escola Arcana, Alice du Pont era filha de Alexis Irénée du Pont e Elizabeth Canby (Bradford) du Pont, e esposa de Julien Leon DeVilliers Ortiz (1868-1955), com quem casou-se em 1906. [10] Descendente do huguenote francês Pierre Samuel du Pont de Nemours (1739-1817), os du Ponts construíram sua riqueza com explosivos e suprimentos aos militares dos Estados Unidos, rapidamente se estabelecendo como uma rica família aristocrática de Wilmington, Delaware. Em 1913, Alice du Pont e seu marido Julien Ortiz fundaram um alojamento teosófico em Wilmington e foram membros originais

da biblioteca local teosófica. Alice du Pont escreveu duas coleções de poesia, The Witch of Endor (A Bruxa de Endor, em tradução livre), publicada em 1937, e The Scene Shifter (O Contrarregra, em tradução livre), em 1939. Ela colaborou com sua filha, Marguerite de Pont DeVillers Boden, em A Tradition Concerning Mary Dyer “the Quaker Martyr” (Uma tradição a respeito de Mary Dyer 'a mártir quacre’, em tradução livre), publicado em 1938. Ela também contribuiu com quatro peças para a The Beacon (A Colina).

A afeição de Alice Bailey por Alice Ortiz era profunda. Ela tinha mais importância do que qualquer outra pessoa, além de Foster. “Essa amiga era de uma simplicidade, doçura e desprendimento combinados, e ela trouxe riqueza e beleza para minha vida, uma com a qual nunca sonhei.” [11] Ortiz “tinha um intenso e profundo conhecimento da Sabedoria Eterna”, mas esse conhecimento de alguma maneira, a distanciou da família e dos amigos. Alice Bailey diz que Ortiz tinha muito medo de ser mal compreendida. Elas permaneceram amigas íntimas por 17 anos. “Entendê-la, ficar perto dela, deixá-la falar comigo livremente e sentir segurança em fazer isso, foi a única compensação que eu poderia fazer para ela por sua infinita bondade comigo.” [12] Ortiz deu a Alice roupas e joias, pagou passagens de para a Europa e a Grã-Bretanha. Ela deu até grandes quantias, se a necessidade aparecesse. “Lembro de uma vez estar doente na Inglaterra alguns anos atrás, e dentro de poucas horas, ela telegrafou £500.” [13]

Em casa, na mansão dos Phelps-Stokes, em seu quarto com vista para a paisagem, Alice teria encontrado o ambiente perfeito para trabalhos posteriores. O único evento triste que menciona durante esse período, foi quando alguém invadiu a casa e roubou dois itens: uma cadeira de balanço quebrada e uma Bíblia que tinha desde que ganhou de presente se sua amiga Catherine Rowan-Hamilton, que ela conheceu trabalhando para Elise Sandes na Irlanda. Alice Bailey fala afetuosamente daquela Bíblia, com suas amplas margens cheias de anotações, descrevendo sua jornada espiritual no período de quase 20 anos. [14]

As operações continuavam a expandir. Em 1928, os Baileys assumiram escritórios no último andar da Salmon Tower, logo depois que foi construída na

rua West, número 42, diretamente oposta à biblioteca pública de Nova Iorque. Os colaboradores Victor Fox e Regina Keller ajudaram com a organização das tarefas administrativas, junto com alguns outros voluntários. Servindo como secretário de Alice Bailey, Victor Fox (1893-) permaneceria um colaborador leal até pelo menos 1948. [15] Regina Keller (aproximadamente 1883-1966) era uma advogada húngara-americana, que trabalhou bem próxima a Alice Bailey por décadas, ajudando com o trabalho editorial e dando aulas particulares para alunos avançados na Escola Arcana.

Conforme a Escola Arcana, a Fundação Lucis e a The Beacon começaram a amadurecer e a colher reputação global, uma figura importante entrou na vida de Alice Bailey, o grão-duque Alexander da Rússia (1866-1933), cunhado do czar Nicholas II. O grão-duque tinha ido à Nova Iorque em 1929 para uma excursão promocional, depois da publicação de seu livro The Religion of Love (A Religião do Amor, em tradução livre). Ele era um maçom místico e rosa-cruz, e estava dando palestras no Clube da Nobreza em Nova Iorque. O clube foi estabelecido para permitir que a nobreza russa se misturasse com americanos "circunspectos e cultos". [16] Uma amiga baronesa anônima havia convidado Alice para participar. Conforme o duque dava sua palestra, que se referia ao assunto da alma, ela comentou com a amiga que seria bom se pudesse apresentar o duque para algumas pessoas de opinião similar, que ela conhecia. A baronesa organizou uma reunião para o dia seguinte.

O grão-duque e Alice Bailey tiveram uma conexão imediata, e nos meses seguintes, ele passava finais de semana com os Baileys em Valmy, a mansão de du Pont em Greenville, Delaware, onde eles faziam "pequenas sessões espíritas na imensa sala de estar de Alice". [17]

Uma noite, a secretária do grão-duque pediu para os Baileys levá-lo a dois de seus compromissos de palestras, e foi no caminho para casa que ele comunicou Alice que também conhecia o Tibetano. Foi a última vez que ela o viu. Sua peça, "The Nature of the Soul (A Natureza da Alma, em tradução livre)", foi publicada na The Beacon em fevereiro de 1930. [18] Em 1933, na hora da morte dele, Alice

Bailey se lembra de estar sentada na cama lendo quando o grão-duque entrou vestindo seu pijama azul escuro. Ele sorriu, acenou e desapareceu. Ela foi e disse a Foster que o grão-duque havia morrido. Seu falecimento foi listado na coluna do obituário do dia seguinte.

Uma autobiografia somente fala dos destaques editados de uma vida. Alice Bailey não menciona sua associação nessa época com o ilustre palestrante teosófico canadense, Charles Lazenby, autor de The Work of the Masters (A Obra dos Mestres, em tradução livre). [19] Graduado em psicologia e filosofia, que prosseguiu nos estudos da psicanálise junguiana em Zurique, Charles Lazenby é mais conhecido hoje por seu interesse em teorias sexológicas e de reencarnação. Ele tinha entre seus associados Havelock Ellis e Edward Carpenter – que Alice Bailey cita em De Belém ao Calvário [20] – e seus pontos de vista são citados por estudiosos no campo do estudo de gênero, devido à exploração dele sobre a fronteira confusa entre sexo físico e identidade sexual, pelo qual uma alma reencarnada faz a troca de masculino para feminino e pode encontrar-se num corpo físico feminino, mas com uma mente e corpo emocional (desejo) masculina. [21] Essa exploração da reencarnação e do gênero, deu a ele uma imagem pitoresca em sua época. Durante sua vida, ficou também conhecido por sua formidável destreza de falar em público, um rival para a própria Besant.

Charles Lazenby (1878-1928) nasceu em Bruxelas, a sudoeste de Ontário, Canadá, com pais metodistas, sendo ambos ministros. Seu pai faleceu antes dele nascer, tentando resgatar uma criança de um rio. [22] Lazenby casou-se com a escocesa Margaret Clark em 1912, e junto o casal viajou pela Europa e América para suas turnês de palestras. Em 1913, estabeleceram-se em Detroit e buscaram atividades teosóficas, particularmente em Wilmington, Delaware, no alojamento cofundado por Alice Ortiz du Pont. [23]

A partir de julho de 1910, Lazenby publicou o periódico independente The Path (O Caminho, em tradução livre). [24] Em 1925, o periódico republicou um artigo de Alice Bailey, “Servidor”, originalmente publicado na The Beacon. [25] Uma pista da amizade deles pode ser encontrada na paixão duradoura de Charles

Lazenby por liberdade de pensamento e de discurso dentro da sociedade teosófica. É provável que ele fosse leal, embora uma figura oculta durante a acrimônia em Krotona, talvez se tornando mais tarde conhecido de Alice Bailey através de sua amizade com Alice du Pont. A riqueza da apreciação que Alice tinha por Charles é evidente no lançamento de uma edição memorial da Fundação Lucis, a The Servant (O Servo, em tradução livre), de Lazenby. O livro primeiro foi lançado em 1920, e depois de sua morte em 1928, sua esposa Margaret Lazenby ficou com os direitos autorais. [26] A Fundação Lucis não tinha e nunca teve o hábito de publicar qualquer coisa diferente dos livros de Bailey, tornando esta edição memorial significativa.

14

ESCOLA DE VERÃO ESPIRITUAL

Uma outra figura importante entrou na vida de Alice Bailey no final da década de 1920, alguém que a conduziria para um período de dificuldade. A associação de alguma forma explica o escárnio com que uma determinada seção da elite intelectual vê Alice Bailey e sua coleção de obras. A espiritualista holandesa, pesquisadora e artista, Olga Fröbe Kapteyn (1881-1962) havia recentemente herdado a Casa Gabriella, uma propriedade à beira do lago Maggiore em Ascona, ao sul da Suíça. Lá ela quis criar um centro espiritual para servir como lugar de encontro entre as filosofias oriental e ocidental, e recrutou a ajuda de Alice Bailey.

Olga Fröbe nasceu em Londres, filha do inventor e engenheiro Albertus Kapteyn, gerente geral da Companhia Britânica de Freios e Sinais Westinghouse, e de sua esposa Truus Muysken, uma anarquista intelectual que era amiga do dramaturgo George Bernard Shaw e do filósofo, ativista e anarquista russo, príncipe Kropotkin. Enquanto na escola em Londres, Olga era amiga de infância da paleobotânica Mary Stopes. A família se mudou para Zurique em 1900 quando Olga tinha 19 anos, e lá ela estudou arte e história da arte. Em 1909, casou-se com o flautista e piloto, Iwan Fröbe, que morreu em um acidente de avião seis anos depois, pouco antes do nascimento das gêmeas Ingeborg e Bettina, deixando Olga Fröbe aparentemente sem dinheiro. Fröbe voltou para Zurique e aplicou suas habilidades artísticas em joalheria e bordado. Uma campeã no esqui e com um espírito intrépido, ela era obstinada e formidável. Durante esse período, abriu um salão e cercou-se de intelectuais da região e da sociedade artística na moda, incluindo o professor de literatura alemã, Robert Faesi e o cantor, dançarino e ilustrador de mentalidade esotérica, Alastair, e seu patrocinador André Germain, cujo pai fundou o banco francês Crédit Lyonnais. Em 1926, o pai de Fröbe comprou a Casa Gabriella, antiga casa de André Germain, onde Fröbe morou com suas filhas. Com a morte de seu pai, ela herdou

a propriedade. [1]

Fröbe era uma livre pensadora “em busca por algo em que acreditar”. [2] Ela tinha um interesse persistente em religião comparativa, mitologia, espiritualidade e antroposofia de Steiner. Com seu desejo de encontrar algo mais do que uma galeria intelectual, ela estava respondendo ao “clima intelectual geral da década de 1920”, que era particularmente forte na Alemanha pós-guerra, daquela que era “aberta para os modos esotéricos de pensar do Leste”. [3] Tais modos incluem hinduísmo, budismo e taoísmo.

Fröbe também buscava por “alguém por perto para focar sua busca”. [4] Ela tinha sido influenciada pelo proeminente filósofo Martin Buber, que conheceu no Monte Verità em 1924 e com quem ela trocava correspondências. [5] Ela continuou e tornou-se devota do poeta e excêntrico Ludwig Derleth (1870-1948), que defendia uma crença estritamente cristã num retorno para uma hierarquia medieval de líderes homens apenas, que achava que devia substituir a democracia, um sistema pelo qual ele não tinha nada além de desprezo. Ninguém podia estar mais distante de tudo o que Alice Bailey defendia, do que ele.

André Germain e Ludwig Derleth estavam entre muitos pensadores alternativos associados com o Monte Verità, uma colina na fronteira de Ascona, onde uma comunidade utópica tinha atraído inúmeros livres-pensadores de toda a Europa desde 1900, incluindo “artistas, escritores, dançarinos, radicais políticos, utópicos, gurus”, todos que encontraram seu caminho para o Monte Verità. “A lista incluía Lenin, Trotsky, Bakunin, Kropotkin, Hesse, Stefan George, Rudolph Steiner, Mary Wigman, Isadora Duncan, Hans Arp, Paul Klee, Emil Jannings, Emil Ludwig e Erich-Maria Remarque.” [6]

Apesar de aparentemente não ter tempo para a multidão boêmia que a comunidade atraiu, Fröbe andava com outras pessoas no Monte Verità, que foi estabelecido originalmente como um instituto de saúde, e englobava várias cabanas pequenas. O prédio principal foi comprado em 1926 e administrado

como hotel pelo ex-banqueiro alemão, Barão Imperador Eduard von der Heydt (1882-1964). O Barão era um renomado travesti festejador, que “esvoaçava” num estilo extravagante entre seus convidados, incluindo o rei Leopold da Bélgica e Thomas Mann. Fröbe assistia, vendo no efêmero Heydt, um rival e competidor. [7]

Em 1928, Fröbe surgiu com um esquema para superar Heydt. Aparentemente sem saber seu propósito específico, ela construiu ao lado de sua casa um salão de conferências. Foi construído de pedra cortada numa encosta íngreme, com grandes janelas que se abrem para varandas nos lados norte e leste, com vista para o lago. Dentro, fileiras de cadeiras com assento de junco ficavam de frente para um pequeno púlpito. Tudo o que ela precisava fazer a seguir, era encher o lugar.

Fröbe já teria um colaborador em mente, e não seria ninguém associado a Heydt ou ao ambiente do Monte Verità, pelo qual ela parecia ter pouco mais que desprezo. [8] Ela já conhecia Alice Bailey e seus ensinamentos, e poderia bem ter sido sua aluna na Escola Arcana. Por quanto tempo não é claro, mas em uma carta endereçada a Alice Bailey, datada de março de 1933, Fröbe afirma: “tenho trabalhado por muitos anos seguindo suas linhas.” [9] Essa frase implica que Fröbe tinha muito mais do que uma familiaridade superficial com o trabalho de Alice Bailey, que durou mais do que os três curtos anos de sua colaboração em Ascona.

Fröbe tinha um irmão que vivia em Long Island. Ela entrou em contato, provavelmente no final de 1928, com a visão de colaborar com Alice para estabelecer uma “escola de pesquisa espiritual” na Casa Gabriella, explorando o apetite europeu em explorar o encontro do Oriente com o Ocidente, como exemplificado pela Escola da Sabedoria de Hermann Keyserling. Houve uma troca de cartas. Em maio de 1929, a The Beacon, uma revista geralmente não dada a publicar trabalhos de não associados à Escola Arcana, ao menos que fossem compostos por figuras notáveis, publicou um pequeno artigo composto por Fröbe, intitulado “Conhece a ti mesmo”. [10]

Tarde da noite num outono de 1929 – Alice Bailey informa o ano de 1930, mas ela está enganada –, Fröbe chegou na casa Stamford e mostrou sua visão para os Baileys. Ela lhes disse que tinha uma bela casa em um cenário adorável, e explicou seus planos. O centro espiritual era para ser "sem denominação, não sectário, e aberto a pensadores esotéricos e estudantes de ocultismo de todos os grupos na Europa e de outros lugares". [11] A contribuição de Fröbe era fornecer o lugar e Alice Bailey começaria o projeto, a palestra e a aula.

O projeto era oportuno. Alice Bailey estava mais entusiasmada do que nunca para se estabelecer como uma ocultista séria, e não como uma médium vulgar, ou pior, como charlatã. A Luz da Alma: Uma interpretação dos aforismos de Ioga de Patanjali foi publicado em 1927. O próximo trabalho em linha, que ela mesma compôs e que provaria ser altamente influente no movimento Nova Era, foi A Alma e Seu Mecanismo, publicado em 1930 e composto quando ela morava na mansão Phelps-Stokes em Long Island. Foi escrita sob seu próprio nome e dedicado para sua querida amiga Alice Ortiz. O trabalho se refere ao relacionamento entre o corpo físico e etérico ou contraparte energética, com particular atenção dada ao sistema endócrino e aos chacras. Uma olhada nas suas referências das notas de rodapé e bibliografia fornece uma rápida indicação de como Alice Bailey era culta na filosofia oriental, em relação à psicologia contemporânea. Outra coisa é o prefácio composto pelo autor de grande sucesso e psicólogo, Harry Allen Overstreet (1875-1970). Presidente do Departamento de Filosofia e Psicologia na Faculdade da Cidade, Nova Iorque, seu livro A Maturidade Mental (1949), vendeu meio milhão de cópias. Em seu prefácio no livro de Alice Bailey, ele comenta que o estudo dela sobre as glândulas endócrinas "abre possibilidades fascinantes para pesquisas futuras" e é "singularmente iluminador". [12] Esse trabalho exemplifica sua contribuição para a cura esotérica na Nova Era.

Um segundo volume, Do Intelecto à Intuição, composto novamente por Alice Bailey, publicado em 1932 e provavelmente escrito depois que a primeira escola de verão aconteceu, pode ser quase considerado sob medida para a escola de Fröbe. Nesse volume, nos vários aspectos da meditação, há muita menção ao

Leste e Oeste e uma grande oferta de referências a importantes estudiosos no campo, incluindo Carl Jung. Alice Bailey estava ansiosa por impressionar nem tanto seus leitores em geral, mas o meio intelectual e, em particular, aqueles estudiosos europeus eminentes da época, dos campos da psicologia, filosofia e história da religião. [13]

De volta a Stamford em 1929, Alice Bailey estava receptiva diante da proposta, mas reticente. Ela queria tempo para pensar. Fröbe era persuasiva e determinada a fazer do jeito dela. “Ela nos ofereceu acolhimento total, e estava disposta a ter as três meninas nos acompanhando, se fôssemos para Ascona, oferecendo alimentação e hospedagem para todos nós. [14]

É improvável que ela tivesse procedido se Fröbe não fosse estudante de seu trabalho. Ela já tinha suas próprias organizações – na época, a Escola Arcana tinha membros na América, na Grã-Bretanha, na Holanda, na Itália, na Suíça, na América do Sul, na Turquia e na África Ocidental – mas a proposta de Fröbe foi uma nova maneira de consolidar seus esforços na Europa. Sem dúvida ela ficou tentada, embora talvez indecisa; havia a logística para considerar e as despesas de viagem a cumprir.

Mais ou menos naquela época e sem saber o que Fröbe estava oferecendo, Alice Ortiz, que estava pagando pela educação das filhas de Alice, perguntou se ela preferia que pagasse para as meninas irem para a faculdade ou viajarem ao exterior. Até então, Dorothy tinha 20 anos, Mildred quase 18 e Ellison 16. Tendo se beneficiado dos conhecimentos de outras sociedades e culturas que as viagens oferecem, e não tendo ela própria um diploma universitário, Alice escolheu a viajem.

No começo do verão de 1930, depois de uma enxurrada de planejamento e compra de malas e roupas, a família partiu de Nova Iorque para a Antuérpia.

As meninas estavam “extremamente animadas”. Nenhuma delas havia viajado para o exterior, exceto Dorothy. Elas estavam “cheias de vida e energia” e Alice Bailey disse: “acompanhá-las não era brincadeira”. [15] Até então Alice havia alcançado os 50 anos de idade, e nunca havia desfrutado de boa saúde. Mesmo assim, fez vestidos de baile para cada uma de suas meninas, com os quais elas dançariam com oficiais e pareciam muito patrióticos também, com saias azul-escuras e corpetes brancos enfeitados com estrelas vermelhas.

Comprometida como nunca a elevar a humanidade comum sobre o conhecimento e a história, ao invés de visitar lugares turísticos na Antuérpia, ela encorajou a família a passar alguns dias sentados nos cafés e a “perambular pelas ruas”, absorvendo a atmosfera. Em vez de olhar fixamente artefatos em museus, eles “davam uma caminhada nos subúrbios”. Ao final da estadia, Alice Bailey diz que as garotas estavam imbuídas com um bom conhecimento da cidade e cercanias. [16] Da Antuérpia, a família fez uma rota circundante de trem para desfrutar da viajem vertiginosa por Passo Simplon, e chegaram a Locarno, Suíça, de onde Fröbe os levou de carro para a Casa Gabriella, cerca de cinco quilômetros mais ao sul. Teria sido uma viagem excepcionalmente bonita.

Situado na cabeceira do lago Maggiore, Ascona é uma vila de ruas de paralelepípedos ladeadas por prédios altos de quatro andares com fachadas coloridas, e decoradas e telhados baixos. A vila tem vista para o lago e as montanhas em volta. Faixas de vielas estreitas abrem caminho pelas encostas íngremes e arborizadas, descendo até a estrada principal, feita na encosta da montanha ao lado do lago. Para acessar sua propriedade, Fröbe teria passado pelo Monte Verità, localizado à margem de Ascona, a cerca de dois quilômetros da Casa Gabriella.

Alice Bailey achou o cenário primoroso. “O lago é tão azul, as vilas tão pitorescas, empoleiradas como se estivessem nas laterais das colinas, descendo para a água.” [17] Mas por trás de toda a beleza, ela sabia que havia “corrupção e um mal muito antigo”. Acreditava que a área uma vez foi o centro da Missa Negra na Europa central. [18]

Não é claro ao que se referia, mas a área tinha fortes associações teosóficas. Em 1889, o doutor, astrólogo, geomante e teosofista alemão, Franz Hartmann (1838-1912), estabeleceu um mosteiro teosófico de leigos em Ascona, junto com o filósofo e força moral por trás do Monte Verità, Alfredo Pioda, e uma amiga de Blavatsky, condessa Constance Wachtmeister. O periódico de Hartmann, Lotusblüthen (Flor de Lótus, em tradução livre), foi a primeira publicação na Alemanha a destacar a suástica teosófica em sua capa. [19] Hartmann também apoiava o ocultista austríaco controverso, Guido von List – fundador do Wotanismo, uma filosofia defensora do reavivamento da antiga raça germânica – cujas ideias influenciaram ou ajudaram a justificar os pontos de vista do partido nazista.

Tudo o que Alice Bailey pensou saber, encontrou evidências ao longo das estradas rurais. O que ela viu, não menciona, mas naquela época a comunidade no Monte Verità praticava nudez e homossexualismo. Através de seu olhar eduardiano, tal liberdade de viver teria sido abominável e anátema para seus austeros princípios espirituais. Assim que teve a oportunidade, sentou-se com suas filhas e as alertou em termos claros e certos para manterem a guarda e distância da “degeneração” e “homossexualidade” que viu. [20]

A Casa Gabriella está situada em um aterro íngreme, bem ao lado do lago. Lá, em grande contraste com o que quer que ela havia acabado de ver, Alice observou a casa, a sala de aula, os belos jardins e viu "a promessa de grandes oportunidades de expansão futuras". [21]

Os Baileys se instalaram na casa. A escola de verão teve início em 3 de agosto de 1930. Era para durar três semanas, com uma semana adicional que ficou disponível para entrevistas particulares com os líderes. Todos os dias, exceto aos domingos, três palestras eram dadas, duas de manhã e uma à tarde. Havia oito assentos no salão de palestras e mais de 15 nacionalidades representadas. Fröbe fez o discurso de abertura:

Nosso propósito é criar um ponto de encontro onde pessoas de todos os grupo e religiões possam se reunir para discussão e trabalho sintético junto a linhas espirituais.... Estamos profundamente conscientes de que a fonte e o objetivo da humanidade são únicos e os mesmos para cada unidade, e que aqui encontra-se a verdade fundamental da irmandade. [22]

Sua linguagem é claramente influenciada pelos ensinamentos de DK. Ela se refere às pessoas como “unidades” e fala de “trabalho sintético junto a linhas espirituais”, linguagem tirada diretamente do texto de Bailey.

As palestras matinais eram na maioria conduzidas por Alice Bailey. Seus tópicos incluíam “O significado oculto da fala”, “Os estágios da meditação” e “A Religião da Nova Era”. Os outros palestrantes foram: Foster Bailey; professor Kettner, que falou sobre “Espiritualidade e Divindade”; Shri Vishwanath Keskar da Índia; Roberto Assagioli, que deu quatro palestras incluindo uma chamada “Raios, Planetas e Signos Astrológicos”; seu associado, professor Vittorino Vezzani, que falou de ioga; o grão-duque Alexander, que deu duas conferências, uma sobre “Educação Espiritual” e outra sobre “Natureza Espiritual do Ser Humano”; o poeta e teosofista irlandês James Henry Cousins (1873-1956), que falou de tópicos estéticos como “Poesia como Escritura”; e a autora e espiritualista escocesa, Violet Tweedale, que falou sobre “O Cristo Cósmico”. Uma palestra sobre simbolismo foi dada em conjunto por Alice Bailey e Olga Fröbe onde apresentaram 80 símbolos ocultos, de formatos geométricos, que Fröbe pintou em grandes cartazes. [23]

Para Alice Bailey, as palestras dadas por Roberto Assagioli, que até então era secretário da Escola Arcana havia alguns anos, eram um dos destaques. “As palestras do Dr. Assagioli foram características marcantes das conferências de Ascona. Ele poderia palestrar em francês, italiano e inglês, e o poder espiritual derramado através dele foi o meio de estimular muitos em uma renovação consagrada da vida.” [24] Até a primeira sessão em Ascona, eles não se conheciam.

Alice também não conhecia Violet Tweedale (1862-1936), que imediatamente se tornou uma amiga muito próxima. Tweedale tinha então quase 70 anos e estava bem estabelecida em sua carreira literária, tendo publicado inúmeros romances e contos, como também cerca de 30 obras de não-ficção espiritual. Ela era associada de Blavatsky, membro da oculta Ordem da Aurora Dourada e tinha entre seus amigos o poeta Robert Browning. “Consigo vê-la descendo a encosta com seu marido e, imediatamente, pelo poder da personalidade espiritual, dominando todo o centro. Ela era tão bonita, graciosa e imponente.” [25] Daquele momento em diante até a morte de Tweedale em dezembro de 1936, quando visitaram a Grã-Bretanha, os Baileys ficaram em sua “bela casa” em Torquay, sul de Devon.

A segunda sessão da escola de verão em 1931 foi comporta de uma linha similar de palestras com a adição, entre outros, do professor de Fé Bahá’í, Mizra Ahmad Sohrad e o diretor do Conservatório Americano de Fontainbleau, Gerald Reynolds. Outros foram convidados, mas recusaram ou não estavam disponíveis. As coisas pareciam estar indo bem e poderiam ter continuado bem, não fosse pelo fato de que Fröbe agora tinha o importante psicólogo Carl Gustav Jung em sua mira.

Alice Bailey também teria apreciado a oportunidade de conhecer seu rival. Pesquisadores que seguiam Alice Bailey também eram atraídos por Jung. A influência dele foi presente na segunda sessão. Duas estudantes participando, viajando como seguidoras de Alice Bailey, foram as americanas Nancy Wilson Ross e Ann Moyer. Ross mais tarde se tornaria amiga de Mary Mellon, fundadora da Fundação Bollingen, formada em homenagem a Jung. Ann Moyer conheceu seu futuro marido, Erlo Van Waveren, um jovem holandês e estudante leal da Escola Arcana, que ajudou a organizar o tour de palestras na Europa. Depois que se casaram, o casal trocou sua lealdade por Jung. [26] Desde então, a seção holandesa e belga da Fundação Lucis foi liderada por Gerhard Jansen. [27]

Esse humor de deserção aparente estava para se manifestar mais fortemente em

Fröbe.

Alice Bailey evita mencionar o fim da colaboração, exceto em dizer que na sessão do terceiro ano, “o lugar havia sido invadido por professores alemães e todo o tom e qualidade do lugar alterado... o ensino mudou de um relativamente alto plano espiritual para um de filosofia acadêmica e falso esoterismo”. [28]

Fröbe convidou Jung a participar da escola de verão de 1932, mas ele recusou. Ela teria ficado muito mais que decepcionada. Desde que conheceu Jung na Escola da Sabedoria Keyserling “por volta de 1930” – antes ou depois da primeira escola de verão, mas certamente depois de se comprometer a colaborar com Alice Bailey – Fröbe o considerava “uma influência importante em sua vida”. [29]

Muito provavelmente, o desejo dela de ter Jung em suas sessões era um pouco mais complexo. Não até ele aceitar seu convite no ano seguinte e ela finalmente superar sua competição com o Monte Verità, o extravagante Heydt, e fundar seu próprio centro para discussão intelectual, que chamou de “Eranos”. O nome foi sugerido a Fröbe em novembro de 1932 pelo estudioso de religião, Rudolf Otto, que ela visitou “para discutir sua intenção em organizar um tipo de escola de verão menos esotérica e mais acadêmica”. [30] Tudo que ficou foi achar uma maneira para acabar com a colaboração com Alice Bailey.

Fröbe conduziu seus planos do Eranos por seis meses antes de confrontar Alice Bailey com a notícia. A separação final das duas não foi agradável. Foster já havia recebido a desaprovação de Fröbe por tomar banho nu em uma jangada no lago. Mas na verdade, o comportamento dele era um problema secundário. Algum tempo antes, Fröbe sugeriu para Alice Bailey que o escritor alemão Eugen Georg participasse da sessão seguinte. Alice Bailey achou a sugestão desagradável e dispensou a ideia com base na visão dele, delineada em seu The Adventure of Mankind (A Aventura da Humanidade, em tradução livre), que era sexualmente perverso. Em uma carta para Fröbe, ela escreveu: “não será

possível conseguir ninguém do calibre de Paul Claudel, ao menos que todo o padrão dos nossos palestrantes seja elevado.” [31]

Olga não gostou do tom. Em uma carta furiosa de Fröbe para Alice Bailey, datada de 22 de março de 1933, muitos meses depois da escola de verão de 1932, ela cancela o convite dos Baileys para participarem da próxima. Fröbe faz alegações de que Dorothy, Mildred e Ellison estariam flertando e se comportando inadequadamente, enquanto estavam na escola de verão anterior. Fröbe alega que elas se associaram com o Barão von der Heydt e tinham “dado uma escapada para a França, sendo levadas por Mario Nigra, o taxista que conduziu Olga nos anos posteriores”. [32]

As filhas de Alice Bailey negaram qualquer comportamento inadequado.

Claramente uma troca de cartas aconteceu pois na carta de março, Fröbe acusa Alice Bailey de hipocrisia e padrões dúbios, de tomar uma alta posição moral quando apropriado para ela e não fazia o mesmo quando se tratava de suas próprias filhas. Fröbe provavelmente se referia à reação de Alice Bailey a Eugen Georg, mais do que à sua reprovação pelos estilos de vida praticados no Monte Verità. Na carta, Fröbe aproveita a oportunidade para desfazer todos os laços com Alice Bailey daquele ponto em diante. É revelador o fato de a carta ter sido escrita em um papel já com o timbre do Eranos, escrita em alemão. [33]

Ao ler entre as linhas de sua autobiografia, onde Alice Bailey se esforça em várias ocasiões para explicar seu estilo de cuidado maternal, os seus altos padrões morais e a sua crença nos valores de suas filhas, a carta de Fröbe a deixou muito chateada. [34]

Por causa da aparente libertinagem delas, todas as garotas logo depois se casaram.

Pouco antes de 1931, os Baileys se mudaram da mansão Phelps-Stokes na ilha Caritas para uma casa mais modesta, na avenida Soundview, em Stamford. Alice estava impaciente para que todas as suas filhas encontrassem parceiros adequados, e sugere em sua autobiografia uma certa preocupação de que talvez Stamford não fosse o local ideal. Ela não teve que esperar muito. Dorothy casou-se com o Coronel Terence Morton em setembro de 1934, em Faversham, Kent. [35] Ellison casou-se com o oficial Arthur Gordon Poyntor Leahy em 1936, em Tonbridge, Kent. [36] O casal teve três filhos. Elizabeth A. Leahy nasceu em Tonbridge em 1938. [37] E Arthur Ronald W. Leahy em Quetta, em 1944. [38] Em uma carta de Alice Bailey para Mildred em abril de 1949, ela menciona o terceiro filho de Ellison, mas nenhum registro foi ainda encontrado. [39] Mildred casou-se com Meredith Pugh na América em 1935. O casamento teve curta duração. Ela teve um filho, Gordon, que nasceu em Tonbridge em 1936. [40]

Alice teria ficado aliviada com os casamentos de suas filhas, e um tanto justificada após as dolorosas acusações. Desde março de 1933, ela foi capaz de apagar Fröbe de sua mente abandonar a colaboração. Mas Fröbe era uma mulher poderosa, influente e ambiciosa, que admitia “que não podia trabalhar em comitês, conselhos ou mesmo com indivíduos”. [41] Ela também era maquinadora. Ela havia iniciado a formação de Eranos nas semanas seguintes à terceira sessão. O restante, as acusações e as mágoas aparentes, eram desculpas para justificar a separação. Aparentemente, Alice Bailey serviu para o propósito dela de administrar aquelas primeiras escolas de verão. Desde 1930, Fröbe sabia que Jung seria sua isca, atraindo para Eranos muitos intelectuais importantes da época.

No verão de 1933, na sessão inaugural de Eranos, Jung estava presente e quaisquer esperanças que Alice Bailey pudesse ter de ganhar seu favor, foram frustradas. No relato do estudioso independente Thomas Hakl em seu livro Eranos, Fröbe disse ao filósofo da religião Alfons Rosenberg que Jung havia lhe dito para “se afastar do grupo que rodeava Alice Bailey”. [42] Embora a observação, feita por um homem que tinha Eranos e sua fundadora em alta estima, equivale a uma fofoca e não se pode confiar, especialmente porque Fröbe

executava sua própria agenda e diria qualquer coisa para condenar sua inimiga. Se deve-se confiar no comentário de Fröbe, então isso pode também ter sido a razão central dela se voltar contra sua ex-associada e professora. Rosenberg reforçou sua própria explicação, citando a alegação de Fröbe de que quando ela mostrou para Jung um dos abrangentes quadros de formas geométricas de meditação que criou seguindo as instruções de Alice Bailey, ele reagiu arrogantemente, dizendo-lhe que aquilo "irradiava uma atmosfera pavorosamente fria" e que "qualquer um poderia ver que ela 'estava lidando com o diabo'". [43] Novamente, Jung pode não ter dito nada disso. Se ele disse, por que o sarcasmo? Ou foi um comentário improvisado para acalmar sua amiga? O que se sabe do relato da biógrafa Diedre Bair é que Jung permaneceu na admiração leal da Sra. Fröbe. [44]

Outros, incluindo o filósofo de religião Friedrich Heiler, não compartilhavam a aparente condenação de Jung sobre as obras de arte de Fröbe. Na verdade, Heiler achou o painel "mais valioso". [45] O que parece claro é que Fröbe tinha intenção em romper com Alice Bailey e manter sua própria reputação intacta.

Se Alice Bailey sabia do desdém que Jung colocou sobre o quadro, é uma incógnita. Curiosamente, ela menciona numa palestra dada a um de seus grupos de estudantes arcanos em 1944, que o representante de Jung em Amsterdã "tinha um grande portifólio de desenhos dos pacientes dela, descrevendo seus conceitos psicológicos. Ela tentava trabalhar de baixo para cima, seguindo os métodos de Jung. Nunca fiquei tão chocada em minha vida. Acho que uma grande parte deles foi o esforço dos pacientes em satisfazer o médico, por assim dizer, e um grande número deles foi resultado de uma imaginação lasciva. A maioria insalubre." [46]

Em 1933, Alice certamente poderia ter ficado sem o drama. Ela tinha assuntos muito mais importantes para cuidar em casa, com os casamentos de todas as suas filhas, e em todas as suas atividades organizacionais.

A amarga “separação de caminhos” dessas mulheres notáveis – ambas no auge de suas vidas e motivadas a terem sucesso no cumprimento de suas visões – não teria importância, não fosse pelas consequências sobre como Alice Bailey passaria a ser vista por certos estudiosos.

Eranos logo atraiu vários acadêmicos europeus renomados, incluindo o filósofo e estudante de Jung, Erich Neumann; o zoologista Adolf Portmann; o psicólogo, filósofo, teólogo e professor de estudos islâmicos em Sorbonne, Henry Corbin; e o historiador da religião, professor Mircea Eliade. Todos esses homens admirados quase reverenciavam Fröbe como a fundadora de Eranos, com exceção do filósofo e esotérico italiano, Julius Evola, que é conhecido por tê-la descrito como “fanática” e de pretensões “altamente espirituais”, uma mulher que ele detestava “de todo coração”. [47] Essa condenação espelha a visão cáustica que Alice Bailey tinha por Mircea Eliade, que considerou o trabalho dela “ilegível e absolutamente inútil”. [48] Não é possível levar a visão de Eliade sobre Alice Bailey a sério, uma vez que ele era conhecido por ser confidente de Fröbe e sem dúvida, tendencioso. Também é curioso considerar como ele poderia saber que os escritos de Alice Bailey eram “absolutamente sem valor”, se ele não foi capaz de ler.

Todas essas observações são opinativas e paternalistas. É uma pena que a maior parte do desdém recaiu sobre Alice Bailey. Todas as esperanças de ganhar o favor daquela multidão foram frustradas.

Parece que os preconceitos desses estudiosos alimentaram a geração seguinte de acadêmicos, moldando a visão deles sobre Alice Bailey. O ilustre estudioso de esoterismo ocidental, Antoine Faivre (1934-) era associado de Corbin e fazia palestras em Eranos. Professor Emérito de Estudos Religiosos na École Pratique des Hautes Études e cátedra de História das Correntes Esotéricas na Europa Moderna e Contemporânea na Sorbonne, Faivre definiu o campo do Esoterismo Ocidental como uma disciplina acadêmica. Porém, ele falha em reconhecer Alice Bailey em sua obra Theosophy, Imagination and Tradition: Studies in Western Esotericism (Teosofia, Imaginação e Tradição: Estudos em Esoterismo

Ocidental, em tradução livre). Rudolph Steiner recebe uma menção. Alice Bailey não, em nenhuma das páginas. O associado de Faivre e coeditor do prestigioso periódico esotérico ARIES (Áries), o professor de história da filosofia hermética, Wouter Hanegraaff (1961-), semelhantemente, deixa Alice Bailey de lado. Fundado em 1985, ARIES (Áries) originalmente tinha em sua diretoria Mircea Eliade e outros participantes de Eranos. [49] O professor sueco no campo da história da religião, Olav Hammer, outro líder no campo, aceita a visão teosófica purista de Alice Bailey e seu trabalho, e quase não dá a ela mais do que uma menção de passagem, embora haja sinais de que as atitudes estão mudando. [50]

Na Sociedade Teosófica, o trabalho de Alice Bailey ameaçou a ortodoxia. Os problemas criados por Fröbe alimentaram o desprezo da elite acadêmica. De forma geral, os ensinamentos de Alice Bailey eram anátemas para o desejo ferozmente guardado por muitos esotéricos tradicionais e seus equivalentes acadêmicos, para garantir que o conhecimento esotérico permanecesse reservado somente para eles. É um conhecimento secreto e que deve ficar desse jeito.

Mesmo atualmente, o problema para Alice Bailey é que essas forças poderosas de ortodoxia estão aptas a se combinar para formar uma confluência de negatividade, projetada na obra e no conjunto de organizações que garantem um genuíno escrutínio aberto e respeito.

Os perenialistas

Outro ataque que foi expresso pelo purismo e intelectualismo e direcionado para a teosofia em si, também afetou a reputação de Alice Bailey. O ilustre metafísico e esotérico francês, René Guénon (1886-1951), começou a explorar religiões orientais por volta dos seus 20 anos. Ele descobriu o hinduísmo, mas converteu-se ao sufismo ao invés, o coração esotérico do islã. Era interesse dele explorar a ideia da unidade transcendente de todas as religiões, uma base metafísica interna que poderia ser encontrada no oriente e no ocidente. É uma área de interesse buscada por, entre outros, Aldous Huxley, em seu livro A Filosofia Perene.

Guénon se tornou a voz crítica de Blavatsky e da teosofia, particularmente em seu livro Introdução Geral ao Estudo das Doutrinas Hindus. Embora compartilhasse com a teosofia uma compreensão da universalidade das ideias sobre Deus, ele era inflexível de que tal unidade deveria existir em seu próprio plano. Em outras palavras, cada religião e seita variante deveria ser deixada como está, separada dos outros, pois na visão dele não seria possível unificar religiões em suas expressões externas de escrituras e práticas. A teosofia buscava trazer essa singularidade interna universal para o mundo exotérico, misturando religiões num único todo. Guénon achou isso uma farsa.

Um líder defensor de Guénon é a editora Sophia Perennis, autoproclamada defensora da tradição da sabedoria perene. Parece que Sophia Perennis se opõe, em princípio e em prática, a qualquer coisa que Blavatsky, Bailey e outros como elas defendam. Consequentemente, essa editora se posiciona contra o desenvolvimento do que chama de uma religião acima das outras, com suas implicações de governança global. Para ela, qualquer forma de ecumenismo é muito mais do que uma corrupção da fé. [51] O que talvez explique o porquê Sophia Perennis publicou uma obra do autor cristão fundamentalista Lee Penn. Seu livro, Falsa Aurora: A Iniciativa das Religiões Unidas, o Globalismo e a Busca por uma Religião Mundial, é uma análise compreensiva das raízes do movimento ecumênico global assentado nas Nações Unidas, incluindo um capítulo dedicado aos ensinamentos de Alice Bailey. Em um tom inflamado com suas próprias apreensões, Penn inicia seu livro com: “escrevo para alertar ao público no mundo todo contra as atividades da Iniciativa das Religiões Unidas, seu apoio ao movimento da Nova Era e contra os aliados utópicos e globalistas da Iniciativa das Religiões Unidas dentro do Fórum do Estado do Mundo, do Fórum Econômico Mundial e do movimento Carta da Terra”. [52]

No prefácio de Falsa Aurora de Penn, o editor e figura de destaque na instituição esotérica Charles Upton está preocupado “que o submundo pseudoesotérico da época de Guénon cresceu rapidamente e agora está prestes a ser de grande e terrível uso para a elite do poder global”. [53] Para Upton, a teosofia é uma antireligião preparando o caminho para um regime anticristo. Ele compartilha

com Penn um purismo fundamentalista, discutindo que as religiões são distintas demonstrações do Deus transcendente, que não podem ser misturadas pelo homem, e que o esoterismo não pode nunca ser uma religião em si.

A reação de Upton talvez seja mais bem descrita em termos de guerras de culturas esotéricas contínuas, que tiveram Alice Bailey em suas miras desde que ela inadvertidamente irritou a ortodoxia teosófica que a expulsou de Krotona, e uma década mais tarde Fröbe, que a expulsou do projeto colaborativo em Ascona. É o que Upton e Penn regaram com pensamento da conspiração, promovendo aquele discurso ferozmente anti-Bailey, um discurso que busca expulsar Alice Bailey das páginas da história por completo. [54]

15

O NOVO GRUPO DE SERVIDORES DO MUNDO

Olga Fröbe pode ter tido outro motivo para alimentar ressentimentos contra Alice Bailey. Em 1931, durante a segunda sessão em Ascona, Alice recebeu uma mensagem do Tibetano. Ele queria formar um novo grupo, o Novo Grupo de Servidores do Mundo (NGWS, sigla em inglês para New Group of World Servers), que seria responsável por agir para mudar o mundo para melhor. Haveria uma dimensão esotérica e uma dimensão exotérica para o NGWS, e isso significava uma reorientação organizacional para a Fundação Lucis.

Até esse momento, os ensinamentos que havia anotado para DK e os trabalhos que ela mesma havia composto se preocupavam com esoterismo puro, incluindo: cosmologia, ensinamentos de magia branca, meditação, a alma e consciência. A atenção estava na vida subjetiva do indivíduo, na consciência e em como expandi-la, como conectar-se com a alma. O foco agora estava nos grupos.

Por mais assustador que outro projeto possa ter parecido para a já sobrecarregada e cansada Alice Bailey, o NGWS teria apelado para o lado missionário de sua natureza; ela não apenas criaria uma versão mais aberta das velhas escolas esotéricas voltadas para dentro, mas ela também tentaria influenciar toda a humanidade por meio de treinamento especializado e trabalho de divulgação, colocando os ensinamentos em prática de maneiras novas e estimulantes.

Seu antigo lado evangélico foi elevado a novas alturas, mas ela também estava respondendo aos tempos turbulentos do início dos anos 1930. A única intenção inicial de todo o projeto era evitar uma segunda guerra mundial. O mundo estava

nas garras da Grande Depressão após a quebra da bolsa de valores de Wall Street em 1929. Na América, os bancos estavam falindo e o desemprego rapidamente se aproximava de 15 milhões. Na Alemanha, as coisas estavam sobretudo sombrias. O país ainda sofria as consequências econômicas das reparações impostas pelo Tratado de Versalhes. Em 1932 o desemprego atingiu a marca de seis milhões. Os partidos políticos de Weimar foram vistos por muitos como fracos e ineficazes. O partido nazista estava em ascensão. Hitler trabalhava duro, em campanha por toda a nação e as tropas de choque (SA) desfilavam pelas ruas. O pedido do Tibetano estava carregado de um senso de emergência. O NGWS precisaria fazer um esforço e abordar os problemas dos tempos através de um esforço espiritual concentrado.

Os valores espirituais também eram necessários para compensar o crescimento acelerado da década de 1930 que, apesar da pobreza e do desemprego, testemunhou uma proliferação do consumismo e o aumento da cultura popular, incluindo marketing em massa de livros, revistas e jornais. Na Grã-Bretanha, a década testemunhou uma construção rápida e generalizada de novos prédios e casas, e a expansão da rede elétrica significava que famílias comuns tinham aparelhos eletrodomésticos rádios, e telefones. A humanidade estava na aurora de uma nova era, uma era que carregava seu selo de materialismo e deixava Alice Bailey inquieta.

A NGWS tinha duas divisões. A primeira era para ter um relacionamento de perto com a Hierarquia Espiritual e trabalharia numa capacidade internacional para “resgatar o mundo”. Esses servidores do mundo teriam “o compromisso de trabalhar sem cessar para a promoção da compreensão internacional, compartilhamento econômico e unidade religiosa”. [1] Eles seriam treinados para servir a humanidade. Eles deveriam demonstrar “um espírito de inclusão, um desejo potente de abnegadamente servir ao próximo mais um senso definido de orientação espiritual, emanando do interior da vida”. [2] Discípulos selecionados seriam orientados a reconhecer as energias espirituais que tomariam forma de ideias reveladas a eles, e daquelas ideias, criariam formas de pensamento para enviar ao mundo. Estariam envolvidos em um processo de revelação e transmissão da semente de pensamentos.

Dez grupos de nove discípulos seriam criados, abrangendo 90 participantes no total. Conhecidos como os “grupos dos nove”, eles receberam a responsabilidade de coletivamente ajudar a salvar a humanidade do desastre, e de semear a Nova Era. Era para ser um experimento. O primeiro grupo seria de comunicadores telepáticos, selecionados por sua receptividade à impressão de um Mestre e uns dos outros. Eles eram os custodiantes de todo o projeto. O segundo grupo seria de observadores treinados, capazes de ver claramente em e através de todos os eventos. O terceiro era dos curandeiros magnéticos, o quarto de educadores da Nova Era, o quinto de organizadores políticos, o sexto trabalharia no campo da religião, o sétimo de servidores científicos, o oitavo de psicólogos, o nono financistas e economistas e o décimo seria de trabalhadores criativos. [3]

A tarefa inicial de Alice Bailey era encontrar os membros apropriados. Ela se voltou para seu conjunto de estudantes da Escola Arcana para os prováveis participantes. Olga Fröbe foi convidada a se juntar em uma carta enviada por Alice Bailey de Nova Iorque em janeiro de 1932. Só que ela não havia sido selecionada para o primeiro grupo dos nove discípulos, o de comunicadores telepáticos que eram fundamentais para todo o experimento. Incluídos naquele primeiro grupo estavam os Baileys, Alice Ortiz e Assagioli. Fröbe foi convidada para participar do segundo grupo, de observadores treinados. [4] Esse grupo era encarregado de dissipar o glamour e a ilusão, incluindo propaganda, desinformação e mentiras, e iluminar ou derramar luz e amor no plano emocional, para dissipar as névoas criadas pelo medo, a raiva, o egoísmo e o ódio. Era um trabalho importante, considerando a época. Fröbe recusou-se a participar.

De todos os convidados, apenas 49 concordaram em participar do experimento e 4 grupos completos se formaram, junto com o quinto em parcial. [5] Os membros do experimento receberam comunicações pessoais do Tibetano através de Alice Bailey, incluindo conselhos de meditação, iniciação e estágios de discipulado, e o desenvolvimento da consciência em grupo. Com a permissão deles, os conselhos e as instruções foram publicados no Discipulado na Nova Era: (Volumes I e II) e Glamour: Um Problema Mundial, totalizando 1.800 páginas

de texto.

Alice Bailey recebeu as primeiras cartas para os discípulos em novembro de 1931, poucos meses depois da segunda escola de verão de Ascona. Cada participante recebeu três palavras-chave que resumem suas intenções na vida. Alice Bailey é DRS (sigla em inglês para detachment, rest, skill-in-action): desapego, descanso e habilidade em ação. [6] Aquelas cartas não foram incluídas. A primeira carta para Foster, JWK-P (sigla em inglês para Joy, Wisdom, Knowledge of the Plan) – Alegria, Sabedoria e Conhecimento do Plano – começa com:

Eu lhes conjuro a enfrentar o futuro com alegria e otimismo. Coragem sempre tiveram, mas lhes falta alegria. Com vocês, assim como com F. D. C., boa parte da atividade do plano físico está obstruída pela desvitalização etérica, embora as causas que produzam essa condição existente sejam diferentes. Durante os últimos anos, muitas vezes transmiti a vocês uma mensagem cujo resumo está na ênfase que coloco na firmeza na meditação. A vitalização etérica reside na meditação, no que diz respeito a vocês, e na introdução de energia em seus corpos físicos, por meio de sua instrumentalidade. [7]

A citação mostra um nível de escrutínio que é profundo e precisamente observado. Todos os participantes, alguns conhecidos por Alice Bailey pessoalmente e outros não, receberam cartas que carregavam um tom idêntico e continham os mesmos conhecimentos apontados. Mesmo um estranho que não fosse familiarizado com os participantes, seria confrontado pela intimidade.

O experimento nunca foi concluído e os grupos dos nove desmembrou-se em 1939 com o Tibetano formando um Grupo Nova Semente com os discípulos promissores, que compreendia 24 membros num experimento de iniciação de grupo. Juntos, esses experimentos duraram por 18 anos. Alice Bailey escreveu a última das cartas aos discípulos nas semanas que antecederam sua morte, em dezembro de 1949.

As cartas aos grupos dos nove e o grupo nova semente cheias de observações e conselhos pessoais, eram desconcertantes para alguns participantes. Como resultado, uma parte deles deixou os experimentos. Alice Bailey foi acusada de anotar as palavras de DK incorretamente e de simplesmente escrevê-las ela mesma. [8]

A publicação resultante dessas cartas e instruções tem a intenção de ajudar a influenciar a maneira que alunos mais tarde pensariam sobre o discipulado e o serviço mundial. Apesar das instruções serem pessoais, o leitor inevitavelmente se envolve com as forças, fraquezas, esforços e desafios que acontecem com cada participante.

A segunda divisão da NGWS engloba mulheres e homens de boa vontade. “Eles não são aspirantes espirituais estritamente falando.... Entretanto, querem ver relações corretas estabelecidas entre os homens. Eles querem ver a justiça e a gentileza prevalecer na Terra.” [9] Para estimular a expansão do NGWS, o Tibetano “defendeu o desenvolvimento de listas de correspondência.... Ele sugeriu que organizássemos o que chamou de Unidades de Serviço no maior número possível de países. Ele esboçou para nós a natureza do ensino que devem receber, e essas sugestões e ordens procedemos imediatamente em executar.” [10]

Entre 1933 e 1939 os Baileys organizaram as Unidades de Serviço em 19 países. A ideia é que a boa vontade vem antes da paz, e que nunca haverá paz na Terra enquanto existirem grandes desigualdades, enquanto pessoas morrem de fome, enquanto outras são mal pagas, enquanto o trabalho infantil persiste. O Tibetano continuou a distribuir para essa segunda divisão exotérica de Unidades de Serviço uma série de panfletos, que mais tarde foram publicados no A Exteriorização da Hierarquia.

A boa vontade é muito mais do que simplesmente fazer uma boa ação ao

próximo, embora tais atos sejam certamente uma expressão disso. Boa vontade se refere a eunoia, uma forma de amor altruísta ou abnegado. “Boa” denota a importância máxima, ou valor. De certo modo, boa vontade é a disposição para o bem, para as coisas de valor máximo e amor voluntário. A boa vontade é uma expressão de amor-sabedoria, combinado com vontade espiritual. É o amor em ação e sua expressão máxima é o serviço.

O serviço envolve “muito sacrifício de tempo, de interesse e das próprias ideias de alguém; requer trabalho duro em excesso pois necessita de esforço deliberado, sabedoria consciente e a habilidade de trabalhar sem apego”. [11] A personalidade se torna subordinada à vontade da alma. Uma vida de serviço é uma vida centrada na alma, baseada no desejo pelo bem do grupo e não aquela baseada na ambição ou desejo por riqueza, poder, controle ou fama.

Enquanto a noção de boa vontade forma parte da cristologia de Alice Bailey, uma vida de boa vontade expressada no serviço promove relações corretas ou um “senso próprio de valores espirituais”, como representado no caminho budista das oito dobras: Valores, discurso, modo de viver, pensamento, aspiração, conduta, esforço e êxtase correto ou verdadeira felicidade. [12]

Alice Bailey e o Tibetano escreveram extensivamente sobre boa vontade e o serviço em toda a obra. Juntas, as palavras funcionam como um suporte, um pivô, um eixo em torno do qual a visão de mundo gira. Através dessa visão junto com o conceito das relações corretas, Alice Bailey e DK não só misturam a essência ética do cristianismo e budismo, mas eles arrancam o esoterismo das garras do superior e exclusivo e capacitam, conforme chamam a todos com ouvidos para ouvir e trabalhar em direção a uma vida espiritual autêntica. Não há outros conceitos que ilustrem melhor essa transformação da natureza protestante de Alice Bailey, de uma fundamentalista agarrada à Bíblia para uma agitadora teosófica.

E é essa combinação que torna Alice Bailey a mãe da Nova Era. Com isso, ela

revelou o esoterismo, forçou-o a sair do armário da obscuridade e tentou transformar os amantes do esoterismo em pesquisadores, e esses pesquisadores em guerreiros espirituais.

Para possibilitar a NGWS, Alice Bailey fundou a Homens de Boa Vontade em 1932, que se tornou a Boa Vontade Mundial na década de 1950, e hoje é listada como uma organização não governamental nas Nações Unidas. Aquela comunicação que Alice Bailey recebeu em Ascona em 1931 acrescentou, e de certo modo reorientou todos os esforços dela. De repente, a Escola Arcana, a The Beacon e a Fundação Lucis não estavam mais simplesmente fornecendo aos alunos uma nova abordagem ao treinamento e conhecimento esotérico. Um novo e revolucionário projeto estava em andamento e iria moldar a direção do trabalho de sua vida, e talvez deve ter ajudado a estabelecer seu lugar na história.

Com os grupos dos nove e o grupo nova semente, Alice Bailey e o Tibetano queriam alunos e colaboradores para se levantarem acima da busca espiritual para seu próprio bem, com todos os adornos da personalidade que isso envolve, e fazer algo nos planos internos para fazer a diferença. Porém esse aspecto central dos ensinamentos, constituindo o centro do que o Tibetano esperava alcançar não foi colocado em prática de maneira significativa, ou pelo menos não o suficiente para fazer sua presença ser sentida no mundo de forma tão ampla quanto esperavam, embora existam alguns que foram inspirados a seguir essa intenção. [13] Por algum motivo, alunos da Sabedoria Eterna evitaram a busca e o desenvolvimento avançado do grupo esotérico de trabalho. O segundo braço da NGWS, as Unidades de Serviço, havia sido muito mais bem-sucedido. O trabalho externo continua apressadamente, demonstrado na Boa Vontade Mundial, um programa hoje da Fundação Lucis, com Unidades de Serviço recebendo meditações, especialmente na lua cheia e sediando junto palestras, disseminando a boa vontade em várias cidades e países pelo mundo. [14]

No geral, os esforços de Alice Bailey em paralelo às linhas da NGWS não foram em vão e elas estão longe de serem impotentes. Assim como o mais amplamente conhecido Rudolph Steiner influenciou significantemente a educação das

crianças e os métodos na agricultura como a biodinâmica, a visão de Alice Bailey continua a influenciar e a ser implementada. Paradoxalmente, a chave local de sua influência é internacional e conhecida de todos, ainda em grande parte invisível; por muitas décadas, seus colaboradores na Fundação Lucis têm dedicado seus esforços da NGWS dentro e ao lado das Nações Unidas, explorado em um capítulo posterior.

16

ABORRECIMENTOS COM HELENA ROERICH

Conforme Alice Bailey avançava com sua visão pelas dificuldades da década de 1930, ela teve que ignorar ainda mais antagonismos, dessa vez do Agni Ioga fundado por Helena Roerich, que a acusou de perpetuar a escuridão que tanto se esforçava para evitar.

A teosofista russa Helena Ivanovna Roerich (1879-1955), nasceu em uma família rica e culta. Ela era filha do famoso arquiteto Ivan Ivanovich Shaposhnikov e de Ekaterina Vassilievna Shaposhnikova, que pertencia à antiga família Golenischev-Kutuzov. Uma jovem realizada, Helena casou-se com o renomado pintor Nicholas Konstantinovich Roerich em 1901. Eles tiveram dois filhos, o cientista George e o pintor Svetoslav. Nicholas também era escritor, arqueologista, teosofista e figura pública, e a família viajava muito, estabelecendo-se em Londres em 1919, e um ano depois em Nova Iorque, onde Helena e Nicholas fundaram a Agni Ioga. Desde 1928, depois de se mudar para o ocidente dos Himalaias, Helena dedicou sua vida a copiar os ensinamentos do Mestre Morya.

Agni Ioga ou Ética Viva, é outro exemplo da vasta demonstração teosófica de sabedoria, que aconteceu durante o final de 1800 e começo de 1900. Em seu cerne estão os elementos centrais do Oriente e Ocidente, as tradições místicas orientais misturadas com a ciência ocidental. Os escritos são muito diferentes dos volumes instrucionais de Alice Bailey e podem ser vistos mais acompanhando as linhas de textos inspiracionais, apesar da capacidade mais alta. Os primeiros escritos foram compostos em conexão telepática por Nicholas Roerich e então Helena continuou o trabalho.

Quando os Roerichs se mudaram para Nova Iorque, Helena teve problemas com Alice Bailey. Uma antiga referência pode ser encontrada com em My Teachers: Meetings with the Roerichs (Meus Professores: Reuniões com os Roerichs, em tradução livre), da discípula Sina Fosdick. Em uma data informada de 3 de março de 1923, Fosdick afirma que Helena comprou uma cópia de Iniciação Humana e Solar, "porque falava sobre os Mestres", e então detalha a reação negativa de Helena em resposta ao texto:

Um Mestre estudou numa universidade inglesa e outro sabe mais que os demais sobre os planetas. E. I. [Helena] ficou, claro, indignada com aquilo, e M. [Morya] disse a eles: "Não é dado a ninguém aprender sobre a fraternidade branca". [1]

Com comentários depreciativos desde o princípio, Helena não foi amigável com sua rival, uma rival que fazia declarações autoritárias sobre a Hierarquia Espiritual.

Cinco anos se passaram. Em 21 de setembro de 1928 há uma menção nas memórias de Fosdick de uma carta enviada para Alice Bailey no dia seguinte aos Roerichs voltarem de uma viajem para Darjeeling, talvez em resposta a uma carta sua. [2] Alice Bailey sem dúvidas se interessou pela visita dos Roerichs à vizinhança do Tibetano e dos outros Mestres em geral. Os Baileys e os Roerichs conheciam-se bem. Nessa altura, Nicholas Roerich e Alice Bailey estavam no conselho consultivo do planejado Museu de Religião e Filosofia de Svetoslav Roerich, um projeto que não rendeu frutos. No conselho também estava o amigo e patrocinador financeiro de Sina Fosdick e Nicholas Roerich, Louis Horch. [3]

Alice Bailey e Helena Roerich se encontraram, presumidamente não pela primeira vez, durante o período que Olga persuadiu Alice para colaborar com os planos da escola de verão espiritual. Alice teria pensado na necessidade de

encontrar palestrantes adequados para o evento. Ela também estava ansiosa em encontrar maneiras possíveis de colaborar com os Roerichs. Em 25 de novembro de 1929 Fosdick anota: “Alice Bailey visitou N. K.; ela falou sobre cooperação e como todas as grandes pessoas deveriam se encontrar em nossa casa.” [4] Um comentário lisonjeiro, e é claro que Alice preferia colaboração acima da competição. Também é claro que os Baileys e os Roerichs se movimentavam nos mesmos círculos. Nicholas Roerich teve um café da manhã com o amigo de Alice, o Grão-duque Alexander da Rússia no dia seguinte.

A primeira carta para o grupo Agni Ioga de Nova Iorque conhecida onde Helena Roerich escreve críticas e rejeições sobre Alice Bailey e sua obra, é datada de 9 de fevereiro de 1931. [5] O que a fez ficar tão firmemente contra Alice Bailey? Teria sido algo a ver com o projeto de Ascona? Os Roerichs foram convidados para falar? Helena Roerich se sentiu de algum jeito ameaçada ou desprezada?

Não há nenhuma outra menção conhecida de Alice Bailey até 17 de fevereiro de 1934, quando Helena Roerich escreve: “Existe a Escola Arcana nos Estados Unidos, que tem aulas especiais para estudar livros de Agni Ioga”. Um reconhecimento sem emoção e parece justo deduzir que nesse ponto não existia nenhuma tremenda animosidade entre as duas. Em vez disso, num movimento astuto por meio dessas aulas, Alice Bailey parece ter ido longe para promover a colaboração.

Seus esforços foram em vão. Na mesma carta, Roerich identifica uma continuidade da descendência na qual após a morte de Blavatsky, os ensinamentos chegaram através da teosofista Francia la Due, “através de quem o Mestre Hilarion deu seu ensinamento”. [6]

Francia la Due e Dr. William H. Dower fundaram o Templo das Pessoas, estabelecido primeiro em Siracusa em 1898 e então realocados para Halcyon na Califórnia em 1903, onde ele existe hoje como centro para meditação e cursos. [7] O trabalho mais importante de Francia la Due é Theogenesis (Teogênesis, em

tradução livre), um terço da seção de Estrofes de Dzyan, que forma a base de A Doutrina Secreta. Quando Francia morreu em 1923, o ensinamento, de acordo com Helena Roerich, veio então através dela. Para ela, Alice Bailey não se enquadrava.

Roerich parece ansiosa em posicionar-se acima de Alice Bailey, o que talvez explique o motivo dela reagir tão firmemente quando Um Tratado Sobre Magia Branca foi lançado em 1934, uma reação que ela nunca conseguiu superar. Cerca de dois terços do volume foi composto no período anterior a 1931, no momento quando o Novo Grupo de Servidores do Mundo passou a existir, e a partir da página 398, a última metade do texto é salpicada de referências ao projeto. O volume contém uma única declaração que combina tudo que Alice Bailey, ou ao contrário, o Tibetano escreveu sobre Agni, o Lorde do Fogo, em Tratado Sobre O Fogo Cósmico.

No livro Agni Ioga alguns dos ensinamentos a serem dados foram filtrados, mas apenas do ângulo do aspecto da vontade. Nenhum livro apareceu ainda que apresentasse qualquer forma da “síntese da ioga”. [8]

Se Roerich tivesse lido aquela declaração – e provavelmente se não tivesse, um de seus associados teria apontado para ela como aparece no índice – seria a gota d'água. Aos seus olhos, Alice Bailey reduziu o Agni Ioga. Roerich teria ficado furiosa com a leitura. A resposta dela foi enfática e contundente. Aqui menciona-se um trecho de uma carta datada de 23 de agosto de 1934 [publicada em Cartas de Helena Roerich Vol. I, mas sem incluir o fragmento nesta parte], no qual Roerich insinua que Alice Bailey é má:

Muitas pessoas ingênuas acham que as forças das trevas trabalham somente através do mal, da corrupção moral e do crime. Como estão enganadas. Somente forças ordinárias e de menor grau trabalham dessa maneira. Muito mais perigosas são aquelas que vem na aparência de Ensinamento de Luz. Vocês já conhecem tal exemplo. Na América há uma sociedade muito grande, e sua líder

recebe ensinamentos de um professor que não revela seu nome, se autonomeando irmão Tibetano. Sabemos quem está escondido atrás desse pseudônimo. A força dele é grande. E a intenção dele, que personifica um professor da fraternidade branca, é atrair para seus alistados o máximo de pessoas boas e úteis, pessoas que poderiam de outra maneira ajudar ativamente o Grande Plano dos Lordes, o plano da salvação do planeta. E aqueles desafortunados, que não possuem a verdadeira discriminação dos fogos do coração, voam como borboletas para o fogo negro, que as tornará em cinzas. A ignorância, a ausência de sentir o conhecimento, arrasta-os para a aceitação das trevas e despoja-os por muito tempo, senão para sempre, da ação beneficente e da atração dos raios da grande fortaleza de luz.

Tenho alguns livros desse professor Tibetano, são extremamente áridos. Um deles chama-se Magia Branca. Disseram-me que as melhores páginas são emprestadas dos ensinamentos da fraternidade branca. É interessante notar que a líder dessa sociedade, por seu grande prestígio e para convencer seguidores dos nossos livros, recomenda-os aos seus membros e inaugurou aulas para estudar os livros de Agni Ioga. Dessa maneira, as trevas estão entrelaçadas com a Luz na Terra. A rede das trevas tem sido tecida por mãos habilidosas. [9]

A ira de Roerich explodiu. Alice Bailey devia conhecer muito bem os pontos fracos de Roerich, embora não na década de 1920 quando começaram a relacionar-se e Um Tratado sobre o Fogo Cósmico foi lançado, trabalho que fez inúmeras referências ao Agni, Lorde do Fogo e o deus central do fogo védico dos escritos de Roerich. Até a declaração em Magia Branca, Alice Bailey tinha sido capaz de manter relações cordiais, embora tensas. Por quê Alice Bailey deixou aquela única sentença ser impressa em 1934, quando devia saber o furor que causaria? O Tibetano pode ter desejado que fosse dito, mas ela tinha controle editorial. Para deixar a questão pior, o filho de Roerich, Svetoslav, era aluno de Alice Bailey, uma situação que deve ter sido um tormento para sua mãe, ajudando talvez a perpetuar a animosidade.

Agravando a situação, naquele mesmo ano de 1934 Nicholas Roerich foi patrocinado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos para viajar

para Manchúria, para coletar sementes de plantas e ajudar a lidar com sérias tempestades de areia que estavam varrendo as planícies durante a década de 1930. Conhecidas como Dust Bowl, essas tempestades, resultado de práticas agrícolas inadequadas, eram um desastre ecológico. Helena o acompanhou e enquanto estavam lá, suspeitas se levantaram sobre os laços Bolshevik dele e:

os Roerichs tornaram-se persona non grata na América. Helena Roerich, que trocava correspondências com Roosevelt, foi proibida de continuar a fazê-lo.

Louis Horch, para quem a operação da Escola Mestre de Artes Unidas havia sido confiada, também se voltou contra os Roerichs ao acusar Nicholas de ser “um impostor e uma fraude,” e “uma pessoa perigosa, que misturava ‘política com arte e seria encrenqueiro por onde quer que ele fosse’”. Horch conseguiu até expulsar Nicholas Roerich como membro do conselho diretor da escola - a instituição que o próprio Nicholas havia concebido e fundado. Obras de arte inestimáveis e diários particulares de Helena foram tomados. [10]

Em uma carta de Nicholas Roerich para Alice Bailey em 1938, ele expressou seu desapontamento com a questão: “você pode imaginar a quebra de confiança que ocorreu”. [11] A carta dele é em resposta a uma dela, pedindo mais cópias dos livros Agni Ioga. Ele finaliza a carta com:

Constantemente lemos seus livros e temos muitas oportunidades de falar sobre seu trabalho privilegiado nos termos mais cordiais. Teremos o maior prazer em saber seus planos futuros e a madame Roerich e todos nós enviamos a você e seu marido, nossos mais sinceros votos. [12]

Seus comentários sugerem que ele não dividia a mesma visão preconceituosa de sua esposa em relação a Alice Bailey. Além disso, parece que Helena Roerich tinha duas caras ao lidar com Alice Bailey, cordial em público, indireta na correspondência através do marido e às vezes desdenhosa e depreciativa na

esfera privada de seu próprio grupo.

Nicholas Roerich faleceu em 13 de dezembro de 1947. De luto, Helena continuou seus comentários contundentes de Alice Bailey. Em 1951 escreveu: “não tenha conexões com a escola de Bailey, pois eles se provaram inimigos disfarçados”. [13] Ela acusou Alice Bailey de ser médium e que “a compilação de seus trabalhos” “eram muito prejudiciais, e seu tratado sobre Magia Branca se entrelaçava com a mais definida Magia Negra”. A própria Alice Bailey “definitivamente era uma colaboradora das forças das trevas”. Ela continuou a condenar sua rival dessa maneira até sua morte em 1955. [14]

Diante luz dos eventos devastadores que sobrevieram aos Roerichs depois de 1934, lá no fundo, Alice Bailey não foi nada mais que um alvo fácil para a angústia de Helena? Helena tentava arruinar a reputação de uma mulher que via como bem colocada no centro do poder, misturada com idêntica coorte que se voltou contra seu marido? Ou suas palavras cortantes foram simplesmente pura inveja dominando uma pessoa impressionante que fez uma contribuição significativa para a Teosofia?

As tensões entre as duas nunca foram resolvidas. A única evidência da visão de Alice Bailey pode ser encontrada em uma palestra que ela deu para um seleto grupo de estudantes da Escola Arcana em maio de 1943:

“Não estou certa de quão exatos os livros de Roerich são. Eles são como as Cartas Mahatma. Alega-se que foram ditados pelo Mestre M.” [membro do grupo] Joseph Lovejoy respondeu: “Roerich faz uma diferenciação entre a consciência interior e os mundos sutis.” Para o que Alice respondeu: “Os livros de Roerich são muito mal traduzidos. Se você os lê em francês entende o sentido real.” [15]

Ela não via a Hierarquia de Nicholas Roerich da mesma maneira, afirmando seu valor um ano depois, como dada “uma imagem completa da corrente da Hierarquia, desde o átomo da substância até o mais superior”. [16]

Diante disso, os comentários de Helena podem ser interpretados e talvez dispensados como nada mais do que uma rivalidade persistente, ou compreendidos no contexto de uma guerra por território entre duas mulheres fora do comum, ambas em comunicação com algum Mestre e escrevendo livros que iriam formar a parte central do cânon teosófico. A questão é também profundamente unilateral, já que qualquer pensamento particular de Alice Bailey sobre Helena Roerich não seja conhecido, apesar de ela claramente ter pouca ou nenhuma consideração pelo Agni Ioga. A ruptura tem sido prejudicial para os alunos de ambas as correntes, daqueles atraídos para o Agni Ioga e desafiados especialmente a levar a sério os trabalhos vindos da escrita de Alice Bailey, com muitos no meio Agni Ioga firmemente opostos a ela. Vindo como se fossem do púlpito e não do coro ou da congregação, essas condenações mordazes de Helena Roerich introduzidas no domínio público, impactaram e continuam a impactar a reputação de Alice Bailey através daqueles que preferem a fragmentação acima da unidade e a discórdia acima da harmonia. Talvez seja por isso que a própria Helena Roerich sabiamente escolheu editar seus comentários mais condenatórios dos dois primeiros volumes de cartas anterior à publicação. [17]

17

SEDE EM TUNBRIDGE WELLS

Na década de 1930, uma nova forma de vida surgiu para Alice Bailey conforme as operações expandiram para a Europa. Depois de 20 anos sem visitar a Grã-Bretanha, ela começou a dividir seu tempo entre os dois continentes, passando cerca de 7 meses de cada ano em Nova Iorque e o restante na Grã-Bretanha e Europa, dando palestras na Holanda, Bélgica, França, Itália e Suíça. Ospringe Place, hoje um edifício listado como patrimônio de Grau II perto de Faversham, Kent, ficou disponível aos Baileys por vários anos durante esse período.

Uma grande casa de campo construída em 1799, de pedra branca repleta de colunas dóricas e parapeitos balaustrados, Ospringe Place era então de propriedade de Benjamin Henry Percy-Griffiths e sua esposa Hilda Louise (George). Os Percy-Griffiths eram parte do meio teosófico bem-sucedido de Faversham. Blavatsky e Besant eram ambas conhecidas por terem ficado na casa em outras ocasiões. [1] Foi nesse meio que Dorothy e Ellison conheceram seus futuros maridos e casaram-se nas proximidades. Aqueles contatos teosóficos locais também forneceram o desenvolvimento necessário de uma nova sede da Fundação Lucis.

Alice agora passava dos 50 anos. Ela não tinha mais o fardo ou a preocupação de criar as filhas, mas sua saúde deteriorava-se. Ela sofria de anemia perniciosa, uma deficiência de vitamina B12 que leva à falta de glóbulos vermelhos, uma doença autoimune mais comumente causada pela falta de “fator intrínseco”, uma proteína produzida por células estomacais. A perda dessas células pode ser por causa do próprio sistema imunológico do corpo. A dieta vegetariana de Alice Bailey não teria ajudado e num dado momento ela começou a consumir carne conforme conselho dos médicos. [2] Uma doença debilitante mesmo quando

tratada, a anemia perniciosa traz uma variedade de sintomas incapacitantes, que incluem fraqueza, fadiga extrema, dormência e formigamento nas mãos e pés, úlceras na boca com a língua inchada ou rachada; confusão, perda de memória e demência, falta de ar, reflexos lentos, fibromialgia, tontura, vertigem, zumbido no ouvido, andar instável e espasticidade. A anemia perniciosa pode prejudicar o coração, como foi o caso de Alice Bailey. Os sintomas se desenvolvem ao longo de muitos anos e quanto mais a condição é deixada sem tratamento, maior a probabilidade desses sintomas tornarem-se permanentes.

Claramente, Alice precisava de muito apoio. Mais e mais Foster era o suporte principal de Alice, conforme ela ficava cada vez mais incapacitada. Ele viajava para todos os lugares com ela, levando-a para onde precisasse estar e atendendo às suas necessidades.

Sem ceder às suas fragilidades, ela seguiu em frente com todos os seus projetos. Esse foi um período prolífico em sua vida. Começou a escrever outro de seus volumes, De Belém ao Calvário, detalhando as iniciações de Cristo. Ela trabalhava com o Tibetano em um novo tratado. Havia o projeto dos Novo Grupo de Servidores do Mundo para promover, com panfletos para escrever, junto com instruções e cartas aos discípulos nos grupos dos nove, que dado o conteúdo, nem sempre era uma tarefa agradável.

Por volta do meio da década de 1930, os Baileys se mudaram de Ospringe Place e estabeleceram outra sede da Fundação Lucis nas proximidades de Royal Tunbridge Wells, adquirindo a casa no nº 38 da Broadwater Down, numa série de mansões de uma rua quieta e cheia de árvores frondosas. [3] Como a propriedade foi adquirida, não se sabe. Alice, Foster e Mildred moravam na casa da Broadwater Down em 29 de setembro de 1939, noite em que o Registro Pré-guerra foi feito. Não há menção do filho de Mildred, Gordon, resultado de seu breve casamento com Meredith Pugh. Naquele setembro, Gordon devia ter cerca de três anos de idade. Estavam presentes vários alunos da Escola Arcana e contribuintes da The Beacon, incluindo Alan Murray (1897-), acompanhado de sua esposa Marjorie, e Dean W. Rockwell (1871-) com sua esposa Fannie. [4]

Como sempre, Alice e Foster estavam cercados por colaboradores no que era, quando a carga de trabalho administrativo era deixada de lado, um círculo muito unido de almas de opiniões semelhantes.

A casa Broadwater Down foi confiscada em 1940 pelo exército britânico, durante a guerra. O 12º Corpo do Exército Britânico liderado pelo General Montgomery adquiriu um punhado de residências na Broadwater Down durante a guerra. Na vizinhança, Montgomery fez túneis secretos que levavam a um abrigo de guerra subterrâneo próximo, e só foi descoberto em 1969. [5] Tudo que Alice Bailey sabia era que ela não podia voltar para lá até depois de acabar a guerra.

Em algum momento durante a guerra, Ellison se mudou com seu marido e sua filha mais nova, Elizabeth, para Quetta, onde Ellison deu à luz ao seu filho Arthur, e a uma outra criança. [6] Dorothy e Terence Morton também foram para Quetta, localização de uma escola de treinamento de militares. A área foi devastada por um terremoto em 1935. A escola escapou do estrago e se tornou o local dos esforços de socorro e reconstrução que se seguiram. [7] Para Alice, a realocação de sua filha deve ter trazido à tona memórias de sua antiga vida em Quetta, nas casas dos soldados. Lá, ela havia dado sua fracassada palestra sobre o inferno. Enquanto suas filhas aproveitavam a altitude, o mundo definhava em seu próprio inferno.

Uma vez que a casa Broadwater Down foi tomada pelo exército britânico, Mildred e seu filho moraram com seus pais em Nova Iorque. Quando a guerra acabou e a casa voltou para os Baileys e a Fundação Lucis, Alice estava inválida com sua base na maior parte de seu apartamento em Nova Iorque, com vista para o rio Hudson.

Os Sete Raios

Em Tunbridge Wells e Nova Iorque, os Baileys continuaram a expandir e a trabalhar incansavelmente. Em 1936, Alice Bailey publicou Psicologia Esotérica: Volume I, o primeiro de cinco volumes em Um Tratado sobre os Sete Raios. O tratado serve como uma extrapolação compreensiva da apresentação inicial de DK sobre os raios em Tratado sobre o Fogo Cósmico.

Em um trabalho anterior, o Tibetano retrata os raios crescendo e decrescendo em grandes ciclos. Cada forma ou corpo absorverá as várias energias dos raios, ou as transmitirão para outro lugar. Em Um Tratado sobre os Sete Raios, DK aplica essa formulação energética para a psicologia humana, provendo uma matriz de energias na forma de perfis de personalidade. Nesse aspecto do cânon de Alice Bailey, o Tibetano assumiu algumas sugestões dos raios encontrados no trabalho de Blavatsky, e os converteu em muitas milhares de páginas de texto.

Psicologia Esotérica: Volume I foi escrito de maneira introdutória para aqueles que podem não ter lido os outros ensinamentos e apresenta uma nova psicologia, introduzindo o leitor à natureza da alma, seu plano e propósito, e delineia os raios: Os três raios do aspecto e os quatro raios do atributo.

A teosofia é uma teoria hilozoísta, propondo que toda a matéria tem vida:

A vida é a síntese de toda a atividade – uma atividade que é uma mistura de muitas energias, pois a vida é a soma total das energias dos sete sistemas solares, do qual nosso sistema solar é parte. Esses, em sua totalidade, são a expressão da atividade daquele Ser que é designado em nossos arquivos hierárquicos como “Aquele Sobre Quem Nada Pode Se Dizer”. Essa energia cósmica de sete dobras, as energias fundidas e combinadas de sete sistemas solares, incluindo o nosso, varrem automaticamente cada um dos sete, carregando as qualidades de

---

Impulso para a atividade.

Impulso ativo para a organização.

Impulso organizado ativo para um propósito definido.

Esse impulso energético triplo, carregado do ímpeto dos sete grandes fôlegos ou raios, começaram o processo mundial da Transformação, e se manifestou como o desejo para a evolução, – para uma evolução que é ativa, organizada e que trabalha constante e inequivocamente para um objetivo específico. [8]

A partir daí, esse texto abstrato e cosmológico segue em explorar os raios nos vários reinos da natureza e discute os vários raios em manifestação. O segundo volume, publicado em 1942, foca nos raios manifestos através da personalidade humana e da alma, e é esse texto que continuou a inspirar outros a explorar e desenvolver a psicologia esotérica. Não é de se surpreender que muitos colaboradores se dedicaram em avançar esse aspecto dos ensinamentos. A conclusão do tratado, incluindo Astrologia Esotérica, Cura Esotérica e Os Raios e as Iniciações, ocuparia o resto da vida Alice Bailey. Os títulos foram publicados postumamente.

Mistérios Universais Antigos

A década de 1930 viu Alice Bailey envolvida em inúmeros projetos. Em algum momento no final da década de 1920, DK começou a entregar para ela instruções bianuais para começar a transformar a Maçonaria de acordo com os ensinamentos. [9]

A maçonaria tem suas origens no século XIV na Europa e na Grã-Bretanha, quando pedreiros formaram fraternidades para proteger os interesses deles. Originalmente havia três graus: aprendiz, companheiro e mestre maçom. No começo do século XVIII, algumas dessas fraternidades adotaram uma visão de

mundo esotérica, através da adoção de graus mais altos concedidos em ritos cerimoniais envolvendo o uso de simbolismo esotérico. A maçonaria começou a absorver correntes esotéricas, incluindo a rosa-cruz e o hermetismo. Amplamente criticada pelas suas promessas de sigilo e obediência, a maçonaria tem sido vista há muito tempo com um tipo de rede exclusiva de “velhos”, dando vantagem aos membros nos campos dos negócios e política.

A sociedade teosófica tem uma longa associação com a maçonaria. Todos os presidentes internacionais da Sociedade Teosófica eram maçons, e todos exceto Henry Steel Olcott eram comaçons.

A comaçonaria começou em 1882, quando a autora, palestrante e humanitária Maria Deraismes foi iniciada em uma loja de livre-pensamento em Paris. Ela passou dez anos tentando abrir a maçonaria para as mulheres, antes de fundar sua própria loja em 1893. Inúmeros teosofistas distintos se juntaram ao novo movimento. Annie Besant era a governante da primeira Loja Inglesa Comaçônica, consagrada em 1902. [10]

A versão de DK da maçonaria, os Mistérios Universais Antigos, ou AUM (Ancient Universal Mysteries, em inglês), era um projeto inteiramente separado da Fundação Lucis e da Escola Arcana, envolvendo um completo retrabalho de “toda a construção maçônica”. A maçonaria foi criada para incluir a nova demonstração da Sabedoria Eterna, incluindo o Logos solar, os Sete Raios e as várias Leis cósmicas, junto com o plano para a irmandade universal. Ele exigia mudanças nos rituais maçônicos, de acordo com o novo revestimento esotérico. Acima de tudo, os maçons receberam a responsabilidade de servir aos outros no espírito de amor e boa vontade.

Nos anos 1930, um pequeno grupo de trabalho foi estabelecido para desenvolver o AUM, incluindo Alice e Foster Bailey, Regina Keller, Betty Harris e Marian Walter. Mildred Bailey e Svetoslav Roerich também participaram. [11] Svetoslav até desejou incluir uma Sala de Leitura Universal de Maçonaria Antiga em seu

projeto do Museu da Religião e Filosofia, do qual a teosofista e junguiana Leslie Grant Scott seria a diretora. [12] Leslie era a esposa do major R. T. M. “Rex” Scott, um escritor britânico de suspense e presidente da seção nova iorquina da Sociedade Americana de Pesquisa Psíquica. [13] Os Scotts eram parte da cena literária de Nova Iorque na época.

Alice Bailey aparentemente saiu do grupo AUM no começo da década de 1940, desconfortável com a maneira que as coisas estavam se desenrolando. [14]

18

ALGUMA COMPETIÇÃO

Durante a década de 1930, Alice Bailey estava longe de estar sozinha em querer a melhoria para o mundo. A esperança por uma nova era utópica era prevalente na Europa, Grã-Bretanha e na América. Dentro do meio espiritual, enquanto pesquisadores dedicados se comprometiam a certas correntes esotéricas, amadores continuavam a testar várias correntes, tudo desde as ideias de Mary Swainson, até Gurdjieff, Ouspensky, Meher Baba, Sufismo, Rosa-Cruz, Swami Vivekananda e Jung, junto com os teosofistas. Alice Bailey era uma figura proeminente na cena. Ela dava palestras por toda parte. The Beacon foi reconhecido por ser um periódico de alta qualidade e como mencionado anteriormente, as críticas dos livros e suas cartas apareceram na Occult Review (A Análise Ocultista). [1] Mas com tanta competição, como suas organizações se destacariam do resto. Como poderia a Fundação Lucis e a Escola Arcana, que tinham se separado, tornar conhecido que através do NGWS elas ofereciam uma solução para o mal-estar global em curso. Como, quando outros pareciam oferecer um conjunto similar.

Uma competidora foi a autora Dion Fortune, que avançou numa ambição quase idêntica. Nascida com o nome de Violet May Firth (1890-1946), numa rica família praticante da Ciência Cristã em North Wales, Dion Fortune uniu-se à sociedade teosófica por um breve período em 1906. Ela juntou-se a uma loja de ocultismo, liderada pelo ocultista e maçom Theodore Moriarty, participando da Ordem Hermética da Aurora Dourada ao mesmo tempo. Foi nesse período que desenvolveu habilidades mediúnicas. No começo da década de 1920, ela começou a acreditar que tinha uma conexão pessoal muito próxima com os Mestres da Sabedoria, afirmando que tinha contato com o Mestre Jesus, seu guia espiritual. As comunicações resultantes formaram a base do A Doutrina Cósmica. No final da década de 1920, Fortune separou-se da Sociedade Teosófica depois de criticar publicamente Charles Leadbeater e a igreja católica

liberal, e prosseguiu em formar sua própria organização, a Comunidade da Luz Interior. Ela reuniu à sua volta um grupo de estudantes, dava palestras, fundou uma revista e publicava inúmeros artigos, trabalhos de não-ficção e romances de ocultismo. Durante a Segunda Guerra Mundial, Fortune organizou meditações e visualizações para proteger a Grã-Bretanha, e começou a planejar o raiar da Era de Aquário pós-guerra. [2] As semelhanças com Alice Bailey são impressionantes. Fortune morreu de leucemia em 1946. Sua extraordinária vida de ocultismo e seu ativismo espiritual foi documentado em várias biografias, demonstrando a onda de interesse em matérias espirituais e de ocultismo, e a resposta concomitante ao chamado para a ação dos tempos. O que quer que Alice Bailey possa ter pensado de Dion Fortune, ela não era ameaça para a Fundação Lucis.

Algumas competições problemáticas surgiram nos anos 1930, na forma do movimento EU SOU fundado pelo engenheiro de minas e teosofista, Guy Ballard (1878-1939). Ballard se dizia estar em comunicação com – entre outros da grande fraternidade branca – o Mestre Saint Germain. EU SOU refere-se ao mantra sânscrito: “eu sou o que sou”. Mistérios Desvelados, de Ballard, foi publicado sob o pseudônimo de Godfré Ray King em 1934 e após sua morte em 1939, sua esposa e harpista talentosa, Edna Anne Wheeler Ballard (1886-1971), liderou a organização. [3] Antes de sua morte, o casal fazia sessões de treinamento e conferências por todo os Estados Unidos e reuniu muitos adeptos, supostamente cerca de um milhão de seguidores em 1938.

Guy Ballard era um médium espiritualista que, de acordo com seu filho, canalizava espontaneamente El Morya ou Koot Hoomi, e prosseguia em falar sobre assuntos de família na mesa do jantar. [4] Foi desse jeito que Ballard demonstrou a mais baixa mediunidade que Alice Bailey evitava, uma forma de mediunidade que da sua perspectiva teosófica, pode apenas acessar o plano astral, nunca o plano da intuição. Para Alice Bailey, o movimento EU SOU representava tudo que ela abominava em uma organização espiritual. Ela não está sozinha. Muito tem sido escrito para descreditar o movimento EU SOU e particularmente a autenticidade de seu fundador, incluindo alegações de plágio e o “empréstimo” de ideias de uma variedade de fontes. [5]

Ao oferecer uma versão diluída e mais acessível, embora distorcida, dos ensinamentos teosóficos, os Ballards apelam para os pesquisadores do tipo devocional, aqueles em busca de um caminho fácil para o crescimento espiritual, envolvendo uma gama de afirmações, práticas de gratidão, devocionais, preces e mantras, designados a levar para uma mudança positiva. Na opinião de Alice Bailey, ou mesmo de vários líderes espirituais e religiosos, não existe um caminho tão fácil.

O EU SOU foi um movimento carismático e sua popularidade representou uma dificuldade para Alice Bailey. O movimento tinha seu eixo na descrição de Ballard sobre os Mestres da Sabedoria, ou melhor, sua deturpação enganadora. Chamar os membros da grande fraternidade branca de “Mestres Ascensos”, termo que conota seres desencarnados após a sexta iniciação e tendo um deles supostamente possuído Ballard em sua própria mesa de jantar, não é só ridículo de uma perspectiva tradicional teosófica, mas isso traz descrédito para toda a noção de uma Hierarquia Espiritual. Pior, os Ballards prometiam aos seus seguidores que para eles também, a ascensão era possível através, é claro, de seguir a vontade dos Ballards. A palavra “ascender” chocou estudantes sérios da Sabedoria Eterna desde então.

Em Os Raios e as Iniciações, DK critica severamente o movimento EU SOU a respeito disso. Ao discutir a evolução da Hierarquia e a Lei da Ascensão pelas quais os discípulos sêniores, os iniciados nos vários Ashrams Mestres são levantados para serviços mais importantes e seu trabalho, por sua vez, é assumido por discípulos e aprendizes, DK observa:

É esta verdade, mal interpretada e chocantemente travestida, que está por trás do ensino dos chamados Mestres Ascensos divulgado pelos líderes do movimento “EU SOU”, prostituindo e praticamente trazendo para o reino da comédia barata um dos acontecimentos mais notáveis que já ocorreram em nosso planeta. [6]

Comédia barata talvez, mas Alice Bailey não podia fazer nada sobre a produção

de outros líderes e daqueles que escolheram segui-los. Ela também não exigia nenhuma lealdade aos seus próprios ensinamentos. As instruções de DK formam parte de uma variedade ampla e diversa de textos espirituais e ocultistas que proliferaram e ainda proliferam, enchendo prateleiras de livros em lojas da Nova Era. Pesquisadores sempre estarão em vários estágios, dispostos a adotar qualquer uma das versões que preferirem.

O que importava para Alice Bailey era um desejo muito forte de ser considerada da mais alta qualidade em todos os aspectos. Para esse fim, ela queria que a teosofia fosse considerada da mais alta qualidade, como fonte de conhecimento. Ao contrário de Ballard, ela não estava prestes a influenciar seu bando através de seu carisma próprio, ao invés disso, ela e DK se empenhavam para mudar toda a humanidade através do treinamento de discípulos estarem aptos para o Serviço Mundial, de um modo mais sério e disciplinado. Era apenas dessa maneira, da maneira dela, que a Nova Era assim como ela, assim como DK a concebeu, cresceria.

Os Ballards seguiram em inspirar abordagens similares emergindo na segunda metade do século XX e explorados em um capítulo posterior, o movimento EU SOU influenciou uma porção significante do movimento Nova Era e serviu para, pelo menos em parte, definir o terreno. Essa Nova Era não era nada do que Alice Bailey tinha em mente e em certo grau, trouxe descrédito e ridicularização à porta da teosofia e banalizou a Hierarquia Espiritual aos olhos dos adeptos e do público maior. De fato, é a noção da Grande Loja Branca dos Mestres sábios que serve para definir a teosofia, distinguindo a corrente esotérica das outras formas de esoterismo, e esse aspecto determinante, resultou na inclusão do movimento EU SOU na categoria teosófica. Com toda a conversa dos “Mestres Ascensos”, Alice Bailey não havia se preocupado com uma associação duradoura.

19

O REAPARECIMENTO DO CRISTO

A aceitação original da teosofia por Alice Bailey foi em grande parte por causa da cristologia desenvolvida por Annie Besant, culminando em uma convicção compartilhada por Besant e Steiner, de que Cristo faria uma reaparição na Terra em um futuro não muito distante. Com a Segunda Guerra Mundial se aproximando rapidamente, os Baileys concentraram seus esforços para ajudar a controlar ou atrair energias espirituais para preparar o caminho. Em 1937, Alice Bailey fundou a Triângulos, uma rede de meditação organizada em grupos de três indivíduos que se comprometem a recitar uma prece especial, chamada A Grande Invocação:

Do ponto de Luz dentro da Mente de Deus

Que a luz flua à mente dos homens.

Que a Luz desça à Terra.

Do ponto de Amor dentro do Coração de Deus

Que flua o amor aos corações dos homens.

Que Cristo retorne à Terra.*

Do centro de onde a Vontade de Deus é conhecida

Que o propósito guie as pequenas vontades dos homens -

O propósito que os Mestres conhecem e servem.

Do centro que chamamos de raça dos homens

Que se realize o Plano do Amor e Luz

E que ele possa selar a porta onde o mal habita.

Que a Luz, o Amor e o Poder restaurem o Plano na Terra. [1]

* Deve-se notar que “Que Cristo retorne à Terra” não necessariamente se refere à Segunda Vinda, mas provavelmente à externalização da Hierarquia, de sua aparência exotérica ou “real para nós” na Terra. [2]

A Grande Invocação foi distribuída em uma série de estrofes entre 1936-45 e serve como um mantra universal ou prece mundial. As estrofes são baseadas em formas de palavras antigas. A versão de 1945 é totalmente diferente em composição de seus predecessores, mas carrega basicamente a mesma intenção. [3] Essa única prece é tão importante que aparece nos marcadores de livros, panfletos, cartões postais e pôsteres da Fundação Lucis.

Nenhuma advertência na frase faria qualquer diferença para certos cristãos francos. Em 1987, o escritor evangélico australiano, Morag Zwartz escreveu The New Age Gospel: Christ or Counterfeit (O Evangelho da Nova Era: Cristo ou Falsificação, em tradução livre) – um trabalho que promove a missão de Constance Cumbey – que declara que o chamado de Alice Bailey sobre o retorno de Cristo é “na verdade, uma invocação do anticristo”. [4] Para Zwartz, os ensinamentos de Alice Bailey representam uma “falsa religião” cheia de uma “crença idólatra nos poderes espirituais da humanidade”. [5]

Uma leitura das preces com a mente aberta deixa pouca dúvida de que Alice Bailey e o Tibetano permaneceram inabaláveis do lado do amor e da luz. A

Grande Invocação é um exemplo da prática para fazer uma forma-pensamento, central aos ensinamentos. Foi essa prática que os grupos de discipulado do Novo Grupo de Servidores do Mundo foi encarregado de realizar, e é esse aspecto do esoterismo que Alice Bailey acreditava que inauguraria a nova era:

Um homem tem uma visão e uma possibilidade. Ele a considera e ela então entra no campo da invenção mental. Uma forma-pensamento é então organizada, seja a forma-pensamento de uma máquina de costura, de um partido político, de uma ideia econômica.... Muita reflexão e pensamento produzirão finalmente um campo magnético, que se tornará tão potente que o desejo entrará nela; então o sonho ou visão entra em um novo estágio de visualização... [e] quando o processo do desejo se desenvolve adequadamente, a visão precipitará sobre o plano físico. [6]

Na linguagem de DK, formas-pensamento ou ideias encarnadas, estão imbuídas de vitalidade e de propósito, e são enviadas para o mundo para completar uma missão específica. [7] Elas são a marca do iniciado, daqueles cujo papel é "compreender corretamente a verdade, informação ou revelação precipitante, e então dar a ela um formato igualmente correto, para que possa atender a necessidade humana imediata". [8] Tais formas-pensamentos devem trazer sabedoria para ajudar a lidar com os assuntos mundiais. A sabedoria "é revelada através de ideias, contra as quais (muito frequentemente) muito conhecimento mundano milita poderosamente. A mente concreta geralmente inibe... os três fluxos de ideias intuitivamente impulsionados; é com esse fluxo livre de novas ideias... e sua correta aplicação e interpretação que determina o futuro da humanidade e da vida planetária.' [9]

O Tibetano não se refere ao termo "ideia" como um plano, alvo ou projeto, pois isso seria reduzir a noção ao plano do pensamento. As ideias emanam do plano intuitivo como abstrações sentidas pela mente como impressões. A mente superior se esforça para anexar à impressão sentida os conceitos que lhe darão significado. Em outras palavras, envolve a ideia num conjunto de roupas. É uma tarefa delicada. O potencial para erro é grande e todas as formas-pensamentos

tem consequências nos três planos do esforço humano.

No esquema de Alice Bailey, a Hierarquia Espiritual é para a humanidade a fonte de ideias orientadas de melhoria humana e planetária. Essa hierarquia funciona como um corpo intermediário entre a humanidade e o macrocosmo. Como observado anteriormente, a Hierarquia é um grupo de seres iluminados trabalhando nos bastidores. É uma forma de governo interno ou teocracia benigna, operando subjetivamente.

Alice Bailey devotou 30 anos de sua vida para lançar as fundações da externalização nos planos exteriores desse governo interno. Ela viu isso como uma oportunidade maior para o avanço espiritual da humanidade, marcando o início de uma nova era de luz, amor e paz. Ela afirma que desde 1925, numa fase de intervenção divina, a Hierarquia tem despejado a energia do amor espiritual e tentado instilar relações corretas, num esforço para estimular a humanidade a dar o próximo salto evolucionário para o reino de Deus. Só que existem outras forças em jogo, impedindo deliberadamente o fluxo evolutivo, forças atraídas para a matéria e a preservação da forma, um antigo vórtice de ódio e vingança que é altamente resistente à mudança, instigando ainda mais ódio, crueldade e medo. Essas são as forças materialistas ou “envolventes” que, na humanidade, se tornaram carregadas com qualidades psicológicas negativas. Ao escrever através do levante e decreto da Segunda Guerra Mundial, Alice Bailey viu através das lentes de sua visão de mundo esotérica, a necessidade por um tremendo redirecionamento da vontade humana para poder vencer essas forças. Ela sofreu enormemente durante o período da guerra, extremamente sensível àqueles horrores.

Estava convencida de que o derramar de energias espirituais, estimulando a humanidade, seria uma preparação para o reaparecimento do Cristo e ela escreveu uma obra com esse título. O Reaparecimento do Cristo foi escrito em conexão telepática com o Tibetano, porém, ao contrário de seus textos esotéricos, o livro se parece um pouco mais com uma exposição evangélica ligada ao milenarismo cristão Alice Bailey, ou mais provável o Tibetano,

rapidamente rebate a visão. “Escrevo aqui sem o espírito fanático ou adventista; falo não como uma teóloga especulativa ou uma expoente de uma fase do idealismo religioso. Falo porque muitos sabem que a época é oportuna e que o apelo de corações simples e fiéis tem penetrado na mais alta esfera espiritual, e colocou em movimento energias e forças que agora não podem ser paradas.” [10] Como líder da Hierarquia Espiritual, Cristo, junto com os Mestres da Sabedoria e seus discípulos, dará início ao Plano de Amor e Luz. A porta para o lugar onde o mal habita será selada.

Nesse trabalho, o Tibetano escreve sobre a emergência de uma nova religião mundial, “uma fé universal com suas raízes no passado, mas que deixará clara a beleza do novo amanhecer e a vinda da revelação vital”. [11] A nova religião mundial se baseará: na verdade de Deus, tanto transcendente quanto inerente; na verdade da imortalidade e continuidade eterna; e na continuidade da revelação e abordagens divinas. [12] A nova fé misturará o cristianismo e o budismo, ou Ocidente e Oriente, em parte ao honrar os festivais de Páscoa e o Wesak, junto com um novo festival da boa vontade a ser comemorado na lua cheia de junho. [13] Será uma síntese de religiões, daquela que irá “enfatizar a unidade e a fraternidade do espírito”. [14] Uma nova religião mundial que, apesar de todo o seu reconhecimento das ideias orientais, é fundamentalmente cristã em ênfase.

O Reaparecimento do Cristo pode ser visto como a culminação de tudo que Alice Bailey acreditava como cristã devota e que nunca abandonou sua fé. Composto nos poucos anos entre 1945 e sua morte em 1949, durante um período de sua vida que estava muito doente, o trabalho representa a confluência de seu vasto suprimento de conhecimento teosófico e sua profunda fé em Cristo. Pode ser o caso que como tal, com a iminente externalização da Hierarquia, Alice Bailey era a recipiente perfeita dessa demonstração de sabedoria superior, capaz de receber a revelação e transmiti-la para os outros. Pode também simplesmente ser que nesse exemplo, pelo menos, ela transbordou o trabalho de sua mente extraordinária. Alguns podem ir longe a ponto de argumentar que todas as frases cristãs nos ensinamentos de Bailey seriam seu estilo próprio, e não do Tibetano.

Distopia

Ao longo da obra de Alice Bailey está uma poderosa sugestão, uma convicção de que a humanidade se aproxima rapidamente de um precipício escatológico e pode cair na escuridão da morte ou entrar no reino de Deus. O senso de urgência sempre presente no tom, os imperativos, a maneira insistente, é carregado do contexto da era na qual ela escreveu, e aponta ainda mais para um contexto maior em evidência hoje.

Alice Bailey dedicou-se em apontar a humanidade para a direção da alma. Vale a pena valorizar o que ela quis dizer por consciência da alma, envolvendo princípios fundamentais de amor e sabedoria, uma consciência de interconectividade de tudo e um recuo evolucionário ao Divino. Também é válido considerar o que se manifestou desde sua morte: a nova ordem mundial do livre mercado capitalista manifestado em extrema desigualdade, e um planeta assolado, tudo em nome do egoísmo e da ganância. Através das lentes de Alice Bailey, as forças sombrias do materialismo estão correndo soltas em nossa Terra.

Uma grande seção das instruções de Discipulado que Alice Bailey recebeu do Tibetano para o Grupo Nova Semente, foi extraído e compilado para formar Glamour: Um Problema Mundial, e fala diretamente a uma das ferramentas mais poderosas usadas para manipular a maneira como a humanidade pensa e sente.

“Glamour” é a ideia central do ocultismo. O mago lança um feitiço ou balança um relógio em uma corrente para frente e para trás diante dos olhos, e a mente do destinatário fica embaçada. Entra em transe. Não tem mais controle de seus pensamentos ou emoções. Está sob o comando do mago, como se fosse um robô. No ocultismo, o poder da mente sobre a matéria é mais importante. Quando o espiritualismo e a teosofia aproveitavam o renascimento nas primeiras décadas de 1900, isso foi parte da fascinação. Jung e seus seguidores perceberam, assim como os psicólogos transpessoais; de repente, eles tiveram acesso a caminhos na mente que antes não eram percebidos. Através dessa habilidade de colocar um

paciente em transe, o acesso ao inconsciente se abriu e partes da mente que falam em símbolos e arquétipos tornaram-se conhecidas e usadas em terapia.

Enquanto os psicólogos estavam ocupados explorando esse território inexplorado, Alice Bailey tinha outras preocupações. Predominante em sua mente estava a necessidade de contrabalançar o mal. Ela sabia que a prática esotérica seria usada tanto para propósitos egoístas quanto altruístas. Ela viu que os mesmos processos em funcionamento na alcova do mago se manifestavam no cenário mundial, no reino das ideias.

Na visão de Alice Bailey, todas as ideias emanam de um plano superior. Elas são abstratas, flutuam livremente, propriedades de ninguém e existem em comunhão umas com as outras, todas servindo a um propósito corrente na evolução da consciência. O pensador humano pega uma ideia e a veste de linguagem. Quando o pensador observa a ideia separadamente de todas as outras, a ideia se torna um ideal ou uma ideologia. Um único ideal então ocupa uma posição dominante na mente e todos os outros ideais são evitados. O indivíduo se torna conectado ao seu único ideal e todos os outros se tornam errados. [15] É dessa maneira que a humanidade se torna aprisionada em ilusões mentais. O apego coletivo a qualquer ideal é uma espécie de transe em massa. A humanidade é escravizada, acorrentada na caverna de Platão, incapaz de ver a realidade. As consequências podem ser desastrosas. [16]

Alice Bailey estava longe de ser a única a perceber uma distopia emergente. Enquanto George Orwell escrevia 1984 e Franz Kafka compôs O Processo e O Castelo, Alice Bailey escreveu toda sua obra numa tentativa de compensar uma nova idade das trevas.

Enquanto isso, outros pensadores vivos naquela época desenvolviam ideias que se uniriam para formar o que muitos argumentam ser uma nova ordem mundial, que surgiu no rescaldo da Segunda Guerra Mundial e tem caminhado continuamente em direção à globalização liderada por corporações desde então.

Sua forma materialista é exatamente o que Alice Bailey tentava evitar e apesar dos seus melhores esforços, ela não tinha poder para pará-la. A economia tornou-se como um culto religioso e esotérico, concentrando riqueza e poder em pouquíssimas mãos. Essa nova ordem mundial é anátema à que Alice Bailey imaginou. O que emergiu através das décadas da economia de livre mercado é uma forma de governo totalitário de um agrupamento de elite de corporações, que servem a si mesmas com mais poder do que muitas nações individuais. [17]

As organizações de Alice Bailey foram projetadas para produzir uma coorte de pensadores que influenciariam os assuntos mundiais em um alto nível internacional. A primeira divisão de DK do Novo Grupo de Servidores do Mundo recebeu a responsabilidade de criar formas-pensamentos nos campos da política e economia e tornariam o mundo um lugar mais justo e amoroso. A segunda divisão da NGWS, as mulheres e homens de boa vontade, disseminou panfletos na esperança de alcançar simplesmente isso, a salvação mundial.

Infelizmente, enquanto os grupos de discipulado estavam aparentemente ocupados tentando decidir juntos os pensamentos que ajudariam a humanidade, os contra-ataques estavam em ação, implementando uma estratégia paralela que se provaria surpreendentemente eficaz em influenciar a opinião das massas. A propaganda foi desenvolvida em 1920 pelo pioneiro em relações públicas Edward Bernays, (1891-1995), entre outros, depois que muitos ficaram impressionados com o sucesso dos esforços de propaganda em tempos de guerra, implantados como uma ferramenta de recrutamento e incentivo. Bernays viu que a abordagem poderia ser usada em tempos de paz também.

Propagandistas empregam várias técnicas para criar ou transformar a opinião pública. Em Glamour, DK identifica a facilidade com a qual as massas são manipuladas através do glamour, um termo usado para descrever a ilusão infundida com a emoção, a ilusão que torna-se “asfixiante, vaga e envolvente”. A ilusão cria confusão, o glamour cria um “mar de neblina”. [18]

Nas décadas após a Segunda Guerra Mundial, métodos de propaganda e de manipulação do pensamento de forma mais geral, tornaram-se cada vez mais sofisticados. Para o propagandista, qualquer ideia ou conceito que ameace seu status quo deve ser disperso através da condenação e do ataque, ou pela apropriação. Em outras palavras, propagandistas agarram-se em conceitos que podem ameaçar suas metas e objetivos, e os dobram se adequarem a eles. O volume de Alice Bailey em Glamour fornece lentes úteis pelas quais vemos propagandistas como mágicos e compreendemos as ilusões que eles criam. Se ela e o Tibetano estivessem escrevendo hoje, estariam treinando seus colaboradores em métodos de magia branca para dispersar ilusões.

Alice Bailey viu o caminho sombrio em que a humanidade estava. Ela começou a criar uma alternativa que se elevasse acima disso, em vez de entrar na batalha em seus próprios termos. Nas décadas de 1930 e 1940, ela colocou o peso da responsabilidade pela evolução de todo o esquema planetário em seus discípulos, que receberam a tarefa de praticar a boa vontade e incentivar o amor compassivo em si mesmos e nos outros. O verdadeiro objetivo de todo o esforço espiritual “é esse estímulo da opinião pública para os direitos mundiais, para interesses humanos inclusivos e para a cooperação internacional”. [19]

Alice Bailey insistia que seus leitores e seguidores evitassem se concentrar em seu próprio desenvolvimento espiritual e se orientassem para o serviço. Em um panfleto composto para o NGWS em 30 de junho de 1940, quando a Segunda Guerra Mundial estava em seu primeiro ano, DK escreveu: “Quem controlará o progresso do egoísmo agressivo se os homens e mulheres de boa vontade descansam em seu idealismo e não fazem nada que seja prático para justificar sua esperança ou auxílio na materialização da ideia desejada?” [20]

20

SAÚDE EM DECLÍNIO

Em 1940 Alice tinha 60 anos e sua saúde estava piorando. Foi um ano marcado pela morte de sua queria amiga e patrocinadora, Alice Ortiz, que era quatro anos mais velha que Alice. Ela deve ter sentido o falecimento como se fosse o de sua própria irmã, pois Alice Ortiz certamente deve ter preenchido esse papel em sua vida, depois que Lydia escolheu não ter nada a ver com ela. Ortiz apoiou os Baileys por quase 20 anos, foi uma benfeitora decisiva e membro do primeiro grupo dos nove no projeto DINA.

A essa altura, Alice e Foster, junto com Mildred e seu filho, haviam deixado Stamford em favor de um apartamento em Nova Iorque, com vista para o rio Hudson. Foi lá que Alice organizou reuniões para tomar chá com as socialites da cidade de Nova Iorque, apenas por convite. Os encontros eram conduzidos nos moldes de uma exposição, atualidades discutidas e geradas ideias para soluções. [1] Alice Bailey ocupou uma posição de destaque entre quem é quem em Nova Iorque, desfrutando do mesmo tipo de respeito como aquele oferecido ao seu avô John Frederic La Trobe-Bateman, ainda que em um campo completamente diferente. Ela também compôs inúmeras cartas para figuras influentes, nas quais ela discute os problemas que a humanidade enfrentava e o papel que os Estados Unidos podiam ter, dirigindo-se àqueles que possuíam posição de poder, incluindo Eleanor Roosevelt, com quem Alice tinha uma associação razoavelmente próxima. Em certa ocasião, diz-se que Eleanor Roosevelt convidou Alice Bailey para o Jardim de Rosas, na Casa Branca. [2]

Depois do ataque japonês a Pearl Harbour ter provocado a entrada a América na guerra, Nova Iorque tornou-se o porto principal para o embarque de tropas e envio de suprimentos. Nova Iorque também recebeu a entrada de refugiados de

guerra, e a cidade assumiu um aspecto militar com as ruas cheias de militares enquanto os trabalhadores eram mobilizados e os campos de treinamento militar se espalhavam pela cidade. Com o início do envolvimento da América na guerra, os moradores aprenderam a lidar com o racionamento.

Em meio a toda a perturbação, os Baileys e seus colaboradores seguiram em frente em suas funções organizacionais. Entre 1939-1945, a The Beacon distribuiu seu número regular de edições. A revista continuou com seu formato usual, contendo um mix de peças esotéricas com comentários sobre os problemas da humanidade. Citações do Agni Ioga faziam uma aparição regular. Entre uma ampla variedade de contribuintes estavam o autor, compositor e astrólogo, Dane Rudhyar; o muralista, pintor e autor Auriel Bessemer (1909-86); e a pianista Evelyn Benham Bull (1897-1983), autora de The Creative Activity: Introspective Experiments in Musical Composition (A Atividade Criativa: Experimentos Introspectivos na Composição Musical, em tradução livre) (1929). Ler a lista de conteúdos dá a sensação de se entrar em outro mundo, um mundo onde a guerra não estava acontecendo. O que faltou em geral foi o tom urgente dos panfletos e as instruções dadas ao Novo Grupo de Servidores do Mundo. A The Beacon forneceu uma normalidade habitual de trabalho para um conjunto de outra forma irregular nas condições da época de guerra.

Alice Bailey estava determinada a não deixar as circunstâncias extremas abalarem sua missão, apesar da guerra tê-la afetado muito, sensivelmente sintonizada como estava. Fortaleza dificilmente é uma palavra adequada para descrever a resiliência e determinação que ela demonstrou durante esse período. Seus esforços para atingir e sustentar o NGWS – que estava desmoralizado – se demonstrou oneroso. O trabalho cobrou seu preço. Com a morte de sua benfeitora chefe, a fundação começou a sofrer financeiramente. Fundos para continuar o trabalho eram escassos. Com o final da guerra, a questão se tornou tão séria que em um panfleto emitido para distribuição às suas mulheres e homens de boa vontade em junho de 1947, Bailey escreveu um apelo extenso, num esforço para solicitar fundos de seus apoiadores, pedindo a eles que “fizessem sacrifícios... no limite de suas capacidades”. [3]

Ela recusava-se ser derrotada. Trabalhou e trabalhou duro, assim como fez em toda sua vida, acordando cedo, escrevendo para o Tibetano, em então passava o dia todo no escritório. Ela sentia que não tinha escolha. Sua anemia perniciosa tinha agora enfraquecido seu coração, ainda que estivesse mais entusiasmada do que nunca. A atitude dela é revelada na seguinte declaração, dada em setembro de 1943:

Não me diga, como um estudante fez: “tenho bem mais que 50 e não tenho fogo nenhum.” Tenho muito, e tenho 63. Você pode ter fogo se quiser, mas você só o conseguirá quando seu senso de valores está ajustado corretamente e nada importa para você, a não ser o que pode fazer sob a inspiração de sua alma para dar sua cota completa de ajuda, mesmo se isso te matar. Não importa nem um pouco se você morrer. O que importa, é que fazemos tudo para atender a necessidade. [4]

Certamente ela deu sua cota completa. Ao perceber que sua vida estava terminando, ela precisava avançar em anotar tudo o que o Tibetano queria que escrevesse e supervisionar o progresso de todos os aspectos do trabalho. Havia os livros e a The Beacon para publicar, a rede Triângulos para promover, os conjuntos de ensino da Escola Arcana para compor e as cartas DINA paras os discípulos anotarem. Havia palestras para dar e entrevistas também.

Seus amigos e família posicionavam seus esforços para dar suporte a ela. Ernest Suffern trabalhava como tesoureiro. Regina Keller desempenhou seu indispensável papel editorial na parte editorial, e trabalhou em estreita colaboração com os alunos avançados da Escola Arcana. Foster era responsável pelo Novo Grupo de Servidores do Mundo, entre outras funções. Até então, sua filha Mildred, que chegava aos 30 anos, ajudava ao assumir a função de preparar os conjuntos de leitura para a Homens de Boa Vontade. [5]

Mildred, carinhosamente conhecida como Billy, se tornaria a diretora do Homens de Boa Vontade por vários anos. Demonstrando que o movimento da

boa vontade era mais do que apenas palavras, ela também participou ativamente na reabilitação de filhos dos refugiados ao final da guerra. [6]

Nessa época, a Fundação Lucis ocupava os dois últimos andares da Salmon Tower, com os escritórios da Escola Arcana e a sala de meditação no último andar, e os outros escritórios, incluindo o do Homens de Boa Vontade e a biblioteca abaixo. [7]

Como se ela não tivesse o suficiente para fazer, de 1943 a 1946 em Nova Iorque, numa proposta de entregar a Escola Arcana com sucesso após sua morte, Alice Bailey dava palestras noturnas às sextas-feiras para alunos avançados selecionados da Escola Arcana, que eram todos membros do grupo da sede, trabalharam “em conexão com os quatro grupos de meditação”, lideraram um dos grupos, foram responsáveis pelos papéis a serem enviados ou lidaram com grupos de alunos. [8] Todos os 30 participantes tinham um papel a desempenhar na liderança da escola. Alice enfatizou que tal liderança emanava do grupo e não de seus membros individuais. “A escola estará à altura de seu destino se esse grupo permanecer como uma unidade em todo o trabalho que empreendeu...” [9] Entre outros, estavam presentes Foster Bailey, Regina Keller, Florence Garrigue, Ernest Suffern e Marian Walter. A observação de Alice Bailey, que levava o subtexto de seu oposto, uma situação em que prevalece a desunião do grupo, foi presciente.

Havia dois alvos mais por trás das palestras. Primeiro, Alice Bailey queria avançar o trabalho do Novo Grupo de Servidores do Mundo ao formar um grupo verdadeiramente esotérico e em segundo, ela queria explorar maneiras de avançar os ensinamentos da Escola Arcana em si. “Quero que esse grupo seja um posto avançado da Hierarquia. Quero que seja nossa réplica imaginativa do Ashram dos Mestres.... Os Mestres não estão interessados em discípulos individuais; eles só estão interessados em grupos e desses grupos, eles reúnem pessoas que estarão no Ashram deles.” [10]

A ideia era desenvolver o espírito de grupo. Cada palestra implicava em Alice Bailey apresentar material para discussão, muito disso publicado posteriormente em Os Raios e as Iniciações, o volume final de Um Tratado sobre os Sete Raios. Apesar de desejar um grupo que não precisaria de líder, os transcritos das palestras indicam que membros do grupo a procuravam para confirmação de suas ideias e ela estava bem no centro das coisas.

As preocupações com a Escola Arcana e de como ela progrediria no futuro após sua morte, permaneciam dominando a mente de Alice Bailey. Em 1944 ela comenta: “A razão pela qual falo da Escola é porque ela deve ser uma expressão do que acontece nessa reunião, pois esse é o grupo mais importante na Escola – digo do ponto de vista espiritual.” [11] Ela continua a expressar preocupações sobre o calibre das secretárias ou comentaristas nos artigos dos alunos e sua capacidade de responder espiritualmente, não de maneira exotérica. Baseada nessa preocupação, ela pediu para Alan Murray, um colaborador na sede de Tunbridge Wells enviar a “todas as secretárias na Escola Arcana da Grã-Bretanha, uma declaração sobre o que considerava como suas fraquezas e forças”. [12] Ela notou a diferença entre os discípulos Roberto Assagioli e Eugene Cosgrove, que haviam ingressado na escola já tendo estabelecido seus próprios grupos espirituais, em comparação com aqueles que davam os primeiros passos. [13]

Alice Bailey queria formar um grupo secretarial com o papel fiscal de supervisionar as 100 secretárias da escola pelo mundo. “Meu pesadelo é que teríamos um grupo estático de secretárias e nos estabelecêssemos num grupo cristalizado. Faremos isso se não nos mantivermos fluidos e nos tornarmos esotéricos. Como poderemos fingir que é uma escola esotérica se nós mesmos não somos esotéricos?” [14]

Ela escondia o receio sobre o progresso dos estudantes e expressou a necessidade de ir além da meditação para os estados de contemplação, onde a autoconsciência e as preocupações com os interesses próprios são perdidas. [15] De alguma forma, até então a escola tinha alunos avançados, mas não o suficiente.

“Só não sei quanto tempo tenho. Quem dentre todas essas pessoas que temos treinado na escola é um esotérico que possa seguir em frente? Quem é um esotérico de verdade? Como você vai avaliar um esotérico? Como sabemos o que constitui um esotérico?” [16] Nesse comentário, ela afirma que fez a mesma pergunta ao colaborador Alan Murray, que havia apontado como um potencial candidato para dirigir a escola. Ela não disponibilizou a resposta dele.

Ela estava bem ciente de que a Escola Arcana ensinava informação ocultista e aconselhava como meditar para desenvolver a percepção da alma e era de fato uma escola metafísica espiritual, mas algo faltava. Não era ainda uma escola esotérica. “Imagino que se ouvíssemos uma declaração real sobre a natureza de uma escola esotérica, poderíamos sentir que não sabemos de nada; ficaríamos surpresos com a nossa falta de percepção.” [17] Ela estava impulsionando o grupo para além da consciência da alma e em direção a essa realização adicional da conexão espírito-alma, receptiva à vontade e ao propósito espiritual. Também vale notar que Alice Bailey emprega uma linguagem inclusiva em suas conferências, referindo-se a “nós” e “a gente”, vendando suas próprias habilidades esotéricas, que podem ou não ter refletido em seus comentários.

Apesar de seus melhores esforços, a questão de quem tocaria a Escola Arcana e como não se solucionava. A saúde de Alice agora estava em rápido declínio. Ela recebia transfusões de sangue mensalmente, administradas por Foster, sob a supervisão de seu médico. [18] No começo de sua conferência de 5 de novembro de 1943, ela menciona que teve uma insuficiência cardíaca na semana anterior. [19] Em maio de 1945, Foster liderou a conferência semanal, anunciando que Alice havido tido um ataque cardíaco moderado, e que estava recebendo transfusões de sangue para elevar a contagem de células do sangue. [20]

Em uma conferência que Alice Bailey deu em abril de 1945, Florence Garrigue pergunta: “Qual a forma de simplificação que esse grupo tomará ao se tornar mais unido?” Alguém respondeu: “mais trabalho e menos conversa.” Alice então um tanto quanto irônica, diz: “até onde vejo, é sobretudo conversar, não trabalhar.” [21] As conferências semanais eram uma decepção e Alice Bailey ou

perdeu interesse ou ficou muito doente para continuar. Além disso, outro caminho para avançar os ensinamentos havia chamado sua atenção.

Naquele abril, o Tibetano entregou a estrofe final de a Grande Invocação e apelou para seus discípulos utilizarem-na diariamente, quantas vezes pudessem. [22] Franklin Roosevelt havia falecido no mesmo mês. Em junho a Conferência em São Francisco estava muito ativa, e o estatuto das Nações Unidas foi assinado por 50 nações em 26 de junho, com a Polônia assinando dois meses depois. As conferências que Alice fez com seu grupo da sede por volta daquela época contém muita discussão relacionada ao fim da guerra e esperança no futuro, e muita tristeza com o falecimento de Franklin Roosevelt.

Ao final da Segunda Guerra Mundial, Alice Bailey, assim como muitos outros de sua época, ansiava por uma governança mundial melhor. Ela ficou aborrecida com a guerra, profundamente afetada pelo sofrimento que viu, e assustada com as nações agressoras, que frequentemente descrevia como “agentes da Loja Sombria”. [23] Em resposta, discute a necessidade por uma nova ordem mundial que satisfaria:

a necessidade imediata e não uma tentativa de satisfazer alguma visão distante, idealista... [uma] apropriada ao mundo que passou por uma crise destrutiva e para uma humanidade que está gravemente despedaçada pela experiência... [uma] fundada no reconhecimento de que todos os homens são iguais em origem e objetivo, mas que todos estão em diferentes estágios do desenvolvimento evolucionário; que a integridade pessoal, a inteligência, a visão e a experiência, mais uma visível boa vontade, deveriam indicar a liderança. [24]

Alice Bailey e o Tibetano advogavam por igualdade de oportunidade para todos, liberdade individual e autonomia, erradicação da pobreza, direito soberano de todas as nações, educação universal, recursos compartilhados e distribuídos de forma justa, e o desarmamento. [25] Ambos ficaram firmemente do lado da social-democracia em escala global. Escrito no final da década de 1940, o Tibetano

declara:

O socialismo pode degenerar para outra forma de totalitarismo ou pode ser mais democrático do que as expressões atuais de democracia. Essas questões emergirão claramente na Grã-Bretanha, onde o ponto de vista socialista está ganhando espaço entre as massas, mas que no presente é uma mistura de nacionalização das utilidades públicas e livre empreendedorismo - uma combinação que pode ter valor verdadeiro, se preservada. [26]

Não existia nenhuma âncora externa para essas reflexões até a fundação das Nações Unidas em 24 de outubro de 1945, em São Francisco, quando seu estatuto foi ratificado. A formação iminente de uma organização internacional trouxe uma concentração revigorada. Daí em diante, nos últimos quatro anos de sua vida, Alice Bailey direcionou seus estudantes e colaboradores para isso.

Alice Bailey não tinha aspirações equivalentes em relação à Liga das Nações. Em Telepatia e o Veículo Etérico, o Tibetano declara que a liga anterior foi o resultado de uma ideia de “unidade mundial no campo da política”, tida pelo Mestre Serapis, que a passou para o Mestre Jesus, que a apresentou para seu grupo de discípulos e a ideia finalmente registrou-se no cérebro do coronel House, que então a passou para Woodrow Wilson. [27] Em 1945, ele descreve a Liga das Nações como um “esforço abortivo – bem-intencionado, mas relativamente inútil”. [28] Como implicação, a ideia das Nações Unidas veio da Hierarquia.

Que Alice Bailey apoiasse as Nações Unidas é compreensível. A organização tinha o potencial de ser coerente com o etos espiritual dela, enquanto oferecia meios de prevenir outra guerra mundial. Leis internacionais forçariam as nações a enquadrarem-se a padrões mais elevados, e os direitos humanos seriam de suprema importância.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos foi proclamada pela assembleia geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. A força motriz por trás da declaração foi Eleanor Roosevelt, então presidente da comissão de direitos humanos das Nações Unidas. É justo sugerir que por trás de Eleanor, fornecendo pensamentos de encorajamento por correspondência e por meditações, certamente teria sido Alice Bailey. [29]

Havia pelo menos esperança de um mundo fundado na unidade, boa vontade e relações corretas:

As Nações Unidas, com todas as suas falhas, limitações, fraquezas e nacionalismos, foca o conflito entre o Morador e o Anjo, e... gradual e decisivamente, joga o peso de seu esforço e aspiração para o lado do Anjo.... Fazem isso pelo pensamento cada vez mais claro do público em geral de todas as nações, unidas para conquistar os três Poderes do Eixo, por sua capacidade crescente de conceber ideias em termos de todo, em termos de uma ordem ou federação mundial desejável, e sua capacidade de discriminar entre as Forças da Luz e a potência do mal ou o materialismo. [30]

Em 1947, Alice Bailey escreveu Problemas da Humanidade, um volume reduzido composto por ela mesma, contendo sete panfletos redigidos entre outubro de 1944 e dezembro de 1946, onde oferece soluções para os problemas mundiais. No panfleto final, discute a unidade mundial “que é baseada na boa vontade simples e na interdependência cooperativa”, observando que uma vez que não existe “conselho ou perfeição para dar ao mundo ou qualquer solução que trará alívio imediato”, as Nações Unidas “deve ser apoiada; ainda não existe nenhuma outra organização que o homem possa esperar.” [31]

O Destino das Nações contém um delineado dos problemas que enfrenta as Nações Unidas, de uma perspectiva esotérica. O Tibetano garante que o “verdadeiro problema das Nações Unidas é duplo: envolve a distribuição correta dos recursos do mundo para que possa existir liberdade do querer, e isso envolve

também ocasionar uma verdadeira igualdade de oportunidade e de educação para todos os homens em todo o lugar.” [32]

Para Alice Bailey, as Nações Unidas era um veículo para a boa vontade. Ela chamou aquelas mulheres e homens de boa vontade em seu NGWS, encorajando-os a ajudar “restaurar a confiança mundial” e “a educar as massas nos princípios e práticas da boa vontade”. [33]

Uma sombra pairou, apesar das boas intenções das Nações Unidas. De volta a abril de 1942, Alice Bailey reconheceu as dificuldades enfrentadas pelas Nações Unidas conforme as nações seguiam seus desejos individuais ao invés de seguir “uma vontade espiritual organizada”. [34] Curiosamente, a Nações Unidas recebeu seu nome três anos antes de existir.

Nas seções posteriores de Os Raios e as Iniciações, o Tibetano expressa preocupação com o movimento sionista e a formação de Israel. [35]“O sionismo hoje significa agressão e uso da força, e a tônica é a permissão para pegar o que quiser, independentemente de outras pessoas ou de seus direitos inalienáveis. Esse ponto de vista é contra a posição de líderes espirituais da humanidade.” [36] O Tibetano continua na mesma veia antissionista com:

Os líderes do movimento de agressão sionista constituem um perigo real para a paz mundial e o desenvolvimento humano, e as atividades deles foram endorsadas pela conveniência política dos EUA e, em um grau secundário, pela Grã-Bretanha sob a influência dos EUA. Os sionistas desafiaram as Nações Unidas ao reduzir seu prestígio e tornando sua posição negativa e insignificante para o mundo. [37]

Comentários contenciosos que inflamaram as alegações de antissemitismo. Nas mesmas passagens, DK é crítico à orientação comunista da Rússia, que condena

a liberdade dos indivíduos sob, não uma forma comunista de irmandade como retratada na produção literária de Lênin e Marx e com os quais ele não tinha problema, mas um grupo de homens ambiciosos e maus. Um panfleto de abril de 1948 comenta sobre as dificuldades que emergiram depois que as Nações Unidas "cedeu em seus princípios e admitiu a Rússia", antes que as outras nações tivessem a chance de unirem-se em reformas econômicas, reorganização nacional e grupos regionais". [38] Para DK, tanto a forma de comunismo russo e o sionismo eram manifestações de forças do mal.

Em junho de 1947, num panfleto intitulado "Preparação para a Reaparição de Cristo", as frustrações com o progresso das Nações Unidas são claras. Depois de apresentar os muitos obstáculos para a reaparição de Cristo, o Tibetano anuncia:

As Nações Unidas são ocupadas com demandas gananciosas de todos os lados, com a perspectiva das nações por lugar e poder, e pela posse de recursos naturais da Terra – carvão, petróleo etc. – e com as atividades clandestinas dos grandes Poderes e dos capitalistas que todos eles criaram. [39]

Apesar dos problemas óbvios que emergiram logo após sua origem, se uma nova religião mundial fundada em princípios esotéricos estava para emergir e a Hierarquia para externalizar, então a esperança singular na humanidade estava para ser encontrada na ONU, uma organização capaz de manifestar as mais altas aspirações da humanidade. O pouco dito no trabalho de Bailey foi suficiente para direcionar estudantes, colaboradores e seguidores, daquele tempo em diante, nessa arena.

Ao final da guerra, Alice ficou gravemente doente. Nos três últimos anos de sua vida, sua "condição cardíaca e sanguínea" havia deteriorado dramaticamente e ela estava, na maior parte, acamada. [40] Ainda assim, persistiu. No pós-guerra, começou a tarefa de restabelecer suas redes globais. Quando a casa na Broadwater Down foi devolvida em 1947, Alice e Foster Bailey fizeram a jornada pelo Atlântico para a conferência anual da Escola Arcana. Eles fizeram a

jornada mais duas vezes, inclusive em 1949, o ano da morte de Alice Bailey.

Em 1947, o corretor de seguros e colaborador, Frank Hilton, uma figura indispensável na repercussão do falecimento de Alice, chegou à sede de Nova Iorque onde foi contratado com educador. Ele seguiria em tornar-se vice-presidente da Fundação Lucis, de 1952-1956. [41]

Em julho de 1949, Alice Bailey escreveu uma carta para todos em sua lista de endereços. Ela passava nessa altura, boa parte de seu tempo no hospital Roosevelt, onde recebeu inúmeras transfusões de sangue e entre elas, continuava a escrever para o Tibetano, a taquigrafar as ideias e depois escrevê-las na íntegra, tarefa que lhe coube, diz, devido à taquigrafia ilegível que confessou ter. Acima de tudo, ela escreve sobre a rápida expansão pós-guerra do trabalho:

Descobrimos quando a guerra acabou que nosso trabalho havia crescido numericamente na Holanda, Bélgica, Itália, na Suíça alemã e na Grã-Bretanha, sendo que no último país, felizmente fomos capazes de servir durante a guerra, de Nova Iorque. Descobrimos também que alguns estudantes na França, Polônia e Romênia ainda estão se mantendo; entraram em contato conosco poucos meses após o fim da guerra.

Desde então, o crescimento de interesse em todas as regiões aumentou extraordinariamente; os trabalhadores na Europa mal sabem com lidar com a situação. Estudantes de todos os países estão ingressando na Escola Arcana diariamente. O trabalho na Alemanha e na Áustria (que era insignificante antes da guerra) agora é tão grande que a seção do idioma alemão promete ser, relativamente, a maior que temos.... O Congo Belga está se abrindo e a Libéria também; o trabalho no Egito e na Grécia cresce rapidamente e somos inundados com apelos pelos livros do Tibetano, pelo trabalho da Escola Arcana e pelas Atividades de Serviço. [42]

Essa carta tem mais de cinco mil palavras. A sede da Fundação Lucis em Nova Iorque enfrentava uma crise financeira severa. O treinamento dos 400 estudantes de quarto grau da Escola Arcana precisava ser atendido, junto com aqueles do terceiro grau. Havia uma “demanda enfática” por livros em idiomas estrangeiros, e não havia dinheiro para imprimi-los. Ela escreve sobre a carga de trabalho pesada, a falta de secretárias e a extrema necessidade por fundos para servir todos os aspectos do trabalho, incluindo os fundos necessários para postagem e impressão. Ela detalha como Foster trabalhou duro, e a sua filha Mildred, cuja saúde não estava boa, mas assim como sua mãe, seguiu em frente. “Em 1947, [Mildred] estava de cama por quase seis meses, mas trabalhou constantemente todo o tempo, algumas vezes da cinco da manhã em diante.”

Numa carta para Mildred, “minha amada Billie”, escrita em 20 de abril de 1949, quando Alice e Foster estavam em Broadwater Down para a conferência da Escola Arcana, Alice fala de comer carne – algo que ela começou a fazer para sua saúde – quando podia, e a beber cerveja. Ela reclama da empregada, a Srta. Burgoyne, “uma vegetariana rigorosa [que] come alface com um ar superior”, e da sua decisão de demiti-la e contratar “uma cozinheira, e não uma senhora ajudante, sentada sobre um pedestal dourado”. Essas observações, sem filtro, são uma rara noção da personalidade de Alice Bailey, observações ecoadas em algumas das passagens em sua autobiografia. Ela nunca teve estômago para “ares superiores”.

Ela escreve sobre as batalhas de Ellison com a saúde – ela tinha flebite, problemas de tireoide e do coração – e do racionamento e escassez na Grã-Bretanha pós-guerra. Em uma carta de Foster para Mildred, enviada poucos dias depois, ele menciona “as sacudidas”, um dos sintomas da anemia perniciosa, e a medicação que Alice tomava para ajudar a preveni-las. Alice também sofreu outro ataque cardíaco.

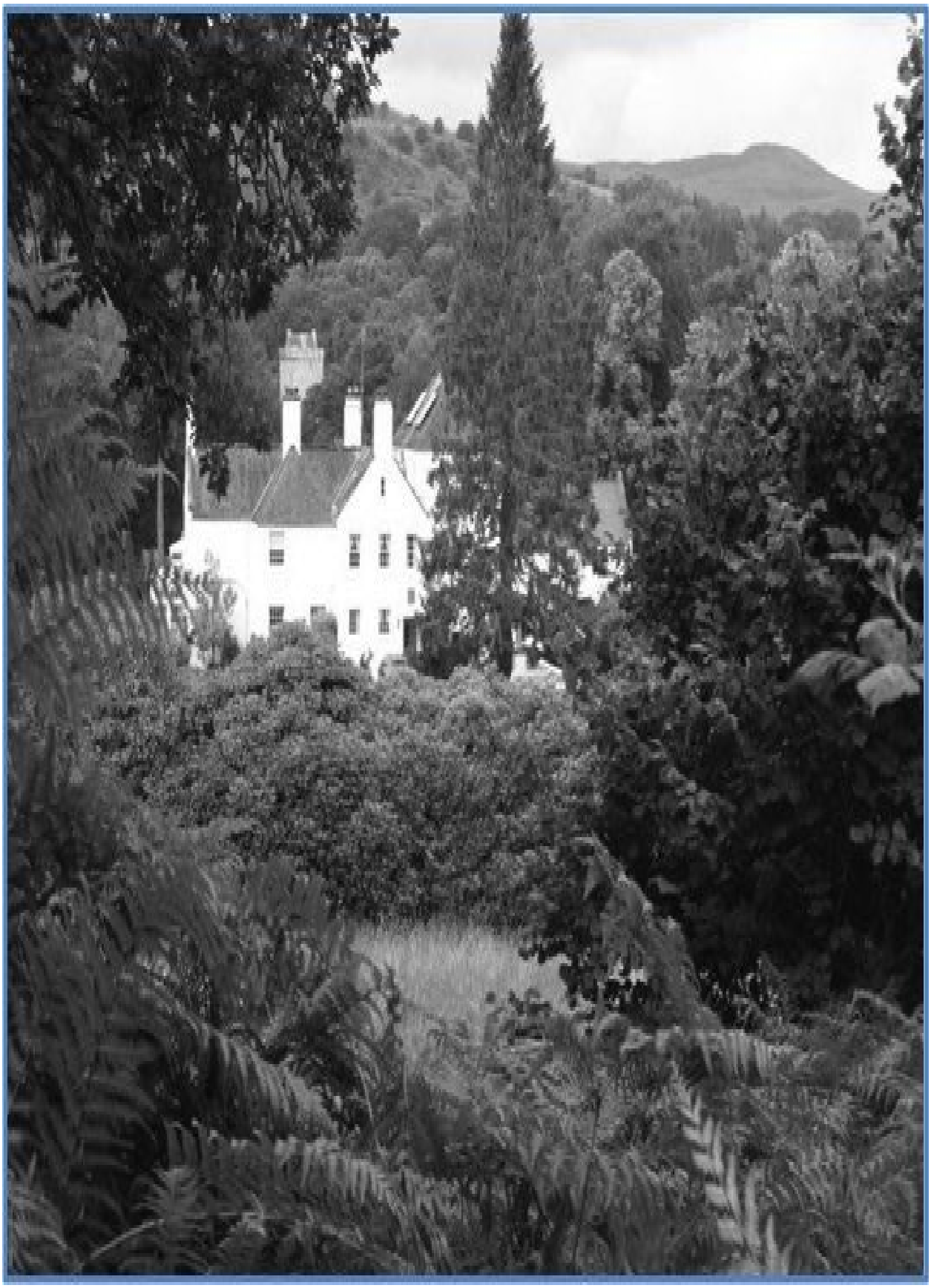
O tempo todo, Alice ainda tomava nota das cartas de DK para os discípulos que chegaram ao segundo volume de Discipulado na Nova Era. Ela ainda trabalhava em Os Trabalhos de Hércules O Tibetano queria que ela transcrevesse sua

tradução do Bhagavad Gita, algo que ela “afetuosamente queria fazer” antes de morrer. Também havia acabado de começar a escrever sua autobiografia. Sempre modesta, escreve: “Detesto autobiografias, mas é inevitável que minha biografia seja escrita depois da minha morte e não quero nenhuma biografia elogiosa sobre mim; o valor da minha vida está no fato que tenho sido somente uma garota comum, trabalhadora da igreja, mãe e trabalhadora do lar, e sinto que posso encorajar outros a fazerem o que tentei fazer – tentei tanto fazer.” [43]

Alice Bailey faleceu em Nova Iorque numa tarde de quinta-feira do dia 15 de dezembro de 1949, com seu marido Foster Bailey junto ao seu leito. Entre as últimas palavras ditas ao seu marido estavam:

“Tenho muito a agradecer. Tive uma vida rica e plena. Muitas pessoas pelo mundo foram amáveis comigo.” [44]

FOTOGRAFIAS



Casa em Castramont (foto, M. J. Richardson/Carstramon e Castelo Rusko/CC BY-SA 2.0)



Alice Bailey, c 1908 (foto cortesia de Rose Bates)

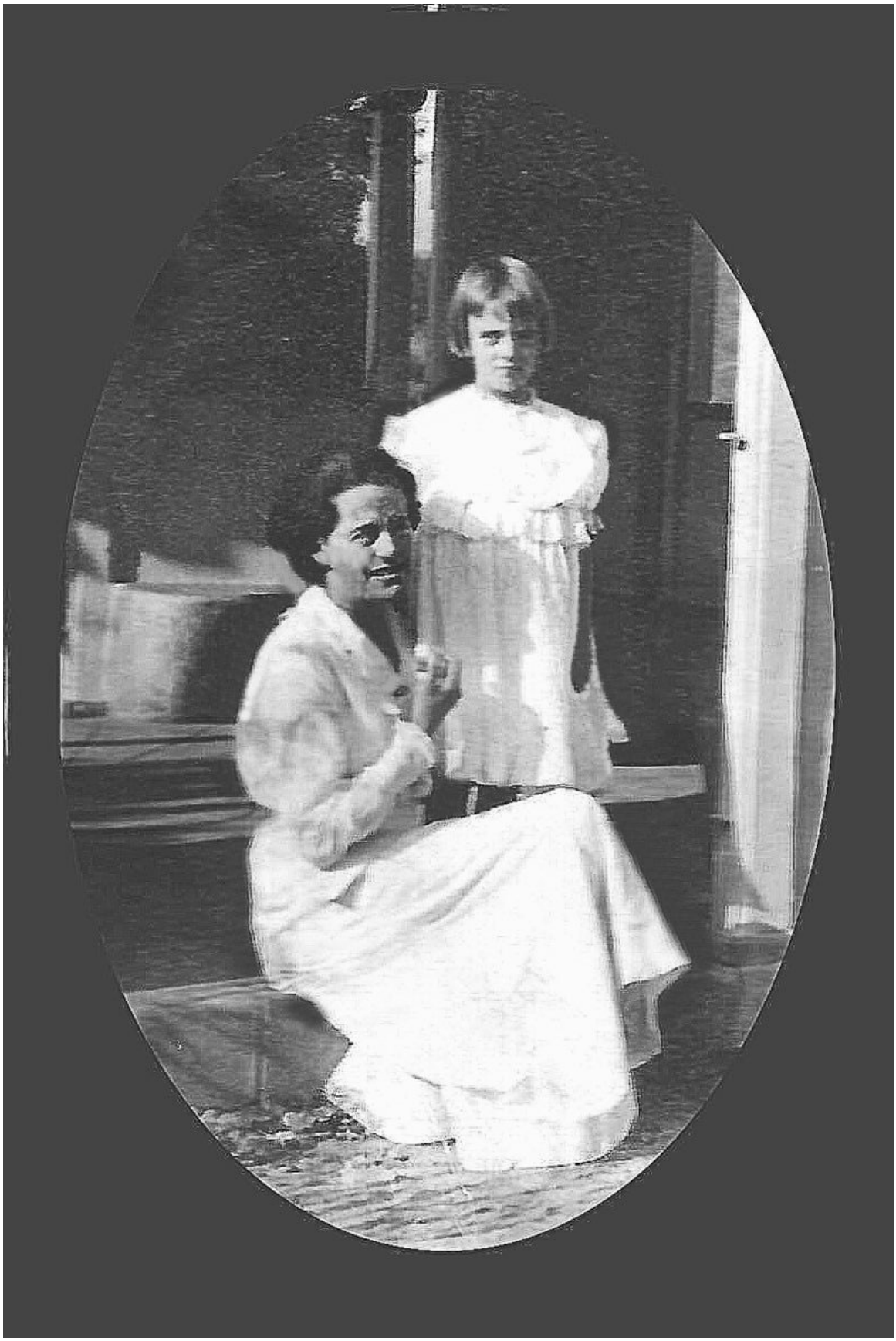


The Methodist-Episcopal Church (1892) and Parsonage built in 1901.

Residência de Alice e Walter Evans c. 1912. (foto www.reedley.com)



Alice Bailey, c 1920s (foto cortesia de Steven Chernikeeff)



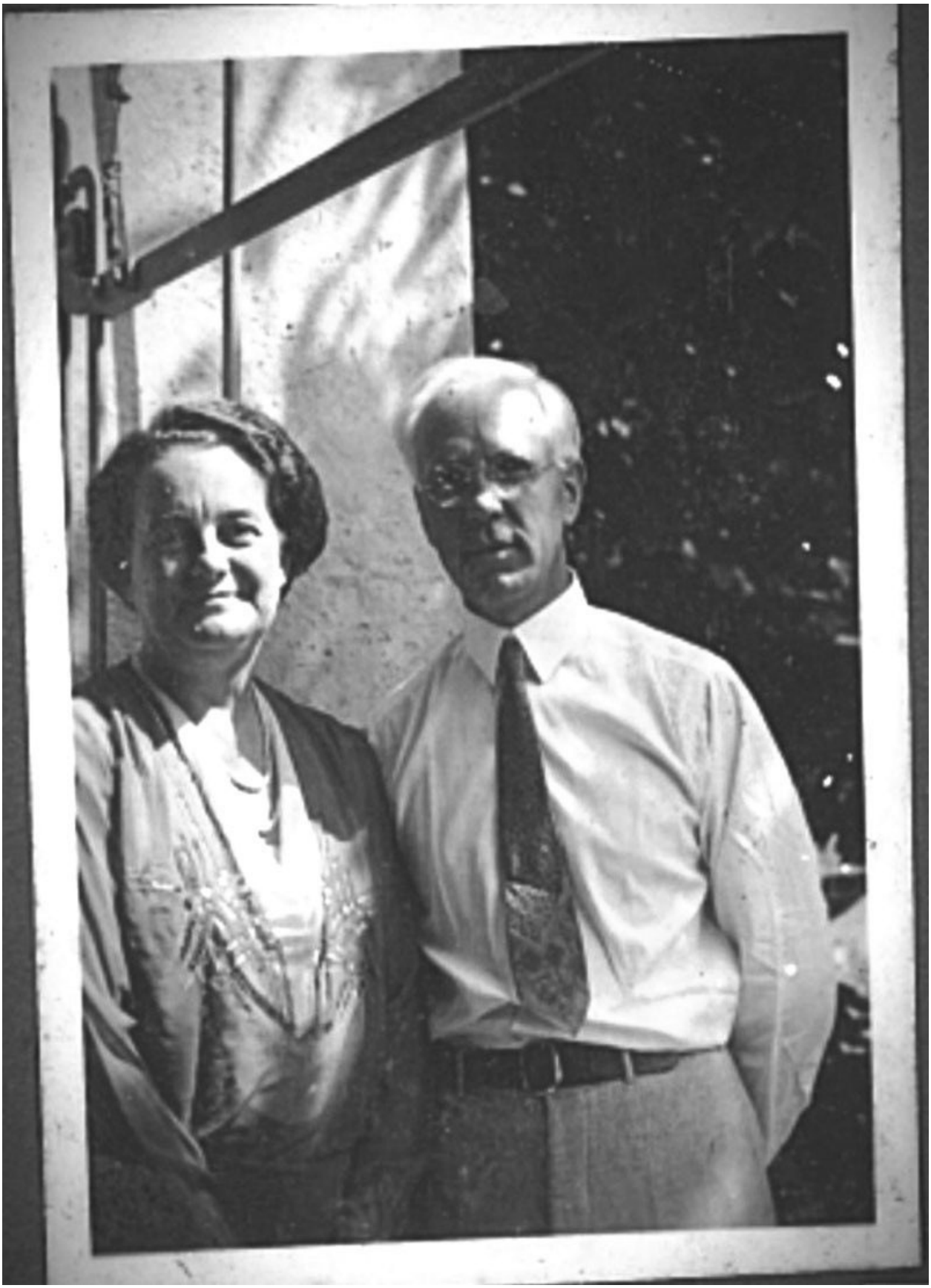
Alice Bailey e Ellison c. 1922 (foto cortesia de Rose Bates)



Foster Bailey, c.1917. (foto cortesia de Rose Bates)



Alice Bailey com Dorothy, Ellison e Mildred, c. 1920. (foto cortesia de Rose Bates)



Alice e Foster Bailey, c. 1932. (foto cortesia de Rose Bates)



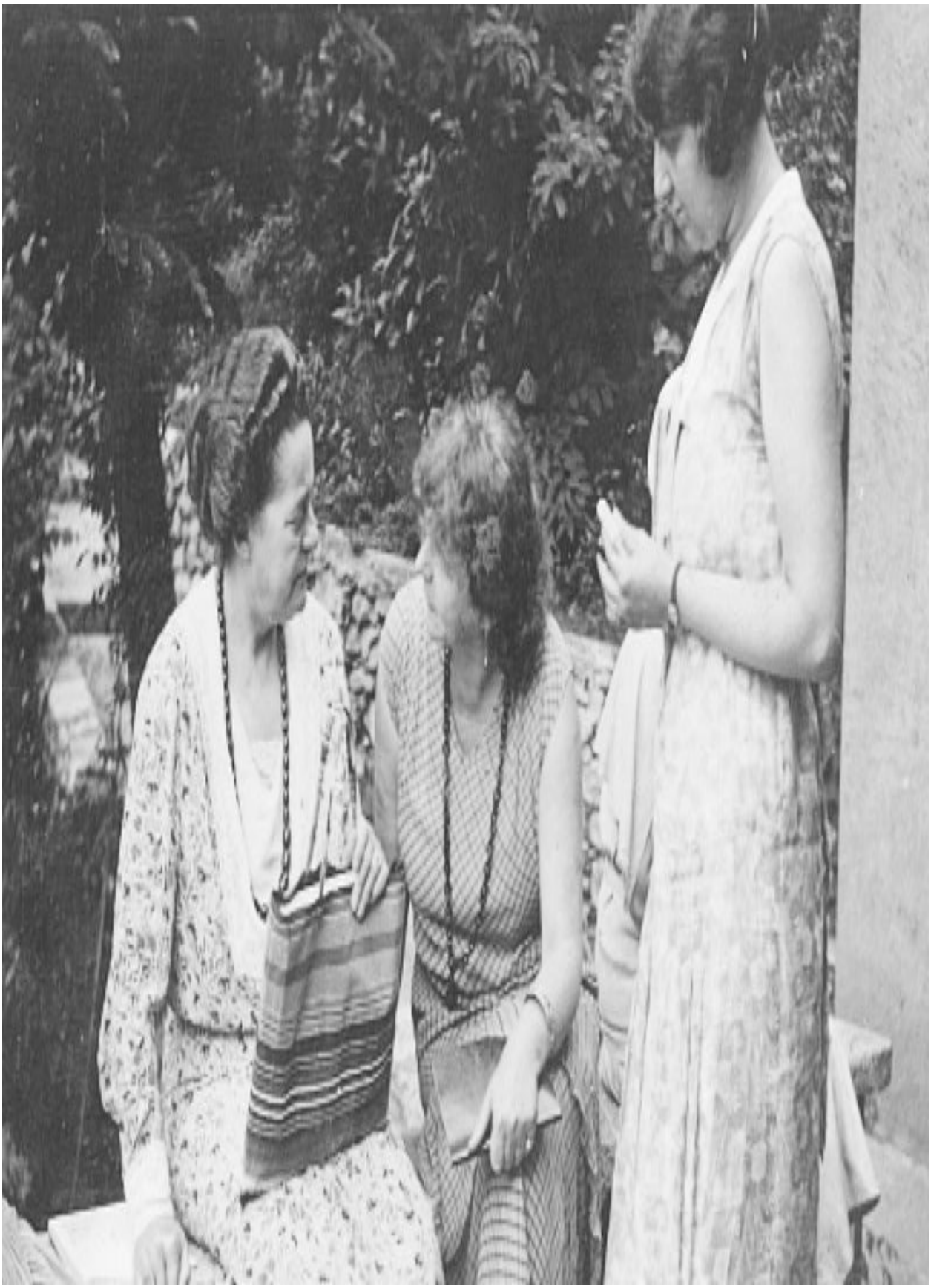
Casa Shanti, Ascona, c. 1931. (foto cortesia de Rose Bates)



Foster Bailey trabalhando na Casa Shanti, c.1932. (foto cortesia de Rose Bates)



Foster Bailey, Olga Frobe, Violet Tweedale e Zorab, c. 1931. (foto cortesia de Rose Bates)



Alice Bailey, madame Lorsa e M. Meyer Willing, Ascona, c.1931. (foto cortesia de Rose Bates)



Alice Bailey, Ellison Bailey, Dr. Keskar, Ascona, c. 1931. (foto cortesia de Rose Bates)



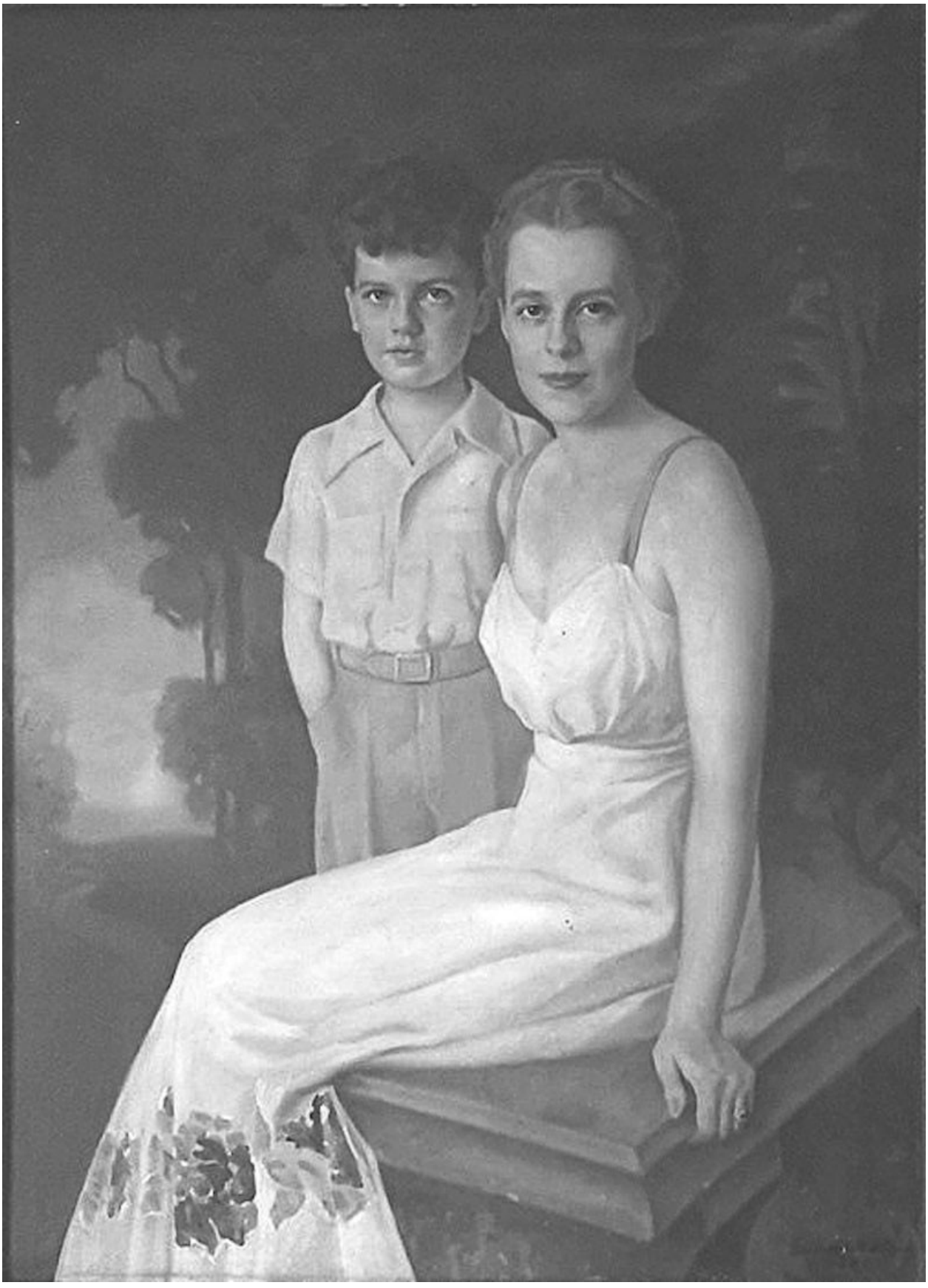
Olga Frobe, Ascona, c 1931. (foto cortesia de Rose Bates)



Alice Bailey com o neto Gordon, c. 1936. (foto cortesia de Rose Bates)



Foster, Alice, Gordon e Mildred, 1937. (foto cortesia de Rose Bates)



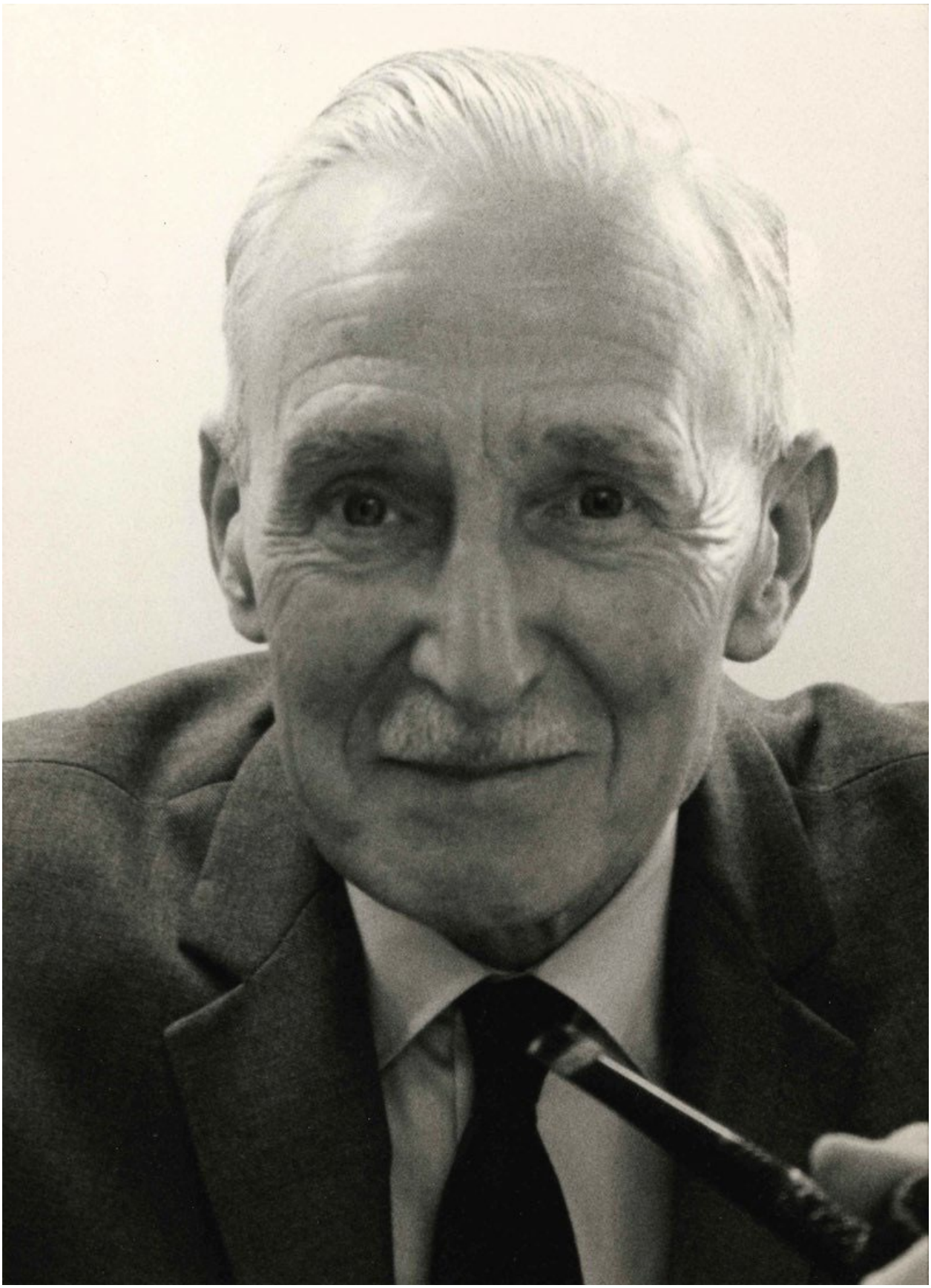
Gordon e Mildred Pugh, retrato c. 1942 (cortesia de Rose Bates)



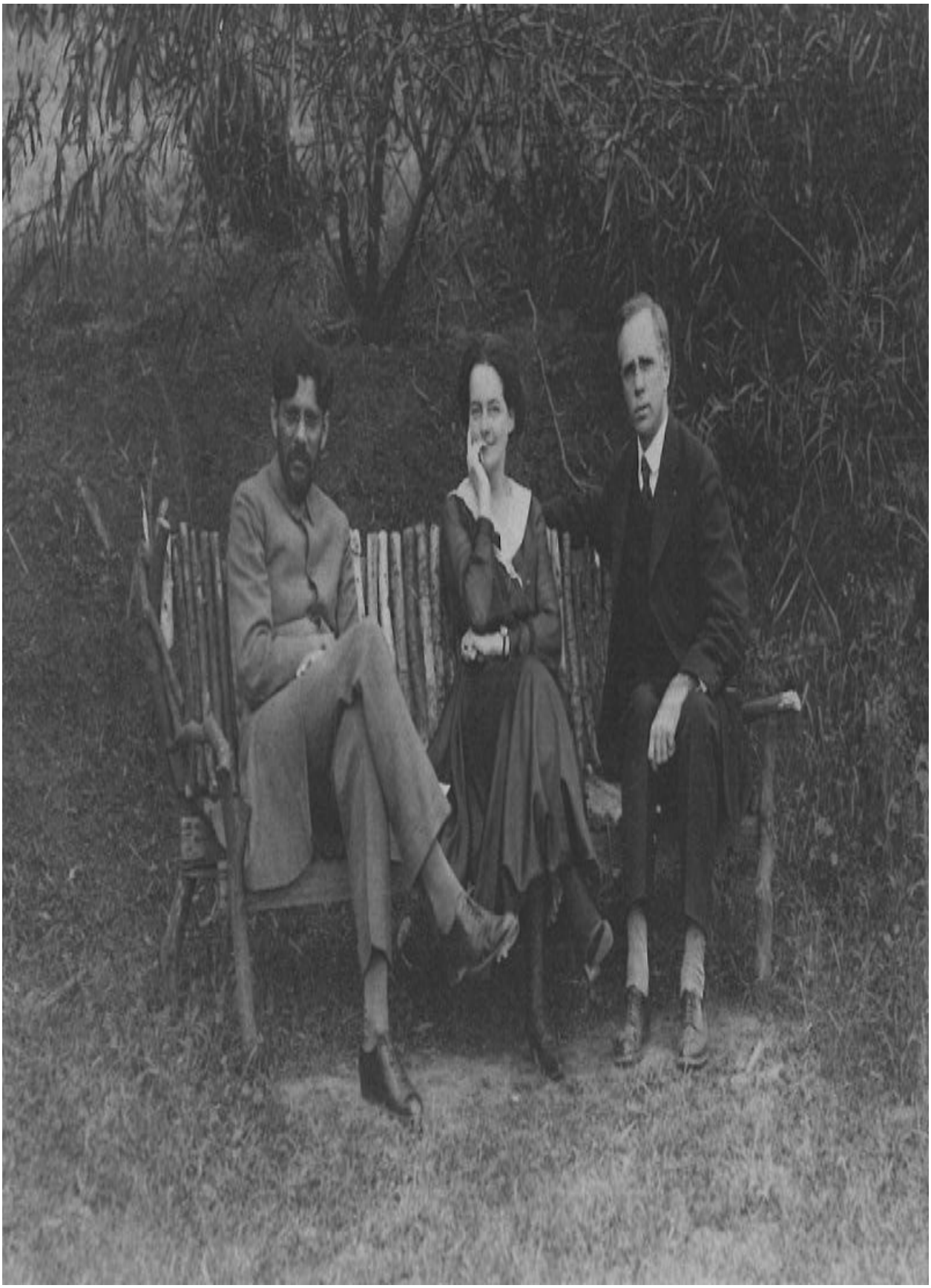
Alice Bailey, 1949, no trabalho pouco antes de sua morte. Antes de sua morte, seu neto Gordon Pugh queria que essa foto fosse mostrada como representação da dedicação e sacrifício de Alice Bailey. (foto cortesia de Rose Bates)



Florence Garrigue, Norma Artus, Clara Weiss, Margaret Schaeffer, Regina Keller, Ellen Schwarz, Helen Hillebracht, Frank Hilton e Hilda Hilton, 1957. (Foto cortesia da Escola de Estudos Esotéricos)



Frank Hilton 1957. (foto cortesia da Escola de Estudos Esotéricos)



B. P. Wadia, Alice Evans e Foster Bailey, 1 de fevereiro de 1920 (foto cortesia Fundação Lucis)



Foster Bailey, 1922 (foto cortesia Fundação Lucis)



38 Broadwater Down, fundos, c 1940s (foto cortesia Fundação Lucis)



Foster e Mary Bailey, c 1960s (foto cortesia Fundação Lucis)



Mary Bailey, c 1970/80s (foto cortesia Fundação Lucis)

FRAGMENTAÇÃO E CURA

21

ASPIRANTES AO PORTAL

Após a morte de Alice, o comando da Fundação Lucis foi lançado num caos considerável. A coorte de colaboradores encarregada de continuar o trabalho de maneira unida se voltou contra si mesma e a organização se fragmentou. A falta da coesão de grupo necessária no Grupo Nova Semente, coesão que permitiria ao grupo adotar um papel de liderança coletiva, mostrou-se altamente problemática. Em janeiro de 1949, em uma de suas palestras a seus discípulos, o Tibetano afirma:

O registro anterior desse grupo em trabalho eficaz e constante não incitaria A. A. B. a ter muita confiança em sua liderança. Vocês não demonstram capacidade de grupo organizado para assumir um trabalho que incorpore uma ou outra de minhas iniciativas espirituais sugeridas, e de efetivamente trabalharem juntos para seu avanço. O que fizeram como grupo para ajudar o trabalho do Triângulos ou da Boa Vontade, ou para se lançarem com sucesso no trabalho da Escola? Há muitos fora do Grupo Nova Semente que fizeram uma tarefa mais consagrada e altruísta do que vocês, contudo há poucas exceções. Mas, meus irmãos, de 51, quão poucos!! [1]

Foi por esse motivo que o Tibetano e Alice deixaram Foster no comando. “Quando A. A. B. falecer, deixará a Escola Arcana e todas as outras atividades nas mãos de F. B., com minha completa aprovação. Deixará também, nos departamentos, homens dedicados que continuarão a assumir, tanto quanto neles resida, a direção do trabalho em consulta com F. B.” [2]

Foster não teve escolha senão assumir o controle organizacional completo. Ele não queria o fardo adicional da Escola Arcana, mas sentiu que não tinha escolha a não ser assumir o controle dela também, pois pelo que sabia, não havia sobrado ninguém mais para comandá-la. Ele iria inspecionar todos os aspectos da fundação, incluindo a publicação de livros futuros, a continuação da distribuição mensal da revista The Beacon, o trabalho dos Triângulos e da Homens de Boa Vontade. Teve que fazer tudo enquanto estava de luto pela perda de sua esposa e companheira. Ele estava emocional, mental e fisicamente exausto com o fardo de cuidar de Alice pelos anos de sua invalidez, e permitir o trabalho em continuar. Quem cuida frequentemente não é notado em tais situações.

Em 1950 Foster deixou a sede de Tunbridge Wells para recuperar-se. Foi encontrado por sua futura esposa, Mary, em uma “condição física muito exaurida”. [3] Ele abandonou um centro de colaboradores leais, que já estavam responsáveis por vários aspectos do trabalho. Regina Keller e Frank Hilton eram notavelmente capazes. Como também era Bárbara Amos, diretora do trabalho britânico. A filha de Alice, Mildred, continuava a exercer um papel indispensável no trabalho do Homens de Boa Vontade. Foster também deixou Mildred e seu filho Gordon no apartamento de Nova Iorque.

Mildred dedicou-se ao trabalho de sua mãe desde o começo, comandando o programa de divulgação do Homens de Boa Vontade e organizando viagens de palestras e conferências pela Europa. Ela também estava muito envolvida na reabilitação pós-guerra de crianças e veteranos em Nova Iorque, aproximando-se de dignitários e atores, e de qualquer um no circuito da sociedade que pensasse que poderia responder favoravelmente em ajudar.

Em apoio ao Homens de Boa Vontade, Mildred já havia produzido uma série de conjuntos de estudos bem apresentados, com cerca de 12 páginas escritas cada, incluindo: The Challenge and Opportunity of Goodwill (O Desafio e a Oportunidade da Boa Vontade), Goodwill as the Science of Relationships (A Boa Vontade Como Ciência dos Relacionamentos), Goodwill Work as Adventure in Leadership (A Boa Vontade Como Aventura na Liderança) e Goodwill as the

Dynamic Factor in Human Affairs (A Boa Vontade Como Fator Dinâmico nos Negócios Humanos, todos em tradução livre). O objetivo era expandir a forma-pensamento da boa vontade com ideias e argumentos designados a agradar e convencer o público. [4] Numa carta para Mildred datada de 25 de abril de 1949, Foster Bailey ofereceu seu completo e sincero elogio ao Conjunto de Estudos da Homens de Boa Vontade II. “Estou mais seguro e feliz do que eu já estive antes, e olho mais avidamente para o futuro do trabalho da boa vontade sob sua liderança.” [5] Um apoio forte com poderosas entrelinhas. Na época que foi escrito, ambos sabiam que a mãe dela estava morrendo. E que Mildred havia sido escolhida para assumir responsabilidade total da Homens de Boa Vontade.

Ela continuou a comandar a Homens de Boa Vontade, mas surgiram algumas tensões com Foster, que resultaram dela incorporar a Homens de Boa Vontade como uma entidade separada, não mais sob os auspícios do fundo e, portanto, sem qualquer assistência financeira. Ela incorporou a Homens de Boa Vontade em janeiro de 1951. [6] Quaisquer questões levantadas entre Mildred e Foster durante essa época devem ser vistas à luz da enorme pressão sob a qual ambos estavam. A correspondência por carta através do Atlântico teria exacerbado a discórdia.

Problemas surgiram na administração da Homens de Boa Vontade daí em diante devido à contínua e severa falta de fundos naquele período pós-guerra e, por várias razões, Mildred retirou-se. [7] Foster, ainda baseado na sede de Tunbridge Wells, seguiu então em continuar o trabalho da boa vontade sob o nome de Boa Vontade Mundial. A primeira referência à Boa Vontade Mundial aparece em um panfleto de abril de 1948, incluído na A Exteriorização da Hierarquia. [8] Presumidamente, isso justifica o novo nome.

A destituição efetiva, embora não intencional de Mildred, teria enviado uma agitação para a sede de Nova Iorque, onde todos foram forçados a chegar num acordo com a ausência de Alice e a presença remota de Foster no comando. Mesmo que estivessem todos preparados para seu falecimento, a morte de Alice deixou seus colaboradores e familiares mais próximos de luto e privados de um

líder e uma figura representativa. De repente, todos tiveram que submeter-se à Foster, que tinha um tipo de personalidade diferente de sua falecida esposa. Alguns, como Mildred, acharam difícil trabalhar com ele. Contudo, nas palavras de sua futura esposa Mary Turner: “Toda vida ele foi um rebelde, incomum, um inconformista, docemente insensato às vezes, mas sempre inexprimivelmente doce, um verdadeiro discípulo no senso humano mais puro e hierárquico.” [9] Esses termos profundos de ternura, escritos décadas depois, eram sem dúvida uma defesa de seu marido.

Uma grave falta de fundos continuava a ofuscar a confiança, o que aumentava consideravelmente a tensão mental e emocional de todos os que trabalhavam na sede. Não havia dinheiro para contratar secretárias para lidar com a crescente carga de trabalho. Os colaboradores continuavam da melhor maneira que podiam, mas o único assunto pendente que não havia sido tratado antes da morte de Alice, quem administraria a Escola Arcana, demonstrou-se ser um barril de pólvora.

Uma abordagem que Foster fez no Banquete da Conferência Anual da Escola Arcana em Nova Iorque, em maio de 1950, está incluída na edição de agosto da The Beacon, chamada “A Escola Arcana: Suas Origens Esotéricas e Propósito”, uma abordagem também publicada em The Unfinished Autobiography (Autobiografia Inacabada). Nessa abordagem, Foster destaca a importância da escola e as intenções de Alice Bailey por trás dela. Digno de nota, ele afirma: “tanto A. A. B. e o Tibetano definitivamente declararam que depois de sua morte, ele não continuaria a servir por meio de qualquer outro canal como fazia com ela, e ela não tentaria controlar a Escola Arcana ou seus negócios diretos, nem qualquer uma das atividades de serviço por meio de quaisquer mensagens de qualquer tipo ou espécie.” [10] Seus comentários parecem mordazes, uma censura velada talvez, e eles certamente servem como um prefácio ao que seguiu.

A falta de um sucessor para a escola seguiria em causar duas divisões e certas tensões dentro da comunidade Alice Bailey, divisões que continuam até hoje. Em

janeiro de 1949, DK falou do Grupo Nova Semente sobre a questão de liderança, exortando os participantes a cessarem de falar sobre reorganização, como se isso "imediatamente tumultuasse o presente organismo que funcionava perfeitamente", e pediu que acabassem "todas as falas de chefes executivos, de responsabilidade assumida". [11]

Alice fez suas palestras semanais por mais de três anos na esperança de que alguma solução ao problema da liderança surgisse. Não surgiu. Nas palavras de Foster:

Alice fez duas tentativas frustradas de encontrar e treinar seu sucessor para liderar a Escola Arcana. O fardo caiu, portanto, sobre mim, embora nunca estivesse em minha programação. Eu apenas tinha que fazer o melhor que podia, e finalmente conseguimos nos restabelecermos. Uma trabalhadora da sede estava amargamente desapontada. Ela pensou que seria nomeada ao trabalho, mas Alice não iria arriscar. Tive de lutar, mas estou feliz por ela ter tomado essa decisão. Há uma grande diferença entre uma escola de caminho probatório glorificado com implicações antigas, e uma escola de discipulado esotérico com implicações da nova era. [12]

A mulher a quem Foster se refere é Marian Walter. Uma amiga da família e membro mais antigo da escola, Walter vinha ajudando a organizar os papéis para um programa de treinamento de quarto grau que Alice Bailey chamou de Aspirantes ao Portal, um grupo formado para permitir aos discípulos passarem pela segunda e terceira iniciação, e se prepararem para o grupo iniciação, um processo que o Tibetano estava entusiasmado para manifestar. Desde o começo, Walter pretendia alcançar o que Alice Bailey havia descrito para a Escola Arcana em suas palestras semanais, especificamente para ganhar a polarização do grupo entre os estudantes do quarto grau.

Walter era participante das palestras de sexta-feira à noite, embora não falasse, de acordo com as transcrições, e há uma conversa em particular entre Alice

Bailey e Marian Walter em janeiro de 1946 que dá um vislumbre da visão de Alice que Marian não era adequada para a tarefa de administrar sua escola.

Walter abre a conversa retratando o grupo do qual participa nas palestras semanais como um átomo, ainda que ainda não estivesse completamente formado. Alice Bailey tem problema com a noção do átomo, ignorando a segunda parte do argumento de Walter. Walter oferece uma defesa. Então Alice Bailey diz: “não vejo bem a analogia porque você começou com o átomo completo. Estamos harmonizando e fazendo algo.” Walter tenta elucidar, uma breve conversa ocorre e então Walter é colocada em seu lugar quando Alice diz: “é perigoso para um grupo começar com a ideia de que é algo pronto.” [13] Walter não responde.

Tais comentários de Alice Bailey não eram incomuns. Se ela achava que a percepção do outro não estava bem certa, era rápida em corrigi-la. Porém, embutida no comentário, está a semente da dúvida. O sucessor de sua escola precisaria ser absolutamente preciso com tais assuntos, tão fundamental quanto a natureza de seu grupo.

Walter não percebeu as implicações. Ela não conseguiu detectar ou escolheu deixar passar que Alice duvidou de sua capacidade. Mais tarde escolheu sinceramente acreditar que Alice Bailey a havia colocado no comando da Escola Arcana.

Filha de um comerciante inglês de mercadorias, Marian Bath Walter nasceu em Muncie, Illinois, em 2 de novembro de 1898. [14] Ela era psicóloga com interesse em música, esposa do gerente de materiais de construção, Leo Rohe Walter. [15] Quando Alice faleceu, Walter tinha 51 anos. Era uma mulher em seu auge. Ela havia sido colocada no terceiro grupo dos nove de DK, o grupo da cura, e depois daqueles primeiros grupos fracassarem, foi convidada para o segundo experimento do grupo de DK, iniciação, o Grupo Nova Semente. Walter é RSW (sigla em inglês para rest, stability, wisdom) nos grupos DINA: descanso,

estabilidade, sabedoria.

As cartas de DK dirigidas a Walter nos volumes de Discipulado na Nova Era, lançam alguma luz sobre porque ela se sentia no direito de dirigir a Escola Arcana junto com vários motivos pelos quais Alice escolheu não dar a função a ela. De volta a março de 1936, DK descreve Walter como uma psicóloga com um coração amável e uma mente hiperativa. [16] Em agosto daquele ano, DK escreve: “Tenho um pouco de medo do ensino acadêmico para você”, referindo-se à ênfase de Walter em uma abordagem intelectual da psicologia e a busca por conhecimento acadêmico. Ele estava tentando desviá-la da psicologia do então presente em direção à psicologia esotérica e ao estudo dos sete raios, tornando a psicologia da alma o trabalho de sua vida. [17]

Essa questão foi demandada novamente em janeiro de 1940 quando Walter se juntou ao Grupo Nova Semente. Numa carta de DK ela é advertida a esforçar-se para ver seu propósito de alma mais claramente, livrando-se do egoísmo, cultivando uma atitude de despreocupação quando se trata das experiências de sua própria personalidade e controlando a impulsividade. [18] Em agosto de 1942 ela é advertida a refletir sobre a corrente da Hierarquia, olhando para aqueles que estão acima e além dela. [19]

Dificuldades surgiram em setembro de 1943. DK escreve: “tenho estado preocupado com você. A pressão sob a qual você vive e trabalha não é boa”. [20] Um mês depois:

A próxima declaração procurou colocá-la no círculo de seu serviço em relação aos irmãos do seu grupo e ao grupo sênior dentro da Escola Arcana. As circunstâncias, entretanto, a tiraram da minha sede e isso tornou-se difícil de se cumprir. [21]

Há uma alusão de que ela tenha sido consagrada a assumir a responsabilidade.

A declaração no parágrafo que segue refere-se à necessidade de Walter estudar profundamente e trabalhar completamente nas linhas do ocultismo, e de se envolver em tarefas mundanas com sua família para compensar a tensão de sintonizar o sofrimento mundial. “Seu trabalho por mais um ano deveria ser primariamente com os estudantes sêniores e você deve esforçar-se para ter uma produtividade no trabalho maior e mais organizada nessa conexão; servirá para focar a consciência mais firmemente na cabeça.” [22] O comentário novamente insinua um mandato para algum papel de maior responsabilidade dentro da escola, apesar de DK não ter direito ou autoridade ao se tratar de quem administra a escola pois era um projeto estritamente próprio da Alice Bailey. De qualquer forma, Walter pode ter se sentido escolhida, especialmente depois que DK continuou a sugerir que ela falasse com Alice sobre as dificuldades que estava tendo.

Em novembro de 1944, houve uma mudança definitiva no tom. DK diz a Walter que ela é muito zelosa, muito determinada. “Sua mente de quarto raio, constantemente apresenta campos de conflito que você deve conquistar, desvia a energia que, derramando através de sua alma, pode levar a uma atividade planejada e organizada no plano físico.” [23] Resumindo, DK identifica a mente excessivamente analítica de Walter. “Você brinca com ideias o tempo todo; você experimenta o tempo todo, mas isso deveria ser história passada.” DK então convoca Walter para encontrar seu lugar certo em seu Ashram e depois na mesma carta, para determinar seu campo de serviço que não seria ajudar uma pessoa aqui e ali, num “serviço descuidado”, que ele compara com a “adolescência espiritual”, mas para um grupo inteiro. [24] “Seu campo de serviço é claro, você poderia apenas vê-lo, mas não lhe terá utilidade a menos que entre voluntariamente, livremente e com entendimento.” [25] Foi um momento parecido com esse que Alice recebeu de Koot Hoomi quando ela tinha 15 anos, para moldar e consertar seus caminhos. Muitas das cartas de DK para vários discípulos expressam sentimentos similares.

Em agosto de 1946, DK reforça para Walter seu papel especial quando ele explica que busca passar certas responsabilidades para a Escola Arcana, assim como tirou algumas responsabilidades de treinar discípulos dos ombros dos Mestres K. H. e Morya:

No avanço da seção da Escola Arcana, esse experimento continua, embora ainda apenas de maneira embrionária; o treinamento mais difícil e específico deve ser dado a poucos que reagem corretamente ao “chamado da Hierarquia”. Falei com A. A. B. sobre esse assunto e paralelo à linha indicada por ela, peço sua ajuda e seu tempo: Eu pediria também que você permita A. A. B. treiná-la mais especificamente para esse trabalho... [26]

Isso é reforçado em novembro de 1948 com: “na reorganização da Escola Arcana, pediria que você assumisse toda sua parte e concentrasse seu esforço maior no trabalho dos estudantes sêniores. Tenha em mente é sempre que o esoterismo espiritual que se exigido; ensinar os estudantes a criarem uma linha de luz entre eles e todas as circunstâncias e problemas.” [27]

Diante de todos esses comentários, como então Walter poderia acreditar em outra coisa, senão que o treinamento dos alunos avançados da Escola Arcana deveria estar com ela?

O trabalho dos Aspirantes ao Portal foi dado originalmente a Regina Keller e Alice Bailey havia então escolhido Walter, por ser mais jovem, e colocado Keller no papel de supervisora, esperando que Walter se estabilizasse de alguma forma. [28] Parece que ela não se estabilizou e nenhum outro líder foi encontrado antes da morte de Alice. De acordo com Foster, Walter foi uma das duas tentativas frustradas de encontrar alguém para liderar a escola. Walter era a colaboradora que Alice não arriscaria. O risco pode concernir à polarização mental de Walter e a falta de preparo psicológico para a tarefa.

Quando Walter assumiu o controle do projeto dos Aspirantes ao Portal e prosseguiu em produzir novos conjuntos de estudos, aqueles que alcançaram aquele estágio do treinamento da Escola Arcana incluíam os colaboradores da sede, entre eles Frank Hilton. A apreensão de Alice Bailey tinha encontrado um eco.

Em uma carta datada de novembro de 1950, Hilton responde criticamente ao primeiro conjunto de estudos criado por Walter, expressando preocupações com a maneira que ela liderava o grupo, advertindo-a para não cruzar "a fala de um professor para uma classe de estudantes" e fazer mudanças unilaterais nas meditações. O principal na mente dele é a necessidade de estimular um grupo paralelo às linhas aquarianas, um grupo de almas que são "unidas em aspiração e objetivo e que submergem seus interesses ao propósito da alma do grupo como um todo". [29] Ele sugere que Walter se baseie num pequeno núcleo de membros do grupo que podem concordar com mudanças futuras. Da perspectiva dele, a abordagem de Walter acompanhava as linhas dos extrovertidos grupos piscianos, reunidos em torno de um líder.

Walter não mudou seus métodos. Em vez disso, ela anunciou que a Escola Arcana "seria removida do benefício de seu relacionamento espiritual com o Tibetano", se a sede não aceitasse sua maneira de cuidar do Aspirantes para o Portal, uma questão que Foster Bailey descreve como "muito fantástica". [30] Referindo-se a uma carta que Walter escreveu para Keller em agosto de 1951, Bailey diz a Walter: "Sua insistência que R. K. veio até você e admitiu que você estava certa e que ela errada, ou você não poderia deixar A. S. ter a força Ashrâmica de DK, foi o auge do orgulho espiritual, separação e glamour." [31]

Em 1952, a maneira que Walter continuava a cuidar do grupo tornou-se grave preocupação. Desde o princípio, ela sentiu que tinha um mandato para manter a Aspirantes para o Portal. Em março, afirmou que DK tinha posicionado o grupo:

na periferia de Seu Ashram, e para receber Seu trabalho avançado anteriormente

dado ao Seu grupo pessoal – esse trabalho seria adaptado às necessidades do grupo e ao ciclo imediato de necessidade do Plano –, é adequado e correto, não apenas para o serviço necessário, mas para o treinamento que foi solicitado, esse grupo deve receber as instruções esotéricas de 1936 do Tibetano. Serão encontrados em outro lugar nesse conjunto de artigos. [32]

Essas instruções estavam entre o material inédito que fez seu caminho para Discipulado na Nova Era Vol. I e II. [33]

Em abril, Hilton trouxe a questão do estilo de liderança de Walter à atenção dos membros da Aspirantes para o Portal e alguns deixaram o grupo. [34] Em outubro daquele ano, depois de um ano que tentativas foram feitas para "alcançar uma solução construtiva e harmoniosa", Frank Hilton, Regina Keller, Florence Garrigue e Joseph Lovejoy, juntos com Olga Bata, Victor Fox, Charles C. Hill e Gerhard Jansen, encerraram a associação deles com a Aspirantes ao Portal. A carta de resignação foi aprovada por Foster Bailey. A carta segue em explicar para os membros da Escola Arcana e da Aspirantes para o Portal que não era aconselhável permanecerem em ambos os grupos pois isso poderia "somente levar à confusão", considerando as meditações, e eles deviam fazer uma escolha. O tom da carta não é amargo, mas antes deseja que Marian Walter vá bem em sua iniciativa.

Em uma carta a "Priscilla", datada um mês depois, Keller indica que a Escola Arcana planejava continuar com o treinamento avançado para aqueles que frequentavam o curso e iriam além do quarto grau de estudo, e todo o material que Walter tinha, a Escola Arcana escola também tinha e muito mais. Na mesma carta, Keller diz a Priscilla que Walter sucumbiu a um "glamour de autoridade" emergente. [35] Keller também menciona que Walter arruinou quatro outros projetos e cita Alice Bailey, dizendo: "o que podemos fazer com a tolinha, senão amá-la?" [36] Não há indicação quanto à natureza desses projetos.

Em junho de 1953, Foster Bailey escreveu uma carta para Walter, ficando firme

ao lado da decisão de Keller e Hilton de saírem do grupo. Ele resume a situação com:

Não quero que os membros da Escola Arcana que você continua a drenar para entrar no novo ciclo, indevidamente influenciado pela atração glamorosa do status espiritual especial oferecido, aleguem superioridade sob a influência da autoridade proclamada de um Mestre de Sabedoria.

Que fique claramente entendido que durante sua vida, A. A. B. nunca me deu nenhum conhecimento ou indicação de que era seu plano que você assumisse a posição que está agora.... Lamento profundamente que você continue a usar o prestígio de A. A. B. para atrair pessoas ao seu grupo e que você agora baseia sua posição na sua reivindicação, fazendo uma base autoritária de trabalho de discipulado no mundo.... Sua declaração de que dificuldades entre a Escola Arcana e a Aspirantes para o Portal resultou da compreensão inferior deles é uma injustificável transferência de culpa para eles. A situação depois da morte de Alice foi, na verdade, resultado da sua atitude, conduta, depreciação e crítica ao grupo da sede e de como eles faziam as coisas. [37]

Ele continua a expressar seu desespero sobre o anúncio de Walter em 1950, de que ela planejava usar o Aspirantes para o Portal para recriar os experimentos dos grupos dos nove e Nova Semente do Tibetano e que ele acreditava que ela estava em perigo espiritual. Foster Bailey termina a carta afirmando que não poderia mais cooperar com Walter do jeito que as coisas estavam.

Condenada ao ostracismo e magoada, Walter continuou uma campanha para atrair estudantes da Escola Arcana a se juntarem à Aspirantes para o Portal. [38] Ela tinha seus apoiadores. Ela levou consigo quatro participantes dos grupos DINA de DK e de outros. Havia 27 membros do grupo de Marian, incluindo: A assistente pessoal de Alice Bailey, Louise Benesch (esposa de William Morrow); a cantora de ópera Ann Dixon, Homer Carnegie (irmão do escritor e palestrante Dale Carnegie) e Lillian Morris, todos membros dos grupos DINA originais; a benfeitora e patrocinadora de artes, Grace Rainey – que deixou de participar dos

grupos dos nove DINA em 1939 [39]; o músico, compositor e prolífico autor teosófico da tradição Sabedoria Eterna, Rev. Torkom Saraydarian, que era bem jovem na época; e a astróloga Marcia Moore. [40]

Com o grupo de Aspirantes ao Portal agora firmemente em seu controle, em uma carta datada de outubro de 1953, Walter declara:

A razão de ter levado mais de três anos para trazer esse grupo para uma condição coesa na intenção de grupo, é que ele é um grupo ashrâmico. Trazer esse grupo à existência inevitavelmente forneceu um teste em uma área mais ampla do que apenas dentro desse próprio grupo, porque a Aspirantes para o Portal é uma unidade com o Plano da Hierarquia (minúscula como essa unidade é) no que diz respeito à fase particular desse Plano referente ao treinamento e serviço dos grupos de discípulos, o que foi necessariamente colocado em justaposição e consequente inter-relação com outras unidades que servem o Plano em seus vários níveis de percepção, e que devem fazê-lo na medida em que são capazes de compreender o Plano.”. [41]

O que é uma forma velada de aludir à amarga separação. Houve certa insatisfação em seu grupo, Walter escreve parcialmente em resposta ao arrependimento expresso entre seus membros de que Alice Bailey não deixou instruções para o funcionamento da escola. Walter nota que nem DK nem Alice Bailey deram instruções claras para quem deveria ser responsável pela Escola Arcana e fizeram isso intencionalmente, ao manter o relacionamento hierárquico esotérico do Ashram – para evitar conformidade e interferir com o livre arbítrio – e isso gradualmente, com o tempo, a própria Walter ficou ciente que era para ser seu futuro serviço. “Insinuações são admissíveis e esse é o método hierárquico de ensino consagrado pelo tempo. Nessa situação, A. A. B. e D. K. deram dicas – em várias instâncias – para indivíduos e para Seu grupo.” [42]

Walter então afirma que por causa da necessidade de conformidade com as Leis governantes da Hierarquia, um período de teste ocorreu, que foi muito maior do

que apenas o grupo Aspirantes para o Portal. “Nós que temos a responsabilidade de guiar o grupo Aspirantes para o Portal e que estava, por causa da natureza das coisas, envolvido bem de perto no centro dessa crise, somos profundamente gratos a todos que [...] permaneceram esperando. [43] Fica claro em sua carta que ela adotou um terreno mais elevado e se posicionou acima das disputas e que se sentiu inteiramente justificada e impenitente em sua decisão de se separar para formar o Aspirantes ao Portal II, apesar de quaisquer danos que isso causou ao grupo maior. No final da carta, ela expressa sua gratidão à amiga Louise Benesch, que se ofereceu para mimeografar artigos do grupo, conjuntos de estudo e relatórios mensais de mediação. [44]

Quando separou-se, Walter levou consigo cópias do material que deveria ficar na Escola Arcana. Ela continuou a produzir seus próprios conjuntos de estudo, englobando uma fusão da sua criação própria e de material dos conjuntos de estudo de Alice Bailey, junto com a série ashrâmica do Tibetano escrita na década de 1940. [45]

Os conjuntos de estudo de Walter somavam 519 páginas de material. O conjunto de estudos III fornece instruções úteis na construção da segunda metade do antahkarana – a ponte entre a alma e o espírito – na preparação para a iniciação do grupo, que foi tirada das notas originais do Tibetano e satisfazem a intenção central do grupo separatista. De acordo com Walter, esse material era para os estudantes de quarto grau que já haviam se separado da Escola Arcana por Alice Bailey. [46] As mesmas instruções para a construção do antahkarana podem ser encontradas em Os Raios e as Iniciações. [47]

Num esforço para explicar ao seu grupo o propósito dos Aspirantes ao Portal II, que era uma forma do grupo dos nove, Walter escreve:

Prometemos escrever ao grupo porque o “Aspirantes para o Portal II” era uma parte definitiva do Plano do novo grupo ashrâmico de DK. O plano era que eu iniciasse o quanto antes três desses núcleos de grupos, e depois formasse,

conforme a ocasião permitisse, outros núcleos de grupos com seus membros correspondentes à distância. Os três primeiros eram para ser estabelecidos na cidade de Nova Iorque, Washington D. C. e Los Angeles, respectivamente, trazendo assim o centro da garganta, da cabeça e o futuro centro do coração dos Estados Unidos a um padrão de ligação etérica coesiva subjetiva, porém consciente – um triângulo etérico vivo e iluminado com um fluxo circulatório desimpedido de energias entre eles. O grupo reconhecerá que esse triângulo particular de relacionamento, simboliza o triângulo dos centros, que é peculiar aos discípulos em treinamento. Os membros desse núcleo que vivem à distância, geograficamente falando, devem ser considerados pontos irradiadores de extensão para as áreas mais amplas do corpo do Novo Grupo de Servidores do Mundo. Outro núcleo de grupos de discípulos foi mais tarde estabelecido na Europa, incluindo Londres e Geneva e suas imediações adjacentes. [48]

Depois que o conjunto III foi dado, Walter parece desviar de seu objetivo inicial. Por motivos incertos – evidência, talvez, da instabilidade mencionada nas cartas de DK a ela ou da tensão mental devido à pressão para provar a si mesma para aqueles que seguiram após a divisão – de uma forma quase febril, Walter oferece longos folhetos que compreendem suas próprias opiniões, apoiadas por vastas cadeias de citações de várias fontes da Sabedoria Eterna, incluindo DK, para se preparar para a segunda vinda de Cristo e uma nova religião mundial. Há uma forte ênfase astrológica. Uma deterioração é evidente do conjunto V em diante. Em uma carta ao seu grupo no quinto conjunto, datada de fevereiro de 1955, Walter adverte o esforço fraco dos membros que falharam em completar as tarefas distribuídas a eles no ano anterior. [49] Ela termina a carta com uma afirmação de suas habilidades telepáticas. [50] A necessidade para preparar para a Segunda Vinda domina o conjunto VI, com a fala do mundo em crise alcançando o auge.

Nas 89 páginas de seu conjunto de estudos VII, em sua carta aos membros da Aspirantes para o Portal II em julho de 1955, Walter discute arranjos para o grupo se encontrar, como antes, no apartamento de Grace Rainey em Nova Iorque para o ritual da lua nova em Leão. [51] Dali, ela publica páginas e páginas de comentários apoiados por várias dúzias de citações, em grande parte tiradas de Um Tratado sobre o Fogo Cósmico, Astrologia Esotérica e A Doutrina

Secreta. Evidências de citações incorretas sugerem que o conjunto provavelmente foi montado às pressas. [52]

Walter continua fazendo uma série de afirmações a respeito dos Mestres e suas atividades, incluindo que nosso Logos planetário tomou a segunda iniciação no Wesak em maio daquele ano. [53] Ela garante algumas mudanças na organização da Hierarquia e publica uma série de presságios com base no mapa astrológico da lua nova em Leão de 1955, envolvendo “uma terrível inundação de energias”. [54] Ela então escreve:

Alguém pode se perguntar se o Tibetano falava com previsão quando ele escreveu em suas instruções ao seu grupo anterior, de que esse estágio de suas atividades se finalizaria em 1956. Esse ano é posterior ao fim do ciclo de 30 anos de escrita através de A. A. B., do qual ele também falou. [55]

Por razões que não são claras, o projeto dos Aspirantes ao Portal II então acabou. Ao refletir sobre aquela época, a futura esposa de Foster, Mary Bailey olha para a divisão dessa maneira:

Membros dos grupos estão em muitos estágios diferentes no caminho, interligados no serviço pelo amor ao trabalho e pela inclinação da alma. Mas às vezes podem surgir diferenças no nível externo do trabalho e suas atividades, e dentro da personalidade dos trabalhadores, que podem suplantar a força interna do compromisso e amor. Quando isso acontece pode haver mudança e movimento no pessoal.

Há também o fato de que nem todos os que tentam a experiência do trabalho e do treinamento em grupo são necessariamente orientados para a alma. Pode haver o que o Mestre Tibetano chama de “egoísmo espiritual” tanto em motivo quanto em performance... [56]

Sua observação, escrita no final da década de 1980, certamente e pelo menos parcialmente, aponta de volta para Marian Walter, e indica a longevidade da mágoa e desapontamento sentido sobre sua decisão de separar-se.

O comentário de Mary Bailey é justo? Marian Walter saiu do rumo, resultado de seu próprio “glamour de autoridade”? Ou ela foi condenada ao ostracismo por aqueles de uma geração mais velha, que queriam que fosse para a linha do partido e se submetesse aos seus sêniores? Walter era uma megalomaníaca ou foi expulsa como resultado de sua própria ingenuidade e liberdade de expressão? Walter talvez fosse simplesmente uma alma de espírito livre, genuinamente sob impressão ashrâmica, destinada a usar o Aspirantes ao Portal para continuar a desenvolver os grupos dos nove, um projeto que foi alvo de zombaria quando confidenciou seus planos a Foster. Qualquer que fosse o caso, Aspirantes ao Portal II foi abandonado.

22

A ESCOLA DE ESTUDOS ESOTÉRICOS

Desde 1952 o escritório de Tunbridge Wells foi a sede para a Boa Vontade Mundial e foi lá que Foster Bailey continuou o trabalho do Novo Grupo de Servidores do Mundo, que sempre havia sido sua responsabilidade. Ele deve receber créditos por suas próprias realizações durante essa fase de ajustes organizacionais nos anos após a morte de Alice. Em linha com a vontade do Tibetano, mais perceptivelmente, estava a fundação de Foster no Dia da Invocação Mundial em 1952:

O ano de 1952 será um ano de crise espiritual e um ano quando deve-se provar possível fechar mais firmemente a porta onde o mal habita. A Invocação foi enviada pelos Ashrams combinados dos Mestres e por toda a Hierarquia; é usada por seus Membros com constância, exatidão e poder. Servirá para integrar dois grandes centros: a Hierarquia e a humanidade, e para relacioná-las em uma maneira nova e dinâmica ao “centro onde a Vontade de Deus é conhecida.”

Peço a vocês, portanto, durante os anos vindouros, a se prepararem para usar e distribuir a Invocação e torná-la um esforço importante. Eu gostaria que vocês ligassem para as pessoas em todos os países do mundo (as quais vocês estão em posição de alcançar) para unirem as vozes da Invocação no mesmo dia em todas as terras. Eu pediria a vocês para reunirem tudo que tenho dito ou escrito a respeito da Invocação e então preparem um breve manual quanto ao seu uso e propósito, colocando um exemplar nas mãos de todos aqueles que o desejarem. Uma compreensão de suas origens, importância e potência o tornará muito mais eficaz. O ano de 1952 deve ver um momento decisivo no pensamento da humanidade, nos objetivos e assuntos humanos. Para implementar isso, peço a vocês que trabalhem. [1]

Foster Bailey fundou o Dia da Invocação Mundial em 9 de junho de 1952, na lua cheia de Gêmeos. O Dia da Invocação Mundial observa a Grande Invocação, designada para chamar as energias espirituais do amor, da luz e do poder para promover a unidade, cooperação e paz. No website da Fundação Lucis, Eleanor Roosevelt pode ser ouvida lendo a oração numa transmissão inaugurando o dia especial. [2] De acordo com ela, "alguém" lhe deu a oração. Esse alguém mais provavelmente teria sido Foster Bailey.

No início daquele ano, a líder do trabalho britânico em Tunbridge Wells, Barbara Amos, ficou doente por um câncer terminal. Uma substituição era necessária. Mary Turner, uma trabalhadora de meio período no escritório de Tunbridge Wells na época, assumiu o que pensou ser uma função temporária. O que revelou-se ser permanente.

Mary Turner (1909-2007) se autodescrevia como mãe solteira, com uma filha pequena, e vinha trabalhando como voluntária no esforço da guerra. Na época buscava por algo mais do que sobreviver o dia a dia, e então encontrou os livros de Bailey. Ela se juntou à Escola Arcana quase que imediatamente e começou o voluntariado na sede de Tunbridge Wells em 1949. [3] Uma vez que assumiu o papel de Barbara Amos, Mary Turner e Foster formaram uma aliança.

Enquanto Alice Bailey conteve-se em descrever o que sentia por seu marido, Mary foi mais acessível. Ela disse que ele trabalhava com dedicação total, de uma maneira que era "não fanática, tranquila e bem-humorada, mas intensa". [4] Às vezes, ele dava a impressão de crueldade ou de ser extremamente contundente e indiferente aos sentimentos dos outros. Havia um lado mais suave nele. Mary descobriu que ele era "amoroso, compassivo, terno e muito sensível". [5]

O Tibetano tinha outra visão, sugerindo que em alguns aspectos, Foster às vezes

não era o mais adequado para o papel da liderança dado a ele. Ele estava no primeiro grupo dos nove como JWK-P (sigla em inglês para Joy, Wisdom, Knowledge of the Plan): Alegria, Sabedoria, Conhecimento do Plano. Enquanto notavelmente capaz para o trabalho, ele lutava para acomodar aqueles à sua volta. Camaradagem não era seu forte. [6] Ele tinha uma tendência, resultado de certa abordagem direta para “arrasar e magoar”. [7] Em uma carta do Tibetano em 1946, Foster é advertido que “toda vez que a energia do primeiro raio flui através de você, isso leva a uma insignificante ou verdadeira crise em seus relacionamentos com os outros”. [8] Disseram-lhe para desenvolver um gosto genuíno por seus semelhantes. [9] “Você é propenso a suspeitar dos motivos das pessoas. Dê-lhes o devido crédito pela sinceridade e por ainda terem algo a aprender.” [10]

O conselho revelou-se excelente, talvez em algum aspecto porque Foster encontrou uma aliada poderosa na muito eficiente Mary Turner, uma mulher preparada para apoiá-lo completamente. Eles uniram forças de um lado do Atlântico, na sede de Nova Iorque, comandando a Escola Arcana no outro. Uma segunda divisão foi promovida nos meses imediatamente após a separação de Marian Walter e novamente, a questão que guiava a separação era a Escola Arcana.

A divisão começou em 1954, quando a sede de Nova Iorque liderou todos os estudantes de quarto-grau pelo mundo a compreenderem que tinham a responsabilidade única de trabalho de quarto-grau o tempo todo. Foster estava enfurecido. Em março de 1954, numa carta endereçada aos grupos das sedes em Nova Iorque, Tunbridge Wells e Geneva, ele emitiu uma resposta rude, declarando que não era função de uma ou duas pessoas no escritório de Nova Iorque – Frank Hilton era o chefe executivo da Escola Arcana em Nova Iorque e a outra pessoa que Foster refere-se é Keller – de “exercer uma decisão final” sobre o que fazer com os estudantes que concluíram o treinamento de quarto-grau. [11] Depois no mesmo mês, a sede de Nova Iorque divulgou uma longa declaração descrevendo como todos os vários pontos de vista apresentados por aqueles que se preocupam com o futuro dos ensinamentos avançados da Escola Arcana eram complementares. Fica evidente um tom defensivo e apaziguador.

Foster respondeu e Keller abordou essa resposta no final de abril. Claramente aborrecida com a reação dele, ela explica o motivo de seu atraso, pois “os pontos que você levantou criaram uma crise que afetou a própria vida da Escola Arcana” [12] Ela diz que Foster fez várias suposições a respeito de como a escola estava sendo administrada e do que estava por trás do pensamento dos responsáveis. “É minha esperança que você veja como é completamente infundada toda a desconfiança, suspeita, medo e consequente mal-entendido que você projeta sobre nós, comigo como alvo em especial.” [13]

Foster, que nunca teve uma grande função a exercer no lado esotérico do trabalho, sentiu o controle da Escola Arcana escorregando do seu domínio, particularmente quando confrontado com a seguinte observação de Keller:

A julgar por suas cartas, foi um erro grave e sério de minha parte menosprezar uma certa familiaridade de sua parte com o lado docente da Escola; e outro erro foi presumir que você tenha tanta confiança em minha integridade e pureza de motivos como seu companheiro servidor na Obra, como tenho na sua. [14]

Nessa carta ela se esforça para explicar as várias decisões que foram feitas em relação ao treinamento e suas justificações. [15]

Ela pode ter sido reconciliadora, mas não se conformaria. Numa segunda carta datada vários dias depois, ela acusa Foster de atacar a escola. Novamente explica o raciocínio por trás de buscar treinamento para aqueles poucos que passaram pelo quarto-grau. [16]

Em resposta, Foster lançou o desafio, distribuindo uma carta aos membros da Escola Arcana com seus pontos de vista sobre o tratamento dos alunos do quarto

grau. Indignada com a intransigência dele, Keller respondeu a Foster em junho, afirmando em termos inequívocos que os responsáveis por esse treinamento não concordam com ele, nem em método, nem em princípio. [17]

Alice Bailey teria se entristecido ao ver sua escola sucumbir às lutas organizacionais de poder que atingiram a Sociedade Teosófica, lutas de poder que criaram desunião e degeneração. E não havia cura ou superação da ruptura. Por volta daquela época, num movimento que só poderia inflamar uma situação já tensa, Foster e Mary visitaram a sede de Nova Iorque e levaram de volta com eles o trabalho dos estudantes britânicos dos terceiro e quarto graus. [18]

Em janeiro de 1955, Mary Turner entrou na briga. Ela escreveu uma carta a Frank para enfatizar o aparente fato de que Foster havia recebido responsabilidade total pela Escola Arcana, uma questão que Keller refutou num memorando de resposta para Frank, fornecendo inúmeras citações nas provas de Discipulado na Nova Era Vol. II como prova. [19] A extensão da decepção dela é evidente na quantidade de páginas e volume de material que forneceu para provar seu ponto de vista.

Keller estava entre os membros mais ativos das palestras de sextas-feiras de Alice Bailey. É essa proximidade com Alice, evidenciada nas palestras de sextas-feiras como uma mente afinada e no ponto, uma mente em harmonia, participando plena e confiantemente, que em grande parte explica e justifica a insatisfação de Keller com o envolvimento de Mary Bailey. Mary Bailey, que pelos olhos de Keller parecia intrusa, arrivista, a nova garota da área.

As conversas nas cartas eram detalhadas, longas e persuasivas, cheias de explicações e justificativas. Muitas cartas por muitos meses, mas nenhuma solução foi encontrada. Foster, de sua parte, era intratável. Keller, que valorizava o papel de fazer avançar a obra esotérica, fez tudo que podia para persuadi-lo, em vão.

Em 1956 a acrimônia espalhou-se para uma disputa financeira entre a sede de Nova Iorque, que tinha o controle do orçamento americano, e Foster Bailey. Seja justificado ou não, os problemas dele eram escassez de fundos administrativos e falta de transferências adequadas enviadas para a Europa. Frank Hilton e Florence Garrigue eram então membros do conselho diretor. Em fevereiro, numa carta aos membros do conselho diretor, Foster descreveu suas preocupações ponto a ponto, colocando a culpa firmemente na porta de Nova Iorque. [20] Hilton e Garrigue foram afrontados.

A Fundação Lucis estava se dividindo, com o trabalho esotérico de Nova Iorque em conflito com o trabalho externo em Tunbridge Wells. Foi dessa maneira que Foster enxergou, e ele decidiu que não poderia ser permitir a discórdia continuar. A solução dele foi assumir o controle absoluto, demonstrando, numa irônica reviravolta, qualidades semelhantes àquelas demonstradas por Louis Rogers em Krotona. Assim como ele havia sido escolhido por Rogers, Foster escolheu Hilton como o instigador chefe. Era inevitável uma destituição. Em uma carta particular para Assagioli em março, Foster indicou seu plano para rebaixar Frank Hilton através de uma reestruturação organizacional, para prevenir que qualquer ação unilateral fosse tomada em Nova Iorque. [21] Em uma carta aos membros do conselho diretor dois dias depois, Foster expressou seu arrependimento em desistir do controle completo da Escola Arcana e em deixá-la nas mãos da sede de Nova Iorque, e os culpava por se recusarem curvar-se à sua visão de que não haveria mais treinamento oferecido além do quarto grau. Ele segue então insinuando que aqueles dando o treinamento mais avançado estavam em perigo de serem superiores, controladores e autoritários, e a sede de Nova Iorque se tornar “centrada na personalidade”. [22] Observações dolorosas, destinadas a magoar.

Em mais uma reviravolta irônica, dado que Frank foi fundamental na destituição de Marian Walter cerca de quatro anos antes, Foster anunciou a dispensa de Frank Hilton em uma carta de abril endereçada somente a amigos. Ele escreve: “Foster Bailey retomou seus deveres como chefe executivo oficial da Fundação Lucis e a liderança da sede de Nova Iorque. Frank Hilton não é mais o líder da

sede nem de nenhuma das atividades na América.” [23]

Seja por remorso, esperteza ou uma genuína boa vontade, ou ainda uma mistura dos três, dois meses depois Foster Bailey fez uma oferta a Keller, pedindo que trabalhasse com ele. Na mesma carta escolheu Garrigue, que usou a conferência de Geneva para apresentar a defesa de Hilton. Foster a acusou de ser uma má influência para Hilton. Em suma, uma carta divisora, destinada a separar Keller de seus aliados.

De todos os envolvidos na disputa, Foster sabia que Keller era a mais importante e ele não queria perdê-la. Ela era uma discípula avançada e havia sido uma colaboradora dedicada por décadas. Keller estava no primeiro grupo dos nove como RSU (sigla em inglês para Restraint, Strength, Understanding): Moderação, Força, Compreensão. Discipulado na Nova Era, Vol. 1 é dedicado para ela, “uma discípula companheira que por mais de 20 anos tem trilhado o caminho comigo”.

As palavras de Foster não tiveram o efeito desejado. Em julho de 1956, Hilton e Keller, junto com Garrigue e Marguerite Schaefer, anunciaram a saída deles da Escola Arcana para buscar o treinamento mais avançado que Foster e Mary Bailey recusavam-se permitir. Nessa altura, os Baileys tinham se mudado de volta para Nova Iorque e se preparavam para assumir a sede. Mary Bailey seguiu adiante e tornou-se diretora da Escola Arcana.

Por seis anos, aqueles que exerciam funções indispensáveis nas sedes de Nova Iorque e de Tunbridge Wells, brigaram pela alma da Escola Arcana. Foi uma luta que se desenrolou por várias personalidades, investidores, todos que sentiam saber o que Alice Bailey queria e o trabalho que o Tibetano havia traçado para eles. As palestras às sextas-feiras expressam em essência a incômoda ansiedade de Alice, suas profundas preocupações e sua indecisão sobre como a escola deveria ser mantida depois de sua morte. A preservação do propósito pretendido e direções indicadas para a escola eram de importância fundamental para todos

os envolvidos. Devido às tensões desenvolvidas entre aqueles prejudicados pela perda, pesar, fadiga, estresse e trabalho excessivo, e a sombra de diversas dificuldades financeiras mais a distância entre as duas sedes tornando difícil o diálogo face a face, talvez a fragmentação fosse inevitável. Os testes previstos resultaram em duas divisões, que não deveriam acontecer. Como resultado, certa cristalização instalou-se, o todo orgânico e fluido da comunidade mundial Bailey ficou separada no centro por dois muros, muros de retidão e indignação, decepção e mágoa, junto com o compromisso e a dedicação compartilhados com a visão. Tudo compreensível devido à realidade emocional tumultuada do contexto pós-Alice e do quanto a Escola Arcana significava para os principais atuantes.

Em seu crédito, Foster Bailey expressou certo remorso numa carta que enviou para Keller em 1962, reconhecendo os “anos de crise” e que ele havia “cometido erros”. Citando “Se conseguir rebater 75%, terei sorte”, de Franklin Roosevelt, Foster disse: “Nenhum de nós consegue avaliar precisamente nossa porcentagem ou a do outro. Discípulos não avaliam a culpa um do outro.” [24] Ele também fez uma alusão a saúde debilitada dela.

Em 1956, motivados a buscar a visão deles, Hilton e Keller não perderam tempo em fundar a Escola de Estudos Esotéricos com Garrigue, Helen Hillebrecht e Margaret Schaefer, alugando escritórios não muito longe da sede da Fundação Lucis. Lá eles reuniram os materiais para as novas lições.

O nome “Escola de Estudos Esotéricos” foi escolhido porque sentiram que o nome refletia a profundidade e integridade dos ensinamentos buscados. Hilton tornou-se o primeiro presidente da SES (sigla em inglês para Escola de Estudos Esotéricos). Ele ajudou a desenvolver a abordagem da escola para o grupo iniciação, “servindo como fundação para o desenvolvimento de cursos avançados adicionais”. [25]

Keller explorou sua capacidade ao ensinar alunos do último ano, no manuseio da

correspondência e ao estabelecer relações de colaboração com indivíduos e outros grupos. [26]

Em 1957 Assagioli, com quem Foster Bailey estava se correspondendo sobre a questão do racha, juntou-se à SES e tornou-se um membro e conselheiro ativo. Ele colaborou com Hilton na formulação de um curso da SES que ainda faz parte do mais avançado Arco do Treinamento na Escola. [27]

Os cofundadores não se limitaram à escola. Como sempre é o caso com colaboradores ativos no trabalho de serviço, novas colaborações e projetos foram formados e novas alianças feitas. Hilton continuou a codirigir a Fundação de Pesquisa de Psicossíntese, que cofundou com Assagioli. Keller, que trabalhou no campo do serviço social em orfanatos, ajudou a lançar o Meditation Mount (Monte da Meditação), que foi cofundado por Assagioli e Garrigue, em Ojai, Califórnia. O Meditation Mount é um centro para grupos de meditação focado na melhoria mundial, completado em 1971. [28] Uma vez o centro atendeu cerca de 5 mil correspondentes e organizou programas de meditação baseados em temas extraídos dos ensinamentos do Tibetano. [29]

Regina Keller faleceu em 1966, com quase 83 anos. Hilton e Foster Bailey conseguiram sanar o desacordo que levou à separação. No último ano da vida de Bailey, ele se correspondia com Hilton, expressando seu apreço por todo o trabalho que ele estava fazendo e o convidou para uma visita. [30] Apenas três semanas antes de falecer, Bailey elogiou a fala de Hilton no evento do Wesak dizendo: “Concordo com isso 100%, do começo ao fim.” [31]

Em 1996, o escritório da sede da Escola de Estudos Esotéricos foi realocado para Asheville, na Carolina do Norte, no centro das montanhas Blue Ridge.

O reconhecimento acadêmico era algo que Alice Bailey tinha interesse em ver

estabelecido de alguma maneira durante sua vida. Perceber a produção acadêmica e o rigor seria um benefício enorme para a comunidade Bailey. Em 2004, a Escola de Estudos Esotéricos patrocinou a criação do The Esoteric Quarterly (O Esotérico Trimestral, em tradução livre), um jornal revisado por pares de calibre acadêmico. O ex-diretor da escola, John Nash, era o editor-fundador do periódico. [32] O periódico ajudou a levantar a estima e credibilidade dos ensinamentos, na esperança de despertar um interesse mais abrangente e o avanço de ideias.

Em 2012, a Escola ampliou seu alcance ao incluir materiais do site em francês, grego e português, e o treinamento de discipulado em inglês, italiano e espanhol:

A Escola continua a trazer os ensinamentos da Sabedoria Eterna para um público mais amplo através de seu website, e a orientar estudantes pelo mundo no caminho espiritual. A pesquisa esotérica constante está no coração da missão da Escola, incluindo atualização, tradução e desenvolvimento de materiais de cursos originais e novos, baseados na Sabedoria Eterna e com contribuições dos campos da psicologia, ciência e humanidades. [33]

A escola atualmente busca expandir o treinamento no aspecto do serviço do trabalho. Com a inclusão em seu cerne, a escola busca ativamente colaborações intergrupos em adição ao fornecimento de treinamento de discipulado desde níveis introdutórios a avançados. A escola copatrocina programas de rádio com outros grupos, e palestras dadas em outros encontros de grupos. Estabelecer relações mais próximas com a Fundação Lucis tem sido lento, mas progresso foi feito, particularmente desde 2014. [34]

23

ROBERTO ASSAGIOLI

Enquanto a tempestade formava-se na sede de Nova Iorque, abrigado no cenário tranquilo de Broadwater Down, Tunbridge Wells, cinco figuras importantes foram posicionadas para embarcar nas novas iniciativas inovadoras para promover e desenvolver a Sabedoria Eterna através do campo da Psicologia Transpessoal: Roberto Assagioli, Nancy Magor e Michal J. Eastcott; e Ian Gordon-Brown e Barbara Somers.

Alice Bailey tinha a mais alta consideração por Assagioli. Numa de suas palestras semanais, ela disse: “Nunca vi em Roberto o mais remoto traço de separação com nenhum ser humano. Nunca soube de ninguém que fosse seu inimigo.” [1] Ao comentar sobre a compreensão amorosa, ela afirma: “Roberto não sabe como lidar com isso ainda, e ele é tão atencioso com pessoas idiotas que não retribuem seu esforço quanto com uma pessoa que merece sua atenção.” [2]

Nascido na Itália, com pais judeus, o estimado psicólogo Roberto Assagioli (1888-1974) obteve formação médica em neurologia e psiquiatria na Universidade de Florence antes de voltar sua atenção para a psicologia. Seu interesse não estava na psicologia dos problemas mentais e doenças, mas na psicologia da totalidade. Ele é o fundador da Psicossíntese, que incorpora aspectos transpessoais da experiência humana na prática psicoterapeuta, através da meditação e do diálogo interno. Em 1926, Assagioli fundou o Instituto de Psicossíntese e supervisionou o desenvolvimento de suas ideias num ramo da psicologia que se tornaria o trabalho de sua vida. Ele seguiu adiante em cofundar em Londres a Psychosynthesis Trust (Fundação Psicossíntese) em 1965, o maior instituto de psicossíntese na Europa, fora da Itália. [3]

Nascido em uma família teosófica, Assagioli encontrou Alice Bailey e gravitou em torno dos ensinamentos em algum momento da década de 1920, que tornou-se para ele uma fonte fundamental de sabedoria esotérica. Ele uniu-se à Escola Arcana e fez seu caminho até o grau de secretaria, antes de dar uma palestra na inauguração da Escola Espiritual de Verão em Ascona em 1930, onde encontrou Alice pela primeira vez. Eles se tornaram amigos. Ele escreveu o prefácio da edição italiana de A Luz da Alma, o comentário de Alice Bailey dos aforismos de ioga de Patanjali. [4]

Assagioli permaneceu discreto, em grande parte, sobre suas visões teosóficas e a sua associação com Alice Bailey e sua escola, escolhendo mantê-los separados de sua vida acadêmica. [5] Uma decisão prudente, à luz da atitude negativa e de ridicularização em relação ao esoterismo da época dentro dos círculos acadêmicos. Assagioli sabia que se ele se expusesse, suas ideias inovadoras teriam sofrido ataques cruéis. A evidência da chacota à qual ele teria sucumbido é evidente na baixa consideração tida por Alice Bailey pelos estudiosos europeus e pares com os quais Assagioli buscava ganhar aceitação de suas ideias.

Não se sabe se o aspecto do conhecimento dos ensinamentos de Bailey tiveram influência no desenvolvimento do pensamento acadêmico de Assagioli e talvez seja de menor importância do que o treinamento esotérico da Escola Arcana em si, com sua promoção da conectividade da alma e da maneira esotérica abrangente do conhecimento, que Assagioli carregava no íntimo. Ele não era amador. Ele estava no primeiro grupo dos nove DINA, os comunicadores telepáticos e participou do Grupo Nova Semente na década de 1940. Ele era FCD (sigla em inglês para Freedom from ties, Chelaship, Detachment): Liberdade de vínculos, Disciplinado, Desapego. Os grupos e organizações que Assagioli estabeleceu no lado espiritual eram em certo grau, baseados nas instruções que recebeu através de cartas de DK, que podem ser encontradas nos livros DINA. [6] As cartas também revelam a solidão e isolamento que Assagioli enfrentou na década de 1930 e parte de suas lutas pessoais.

Em agosto de 1940, enquanto Mussolini unia forças com Hitler, Assagioli estava sob enorme pressão. Reconhecendo isso, o Tibetano escreve: “Os últimos meses têm sido extremamente difíceis para você, não é”, notando a “extrema fadiga e tensão” de Assagioli. [7] Acima de tudo, as cartas falam da tarefa ou tarefas atribuídas para ele, que “serão trabalhos da mais profunda dificuldade. Você encontrará a repulsa daqueles de quem buscar ajuda e... achará muito pouca compreensão; encontrará o encorajamento e ajuda dos esclarecidos entre o Novo Grupo de Servidores do Mundo, e isso tornará o seu trabalho possível, mas também irá prejudicá-lo bastante...” [8]

Um homem profundamente espiritual, interessado em realizar projetos em linha com essas tarefas, Assagioli foi forçado aguardar seu tempo após a morte de Alice Bailey. Ele sabia o que estava acontecendo através da correspondência que recebeu, tanto como membro da Escola Arcana, como associado próximo de Foster Bailey. As dificuldades do Aspirantes ao Portal teriam talvez sido de menor preocupação do que a discussão entre Bailey e Keller, que eram duas de suas aliadas mais próximas na escola. Anos passaram, anos de amargura, anos nos quais ele não poderia fazer nada a não ser observar silenciosamente aqueles “esclarecidos” no NGWS lutar através da crise.

Em 1957, tendo observado o desenrolar do drama da separação e esperado tempo suficiente para que as emoções se acomodassem, Assagioli juntou-se à Escola de Estudos Esotéricos e tornou-se um membro e conselheiro ativo. Ele manteve uma estreita associação com a escola, contribuindo para seus esforços. Sua colaboração com Frank Hilton resultou na criação do Curso Determinação, que forma parte do arco de treinamento avançado na escola, englobando 18 lições de como contatar e usar a energia Shamballa no serviço.

Assagioli também desfrutou de uma longa associação com o Meditation Mount (Monte Meditação) em Ojai. Sua visão ajudou estabelecer a “fundação para a educação esotérica global”, lançando mão de seus contatos com a rede global de estudantes de Bailey. Foi um de seus grupos que estabeleceu-se em Ojai e formou o Meditation Mount, criado num senso administrativo por Florence

Garrigue. [9]

Assagioli é conhecido por ter mantido todos os seus vários projetos separados uns dos outros, algo que alcançou através de uma estrita disciplina. [10] Razão pela qual ele também foi capaz de aproveitar sua aliança com Foster Bailey. Depois do falecimento de Alice, ele trabalhou de perto com Foster na formação de um novo projeto, um grupo dedicado à meditação. Assagioli precisava de alguns colaboradores e pensou em obtê-los na Escola Arcana. Inicialmente, Foster perguntou a colaboradores selecionados, mas ninguém demonstrou interesse exceto Nancy Magor e Michal Eastcott, que tinham sido colaboradores na sede de Tunbridge Wells desde o final da década de 1940. [11]

Juntos, Assagioli, Eastcott e Magor, em paralelo com uma equipe em desenvolvimento, cofundaram o Grupo para Meditação Criativa, com base em Sundial House em Nevil Court, Tunbridge Wells, bem próximo de Broadwater Down.

A herdeira Nancy Magor e a autora Michal Eastcott eram mulheres abastadas. Elas financiaram o projeto e pagaram por uma secretária e tradutora para Assagioli, que viajava com ele indo e vindo para a Itália. O trio trabalhou bem de perto no desenvolvimento do projeto. Michal desempenhou o papel secretarial, gravando discussões e tomando notas de conversas sobre as meditações. Michal assumiu o papel de escrevente e Nancy, de editora.

Em julho de 1956, Assagioli escreveu para Foster pedindo-lhe para distribuir aos membros da Escola Arcana um artigo introdutório em seu projeto meditação criativa e reuniu interesse. Dali em diante, o projeto cresceu e floresceu. Hoje, o Grupo para Meditação Criativa distribui os livretos de estudos de Assagioli para mais de 7.500 trabalhadores em 85 países. [12] O Grupo para Meditação Criativa mundial oferece estudo e treinamento de meditação por correspondência e recebe retiros no mundo todo, como também fornece meditação diária. [13]

Através de seu desapego e compromisso com o serviço mundial, Assagioli transcendeu os conflitos sobre o ensino de estudantes avançados na Escola Arcana. Ao escolher manter boas relações tanto com a Escola de Estudos Esotéricos quanto com a Fundação Lucis, ele instigou projetos alinhados com cada "lado", geograficamente e através de afiliações compartilhadas de membros, e tornou-se uma força curativa, indireta e simbolicamente, com certeza, e como um exemplo perfeito para outros seguirem. Talvez o trabalho de salvar o mundo imaginado por Assagioli foi prejudicado, porém, pela contínua falta de relações unificadas.

Assagioli acionou muitos projetos e tinha muitos aliados. Entre eles estava o psicólogo industrial Ian Gordon-Brown (1925-1996), que trabalhou para a Fundação Lucis por 14 anos, tornando-se diretor e diretor executivo da Boa Vontade Mundial (1959-69). [14] Gordon-Brown era contribuía regularmente para a The Beacon e trabalhou junto com Assagioli nos Estados Unidos. Em 1971, encontrou a editora literária e conselheira psicológica de orientação junguiana, Barbara Somers. Eles compartilhavam um profundo interesse em métodos de expansão da consciência. [15] Em 1973 fundaram o Centro para Psicologia Transpessoal em Londres, e ofereciam oficinas semanais e programas de treinamento. Mais de 500 pessoas graduaram-se nos treinamentos. [16] Assagioli teria ficado satisfeito. Ele faleceu um ano depois.

Em 1994, Gordon-Brown estabeleceu o Centro para Perspectivas Transpessoais, e juntos, Somers e Gordon-Brown ofereceram palestras e workshops bem-sucedidos para consultores e psicoterapeutas na forma de jornada para encontrar o eu espiritual interior ou alma íntima. Eles produziram alguns livros sobre o assunto, incluindo The Raincloud of Knowable Things: A Practical Guide to Transpersonal Psychology (A Nuvem de Chuva das Coisas Que Se Conhecem: Um Guia Prático Para a Psicologia Transpessoal, em tradução livre). Seu livro em coautoria, Journey in Depth: A Transpersonal Perspective (Viagem Intensa: Uma Perspectiva Transpessoal, em tradução livre) é descrito como um clássico de seu campo.

É através de Gordon-Brown e Somers e muitos outros além que a contribuição significativa de Assagioli para os avanços na psicologia foi promovida. Seu legado, através da sua maneira esotérica de conhecimento fortemente sustentada, seu treinamento na Escola Arcana, seus amigos e aliados dentro do meio Bailey, não menos importante que a própria Alice Bailey, é inequivocamente influenciado e inspirado pela Sabedoria Eterna.

O LEGADO

24

AS NAÇÕES UNIDAS

Sob a liderança firme de Foster Bailey e Mary Turner, a Fundação Lucis resistiu às revoltas daqueles primeiros anos. Em 1955, uma terceira sede foi aberta em Geneva, na Suíça, para servir os seis idiomas europeus. Em 1960, a sede britânica foi realocada para Whitehall Court, Londres, onde fica hoje. Em 1965, o escritório de Nova Iorque mudou-se para uma localização próxima às Nações Unidas, considerado ser o ambiente correto para o serviço mundial. Muito do material de Alice Bailey que ainda tinha que ser publicado, foi editado e seguiu para impressão. [1]

O casal trabalhou junto bem de perto, casando-se por fim, em 1962. Foster tinha então 74 anos e sua saúde deteriorava-se. Mary Bailey começou a trabalhar sozinha, viajando o mundo em compromissos como palestras e encontros com estudantes. Pelos últimos 10 ou 12 anos de sua vida, Foster estava semiinválido, confinado ao seu apartamento em Manhattan. Ele morreu em 3 de junho de 1977, aos 89 anos.

Mary Bailey assumiu a função de diretora da Escola Arcana e continuou nessa como tal por cerca de duas décadas.

Era (e é) de importância fundamental para os Baileys e seus sucessores, a pureza da organização e sua visão, que tem sido mantida firme desde então. Hoje a Fundação Lucis é algo como uma fortaleza, protegendo ferozmente os ensinamentos e com grande afinidade com as Nações Unidas.

Próximo do fim de sua vida, a ONU tinha dado a Alice Bailey um ponto de foco e se os grandes empreendedores depois dela que trabalharam sob seus auspícios é algo que se possa seguir, sua Escola Arcana produziu alguns resultados impressionantes. Uma coorte dos seus colaboradores acreditou em sua palavra e criou ligações com a organização, não só pela Boa Vontade Mundial, mas também por várias outras iniciativas, incluindo a realização de seminários, conferências, dias de meditação, fundação de revistas e outras organizações. Uma colaboradora e ex-diretora da Boa Vontade Mundial, conselheira espiritual holística e notável palestrante, Ida Urso, fundou a Comunidade da Era de Aquário, uma organização que tinha como um de seus objetivos a promoção das Nações Unidas. [2]

Um antigo exemplo dessa orientação pode ser encontrado com Robert Muller (1923-2010), um estudante de Bailey que contribuiu com cinco artigos para a revista The Beacon tratando de conferências da Escola Arcana. Em 1948, quando ele tinha 25 anos, ganhou um estágio nas Nações Unidas por sua dissertação em como governar o mundo. Daquele momento em diante ele dedicou sua vida a desenvolver a visão da organização. Executou um papel vital na concepção e criação de inúmeros programas da ONU, incluindo: o Programa da ONU para o Desenvolvimento, o Programa Mundial de Alimentos, o Fundo de População da ONU e a Assembleia da Juventude Mundial. [3]

Um livro importante na obra de Alice Bailey é Educação na Nova Era, um volume compacto de 153 páginas. Como Steiner e Krishnamurti, ambos fundadores de sistemas de ensino, Alice Bailey viu a importância da educação. Diferente de seus contemporâneos que enfatizaram a educação de crianças, o Tibetano foca na educação de toda a humanidade. Escrito numa época de reavaliação da teoria e prática educacional, a obra contém um prefácio de oito páginas, composto em 1953 pelo ilustre professor de filosofia Oliver L Reiser (1895-1974), amigo de Albert Einstein. Reiser era um estudante de Alice Bailey que contribuiu com dois artigos para a The Beacon. Em seu prefácio ele traça paralelos entre o pensamento dela e de John Dewey, cuja filosofia educacional é influente.

O que preocupava no momento da composição – na década de 1940 – era a necessidade de educar as massas para realinhar os valores do material para o espiritual; encontrar métodos educacionais para sintetizar áreas distintas de pensamento acadêmico para compensar a polarização; e encontrar uma unidade de princípios. Em outras palavras, universalizar a educação. Currículos transversais e estudos interdisciplinares são evidência disso. Diante dos valores nacionalistas e egoístas acompanhados pelo ódio racial que levou aos campos de extermínio da Segunda Guerra Mundial, Alice Bailey, como muitos outros na época, viram uma grande necessidade para abordar a natureza da humanidade. Reiser concorda com: “Há um remédio para ‘a doença do homem moderno’ e muitos de seus componentes são encontrados nesse livro.” [4]

Educação na Nova Era abrange teoria, métodos e objetivos numa discussão no desenvolvimento mental da humanidade e a necessidade de controle da personalidade. A premissa do livro é simples. A humanidade cai facilmente no egoísmo e na ganância, e todo o currículo educacional pelo mundo precisa mudar. “O propósito dos próximos sistemas educacionais será preservar a integridade individual, promover o senso de responsabilidade individual, encorajar a consciência de grupo em desenvolvimento com relações básicas individuais, nacionais e mundiais, enquanto extroverte e organiza a capacidade, o interesse e a habilidade.” [5]

Baseado nas ideias encontradas nesse livro, Robert Muller criou o Currículo Básico Mundial, pelo qual foi descrito como o pai da educação global, recebendo o Prêmio UNESCO da Educação para a Paz, em 1989. [6] Em 1979 ele fundou a primeira escola Robert Muller em Arlington, Texas, que agora serve como modelo para escolas estabelecidas pelo mundo e para aqueles que desejam implementar o currículo. [7]

Muller é uma figura importante na comunidade Bailey. Ele trabalhou como assistente do secretário geral na ONU, atendendo três Secretários Gerais. Em 1982 lançou seu livro Nova Gênesis: Formando Uma Espiritualidade Global, um

trabalho que discute as dificuldades e aspirações espirituais das Nações Unidas. [8]

Outro colaborador de Bailey é Donald Keys, autor, fundador e presidente da Cidadãos Planetários e redator de discursos para o terceiro secretário geral da ONU, U Thant. Keys dedicou seu livro Earth At Omega: Passage to Planetization (A Terra em Ômega: Passagem Para a Evolução, em tradução livre) a Alice Bailey, para o qual o jornalista político Norman Cousins (1915-1990) escreveu a introdução. O trabalho serve como uma versão acessível e conservadora do pensamento de DK e de Alice Bailey, e cobre o movimento Nova Era desde a psicologia transpessoal até o Findhorn e o papel das Nações Unidas. “A luta na ONU é, em última análise, a luta entre o separatismo e unidade a humana; entre o egoísmo e o bem comunitário; e os Estados, similares às pessoas, estão em vários estágios do desenvolvimento para expressar qualidades maiores.” [9] Os primeiros endossantes e o conselho consultivo e diretoria da Cidadãos Planetários de Donald Keys, fundada na década de 1970, são uma leitura impressionante. [10]

Num discurso que compôs na década de 1970 e publicou no website da comunidade da Era de Aquário, Keys escreve: “Em um dos livros de Alice A. Bailey, escrito na década de 1930, há uma declaração de que um importante discípulo sueco logo estaria trabalhando no mundo. Certa vez, perguntaram a um alto iniciado sueco que era meu amigo se o predito era ele. Sua resposta foi ‘não, é Dag Hammarskjöld.’” [11] O segundo secretário geral da ONU, Hammarskjöld (1905-1961) foi fundamental na criação da nova sala de meditação das Nações Unidas, planejando e supervisionando cada detalhe. [12] Seu mandato foi interrompido com dois anos, quando perdeu a vida em um avião que foi derrubado na Rodésia do Norte (Zâmbia).

Entre 1966 e 1972, a revista de Alice Bailey, The Beacon, publicou sete artigos compostos por U Thant, que sucedeu Hammarskjöld como secretário geral da ONU, trabalhando entre 1961-1971: “O Fazer e Construir da Paz”, “O Que Poderíamos Construir se Trabalhássemos Juntos”, “As Nações Unidas e os Direitos Humanos”, “Negócios, Auxílio e Pessoas”, “Mensagem Para a

Juventude", "As Nações Unidas: Crise de Autoridade" e "As Nações Unidas e o Ambiente Humano." [13] Isso não sugere que U Thant fosse seguidor, ainda que certa simpatia ou conexão deve ter existido pela permissão das publicações ter sido concedida, e dado que Robert Muller era seu assistente, esses artigos revelam como as organizações e trabalhadores de Alice Bailey eram e são os membros mais poderosos da ONU, e a extensão da influência da visão dela.

Em um capítulo de seu livro Spiritual Politics: Changing the World From Inside Out (Política Espiritual: Mudando o Mundo de Dentro Para Fora, em tradução livre), um trabalho que leva adiante a Sabedoria Eterna, os autores e colaboradores Corinne McLaughlin e Gordon Davidson acreditam que "a alma das Nações Unidas é a Alma de uma humanidade emergente". [14] Para esses escritores, a ONU é "uma forma de pensamento viva" e uma "entidade em evolução", fazendo nascer uma nova ética e uma nova síntese. "A ONU é uma organização multifacetada com muitas funções, inclusive a de sintetizar informações sobre a humanidade e o planeta como um todo." [15]

Pode-se argumentar que, por meio da influência de seus alunos ao longo de muitas décadas de trabalho árduo e dedicado, Alice Bailey moldou singularmente a ética espiritual das Nações Unidas. Uma coorte de seguidores que buscam levar adiante aquela visão pode ser encontrada no conselho espiritual Caucus nas Nações Unidas, que começou em 2000 e se reúne duas vezes por mês para meditar e "explorar formas para usar esse grupo interno para focar em servir o potencial maior da ONU". [16] Dado o número de membros nesse grupo de 11 que seguem a Sabedoria Eterna, o Caucus espiritual pode quase ser considerado uma personificação de um dos grupos dos nove. As reuniões são abertas para todos que buscam objetivos semelhantes.

Membros incluem a colaboradora Nancy Roof, fundadora do premiado periódico Kosmos, para cidadãos do mundo e civilização planetária. Nancy Roof também é lobista da ONU e membro fundadora da Global Commons Initiative, World Wisdom Council, Creating the New Civilization Initiative, 2020 Climate Leadership Campaign e World Shift 2012. [17] Em sua autobiografia espiritual

postada na página Wiki da fundação P2P, Nancy Roof declara que encontrou o esoterismo na década de 1960. Foi o esoterismo de Alice Bailey.

O marido de Nancy Roof, Simons Lucas Roof (1920-2008), autor e graduado pela Escola Arcana, cofundou com ela a Escola de Estudos Esotéricos da Montanha. A primeira esposa de Simons Roof foi a astróloga Marcia S. Roof (1928-1979) née Moore, filha do fundador da rede de hotéis Sheraton, Robert Lowell Moore e da artista e ilustradora de livros, Eleanor Turner Moore. Todos os três seguiram Alice Bailey, Robert e Eleanor Moore ajudando a estabelecer o Monte da em Ojai, Califórnia. [18] Tanto Simons Roof quanto Marcia Moore tiveram artigos publicados na The Beacon. [19]

Outro membro do caucus espiritual, o neozelandês Steve Nation, junto com sua então esposa Janet Nation, cofundou o Centro da Escola Arcana Triângulos em 1976, em Wellington, Nova Zelândia. Steve Nation se juntou à sede da Fundação Lucis de Londres em 1978. [20] Ele trabalhou de perto com a organização desde então, e atualmente é o diretor da Boa Vontade Mundial. Em 1999 cofundou a Intuition-in Service, uma organização que inclui em seus objetivos a promoção dos dias das Nações Unidas. Steve Nation também é escritor e palestrante em assuntos globais e meditação. [21]

Outro membro do caucus é a parceira de Steve Nation, Barbara L. Valocore, que trabalhou para a Fundação Lucis por muitos anos. Ela é a cofundadora e presidente da Lifebridge Foundation (1992), uma organização com status associativo com o departamento de informação pública das Nações Unidas. [22]

Cofundadora da Hill Center para Psicossíntese, Tara Stuart, outro membro caucus, também está no conselho de diretores da supracitada revista Kosmos. Stuart também participou das conferências de verão em Sundial House desde a década de 1960. [23]

Outro membro caucus, Michael Johnson é o representante do Pathways to Peace das Nações Unidas. A Caminhos para Paz contém um considerável número de colaboradores, incluindo Avon Mattison, fundadora do Dia Internacional da Paz das Nações Unidas e colega próxima de Robert Muller. [24] Também estão envolvidos Steve Nation, Barbara Marx Hubbard, David Spangler, Gordon Davidson e Corrine McLaughlin.

Outros membros caucus que parecem ter uma associação indireta com Alice Bailey pela Fundação Findhorn são Frances Edwards e John Clausen. Outra, Diane Williams, é fundadora e presidente da Source of Synergy Foundation, uma organização em concordância com o etos e visão de mundo de Bailey. [25]

Com tantos colaboradores dominando a cena espiritual nas Nações Unidas, é de surpreender que Alice Bailey não seja um nome familiar além do meio da teoria da conspiração, sejam pessoas que concordem com a visão de mundo dela ou não. Por outro lado, a Escola Arcana e os ensinamentos de DK estimularam a criação de discípulos mundiais dedicados a trabalhar nos bastidores, não em segredo, mas silenciosamente tentando influenciar o curso da humanidade.

25

O MOVIMENTO NOVA ERA

Fora de seu próprio meio esotérico, a maioria que conhece e respeita Alice Bailey pode ser encontrada no movimento Nova Era, mas poucos percebem o quão influente seu trabalho foi na fundação do movimento.

Estritamente circunscrita, a Nova Era refere-se à um momento astrológico quando nosso sol se move para o signo zodíaco de Aquário. É conhecido como a precessão dos equinócios, em que todo o nosso sistema solar passa cerca de 2500 anos em cada signo. Estamos deixando a Era de Peixes para trás, com seu glifo de dois peixes nadando em direções opostas, uma era de religião mundial governada por Júpiter e Netuno – planetas da expansão, otimismo, ilusão, delírio e misticismo. O selo da antiga era é o levantar de religiões globais, junto com o fervor religioso e a retidão dogmática, uma era que se desenrolou pelas guerras e perseguições – as Cruzadas, a Inquisição – e pela devoção religiosa e peregrinação.

A nova era será melhor? Aquário é governado por Saturno e Urano, e na mitologia grega, ambos eram governantes tirânicos. Porém é o signo do que carrega água, do humanitarismo, irmandade e inovação. Não há data fixa de ingresso, e astrólogos declaram que terminar e começar cada nova era é um processo lento. Qual será o selo da Nova Era ainda não está manifesto, embora já estejam emergindo as formas de tirania associadas aos antigos deuses gregos, junto com uma miríade de avanços tecnológicos que estão rápida e radicalmente transformando o mundo humano, junto com a consciência humanitária.

Deixando de lado o pano de fundo astrológico, inúmeros estudiosos ofereceram descrições do movimento Nova Era que emergiu na América no começo da década de 1960 e espalhou-se pelo mundo ocidental. [1] Aqui, a “Nova Era” refere-se a uma coorte de pesquisadores espirituais em busca de caminhos para contatar um eu espiritual interno. Marca uma mudança para fora da religião organizada e representa o florescer de uma variedade de crenças e práticas, muitas derivadas do misticismo oriental e culturas tradicionais incluindo o nativo americano e o esoterismo ocidental. [2]

As raízes da Nova Era

A Nova Era começa como uma contracultura utópica, que rejeita crenças convencionais e valoriza e busca por alternativas. Escrito em 1980 de uma perspectiva infundida com as ideias e a linguagem de Alice Bailey, a defensora da Nova Era, Marilyn Ferguson, vê o movimento como uma conspiração benigna de amor e luz, uma participação íntima e respirar conjunto. “É uma conspiração sem doutrina política. Sem manifesto. Com conspiradores que buscam o poder apenas para dispersá-lo.” [3] Ela até chamou seu livro de A Conspiração Aquariana. Foi uma escolha infeliz. Qualquer intenção divertida ou intencional que Ferguson teve em mente, a fez jogar o jogo dos inimigos de Bailey, que se agarraram à palavra “conspiração” como moluscos num navio.

A Nova Era representa para Marilyn Ferguson uma mudança de paradigma, uma “contínua transformação e transcendência”, uma nova perspectiva que “respeita a ecologia de tudo”. Uma era marcada por profundas mudanças internas de conhecimento. [4]

As raízes da Nova Era podem ser remontadas a pelo menos a década de 1800, quando o interesse em espiritualidade como alternativa à religião convencional e o fraco intelectualismo brotou, culminando em círculos esotéricos e fundação da Sociedade Teosófica em 1885. Alice Bailey, junto com Rudolph Steiner e Jiddhu Krishnamurti trouxeram os ensinamentos teosóficos para seus públicos,

ajudando a perpetuar o interesse contínuo na Sabedoria Eterna.

Outra influência emergiu ainda mais cedo, na década de 1830, quando os transcendentalistas, incluindo Ralph Waldo Emerson, Henry Thoreau, Bronson Alcott e Margaret Fuller voltaram-se para a “experiência, intuição, ideias Quaker de Luz Interna, o Bhagavad Gita” e especialmente, ao filósofo espiritual Emanuel Swedenborg (1688-1772) para inspiração. Os transcendentalistas, junto com o médico alemão e fundador da hipnose, Franz Mesmer (1734-1815) e a fundadora da Ciência Cristã, Mary Baker Eddy (1821-1910), influenciaram o Novo Pensamento, um movimento curador da Nova Inglaterra do final do século XIX liderado por Emma Curtis Hopkins, Horatio Dresser e Charles Brodie Patterson. O Novo Pensamento acredita em uma evolução contínua do pensamento; que a verdade pode ser encontrada em uma variedade de doutrinas; e a cura pode ocorrer pelo realinhamento do pensamento, da mente sobre o estilo da matéria. No início da década de 1900, o movimento do Novo Pensamento continuou a florescer, gerando vários institutos e escolas. [5]

Outra influência notável na Nova Era foi o filósofo idealista francês e padre jesuíta, Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955), cujo trabalho postumamente publicado O Fenômeno do Homem, apresenta uma nova visão radical da evolução e da interconectividade de toda a criação, incluindo um Cristo místico visto como princípio organizador do universo. Ele concebeu a ideia de um Ponto Ômega para o qual toda a evolução está indo, uma noção mais tarde assumida por Donald Keys.

Alice Bailey se difere de seus contemporâneos no estilo da apresentação. As instruções de DK são dadas em linguagem simples e em estilo direto. A estrutura dos ensinamentos imitava a arquitetura Modernista da era, toda com linhas limpas ordenadas, organizadas em blocos arrumados, com nada enfeitado para distrair o olho. A atmosfera é de negócios e evoca ideias de liderança tranquila e gestão executiva. Fora do grupo geral de pesquisadores, Alice Bailey continua a atrair para os ensinamentos e a Escola Arcana aqueles que são tão sérios, focados e comprometidos quanto ela.

Há uma distinção a ser feita entre a aparição de um novo movimento espiritual que cresce a partir de buscas existentes em uma espécie de evolução natural de ideias e percepção, que consolida o conceito da Nova Era. Alice Bailey exerceu uma parte significante na formação da Nova Era, influenciando muitos dos primeiros e posteriores influenciadores que desenvolveram sua própria vertente ou marca particular. Acima de tudo, o título é dela conceitual. [6]

Os conceitos não só carregam poder explanatório, eles focam na vontade, direcionam a energia, modelam nossa visão de mundo e nossos valores. O conceito do Tibetano sobre a Nova Era estava claramente definido. Toda a obra pode ser descrita como uma forma-pensamento da Nova Era. Alice Bailey e DK buscaram estabelecer um paradigma, não um movimento de pesquisadores espirituais. Todo o treinamento de crescimento pessoal contido no movimento Nova Era estava na visão de mundo de Alice Bailey, destinada a ser uma preparação para o serviço mundial, não um auto engrandecimento. A cura de várias feridas emocionais e mentais é uma questão secundária, algo que pode ocorrer apenas para despir a personalidade de seus próprios obstáculos.

Não apenas a obra de Bailey conteve três títulos carregando o termo “Nova Era” – Discipulado na Nova Era Vol. I e II e Educação na Nova Era – em seu índice principal há mais de 250 referências diretas à Nova Era, incluindo características e métodos, junto com muitas outras referências à Era de Aquário. A maioria das referências aparecem em seus trabalhos posteriores, compostos nas décadas de 1930 e 1940, incluindo os textos já mencionados, junto com Psicologia Esotérica Vol. I e II, A Exteriorização da Hierarquia e Um Tratado Sobre Magia Branca.

Uma de suas referências mais antigas à Nova Era pode ser encontrada em Do Intelecto à Intuição, um trabalho de sua própria autoria e dedicado à “natureza e verdadeira significância da meditação”. Ela escreve: “Eles [aqueles corpos de passagem dos homens] agirão como pioneiros da Nova Era, quando os homens serão pragmáticos nos negócios com seus pés firmemente plantados na Terra e ainda, ao mesmo tempo, serão místicos e videntes, vivendo também no mundo

dos espíritos e carregando inspiração e iluminação com eles para a vida cotidiana.” [7]

Dois anos depois, Um Tratado Sobre Magia Branca: O Caminho do Discípulo foi publicado, um trabalho apreciado como manual de treinamento para o discipulado espiritual, contendo 15 “regras” do caminho, um guia essencial de como evitar o caminho das trevas da magia negra e tornar-se equipado para o serviço mundial. A primeira referência à Nova Era declara: “Outro objetivo é a preparação de um instrumento de serviço na inauguração da Nova Era durante os próximos 200 anos.... De acordo com a resposta dos discípulos, dos místicos e conhecedores por todo lugar, será então a chegada rápida da Nova Era.” [8] Esses “instrumentos de serviço” são os discípulos responsáveis pelo desenvolvimento da intuição e senso correto de valores, e voltar “o ouvido interno para aquelas vozes no plano sutil” para inaugurar a Nova Era é a responsabilidade dos discípulos e somente deles. Caso os discípulos falhem em suas responsabilidades, então os Mestres sairão, mudarão seus planos e encontrarão alguma outra maneira de proceder. Todo o cânon de Bailey gira em torno dessa única responsabilidade. Oportunidade existe para uma nova orientação, para a humanidade passar pelo portal da iniciação para o reino da alma. Isso é a Nova Era, devemos querer isso.

Para Alice Bailey, a Nova Era é o nascimento de uma consciência global, a manifestação do Discípulo Mundial, aquele com uma percepção expandida dos negócios que afetam a humanidade e o planeta. O selo de tal consciência global é o serviço mundial, manifesto naqueles que renunciaram desejos egoístas da personalidade e agem na boa vontade para nutrir relações corretas para o bem do todo. Pela Escola Arcana, Alice Bailey não só ajudou a conceitualizar a Nova Era, mas também energizou a forma-pensamento com sua poderosa motivação. Sua missão, a de DK, foi estimular o nascimento da alma numa escala global.

Por décadas o termo “Nova Era” traz conotações depreciativas e muitos pesquisadores e praticantes evitam o apelo. Os praticantes da Nova Era tornaram-se tema de ridicularização e controvérsia, com escândalos surgindo

sobre tomadas de decisões fraudulentas e exploração. Conhecido por seu ecletismo e estilo “escolha e misture” de buscadores, o movimento Nova Era tem sido criticado por seu relativismo, filosofia subjetiva, tendências hedonistas e consumismo. [9] O pesquisador constrói sua própria realidade espiritual de um conglomerado de crenças e práticas. Os ensinamentos antigos são diminuídos e muitas vezes distorcidos. Há uma tendência ao materialismo espiritual e ego inflado, em parte pelo glamour ou sedução da mística e pertencimento sobrenatural. Navegar nesta realidade com todos seus acessórios pode levar a um despertar espiritual, mas como Alice Bailey tinha o costume de estressar, é um processo longo com muitos choques dolorosos pelo caminho. Na linguagem de DK, o “morador no limiar”, aquele glamour da personalidade impedindo uma consciência completa da alma pode tomar proporções impressionantes, se não manuseadas corretamente. Muitos permanecem presos dentro do feitiço e tornam-se obcecados. O foco de Alice Bailey era a descentralização da personalidade. Muitos pesquisadores da Nova Era tornaram-se temporariamente cheios de si

Das opiniões expressadas em sua autobiografia, é claro que Alice Bailey teria recusado que o movimento fosse adiante em seu nome. Ela desprezava muitos dos ensinamentos e atitudes então contemporâneos:

Sempre fiquei incomodada com as bobagens ditas pelas pessoas sobre “recuperar suas encarnações passadas.” Sou profundamente cética no que diz respeito a essa recuperação. Creio que os vários livros que foram publicados dando detalhes das vidas passadas de ocultistas conhecidos são evidências de uma imaginação vívida, são inexatos e enganam o público. Tenho sido encorajada nesta crença pelo fato de que em meu trabalho, dúzias de Marias Madalenas, Júlios Césares e outras pessoas importantes, confessaram com pompas para mim quem eles foram; mas nessa vida são pessoas tão comuns, tão chatas. [10]

Ela igualmente desdenha as atitudes que muitos pesquisadores têm dos mestres, que “nunca diga a um discípulo o que fazer ou aonde ir, ou como lidar com uma situação, apesar de toda bobagem dita por devotos gentis, bem-intencionados”. [11]

Alice Bailey não tinha tempo para se prender a problemas pessoais. Quando fala sobre sua própria dificuldade com o medo, ela descreve como praticou uma forma de atenção plena, reconhecendo o medo e seguindo adiante. “Acho que as pessoas têm que aprender a aceitar com muito mais paciência o que é, e não perder tanto tempo lutando consigo mesmas sobre seus problemas individuais... A concentração no serviço pode e leva ao esquecimento de si mesmo.” [12]

Inicialmente, o movimento contracultural da década de 1960 carregou um forte etos de mudança social e política, manifesto no movimento dos direitos civis e nos protestos contra a guerra no Vietnã. Mas o espírito progressivo, humanitário, logo se dissipou, conforme a atenção voltou-se para o interior, o crescimento pessoal e a iluminação espiritual.

Vera Stanley Alder e Cura Esotérica

O filtro do misticismo oriental para a consciência ocidental foi em grande parte resultado dos teosofistas Blavatsky e Olcott, que foram para a Índia em 1879 em busca dos antigos ensinamentos hindus. Esse interesse foi tão inesperado que os dois foram bem recebidos por hindus e budistas. [13] Blavatsky abriu a porta por onde seus ensinamentos puderam fluir. Teosofistas posteriores, incluindo Besant, Steiner e Woodroffe (Arthur Avalon), continuaram a desenvolver uma compreensão desses ensinamentos orientais e os incorporaram em suas próprias interpretações teosóficas.

Embora de acordo com o autor e teosofista Kurt Leland, foi Charles Leadbeater e Alice Bailey que, entre eles, promoveram o Sistema de Chacra Ocidental. [14] Em seu livro Corpo Arco-Íris: A História do Sistema de Chakras Ocidental, de Blavatsky a Brennan, Leland se esforça para atribuir ideias utilizadas pelos futuros cromoterapeutas e curandeiros esotéricos às suas devidas fontes. Ele cita como ligação original de Alice Bailey, os chacras com as glândulas endócrinas,

seu uso das cores do arco-íris em descrever os sete raios, seu cunho do termo “chacra sacro” e seu método de unir as iniciações, planos, corpos e chacras em um “controle de plano” unificado. [15]

O caminho dessas ideias pode ser traçado pelos trabalhos da colaboradora Vera Dorothea Stanley Alder (1898-1984), uma retratista britânica-dinamarquesa e mística de sucesso, que popularizou os ensinamentos de Alice Bailey, em particular Iniciação: Humana e Solar, e tornou-se uma professora espiritual por direito próprio. Alder foi educada na escola Roedean em Sussex, e então frequentou a escola de arte Slade, em Londres. Depois de uma carreira bem-sucedida como artista, Alder descobriu a Sabedoria Eterna e submeteu-se a uma profunda conversão. Alder compôs sete livros, incluindo sua autobiografia espiritual From the Mundane to the Magnificent (Do Mundano ao Magnífico, em tradução livre). Ela também fundou a World Union Fellowship, que tornou-se a World Guardians Fellowship, que publicou o Journal of World Guardians (Jornal dos Guardiães do Mundo, em tradução livre). [16] Entre seus seguidores estava Elvis Presley. [17]

Vera Stanley Alder era membro do grupo DINA dos nove, focada em educação como LDO: Luz, Desprendimento, Organização. Em uma carta para ela datada de novembro de 1937, o Tibetano lhe diz: “Você está numa posição de auxiliar e ajudar muitas pessoas. Cuida, meu irmão, de ajudar com sabedoria, discernimento e discrição e de colocar o teu esforço onde os melhores resultados possam ser alcançados". [18]

O potencial de Alder para o serviço mundial segundo as linhas da escrita foi registrado na próxima carta, de fevereiro de 1938. Todas as cartas endereçadas a ela apontam para seu trabalho criativo e sua contribuição e tentam facilitar esse processo.

Em 1938, o primeiro livro de Vera Stanley Alder, A Descoberta do Terceiro Olho, foi publicado. Aqui, Alder descreve técnicas de trabalho com cor, sons,

números, respiração, dieta e exercício. Ela avança explorando a astrologia e a meditação e seus propósitos. Antes dos trabalhos de Alder, curandeiros esotéricos, incluindo terapeutas de cor, tiravam inspiração diretamente de Cartas Sobre Meditação Ocultista, de Alice Bailey. [19]

Com ou sem a contribuição de Vera Stanley Alder, o reconhecimento da contribuição de Alice Bailey para a cura esotérica é difícil de se achar. Em seu livro informativo, Leland apresenta a lista de chacras de Alice Bailey do jeito que é encontrada em A Alma e Seu Mecanismo, uma lista que apareceu em muitos textos ocidentais subsequentes sobre chacras, influenciando a terapia da polaridade, o reiki e a cura prânica. [20] Para Leland, Alice Bailey era tão inovadora quanto Helena Blavatsky, e porque ela foi longe para explicar tudo, "ela produziu uma rica veia de materiais sobre os chacras para os escritores posteriores". [21] Infelizmente, muitos escritores ocidentais dos chacras, incluindo o controverso guru Osho ou Bhagwan Shree Rajneesh, os autores sobre chacras Jack Schwarz, Christopher Hills, Norah Hills, Alex Jones, David Tansley e Zachary Landsdowne, e a popular seguidora da Nova Era, Shirley MacLaine, todos escolheram evitar créditos para Alice Bailey, apesar de basearem-se em suas ideias. [22] Tão difundida é essa falta de reconhecimento, que Leland a chama de "amnésia da fonte". [23] Uma exceção é a treinadora holística de saúde Barbara Ann Brennan que, Leland faz questão de salientar, enumera Alice Bailey como uma de suas fontes em Mãos de Luz. [24]

David Spangler e Findhorn

A comunidade alternativa de Findhorn no nordeste da Escócia teve sua origem em 1962, quando os cofundadores, pesquisadores espirituais e místicos Peter Caddy – que considerou Alice Bailey entre suas influências –, sua esposa Eileen e Dorothy Maclean se mudaram para um parque de caravanas na península leste de Inverness. Nas meditações, mensagens de fontes mais altas foram recebidas pelas duas mulheres que foram instruídas, sob orientação espiritual, a criar um jardim. Elas criaram e conforme o jardim floresceu, outros reuniram-se ao redor do trio formando uma comunidade.

Em 1967, Eileen Caddy teve uma visão onde lhe disseram que um homem de 25 anos chegaria para viver e trabalhar em Findhorn. Então, em 1970, um jovem de 25 anos chegou: David Spangler.

Nascido em 1945 em Columbus, Ohio, o filósofo espiritual americano, místico prático e prolífico autor David Spangler, era um clarividente e místico natural que desistiu de uma licenciatura em bioquímica em 1965, aos 20 anos de idade, para dar palestras a grupos espirituais e metafísicos pelos Estados Unidos. Ele foi profundamente influenciado pelos ensinamentos de Bailey, tendo sido introduzido a eles aos 14 anos e tornando-se então uma figura crucial na fundação do movimento Nova Era. [25] Seus livros, Festivals in the New Age (Festivais na Nova Era) e Revelation: The birth of a new age (Revelação: O Nascimento de Uma Nova Era, ambos títulos em tradução livre) ajudaram a colocar em primeiro plano a noção da Nova Era no zeitgeist dos tempos.

O prefácio de Revelation (Revelação) foi escrito por outra figura notável na história da Nova Era, Sir George Trevelyan, que predominantemente foi estudante de Rudolph Steiner bem como favoreceu Alice Bailey e, naquela época, envolvido no estabelecimento de Findhorn.

David Spangler chegou a Findhorn numa época de rápida expansão da comunidade. Como Peter Caddy retirou-se de suas funções de liderança, Spangler rapidamente assumiu a codiretoria da comunidade e tornou-se codiretor de Ensino. Ele permaneceu na comunidade por três anos antes de partir com Dorothy Maclean e vários outros membros para fundar a Lorian Association, em Seattle. [26]

Em 1974, Spangler ajudou a fundar a Lindisfarne Association, um grupo de intelectuais que incluiu o eminente antropólogo e ecologista Gregory Bateson, o renomado economista E. F. Schumacher e o cientista e ambientalista James

Lovelock, autor de A Hipótese Gaia. Esse grupo tirou muita inspiração dos trabalhos de Teilhard de Chardin e do matemático e filósofo inglês Alfred North Whitehead, pensadores que, como Alice Bailey, avançaram a interconectividade de toda criação. Cofundador da Lindisfarne Association, o filósofo social William Irwin Thompson (1938-) compartilhou interesse no conjunto geral do pensamento místico oriental, cristianismo esotérico e evolução da consciência.

Os ensinamentos de Bailey não parecem ter desempenhado quaisquer papéis na Lindisfarne Association. Ao contrário, foi através da influência da visão, valores e etos embutidos na mente de Spangler, todos inspirados por Alice Bailey, que ela desempenhou um papel sutil ao proporcionar as condições e estimular o surgimento de um pensamento holístico e ecológico.

De volta em Findhorn, a organização floresceu e continuou a inspirar inúmeras comunidades e projetos intencionais. Hoje, mais de 30 organizações fazem parte da abrangente associação da comunidade Findhorn Foundation. [27] Findhorn recebe uma variedade de workshops, cursos residenciais e conferências o ano todo. [28] A influência de Alice Bailey perdura por lá. Espera-se que todos aqueles que ocupam posições elevadas tenham um sólido conhecimento de trabalho dos livros Bailey. Para prestar homenagem depois dos ataques ao World Trade Center em 11 de setembro de 2001, a Grande Invocação foi usada em orações em Findhorn. [29]

Uma figura proeminente de Findhorn é o educador holístico e autor, William Bloom (1948-), um seguidor dos ensinamentos de Bailey, que passou duas décadas na faculdade da Findhorn Foundation. Bloom é como uma loja de departamentos, com uma série de workshops, artigos e livros sobre mente-corpo-espírito, incluindo The Power of Modern Spirituality (O Poder da Espiritualidade Moderna) e The Endorphin Effect (O Efeito Endorfina, ambos em tradução livre). Diferente de outros seguidores da Nova Era que preferem manter as suas raízes Bailey escondidas, Bloom não tem medo de se referir a Alice Bailey em seus escritos. [30]

Utopia

Desde Findhorn, muitos seguidores de Alice Bailey escolheram dedicar suas vidas a criar e promover modelos alternativos de vida. Esses seguidores assumem a essência da sua mensagem e se comprometem com ela, até porque sua visão de mundo complexa, intrincada e abrangente, ressoa fortemente com o tipo de pensamento ecológico que surge, dentre outros lugares, do grupo de Lindisfarne.

Uma ideia central do movimento utópico está baseada na noção esotérica de que a energia segue o pensamento. Pensamentos negativos acumulam para formar uma nuvem escura. Manter pensamentos positivos torna fácil que se manifestem, mobilizando o bem e não deixando nenhuma energia para o mal. No modelo de Alice Bailey o bem pode ser manifestado através do trabalho interior, meditação, visualização, oração, ritual, cerimônia e envio de Luz.

Os colaboradores de Bailey, McLaughlin e Davidson, discutem unicamente da perspectiva de DK em seu livro Spiritual Politics: Changing the World From Inside Out (Política Espiritual: Mudando o Mundo de Dentro para Fora, em tradução livre), e fornecem a essência das utopias inspiradas em Bailey, afirmando uma "visão interconectada de sistemas completos, baseada na causalidade mútua". [31] Os autores se conheceram em Findhorn e prosseguiram em fundar a Sirius Ecological Community, em Massachussetts. Também fundaram o Center for Visionary Leadership em Washington D.C. Além disso, McLaughlin trabalhou no Conselho de Desenvolvimento Sustentável do presidente Clinton.

Em seu livro, McLaughlin e Davidson citam a necessidade de mudar o pensamento de separatista para orientado à comunidade, linear para holístico, polarizado para agregador e de cristalizado para expansivo. Essas ideias são prevalentes em todos os projetos utópicos inspirados em Alice Bailey.

Para McLaughlin e Davidson, a mudança para um novo paradigma requer um movimento em direção a uma política transformacional, que valorize formas não transversais de saber e agir, e crie modelos baseados em noções de interconectividade, inclusão, síntese, capacitação e sistemas completos. Os autores discutem como o novo paradigma pode parecer nas esferas política, governamental, assistência social, lei, ordem, economia baseada na justiça, divisão e comunidade. Eles citar inúmeras organizações fundadas nesses princípios, incluindo: Pathways to Peace, fundado pelos colaboradores Avon Mattison e Sheldon Hughes; Multitrack Diplomacy, com sua ênfase em meditação; e a Rocky Mountain Institute, juntamente com vários outros grupos e comunidades de base em todo o mundo a nível local e global, cujos objetivos são encontrar melhores caminhos para melhores soluções.

Outro exemplo que adota o pensamento de Alice Bailey é a The Global Ecovillage Network, GEN, que foi fundada na Dinamarca em 1991, por Ross e Hildur Jackson. As vilas GEN são projetadas para ter uma pegada ecológica pequena, enquanto promovem estilos de vida mais sustentáveis e orientados para a comunidade. É uma “resposta deliberada e estratégica às consequências destrutivas da visão de mundo dominante”. [32] Findhorn é visto como uma vila GEN exemplar. Demonstrando a interconexão da rede informada em grande parte pela visão de Alice Bailey, a representante das Nações Unidas da GEN e colaboradora, Vita de Waal, abordou um seminário da Boa Vontade Mundial em 2016.

Vita de Waal exerce um papel importante no The Institute for Planetary Synthesis, que foi fundado por Rudy Schneider em Geneva, em 1981, e desfruta de status de consultora com o Conselho Econômico e Social das Nações Unidas, ECOSOC (sigla em inglês para Economic and Social Council of the United Nations). O instituto “visa despertar uma percepção de valores espirituais na vida quotidiana e promover a noção planetária, conduzindo os cidadãos planetários com base nos valores espirituais: amor pela verdade, responsabilidade pessoal, senso de justiça, cooperação construtiva e serviço altruísta do todo maior”. [33] O instituto segue os passos do grupo dos nove DINA,

operando em dez campos de serviço: educação, política, religião, ciência, psicologia, economia (incluindo finanças), comunicação (incluindo telepatia), observação esclarecida, cura e criatividade. O grupo tem uma assembleia geral trianual e espera criar uma Universidade para a Síntese Planetária, baseada nos grupos semente de DK, com filiais pelo mundo.

Outro exemplo notável de continuação dos ensinamentos de Bailey é o The Hechal Centre for Universal Spirituality em Jerusalém, fundado pela estudante e professora da Sabedoria Eterna, Uta Gabbay em 1997. Originalmente estabelecido como uma escola para meditação, o centro é operado por um grupo de colaboradores e serve como um "posto avançado subjetivo, que mantém meditações online semanais e mensais regularmente, como um serviço a Jerusalém, ao povo judeu e ao planeta". [34] O grupo The Hechal busca "tecer linhas de relação entre Israel/Palestina e o resto do mundo", e encorajar a autorreflexão e as relações corretas. Eles usam o avanço do trabalho pioneiro de Assagioli na psicossíntese da nação, que ele aplicou ao povo judeu. O The Hechal Centre serve para realçar as acusações equivocadas de antissemitismo lançadas em Alice Bailey.

Uma figura indispensável no meio intimamente interligado é o economista visionário e pioneiro, Ernst Friedrich Schumacher (1911-1977). Se ele conheceu Alice Bailey pessoalmente, é uma incógnita. Schumacher nasceu na Alemanha, filho de um professor de política econômica e teve uma bolsa de estudos Rhodes sendo o protegido do economista John Maynard Keynes. As influências em sua vida e pensamento foram muitas e variadas, incluindo um período na Birmânia na década de 1950, quando ele começou a proclamar a economia budista. Ele centrou seu modelo econômico no princípio de ter "o bastante", o suficiente para as necessidades, em vez de superávit. Em 1966 ele fundou a Intermediate Technology, que desenvolveu tecnologias básicas como o bombeamento manual, para permitir agricultores pobres no Terceiro Mundo desenvolverem-se.

Dois anos depois, a edição de março/abril de 1968 da The Beacon publicou sua matéria "A filosofia do auxílio". Seu influente trabalho O Negócio é Ser

Pequeno foi publicado em 1973 e a The Beacon destacou seu artigo com o mesmo título em maio/junho de 1974. Esses artigos levantam algumas questões interessantes. Como Schumacher conhecia a The Beacon? Não há nenhuma semelhança com a Resurgence, para a qual Schumacher escrevia regularmente. O editor da The Beacon, ou mesmo a própria Mary Bailey, procurou Schumacher como um pensador mais apropriado ao conteúdo da revista? O que se pode dizer é que ele estava contente por seu material aparecer na The Beacon em duas ocasiões, com um intervalo de seis anos entre eles. Um associado próximo de Spangler, Schumacher abordou a comunidade Findhorn em 1976, com uma palestra sobre as crises espirituais e econômicas que a humanidade enfrenta. Não há dúvida de que fazia parte do meio intelectual e socialmente proeminente inspirado em Bailey. Schumacher também fez parte do Conselho Consultivo para Cidadãos Planetários de Donald Key, figura proeminente de Alice Bailey em 1975. [35]

Uma ideia leva à outra e da visão de Schumacher, não só emergiu o Schumacher Institute e o Schumacher College, mas também o espaço para o surgimento do Projeto Venus. Esse movimento contemporâneo visa alcançar uma nova civilização mundial sustentável, que é possível ao redesenhar nossa cultura ao manter uma economia baseada em recursos, uma cultura visualizada pelo inventor futurista Jacque Fresco (1916-). Uma economia baseada em recursos é fundada na crença de uma economia holística, global, que usa os recursos humanos e planetários de maneira sensata. O projeto, com base em Venus, Flórida, surgiu na década de 1990 e pretende encontrar melhores maneiras de usar a engenharia e a tecnologia.

Peter Joseph, fundador do movimento Zeitgeist, inicialmente apoiou a visão de Fresco, mas os dois separaram seus caminhos devido a um desacordo. O movimento Zeitgeist foi fundado em 2008 como uma organização de defesa da sustentabilidade, abrangendo comitês baseados em vários países, orientado para o ativismo baseado em comunidade. O principal pilar do Zeitgeist é que todo o mal no mundo tem raízes numa estrutura social obsoleta. O movimento defende uma economia baseada em recursos, inspirada em Schumacher.

Nos bastidores, a Boa Vontade Mundial de Alice Bailey reúne essas iniciativas de todo o mundo e fornece um lugar de propósito, através de seus seminários e conferências. A Boa Vontade Mundial, sob os auspícios da Fundação Lucis faz isso porque essas são as iniciativas que melhor refletem a Nova Era de Alice Bailey.

26

UMA ADVERSÁRIA E UMA ENTUSIASTA

O Movimento Nova Era é diversificado. Talvez haja tantas personalidades perdidas, charlatães e autonomeados gurus, quanto há genuínos pesquisadores e praticantes. Para Alice Bailey e a teosofia, a popularização da Hierarquia Espiritual se provou altamente problemática.

Emergindo da esfera da Nova Era, na tradição de seu precursor movimento EU SOU, está a autora e líder popular quase-espiritual, Elizabeth Clare Prophet (1939-2009). Prophet cresceu como cientista cristã. Ela conheceu seu segundo marido, Mark Prophet, em 1961, numa palestra dele sobre “Mestres Ascensos”, com o patrocínio de sua organização espiritual, The Summit Lighthouse, fundada por ele em 1958. Mark foi inspirado pelo movimento EU SOU através de sua filial A Ponte Para a Liberdade. Durante a palestra, Elizabeth teve uma visão. O casal se deu bem e Elizabeth logo começou o treinamento para tornar-se uma mensageira ou canalizadora. Em pouco tempo ela se tornou, acreditava, uma mensageira do Mestre Morya. O casal publicou vários volumes baseados nessas comunicações canalizadas e espalhou sua mensagem por toda a parte, com grupos de estudos e centros de ensino espalhados pelo mundo.

Figura carismática, Elizabeth Prophet, conhecida como “Mãe” por seus seguidores, ensinou que através da meditação, oração e visualização, a consciência de Cristo poderia ser alcançada. Ela trabalhou por um tempo como secretária para a igreja Ciência Cristã, adquirindo habilidades organizacionais que a permitiram tornar-se líder da The Summit Lighthouse após a morte de Mark Prophet, em 1975. A The Summit Lighthouse ficou então sob a Church Universal and Triumphant. O movimento combinou uma mistura potente de patriotismo, evangelismo e teosofia, amplamente inspirada por Os Mestres e o

Caminho, de Leadbeater [1]. A ideia central da igreja e da Lighthouse é o crescimento espiritual pessoal, seguindo o guia dos mestres através das mensagens que deram a Prophet, a “Mensageira”. Grupo carismático, o ponto de influência foi fixado com Prophet ao centro, uma “líder espiritual imperfeita” com um “espírito indomável”, mantendo um “domínio manipulador” sobre seu rebanho. [2]

Assim como no movimento EU SOU, a noção de ascensão ou de alcançar o céu sem morrer, resultado de um ponto de realização espiritual na qual o ‘eu’ está completamente purificado, é a pedra fundamental no sistema de crença Nova Era de Prophet. [3] Eles são os Guardiães da Chama. A glorificação e retratação errônea dos Mestres dessa maneira contagiou a percepção geral dos pesquisadores, não só dos Mestres, mas da teosofia em geral e de Alice Bailey em particular. Há uma infeliz percepção popular e acadêmica de que o movimento EU SOU e os Prophets podem ser agrupados com Alice Bailey e seus contemporâneos teosóficos e predecessores para formar um único grupo coeso, todos propondo ideias esotéricas iguais ou semelhantes. [4] Qualquer estudante de Alice Bailey que se respeita ficaria assustado com isso. Da perspectiva Bailey, Elizabeth Prophet e sua laia servem para trazer má reputação para todo o campo da canalização ou conexão telepática.

Prophet alegava ter canalizado os Mestres Koot Hoomi – que ela chamava de Kuthumi – e Morya. Ao assegurar essa autoridade espiritual, ela sucumbiu a uma medida de orgulho e começou a negar seus predecessores. Numa exposição de falsos ensinamentos publicados em Pérolas de Sabedoria, o ‘Kuthumi’ de Prophet rejeita Alice Bailey e Krishnamurti como não sendo veículos adequados ao trabalho dos Mestres. Se é para se acreditar em Prophet, “Bailey sofreu de orgulho intelectual e de uma fragilidade do corpo mental inferior... e [era] completamente inadequada como um instrumento do mestre Tibetano.” [5]

Tais ataques pessoais são inúteis àqueles que desejam entender Alice Bailey e seu trabalho. O estrago de Prophet na reputação de Alice Bailey dessa maneira talvez seja limitada, parecendo uma afirmação de superioridade talvez mais

reflexiva da personagem que lança as calúnias, mas infelizmente esses comentários trazem todo o terreno para a má fama aos olhos dos de fora, e particularmente, dos estudiosos.

Da perspectiva do puro pensamento esotérico contido nos livros de Bailey, os ataques de Prophet parecem ansiosos e intrometidos e sua produção em competição direta, roubando o terreno dos Mestres Espirituais da autenticidade aparente nas demonstrações teosóficas tradicionais. Os estudantes de Bailey poderiam argumentar que Prophet era de fato uma falsa profeta e seus ensinamentos de padrão insuficiente, proporcional aos ensinamentos dos Mestres. Se Alice Bailey estivesse viva, sem dúvidas teria ditado um comentário severamente crítico à The Summit Lighthouse, similar ao que fez contra o movimento EU SOU na década de 1930.

O legado de Prophet perdura. Conforme observado no site distintamente violeta do Heart Center, mesmo depois de sua morte em 2009, através de “David Christopher Lewis, o diretor espiritual do The Heart Center e escrevente para a irmandade universal, Elizabeth, agora Senhora Ascensionada Mestre Clare de Lis, continua a ensinar seus estudantes.” [6]

Os livros de Bailey ajudam dar credibilidade, dentro dos círculos Nova Era, ao trabalho de luz ou a trabalhar com entidades espirituais para os propósitos de cura. Na linguagem de DK, para o discípulo do segundo raio a luz da alma avança sobre a personalidade. “Naquela luz, o homem vê a Luz e desse modo, finalmente torna-se um portador da luz”. [7] Para alcançar esse estado de consciência, o discípulo deve meditar para alcançar uma razão inclusiva. “A imaginação criativa estará ocupada com aquelas medidas que ‘lançarão a luz’ nos lugares sombrios e desamparados no (por enquanto) processo criativo incompleto. O homem então trabalha conscientemente na luz, como um portador da Luz.” [8]

A trabalhadora da luz mais famosa é a psicóloga clínica e pesquisadora Helen

Schucman (1909-81) que, um tanto quanto relutantemente, compôs Um Curso em Milagres. Um trabalho extremamente popular, copiado entre 1965-72 e traduzido para 22 idiomas, contém as comunicações verbais de Jesus canalizadas em plena consciência desperta. Schucman era clariaudiente. Se a voz que ela ouviu era Jesus, pode-se talvez contestar. O curso contém uma lição para cada dia do ano e destina-se a recondicionar a mente do aluno, do medo ao amor. [9]

Sem desejar desmerecer o trabalho de Schucman, não há como comparar Um Curso em Milagres com qualquer um dos livros de Alice Bailey. Embora o estudioso do esoterismo ocidental Olav Hammer consegue fazer isso, agrupando as duas mulheres nesse volume: Claiming Knowledge: Strategies of Epistemology from Theosophy to the New Age (Alegando Conhecimento: Estratégias de Epistemologia da Teosofia à Nova Era, em tradução livre), quando escreve: “é algo singular que inovadores religiosos conhecidos, como Alice Bailey ou Helen Schucman, e suas respectivas doutrinas, tenham sido desprezadas por historiadores da religião.” [10] Um estudante sério da Sabedoria Eterna ficaria afrontado por esse comentário, uma vez que nele o autor inadvertidamente demonstra uma decepcionante falta de conhecimento do calibre dos ensinamentos de Bailey.

Outro trabalhador da luz que não ajudou a reputação de Alice Bailey é o autor escocês, artista de sucesso, escritor e esotérico, Benjamin Crème (1922-2016). Crème foi um estudante do trabalho de Blavatsky antes de descobrir Alice Bailey. Ele tornou-se estudante e foi inspirado especialmente pela cristologia, de Alice Bailey, acreditando sinceramente na segunda vinda de Cristo. Ele acreditava também que era contatado por um Mestre da Sabedoria, dessa vez o Maitreya ou Professor do Mundo, o líder da Hierarquia Espiritual e baseado nas mensagens que ele recebeu, palestrava pelo mundo para milhões de ouvintes.

A sinceridade de Crème não está em questão e diferente de Prophet, ele não lançou nenhuma calúnia em Alice Bailey. Porém seu zelo tomou proporções gigantescas. Ele alegava ter recebido sua primeira mensagem telepaticamente em 1959 e relutava em anotar o que era dito. Em 1974 formou um grupo de

meditação e entre os membros, eles receberam inúmeras comunicações, particularmente nos anos 1976 e 1977. Crème foi então encorajado, telepaticamente, a ir a público com o que lhes havia sido dito. Ele tornou-se o autonomeado profeta para a reaparição de Maitreya, que teria sido prevista pela própria Helena Blavatsky. Quando ele canalizou o Maitreya, tornou-se o Maitreya ou assim ele supôs e, portanto, naqueles momentos, achou ser o Cristo. Em 1975 fundou a Share International ou o Tara Centre, uma organização que hospeda reuniões e eventos e mantém o trabalho de Crème sendo impresso. Ele também coeditou a Share International, uma revista global lida em mais de 70 países e preocupada com a mudança política, econômica, social e espiritual. [11]

Crème chamou a atenção mundial em 1982 quando colocou anúncios de página inteira nos maiores jornais pelo mundo, afirmando que Cristo havia retornado à Terra para resolver os problemas mundiais e marcar o início da Nova Era de paz:

Crème explicou seu anúncio numa coletiva de imprensa lotada, em Los Angeles, em 14 de maio de 1982. Ele disse que Maitreya havia deixado sua moradia nos Himalaias e voou do Paquistão para Londres em um jumbo, onde vivia dentre a comunidade asiática desde 19 de julho de 1977. Crème depois explicou que Maitreya é um professor mundial iluminado que vem auxiliar a humanidade resolver seus problemas políticos, econômicos e sociais. “Ele não é um líder religioso,” de acordo com o anúncio, “mas um educador, no sentido mais abrangente da palavra – apontando o caminho para sair da nossa crise atual.” [12]

Através de suas ações, Crème prejudicou não só a sua própria reputação aos olhos de seus detratores, mas arriscou levar o público às gargalhadas com ele, fazendo muitos desprezarem tanto Helena Blavatsky quanto Alice Bailey também. Pode não haver dúvidas que por figuras como Crème e Prophet, o movimento EU SOU e outros, muito estrago foi feito às percepções da teosofia no meio acadêmico e na comunidade esotérica mais ampla. Não menos importante, porque todos esses movimentos são agrupados sob o mesmo guarda-chuva teosófico. A ignorância da existência dos Mestres poderia ter sido melhor do que uma percepção distorcida deles. Enquanto uma teosofista de terceira

geração com muitas outras controvérsias a cercando, Alice Bailey provavelmente foi a pior.

27

CEDERCRANS E LAURENCY

Dentro do segmento teosófico da comunidade esotérica, existe um debate considerável como quem tem a última palavra quando se trata da demonstração da sabedoria vinda da Hierarquia, alguns debatendo que foi Blavatsky e outros, Alice Bailey. E então existem aqueles que argumentam que a sabedoria oculta sempre continuará a verter, e depende de cada indivíduo avaliar os méritos de cada demonstração e comparar, contrastar e abordar as contradições pela combinação das hermenêuticas e exegese, assim como os teólogos abordam os textos religiosos. É claro que ao nível do pesquisador individual, cada um de nós favorece e gravita em direção daquilo que ressoa, o que pode levar ao afastamento de outras correntes e fluxos de sabedoria. Tal debate não inclui aqueles escritos prontamente dispensados como notoriamente inferiores ou pior, caricaturas, mas ao contrário, centraliza o trabalho de mérito escrito por aqueles que sinceramente desejam abraçar a Sabedoria Eterna. A busca teológica pela verdade e exatidão de vários ensinamentos ocultos apela ao intelecto ansioso por um conhecimento confiável. Para alguns, a busca pode constituir uma diversão, todavia intrigante e digna por si só, da prática de aplicar uma forma esotérica de conhecimento na experiência vivida tanto interna quanto externamente. Os estudiosos enquadrarão esse conhecimento e distinção de conhecimento referindo-se aos níveis ético e êmico de investigação. Há várias maneiras de abordar e envolver-se com a Sabedoria Eterna em ambos os níveis e é primariamente no nível ético que avaliamos vários corpos de trabalho esotéricos. À luz disso, uma biografia de Alice Bailey não estaria completa sem uma breve introdução a Lucille Cedercrans.

A mística e esotérica Lois Lucille Stickle Johnson Cedercrans Schaible (1921-84) nasceu em Bowmanville, Ontário, Canadá. A família mudou-se para os EUA logo após seu nascimento, onde enfrentou uma infância infeliz, sendo criada por pais sempre em rixa. Ela deixou a escola sem qualificações, casou-se e teve sete

filhos. Com sua vida cheia de atividades monótonas de dona-de-casa, ela não conhecia sua própria disposição mística esotérica. Então em 1948, quando tinha 27 anos, experimentou o inundar de sua mente com ideias estranhas. Finalmente, ouviu uma voz comunicando que ela estava prestes a entrar em uma nova fase de sua vida, e tornar-se uma professora da sabedoria. Uma noção surpreendente para uma mulher humilde e sem uma boa educação.

Lucille Cedercrans escreveu para o Mestre R (Rakoczi) entre outros, incluindo DK. Sua vida foi transformada. Diante da necessidade de fazer algo com a sabedoria que recebera, familiarizou-se com os ensinamentos teosóficos e começou a organizar grupos pelos Estados Unidos, onde ensinava meditação e seu "Novo Pensamento em forma de Apresentação da Sabedoria". Ela escreveu vários títulos, incluindo The Soul and Its Instrument and Ashramic Projections (A Alma, Seu Instrumento e Projeções Ashrâmicas, em tradução livre). Depois de gozar de duas décadas de sucesso, ficou doente com artrite reumatoide em 1972, ficando permanentemente incapacitada até sua morte, em 1985. [1]

Em sua biografia Luminous Sitting, Tortuous Walking (Encontro Iluminado, Caminhada Tortuosa, em tradução livre), Cedercrans expressa seu desânimo sobre as acusações de que teria plagiado os escritos de Alice Bailey, aparentemente expressados por aqueles próximos a Alice Bailey no final dos anos 1950 e um assunto que Zachary F. Lansdowne aborda em seu artigo "Cedercrans", escritos comparados à técnica de integração para o sétimo raio de Bailey". [2] Lucille alega ter escrito todo seu influente trabalho Nature of the Soul (Natureza da Alma, em tradução livre) nunca tendo antes encontrado os livros de Bailey e mais tarde, quando os encontrou, alega nunca ter nem mesmo lido completamente nenhum daqueles textos. [3]

Lansdowne sugere que Cedercrans cumpre uma das previsões de DK, especificamente de que certos discípulos escolhidos dos cinco Ashrams foram ou seriam treinados para contatar o público. A previsão foi feita em novembro de 1948. [4] Ao invés de abordar as alegações de plágio, ele emprega a análise de discurso na Técnica de Integração para o Sétimo Raio de DK, encontrado nos

livros de Bailey, à luz das declarações de Cedrecrans. Ele conclui que “Cedercrans parece basear-se nos materiais prévios de Bailey, no senso de esclarecer algumas das sugestões e frases obscuras de Bailey”. [5] Lansdowne comenta: “além do mais, a Técnica de Integração para o Sétimo Raio de Bailey parece ter antecipado a publicação subsequente do material de Cedercrans, pois cada segmento dessa técnica confusa parece ser esclarecido pelas passagens correspondentes de Cedercrans. [6] Isso é reforçado pela alegação de Cedercrans que o Tibetano estava envolvido na criação de seu material.

Muitos dentro do meio da Sabedoria Eterna aceitam a qualidade da produção de Cedercrans, considerando-o como uma versão reduzida e extrapolada, que, como Lansdowne afirma, pode servir para esclarecer porções obscuras dos livros de Bailey, mas não pode substituir a forma pura e original. Há, entretanto, certa dúvida referente à fonte, alguns debatendo que Cedercrans não desfrutou do contato ashrâmico com um Mestre como ela diz, mas sim de um iniciado.

Outra questão na mente do leitor poderia ser: se o trabalho de Cedercrans veio realmente de um Ashram, e os outros quatro citados na previsão de DK mencionada acima?

Henry T. Laurency

Outra figura importante na tradição da Sabedoria Eterna é Henrik Teofron Laurentius von Zeipel (1882-1971), mais conhecido pelo seu pseudônimo Henry T. Laurency. O filósofo esotérico nasceu no sudeste da Suécia e estudou filosofia na Universidade Uppsala. Ele dedicou a maior parte de sua vida ao estudo dos textos de Blavatsky, Leadbeater, Besant e Bailey. Tornaram-se de importância para Laurency a reputação desses ensinamentos dentro da comunidade intelectual e acadêmica. Para abordar isso, ele começou apresentando a teosofia como uma visão de mundo confiável para estudiosos e filósofos, em trabalhos incluindo The Philosopher’s Stone (A Pedra Filosofal), The Knowledge of Reality (O Conhecimento da Realidade), e uma série chamada Knowledge of

Life (Conhecimento de Vida, todos em tradução livre), publicados em inglês a partir de 1979 e escritos originalmente em sueco de 1930 a 1971. Aquelas edições foram publicadas em sueco de 1950 a 1998. [7]

Como parte de sua campanha para impressionar seus pares eruditos, Laurency pensou em tornar o conteúdo místico oriental da teosofia mais palatável à mente ocidental, usando fraseologia matemática, ou como ele a chamou, hilozoicos pitagóricos. Talvez problemático, na perspectiva dos céticos, Laurency então alegou que seus escritos lhe foram ditados por Hilarion, um adepto da Hierarquia. O contato de Laurency se alinha com o seguinte comentário de Um Tratado Sobre Magia Branca escrito em relação ao trabalho do Mestre R. e do Mestre da raça inglesa: “Eles foram auxiliados por um discípulo de rara capacidade na Suécia e por um iniciado da parte sul da Rússia, que trabalha muito nos níveis mentais.” [8]

Um olhar superficial no trabalho de Laurency revela uma escrita um tanto quanto sucinta, mas lúcida, precisa e seguramente com falta de atratividade para o pesquisador comum. Esse é um intelecto aguçado em ação. Claramente um acadêmico erudito com uma mente ansiosa por precisão, Laurency pode não ter tido um apelo em outros aspectos, como um estudioso sueco Håkan Blomqvist nota:

Estudantes que entram num estudo de Laurency imediatamente irão notar algumas peculiaridades em sua filosofia. Ele geralmente tem comentários muito críticos sobre a democracia, sem apresentar uma alternativa política. Isso poderia ser tido como desculpa para uma visão fascista, mas essa não é a interpretação correta. Laurency claramente é um oponente definido de todas as formas de totalitarismo. Sua total incompreensão da social-democracia é muito peculiar, e ele a equipara à ditadura comunista. Suas visões sobre socialismo definitivamente não estão em linha com suas esotéricas favoritas, Blavatsky e Bailey. [9]

É improvável que essa seja uma visão compartilhada pelo autor e esotérico sueco Lars Adelskogh, que traduziu os volumes de Laurency para o inglês, e atualmente possui os direitos autorais. Ex-editor-chefe da edição sueca da Nexus – uma revista australiana que publica artigos sobre teorias conspiratórias e medicina alternativa –, Adelskogh é considerado um revisionista do Holocausto. [10]

A repulsa de Laurency sobre o totalitarismo é certamente uma atitude compartilhada por Alice Bailey. Entretanto, pode ser aí que a conexão acaba pois Laurency é um crítico de Alice Bailey. Em seu livro Knowledge of Life Three (O Conhecimento da Vida - 3, em tradução livre), ele a repreende, ainda que de maneira solidária, sobre a qualidade seus escritos. Com toda justiça, ele reconhece as circunstâncias difíceis de sua vida pessoal, a falta de treinamento acadêmico e as limitações do idioma inglês, enquanto também nota a infiltração de descrições cristãs no idioma, que ele acredita virem não de DK, mas dela. Laurency argumenta que Alice Bailey foi enviada para “conquistar os emocionalistas para quem o sentimento é o fator mais importante”. [11] Uma vez que muitos desses emocionalistas tiveram educação cristã:

Sendo uma antiga adepta da cristologia, A. A. B. achou mais fácil (o que provavelmente foi também a intenção) usar sua antiga perspectiva cristã ao escolher termos para ideias esotéricas. Seus escritos estão cheios de palavras e frases do “Novo Testamento” para que então os cristãos possam se identificar com isso e não serem repelidos de uma vez por uma terminologia estranha. [12]

Quando Laurency critica os escritos de Bailey em sua dissertação sobre O Reaparecimento do Cristo, que aparece em seu livro Knowledge of Life Five (O Conhecimento da Vida - 5, em tradução livre), onde existem discrepâncias relativas à sua escolha de linguagem. Ele culpa suas habilidades, que representaram um obstáculo para DK, que ele tem em grande consideração. Ele não é cruel desnecessariamente com Alice Bailey, em vez disso, ele é um tanto aflito com as capacidades dela, como se reiterasse o comentário de Elise Sandes na Irlanda, quando, uma vez que não havia ninguém adequado disponível para

assumir o trabalho na Índia, Alice teria simplesmente que fazer. Vindo da observação da Srta. Sandes sobre uma jovem inocente de 22 anos que estava prestes a enviar para cuidar das casas dos soldados, tal observação é inteiramente apropriada. De Laurency, não se poderia deixar de notar o parecer paternalista, embora em seus comentários, de forma alguma negligencie as realizações dela de escrever 24 volumes, muitas vezes densos e volumosos, ou em administrar sua Escola Arcana e estabelecer a Fundação Lucis com seus programas subsidiários, a The Beacon, a Triângulos e a Boa Vontade Mundial. Sua preocupação sempre foi a pureza da escrita esotérica, a necessidade de clareza e precisão para garantir que as ideias e a realidade fossem retratadas da forma mais adequada possível. Mais luz é lançada na opinião de Laurency sobre Alice Bailey ao considerar a sua condenação contundente de Helena Roerich como "impostora" com a sua "suposta agni-ioga", precisamente porque ela, por sua vez, criticou severamente Alice Bailey. Ele também interpretou os escritos de Roerich como um "misticismo emocional". [13]

28

DOCUMENTOS ACUMULADOS

Quando Marian Walter deixou a sede de Nova Iorque da Fundação Lucis para seguir a Aspirantes ao Portal II independentemente, levou consigo Louise Benesch, que era secretária pessoal de Alice Bailey e amiga íntima de Walter. A evidência da formação de uma aliança entre as duas pode ser encontrada numa carta datada de agosto de 1946, onde DK aconselha o marido de Louise, Bernard Morrow – irmão de William Morrow e LUT (sigla em inglês para Love, Understanding, Transmutation): Amor, Compreensão, Transmutação no Glamour DINA, grupo dos nove e o Grupo Nova Semente – que, "RSW [Marian Walter] não lhe ajuda, tanto quanto tentou fazer. Ela não lhe aceita ou reconhece pelo que é – um homem cuja natureza inferior domina a maior parte do tempo, mas de quem a intenção básica é identificação com a natureza superior; ela o vê diferente e sua garantia junto dessa linha não é ajudar." [1] A carta foi escrita depois que Alice Bailey encerrou suas palestras às sextas-feiras, tendo tudo menos desistido de encontrar uma solução para a administração da Escola Arcana.

Quando Walter deixou a fundação, Benesch foi também. Elas não saíram de mãos vazias. Walter levou material para usar em seus conjuntos de estudo na Aspirantes ao Portal, incluindo cópias de artigos ashrâmicos do Tibetano e material da Escola Arcana produzido por Alice Bailey. Havia também cópias de artigos e dissertações escritos pelos estudantes da Escola Arcana. Num surpreendente ato de maldade, Walter também levou o incenso presenteado a Alice Bailey pelo Tibetano através de Henry Carpenter, incenso de enorme valor simbólico, um tesouro e peça única de evidência concreta que une Alice Bailey e DK. Levar o incenso sugere que Walter tenha obtido furtivamente seu esconderijo, com ou sem a ajuda de um cúmplice. Benesch já teve ou tomou naquela conjuntura todos os documentos pertencentes aos Mistérios Universais Antigos. [2]

Toda uma mística construiu-se sobre o esconderijo, girando sobre uma afirmação feita por Benesch de que Alice Bailey disse-lhe para acumular o material AUM até mais tarde no século, quando apareceria alguém, alguém que estava destinado a ter os documentos e que pudesse avançar o trabalho.

Não há evidência de que isso alguma vez foi dito, quanto mais como foi dito e, portanto, se foi mal interpretado. Como é evidente no capítulo anterior de Marian Walter, observações feitas nas cartas do Tibetano eram capazes de serem mal interpretadas. A alegação de que ela deveria acumular os documentos permanece uma crença sem comprovação na mente de Benesch. O que se sabe é que ela acreditava sinceramente na afirmação.

Em 1977, Benesch foi apresentada por seu filho a um jovem maçom e mestre de loja, com quem ficou impressionada depois de ler seus artigos sobre maçonaria. O nome dele é Keith Bailey. O sobrenome é coincidência.

Baterista por profissão, Bailey (ab. 1949-) era bem conhecido na cena do jazz britânico e uma vez teve a oportunidade de tocar com Jimi Hendrix. [3] Bailey trabalhou na Fundação Lucis em Londres em 1974-1975 antes de desenvolver um interesse repentino na maçonaria. Para esse fim consultou outra colaboradora e ex-presidente da Radionic Association, Lily Cornford (1906-2003). Importante terapeuta da cor, Cornford fundou a escola de cura Maitreya em 1974. [4] Ela também inspirou a renomada cantora, compositora e amiga íntima, Kate Bush, a escrever uma canção sobre ela. [5] Cornford arrumou para que Bailey participasse de uma loja comaçônica em Londres. Ele aprendeu rápido e em pouco tempo se mudou para Nova Iorque, lá se juntando e se envolvendo bastante com uma loja.

Bailey visitou Benesch a convite dela em sua casa em Washington. Lá, ela lhe questionou sobre o que sabia sobre os Mistérios Universais Antigos. Uma vez satisfeita por ter encontrado a pessoa que Alice Bailey havia indicado que viria,

disse a Keith Bailey que ele era a pessoa que estava esperando e prontamente passou adiante todos os documentos da AUM.

De acordo com Bailey, o Tibetano havia começado a dar as instruções AUM semestralmente desde o Wesak em 1935 e em algum momento do início até a metade da década de 1940, Alice Bailey encerrou o projeto devido ao tempo de seus compromissos e preocupações sobre a direção que o projeto estava tomando. Bailey afirma que Alice Bailey disse à Benesch para acumular o material em baús. [6] A menção de “baús” compôs uma mística sobre a quantidade de material que chegou às mãos de Keith Bailey. Um baú pode ser outra palavra para um tipo de mala que vêm em vários tamanhos, grandes e pequenos. Além disso, instruções bianuais dadas por quase dez anos equivaleriam a cerca de 40.000 palavras. Presumivelmente, o grupo fundador AUM teria continuado a produzir material associado. A quantidade pode ter sido substancial, mas é improvável que tenha enchido mais do que um baú pequeno. Pode-se razoavelmente assumir que, se Alice Bailey usou a palavra “baú”, referia-se não ao volume, mas à capacidade do recipiente de esconder e manter seguro.

Através de Benesch, Bailey foi apresentada à Walter e as duas começaram a explicar os detalhes da AUM e de como Alice Bailey havia deixado muito claro de que ela não queria o projeto associado com a Escola Arcana. Keith Bailey tomou isso como um imperativo e se esforçou para cercar a AUM e mantê-la separada e distinta.

Ele honrou seu mandato e continuou a estabelecer e desenvolver a Mistérios Universais Antigos com um website e 11 lojas estabelecidas pelo mundo. Essas lojas recebem cerimônias abertas e os simpósios maçônicos AUM. Um mestre maçônico conhecido é o autor e orador público Kevin Townley, que fez contribuições significantes à compreensão contemporânea do tarô e do pensamento cabalístico. [7]

Através de suas palestras dadas a grupos de comaçons pelo mundo, Bailey

esperava expandir ainda mais sua influência e obter aceitação dentro da comunidade mais ampla da coMaçonaria, um movimento com uma longa associação com a Sociedade Teosófica. Infelizmente, parece que seus esforços não foram bem recebidos e sua campanha aparentemente foi frustrada em janeiro de 2000, quando, de acordo com uma circular postada no fórum da luz maçônica, o Conselho Supremo dos CoMaçons fez uma publicação anunciando:

Depois de examinar a Constituição da Grande Loja Mistérios Universais Antigos (AUM), o Conselho Supremo instrui os Representantes do Conselho Supremo para Federações, Delegados do Conselho Supremo para Jurisdições e RR.WW.MM. de Lojas Pioneiras a suspender todas as relações com a Grande Loja Mistérios Universais Antigos.

Consequentemente a dupla filiação não seria autorizada.

O Conselho Supremo exige observância rigorosa dessa circular. [8]

Não é claro na circular o alcance desta diretiva, mas a discussão ao redor do fórum indica que muitos comaçons foram forçados a escolher. Se é verdade, esse aparente retrocesso teria sido uma decepção considerável para Bailey, que havia dado seus melhores esforços à expansão do projeto AUM.

No final dos anos 1970 ou começo dos 1980, Walter apresentou Bailey para o renomado professor da Sabedoria Eterna e psicólogo, Michael Robbins. Walter colocou os dois sob suas asas e os guiou por quatro anos. Nessa época, os homens receberam um relato do que aconteceu depois da morte de Alice Bailey em 1949, da perspectiva de Walter.

Walter faleceu em 1988 e os dois homens afirmam que o testamento dela contém um anexo passando a propriedade de todos os documentos dela para eles,

incluindo todos os documentos que foram tirados da sede da Fundação Lucis no começo dos anos 1950. [9] Ambos escolheram manter o direito exclusivo ao material, uma decisão que causou uma ruptura danosa na comunidade de Alice Bailey.

Após a morte de Walter e em conformidade com o anexo do testamento, os documentos foram entregues no endereço da casa de Mary Ann Casalingo em Nova Jersey, que serviu como sede do novato Seven Rays Institute (Instituto Sete Raios), fundado por Mary Ann, Dot Maver e Michael Robbins. O depósito de oito caixas, cada uma com o tamanho aproximado de uma caixa de 12 garrafas de vinho, foram avistadas por Geoffrey Logie – que recentemente havia voltado de viagem da Nova Zelândia – antes de aparentemente ficar dividido entre Bailey e Robins, Bailey, por motivo desconhecido, tem a maior parte. Naquela época, o material que Walter tinha em sua posse incluiria todos os conjuntos do Aspirantes ao Portal II, materiais associados e artigos de dissertação dos estudantes, junto com artigos pertencentes ao seu projeto do Grupo dos Nove, que comandou nos anos 1980, junto com qualquer coisa que ela possa ter iniciado nas décadas seguintes. Logie viu os artigos de dissertação e estudo pertencentes a vários discípulos, alguns artigos originais pertencentes a Alice Bailey e o incenso. [10]

Cerca de 15 anos se passaram antes que o assunto viesse à mente. Em 2005, o astrólogo esotérico Stephen Pugh uniu-se à The Polaris Project (O Projeto Polaris, em tradução livre), um grupo no Yahoo reunido para avaliar a comunidade global de Bailey, articular a história do grupo e estudar os aspectos fundamentais dos ensinamentos. [11] O problema para o grupo eram os documentos ausentes. Pugh e outros discutiam que um arquivo com todo o material de Bailey deveria ser criado, documentos digitalizados e disponibilizados para todos, através de uma biblioteca universitária ou algo similar. Advogando a causa, ele estava ansioso para acessar o material acumulado e empenhou-se para persuadir Bailey e Robbins para liberarem o que possuíam. Os homens recusaram-se (e ainda recusam-se). Eles também recusaram-se a divulgar o conteúdo do depósito, o que pode muito bem significar pouco mais do que os documentos da AUM e os documentos associados aos projetos de Walter e alguma coisa mais, além do incenso do

Tibetano, que certamente pertence a outro lugar. Ou o depósito pode conter pelo menos um ou dois documentos de importância.

Pugh adquiriu todos os conjuntos de estudo do Aspirantes ao Portal II em 1985, de um associado que os encontrou num sótão na Flórida, e é bem provável que já tenha boa parte do material vital na porção de Robbins do depósito. [12] Mas ele segue convencido de que Robbins mantém mais em segredo e persistiu por algum tempo tentando persuadir Robbins a se abrir.

Não é uma busca insensata. Cópias das meditações zodiacais foram descobertas escondidas ou enterradas na Escola de Estudos Esotéricos em 2005, em má qualidade, com áreas em branco e outros fragmentos quase não decifráveis. Havia apenas três meditações. Ninguém sabe se as outra nove existem e é natural imaginar que elas podem formar parte nos documentos acumulados. A fonte das meditações zodiacais é incerta, porém como notado pelo então diretor da Escola para Estudos Esotéricos, John Cobb, os documentos carregam a frase “Grau de Discípulos”, no estilo de outros poucos documentos originais da Escola Arcana, junto com a assinatura de Frank Hilton. [13]

Infelizmente, a troca incrivelmente amarga que ocorreu no fórum Polaris, em e-mails particulares e depois no Facebook, baixaram até uma disputa sobre a integridade de Marian Walter. A comunidade Bailey começou a perder estudantes. [14] Somado a uma situação já tensa, um incêndio devastador teve início no rancho Santa Fé em 2007, lar de Keith Bailey. Se houve algum estrago em sua parte do depósito e dos documentos AUM, não se sabe, apesar de alguns suspeitarem que poderia ser esse o caso.

Depois de examinar bem de perto a evidência que a mim foi disponibilizada, é de minha opinião que existe pouco material além dos documentos AUM, documentos da própria Walter e cópias de documentos mantidos pela Escola de Estudos Esotéricos e a sede da Fundação Lucis. [15] Porém, a lamentável situação continuará até que Bailey e Robbins sejam francos. Enquanto isso, ninguém sabe

ou está preparado para revelar o que aconteceu com todas as cartas e documentos pessoais de Alice Bailey, ou as muitas centenas de milhares de cartas que ela escreveu aos estudantes, acadêmicos, políticos e inúmeros outros em lugar de prestígio.

A questão dos documentos que sumiram alimenta uma questão maior, uma de prestação de contas e fontes. Diz-se que Robbins tem feito uso do material no depósito de Walter sem dar acesso à comunidade esotérica para os documentos em questão, um assunto levantado no The Polaris Project. Parte daquele material diz respeito a cópias de cartas do Tibetano para membros dos seus grupos DINA. Porções daquelas cartas foram redigidas por várias razões editoriais por Regina Keller antes da publicação. Uma questão que preocupa é uma aparente previsão de que a Era de Aquário começa em 2117 e que DK supostamente afirmou numa carta para Roberto Assagioli em 1940: “Sugiro que outros 177 anos devem passar antes de entrarmos no que vocês chamam de o último decano de Aquário, mas que pode, de um certo ponto de vista, ser o primeiro decano.” [16] Tal previsão significa muito para os estudantes da Sabedoria Eterna, muitos dos quais desejariam ver a carta original antes de confiar na afirmação. [17]

O grupo também estava preocupado que uma lista de estrelas fixas aparecendo no The Tapestry of the Gods (A Tapeçaria dos Deuses, em tradução livre), de Robbins, é idêntica à que aparece nos conjuntos de estudo de Walter do Aspirantes ao Portal II, uma lista que Walter então extrapola pela correspondência da seguinte maneira. [18]

Star I .....Benetnasch = Head centre (1000 Petalled Lotus) = Ray 1.

Star II .... Mizar ..... Ajna centre ..... Ray 2.

Star III .... Alioth ..... Alta major centre and throat centre .. Ray 3.

Star IV .... Megrez ..... Heart centre ..... Ray 4.

Star V .... Dubhe ..... Solar plexus centre ..... Ray 5.

Star VI .... Merak ..... Sacral centre ..... Ray 6.

Star VII ... Phegda ..... Base of spine centre ..... Ray 7."

Marian Walter, Applicants at the Portal Study Set VII

Em seu crédito, Robbins reconhece que “o Tibetano não vai tão longe em atribuir um raio particular para uma estrela em particular, mas há uma forte razão para pensar que os sete raios devem ser associados com as estrelas na ordem dada acima”. [19] Infelizmente, não há referência a Marian Walter.

Outra questão que é inquietante para alguns, refere-se à publicação de Robbins do material redigido em cartas do Tibetano para Roberto Assagioli sobre os judeus e o sionismo, que Robbins então discute em um post no website do astrólogo Phillip Lindsay. [20] Sem acesso à fonte primária, os leitores devem considerar a exatidão do texto citado. Essas questões levantam preocupações para aqueles com disposição acadêmica em relação à autenticidade e precisão citada do material fonte, que pode-se dizer, deveria estar no domínio público de alguma maneira. [21]

29

AVANÇO DOS ENSINAMENTOS

Enquanto a maioria dos estudantes de Bailey têm aplicado os ensinamentos como praticantes em várias modalidades de cura, grupos de meditação ou silenciosamente vivem suas vidas de acordo com a Sabedoria Eterna, algumas vezes misturando-se em outras fontes de sabedoria, um pequeno número de seguidores buscou avançar a psicologia esotérica ou alma ao extrapolar e desenvolver os ensinamentos, particularmente aqueles contidos no Um Tratado sobre os Sete Raios.

Entre eles está Kurt Abraham, um ex-aluno da Escola Arcana que estudou os textos de Bailey por mais de 40 anos. Abraham fundou a Escola para o Estudo dos Sete Raios, nos anos 1990. Ativa ainda hoje, a escola oferece um curso gratuito para estudar em casa, enviado por Abraham, baseado em seus trabalhos coletados, que são publicados pela Lampus Press, sua marca própria. Como renda, a organização conta com as vendas de livros e doações de estudantes. É impossível determinar seu alcance, mas seu website afirma ter entregado seu ensino de três anos aos alunos de inúmeros países pelo mundo. [1] A Fundação Lucis, que raramente apoia os trabalhos daqueles de fora de sua unida organização, lista os livros de Abraham em seu website, servindo como uma aprovação da qualidade de sua produção.

Em seus textos, Abraham reformula a linguagem dos ensinamentos de DK para deixá-los mais acessíveis àqueles que não são estudantes das obras. Ele dá um bom exemplo do estilo de pensamento e escrita que apareceu dos pensamentos esotéricos mais obscuros de Bailey, incluindo seu cuidadoso trabalho Threefold Method for Understanding the Seven Rays (Método Triplo para Compreender os Sete Raios, em tradução livre), que disponibiliza um detalhado e acessível

estudo de caso dos raios. [2]

Conhecido no campo não acadêmico da psicologia esotérica está o supracitado Michael Robbins, um professor dos sete raios e astrologia esotérica, entregando cursos para estudantes internacionalmente. Robbins escreveu uma série de comentários sobre os ensinamentos de Alice Bailey e compôs 15 musicais, rituais cerimoniais teatrais criados para invocar e expressar as energias dos signos zodiacais. Junto com sua esposa Tujia Robbins, ele também opera a escola Northern Light Mystery, na Finlândia. [3]

Em 1985, Michael Robbins cofundou o Seven Ray Institute (Instituto Sete Raios), e dois anos depois, a sua organização irmã, a Universidade dos Sete Raios, que está registrada como uma organização educacional sem fins lucrativos nos Estados Unidos e forneceu workshops, seminários e programas educacionais. Entre 1985-1999, a universidade publicou o Journal of Esoteric Psychology, uma coleção bianual de artigos não revisada por seus pares, sobre uma variedade de tópicos, incluindo Os Sete Raios e astrologia esotérica. Através da conferência anual do Institute of the Seven Rays feita em Phoenix, Arizona, num período de 14 dias, muitos outros ganharam discernimento no campo. A conferência internacional está agora em seu 34º ano.

Outra organização associada com Robbins e dedicada a dar ensinamentos é a Morya Federation. [4] Estabelecida em 2008, a federação fornece webinars e programas, e promove várias organizações similares que trabalham em cooperação com e formam parte da rede de Robbins.

No final de 2019, a Federação assumiu os programas previamente oferecidos pela Universidade dos Sete Raios e agora os oferece online, através de webinars, disciplinas, mentores e conselheiros. Os cursos são gratuitos, as doações incentivadas. A federação Morya oferece três áreas de estudo principais: Missão meditação; A Grande Missão; e Missão Universal, todas envolvendo meditações, estudo, relatórios escritos, contato com uma gama de tópicos incluindo o Tratado

sobre o Fogo Cósmico, os Raios, Glamour e astrologia esotérica. Todos os materiais destilam a Sabedoria Eterna

Um quarto website sob a faixa de Robbins é o portal online Makara, que dá acesso a todos os escritos de Robbins, um vasto depósito de webinars e comentários sobre os livros de Bailey, junto ao acesso aberto dos seis volumes de sua série The Tapestry of the Gods (A Tapeçaria dos Deuses). Ele também desenvolveu uma ferramenta de autoavaliação online, que fornece perfis de identidade pessoal para as várias combinações de raios. [5]

Pelos esforços louváveis de Robbins e membros do departamento dando cursos em vários programas educacionais oferecidos, a Universidade dos Sete Raios tem sido influente na promulgação da psicologia esotérica, ou raiologia como às vezes é chamada, fornecendo uma alternativa à Escola Arcana e à Escola de Estudos Esotéricos. Estudantes estabeleceram websites, organizações ou incorporaram o entendimento deles dos raios em suas próprias práticas.

Michael Robbins e suas organizações são amplas quando se trata de ensinar, aprender e experimentar, e tornaram-se algo como um centro completo de serviços.

Os graus simbólicos obtidos na Universidade dos Sete Raios não tem credenciamento acadêmico formal, os próprios ensinamentos de Robbins não foram publicados amplamente fora de seu próprio meio e parece pouco se algum progresso em trazer essa nova especialidade à atenção de seus pares acadêmicos tem sido feito através de Robbins – que afirma ter um PhD em psicologia junto com um PhDE em filosofia esotérica de sua própria organização – mas ao fundar suas organizações, Robbins fez uma contribuição substancial em avançar os ensinamentos, atraindo para a Sabedoria Eterna aqueles pesquisadores da Nova Era que poderiam de outra maneira não terem tido um interesse profundo, e revigorou os ensinamentos com energia renovada e conhecimento. O acima mencionado The Tapestry of the Gods (A Tapeçaria dos Deuses), que “elucida a

ciência dos Sete Raios e a nova e em desenvolvimento ciência da psicologia esotérica", "fornece um profundo conhecimento sobre a manifestação dos Raios no sistema energético humano ao explicar como combinam, unem-se e se misturam diversamente", e "uma meticulosa análise das aplicações evolucionárias e psicoespirituais dos raios de energias para o sistema de energia humano em desenvolvimento", sem dúvida, sua maior contribuição ao novo campo. [6] No momento que escrevo, só um dos dez volumes de The Tapestry of the Gods está disponível para compra em livrarias virtuais.

Assim como todas as instituições centradas ao redor de uma figura carismática representativa, se erguem os perigos de devoção, obediência e promoção de uma mentalidade popular, algo a que o movimento da Nova Era tem uma tendência em especial. Essa tendência enfraquece a própria essência da tradição da Sabedoria Eterna, que é orientada não para nenhuma forma de idolatria, mas para o serviço mundial, uma questão de suprema importância para a Hierarquia e que forma o alicerce dos livros de Bailey. Nenhum grupo espiritual, não importa quão exclusivo seja, está imune. O que talvez seja o motivo, apesar de sua popularidade óbvia, que Robbins escolheu um estilo mais distante e impessoal de entrega, através de seus webinars e sua federação.

Um ramo da Universidade dos Sete Raios foi fundado na Nova Zelândia quando o professor de sabedoria esotérica e autor, Bruce Lyon, a arquiteta Lynda Vulgar e Vicktorya Stone estabeleceram a Highden School, na requintada Highden Manor na Ilha Norte, em 2000. Finn Anderson do Hummelgarten Healing Centre, Dinamarca, foi o primeiro a financiador a propriedade. A escola oferecia workshops residenciais, cursos e festivais de arte e funcionou por três anos, período durante o qual o centro atraiu vários luminares na comunidade Bailey, incluindo Michael Robbins, Phillip Lindsay e Stephen Pugh, desfrutando de uma breve, mas vívida história. Highden Manor foi então vendida devido a pressões financeiras na Dinamarca e foi readquirida por Bruce Lyon em 2000, deu um nome novo, Highden Temple, e serviu como base para sua escola Shamballa. [7] Lyons mistura a Sabedoria Eterna com as tradições da escola xamânica e de mistério:

Um lado dessa cidadania é encontrado numa expressão da terceira fase dos ensinamentos trans-himalaios.... rastreando sua linhagem através do trabalho pioneiro de indivíduos como: Bruce Lyon, Alice A. Bailey, Helena Roerich, Lucille Cedercrans, Rudolf Steiner, Francia Le Due, e Helena Blavatsky. Nesse aspecto, é parte de uma transmissão em desenvolvimento contínuo do propósito planetário da Shamballa através da Hierarquia, a comunidade de bodhisattvas liberados e mestres nos planos internos que coletivamente incorporam o chacra cardíaco planetário, para a humanidade.

O segundo lado está ancorado na espiritualidade universal emergente e em reconhecimento de que realmente existe uma única tradição, que é nosso despertar cósmico, uma tribo de toda a humanidade e um fogo eterno que é Vida. [8]

Sob os auspícios de sua escola, Lyon organiza eventos pelo mundo todo, variando na duração de alguns dias até seis semanas. Sua abordagem exemplifica a combinação de várias tradições baseada em elementos de cada uma, escolhidas a dedo e encontradas no movimento Nova Era. Alguns podem acusar Lyon de diluir os ensinamentos de DK. Outros podem apontar que ele traz a tradição da Sabedoria Eterna para um público recente.

Diversas abordagens da Sabedoria Eterna são abundantes. Digno de nota é o artista Duane Carpenter, que produz símbolos esotéricos dinâmicos para transmitir os significados mais profundos dos ensinamentos de Bailey e evocam respostas no observador. Professor da Universidade dos Sete Raios, seu objetivo primário é ajudar a preparar a humanidade para o reaparecimento de Cristo através do conclave de 2025 da Hierarquia Espiritual. Carpenter desfruta de um alto perfil em inúmeros grupos de Facebook orientados em DK. [9]

Além do meio da Universidade dos Sete Raios, outro colaborador notável à promulgação da psicologia esotérica é o astrólogo e médico britânico Douglas M. Baker (1922-2011). Ele foi um autor prolífico de algumas centenas de livros, incluindo volumes sobre astrologia esotérica, cura e psicologia. Baker deu

milhares de palestras, ajudou a desenvolver a tendência em medicina alternativa e fez uma contribuição significativa para a astrologia esotérica. Seus Esoteric Psychology: The Seven Rays (Psicologia Esotérica: Os Sete Raios) e The Seven Rays: Keys to the Mysteries (Os Sete Raios: Chaves de Mistérios, ambos em tradução livre) redefiniram a Sabedoria Eterna, tornando-a um pouco mais acessível ao leitor interessado. [10] Não importa o que se pense sobre a qualidade de sua escrita ou as várias direções que tomou – no final de sua vida, tornou-se especialmente interessado em Energia Escura e Matéria Escura –, Douglas Baker merecer ser elogiado por sua dedicação.

Os não esotéricos que buscam sabedoria e conhecimento devem se contentar com abordagens indiretas para o avanço da psicologia dos sete raios, como encontrado no trabalho do estudante de Assagioli, o autor, psicoterapeuta e filósofo Pierro Ferruci, cujo livro Inevitable Grace (Graça Inevitável, em tradução livre) contém sete capítulos sobre os sete caminhos, cada um correspondendo de maneira velada a um dos sete raios. O livro constitui uma valiosa contribuição ao campo. Será por trabalhos como os fornecidos por Ferruci que o avanço da psicologia esotérica se infiltrará na corrente dominante. [11]

O que falta em relação à psicologia esotérica, ou de fato, com respeito a toda obra de Bailey, é o avanço dos ensinamentos na esfera acadêmica. Em parte, isso pode ser atribuído à falta de respeito por Alice Bailey de estudiosos importantes no campo do esoterismo ocidental. Porém, como o estudioso David C. Borsos nota, “o corpus de Bailey constituiu um modelo específico, moderno, compreensivo e coerente, que pode fazer poderosas contribuições para muitas áreas do pensamento acadêmico.” [12] Borsos faz parte de uma pequena coorte de alunos de Bailey que reconhece uma oportunidade perdida. “Para que os ensinamentos do Tibetano alcancem o público mais amplo, a intelectualidade e os acadêmicos, é importante para os estudantes de Bailey abordarem, criticarem e incorporarem ideias que circulam hoje na esfera pública, ao invés de focar exclusivamente em escritos esotéricos ultrapassados.” [13] O que é exigido e o que é esperado para os que estão nos ensinamentos, é o esforço sustentado, concentrado por mentes superiores iluminadas para promulgar os ensinamentos a fim de que exerçam influência em vários campos. Em vez disso, como Borsos

nota, a comunidade Bailey desmorona quando se trata de chegar à comunidade em geral, preferindo se voltar para dentro, subjetivamente, fixada em rituais de meditação e não muito mais que isso.

A Fundação Lucis

A Fundação Lucis é a mais influente de todas as organizações inspiradas por Bailey, posicionando-se como a autoridade editorial dos livros, administrando a Boa Vontade Mundial, a Escola Arcana, a The Beacon e a Triângulos, apresentando Alice Bailey ao mundo. A fundação é descrita pelo estudioso Steven Sutcliffe, que visitou a sede de Londres em 1996, por operar “mais como um departamento do governo ou uma empresa de corretores” do que como uma organização religiosa. “A atmosfera era calma, sóbria e um tanto quanto burocrática: a impressão geral era de um pequeno negócio ou empresa de família.” [14] Sutcliffe achou a Fundação austera. Talvez essa austeridade possa ser atribuída ao comprometimento da fundação em reter a integridade da estrutura e mandato da organização original.

A Fundação é administrada por um pequeno conselho de funcionários remunerados e conta com voluntários para ajudar no trabalho de escritório. O conselho compreende discípulos treinados e comprometidos em estimular a unidade do propósito da Fundação e em conformidade com ela. Ninguém de fora do conselho de diretores tem nenhuma influência nas decisões e operações da Fundação. As posições no conselho de sete curadores são mantidas firmemente – não há votos de membros – e a Fundação é financiada por grandes e pequenas doações. Mary Turner (Bailey) foi eleita como presidente em 1957, ficando no cargo até 1984, um mandato de quase 30 anos. A presidência era então compartilhada entre Perry Coles em Nova Iorque e Winifred H. (Jane) Brewin, que ocupava a cadeira em Londres. Um ano depois, Jan Nation substituiu Brewin. Coles se aposentou em 1989 e foi substituído por Sarah McKechnie, e juntas, McKechnie e Nation mantiveram seus papéis como codiretoras por cerca de uma década até 1997, quando Nation renunciou. Daí em diante, McKechnie atuou como presidente de todas as filiais da fundação em Nova Iorque, Londres

e Geneva. Quando McKechnie renunciou em 2012, depois de ficar no cargo por 23 anos, Christine Morgan assumiu o cargo, que mantém até hoje. [15]

A Fundação é financiada por doações, heranças e doações especiais. Em 2018, as despesas excederam a renda em quase US$ 500 mil, devido uma arrecadação menor e à compra de um condomínio com vista para as Nações Unidas na sede de Nova Iorque. O website da fundação opera em sete idiomas e deixa todos os livros de Bailey disponíveis gratuitamente. A Escola Arcana tem seu próprio website interativo, para facilitar a administração. A Fundação produz vídeos promocionais sofisticados e profissionais para alguns de seus eventos.

As vendas de livros da The Lucis Publishing Company em 2018 “mostrou significante melhoria em relação ao ano anterior (mostrado em parênteses): 3.676 (2.675) publicações; 69 (55) CD-ROM; 384 (421) audiobooks; e 1.849 (1.303) e-books. Os três mais vendidos, entre todas as plataformas, foram Um Tratado Sobre Magia Branca, Cura Esotérica e Psicologia Esotérica Vol. I.” [16] As vendas globais de brochuras dos 24 livros e outros volumes de Bailey em várias línguas, totalizando cerca de 100 vendas por livro, se divididos igualmente, parece pouco. As vendas de e-books de apenas 50 cópias por livro é ainda pior. É difícil imaginar estudantes usando as versões gratuitas online como textos de estudo, e livros não são coisas para serem emprestadas, passadas por aí e compartilhadas. A única conclusão que pode ser tirada é que um novo interesse em Alice Bailey e seus ensinamentos diminuiu, apesar da grande melhora nas vendas em comparação com o ano anterior. Porém, qualquer redução no número de vendas de livros não se reflete no interesse e apoio contínuos de colaboradores e apoiadores.

A The Beacon continua a manter um alto padrão, com as edições de outubro-dezembro de 2019 e janeiro-março de 2020 contendo uma série de matérias inspiradas em Bailey, perspicazes e relevantes, que refletem questões globais contemporâneas incluindo “Africa and the Planetary Picture (A África e a Imagem Planetária)”, por Bette Stockbauer, “The Paradoxical Utopia of Piet Mondrian (A Utopia Paradoxal de Piet Mondrian)” por Anne Woodward e “Pluto

and Global Economics (Plutão e a Economia Global)” por Christine Aagaard. [17]

Uma conquista excepcional da Fundação são as meditações mensais no Global Full Moon e os festivais concomitantes, que atraem uma grande quantidade de participantes pelas Unidades de Serviço espalhadas pelo mundo, incluindo a Boa Vontade de Sydney. Campanhas especiais incluem a Páscoa e festivais Wesak, Dia da Invocação Mundial, a Boa Vontade Mundial e a Conferência da Escola Arcana.

O seminário da Boa Vontade Mundial “Em Ressonância com a Terra Viva”, realizado em Londres em 2018, destacou palestras do matemático e físico Jeremy Dunning-Davies, diretor executivo da Fundação Psicossíntese Jen Morgan e o consultor de gestão de grande importância, Giles Hutchins. [18] A conferência anual da Escola Arcana é realizada durante um fim de semana em junho, e tem como atração palestrantes de calibre similar. A psicoterapeuta Dina Glouberman, o CEO da empresa de energia verde da Tanzânia, John Tate e o Professor Associado de ciência da computação, Norun Sanderson, falaram na conferência em 2019. [19] Todos esses palestrantes exploram os ensinamentos de Bailey de alguma maneira, e todos se dirigem a um público de simpatizantes de Bailey. A trajetória do pensamento é mais para dentro do que para fora no mundo em geral, e ela não faz nada para resolver a questão da volta para dentro, levantada por Borsos anteriormente. Os ensinamentos de Bailey merecem ser conhecidos muito mais amplamente.

O festival de sete anos do Novo Grupo de Servidores do Mundo realizado em dezembro, o último em 2019, mais uma vez fornece uma grande variedade de palestrantes. Esse festival é realizado para ajudar a energizar todos que participam em elevar a humanidade. “Os escritos de Alice Bailey afirmam que a cada sete anos as energias de Capricórnio são aumentadas pelas forças de uma constelação muito maior que é, para nosso zodíaco, o que o zodíaco é para a Terra. Isso dá um tremendo ímpeto ao trabalho do Novo Grupo de Servidores do Mundo.” [20]

Não pode haver dúvidas que a Fundação Lucis trabalha duro para manter a integridade dos ensinamentos de Bailey, e esforça-se para personificar e levar adiante as ideias e valores centrais sobre os quais Alice Bailey formou sua organização. O conselho de diretores deve ser elogiado por seus esforços. Porém, eles não ficam sem suas críticas.

Tendo o controle completo dos ensinamentos de Bailey, aos olhos de alguns, a Fundação Lucis tornou-se algo como uma fortaleza, ainda que com muitos postos avançados de Unidades de Serviço, deixando a comunidade mais ampla de Bailey fora de decisões fundamentais tais como mencionado anteriormente, a exclusão das cartas em Cartas Sobre Meditação Ocultista, ou na decisão de redefinir aspectos dos ensinamentos para, é o que parece, acalmar visões contemporâneas politicamente corretas. Um exemplo é o Mantra da Unificação.

ORIGINAL

Os filhos dos homens são um e eu sou um com eles.

Eu procuro amar, não odiar;

Procuro servir e não exigir o serviço devido;

Eu procuro curar, não machucar.

Que a dor traga a devida recompensa de luz e amor.

Que a alma controle a forma externa, a vida e todos os eventos.

E traga à luz o amor que está por trás dos acontecimentos da época.

Que a visão venha e ilumine.

Que o futuro seja revelado.

Que a união interior manifeste-se e as divisões externas desapareçam.

Que o amor prevaleça.

Que todos os homens amem. [21]

Na versão adaptada da Fundação Lucis que apresentam junto com a original, a primeira e a última linha foram mudadas para: As almas de todos são uma e eu sou um com eles; e deixe todas as pessoas amarem. [22]

Essas mudanças são problemáticas. “Filhos dos homens” tem um significado judeu-cristão específico. “Filho” é o aspecto amor-sabedoria de Deus, a alma, e “homem” ocupa uma justaposição subentendida com “Deus”, em reconhecimento dos pontos fracos e fragilidades do homem. Jesus humildemente se chama de “filho do homem” para enfatizar sua própria humanidade. “Os filhos dos homens são um” é um reconhecimento de que as almas de toda a humanidade são uma unidade e os leitores do mantra humildemente posicionam-se como parte daquela unidade. “As almas de todos são uma” carrega o mesmo sentido básico, mas desprovido do apoio judeu-cristão com sua humildade sugerida e o poder concomitante inerente na frase. A última linha “Deixe todas as pessoas amarem” foi mudada para ser coerente com a primeira, de acordo com as sensibilidades contemporâneas de preferência de gênero no idioma. A questão das revisões para satisfazer o politicamente correto quando se trata de idioma antigo é um terreno difícil e uma análise completa está além do escopo dessa biografia. A questão tem sido apresentada para demonstrar a sensibilidade da Fundação e seu desejo de mudar os ensinamentos para torná-los consistentes com as tendências contemporâneas, até certo ponto inclinando-se para o presentismo na esperança de rechaçar reclamações e ataques. O que foi sacrificado aqui, porém, é uma verdade mais profunda, inerente nas palavras de poder, uma questão de muita importância para aqueles que valorizam a pureza do original. A ênfase cristã dos ensinamentos de Bailey deveriam ser tirados no esforço de deixá-los universais e contemporâneos? E a comunidade Bailey, que a Fundação representa, não deveria ser consultada em tais assuntos?

A decisão da Fundação nessa questão é indicativa da pressão sob a qual estão, para balancear os desejos da comunidade Bailey que busca manter o idioma

original, e pressões externas emitidas de críticos entre a Esquerda politicamente correta, ataques violentos de vários grupos de interesse ofendidos, a campanha implacável dos teóricos da conspiração e fundamentalistas cristãos, e a chacota e condenação daqueles seguidores de outros grupos esotéricos, incluindo alguns na própria Sociedade Teosófica. A Fundação deve balancear tudo isso enquanto busca ser relevante, contemporânea e atrativa para novos pesquisadores.

Infelizmente, essa decisão de modificar a linguagem do mantra legitima mais mudanças dos outros. A versão seguinte foi recentemente compartilhada no grupo Reaparecimento de Cristo no Facebook – a comunidade de Alice Bailey é muito ativa no Facebook. Não se sabe quem escreveu essa versão. A primeira linha no mantra agora tornou-se a “Humanidade é Uma, E Somos Um com Todos”, uma frase que mantém pouca semelhança com o original. [23]

30

ASTROLOGIA ESOTÉRICA

É difícil conceber a astrologia como parte formadora do movimento Nova Era. O sistema esotérico de pensamento e adivinhação existe há milênios. Alice Bailey incorporou o pensamento astrológico em seu cânon através de dois livros: Os Trabalhos de Hércules, no qual o mito grego está alinhado com os 12 signos do zodíaco, e o terceiro volume do tratado de DK sobre os sete raios, Astrologia Esotérica. Nesse último trabalho, um novo e revolucionário modelo astrológico é proposto e se baseia em entendimentos pré-existentes. É a astrologia da alma, seu relacionamento com a personalidade e o eu espiritual.

Alice Bailey tem muito respeito nos círculos astrológicos orientados para a astrologia da alma. A contribuição de DK ao amplo depósito de conhecimento astrológico, acumulado em milhares de anos, está no desenvolvimento da astrologia humanística e centrada na alma. Em Astrologia Esotérica, um texto robusto de quase 700 páginas, a astrologia é virada de cabeça para baixo. Os governantes planetários, seus governos esotéricos e hierárquicos, são atribuídos a signos diferentes no zodíaco. A estrela fixa de Sirius assume uma nova e importante estatura. As energias cósmicas das 12 constelações entram no sistema solar através dos 7 centros ou chacras dos corpos planetários. As três modalidades cardeais, fixas e mutáveis, tornam-se três cruzes, a do Cristo velado, Cristo Crucificado e Cristo Ressuscitado. Uma ampla seção do trabalho é dada sobre a ciência dos triângulos. [1]

O precursor de Astrologia Esotérica que ajuda a situar o trabalho dentro da tradição da Sabedoria Eterna, pode ser encontrado nos escritos do teosofista e astrólogo britânico, Alan Leo (William Frederick Allen, 1860-1917), que escreveu e publicou seu próprio volume intitulado Astrologia Esotérica, em

1913.

Leo foi apresentado à teosofia pelo astrólogo Sepharial ou Walter Richard Old, que conheceu em 1889 e de quem rapidamente tornou-se um devoto. [2] Ambos os astrólogos são mencionados em várias ocasiões na Astrologia Esotérica de Bailey, servindo como reconhecimento, particularmente ao leitor teosófico erudito mais versado na produção de seus predecessores.

Há muitos pontos de semelhança entre o volume de Alan Leo e de Alice Bailey, uma apresentação muito mais completa da astrologia esotérica e significativos pontos de diferença também. Em um artigo que discute o papel que Leo desempenhou no desenvolvimento desse campo, o astrólogo M. Temple Richmond nota: “Esse contexto histórico se ergue da natureza sequencial com a qual a Sabedoria Eterna está no processo de ser revelada.” [3] E não sugere uma “apropriação descarada da parte de Alice Bailey, mas ao contrário, uma inspiração comum a ambos”. [4]

Quase duas décadas antes de Astrologia Esotérica ser composto, o eminente astrólogo, teosofista, músico e compositor Dane Rudhyar (1895-1985) (também conhecido como Daniel Chenneviere), conheceu Alice Bailey em Krotona em 1919, e inspirou-se nos ensinamentos iniciais dela. Foi mais ou menos naquela época que ele se interessou em astrologia. Dedicou a ela seu livro A Astrologia da Personalidade, uma obra que ela se ofereceu para publicar, e num exemplar assinado, escreveu-lhe “este livro é enviado em profunda amizade, e na esperança de que preencha o Propósito que o chamou à existência”, 3 de dezembro de 1936, Nova Iorque. [5]

Rudhyar nunca foi membro da Escola Arcana e não pode-se dizer que ele foi exclusivamente devoto, pois era eclético em seus interesses, recorrendo a Blavatsky, Jung, e em especial, ao astrólogo Marc Edmund Jones (1888-1980). Mas Rudhyar faz referência aos ensinamentos de Bailey. Ele tinha Alice Bailey em alta estima e seu respeito por ela sancionava seu cânon nos círculos

astrológicos.

O livro Astrologia Esotérica de DK e os livros de Bailey em geral, filtraram o pensamento de uma miríade de astrólogos. Dois de seus seguidores, Frances Sakoian e Louis Acker compuseram uma trilogia popular de livros com referência astrológica nos anos 1970, O Manual do Astrólogo, Astrologia Preditiva e Ladder of the Planets (Degraus dos Planetas, em tradução livre). Os trabalhos de Sakoian e Acker oferecem aspectos práticos do terreno e são infundidos com as ideias de DK, enfatizando a jornada evolucionária da consciência. O alvo deles era espiritualizar a astrologia exotérica. Os livros deles foram escritos quando a psicologia humanista da Nova Era infiltrava e continuava a transformar a astrologia. Através dos esforços deles, a ciência oculta, anteriormente preocupada com eventos e previsões, tornou-se uma ferramenta poderosa de conhecimento e crescimento pessoal.

Depois das influências de Rudhyar, Sakoian e Acker, a geração seguinte de astrólogos adotou um modelo evolucionário da consciência. A astrologia assumiu um sentimento psicológico distinto e tornou-se imbuída com a noção da compreensão e transcendência das limitações, recorrendo às várias energias em jogo dentro da personalidade, para cumprir seu potencial e tornar o indivíduo completamente atualizado.

A pura astrologia esotérica foi muito mais lenta para atualizar-se. Muito pouco dos sete raios e de vários outros elementos do tratado de DK foram filtrados em entendimento e prática, deixando aqueles que alcançaram a autorrealização e vivem a vida com a personalidade completamente preenchida sem a orientação adicional para o desenvolvimento espiritual nas linhas da Sabedoria Eterna. The Moon Veils Vulcan and the Sun Veils Neptune (Os Véus da Lua Vulcano e os Véus do Sol Netuno, em tradução livre), de Kurt Abraham, um pequeno livro aprovado pelo Lucis Trust e lançado em 1989, serve para desenvolver um aspecto crucial da astrologia esotérica e a noção de véu esotérico, mas o autor não oferece qualquer orientação para a aplicação.

Em 1990, o astrólogo Alan Oken publicou Soul-Centred Astrology (Astrologia Baseada na Alma, em tradução livre), que adapta os ensinamentos de DK e coloca a astrologia firmemente no domínio da alma. Em seu prefácio reconhece a assistência e suporte de vários colaboradores, incluindo aqueles no Monte Meditação em Okai, Califórnia, Sir John Rollo Sinclair e Michael Robbins. O trabalho reduz de forma abrangente o texto obscuro de DK e o torna acessível para o praticante comum. Consequentemente, websites de astrologia baseada na alma com conhecimento limitado surgiram com base na obra de Oken. [6]

Indo além do limite da astrologia esotérica dada por DK, o veterano do Vietnã e astrólogo conhecido, Jeff Green, ou Jeffrey Wolf Green, explora a astrologia centrada na alma com profundidade, através do foco em Urano e Plutão que apesar de ter sido rebaixado ao status de planeta anão em 2006, mantém seu status nos círculos astrológicos. O Livro de Plutão, A Jornada Evolutiva Da Alma, foi lançado em 1992. Alan Oken compôs o prefácio que inclui 1985, mais ou menos a época que compunha sua própria obra. O livro de Green é influente e inspirou vários astrólogos de fora do meio da Sabedoria Eterna. [7] Green orientou o curso da astrologia da alma numa direção diferente, e muitos astrólogos foram apanhados com o significado das colocações de horóscopo destes dois planetas exteriores, e especialmente Plutão desde então. Para os estudantes puristas de DK, o trabalho de Green pode ser considerado uma variação e uma distração do centro dos ensinamentos de Astrologia Esotérica.

O renomado astrólogo esotérico e historiador, Phillip Lindsay ajuda a avançar a especialização dada por DK, e deu uma contribuição significativa ao promover uma percepção e compreensão do terreno entre a comunidade de Bailey e além, em grande parte pela captura da rica história da tradição da Sabedoria Eterna e compondo diversos volumes, incluindo The Shamballa Impacts: Their Esoteric Astrology in World History (Impactos da Shamballa: Sua Astrologia Esotérica na História Mundial) e sua série Soul Cycles of the Seven Rays (Ciclos da Alma nos Sete Raios, ambos em tradução livre). Lindsay produz webinars, um newsletter regular e continuamente dá palestras pelo mundo. Ele também produziu incontáveis biografias astrológicas detalhadas, incluindo uma de Krishnamurti. Seu popular website disponibiliza um banquete de conhecimento para a grande quantidade de seguidores que possui. [8] Demonstrando interesse

difundido na história esotérica, seu profundo documentário “The Hidden History of Humanity (A História Oculta da Humanidade, em tradução livre)”, uma companhia para Unveiling Genesis (Revelando o Gênesis), recebeu mais de sete milhões de visualizações no YouTube. [9] Em um newsletter em homenagem à semana do festival do Novo Grupo de Servidores do Mundo em 2019, trazendo a noção da urgência sentida por muitos conforme o conclave da Hierarquia Espiritual de 2025 se aproxima, e para dar voz às preocupações com a humanidade e o nosso planeta, fortemente sentidos pela comunidade Bailey, ele escreve:

Será uma potente oportunidade para o Novo Grupo de Servidores do Mundo em darem de tudo para transformar a atmosfera mental e psíquica de nosso planeta que está em dificuldade, para que a humanidade possa ser influenciada positivamente, capacitada e encorajada a realizar todas as mudanças urgentes que são necessárias; para rechaçar as forças materialistas oportunistas e cruéis que trabalham através da cultura global; de nos posicionarmos e de suportarmos nossos fardos e nos mantermos firmes. [10]

Também vem de dentro da tradição da Sabedoria Eterna a conhecida astróloga, M. Temple Richmond, uma autoridade reconhecida internacionalmente na astrologia esotérica. Escritora prolífica de estudos esotéricos, recentemente fundou a StarLight Ashram, um grupo de discussão online dedicado ao estudo da astrologia esotérica onde publica um newsletter semanal. Ela é a autora do marcante livro Sirius, que examina compreensivamente a Cão Maior, um livro que serve também como companhia de Um Tratado sobre o Fogo Cósmico. M. Temple Richmond contribui frequentemente para o periódico revisado por pares, The Esoteric Quarterly, ajudando a avançar o campo. Seu livro “Light on Esoteric Astrology (Luz na Astrologia Esotérica, em tradução livre)”, um trabalho inédito com 32 capítulos, oferece uma interpretação do campo em termos leais e próximos aos ensinamentos originais, formando um trabalho transitório com seções que encontraram seu caminho para sua publicação no The Esoteric Quarterly.

Do vasto agrupamento de astrólogos praticantes de hoje, está estabelecida e é bem-vista a astróloga Lynn Koiner, cujo outro interesse astrológico é a astrologia médica. Lynn Koiner dedica bastante espaço em seu website à astrologia esotérica de Alice Bailey. Adotando uma visão simplificada indicativa da forma leve como muitos astrólogos se aproximam atualmente dos ensinamentos de DK, Koiner concentra-se no triângulo formado pelo signo Ascendente, a sua régua planetária, e a régua do signo onde se encontra a do signo Ascendente. [11] Esta contribuição proporciona um sabor que vai um pouco além de aguçar o apetite, mas é através dos esforços de astrólogos praticantes como Koiner que a astrologia esotérica é pelo menos trazida à atenção de um público mais extenso. É um ponto de entrada pelo qual o curioso pode encontrar a sua entrada.

Um astrólogo técnico excepcional que avança o campo é Stephen Pugh. Criado na tradição Bailey desde a adolescência, Pugh [não tem relação com Mildred] é um pioneiro no campo da astrologia esotérica e do pensamento astro-raiológico. Por muitos anos estava focado com atenção particular em desenvolver um paradigma compreensivo e consistente para a exposição teórica e aplicação prática da astrologia esotérica. Por décadas foi ensinado a utilizar o processo esotérico de sobreposição de horóscopo Mônada, Alma e Personalidade, junto com mapas de cruzes, todos baseados nas instruções do Tibetano. Uma das principais contribuições de Pugh para o campo é o seu Mapa Solar Triplo, um método de signos completo, que pode ser mais bem descrito imaginando um mapa natal estando em três locais diferentes e então alternando as casas ao redor de onde você está: o signo Solar representa a personalidade; o signo ascendente representa a Alma e o signo oposto ao solar representa a Mônada, ou aspecto espiritual. Pugh então usa o Mapa Solar Triplo como uma ferramenta com a qual emprega sua expansão e desenvolvimento das Meditações Zodiacais do Tibetano. [12] Ele tem um grupo no Facebook de astrologia esotérica onde compartilha suas ideias.

Pugh faz parte de um pequeno grupo de astrólogos que afirmam que o signo Ascendente ou crescente de Alice Bailey é Peixes em vez do tradicionalmente tido Leão. Em sua autobiografia, Alice Bailey claramente declara sua crença de que tinha Peixes ascendente. [13] Peixes é o signo do médium ou mediador, e uma ênfase em Peixes é muitas vezes encontrada entre líderes de grandes

organizações. A primeira casa de Peixes rege as influências da primeira infância de Alice Bailey e tanto seu pai quanto seu avô eram engenheiros hídricos, instalando sistemas completos em cidades pelo mundo, outro tipo de atividade pisciana.

Peixes também é o signo do resgatador do mundo. Pugh entende que Alice Bailey seja a discípula sênior no Ashram do Tibetano, como seu Mestre K. H., que também tinha o signo solar em Gêmeos, com Peixes ascendente. Em seus artigos sobre meditação zodiacal, dos quais apenas três foram dados, DK divide a combinação de Peixes ascendente com o signo solar de Gêmeos.

Do interesse de qualquer astrólogo que deseja considerar essa proposta, Peixes ascendente coloca o Sol de Alice Bailey na 4ª casa, correspondente a Câncer, a Grande Mãe, e Alice Bailey, que reflete fortemente Câncer, é a mãe da Nova Era. Como Pugh devidamente afirma: “[Alice Bailey] abriu-se triunfantemente para receber o impacto de muitos tipos de forças destrutivas durante a agitação mundial, e quão surpreendentemente ela os transmutou, protegendo dessa forma o caminho para os discípulos mais jovens e aspirantes em dificuldades, que chegaram a ela através dos anos e chegarão por gerações que virão.” [14]

31

MAGIA BRANCA

Os ensinamentos do Tibetano tiveram sempre no seu núcleo uma forma especializada de trabalho em grupo. “Os grupos de meditação mudarão do seu estatuto atual, que é o de grupos de aspirantes sinceros à iluminação, para grupos de trabalhadores que trabalham juntos de forma construtiva e inteligente para determinados fins.” [1] Por 18 dos 30 anos que DK distribuiu suas instruções com Alice Bailey, sua preocupação primaria era o aspecto abrangente dos ensinamentos: manifestar no Novo Grupo de Servidores do Mundo. Inicialmente, para seus novos grupos semente, escolheu o número nove, compreendendo em essência três triângulos, e então seguiu com um grupo maior de 24, em um grupo experimental de iniciação. O número de participantes é significativo. Considerando a progressão esotérica do grupo central de 3, o triângulo, é possível que DK tivesse em mente com esse novo grupo de 24, dois grupos de 12.

Estudantes na tradição Bailey seguem o caminho da prática do grupo esotérico apresentado por DK. O mais conhecido é o Triângulos, uma forma de magia branca usando a Grande Invocação, que almeja derramar a energia da boa vontade no corpo etérico do planeta. Junto com o Grupo para Meditação Criativa de Assagioli discutido em um capítulo anterior, há outros grupos praticando formas de grupos de meditação, grupos que valem-se do trabalho do Triângulos e dos princípios dados por DK nos grupos dos nove DINA de ensinamentos, grupos desconhecidos, grandes e pequenos, trabalhando silenciosamente nos bastidores, preferindo permanecer escondidos. Contudo, um grupo desse tipo conhecido é o The Planetary System, baseado na Itália, que se descreve como “uma ideia e projeto de cooperação coordenada entre todos que se preocupam com o desenvolvimento planetário”, e reúnem-se em grupos de sete para meditação avançada. [2]

Em seu livro The Other Universe (O Outro Universo, em tradução livre), lançado em 1973, o colaborador Sir John Rollo Sinclair defende o caso para os grupos dos nove, que ele chama de órganons. Essa formação em nove age como um canal de energia. Sinclair fornece um modelo para outros usarem, afirmando: “A estrutura operacional oferecida pelos tais grupos dos nove pode ser adaptada por qualquer um que deseja experimentar com um trabalho em grupo.” [3] Ele menciona o Human Development Trust a esse respeito. Nada mais se sabe sobre a Fundação, mas presume-se que sua estrutura órganon foi experimentada.

Em 1984, Marian Walter estabeleceu um grupo de meditação chamado o Grupo de Nove – três conjuntos de Triângulos – dedicado à “Cura das Nações (através da Assembleia Geral das Nações Unidas)”. [4] Junto com John Sinclair, os membros incluíam Marion Crusselle, Hilda Dean Going e Vera Stanley Alder. [5] Como o grupo surgiu, não se sabe. De acordo com Walter, o grupo foi aceito no Ashram de DK e receberia treinamento na continuidade da consciência – uma habilidade que ela afirmava ter – para receber treinamento adicional do Ashram enquanto dormia. [6]

Esse Grupo de Nove foi formado por Walter em reconhecimento de que o Avatar da Síntese ofuscando o Cristo “só pode trabalhar com grupos muito grandes”:

Ele precisa do Serviço tal como nosso “Pequeno Grupo”. Fazemos isso pela realização do serviço Dele conforme é possível – através de nosso “grupo da mente”, nosso desejo em servir a Humanidade e para a iluminação de nossa alma de nossos Cérebros. [7]

Pouco se sabe desse grupo, além de que praticava meditação diária, usando a Grande Invocação e o Mantra da Unificação impresso na última página de O Reaparecimento do Cristo. [8]

Sempre há uma continuação de propósitos junto com as linhas esotéricas ashrâmicas e enquanto o Grupo de Nove prosseguiu, surgiu de forma bastante independente embora muito vagamente conectado, um grupo de 12, conhecido como Twelves. [9]

O modelo avançado de meditação do grupo Twelves, junto com as linhas da magia branca, existe em grande parte devido aos esforços de seu fundador Steven Chernikeeff, cujo valioso livro de memórias Esoteric Apprentice (Aprendiz Esotérico, em tradução livre) detalha o propósito e os métodos de um experimento conduzido por quase 20 anos até 2000, fornecendo a única fonte conhecida de seu tipo nessa tradição. [10] Como resultado, Twelves é um estudo de caso interessante.

Steven Chernikeeff era adolescente quando leu pela primeira vez os ensinamentos de Bailey, tendo seguido a Sabedoria Eterna através do espiritualismo cristão, uma fé que adotou por uma fase, esperando uma explicação do motivo pelo qual continuava a ouvir um sino tocando de forma intermitente e consistente, um sino que ninguém mais podia ouvir. [11] É conhecido nos círculos espiritualistas como o sino astral. Foi esse sino que o impulsionou numa busca por entendimento. Depois de encontrar os livros de Bailey, Chernikeeff contatou Jan Nation na Fundação Lucis, que ofereceu orientação e respostas para suas miríades de perguntas.

Chernikeeff então tornou-se amigo de outro jovem pesquisador, Robert Adams, que era amigo de Sir John Sinclair. Sem o conhecimento dos dois jovens, Sinclair estava na época no Grupo de Nove de Marian Walter.

A dupla passava muitas horas no quarto dedicado para meditação de Adam, montado no galpão de seu jardim. Eles meditavam juntos todos os sábados. Foi lá, em 1981, quando Chernikeeff tinha 23 anos, que os dois amigos receberam o

primeiro contato com um Iniciado do Ashram da irmandade da estrela. [12] No decorrer dos quatro anos seguintes, Chernikeeff recebeu instruções que formariam a fundação dos Twelves.

Chernikeeff desfruta da faculdade de telepatia superior na qual, em meditação profunda, recebe e prevê ideias. Quando um discípulo é alinhado desse modo, pode tornar-se um servo nos planos exteriores e nos planos interiores esotericamente, ajudando o Ashram a fazer seu trabalho. Tal contato é sempre uma combinação de propósito sentido, estimulação energética ou mudança, uma descarga de energia e a impressão de ideias que são recebidas e então vestidas vagarosamente, todas amarradas com um senso de dever, obrigação e serviço. Tendo sucumbido e dissipado seu próprio glamour em torno disso, Chernikeeff nota o aspecto ordinário. Quando tal contato e energização ocorre e prossegue, apenas é vital que seja deixado como está e não vestido com roupas astrais, inflando a personalidade, o sentido de si mesmo. Como Chernikeeff afirma e demonstra em seu livro, a bruta humildade é exigida daqueles capazes de se envolver em tal contato.

Como alguém pode saber se qualquer coisa do que Chernikeeff e outros como ele dizem é verdade? Não é sobre verdade, mas realidade na consciência, nos planos interiores, e finalmente, sem saber como ou por que, os discípulos vêm a chegar nesse conhecimento interior, que é uma aceitação de que a certo ponto, de um certo ângulo, essa é a realidade interior da consciência.

Em seu livro, Chernikeeff faz um grande esforço para explicar o significado e a potência de uma formação de grupo envolvendo 12 participantes. Essa citação do Mestre Morya na transmissão do Agni Ioga resume o motivo da escolha do número:

As pessoas não querem entender o trabalho em grupo, que multiplica as forças. O dodecaedro é uma das estruturas mais perfeitas, com um poder dinâmico que pode resistir a muitos ataques. Um grupo de 12, sistematicamente unido, pode

verdadeiramente controlar até eventos cósmicos. Deve ser entendido que a ampliação de tal grupo pode enfraquecê-lo, minando a força dinâmica de sua estrutura. [13]

Em essência, 12 é um número poderoso, completo, forte, e considerando o trabalho envolvido, necessário. Como um número seguro, Twelves pode resistir às “Forças das Trevas que sempre estão buscando perturbar aqueles que trabalham com a Luz.” [14]

Twelves é uma extensão do trabalho dos Triângulos. O propósito do Twelves é ajudar a “dissipar o glamour e as forma-pensamento” para auxiliar a “cura e transformação planetária” e as “Forças de Mudança Espiritual”. O método, em essência, é o trabalho infundido na alma e conduzido em grupos. Participantes trabalham no plano da iluminação para ajudar a limpar o plano astral. Uma ideia para os Twelves é trabalhar junto com as linhas Raio na destruição da “forma-pensamento, limpando as linhas de energia, construindo formas-pensamentos iluminadas, curando e por fim, criando espaço energético para outros trabalhos serem assumidos”. O Twelves está essencialmente “focado, como trabalho feito a laser, penetrando as antigas e redundantes formas-pensamentos dos anos passados e abrindo canais de luz”. [15]

Chernikeeff e Adams tinham diante deles uma tarefa importante. Logo o Dr. Peter Maslin juntou-se à dupla, saindo da Escócia para estar fisicamente perto do trabalho e assim permitir o crescimento do grupo.

O grupo Twelves expandiu para cerca de 200 membros e em 1994, depois de 12 anos de preparação, a primeira formação Twelves foi feita em Wesak, numa sala em Glastonbury, Inglaterra. A meditação procedeu sob a orientação de Chernikeeff, que exerceu o papel de focalizar fora do grupo. Depois de preparar o espaço e algum trabalho de proteção, o grupo passou algum tempo em triângulos, praticando o OM e se preparando. E então, cada triângulo assumiu sua posição na formação Twelves. Uma combinação energética ocorreu e o

grupo experimentou um vórtex de energia em ascensão dentro do círculo interior formado pelo grupo.

A experiência da meditação dos Twelves foi imersiva, intensa, profunda e duradoura. “Alguns viram luz, alguns ouviram sinos e outros foram dominados com uma fragrância de tal encanto que mal conseguiam falar disso.” [16]

O grupo inicial Twelves manteve meditações físicas até 1999. Durante aquela época houve algumas tensões, tanto dentro do grupo conforme várias personalidades foram confrontadas a ajustarem-se umas às outras, como dentro das vidas de participantes desafiados a encaixar o Twelves em suas vidas corridas, e ainda, parceiros e aqueles não envolvidos que discordavam do compromisso. O grupo debandou, em parte devido às mortes de Peter Maslin e Robert Adams. Chernikeeff reconhece que o Twelves inicial foi experimental e preparatório. “Certamente não é uma questão de: ‘Tivemos sucesso ou não?’, mas mais: ‘O que fizemos, como fizemos e o que foi aprendido?’” [17]

Uma nova fase do trabalho Twelves começou em 2018, considerada ser uma implementação na qual um novo grupo de participantes do Twelves conecta-se remotamente e a coesão do grupo é promovida através de mídia social. Alguns participantes do Twelves original também voltaram. Chernikeeff e os participantes preocupam-se com a antecipação do conclave da Hierarquia Espiritual de 2025, uma data crítica no calendário Bailey, na qual entende-se que a sobrevivência da humanidade será decidida. Essa noção confere um senso de urgência e uma necessidade percebida em expandir o Twelves.

Os obstáculos para a expansão do Twelves, então como agora, residem tanto nas questões usuais com tempo e comprometimento, quanto nas relações tensas entre os tradicionalistas na Sociedade Teosófica e na comunidade Bailey, e aqueles seguidores do Agni Ioga que têm a visão de Helena Roerich sobre Bailey. Esse é um problema que se estende por toda a comunidade da Sabedoria Eterna, impedindo a expansão do trabalho esotérico, que poderia ser praticado junto com

as linhas da magia branca. Os adeptos, onde quer que sejam encontrados, tendem a se apegar à pureza essencial dos ensinamentos, e esse apego à pureza tende a promover a cristalização e a rejeição de outros ensinamentos. Grupos de trabalhos esotéricos como o Triângulos e o Twelves realiza o propósito central da Sabedoria Eterna, que chegou através de Alice Bailey. Os livros não foram dados para apenas serem estudados, como Chernikeeff demonstra, foram dados para encorajar a ação.

COMENTÁRIOS FINAIS

Alice Bailey presenteou a humanidade com um cânon de pensamento esotérico; ela nasceu numa família de engenheiros hidráulicos e procurou fornecer os textos que marcariam o início da nova Era de Aquário, o carregador de água. Literalmente, ela foi uma engenheira do pensamento.

Nascida com uma disposição mística, rapidamente adotou uma visão ortodoxa cristã, imbuída com uma paixão evangélica. Suas justas convicções a sustentaram por muitos anos, até que foram expulsas dela por meio de uma série de humilhações públicas e particulares, e pelos punhos de seu marido, embora essa nunca tenha sido sua intenção. Ela estava madura para a mudança quando encontrou a teosofia, e a acolheu com paixão, entregando para isso toda sua vida. O resultado é uma obra que continua a inspirar.

Em sua vida, Alice Bailey foi uma grande façanha, uma pioneira seguindo e avançando a tradição teosófica e criando estruturas organizacionais para estimular formas de prática esotérica renovadas, inovadoras. Ela misturou o trabalho interno com o externo, formando a rede Triângulos, a Boa Vontade Mundial, a revista The Beacon, a Fundação Lucis e acima de tudo, sua Escola Arcana, todas elas organizações globais funcionando até hoje para promover a boa vontade e as relações corretas. Quantos se formaram em sua escola e silenciosamente seguiram adiante e aplicaram o que aprenderam na esfera de suas influências, nunca se saberá. A maioria dos estudantes esotéricos permanecem privados, principalmente porque o mundo exotérico não compreende e ainda hoje, os esotéricos são ridicularizados e rejeitados.

O projeto central que o Tibetano abordou no começo dos anos 1930 foi marcar o início do discipulado na Nova Era. Enquanto o Novo Grupo de Servidores do

Mundo foi adiante com seu programa de divulgação, plantando Unidades de Serviço ao redor do globo, foram os Grupos Semente do Tibetano que formaram o coração desse experimento. As cartas para esses grupos fazem uma leitura fascinante e fornecem conhecimento real dos desafios do crescimento espiritual.

Alice Bailey queria que o conhecimento e o treinamento esotérico estivessem disponíveis a todos, e não apenas para uma elite exclusiva. Não há dúvidas de que a ocultista merece reconhecimento por fazer uma contribuição fundamental considerável ao movimento Nova Era, que a assegurou o título de “mãe”. Ela pôs os seus escritos e as suas organizações no mundo da mesma forma determinada com que fazia anteriormente com seus pontos de vista cristãos ortodoxos. Durante 30 anos, foi rodeada por uma coorte de colaboradores dedicados que entregaram suas vidas para promulgar suas ideias e continuar as organizações após sua morte.

Os primeiros influenciadores ajudaram a moldar e promover o surgimento da Nova Era, iniciando inúmeras fundações, redes, organizações educacionais, retiros de meditação, todos designados a desenvolver a conectividade da alma e a promover a boa vontade e as relações corretas. Entre seus colaboradores, encontram-se competentes negociadores, mediadores, estudiosos, escritores, artistas, pensadores e teóricos sofisticados, curadores, trabalhadores da luz, psicólogos e astrólogos. O pensamento se baseia no pensamento, e a forma-pensamento original de DK foi amplamente expandida e redefinida para se adequar ao momento. Dessa maneira, a contribuição de Alice Bailey é enorme. Ela foi um catalisador, uma borboleta que causou uma vasta mudança sísmica, algo que não foi totalmente realizado, mas significativo o suficiente para representar uma séria voz de mudança em direção ao aperfeiçoamento humano e planetário.

Ataques internos e externos perseguiram Alice Bailey desde o início. Teosofistas puristas e Helena Roerich a condenaram. Sua própria estudante Olga Fröbe se voltou contra ela com consequências duradouras. Após sua morte, muitos mais lançaram ataques ou a lançam Alice Bailey sob luz fraca. No que diz respeito à

história, as representações injustas são importantes, ao alimentar as atitudes do corpo de Bailey defendidas por seções da academia. É importante pois tais controvérsias e preconceitos fazem uma injustiça a Alice Bailey e impedem a humanidade de ter qualquer tipo de visão geral e equilibrada de uma mulher que fez uma contribuição significativa para a humanidade, ajudando a moldar as visões de mundo atuais e inspirar uma série de pensamentos alternativos. Sem o devido reconhecimento, uma obra projetada para representar a mais alta realização na qual a humanidade pode melhorar, é relegada para a lata de lixo.

Houve dificuldades internas também, centradas na Escola Arcana e sua liderança. A primeira divisão quando Marian Walter separou-se, resultou em um depósito de documentos acumulados e uma discórdia associada. A ideia de continuidade, central nos ensinamentos, requer coesão entre o grupo principal dentro da comunidade Bailey e aqueles no centro, e é aqui que as tensões ainda existem, dificultando a oportunidade sempre presente. Mas como essa biografia mostrou, tal continuidade existe em outro lugar – evidenciada esotericamente através do Triângulos aos Nove até o Twelves – e enquanto as divisões são sempre inquietantes, talvez elas sejam necessárias. É claro que de cada uma das três vertentes, a Fundação Lucis, a Escola de Estudos Esotéricos e a Universidade dos Sete Raios, muito foi alcançado e desenvolvido.

É responsabilidade da comunidade mundial de Bailey avançar os ensinamentos através do estudo, aplicação, ensino, conversa, palestra, escrita e, acima de tudo, publicação de uma variedade de campos incluindo a psicologia, astrologia, e dentro do campo acadêmico do Esoterismo Ocidental que os ensinamentos de Alice Bailey e do Tibetano alcançarão os que estão receptivos em vários círculos, até mesmo no público mais amplo.

Apesar da linguagem eduardiana e de algumas opiniões ultrapassadas, os livros de Bailey hoje continuam a atrair estudantes, alguns com apenas 15 anos, outros na casa dos 20 e 30, todos com disposição esotérica e em busca de sabedoria. O fato de os ensinamentos ecoarem e atraírem mentes no século XXI, demonstra que o que é ensinado não tem idade.

O esoterismo ocidental sempre foi controverso, misturado com alegações de fraude e engano e seu próprio sigilo, elitismo e conhecimento obscuro acumulam nas suspeitas dos que são de fora. Essas suspeitas são justificadas. Talvez seja melhor entender o esoterismo ocidental como uma camada energética, apontando para um mistério inefável maior da existência e deixar por isso mesmo.

Parte dessa cobertura é a convicção de Alice Bailey e de outros teosofistas de sua era, incluindo Annie Besant e Rudolph Steiner, de que Cristo reaparecerá e a Hierarquia e se externalizará para inaugurar uma nova era de iluminação espiritual. Do um ponto de vista energético, essa crença concentra desejo e fornece um ponto de foco e um senso de propósito, um dispositivo motivacional, fornecendo modelos e exemplos para a humanidade se empenhar. A Sabedoria Eterna chega num momento definidor em sua história, conforme nos aproximamos do ano crítico de 2025, quando um Conclave da Hierarquia Espiritual centenária ocorrerá:

Assim, um grande e novo movimento prossegue e uma enorme relação e interação toma lugar. Isso continuará até 2025 d.C. Durante os anos que se passaram até agora serão observadas mudanças muito grandes, e na Assembleia Geral da Hierarquia – feita a cada século, como de costume – em 2025 a data, com toda a probabilidade, será definida para a primeira fase da externalização da Hierarquia. [1]

Qualquer que seja a crença que o leitor tenha, a ideia de assistência espiritual numa altura em que o mundo está cheio de crises e o planeta morrendo, não poderia ser mais adequada. À luz disso, estudantes da Sabedoria Eterna podem se perguntar o que desejariam avançar: o conhecimento esotérico, uma forma esotérica de conhecimento ou o ativismo esotérico.

Caro leitor,

Esperamos que você tenha gostado de ler Alice A. Bailey, Vida e Legado. Reserve um momento para deixar uma crítica, mesmo que curta. A sua opinião é importante para nós.

Atenciosamente,

Isobel Blackthorn e Next Chapter Team

UMA LISTA INCOMPLETA DE GRUPOS INSPIRADOS PELA SABEDORIA ETERNA

Canadá

Alliance Group, Ottawa, Canadá

Center for Esoteric Studies, Ontario, Canadá

Healing from the Soul Group, Montreal, Canadá

Northern School of Esoteric Wisdom, Canadá

IDEAL: Institute for the Development of Education, Arts & Leisure, B.C., Canadá

Institute for Personal Development, Quebec, Canadá

América do Sul

Fundación Lucis, Argentina

Grupo Logos, Buenos Aires, Argentina

House of the Pax Culture, Santa Fé, Argentina

Litoral Group, Santa Fé, Argentina

Bolivian Unit of Service, Cochabamba, Bolívia

Casa Assagioli, Brasil

Centro Caraívas, Pirenópolis, Goiás, Brasil

Crystal Nucleus, Brasília, Brasil

Cultura Espiritual, Brasil

CUMES Centro Urusvati para Meditação, Estudo e Serviço, Brasília, Brasil

Encontro Espiritual, Brasil

Federação Morya, Brasil

Fundação Cultural Avatar, Brasil

Kwan Yin Group, São Paulo, Brasil

Centro de Psicossíntese, São Paulo, Brasil

Grupo São Paulo, São Paulo, Brasil

Fundação de Cultura Espiritual - Universidade da Luz, Belo Horizonte, Brasil

Unidade de Serviço para Educação Integral, Brasil

Casa Urusvati, São Paulo, Brasil

Synthesis in Aquarius, Tijuana, México

Escuela de Ciencias Esotéricas, Venezuela

Federación Morya Hispanoamericana, Venezuela

Fundaser, Venezuela

New Thought Foundation, Caracas, Venezuela

Europa

Center for Esoteric Astrology, Aarhus, Dinamarca

Center for the Inner Dimensions of Life, Copenhagen, Dinamarca

Golden Circle, Dinamarca

GRO Group, Lejre, Dinamarca

Kentaur Training and Publishing, Copenhagen, Dinamarca

One Earth, Copenhagen, Dinamarca

Sophia's Rose, Copenhagen, Dinamarca

Soul Therapy, Copenhagen, Dinamarca

The Golden Circle, Dinamarca

Transformation Now, Copenhagen, Dinamarca

Living Ethics Germany, Munich, Alemanha

Banner of Peace Association, Roma, Itália

Centro Studi Urania, Roma, Itália

Community of Living Ethics, Citta’della Pieve, Itália

Cultural Association of Triangles e World Goodwill, Roma, Itália

Namaskar, Catania, Itália

Parvati Studies Center, Turin, Itália

Space INEH Italy, Turin, Itália

Uriel Study and Research Center for the Will to Good, Collesano, Itália

Urusvati Research Institute, Turin, Itália

The Academy of Wisdom Teaching Europe, Leeuwarden - Holanda

GEM- Grupo de Estudos Maitreya, Lisbon, Portugal

Merry Human Life Society, Barcelona, Espanha

Sun Group, Fuengirola, Espanha

Sunhealing Group, Fuengirola, Espanha

Bjare Culture and Meditation Center, Bastad, Suécia

Mandala Group, Malmo, Suécia

School of the Esoteric Way, Estocolmo, Suécia

Sun in the Earth Group, Vaxjo, Suécia

Institute for Planetary Synthesis, Geneva, Suíça

Ankh Spiritual Development Foundation, Kiev, Ucrânia

Centre Eurasia, Odessa, Ucrânia

Esoteric Enlightenment Center, Lviv, Ucrânia

Khortitske Society of Humanitarian Development, Zaporozhie, Ucrânia

School of Ageless Wisdom, Zhytomir, Ucrânia

Reino Unido

Centre of Light, Reading, Reino Unido

International Network of Esoteric Healing, Emsworth, Reino Unido

Sundial House Group, East Sussex, Reino Unido

Wisdom Study Group, Reading, Reino Unido

Índia

Darjeeling Goodwill Center, Darjeeling, Índia

Himalayan Community of Living Ethics, Kalimpoong, Índia

The Pranic Healers, Índia

Oriente Médio

Hechal Center for Universal Spirituality, Jerusalém, Israel

Ásia-Pacífico

Path Centre, Austrália

The Triangle Centre, Nova Zelândia

Southern Lights Centre, Akaroa, Nova Zelândia

Prana World, Filipinas

World Pranic Healing Foundation, Filipinas.

Estados Unidos da América

White Mountain Education Association, Prescott, Arizona

Arcana Workshops, Los Angeles, Califórnia

Dove Healing Alliance, Aptos, Califórnia

Esoteric & Astrological Studies, Art, Science & Research Institute, Califórnia

International Foundation for Integral Psychology, Los Angeles, Califórnia

Meditation Mount, Ojai, Califórnia

Nature of the Soul, Los Angeles, Califórnia

Pathways to Peace, São Francisco, Califórnia

The Center for Visionary Leadership, San Rafael, Califórnia

Wisdom Impression Publishers, Whittier, Califórnia

Synthesis Foundation, Denver, Colorado

JJ Esoteric Foundation, Naples, Flórida

Soul Group of SW Flórida

International Network of Esoteric Healing N. America, Indianapolis, Indiana

Sirius Community, Shutesbury, Massachusetts

Spirit Fire, Leyden, Massachusetts

Esoteric Healing Twin Cities, Minnesota

Intuition in Service, Olivebridge, Nova Iorque

Path of Light, Ashland, Oregon

Wisdom Research, Dayton, Oregon

Institute for the Advancement of Service, Alexandria, Virgínia

Ageless Wisdom Study Group, Washington, DC

New Fusion Group, Washington, DC

Truthseekers Network, Washington, DC

NW School for Religious and Philosophical Studies, Spokane, Washington

Internacional

World Service Intergroup (Intergrupo de Serviço Mundial)

Seed Groups International (Grupos Sementes Internacional)

Twelves Advanced Meditation Group (Grupo de Meditação Avançada Twelves)

Para uma lista de grupos da Boa Vontade Mundial, visite a página “Worldwide Network” (Unidades de Serviço Boa Vontade Mundial) no website da Fundação Lucis.

NOTAS

Introdução

1 Introdução

Alice A. Bailey, The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada] (Albany, NY: Lucis Trust, 1951), p.1.

2 Olav Hammer, Claiming Knowledge: Strategies of Epistemology from Theosophy to the New Age [Alegando Conhecimento: Estratégias de Epistemologia da Teosofia à Nova Era, em tradução livre] (Leiden: Brill, 2000), p. xiii.

3 Ver Wouter J. Hanegraaff, New Age Religion and Western Culture: Esotericism in the Mirror of Secular Thought [Religião Nova Era e Cultura Ocidental: Esoterismo no Espelho do Pensamento Secular] (Albany, NY: State University of New York Press, 1998).

4 A Escola Arcana de Bailey (estabelecida em 1923), é uma escola internacional não sectária de treinamento esotérico por correspondência. Homens de Boa Vontade, estabelecida em 1932, é uma organização não governamental reconhecida pelas Nações Unidas. A Fundação Lucis foi incluída em 1922 como uma corporação religiosa e educacional, isenta de impostos. A Lucis Publishing Company (Companhia Lucis de Publicação),

uma organização sem fins lucrativos de propriedade da Fundação Lucis, continua imprimir os textos de Bailey. Finalmente, a Triângulos é uma rede sob os cuidados da Fundação Lucis e é descrita em sua própria literatura como “um serviço para os homens e mulheres de boa vontade que creem no poder do pensamento. Trabalhando em grupos de três, estabelecem relações humanas corretas mediante a criação de uma rede mundial de luz e boa vontade” (panfleto Triângulos). A intenção de Bailey que é base dessas organizações não era simplesmente promover sua própria visão, mas ajudar a melhorar a condição humana. Ver <https://www.lucistrust.org/> Acessado em 3 de setembro 2017.

5 Alice A. Bailey, A Treatise on White Magic: or The Way of the Disciple [Um Tratado Sobre Magia Branca: ou o caminho do discípulo], (New York: Lucis Trust, 1991), p. 603.

6 Wouter J. Hanegraaff, “A Dynamic Typological Approach to the Problem of “Post-Gnostic” Gnosticism,” [Uma Abordagem Dinâmcia e Tipológica ao Problema do “Pós-Gnóstico” Gnosticismo] em ARIES , 16: 5-43.

7 Lee Irwin, “ Western Esotericism, Eastern Spirituality, and the Global Future ,” [Esoterismo Ocidental, Espiritualidade Oriental, e o Futuro Global, em tradução livre] Esoterica , Vol III, 2001: 1-47.

8 Antoine Faivre, Theosophy, Imagination, Tradition: Studies in Western Esotericism , [Teosofia, Imaginação, Tradição: Estudos do Esoterismo Ocidental] (Albany: State University of New York Press , 2000).

9 Peter Washington. Madame Blavatsky’s Baboon: Theosophy and the Emergence of the Western Guru [O Babuíno de Madame Blavatsky: Místicos, médiuns e a invenção do guru ocidental], (London: Secker and

Warburg, 1993), p. 19. Veja também Bruce F. Campbell. Ancient Wisdom Revived: A History of the Theosophical Movement [Sabedoria Antiga Revivida: Uma História do Movimento Teosófico] , (Los Angeles: University of California Press , 1980; Jill Roe. Beyond Belief: Theosophy in Australia 1879-1939 [Inacreditável: A Teosofia na Austrália entre 1879-1939], (Sydney: New South Wales University Press , 1986); e Jocelyn Godwin . The Theosophical Enlightenment [O Esclarecimento Teosófico], (Albany: SUNY, 1994) .

10 Campbell , Ancient Wisdom [Sabedoria Antiga], pp. 88-90, e Washington, Blavatsky's Baboon [O Babuíno de Madame Blavatsky] , pp. 79-82 .

11 Ver Charles J. Ryan. H.P. Blavatsky and the Theosophical Movement: A Brief Historical Sketch [H. P. Blavatsky e o Movimento Teosófico: Um Breve Esboço Histórico], (San Diego: Point Loma); Campbell, op. cit.; e Kevin Tingay. "Madame Blavatsky's Children: Theosophy and its Heirs " [Filhos da Madame Blavatsky: A Teosofia e seus Herdeiros] em S. Sutcliffe e M. Bowman (eds), Beyond New Age: Exploring Alternative Spirituality [Além da Nova Era: Explorando a Espiritualidade Alternativa], (Edinburgh: Edinburgh University Press , 2000).

12 É difícil examinar textos teosóficos com qualquer simpatia sem alguma aceitação provisória da possibilidade de que a hierarquia de mestres possa existir. De fato, seguindo a declaração de Olav Hammer de que "a existência dos Mestres é [...] um pré-requisito indispensável se os ensinamentos devem ter alguma validade", embora outros aspectos do trabalho de Bailey possam ser considerados periféricos, a noção dos mestres forma o eixo central de seu trabalho. Uma citação de Olav Hammer , Claiming Knowledge: Strategies of Epistemology From Theosophy to the New Age [Alegando Conhecimento: Estratégias de Epistemologia da Teosofia à Nova Era, em tradução livre] , (Leiden: Brill, 2001) .

13 Bailey, The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 256.

1. Surge Uma Evangelista

1 Ibid., p.16.

2 Certidão de nascimento, Alice Harriet Hollinshead, Volume 09a, p. 319, Huddersfield Union, Cartório Geral.

3 Certidão de nascimento, Alice Harriet Hollinshead, Volume 09a, p. 319, Huddersfield Union , Cartório Geral; " England and Wales Census, 1861 [Censo da Inglaterra e País de Gales]," base de dados com imagens, FamilySearch (https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:M7C4-1W8: 24 de outubro de 2019), William Hollinshead, Huddersfield, Yorkshire, Inglaterra, Reino Unido; de "1861 England, Scotland and Wales census [Censo da Inglaterra, Escócia e País de Gales]," base de dados e imagens, findmypast (http://www.findmypast.com: n.d.); cito PRO RG 9, The National Archives [Arquivos Nacionais], Kew, Surrey

4 Certidão de casamento Joseph Hollinshead e Elizabeth Swetmore, No. 605, Cartório Geral; Censo de 1861, Ibid.

5 The London Gazette [A Gazeta de Londres], 20 de Março de 1863, p. 1609. e 24 Março 1863, p. 1713.

6 The London Gazette [A Gazeta de Londres], 27 de junho de 1865, p. 1865. E 2 de outubro de 1868, p. 5223.

7 Louise parece ter tido uma irmã gêmea, mas sua irmã Blanche estava ausente quando o censo de 1871 foi feito em 2 de abril. " England and Wales Census , 1871 [Censo da Inglaterra e País de Gales]", base de dados com imagens, FamilySearch (https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:VRN9-H1B: 29 de setembro de 2019), William Hollinshead, 1871.

8 " England and Wales Census , 1871 [Censo da Inglaterra e País de Gales]", base de dados com imagens, FamilySearch (https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:KZGD-CH2: 24 de abril de 2019), Alice H. Hollinshead na entrada para Ann Hollinshead, 1871.

9 Certidão de Óbito, William Hollinshead, No. 398, Distrito de St. Neots, Cartório de Registro Geral.

10 Certidão de casamento, Alice Harriet Hollinshead e Frederic Foster Bateman, No. 397, Cartório de Registro Geral; Proclamas de casamento, Alice Harriet Hollinshead e Frederic Foster Bateman, Diocese de Londres, 17 de janeiro de 1879, citado em Ancestry.com, julho de 2019.

11 Ver “George Bower.” Grace’s Guide to British Industrial History [Guia de Grace para a história industrial britânica], 2019, Web. 23 de outubro de 2019. <https://www.gracesguide.co.uk/George_Bower>

12 Jill Eastwood, “La Trobe, Charles Joseph (1801-1875).” Australian Dictionary of Biography [Dicionário Australiano de Biografia], 2019, Web. 15 de agosto de 2019. <http://adb.anu.edu.au/biography/la-trobe-charles-joseph-2334>

13 Ver “ La Trobe Family Tree [Árvore genealógica dos La Trobe].” The C J La Trobe Society [Sociedade C. J. La Trobe], 2013, Web. 10 de janeiro de 2017. <https://www.latrobesociety.org.au/family-tree.html>

14 Peter Russell, “John Frederic La Trobe-Bateman (1810–1889) Water Engineer [Engenheiro hídrico]”, em Transactions of the Newcomen Society [Transações da Sociedade Newcomen], Volume 52, 1980, 1: 119-138. Publicado online: 31 jan 2014.

15 Sir William Fairbairn, The Life of Sir William Fairbairn [A Vida de Sir William Fairbairn], editada e completada por William Pole (London: Longmans, Green, 1877).

16 William Fairbairn La Trobe-Bateman, Memories Grave and Gay of William Fairbairn La Trobe-Bateman [Memórias Sérias e Alegres de William Fairbairn La Trobe-Bateman]

com um prefácio do direito Rev. Bishop Gore, editado por Mildred La Trobe-Bateman. (London: Longmans, Green and Co., Ltd., 1927), p. xviii.

17 Certidão de nascimento, Alice Ann Bateman, Uppermill, Saddleworth,

Vol. 9a, p253, Cartório de Registro Geral.

18 Ver " England and Wales Census [Censo da Inglaterra e País de Gales], 1881", base de dados com imagens, FamilySearch (https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:Q27R-NLMC: 11 de dezembro de 2017), Alice A Bateman na casa do capitão Bateman, Saddleworth, Yorkshire, West Riding, Inglaterra; de "1881 England, Scotland e Wales Census [Censo da Inglaterra, Escócia e País de Gales]," base de dados e imagens, findmypast (http://www.findmypast.com: n.d.); cito p. 39, Peça/Folha 4364/23, The National Archives [Arquivos Nacionais], Kew, Surrey; FHL microfilme 101,775,223., e " England and Wales Census [Censo da Inglaterra e País de Gales], 1881," base de dados com imagens, FamilySearch (https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:Q273-6K5B: 10 de dezembro de 2017), John F. Bateman, Santa Margarida e São João Evangelista, Westminster, Londres, Middlesex, Inglaterra; de "1881 England, Scotland e Wales Census [Censo da Inglaterra, Escócia e País de Gales]," base de dados e imagens, findmypast (http://www.findmypast.com: n.d.); cito p. 29, Peça/Folha 117/54, The National Archives [Arquivos Nacionais], Kew, Surrey; FHL microfilme 101,774,339.

19 William Fairbairn La Trobe-Bateman, Memories Grave and Gay [Memórias Sérias e Alegres], op. cit.

20 Frederic Foster Bateman, “ St. Lawrence Bridge and Manufacturing Scheme: Engineer’s report 18th January , 1882 [Ponte São Lourenço e Esquema de Fabricação: relatório de engenharia de 18 de janeiro de 1882]”, HathiTrust Digital Library [Biblioteca Digital HathiTrust], 2008, Web. 2 de julho de 2019. <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=aeu.ark:/13960/t03x8n71j&view=1up&seq=8>

21 Na época que escrevo, não havia sido localizada a certidão de nascimento de Lydia.

22 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 20.

23 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 21.

24 Certidão de Óbito: Alice Harriet Hollinshead, 3 de outubro de 1886, Newton Abbot, Torquay, Volume 5b, p. 99, Cartório de Registro Geral.

25 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada] , p. 19.

26 Em sua autobiografia, Alice Bailey faz a seguinte observação: "Os Fairbairns não pertenciam à suposta aristocracia de nascimento, que é muito estimada. Isso talvez tenha sido a salvação da origem dos Bateman – Hollinshead – La Trobe." P. 19.

27 H.E. Malden (ed.), "Parishes Frensham" [Bairros Frensham] em A History of the County of Surrey [Uma História do Distrito de Surrey], 1906, 2: 591-92; e Bill Price, Charles Darwin: Origins and Arguments [Charles Darwin: Origens e Argumentos], (Londres: Oldcastle Books, 2009).

28 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada] , p. 27.

29 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada] , p. 25.

30 Ibid.

31 John Barnes, La Trobe: Traveller, Writer, Governor , [La Trobe: Viajante, Escritor, Governador] (Sydney: Halstead Press, 2017).

32 Ver John Barnes, ibid., e Daniel Thomas, “Bateman, Edward La Trobe (1815-1897).” Australian Dictionary of Biography [Dicionario Australiano de Biografia], Volume 3 (MUP) 1969, Web. 3 de fevereiro de 2017. <http://adb.anu.edu.au/biography/bateman-edward-la-trobe-2951>

33 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 27.

34 Ibid., p. 16.

35 Ibid., p. 14. Para mais pesquisas sobre depressão e misticismo, veja William James, Varieties of Religious Experience [Variedades da Experiencia Religiosa: Um Estudo Sobre a Natureza Humana], (Londres: Longman, Green, e Co, 1902), Palestras VI e VII; e Evelyn Underhill, Mysticism: A study in the nature and development of man’s spiritual consciousness [Misticismo: Estudo Sobre a Natureza e o Desenvolvimento da Consciência Espiritual do Ser Humano] , (New York: E.P. Dutton, 1930), uma obra influente na exploração do estado místico de consciência.

36 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 23; e “John Frederic La Trobe Bateman.” Grace’s Guide to British Industrial History [Guia de Grace para a história industrial britânica], 2018, Web. 10

de junho de 2019.
<https://www.gracesguide.co.uk/1889_Institution_of_Civil_Engineers:_Obitu

37 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada] , p. 25.

38 Ibid., p. 28.

39 “Person Page 1513.” The Peerage , 2019, Web. 12 de julho de 2019.
<http://thepeerage.com/p1513.htm#i15128>

40 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada] , p. 29.

41 Ibid.

42 Ibid., p. 31.

43 Ibid., p. 31.

44 Ibid., p. 14.

45 Ibid., p. 21.

46 Ibid., p. 36.

47 É totalmente possível obter muito valor com os livros de Bailey ao se deixar o julgamento sobre a existência da Hierarquia Espiritual, como descobri quando eu fazia meu doutorado, um processo no qual fui obrigada a tomar tais passos para poder manter destaque acadêmico.

48 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 39. Curiosamente, a sala de meditação nas Nações Unidas traz certa semelhança com essa visão, uma questão explorada no livro de Isobel Blackthorn: The Unlikely Occultist: a biographical novel of Alice A. Bailey [A Ocultista Improvável: Um Romance Biográfico de Alice A. Bailey], (Japan: Next Chapter, 2018).

49 Ibid., pp. 39-40.

50 Ibid., p. 40.

51 Ibid., p. 41.

52 Alice Bailey, "Friday Talk" [Discurso de Sexta, em tradução livre], 30 abril, 1943, p. 3. School of Esoteric Studies [Escola de Estudos Esotérico] , 2019, Web. 24 de setembro de 2019. <http://www.esotericstudies.net/aabtalks/aab04-23-43.pdf>

53 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada] , p. 41.

54 Ibid., p. 43.

55 Lydia Dorothy La Trobe-Bateman Parsons, A Vision of Immortality [Uma Visão da Imortalidade], (Sydney: Wentworth Press, 2016).

Ver também “A Vision of Immortality [Poem] [Uma Visão da Imortalidade - Poema]. Arquivo de Internet, 2014, Web. 3 de fevereiro de 2017. <https://archive.org/details/visionofimmortal00parsiala/page/n7>

56 Ver Lydia Dorothy La Trobe-Bateman em The Peerage . <http://www.thepeerage.com/p1516.htm>

57 Isso era uma questão que teria mais tarde que defender, pelo menos para si mesma. Ela foi barrada de dar palestras nas universidades porque ela não tinha um diploma. (ver The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 218.) Nos anos 1930 esforçou-se para ganhar credibilidade em suas obras no meio acadêmico. Não teve sucesso.

2. Casas dos Soldados de Elise Sandes

1 2 Casas dos Soldados de Elise Sandes

The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 48.

2 Ibid., p. 50.

3 Do ponto de vista protestante, boas obras tanto salvavam as almas dos outros quanto pavimentavam o caminho para a salvação pessoal. Consequentemente, o cristianismo tinha uma grande associação com trabalho social. Ver Robert Morris, Rethinking Social Welfare: Why care for a Stranger? [Reconsiderando o bem-estar social: por que se preocupar com um estranho? em tradução livre] (New York: Longman Inc., 1986); e Frank. K. Prochaska, Women and Philanthropy in Nineteenth-Century England [Mulheres e Filantropia na Inglaterra do Século XIX, em tradução livre] (London: Clarendon Press, 1980).

4 Ver Maggie Andrews e Janis Lomas, Hidden Heroines: The Forgotten Suffragettes [Heroínas Escondidas: As Sufragetes Esquecidas], (Marlborough: Crowood Press, 2019).

5 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada] , p. 77.

6 Ibid., p. 53.

7 Ella Potter e Winifred Matheson, Elise Sandes and Theodora Schofield: Twenty-one years of Unrecorded Service for the British Army [Elise Sandes e Theodora Schofield: 21 Anos de Serviço Não Registrado Ao Exército Britânico, em tradução livre] , 1913-1934 , (Edinbugh: Marshall, Morgan and Scott, 1935), p. 12.

8 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 54.

9 Ibid.

10 Ibid., p. 54.

11 Ibid., pp. 55-6.

12 Ibid., p. 59.

13 Elise Sandes tinha conexões familiares na Índia e estava bem familiarizada com as dificuldades enfrentadas pelos soldados lá posicionados. Os militares haviam feito solicitações para as casas afastarem os homens dos bordéis, cantis de bebida alcoólica e redutos de ópio. Ver Potter e Matheson, Elise Sandes and Theodora Schofield , pp. 129-136.

14 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], pp. 63-4.

15 Neil Charlesworth, " British Rule and the Indian Economy , 1800-1914" [Domínio Britânico e a Economia Indiana, em tradução livre], em Studies in Economic and Social History [Estudos em Economia e História Social, em tradução livre] , (London: Palgrave, 1981).

Ian Stone, "Canal Irrigation in British India: Perspectives on Technological

Change in a Peasant Economy" [Irrigação de Canais na Índia Britânica: Perspectivas Sobre a Mudança Tecnológica em uma Economia Camponesa, em tradução livre], citado em <http://catdir.loc.gov/catdir/samples/cam034/84003200.pdf>

Para as reformas de Kitchener, ver E. S. Grew, Field-Marshall Lord Kitchener: his life and work for the empire [Marechal de campo Lord Kitchener: sua vida e obra para o império, em tradução livre], (London: Gresham Publishing Company, 1916), pp. 29-30.

16 O exército britânico estava posicionado lá para defender a passagem de Bolan, que junto com a passagem de Khyber mais ao norte, era uma entrada estratégica pelas montanhas e, portanto, uma rota de invasão pelo norte.

17 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 70.

18 Ibid., pp. 148-9.

19 Ibid., p. 75.

20 Ibid., p. 76.

21 Ibid., p. 76.

22 Alice Bailey, “Friday Talk” [Discurso de Sexta, em tradução livre], 30 abril, 1943, p. 2. PDF em School for Esoteric Studies [Escola de Estudos Esotéricos], 2019, Web. 24 de setembro de 2019. <http://www.esotericstudies.net/aabtalks/aab04-30-43.pdf>

23 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada] , p. 79.

24 Ibid., p. 82.

25 Ibid.

26 Ibid., p. 83.

27 Ibid., p. 84.

28 Ibid., p. 85.

29 Ibid., p. 85.

30 Ibid., p. 87.

31 Ibid., pp. 88-9.

32 Ibid., p. 89.

33 Ibid.

34 Ibid., p. 95.

35 Ibid., p. 96.

36 Ibid.

37 "Índice de Registro de Nascimento da Inglaterra e País de Gales, 1837-2008," base de dados FamilySearch (https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:2XJ3-GZG: 1 de outubro de 2014), Walter Henry Evans, 1880; de "Nascimentos na Inglaterra e País de Gales, 1837-2006," base de dados findmypast (http://www.findmypast.com: 2012); citando o Registro de Nascimento, Guisborough, Yorkshire, Inglaterra, citando o Cartório Geral, Southport, Inglaterra.

3. Tempos sombrios como Sra. Evans

1 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 54.

Ver também “Endynamited by Christ’ Sandes Soldiers’ homes [Implodida pelas casas dos soldados de Cristo de Sandes, em tradução livre]”, History Ireland [História da Irlanda], 2019, Web. 4 de outubro de 2019.

<https://www.historyireland.com/20th-century-contemporary-history/endynamited-by-christ-sandes-soldiers-homes/>

As famílias Arbuthnot-Holmes e Rowan-Hamilton tinham fortes raízes na Irlanda. Ao mencionar esses nomes em sua autobiografia, Alice Bailey torna conhecido do leitor que membros da alta burguesia com posse de terras estavam reunidos bem próximos a ela naquela época.

2 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada] , p. 66.

3 Ibid., p. 101.

4 Ibid., p. 103.

5 Ver “ Lane Theological Seminary ” [seminário teológico Lane]. Ohio History Central [Central da História de Ohio], Web. 12 de janeiro 2017. <http://www.ohiohistorycentral.org/w/Cincinnati,_Ohio>

6 Apesar de me esforçar muito, não fui capaz de estabelecer contato com a

pessoa que sabe endereço verdadeiro. No começo de 2019, ele me informou que tinha posse evidências documentais.

7 “ Lane Theological Seminary ” [seminário teológico Lane]. Ohio History Central [Central da História de Ohio], Web. 12 de janeiro 2017. <http://www.ohiohistorycentral.org/w/Cincinnati,_Ohio>

8 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada] , p. 107.

9 ver Trevor Ravenscroft, The Spear of Destiny: The Occult Power Behind the Spear which pierced the side of Christ [A lança do destino: o poder oculto por trás da lança que perfurou o lado de Cristo, em tradução livre] (Cape Neddick , ME: Samuel Weiser, 1982), e Nicholas Goodrick-Clarke, The Occult Roots of Nazism: Secret Aryan Cults and their Influence on Nazi Ideology [As Raízes Ocultistas do Nazismo: Cultos Secretos Arianos e Sua Influência na Ideologia Nazista] (New York: New York University Press , 1993).

10 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 139.

11 Alice A. Bailey, The Rays and The Initiations [Os Raios e as Iniciações] (New York : Lucis Trust , 1972), p. 593.

12 ver Gary w. Trompf, “ Macrohistory in Blavatsky, Steiner and Guénon [Macro-história em Blavatsky, Steiner e Guénon, em tradução livre],” em Western Esotericism and the Science of Religion [Esoterismo Ocidental e a Ciência da Religião, em tradução livre], eds. Antoine Faivre e Wouter Hanegraaff (Leuven, Bélgica: Peeters, 1998), pp. 269-296.

13 Arthur E. Powell, The Solar System [O Sistema Solar], (Borodino Books , 2018).

Joscelyn Godwin, Atlantis and the Cycles of Time: Prophecies, Traditions, and Occult Revelations. [Atlantis e os ciclos do tempo: profecias, tradições e revelações ocultas, em tradução livre] (Inner Traditions/Little Bear, 2010).

14 Ibid.

15 Alice A. Bailey, Problems of Humanity [Problemas na Humanidade] (New York : Lucis Trust , 1983), pp. 105-6.

16 Ibid., p. 107.

17 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 104.

18 Ibid., p. 105.

19 Lista de passageiros: Dorothy Bailey, Westernland 1931, 5043 New York , Lista de Passageiros e Tripulação de Nova Iorque, 1909, 1925-1957, vol 10899-10901, familysearch.org

20 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 108.

21 ver Richard Johnson, “ Changing Attitudes About Domestic Violence [Mudança de atitudes sobre violência doméstica, em tradução livre],” Law and Order [Lei e Ordem] 50 (2002): 60-65.

22 Certidão de casamento: Lydia Dorothy La Trobe-Bateman, 22 de julho de 1911, Windsor, Vol 2c, Page1007, Cartório Geral.

23 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 109.

24 Ibid.

25 Ibid., p. 28.

26 Ibid., p. 111.

27 Ver as fotos de Reedley em “ Reedley: An historical sketch ” [Reedley: Um esboço histórico, em tradução livre]. The City of Reedley: The world’s first fruit basket [A cidade de Reedley: a primeira cesta de frutas do mundo, em tradução livre], 2019, Web. 4 de outubro de 2019. <http://www.reedley.com/history/pdfs/Historical-Photos.pdf> e uma imagem de Reedley em 1910 em “ General View of Reedley, California [Vista Geral de Reedley, Califórnia]”. 2009, Web. 4 de outubro de 2019. <https://oac.cdlib.org/ark:/13030/kt9t1nd07p/?brand=oac4>

28 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 110.

29 Ibid., p. 111.

30 Ibid., p. 112.

31 Ibid., p. 112.

32 Ibid., p. 112.

33 “Índice de Nascimento da Califórnia, 1905-1995," base de dados, FamilySearch (https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:VG2N-7R5: 27 de novembro de 2014), Mildred K Evans, 03 Ago 1912; citando Fresno, Califórnia, Estados Unidos, Departamento de Serviços de Saúde, Departamento de Estatísticas Vitais, Sacramento.

34 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 112.

35 Ibid., p. 113.

36 Ibid., p. 114.

37 “Índice de Nascimento da Califórnia, 1905-1995," base de dados,

FamilySearch (https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:VL1H-3MX: 27 de novembro de 2014), Ellison A Evans, 24 Jan 1914; citando Fresno, Califórnia, Estados Unidos, Departamento de Serviços de Saúde, Departamento de Estatísticas Vitais, Sacramento.

38 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 115.

39 Ibid., p. 117.

40 Ibid.

41 Ibid., p. 119.

42 Ibid.

43 Alice A. Bailey, The Externalisation of the Hierarchy [A Exteriorização da Hierarquia] (New York : Lucis Trust , 1989), p. 87.

44 Bailey, Problems of Humanity [Problemas da Humanidade], p. 102.

45 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 145.

46 “ Concerning the Ageless Wisdom Writing on the Jewish People [A

Respeito dos Escritos da Sabedoria Eterna Sobre o Povo Judeu]". Lucis Trust , 2019, Web. 7 de outubro de 2019. <https://www.lucistrust.org/arcane_school/talks_and_articles/concerning_th

Da mesma peça: "Algumas pessoas querem saber por que, quando a história humana está repleta de exemplos da 'desumanidade do homem para com o homem' e o Tibetano parecia destacar os judeus para uma crítica especial. Tudo que o Tibetano escreveu precisa ser estudado no contexto de todo o corpo de ensinamentos que promove a boa vontade, tolerância e respeito mútuo. Comentários sobre o povo judeu devem ser lidos em sua totalidade, que inclui menção à esplêndida contribuição do povo judeu em muitos setores da vida humana. Críticas de tendências separatistas no sionismo devem ser lidas no contexto de comentários mordazes sobre o subterfúgio do Vaticano, o materialismo nas igrejas cristãs e "lealdade à igreja" no geral. Ele também foi franco em sua oposição ao isolacionismo americano, o totalitarismo soviético, o fascismo, o nazismo e o grande mal incorporado por Hitler e seus associados mais próximos, e o pacifismo durante a Guerra Mundial — tudo isso comprometia a unidade essencial da humanidade e o espírito responsável de liberdade.

É esse espírito de amor e identificação inclusiva que busca despertar a compreensão e cooperação do grupo esotérico na cura do problema humano fundamental do separatismo. Muitas pessoas de boa vontade trabalham diligentemente para encontrar uma solução. Entretanto, o aspecto único do ensino esotérico é que ele desafia o aluno a penetrar no nível causal de todos os problemas humanos, onde as origens espirituais dos problemas podem ser identificadas e soluções duradouras podem ser precipitadas na consciência humana. Talvez seja por isso que o Tibetano era incansável em sua crítica ao sionismo, que buscava resolver o problema da estigmatização do povo judeu ao entregar a eles sua própria pátria, ao invés de trabalhar pela integração deles nas nações existentes."

47 Ibid., p. 122.

48 Ibid.

49 Ibid., p. 123.

50 Ibid., p. 125.

51 Ibid., p. 125.

52 Ibid., p. 15.

53 Ibid., p. 126.

54 Ibid., p. 127.

55 Ibid., p. 123.

56 Ver “ The Canneries ” [As Fábricas de Conservas, em tradução livre]. Cannery Row [A rua das ilusões perdidas], 2015, Web. 9 de outubro de 2019. <http://canneryrow.com/our-story/the-canneries/>

57 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 128.

58 Ibid.

59 Ibid., p. 130.

60 Ibid., p. 132.

61 Ibid.

4 Uma conversão esotérica

4. Uma conversão esotérica

1 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 134.

2 Ibid.

3 Ibid., pp. 134-5.

4 Ibid., p. 135.

5 Ibid., p. 136.

6 Ibid., p. 137.

7 Ibid.

8 Ibid., p. 138.

9 Adotei esse método quando pesquisei os livros de Bailey para minha tese de doutorado. Ver Isobel Wightman, The Texts of Alice A Bailey: An Inquiry into the role of Esotericism in Transforming Consciousness [Os textos de Alice A. Bailey: uma investigação sobre o papel do esoterismo na transformação da consciência, em tradução livre], Tese de PhD, (Universidade Ocidental de Sydney, 2006). <https://researchdirect.westernsydney.edu.au/islandora/object/uws%3A3753

10 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 139.

11 Annie Besant, Initiation: The Perfecting of Man [O Aperfeiçoamento do Homem] (Chicago: Theosophical Press , 1912).

12 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 140.

13 ver Steven J. Sutcliffe, Children of the New Age: A History of Spiritual Practices [Uma História de Práticas Espirituais, em tradução livre] (London: Routledge, 2003), p. 35.

14 Rudolph Steiner, The Way of Initiation or How to Attain Knowledge of the Higher Worlds [O conhecimento dos mundos superiores (A iniciação)] (London: Theosophical Publishing, 1908).

15 Afirmar que a alma é a consciência parece simplista e errado. Na visão de Bailey, a consciência assenta-se na mente e é um tipo de visão interior. A mente e sua contraparte física, o cérebro, é um vasto depósito de dados acumulados através de experiências sensoriais e sistematizadas como conhecimento. A consciência é a parte de nós que está atenta, que sabe e experimenta. Para usar a linguagem da fenomenologia, é o observador intencional. Podemos perceber através de nossos sentidos e pelo nosso olho subjetivo interno, que se volta para dentro em reflexão. De uma perspectiva teosófica, a alma faz uso da consciência para cumprir os propósitos da encarnação em particular.

16 William James, Varieties of Religious Experience: A Study in Human Nature [Variedades da Experiencia Religiosa: Um Estudo Sobre a Natureza Humana] (New York: Penguin, 1985), p. 197.

17 O guru da Nova Era e autor da Teoria Integral, Ken Wilber, descreve a consciência como um espectro, como as faixas coloridas de um arco-íris. Ao alterar nosso estado de consciência pela meditação e até mesmo drogas, podemos explorar todo o espectro e não ficamos limitados pelo despertar ordinário da consciência. Contudo, aprofundar-se nos diferentes tipos de percepção não é o mesmo que expandir a consciência. No mínimo, tal introspecção pode levar a uma contração, uma sucção para dentro de si.

18 Alice A. Bailey, Esoteric Psychology: Volume II [Psicologia Esotérica Volume 2] (New York : Lucis Trust , 1988), p. 12.

19 Alice A. Bailey, From Bethlehem to Calvary: The initiations of Jesus [De Belém ao Calvário; As iniciações de Jesus] , (New York : Lucis Trust , 1989), p. 105.

No esquema de Bailey há nove iniciações ao todo, e as duas primeiras são preparatórias ou iniciações de entrada. A terceira (também conhecida como a primeira), ocorre quando a alma ganha controle dos três veículos da personalidade. Daí em diante, a cada estágio introdutório, uma consciência espiritual mais plenamente realizada cresce. De importância para a humanidade são as quatro primeiras iniciações.

20 Bailey afirma que "não há iniciação possível sem uma revelação precedente, mas cada iniciação leva a uma revelação subsequente." A primeira é gerada pelos esforços contemplativos do próprio discípulo, a última é de alguma maneira conferida. Alice A. Bailey, Discipleship in the New Age [Discipulado na Nova Era] : Volume II (New York : Lucis Trust , 1986), p. 417.

21 Robert A. Segal, " Jung's Psychologising of Religion [A psicologização da religião de Jung, em tradução livre]" em Beyond New Age: Exploring Alternative Spirituality [Além da Nova Era: Explorando a Espiritualidade Alternativa, em tradução livre], eds. Steven Sutcliffe e Marion Bowman (Edinburgh: Edinburgh University Press , 2000), p. 73.

22 Annie Besant, Esoteric Christianity [O Cristianismo Esotérico] (New York : John Lane, 1902).

23 Bailey, From Bethlehem to Calvary [De Belém ao Calvário], p. 3.

24 Bailey, Esoteric Psychology Vol II [Psicologia Esotérica Volume 2] , pp. 14-15.

Uma vez que a primeira iniciação diz respeito ao corpo, na visão de mundo de Bailey, não é de se surpreender que a espiritualidade da Nova Era tenha um grande foco nas técnicas físicas de alinhamento, incluindo várias formas de ioga, técnicas de alinhamento corporal, balanceamento de chacra e reflexologia.

25 Alice Bailey, The Rays and The Initiations [Os Raios e as Iniciações], p. 577.

26 Alice A. Bailey, The Destiny of the Nations [O Destino das Nações] (New York : Lucis Trust , 1990), p. 138.

27 Alice A. Bailey, Esoteric Psychology: Volume I [Psicologia Esotérica Volume 1] (New York : Lucis Trust , 1971), pp. 328-9.

28 Essa explosão de luz é conhecida no misticismo oriental como kundalini. Alice Bailey se esforça para enfatizar que na terceira iniciação, a energia explode pelo chacra coronário e desce para o chacra raiz. Muitos podem confundir com uma experiência semelhante inferior, quando a força kundalini flui através do coração.

29 Bailey, From Bethlehem to Calvary [De Belém ao Calvário], p. 128.

Como acontece em todos os modelos de fases, temos uma forte tendência inerente de nos mapearmos para o modelo, e o modelo para nós mesmos. O potencial para aumento sempre está lá. Quem não gostaria de se considerar um justo no caminho? Bailey está longe de estar sozinha em retratar um modelo de expansão ou evolução da consciência humana. Jung baseou-se na metáfora do sol, Clare Graves, que inspirou a dinâmica espiral, postulou níveis da existência humana, Fowler apresentou estágios de fé, Wilber, o seu espectro de consciência. Todos os modelos de estágio são teleológicos e progressivos, do menor para o maior, todos são sistemas de classificação. E todos os modelos de estágio são sedutores, tão logo nos colocamos dentro dele, localizamos nossa posição ou status, aceitando tacitamente os modelos de validação.

5 Krotona

5. Mudando-se para Krotona

1 Hadley Meares, “ The Creation of Beachwood Canyon's Theosophist ‘Dreamland ", Curbed: Los Angeles [A Criação da “Terra dos Sonhos” Teosofista no cânion Beachwood, Limitada: Los Angeles, em tradução livre], 2014, Web. 15 de fevereiro de 2017. <http://la.curbed.com/2014/5/22/10099768/the-creation-of-beachwood-canyons-theosophist-dreamland-1>

2 Ver “Warrington, Albert Powell”, The Theosophical Encyclopedia [A Enciclopédia Teosófica, em tradução livre], 2013, Web. 20 de outubro de 2019. <http://theosophy.ph/encyclo/index.php?title=Warrington,_Albert_Powell>

3 Annie Wood Besant, Avataras [Avatares, em tradução livre] (Whitefish , MT: Kessinger Publishing, 2007).

4 “ The Krotona Institute of Theosophy [Instituto Krotona de Teosofia, em tradução livre]”. The Theosophical Encyclopedia [A Enciclopédia Teosófica, em tradução livre], 2013, Web. 20 de outubro de 2019. <http://theosophy.ph/encyclo/index.php?title=Krotona_Institute_of_Theosophy,_The>

5 Kevin Star, The Dream Endures: California Enters the 1940s (Americans and the California Dream) [O sonho perdura: a Califórnia entra na década de 1940 (os americanos e o sonho da Califórnia), em tradução livre], Oxford University Press , 2002, p 198.

6 Hadley Meares, “The Creation of Beachwood Canyon's Theosophist ’Dreamland’, Curbed: Los Angeles [A Criação da “Terra dos Sonhos” Teosofista no cânion Beachwood, Limitada: Los Angeles, em tradução livre], op. cit.

7 Ibid.

8 Em 1918, Dorothy e, presume-se também Mildred, frequentaram a escola Open Gate, uma escola teosófica próxima a Krotona, estabelecida por Mary Gray. <https://theosophy.wiki/en/School_of_the_Open_Gate>

Dorothy é citada em Mary Gray, “School of the Open Gate [Escola do Portão

Aberto, em tradução livre]". The Messenger [O Mensageiro], maio de 1919, p. 364. PDF. The International Association for the Preservation of Spiritualist and Occult Periodicals [Associação Internacional para a Preservação de Periódicos Espíritas e Ocultistas, em tradução livre], Web. 22 de novembro de 2019. <http://www.iapsop.com/archive/materials/theosophic_messenger_all/messenger

"Um dia eu estava sozinha nas colinas. Podia ouvir o canto dos pássaros. Parecia que eu Apenas sabia o que diziam. O que cantavam era: 'Quem é você? Quem é você?' E eu cantei: 'sou eu, sou eu. Quem é você?' Os pássaros responderam: 'sou o espírito.' Dorothy Evans, 8 anos"

9 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 154.

10 Ibid., p. 155.

11 ver Chögyam Trungpa, Cutting Through Spiritual Materialism [Cortando o materialismo espiritual] (Boulder, Colorado: Shambhala, 2002).

6 A chegada de Foster

6. A chegada de Foster Bailey

1 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 156.

2 Ver “Bailey, Ebenezer Foster 1820”. World Cat. Identities [Identidades], 2019, Web. 17 de outubro de 2019.

<http://worldcat.org/identities/lccn-n88257578/>

Ebenezer Bailey, “A historical sketch of the C.C. Sunday school [Um esboço histórico da escola de domingo C.C., em tradução livre]” in George A. Hitchcock, A history of the Calvinistic Congregational Church and Society Fitchburg, Massachusetts [Uma história da Igreja e Sociedade Congregacional Calvinista de Fitchburg, Massachusetts, em tradução livre], (Fitchburg: Autorizado por voto da sociedade, 1902). Citado em HathiTrust Digital Library [Biblioteca Digital HathiTrust], Web. 12 de março de 2017.

<https://catalog.hathitrust.org/Record/100437576>

Informações do tio Harrison Bailey podem ser encontradam em Charles Warren, History Of The Harvard Law School And Of Early Legal Conditions In America [História da escola jurídica de Harvard e das primeiras condições jurídicas na América, em tradução livre], Volume 1, Palala Press, 2015, p 139.

Ver também Dorothy S Kimball, “Massachusetts Home Missionary Society”. Annual report of the Massachusetts Home Missionary Society. [Relatório anual da Sociedade Missionária Doméstica de Massachusetts, em tradução livre]. (Boston: Press of T.R. Marvin, 1844).

Leonard A. Morrison e Stephen Paschall Sharples, History of the Kimball Family in America from 1634 to 1897 and of Its Ancestors the Kemballs or Kemboldes of England With an Account of the Kembles of Boston [História da

Família Kimball na América de 1634 a 1897 e de seus ancestrais, os Kemballs ou Kemboldes da Inglaterra, com um relato dos Kembles de Boston, em tradução livre], (Massachusetts, Nabu Press, 2010).

“Cora Isabel Wheeler Bailey”. Find a Grave, 2013, Web. 12 de fevereiro de 2017. <https://www.findagrave.com/memorial/119327687/wheeler>

Irene Weinmann, “Descendants of Thomas Kimball” [Descendentes de Thomas Kimball]. Genealogia, 2019, Web. 1 de outubro de 2019.

<http://www.genealogy.com/ftm/w/e/i/Irene-Weinmann/BOOK-0001/0088-0024.html>

3 A sociedade teosófica se envolveu bastante no apoio aos soldados da Primeira Guerra Mundial. Foster Bailey pode ter se juntado à sociedade através de uma de suas várias campanhas. Ver Janet Kerschner, “ Theosophy in Times of War ”, The Theosophical Society in America [“Teosofia em tempos de guerra”, A Sociedade Teosófica na América, em tradução livre], Web. 6 de outubro de 2019. (originalmente publicado em Quest , verão 2009).

<https://www.theosophical.org/publications/quest-magazine/42-publications/quest-magazine/1678-theosophy-in-times-of-war>

Rolo de cartões de registro de membros 1. [Registro de microfilme] Arquivos da Sociedade Teosófica na América. Citado em “Foster Bailey”, Theosophical Wiki, 2018, Web. 7 de outubro de 2019.
<https://theosophy.wiki/en/Foster_Bailey>

4 " United States World War I Draft Registration Cards, 1917-1918 [Cartões de Registro Provisórios da Primeira Guerra Mundial dos Estados Unidos, 1917-1918, em tradução livre]", base de dados com imagens, FamilySearch (https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:KZJS-JX2: 24 de agosto de 2019), Foster Bailey, 1917-1918.

Na Primeira Guerra Mundial, a força aérea dos Estados Unidos não era uma divisão militar separada, mas ao contrário, fazia parte do exército americano.

5 "Foster Bailey (1888)", BIRLS Death File, U.S. Department of Veterans Affairs, 1850-2010. "Beneficiary Identification Records Locator Subsystem (BIRLS) Death File [Arquivo de Morte do Subsistema de Registros de Identificação do Beneficiário, em tradução livre]. Washington, D.C.: U.S. Department of Veterans Affairs." [Departamento Americano de Assuntos dos Veteranos] Fold 3 , 2019, Web. 15 de outubro de 2019. <https://www.fold3.com/record/622325168-foster-bailey-1888>

6 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 156. É provável que Alice Bailey confundiu a força aérea dos Estados Unidos e o exército nesse parágrafo.

7 Gordon Pugh, entrevista conduzida por Rose Bates. "Rose Bates: Memórias e fotos do neto de Alice Bailey". Vídeo da conversa na conferência Seven Ray Institute [Instituto Sete Raios] em 2019, https://youtu.be/YYDf1cTb6WY>

8 Durante esse período, edições mensais da revista seccional The Messenger (O Mensageiro) contêm um relatório chamado "Trabalho de Guerra",

resumindo os esforços da sociedade.

Laura Slavens Wood, “War Work”, The Messenger [“Trabalho de Guerra”, O Mensageiro, em tradução livre], pp. 279-280. PDF. The International Association for the Preservation of Spiritualist and Occult Periodicals [Associação Internacional para a Preservação de Periódicos Espíritas e Ocultistas, em tradução livre], Web. 22 de novembro de 2019.

<http://www.iapsop.com/archive/materials/theosophic_messenger_all/messenger_

9 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 156.

10 A grafia dos nomes e datas fornecidas são às vezes duvidosas em The Unfinished Autobiography (Autobiografia Inacabada). Em um capítulo mais adiante, ela fornece as datas do projeto de uma escola de verão espiritual, um ano depois de quando ocorreram.

11 Foster Bailey, Reflections [Reflexões, em tradução livre] (New York : Lucis Trust , 1979), p. 91.

12 Ibid., p. 92.

13 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 14.

14 Rolo de Cartões de Registro de Membros 1. [Registro do microfilme] Arquivos da Sociedade Teosófica na América, citado em Citado em "Foster Bailey", Theosophical Wiki, 2018, Web. 7 de outubro de 2019. <https://theosophy.wiki/en/Foster_Bailey>

15 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], pp. 160-1.

16 Ibid., p. 163.

7 O Tibetano

7. O Tibetano

1 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 163.

2 Alice A. Bailey, Letters on Occult Meditation , [Cartas Sobre Meditação Ocultista] (New York : Lucis Trust , 1993), p. 133. Por motivos que não são claros, a Fundação Lucis removeu as cartas datando de 1919 de sua edição de 2002 desse volume.

3 Ibid., p. 133 and p. 134.

4 Alice A. Bailey, Letters on Occult Meditation , [Cartas Sobre Meditação Ocultista] (New York : Lucis Trust , 1922), p.139.

5 Não tenho permissão de quem possui essas cartas para publicar a correspondência de e-mails que possuo, verificando a existência delas. Por motivos desconhecidos, quem possui essas cartas, uma escola esotérica bem conhecida, prefere mantê-las longe da vista do público. Não vi as cartas em questão em nenhuma forma, apesar de requisitar inúmeras vezes.

6 Externalisation of the Hierarchy [A Exteriorização da Hierarquia] , p. 631.

7 É desapontador que a Fundação Lucis até agora decidiu cobrir a verdadeira data, removendo a evidência contrária em Cartas Sobre Meditação Ocultista, presumivelmente para não cair na questão de autenticidade do panfleto de abril de 1948, ao invés de revelar a data precisa da primeira carta, por causa do registro histórico. Astrólogos são forçados atualmente a basearem-se na data de 19 de novembro de 1919. O melhor que pode ser dito sobre a data, é que ela marca um tipo de começo simbólico, que falta completamente em qualquer fundação conhecida.

8 B. P. Wadia estava em um tour pelos alojamentos teosóficos e era programado que chegasse em Krotona no Natal. Ver Albert Warrington, "From the National President", The Messenger ["Do Presidente Nacional", O Mensageiro, em tradução livre], p. 204. PDF. The International Association for the Preservation of Spiritualist and Occult Periodicals [Associação Internacional para a Preservação de Periódicos Espíritas e Ocultistas, em tradução livre], Web. 22 de novembro de 2019.

<http://www.iapsop.com/archive/materials/theosophic_messenger_all/messenger_

Os detalhes desse envio de Alice Bailey para B. P. Wadia são retomados no próximo capítulo, junto com as várias referências.

9 Maureen Temple Richmond, “Great Esotericists: Alice A. Bailey (1880–1949), Twentieth-Century Sirian Channel ”, The Esoteric Quarterly , [Grandes Esoteristas: Alice A. Bailey (1880–1949), Canal Siriano do Século XX, O Esotérico, trimestral, em tradução livre], Inverno de 2018, pp. 100-1. <http://www.esotericquarterly.com/>

10 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 165.

11 Alice A. Bailey, Initiation, Human and Solar [Iniciação Humana e Solar] , (New York : Lucis Trust , 1992), p. 57., e The Externalisation of the Hierarchy [A Exteriorização da Hierarquia], p. 522. Em uma obra posterior, numa carta datada de janeiro de 1946, o Tibetano afirma ter passado pela quinta iniciação “noventa anos atrás”, o que coloca esse acontecimento por volta de 1856. De qualquer forma, parece que Alice Bailey se torna pouco confiável em anotar datas dadas pelo Tibetano nos anos seguintes. A data fornecida de 1875 no trabalho anterior deveria ser considerada como mais confiável.

12 Gordon Pugh, entrevista conduzida por Rose Bates. “Rose Bates: Memórias e fotos do neto de Alice Bailey”. Vídeo da conversa na conferência Seven Ray Institute [Instituto Sete Raios] em 2019, https://youtu.be/YYDf1cTb6WY>

13 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 164.

14 Ibid., p. 167.

15 Ver Hugh Major, The Lantern in the Skull [A Lanterna na Caveira, em tradução livre] , (New Zealand: Attar Books, 2019).

16 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 166.

17 Esses capítulos e a seção de Tratado Sobre O Fogo Cósmico aparecem em edições de "O Teosofista" de 1921. Veja o capítulo seguinte para a lista completa de citações.

18 Bailey, Initiation, Human and Solar [Iniciação Humana e Solar], p. 71.

19 Ibid., pp. 53-59.

20 Alice Bailey, "Friday Talk" [Discurso de Sexta, em tradução livre], 17 de março de 1944, p. 7. PDF em Escola de Estudos Esotéricos , 2019, Web. 24 de setembro de 2019. <http://www.esotericstudies.net/aabtalks/aab03-17-44.pdf>

21 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 164.

8 Uma Tempestade em um Copo d'Água

8. Uma Tempestade em um Copo d'Água

1 J. Gordon Melton " The Theosophical Communities and their Ideal of Universal Brotherhood " in America's Communal Utopias ["As Comunidades Teosóficas e seu Ideal de Irmandade Universal" em Utopias Comunitárias da América, em tradução livre] ed. Donald E. Pitzer (Berkeley: University of North Carolina Press, 1997), p. 410.

2 "Board of Trustees: Minutes of meeting" [Conselho de Curadores: Ata da reunião]. The Messenger [O Mensageiro, em tradução livre], outubro de 1919, p. 155. PDF, The International Association for the Preservation of Spiritualist and Occult Periodicals [Associação Internacional para a Preservação de Periódicos Espíritas e Ocultistas, em tradução livre], Web. 22 de novembro de 2019. <http://www.iapsop.com/archive/materials/theosophic_messenger_all/messer

3 Ibid., p. 155.

4 Ibid., e,

"Board of Trustees: Minutes of meeting" [Conselho de Curadores: Ata da reunião]. The Messenger [O Mensageiro], outubro de 1918, p. 153. PDF, The International Association for the Preservation of Spiritualist and Occult Periodicals [Associação Internacional para a Preservação de Periódicos Espíritas e Ocultistas, em tradução livre], Web. 22 de novembro de 2019.

<http://www.iapsop.com/archive/materials/theosophic_messenger_all/messenger_

5 “ National Publicity Department ”, The Messenger [“Departamento Nacional de Publicidade”, O Mensageiro, em tradução livre], abril de 1919, pp. 344-345. PDF, The International Association for the Preservation of Spiritualist and Occult Periodicals [Associação Internacional para a Preservação de Periódicos Espíritas e Ocultistas, em tradução livre], Web. 22 de novembro de 2019.

<http://www.iapsop.com/archive/materials/theosophic_messenger_all/messenger_

6 “ Mr. Warrington Re-elected ”. The Messenger [Reeleição do sr. Warrington, O Mensageiro], abril de 1919, p. 346. PDF, The International Association for the Preservation of Spiritualist and Occult Periodicals [Associação Internacional para a Preservação de Periódicos Espíritas e Ocultistas, em tradução livre], Web. 22 de novembro de 2019. <http://www.iapsop.com/archive/materials/theosophic_messenger_all/messer

7 “Board of Trustees: Minutes of Meeting [Conselho de Curadores: Ata da reunião] 24 de maio de 1919”. The Messenger [O Mensageiro], agosto de 1919, p. 85. PDF, The International Association for the Preservation of Spiritualist and Occult Periodicals [Associação Internacional para a Preservação de Periódicos Espíritas e Ocultistas, em tradução livre], Web. 22 de novembro de 2019.

<http://www.iapsop.com/archive/materials/theosophic_messenger_all/messenger_

8 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 160.

9 “Board of Trustees: Minutes of meeting” [Conselho de Curadores: Ata da reunião]. The Messenger [O Mensageiro], outubro de 1919, p. 154. PDF, The International Association for the Preservation of Spiritualist and Occult Periodicals [Associação Internacional para a Preservação de Periódicos Espíritas e Ocultistas, em tradução livre], Web. 22 de novembro de 2019. <http://www.iapsop.com/archive/materials/theosophic_messenger_all/messer

10 Bailey, Letters on Occult Meditation [Cartas Sobre Meditação Ocultista], (1993), pp. 123-138.

11 Ibid., p. 134.

12 Ibid.

13 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 159.

14 Sarah Grand, “ Femininities [Feminilidades, em tradução livre]”, em Ann Hellman ed., New Woman Strategies [Novas Estratégias Para Mulheres] , (Manchester: Manchester University Press, 2004).

15 ver Olav Hammer, “ Schism and Consolidation: the case of the theosophical movement ,” Sacred Schisms: How Religions Divide [“Cisma e Consolidação: O Caso do Movimento Teosófico”, Cismas Sagrados: Como as Religiões se Dividem, em tradução livre] eds. James R. Lewis e Sarah M. Lewis (Cambridge: Cambridge University Press, 2009), p. 202.

16 Kevin Tingay, “ Madame Blavatsky’s Children: Theosophy and Its Heirs [Filhos da Madame Blavatsky: A Teosofia e seus Herdeiros]”, em Steven Sutcliffe e Marion Bowman, (eds), Beyond New Age: Exploring Alternative Spirituality [Além da Nova Era: Explorando a Espiritualidade Alternativa], (Edinburgh: Edinburgh University Press , 2000), pp. 37-50.

17 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], pp. 159-160.

18 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 159.

19 Ver Dallas Tenbroeck, “ B. P. Wadia - A Life of Service to Mankind ”, Eclectic Theosophical History [“B. P. Wadia - Uma Vida de Serviço à Humanidade”, História Teosófica Eclética, em tradução livre], Web. 7 de outubro de 2019. <http://www.katinkahesselink.net/his/dtb_2.htm>

20 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 169.

21 Ibid., p. 167.

22 Alice Evans, “ Initiation and the Solar System ” [Iniciação e o Sistema Solar]. The Theosophist: A magazine of Brotherhood, Oriental Philosophy, Art, Literature and Occultism, Vol XLII, Part I: [O Teosofista: Uma revista de Irmandade, Filosofia Oriental, Arte, Literatura e Ocultismo, Vol XLII, Parte I, em tradução livre]: Outubro de 1920 a março de 1921, fevereiro de 1921, pp. 457-472; e março de 1921, pp. 575-582. PDF, The International Association for the Preservation of Spiritualist and Occult Periodicals [Associação Internacional para a Preservação de Periódicos Espíritas e Ocultistas, em tradução livre], Web. 22 de novembro de 2019.

Alice A. Evans-Bailey, “Cosmic and Systemic Law” [Lei Cósmica e Sistêmica]. The Theosophist: A magazine of Brotherhood, Oriental Philosophy, Art, Literature and Occultism, [O Teosofista: Uma revista de Irmandade, Filosofia Oriental, Arte, Literatura e Ocultismo, em tradução livre] Vol XLII, Part II: Abril 1921 - setembro 1921, setembro 1921, pp. 576-593. PDF, The International Association for the Preservation of Spiritualist and Occult Periodicals [Associação Internacional para a Preservação de Periódicos Espíritas e Ocultistas, em tradução livre], Web. 22 de novembro de 2019. <http://www.iapsop.com/archive/materials/theosophist/theosophist_v42_n1-n12_oct_1920-sep_1921.pdf>

Alice A. Evans-Bailey “Cosmic and Systemic Law [Lei Cósmica e Sistêmica]” (Part 2). The Theosophist: A magazine of Brotherhood, Oriental Philosophy, Art, Literature and Occultism, [O Teosofista: Uma revista de Irmandade, Filosofia Oriental, Arte, Literatura e Ocultismo, em tradução livre] Vol XLIII, abril de 1921 – setembro de 1921. pp. 164-177. PDF. The International Association for the Preservation of Spiritualist and Occult Periodicals [Associação Internacional para a Preservação de Periódicos Espíritas e Ocultistas, em tradução livre], Web. 22 de novembro de 2019. <http://www.iapsop.com/archive/materials/theosophist/theosophist_v43_n1-n12_oct_1921-sep_1922.pdf>

23 Alice. A. Bailey, A Treatise on Cosmic Fire [Tratado Sobre O Fogo Cósmico], (New York : Lucis Trust , 1989), pp. 567-586.

24 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 167.

25 Pouco é mencionado sobre a Ordem da Estrela no Leste, mesmo em websites dedicados a Krishnamurti. De acordo com o Tibetano, o experimento foi finalizado pela Hierarquia durante o conclave de 1925.

“Um dos primeiros experimentos que Ele [o Cristo] fez conforme se preparou para essa forma de atividade, foi em conexão com Krishnamurti. Foi apenas parcialmente bem-sucedido. O poder usado por Ele foi distorcido e mal aplicado pelo tipo de devoto que compõe amplamente a Sociedade Teosófica, e o experimento foi finalizado; ele serviu, entretanto, para um propósito mais útil.” Discipleship in the New Age, [Discipulado na Nova Era] Vol II, p. 171.

26 Ver Phil Hine, ““A thousand kisses darling”: Sex, scandal and spirituality in the life of Charles Webster Leadbeater – IV” [Mil Beijos Querido: Sexo, Escândalo e Espiritualidade na Vida de Charles Webster Leadbeater – IV, em tradução livre] 9 de abril de 2013. Enfolding.org , 2019, Web. 29 de novembro de 2019. <http://enfolding.org/a-thousand-kisses-darling-sex-scandal-and-spirituality-in-the-life-of-charles-webster-leadbeater-iv/>

John Cooper, The Theosophical Crisis In Australia: The Story of the Breakup of the Theosophical Society in Sydney from 1913 to 1923 [A Crise Teosófica na Austrália: A História da Dissolução da Sociedade Teosófica em Sydney de 1913 a 1923, em tradução livre], tese de mestrado. (Sydney: The University of Sydney, 1986).

The Martyn letter [A carta Martyn], Cooper, ibid, p. 187.

Gregory John Tillet, Charles Webster Leadbeater 1854-1934: A Biographical Study, [Charles Webster Leadbeater 1854-1934: Um Estudo Biográfico] (Sydney: University of Sydney, Departamento de Estudos Religiosos, 1986), p. 653.

27 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 171.

28 Gregory John Tillett, op. cit., p. 653.

29 ver Olav Hammer, Claiming Knowledge [Alegando Conhecimento, em tradução livre], op cit.; Sir John R. Sinclair, The Alice Bailey Inheritance [A Herança de Alice Bailey, em tradução livre] (Wellingborough: Turnstone, 1984).

30 ver Kurt Leland, Rainbow Body: A History of the Western Chakra System from Blavatsky to Brennan [Corpo Arco-Íris: A História do Sistema de Chakras Ocidental, de Blavatsky a Brennan, em tradução livre] (Lake Worth, Fl: Ibis Press, 2016).

31 Bailey, Initiation, Human and Solar [Iniciação Humana e Solar], p. 2.

32 Alice Evans, "A Vision of Krotona's Future" The Messenger, ["Uma visão do futuro de Krotona", O Mensageiro, em tradução livre] fevereiro de 1920, pp. 257-262, PDF. The International Association for the Preservation of Spiritualist and Occult Periodicals [Associação Internacional para a Preservação de Periódicos Espíritas e Ocultistas, em tradução livre], Web. 22 de novembro de 2019. <http://www.iapsop.com/archive/materials/theosophic_messenger_all/messer

33 Steven Parfitt, "Working Men Pass Through all the Stages of Union: The Role of District Assembly 82 of the Knights of Labor in the Formation of the American Railway Union" , Australasian Journal of American Studies [Trabalhadores passam por todas as fases da união: o papel da Assembleia Distrital 82 dos Cavaleiros do Trabalho na Formação da União Ferroviária Americana", Jornal Australásio de Estudos Americanos, em tradução livre]

, Vol. 29, No. 2 (dezembro de 2010), pp. 24-44.

34 Robert Bonnell e Leatrice Kreeger-Bonnell, “Memories of L.W. Rogers”, Quest , 92:6 (Nov.-Dez. 2004), pp. 224-226. <https://www.theosophical.org/publications/quest-magazine/1509>

35 Robert Kelsey Walton, “The Mock in the League for Democracy” , The Messenger [“A Zombaria na Liga pela Democracia”, O Mensageiro, em tradução livre], maio de 1920, pp 404-406. PDF. The International Association for the Preservation of Spiritualist and Occult Periodicals [Associação Internacional para a Preservação de Periódicos Espíritas e Ocultistas, em tradução livre], Web. 22 de novembro de 2019. <http://www.iapsop.com/archive/materials/theosophic_messenger_all/messer

36 Louis Rogers, “ By the National President ”, The Messenger [“Pelo Presidente Nacional”, O Mensageiro, em tradução livre, junho de 1920 pp. 429-434. The International Association for the Preservation of Spiritualist and Occult Periodicals [Associação Internacional para a Preservação de Periódicos Espíritas e Ocultistas, em tradução livre], Web. 22 de novembro de 2019. <http://www.iapsop.com/archive/materials/theosophic_messenger_all/messer >

37 Louis Rogers, ‘ By the National President’, The Messenger [“Pelo Presidente Nacional”, O Mensageiro], julho de 1920, pp. 458 The International Association for the Preservation of Spiritualist and Occult Periodicals [Associação Internacional para a Preservação de Periódicos Espíritas e Ocultistas, em tradução livre], Web. 22 de novembro de 2019. <http://www.iapsop.com/archive/materials/theosophic_messenger_all/messer

38 Ibid., pp. 458-9.

39 Louis Rogers, “By the National President”, The Messenger , setembro de 1920, p. 532. The International Association for the Preservation of Spiritualist and Occult Periodicals [Associação Internacional para a Preservação de Periódicos Espíritas e Ocultistas, em tradução livre], Web. 22 de novembro de 2019. <http://www.iapsop.com/archive/materials/theosophic_messenger_all/messer

40 Carta: Louis Rogers a Foster Bailey, 3 de agosto de 1920. Louis Rogers, “By the National President”, The Messenger , setembro de 1920, p. 530; Louis Rogers, ibid., p. 533. PDF. The International Association for the Preservation of Spiritualist and Occult Periodicals [Associação Internacional para a Preservação de Periódicos Espíritas e Ocultistas, em tradução livre], Web. 22 de novembro de 2019.

<http://www.iapsop.com/archive/materials/theosophic_messenger_all/messenger_

41 Bailey, Letters on Occult Meditation [Cartas Sobre Meditação Ocultista], p. 44.

42 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 178.

43 Ibid.

9. Separação

1 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 180.

2 Ibid., p. 13.

3 Ver Olav Hammer e Mikael Rothstein, Handbook of the Theosophical Current [Manual da Corrente Teosófica, em tradução livre], (Leiden: Brill, 2013), p. 29.

4 ver Jocelyn Godwin, The Handbook of the Theosophical Current [Manual da Corrente Teosófica] (Leiden: Brill, 2013), p. 29; e "Harold W. Percival". The Word Foundation: Publishers of thinking and destiny [Fundação A Palavra: Editores de Pensamentos e Destinos, em tradução livre], Web. 28 de novembro de 2019.

<https://thewordfoundation.org/about-the-author/>

5 "Nascimentos e batizados em Massachusetts, 1639-1915," base de dados, FamilySearch (https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:FHHJ-TVC: 11 de março de 2018), Ernest Salisbury Suffern, 10 Jan 1880; citando Boston, Suffolk, Massachusetts, 10775; FHL microfilme 594,916. E "Casamentos em Nova Iorque, 1686-1980," base de dados, FamilySearch (https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:F63Z-G3X: 10 de fevereiro de 2018), Ernest Salisbury Suffern e Georgia Louise Greene, 6 Abr 1904; citando referência; FHL microfilme 1,556,703.

6 Ver Bradley de South Derry, “Suffern: Suffern”. Geneanet , Web. 28 de novembro de 2019. <https://gw.geneanet.org/belfast8?lang=en&v=SUFFERN&m=N>

7 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], pp. 179-81.

8 Carta: Ernest Suffern para Annie Besant, 25 de abril de 1922, Dawn: A magazine devoted to the Promotion of Universal Brotherhood [Aurora: uma revista dedicada à Promoção da Irmandade Universal, em tradução livre], pp. 22-23. Katinka Hesselink, Web. 28 de novembro de 2019. < http://theosophy.katinkahesselink.net/dawn/Vol-1-5-DAWN.htm >

A campanha do Comitê dos 1.400 aconteceu durante um escândalo envolvendo alegações de abuso sexual infantil lançadas sobre Charles Leadbeater em Sydney, Austrália, e expostas pelo sr. Martyn. O prefácio dessa carta afirma: “O Sr. Suffern, assim como o Sr. Martyn, estava ciente de certos escândalos sérios, e há muito tempo tentam despertar o interesse da Sra. Besant para o bom nome da Sociedade, como se deduzirá de sua carta. A revista Aurora obteve permissão para publicá-la, pois mostra que os membros australianos não estão sozinhos na luta para que a Sociedade a que pertencem seja limpa e assim mantida.”

9 ver “Election Explanation”, The Messenger [“Explicação da Eleição”, O Mensageiro], março de 1921, p. 631. PDF. The International Association for the Preservation of Spiritualist and Occult Periodicals [Associação Internacional para a Preservação de Periódicos Espíritas e Ocultistas, em tradução livre], Web. 22 de novembro de 2019. <http://www.iapsop.com/archive/materials/theosophic_messenger_all/messer

Ernest S. Suffern, An appeal to the members of the American section of the Theosophical Society for administrative reform [Um apelo aos membros da seção americana da Sociedade Teosófica por uma reforma administrativa, em tradução livre], 1921, Dr. John Cooper Theosophy Collection, National Library of Australia [Coleção de Teosofia Dr. John Cooper, Biblioteca Nacional da Austrália].

<http://catalogue.nla.gov.au/Record/3097882>

Louis Rogers, “To the Members”, The Messenger, [“Aos Membros”, O Mensageiro] abril de 1921, p. 653. PDF. The International Association for the Preservation of Spiritualist and Occult Periodicals [Associação Internacional para a Preservação de Periódicos Espíritas e Ocultistas, em tradução livre], Web. 22 de novembro de 2019.

<http://www.iapsop.com/archive/materials/theosophic_messenger_all/messenger_

10 William McGuire, “The Arcane Summer School” in Spring: An Annunal of Archetypal Psychology and Jungian Thought [“A Escola Arcana de Verão” na Primavera: Um Anuário de Psicologia Arquetípica e Pensamento Junguiano, em tradução livre], 1980: 149.

11 Leah Rae Lake: Livro de memórias não publicado, “Adventures in Heaven and Hell ” ["Aventuras no Céu e no Inferno”, em tradução livre], capítulo 14.

12 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 188.

13 Ibid., p. 189.

14 Dallas Tenbroeck “B. P. Wadia - A Life of Service to Mankind [B. P. Wadia - Uma Vida de Serviço à Humanidade] 1881 – 1903”, Katinka Hesselink, Web. 28 de novembro de 2019. <http://www.katinkahesselink.net/his/dtb_2.htm>

15 Alice Bailey, “Friday Talk” [Discurso de Sexta, em tradução livre], 24 de novembro de 1944, p. 7. PDF em Escola de Estudos Esotéricos , 2019, Web. 24 de setembro de 2019. <http://www.esotericstudies.net/aabtalks/aab11-24-44.pdf>

16 Alice A. Evans-Bailey, “ H.P.B. and her Work [H. P. B. e sua Obra]”, The Theosophist: A magazine of Brotherhood, Oriental Philosophy, Art, Literature and Occultism [O Teosofista: Uma revista de Irmandade, Filosofia Oriental, Arte, Literatura e Ocultismo, em tradução livre], Vol XLIII, outubro 1921 - março 1922, março 1922, pp 570-582. PDF, The International Association for the Preservation of Spiritualist and Occult Periodicals [Associação Internacional para a Preservação de Periódicos Espíritas e Ocultistas, em tradução livre], Web. 22 de novembro de 2019 <http://www.iapsop.com/archive/materials/theosophist/theosophist_v43_n1-n12_oct_1921-sep_1922.pdf>

17 “International Election” . The Messenger [“Eleição Internacional”, O Mensageiro], abril de 1921, p. 650. PDF. The International Association for the Preservation of Spiritualist and Occult Periodicals [Associação Internacional para a Preservação de Periódicos Espíritas e Ocultistas, em tradução livre], Web. 22 de novembro de 2019. <http://www.iapsop.com/archive/materials/theosophic_messenger_all/messer

18 “L. W. Rogers” Theosophy Wiki , 2019, Web. 29 de novembro de 2019. <http://theosophy.ph/encyclo/index.php?title=America,_Theosophy_in>

10. Tratado sobre o Fogo Cósmico

1 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 236.

10 Tratado sobre o Fogo Cósmico

2 Antoine Faivre, Access to Western Esotericism, [Acesso ao Esoterismo Ocidental, em tradução livre] (New York: SUNY Press, 1994), pp. 10-11.

Pierre A. Riffard, Dictionnaire de l’ésotérisme [Dicionário do Esoterismo], Paris: Payot, 1983, p. 34.

3 Alice A. Bailey, Tratado sobre o Fogo Cósmico (New York: Lucis Trust , 1989), p. 572.

4 No misticismo oriental esses são conhecidos como Atma, Buddhi e Manas ou Shiva/Vishnu/Brahma.

5 Robert Ellwood descreve a involução em linguagem simples, como sendo o

processo pelo qual o espírito/consciência assume formas cada vez mais densas “para poder explorar mais completamente o que os dois podem fazer juntos”. Involução é uma jornada para fora da Fonte. Evolução é o retorno à Fonte. Robert Ellwood, Theosophy: A modern expression of the wisdom of the ages [Teosofia: Uma Expressão Moderna da Sabedoria das Eras, em tradução livre]. (Wheaton: Quest, 1986), pp 58-961.

6 Bailey, Cosmic Fire [Fogo Cósmico], p. 7.

7 Sob o terceiro Logos solar, a criação existiu sob a lei da economia. O primeiro Logos solar exalará sob a lei da síntese.

8 Cosmic Fire [Fogo Cósmico], p. 152.

9 Ibid., p. 437.

No esquema de Bailey, uma vez que nosso Logos solar opera através do segundo Raio do amor-sabedoria, todos os raios do nosso sistema solar são sub-Raios desse raio, animados pelo seu Raio cósmico correspondente. Os Raios absorvem e transmitem através dos centros ou chacras do Logos planetário, e pela humanidade, dominada em si pelo quarto Raio.

10 Robert Ellwood, Theosophy: A Modern Expression of the Wisdom of the Ages [Teosofia: uma expressão moderna da sabedoria de todos os tempos, em tradução livre] (Wheaton: Theosophical Publishing House , 1986).

11. Aula de Doutrina Secreta

1 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], pp. 190-1.

2 Ibid.

3 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 190.

4 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 191.

5 “História”. Lucis Trust , 2019, Web. 29 de novembro de 2019. <https://www.lucistrust.org/about_us/history>

6 Constance Cumbey, The Hidden Dangers of the Rainbow: The New Age movement and our coming age of barbarism [Os Perigos Ocultos do Arco-Íris: O Movimento da Nova Era e a Era Vindoura de Barbárie, em tradução livre] (Shreveport: Huntington House , 1983), p. 49.

7 Hidden Dangers [Perigos Ocultos], 20.

8 O website <www.alicebaileyconspiracy.com> fornece um banquete de materiais sobre a teoria conspiratória da Nova Ordem Mundial, sua história, e sobre como os conspiradores veem Alice Bailey.

9 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 199.

10 " The Beacon magazine" [Revista A Colina] . Lucis Trust , 2019, Web. 29 de novembro de 2019. <https://www.lucistrust.org/books/the_beacon_magazine>

11 "Our Contemporaries" [Nossos contemporâneos]. The London Forum [O Fórum de Londres], fevereiro de 1934, p. 131. PDF. The International Association for the Preservation of Spiritualist and Occult Periodicals [Associação Internacional para a Preservação de Periódicos Espíritas e Ocultistas, em tradução livre], Web. 22 de novembro de 2019. <http://www.iapsop.com/archive/materials/occult_review/london_forum_v59

"Our Contemporaries" [Nossos contemporâneos]. The London Forum [O Fórum de Londres], junho de 1934, p. 420. PDF. The International Association for the Preservation of Spiritualist and Occult Periodicals [Associação Internacional para a Preservação de Periódicos Espíritas e Ocultistas, em tradução livre], Web. 22 de novembro de 2019.

<http://www.iapsop.com/archive/materials/occult_review/london_forum_v59_n6
>

12 ver " The Beacon [A Colina] 1922 – continuação, New York, Lucis Trust , Foster Bailey". "Union Index of Theosophical Periodicals" [Índice da União

de Periódicos Teosóficos, em tradução livre]. Theosophical Society of Australia [Sociedade Teosófica da Austrália], 2018, Web. 29 de novembro de 2019. <http://www.austheos.org.au/indices/BEACON.HTM>

13 “Dane Rudhyar - An illustrated biographic sketch, Part 3, The Early Hollywood Years: 1920-1924 [Um esboço biográfico ilustrado, Parte 3, Os primeiros anos de Hollywood: 1920-1924, em tradução livre]”. Rudhyar Archival Project [Projeto de Arquivo Rudhyar], 2004, Web. 29 de novembro de 2019. <https://khaldea.com/rudhyar/bio3.shtml>

14 ver “ The Beacon [A Colina] 1922 – continuação, New York, Lucis Trust , Foster Bailey”. “Union Index of Theosophical Periodicals” [Índice da União de Periódicos Teosóficos, em tradução livre]. Theosophical Society of Australia [Sociedade Teosófica da Austrália], 2018, Web. 29 de novembro de 2019. <http://www.austheos.org.au/indices/BEACON.HTM>

15 Jacob Bonggren, “Key to Occult Chromotherapy” [Chave para a Cromoterapia Ocultista, em tradução livre]. The Beacon [A Colina], outubro de 1923, p. 97: e

Carta: Jacob Bonggren, citado em “Dr Bonggren’s Authority [A Autoridade do Dr. Bonggren, em tradução livre]”. Canadian Theosophist, Vol XXIII, fevereiro de 1943, p. 390. Katinka Hesselink, Web. 28 de novembro de 2019. <http://theosophy.katinkahesselink.net/canadian/Vol-23-12-C-Theosophist.htm>

16 Jacob Bonggren, “ Testing the Faithful [Teste do Fiel, em tradução livre]”, “O Teosofista” dezembro de 1923, p. 395, PDF. The International Association for the Preservation of Spiritualist and Occult Periodicals [Associação Internacional para a Preservação de Periódicos Espíritas e Ocultistas, em tradução livre], Web. 22 de novembro de 2019.

<http://www.iapsop.com/archive/materials/theosophist/theosophist_v45_n1-n12_oct_1923-sep_1924.pdf>; também citado em uma discussão de Alice Bailey em The High Country Theosophist [O Teosofista do Interior, em tradução livre], maio de 1997, p. 20. <http://www.hctheosophist.com/archives/pdf/hc199705.pdf>

17 Avaliação do livro: " Letters on Occult Meditation [Cartas Sobre Meditação Ocultista]". The Occult Review [A Análise Ocultista], dezembro de 1922, p. 396. PDF. The International Association for the Preservation of Spiritualist and Occult Periodicals [Associação Internacional para a Preservação de Periódicos Espíritas e Ocultistas, em tradução livre], Web. 22 de novembro de 2019.

<http://www.iapsop.com/archive/materials/occult_review/occult_review_v36_n6

12. A Escola Arcana

1 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 175.

12 A Escola Arcana

2 O surgimento de se aprender de, e o aprendizado experimental como ferramenta pedagógica no treinamento educacional em universidades, ocorreu nos anos 1990, resultado da influência da psicologia humanística na educação que dos anos 1970. Curiosamente, Alice Bailey iniciou sua própria versão para adultos nos anos 1920. Ela não planejou criar um método novo de ensino e aprendizado dentro da andragogia ou pedagogia. Ao contrário, nos métodos dela existe um esforço implícito em busca de objetivos

similares.

Ver Professor de Educação em Faculdades Comunitárias e de Adultos Malcom S. Knowles, que escreve extensivamente sobre esse tópico.

3 Ibid., p. 190.

4 Ibid., p. 263.

5 Ibid., p. 281.

6 Ibid., pp. 249-50.

7 Ibid., pp. 194-5.

8 Ibid., p. 281.

9 Ibid., p. 282.

10 Alice Bailey, ““Friday Talk” [Discurso de Sexta, em tradução livre], 12 de maio de 1944, p. 3. PDF em School for Esoteric Studies [Escola de Estudos Esotéricos], 2019, Web. 24 de setembro de 2019. <http://www.esotericstudies.net/aabtalks/aab05-12-44.pdf>

11 Foster Bailey, Reflections [Reflexões, em tradução livre], (New York: Lucis Trust , 1979), p. 95.

12 The Occult Review [A Análise Ocultista] , abril de 1923, p. 193. PDF. The International Association for the Preservation of Spiritualist and Occult Periodicals [Associação Internacional para a Preservação de Periódicos Espíritas e Ocultistas, em tradução livre], Web. 22 de novembro de 2019.

< http://www.iapsop.com/archive/materials/occult_review/occult_review_v37_n4_a

13 Foster Bailey, Reflections [Reflexões], 93-4.

14 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], 193.

15 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], 194.

16 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], 198.

17 Anthony, D., e Ecker, B., 1987, The Anthony Typology: A Framework for Assessing Spiritual and Consciousness Groups [A Tipologia Anthony: Uma Estrutura para Avaliação Espiritual e Grupos de Consciência, em tradução livre], pp 35-91, em Wilber, K., Anthony, D., e Ecker, B., (eds), Spiritual Choices [Escolhas Espirituais, em tradução livre] , Paragon House, New

York, p84.

18 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], 195.

19 Não é claro quando Foster Bailey demitiu-se do cargo de secretário da Sociedade Teosófica em Nova Iorque, e na autobiografia dela, não há menção posterior do envolvimento dele com Ernest Suffern nesse sentido.

20 A rua Cedar, 140, fica próxima ao Marco Zero, parte da área devastada pela queda dos prédios do World Trade Center em 11 de setembro de 2001, local agora do Santuário Nacional de São Nicolau de 11 de setembro, no World Trade Center . Ver anúncio em The Occult Review (A Análise Ocultista) , abril de 1923, p. 193. PDF. The International Association for the Preservation of Spiritualist and Occult Periodicals [Associação Internacional para a Preservação de Periódicos Espíritas e Ocultistas, em tradução livre], Web. 22 de novembro de 2019.

<
http://www.iapsop.com/archive/materials/occult_review/occult_review_v37_n4_a

13. Alguns amigos influentes

1 Avaliação do livro: “Raja Ioga: Or, conquering the internal nature by Swami Vivekananda” [Raja Yoga: Ou conquistando a natureza interna, por Swami Vivekananda, em tradução livre]. Occult Review , novembro de 1922, p. 318. PDF. The International Association for the Preservation of Spiritualist and Occult Periodicals [Associação Internacional para a Preservação de Periódicos Espíritas e Ocultistas, em tradução livre], Web.

22 de novembro de 2019.

<http://www.iapsop.com/archive/materials/occult_review/occult_review_v36_n5

2 13 Alguns amigos influentes

"Lista de passageiros do Havaí, Honolulu, 1900-1953," base de dados com imagens, FamilySearch (https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:QVR9-P9KH: 16 de março de 2018), Dorothy Bailey, 1928; cito Navio, NARA publicação de microfilme A3422 (Washington D.C.: Administração Nacional de Arquivos e Registros, n.d.).

3 ver New York State's prominent and progressive men: an encyclopaedia of contemporaneous biography [Homens proeminentes e progressistas do Estado de Nova Iorque: uma enciclopédia de biografia contemporânea, em tradução livre] , Volume 3 (New York : New York Tribune [Tribuna de Nova Iorque], 1902)

4 Alan Robert Ginsberg, The Salome Ensemble [O Conjunto Salomé, em tradução livre] : Rose Pastor Stokes, Anzia Yezierska, Sonya Levien, and Jetta Goudal (Syracuse , NY: Syracuse University Press , 2016), pp. 35-7.

Imagens e uma descrição da casa pode ser encontrado em: “Stamford island home holds rich history” [A Ilha de Stamford Possui uma Rica História, em tradução livre]. Stamford Advocate, 3 de agosto de 2016, Web. 29 de novembro de 2019.

<http://www.stamfordadvocate.com/local/article/Stamford-island-home-holds-rich-history-9107954.php#photo-10704021>

5 Em 2016, a ilha era o lar de John A. Morgan, bisneto de J. P. Morgan do famoso banco.

Ginsberg, The Salome Ensemble [O Conjunto Salomé], p. 36.

6 A Escola Arcana e a Fundação Lucis assumiram escritórios no último andar do Salmon Tower, em 1928. Antes dessa época, os escritórios estavam localizados na rua Cedar, 140, em Nova Iorque, que teria sido onde o grupo de Spinoza se encontrava.

7 "History of the Biosophical Institute" . [História do Instituto Biosófico, em tradução livre] The Biosophical Institute: a foundation for peace [O Instituto Biosófico: uma base para a paz], 2019, Web. 29 de novembro de 2019. <https://biosophical.org/history-of-the-biosophical-institute/>

8 No momento que escrevo, a propriedade foi colocada à venda por nove milhões de dólares. "Stamford island home holds rich history" [A Ilha de Stamford Possui uma Rica História, em tradução livre]. Op. cit.

9 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 205.

10 William McGuire, "The Arcane Summer School" in Spring: An Annunal of Archetypal Psychology and Jungian Thought ["A Escola Arcana de

Verão” na Primavera: Um Anuário de Psicologia Arquetípica e Pensamento Junguiano, em tradução livre], 1980: 153.

11 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 206.

12 Ibid., p. 207.

13 Ibid.

14 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 20.

15 Victor Fox é RVB (sigla em inglês para Rapid Reaction, Vision, The Breath) no Discipleship in the New Age [Discipulado na Nova Era] Vols. I e II, cartas: Rapid Reaction, Vision, The Breath (Reação Rápida, Visão, A Respiração).

16 Bally Knockarocker, “ Serious minded Yanks meet Titles and are entertained [Os ianques sérios encontram títulos e se divertem, em tradução livre]”. Revista Variety . Maio de 1928, Web. 29 de novembro de 2019. <https://archive.org/stream/variety91-1928-05/variety91-1928-05_djvu.txt>

17 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 211.

18 Grão-duque Alexander da Rússia “ The Nature of the Soul [A Natureza

da Alma, em tradução livre]" na The Beacon, fevereiro de 1930, pp. 242-249.

19 Charles Lazenby, The Work of the Masters [A Obra dos Mestres, em tradução livre], (New York: The Path Publishing Co ., 1917).

20 Alice A. Bailey, De Belém ao Calvário, (New York : Lucis Trust , 1989), p. 181. Ela cita Edward Carpenter, Religiões Pagãs e Cristãs: Origens e Significados, (New York: Harcourt, Brace and Company, 1921), pp. 217-218.

21 Liz Stanley, " Epistemological Issues in Researching Lesbian History [Questões epistemológicas na pesquisa da história do lesbianismo, em tradução livre]" em Hilary Hinds, Ann Phoenix, Jackie Stacey (eds.), Working Out: New Directions for Women's Studies, Psychology [Desenvolvimento: Novas direções para Estudos das Mulheres, Psicologia, em tradução livre] Press , p. 167.

22 The Canadian Theosophist [O Teosofista Canadense, em tradução livre] , Vol. 69 No. 5 Toronto, Nov.-Dez., 1988, p. 102. Katinka Hesselink, Web. 28 de novembro de 2019. <http://theosophy.katinkahesselink.net/canadian/Vol-69-5-Theosophist.htm>

23 Ibid. p. 105.

24 " Path, (the Pub) ". Theosophy World: resource centre ["Caminho, (o Pub)" O Mundo da Teosofia: Centro de Recursos, em tradução livre], Web. 29 de novembro de 2019. <https://www.theosophy.world/encyclopedia/path-

pub>

25 “The Path 1925-1949 (incomplete) Sydney, The Independent TS”. The Theosophical Society of Australia , [The Path 1925-1949 (incompleto) Sydney, Sociedade Teosófica Independente. A Sociedade Teosófica da Austrália, em tradução livre] 2011, Web. 29 de novembro de 2019. <http://www.austheos.org.au/indices/PATHAU.HTM>

26 Edição rara, reservada. Uma nova edição foi lançada pela Forgotten Books , 2018.

14 Escola de Verão Espiritual

14. Escola de Verão Espiritual

1 ver Deirdre Bair, Jung. Uma Biografia (Ney York : Little, Brown and Company , 2003), p. 412, e Hans Thomas Hakl, Eranos: an alternative intellectual history of the twentieth century [Eranos: Uma História Intelectual Alternativa do Século XX, em tradução livre] , trans. Christopher McIntosh, (Montreal: McGill-Queen’s University Press , 2013), pp. 12-16.

2 Bair, Jung , p. 412.

3 Hakl, Eranos , p. 33.

4 Bair, Jung , p. 412.

5 Bair, Jung , p. 413.

6 William McGuire, Bollingen: And Adventure in collecting the Past [Bollingen: e a aventura em coletar o passado, em tradução livre], (Princeton: Princeton University Press , 1989), p. 22.

7 Bair, Jung , p. 413.

8 Hakl, Eranos , p. 16.

9 William McGuire, " The Arcane Summer School" in Spring: An Annunal of Archetypal Psychology and Jungian Thought ["A Escola Arcana de Verão" na Primavera: Um Anuário de Psicologia Arquetípica e Pensamento Junguiano, em tradução livre], 1980: 155.

10 Olga Fröbe Kapteyn, " Know Thy Self [Conhece a ti mesmo, em tradução livre]", The Beacon , maio de 1929, p. 31.

11 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 217.

12 Alice A. Bailey, The Soul and Its Mechanism [A Maturidade Mental] (New York : Lucis Trust , 1987), p. 10.

13 Alice A. Bailey, From Intellect to Intuition [Do Intelecto à Intuição], (New York : Lucis Trust , 1987).

14 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 220.

15 Ibid.

16 Ibid., p. 222.

17 Ibid., p. 222.

18 Ibid., p. 223.

19 Goodrick-Clarke, The Occult Roots of Nazism [As Raízes Ocultistas do Nazismo], op. cit., pp. 24-25.

20 Ibid., p. p. 223.

21 Ibid., p. 224.

22 McGuire, “ Summer School [Escola de Verão]”, p. 150.

23 Ibid., p. 151.

24 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 225.

25 Ibid.

26 McGuire, “ Summer School [Escola de Verão]”, pp. 152-3.

27 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 242.

28 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 225.

29 Bair, Jung , op. cit., p. 413.

30 Hakl, Eranos , op. cit., p. 49.

31 McGuire, “ Summer School [Escola de Verão]”, p. 153.

32 Ibid., p. p. 154.

33 Ibid., p. 155.

34 A história completa da Escola de Verão Espiritual está retratada em meu Romance, The Unlikely Occultist: A biographical novel of Alice A Bailey [A Ocultista Improvável: Um Romance Biográfico de Alice A. Bailey, em tradução livre] .

35 "Índice de Registro de Casamento na Inglaterra e País de Gales, 1837-2005," base de dados, FamilySearch (https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:QV8C-4FKZ: 8 de outubro de 2014), Dorothy M M E Bailey e null , 1934; de "Casamentos na Inglaterra e País de Gales, 1837-2005," base de dados, findmypast (http://www.findmypast.com: 2012); citando 1934, 3º trimestre, vol. 2A, p. 3597, Faversham, Kent, Inglaterra, Cartório Geral, Southport, Inglaterra.

36 "Índice de Registro de Casamento na Inglaterra e País de Gales, 1837-2005," base de dados, FamilySearch (https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:QV8D-M9JV: 8 de outubro de 2014), Ellison A Bailey e null , 1936; de "Casamentos na Inglaterra e País de Gales, 1837-2005," base de dados, findmypast (http://www.findmypast.com: 2012); citando 1936, 2º trimestre, vol. 2A, p. 2738, Tonbridge, Kent, Inglaterra, Cartório Geral, Southport, Inglaterra.

37 "Índice de Registro de Casamento na Inglaterra e País de Gales, 1837-2008," base de dados, FamilySearch (https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:QVQF-1J12: 1 de outubro de 2014), Elizabeth A Leahy, 1938; de "Casamentos na Inglaterra e País de Gales, 1837-2006," base de dados, findmypast (http://www.findmypast.com:

2012); citando Certidão de Nascimento, Tonbridge, Kent, Inglaterra, citando Cartório Geral, Southport, Inglaterra.

38 "Índice de Registro de Óbito da Inglaterra e País de Gales 1837-2007," base de dados, FamilySearch (https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:QVZ8-Q7BB: 4 de setembro de 2014), Arthur Ronald W Leahy, abr 1994; de "Mortes na Inglaterra e no País de Gales, 1837-2006," base de dados, findmypast (http://www.findmypast.com: 2012); citando Certidão de Óbito, Chichester, Sussex, Inglaterra, Cartório Geral, Southport, Inglaterra.

39 Carta: Alice Bailey para Mildred (Billy), 20 de abril de 1949. Mantido por Rose Bates.

40 "Índice de Registro de Nascimento da Inglaterra e País de Gales, 1837-2008," base de dados, FamilySearch (https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:QVQD-143H: 1 de outubro de 2014), Gordon M Pugh, 1936; de "Nascimentos na Inglaterra e no País de Gales, 1837-2006," base de dados, findmypast (http://www.findmypast.com: 2012); citando Certidão de Nascimento, Tonbridge, Kent, Inglaterra, citando Cartório Geral, Southport, Inglaterra.

(Gordon casou-se e teve quatro filhos, um menino e trigêmeas. – entrevista com Rose Bates, op. cit.)

41 Bair, Jung , p. 414.

42 Hakl, Eranos , p. 31.

43 Ibid.

44 Bair, Jung , p. 470.

45 Hakl, Eranos , p. 302.

46 Alice Bailey, “Friday Talk” [Discurso de Sexta, em tradução livre], 1 de dezembro de 1944, p. 3. PDF em School for Esoteric Studies [Escola de Estudos Esotéricos], 2019, Web. 24 de setembro de 2019. <http://www.esotericstudies.net/aabtalks/aab12-01-44.pdf>

47 Hakl, Eranos , p. 12.

48 Hakl, Eranos , p. 27.

49 Hakl, Eranos , p. 278.

50 Olav Hammer, Claiming Knowledge: Strategies of Epistemology from Theosophy to the New Age [Alegando Conhecimento: Estratégias de Epistemologia da Teosofia à Nova Era, em tradução livre] (Leiden: Brill, 2003), pp. 65-66.

Sean O’Callaghan, “The Theosophical Christology of Alice Bailey [A

Cristologia Teosófica de Alice Bailey, em tradução livre]". Olav Hammer e Mikael Rothstein eds., Handbook of the Theosophical Current [Manual da Corrente Teosófica, em tradução livre], (Leiden: Brill, 2013), pp. 93-112.

51 Mark Christensen, "Do Editor". Lee Penn, False Dawn: The United Religions Initiative, Globalism and the Quest for a One-World Religion [Falsa Aurora: A Iniciativa das Religiões Unidas, o Globalismo e a Busca por uma Religião Mundial] , (USA, Sophia Perennis, 2017), Amazon , 2019, Web. 14 de dezembro de 2016, <https://www.amazon.com/False-Dawn-Religions-Initiative-Globalism/dp/159731000X>

52 Penn, False Dawn [Falsa Aurora], p. 5.

53 Charles Upton, "Encaminhamento do Autor", em False Dawn [Falsa Aurora] , Lee Penn, pp. 3-4.

54 Uma discussão do livro de Lee Penn, junto com material referente às teorias conspiratórias envolvendo Alice Bailey podem ser encontradas em <https://alicebaileyconspiracy.com/>

15 O Novo Grupo de Servidores do Mundo

15. O Novo Grupo de Servidores do Mundo

1 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 234.

2 Ibid., pp. 230-1.

3 Alice A. Bailey, Discipleship in the New Age [Discipulado na Nova Era] : Volume I, (New York: Lucis Trust , 1989), pp. 35-40.

4 McGuire, “ Summer School [Escola de Verão]”, p. 153.

5 “ Disciples Who Participated in DK’s group work experiments [Discípulos que participaram dos experimentos de trabalho em grupo de DK, em tradução livre] ”. PDF. Internet Arcano , 2019, Web. 29 de novembro de 2019. <http://www.internetarcano.org/wp-content/uploads/downloads/2010/02/DINAgroups.pdf>

Ver também Discipleship in the New Age [Discipulado na Nova Era], Vol I e II.

6 “ Disciples Who Participated in DK’s group work experiments [Discípulos que participaram dos experimentos de trabalho em grupo de DK, em tradução livre]”, op. cit.

7 Discipleship in the New Age [Discipulado na Nova Era] : Volume I , p. 157.

8 Ver cartas para Ernest Suffern, LTSK, em Discipleship in the New Age [Discipulado na Nova Era] Vol. I , pp. 595-620, e Vol. II, pp. 724-733.

9 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 234.

10 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 235.

11 Alice A. Bailey, Esoteric Psychology: [Psicologia Esotérica] Volume II, (New York: Lucis Trust , 1988), p.120.

12 Bailey, Externalization [A Exteriorização da Hierarquia], p. 463.

13 Um exemplo conhecido é o Instituto de Síntese Planetária. Institute of Planetary Synthesis [Instituto de Sínteses Planetária], Web. 10 de novembro de 2019. <https://www.ipsgeneva.com/en/>; The Planetary System [O Sistema Planetário]. The Planetary System , 2019, Web. 10 de novembro de 2019. <http://blog-en.theplanetarysystem.org/>; e Twelves, Twelves , (Os Doze) 2019, Web. 10 de novembro de 2019. <http://www.twelvestar.org/>

14 Um exemplo de movimento da Boa Vontade Mundial é a Boa Vontade de Sydney. Sydney Goodwill [Boa Vontade de Sydney], 2019, Web. 10 de novembro de 2019. <https://sydneygoodwill.org.au/>

16. Aborrecimentos com Helena Roerich

1 Sina Fosdick, My Teachers: Meetings with the Roerichs [Meus Professores: Reuniões com os Roerichs, em tradução livre] , Folhas de diário 1922-1934 , (Prescott, AZ: White Mountain Education Association , 2015, edição Kindle). Capítulo “América 1922-1923”, entrada 23 de março de 1923.

2 Ibid., “Índia 1928”, entrada de 21 de setembro de 1928.

3 Svetoslav Roerich: Panfleto “ Museum of Religion and Philosophy [Museu de Religião e Filosofia]”, p. 4. PDF mantido pela Sociedade Agni Yoga.

4 Sina Fosdick, My Teachers: Meetings with the Roerichs [Meus Professores: Reuniões com os Roerichs] , op. cit., capítulo “América 1929-1930”, entrada de 25 de novembro de 1929.

5 Helena Roerich: Carta para o grupo de Agni Ioga de Nova Iorque, 9 de fevereiro de 1931, Documento No156, p. 92, “ E.I. Roerich Epistolary Archive [E.I. Arquivo Epistolar Roerich]”. Museu Roerich, 2019, Web. 31 de outubro de 2019. <http://roerichsmuseum.ru/index.php/museum/arkhiv/256-pisma-eir>

6 Ibid.

7 Ver The Temple of the People [O Templo das Pessoas, em tradução livre], 2019, Web. 1 de novembro de 2019. <https://www.templeofthepeople.org/>

8 Alice A. Bailey, A Treatise on White Magic [Um Tratado Sobre Magia Branca], p. 429.

9 Helena Roerich: carta aos colaboradores da Sociedade Letã Roerich em 23 de agosto de 1934, citado em Lars Adelskogh, “ Helena Roerich – A False Messenger of the Planetary Hierarchy [Helena Roerich – Falsa Mensageira da Hierarquia Planetária, em tradução livre]”, pp. 6-7. PDF, 2019, Web. 2 de novembro de 2019.

<http://livskunskap.dyndns.org/hylozoik/english/Helena%20Roerich%20a%20fal

10 John F. Nash, revisão de Nicholas & Helena Roerich: The Spiritual Journey of Two Great Artists and Peacemakers [Nicholas e Helena Roerich: A Jornada Espiritual de Dois Grandes Artistas e Pacificadores, em tradução livre], por Ruth A. Drayer, (Wheaton, IL: Quest Books , 2003/2005), em The Esoteric Quarterly [O Esotérico Trimestral], 2015, Web. 4 de novembro de 2019. <http://www.esotericquarterly.com/issues/EQ10/EQ1004/EQ100415-End.pdf>

11 Nicholas Roerich: Carta para Alice Bailey, 13 de julho de 1938, p. 2, mantido pela Sociedade Agni Yoga.

12 Ibid.

13 Helena Roerich: Carta datada de 16 de setembro de 1951, Moscou, Centro Roerich Internacional, volume 9., citado em Lars Adelskogh, “

Helena Roerich – A False Messenger of the Planetary Hierarchy [Helena Roerich – Falsa Mensageira da Hierarquia Planetária, em tradução livre]", p7. Op. cit.

14 Ibid.

15 Alice Bailey, "Friday Talk" [Discurso de Sexta, em tradução livre], 28 de maio de 1943, p. 2. PDF em School for Esoteric Studies [Escola de Estudos Esotéricos], 2019, Web. 24 de setembro de 2019. < http://www.esotericstudies.net/aabtalks/aab05-28-43.pdf >

16 Alice Bailey, "Friday Talk" [Discurso de Sexta, em tradução livre], 19 de maio de 1944, p. 1. PDF em School for Esoteric Studies [Escola de Estudos Esotéricos], 2019, Web. 24 de setembro de 2019. <http://www.esotericstudies.net/aabtalks/aab05-19-44.pdf>

17 Daniel Entin: Carta para Olga e Andrei, 19 de julho de 2012, "Quadro de mensagens", Agni Yoga Fórum , 2019, Web. 30 de novembro de 2019. <http://agni-yoga-forum.de/>

17. Sede em Tunbridge Wells

1 17 Sede em Tunbridge Wells

Ver "Ospringe Place", British Listed Buildings [Edifícios listados na Grã-Bretanha], 2019, Web. 1 de dezembro de 2019.

http://www.britishlistedbuildings.co.uk/en-175928-ospringe-place-faversham-kent/comments#.WKy7QRJ951c

2 Alice Bailey: carta aos estudantes da Escola Arcana, julho de 1949, inédita e reservada.

3 Ian Gordon-Brown ed., “ World Goodwill Bulletin [Boletim Boa Vontade Mundial, em tradução livre”, 1958, listado no The New Scientist [O Novo Cientista] , 5 de fevereiro de 1959, p. 300.

4 Uma pesquisa sobre o registro pré-guerra na 38 Broadwater Down pode ser acessada aqui: <https://www.findmypast.co.uk/>

5 Soloppgangen, “ When the Army Came to Stay in WW2 [Quando o Exército Veio Para Ficar na Segunda Guerra Mundial]” postado em “ WW2 People’s War : An archive of World War Two memories – written by the public, gathered by the BBC [Segunda Guerra Mundial Popular: um arquivo das memórias da Segunda Guerra Mundial – escritas pelo público, reunidas pela BBC]”. BBC , 2003, Web. 2 de dezembro de 2019. <https://www.bbc.co.uk/history/ww2peopleswar/stories/50/a2077850.shtml>

6 A neta de Alice, Elizabeth A. Leahy casou-se com o tenente-coronel Jeremy Richard Parbury Cumberlege em 1960, em Midhurst, Sussex. Eles tiveram um filho, Marc Arthur Richard Cumberlege, que casou-se com Mary Helen Bury e tiveram dois filhos, Edward e Nicholas. Ver "Índice de Registro de Casamento na Inglaterra e País de Gales, 1837-2005," base de dados, FamilySearch (https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:QVDY-BTTD: 8 de outubro de 2014), Elizabeth A Leahy e null, 1960; de

“Casamentos na Inglaterra e País de Gales, 1837-2005," base de dados, findmypast (http://www.findmypast.com: 2012); citando 1960, 2º trimestre, vol. 5H, p. 959, Midhurst, Sussex, Inglaterra, Cartório Geral, Southport, Inglaterra; e ‘Página da pessoa 49732”. The Peerage: A genealogical survey of the peerage of Britain as well as the royal families of Europe [O Nobiliário: Pesquisa Genealógica da Nobreza da Grã-Bretanha, Bem Como das Famílias Reais da Europa, em tradução livre], 2019, We. 2 de dezembro de 2019. <http://www.thepeerage.com/p49733.htm#i497321>

7 “ History Command and Staff College, Quetta [História do Comando e Equipe do Colégio, Quetta]”. Command and Staff College, Quetta, Paquistão, 2015, Web. 2 de dezembro de 2019. <https://cscquetta.gov.pk/Hist_college.php>

8 Bailey, Esoteric Psychology [Psicologia Esotérica] Vol I, pp. 150-1.

9 Svetoslav Roerich: “Panfleto: Museu de Religião e Filosofia”, p. 10, mantido pela Sociedade Agni Ioga.

10 “ Co-Freemasonry [Co-maçonaria]”, Theosophy World: Resource Centre [Teosofia Mundial: Centro de Recursos, em tradução livre], 2019, Web. 7 de dezembro de 2019. <https://theosophy.world/fr/node/1623>

11 “ Disciples Who Participated in DK’s group work experiments [Discípulos que participaram dos experimentos de trabalho em grupo de DK, em tradução livre]”, op. cit.

12 Svetoslav Roerich: “Panfleto: Museu de Religião e Filosofia”, p. 10,

mantido pela Sociedade Agni Ioga.

13 Brian Taves, Talbot Mundy, Philosopher of Adventure: A Critical Biography [Talbot Mundy, Filósofo da Aventura: Uma Biografia Crítica, em tradução livre], (Jefferson, NC: McFarland & Company, 2006), p. 158.

14 Keith Bailey, transcrito inédito de uma entrevista sem data com Kathy Newburn para o Instituto dos Sete Raios, c2005. Propriedade reservada.

18. Alguma Competição

1 Sutcliffe, Children of the New Age [Filhos da Nova Era, em tradução livre], op. cit., pp. 34-51.

2 Nicholas Goodrick-Clarke, The Western Esoteric Traditions: A Historical Introduction [As Tradições Esotéricas Ocidentais: Introdução Histórica, em tradução livre] , (Oxford: Oxford University Press , 2008).

Gareth Knight, Dion Fortune and the Inner Light [Dion Fortune e a Luz Interior, em tradução livre], (Loughborough: Thoth Publications, 2000).

Alan Richardson, Priestess: The Life and Magic of Dion Fortune [Sacerdotisa: A

Vida e Magia de Dion Fortune, em tradução livre], novo e revisado ed. (Loughborough: Thoth Publications, 2007).

3 “ I AM movement [Movimento Eu Sou]”. Encyclopedia Britannica , 2019, Web. 10 de outubro de 2019. <https://www.britannica.com/topic/I-AM-movement#ref66356>

4 “ The First Ascended Master Organisation [A Primeira Organização Mestre Ascensionada]”. Light of Christ Truth [Luz da Verdade de Cristo], 2018, Web. 10 de outubro de 2019. <http://lightofchristtruth.com/Asc_masters/IAM_Mvt.html>

5 Ver Gerald B. Bryan, Psychic Dictatorship in America [Ditadura Psíquica na América, em tradução livre], (Lulu, 2017); e Charles Samuel Braden, These also Believe: A study of modern American cults & minority religions [Estes Também Creem: Estudo dos Cultos Modernos Americanos e das Religiões Minoritárias, em tradução livre], (London : Macmillan, 1949).

6 Bailey, The Rays and The Initiations [Os Raios e as Iniciações], p. 16.

19. O reaparecimento do Cristo

1 Em 2000, a Fundação Lucis trocou “Cristo” por “Aquele que vem”, para acomodar as crenças de múltiplas religiões.

2 Bailey, Discipleship in the New Age [Discipulado na Nova Era] , Vol II , p. 149.

3 Para consultar versões anteriores, ver Discipleship in the New Age [Discipulado na Nova Era] , Vol I , p. 62 e p. 536. Para uma análise extensiva do significado e natureza da prece, ver Starling David Hunter, The Compass of Light [A Bússola da Luz, em tradução livre] Vol 1 e II , (Lulu, 2006). Há pelo menos seis volumes conhecidos nessa série.

4 Morag Zwartz, The New Age Gospel: Christ or Counterfeit [O Evangelho da Nova Era: Cristo ou Falsificação, em tradução livre], (Melbourne: Parenesis, 1987), p. 8.

5 Zwartz, The New Age Gospel [O Evangelho da Nova Era], pp. 65-6.

6 Bailey, The Externalization of the Hierarchy [A Exteriorização da Hierarquia], p. 263.

7 Bailey, Cosmic Fire [Tratado Sobre O Fogo Cósmico], pp. 564-6.

8 Alice A. Bailey, Discipleship in the New Age [Discipulado na Nova Era] : Vol II , p. 313.

9 Ibid. , pp. 279-280.

10 Alice A. Bailey, The Reappearance of the Christ [O Reaparecimento do Cristo] (New York : Lucis Trust , 1996), p. 40.

11 Ibid., p. 149.

12 Ibid., pp. 144-147.

13 Ibid., p. 155.

14 Ibid., p. 158.

15 Também é possível ter dois ou mais ideais contraditórios de uma vez sem perceber, chamado de dissonância cognitiva.

16 Bailey, Glamour: A World Problem [Glamour, Um Problema Mundial], (New York: Lucis Trust , 1988), pp. 130-1.

17 Em 2007, uma equipe de Zurique usou um modelo de teoria complexa para desvendar quem possuía as maiores corporações mundiais, e descobriram que apenas 147 corporações globais comandam o mundo. Descrito pelos autores como uma "super entidade", mesmo essa rede, na sua maior parte bancos, é composta por um nó de propriedade mútua, investimentos e representação em conselhos de diretorias. Ver " Revealed: The capitalist network that runs the world [Revelado – A Rede Capitalista

Que Dirige O Mundo]". New Scientist , 22 de outubro de 2011, Web. 13 de outubro de 2019.

<https://www.newscientist.com/article/mg21228354-500-revealed-the-capitalist-network-that-runs-the-world/>

18 Bailey, Glamour , p. 72.

19 Bailey, Externalization [A Exteriorização da Hierarquia], p. 219.

20 Bailey, Externalization [A Exteriorização da Hierarquia], p. 233.

20 Saúde em declínio

20. Saúde em declínio

1 Gordon Pugh, entrevista conduzida por Rose Bates. "Rose Bates: Memórias e fotos do neto de Alice Bailey". Vídeo da conversa na conferência Seven Ray Institute [Instituto Sete Raios] em 2019, https://youtu.be/YYDf1cTb6WY>

2 Ibid.

3 Bailey, Externalisation [A Exteriorização da Hierarquia], pp. 623-31.

4 Alice Bailey, “Friday Talk” [Discurso de Sexta, em tradução livre], 17 de setembro de 1943, p. 1. PDF em School for Esoteric Studies [Escola de Estudos Esotéricos], 2019, Web. 24 de setembro de 2019. <http://www.esotericstudies.net/aabtalks/aab09-17-43.pdf>

5 Sinclair, The Alice Bailey Inheritance [A Herança de Alice Bailey, em tradução livre], op. cit., p. 74.

6 Obituário: “Mildred Pugh”, Nevada State Journal , Reno, Nevada, 27 de dezembro de 1969.

7 Gordon Pugh, entrevista conduzida por Rose Bates. “Rose Bates: Memórias e fotos do neto de Alice Bailey”. Vídeo da conversa na conferência Seven Ray Institute [Instituto Sete Raios] em 2019, <https://youtu.be/YYDf1cTb6WY>

8 Alice Bailey, “Friday Talk” [Discurso de Sexta, em tradução livre], 5 de março de 1943, p. 2. PDF em School for Esoteric Studies [Escola de Estudos Esotéricos], 2019, Web. 24 de setembro de 2019. <http://www.esotericstudies.net/aabtalks/aab03-05-43.pdf>

9 Ibid.

10 Alice Bailey, “Friday Talk” [Discurso de Sexta, em tradução livre], 5 de

março de 1943, p. 1. Op. cit.

11 Alice Bailey, “Friday Talk” [Discurso de Sexta, em tradução livre], 10 de novembro de 1944, p. 3. PDF em School for Esoteric Studies [Escola de Estudos Esotéricos], 2019, Web. 24 de setembro de 2019. <http://www.esotericstudies.net/aabtalks/aab11-10-44.pdf>

12 Ibid.

13 Alice Bailey, “Friday Talk” [Discurso de Sexta, em tradução livre], 1 de dezembro de 1943, p. 7. PDF em School for Esoteric Studies [Escola de Estudos Esotéricos], 2019, Web. 24 de setembro de 2019. <http://www.esotericstudies.net/aabtalks/aab12-01-44.pdf>

14 Alice Bailey, “Friday Talk” [Discurso de Sexta, em tradução livre], 14 de janeiro de 1944, p. 8. PDF em School for Esoteric Studies [Escola de Estudos Esotéricos], 2019, Web. 24 de setembro de 2019. <http://www.esotericstudies.net/aabtalks/aab01-14-44.pdf>

15 Alice Bailey, “Friday Talk” [Discurso de Sexta, em tradução livre], 2 de abril, 1943, p. 5. PDF em School for Esoteric Studies [Escola de Estudos Esotéricos], 2019, Web. 24 de setembro de 2019. <http://www.esotericstudies.net/aabtalks/aab04-02-43.pdf>

16 Alice Bailey, “Friday Talk” [Discurso de Sexta, em tradução livre], 7 de janeiro de 1944, p. 1. PDF em School for Esoteric Studies [Escola de Estudos Esotéricos], 2019, Web. 24 de setembro de 2019. <http://www.esotericstudies.net/aabtalks/aab01-07-44.pdf>

17 Alice Bailey, “Friday Talk” [Discurso de Sexta, em tradução livre], 31 de março de 1944. PDF em School for Esoteric Studies [Escola de Estudos Esotéricos], 2019, Web. 24 de setembro de 2019. http://www.esotericstudies.net/aabtalks/aab03-31-44.pdf>

18 Mary Bailey, A Learning Experience [Uma Experiência de Aprendizagem, em tradução livre], (New York : Lucis Trust , 1990), p. 15.

19 Alice Bailey, “Friday Talk” [Discurso de Sexta, em tradução livre], 5 de novembro de 1943, p. 1. PDF em School for Esoteric Studies [Escola de Estudos Esotéricos], 2019, Web. 24 de setembro de 2019. <http://www.esotericstudies.net/aabtalks/aab11-05-43.pdf>

20 Alice Bailey, “Friday Talk” [Discurso de Sexta, em tradução livre], 18 de maio de 1945, p. 1. PDF em School for Esoteric Studies [Escola de Estudos Esotéricos], 2019, Web. 24 de setembro de 2019. <http://www.esotericstudies.net/aabtalks/aab05-18-45.pdf>

21 Alice Bailey, “Friday Talk” [Discurso de Sexta, em tradução livre], 20 de abril de 1945, p. 15. PDF em School for Esoteric Studies [Escola de Estudos Esotéricos], 2019, Web. 24 de setembro de 2019. http://www.esotericstudies.net/aabtalks/aab04-20-45.pdf>

22 Bailey, Discipleship in the New Age [Discipulado na Nova Era] , Vol II , p. 148.

23 Bailey, The Rays and The Initiations [Os Raios e as Iniciações], p. 237.

24 Bailey, Externalization [A Exteriorização da Hierarquia], p. 190.

25 Bailey, Externalization [A Exteriorização da Hierarquia], p. 191.

26 Bailey, The Rays and The Initiations [Os Raios e as Iniciações], p. 747.

27 Alice A. Bailey, Telepathy and the Etheric Vehicle [Telepatia e o Veículo Etérico] (New York: Lucis Trust , 2001)), pp. 4-5.

28 Bailey, Externalization [A Exteriorização da Hierarquia], p. 448.

29 Transcrição da entrevista com Gordon Pugh, conduzida por Rose Bates, onde ele afirma que Alice Bailey e Eleanor Roosevelt se correspondiam com certa regularidade. Ver também "Rose Bates: Memórias e fotos do neto de Alice Bailey". Vídeo da conversa na conferência Seven Ray Institute [Instituto Sete Raios] em 2019, https://youtu.be/YYDf1cTb6WY>

30 Bailey, Glamour, p. 163.

31 Bailey, Problems of Humanity [Problemas da Humanidade], pp. 176-178.

32 Alice A. Bailey, The Destiny of the Nations [O Destino das Nações], p. 174.

33 Ibid., p. 179.

34 Bailey, Externalization [A Exteriorização da Hierarquia], p. 342.

35 Deve notar-se que há certa especulação dentro da comunidade de Alice Bailey com respeito a quanto do material anotado nesses anos finais vieram puramente do Tibetano e quanto era o pensamento próprio dela. Seus detratores são rápidos em demolir todo o corpus com base em algumas opiniões talvez mal concebidas sobre o uso da bomba atômica, do sionismo e o povo judeu e na pressa que foi demonstrada por uma mulher angustiada, enferma e ansiosa para terminar o trabalho antes de sua morte, uma ocultista com todas as várias opiniões assumidas em sua época e classe. Esses comentários contenciosos circulam amplamente na internet e a autora escolheu omiti-los do trabalho atual. Tais opiniões não representam de nenhuma maneira sua composição.

36 Bailey, The Rays and The Initiations [Os Raios e as Iniciações], pp. 679-680.

37 Ibid., p. 681.

38 Bailey, Externalization [A Exteriorização da Hierarquia] , p. 640.

39 Bailey, Externalization [A Exteriorização da Hierarquia] , p. 626.

40 Bailey, The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. ix.

41 Currículo: Frank Hilton F.C.I.I. PDF não publicado, Escola de Estudos Esotéricos, reservado. Citado em 13 setembro 2019.

42 Alice Bailey: carta aos estudantes da Escola Arcana, julho de 1949, inédita e reservada.

43 Ibid.

44 The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. x.

21. Aspirantes ao Portal

1 Bailey, Discipleship in the New Age [Discipulado na Nova Era] , Vol II , p. 84.

2 Ibid.

3 Mary Bailey, A Learning Experience [Uma Experiência de Aprendizagem, em tradução livre], p. 85.

4 Mildred Pugh: Goodwill Study Sets I-IV [Conjunto de Estudos da Boa Vontade, em tradução livre], coleção de Rose Bates. <https://drive.google.com/open?id=1gH_eM7N7qo8BVU-bpSRzIy8xQkdwL4m8>

5 Foster Bailey: Carta para Mildred, 25 de abril de 1949. Coleção de Rose Bates. Ibid.

6 Mildred Bailey: Cartas reservadas. Esses detalhes do papel de Mildred naqueles anos foram divulgados para mim em uma conversa por telefone e em uma troca de mensagens via Facebook, em outubro de 2019. O acesso a essas cartas é restrito.

7 Ibid.

8 Bailey, Externalisation of the Hierarchy [A Exteriorização da Hierarquia], p. 641.

9 Mary Bailey, A Learning Experience [Uma Experiência de Aprendizagem, em tradução livre], p. 86.

10 Bailey, The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 302.

11 Bailey, Discipleship in the New Age [Discipulado na Nova Era] , Vol II, p. 86.

12 Foster Bailey: carta, fevereiro de 1971, em Mary Bailey, A Learning Experience [Uma Experiência de Aprendizagem, em tradução livre], p. 15.

13 Alice Bailey, “Friday Talk” [Discurso de Sexta, em tradução livre], 4 de janeiro de 1946, p. 4. PDF em School for Esoteric Studies [Escola de Estudos Esotéricos], 2019, Web. 24 de setembro de 2019. http://www.esotericstudies.net/aabtalks/aab01-04-46.pdf>

14 “Censo dos Estados Unidos, 1900," base de dados com imagens, FamilySearch (https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:MMBR-RDM: acessado em 24 de setembro de 2019), Marian Bath na família de Edwin H Bath, Distrito central da cidade de Muncie 4, Delaware, Indiana, Estados Unidos; citando enumeração de distrito (ED) 36, folha 11B, família 267, NARA publicação microfilmada T623 (Washington, D.C.: Administração Nacional de Arquivos e Registros, 1972.); FHL microfilme 1.240.367.

15 “Nova Iorque, Listas de passageiros e tripulantes de Nova Iorque, 1909, 1925-1957," base de dados com imagens, FamilySearch (https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:24L4-FNK: 12 de março de 2018), Dorothy Bailey, 1939; citando Imigração, Nova Iorque, Nova Iorque, Estados Unidos, publicação microfilme NARA T715 (Washington D.C.: Administração Nacional de Arquivos e Registros, n.d.).

E “Censo dos Estados Unidos, 1940," base de dados com imagens, FamilySearch (https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:KQSV-1JQ: 27 de julho de 2019), Marian Walter na família de Leo Rohn Walter, Assembleia do Distrito 12, Manhattan, cidade de Nova Iorque, Nova Iorque, Nova Iorque, Estados Unidos; citando enumeração de distrito (ED) 31-1000, folha 18A, linha 3, família 520, Décimo sexto Censo dos Estados Unidos, 1940, NARA publicação digital T627. Registros do Bureau do Censo, 1790 - 2007, RG 29. Washington, D.C.: Administração Nacional de Arquivos e Registros, 2012, lista 2648.

16 Bailey, Discipleship in the New Age [Discipulado na Nova Era] , Vol I , p. 638.

17 Ibid., pp. 643-4.

18 Bailey, Discipleship in the New Age [Discipulado na Nova Era] , Vol II , p. 737.

19 Ibid., p. 738.

20 Ibid., p. 739.

21 Ibid.

22 Ibid., p. 740.

23 Ibid, p. 741.

24 Ibid, p. 745.

25 Ibid, p. 743.

26 Ibid., p. 746.

27 Ibid., p.749.

28 Carta de Regina Keller para Priscilla H., 11 de novembro de 1952 [inédita]. Mantido pela Escola de Estudos Esotéricos.

29 Citação de The Rays and The Initiations [Os Raios e as Iniciações], p. 179, citado em uma carta de Frank Hilton para Marian Walter, 2 de novembro de 1950 [inédita]. Mantido pela Escola de Estudos Esotéricos.

30 Carta de Foster Bailey para Marian Walter, 26 de junho de 1953 [inédita]. Mantido pela Escola de Estudos Esotéricos.

31 Ibid.

32 Marian Walter: “ Applicants at the Portal [Aspirantes ao Portal]”,

Conjunto de Estudos II, p. 31. (março de 1952). PDF, International Wisdom Synthesis Center [Centro Internacional de Síntese de Sabedoria, em tradução livre], 2019, Web. 20 de outubro de 2019. <www.monadmonadmonad.wordpress.com>

33 Regina Keller: carta para Priscilla, 11 de novembro de 1952 [inédita]. Mantido pela Escola de Estudos Esotéricos.

34 Essa questão é indicada numa carta datada de 6 de outubro de 1952 e assinada por Frank Hilton, Regina Keller, Joseph Lovejoy e Florence Garrigue [inédito]. Mantido pela Escola de Estudos Esotéricos.

35 Regina Keller: Carta a Priscilla, 11 de novembro de 1952 [inédita]. Mantido pela Escola de Estudos Esotéricos.

36 Regina Keller: carta para Priscilla, 11 de novembro de 1952 [inédita]. Mantido pela Escola de Estudos Esotéricos.

37 Carta de Foster Bailey para Marian Walter, datada de 26 de junho de 1953 [inédita]. Mantido pela Escola de Estudos Esotéricos.

38 Carta de Regina Keller para Priscilla H., 28 de junho de 1953 [inédita]. Mantido pela Escola de Estudos Esotéricos.

39 Bailey, Discipleship in the New Age [Discipulado na Nova Era] Vol I , p. 571.

40 Também estão listados Ayrel Bell, Michael Kaprilian, Hazel Rasmussen, Hilda Dean Going, Louise Crouse, E.O. Smith, Violet Cavell, Clarence Bush, Dorothy Blalock, Marie Marstbaum, Wei Tat, Dorothy Grayson e Zeltie Todd. Com base numa fotografia dada a Maureen Temple Richmond por Marion Crusselle do Centro para Servidores Mundiais.

41 Marian Walter: Carta, outubro de 1953, " Applicants at the Portal [Aspirantes ao Portal]", Conjunto III, p. 114. PDF, International Wisdom Synthesis Center [Centro Internacional de Síntese de Sabedoria, em tradução livre], 2019, Web. 20 de outubro de 2019. <www.monadmonadmonad.wordpress.com>

42 Ibid., p. 115.

43 Ibid., p. 116.

44 Ibid., p. 123.

45 Por exemplo, uma carta no Conjunto de Estudos dos Aspirantes ao Portal VIII é tirada da série 33 do Ashram do Tibetano, datado entre abril e agosto de 1944.

46 Marian Walter: Carta para os Aspirantes ao Portal, março de 1952, em " Applicants at the Portal [Aspirantes ao Portal]", Conjunto de Estudos II, p. 30. PDF, International Wisdom Synthesis Center [Centro Internacional de Síntese de Sabedoria, em tradução livre], 2019, Web. 20 de outubro de 2019.

<www.monadmonadmonad.wordpress.com>

47 Bailey, The Rays and The Initiations [Os Raios e as Iniciações], pp. 511-3 corresponde ao conjunto de estudos II D dos Aspirantes ao Portal, p. 48.

48 Marian Walter: Carta aos Aspirantes ao Portal, conjunto de estudo III, outubro de 1953, p. 115. PDF, International Wisdom Synthesis Center [Centro Internacional de Síntese de Sabedoria, em tradução livre], 2019, Web. 20 de outubro de 2019. <www.monadmonadmonad.wordpress.com>

49 Marian Walter: Carta aos Aspirantes ao Portal, fevereiro de 1955, conjunto de estudo V, p. 246. Op. cit.

50 Ibid., p. 254.

51 Marian Walter: Carta aos Aspirantes ao Portal, julho de 1955, conjunto de estudo VII, p. 373. Op. cit.

52 "Quando o homem tiver feito a terceira iniciação e conscientemente montar a cruz cardeal, ele é então liberado do governo de Saturno e fica sob a influência de Vênus, governante da Hierarquia dos Crocodilos." (Conjunto de Estudos VII dos Aspirantes ao Portal, p. 417.) Deveria ler-se:

"Quando ele que fez a terceira iniciação e pode conscientemente montar a cruz cardeal, ele então é liberado do governo de Saturno e fica sob a influência de Vênus, que é governador ou governante da Hierarquia, que é a dos Crocodilos."

(Alice A. Bailey, Esoteric Astrology [Astrologia Esotérica], (New York: Lucis Trust, 1974), p. 163.

Há uma diferença entre “conscientemente montou” e “pode conscientemente montar”, e entre uma “hierarquia de crocodilos” e “a Hierarquia que é a dos Crocodilos”, uma referência ao mito hindu da criatura marítima legendária Makara, animal meio terrestre, meio aquático, e o glifo de Capricórnio.

53 Marian Walter: Carta aos Aspirantes ao Portal, julho de 1955, conjunto de estudo VII, p. 380.

54 Marian Walter: Carta aos Aspirantes ao Portal, julho de 1955, conjunto de estudo VII, p. 371.

55 Ibid.

56 Mary Bailey, A Learning Experience [Uma Experiência de Aprendizagem, em tradução livre], p. 80-1.

22 A Escola de Estudos Esotéricos.

22. A Escola de Estudos Esotéricos

1 Bailey, The Rays and The Initiations [Os Raios e as Iniciações], p. 759-60.

2 Ver “ World Invocation Day [Dia da Invocação Mundial]”. Lucis Trust , 2019, Web. 16 de outubro de 2019. <https://www.lucistrust.org/the_great_invocation/wid>

3 Mary Bailey, A Learning Experience [Uma Experiência de Aprendizagem, em tradução livre], p. 74.

4 Mary Bailey, Learning [Uma Experiência de Aprendizagem, em tradução livre], p. 86.

5 Ibid.

6 Bailey, Discipleship in the New Age [Discipulado na Nova Era] Vol I , p. 169.

7 Ibid., p. 170.

8 Bailey, Discipleship in the New Age [Discipulado na Nova Era] Vol II , p. 594.

9 Ibid.

10 Bailey, Discipleship in the New Age [Discipulado na Nova Era] Vol II , p. 595.

11 Trecho da carta de Foster Bailey, 8 de março de 1954 [inédita]. Mantido pela Escola de Estudos Esotéricos.

12 Regina Keller: Carta para Foster Bailey, 27 de abril de 1954, p.1 [inédita]. Mantido pela Escola de Estudos Esotéricos.

13 Regina Keller: Carta para Foster Bailey, 27 de abril de 1954, p. 2 [inédita]. Mantido pela Escola de Estudos Esotéricos.

14 Ibid.

15 Regina Keller: Carta para Foster Bailey, 27 de abril de 1954, pp. 2-8, [inédita]. Mantido pela Escola de Estudos Esotéricos.

16 Regina Keller: Carta para Foster Bailey, 30 de abril de 1954 [inédita]. Mantido pela Escola de Estudos Esotéricos.

17 Foster Bailey: Carta para os membros, 18 de junho de 1954 [inédita]. Mantido pela Escola de Estudos Esotéricos.

18 Foster Bailey: Carta aos membros do conselho diretor, 7 de março de

1956 [inédita]. Mantido pela Escola de Estudos Esotéricos.

19 Regina Keller: Memorando para Frank Hilton, 7 de janeiro de 1954 [inédito]. Mantido pela Escola de Estudos Esotéricos.

20 Foster Bailey: Carta aos membros do conselho diretor, 17 de fevereiro de 1956 [inédita]. Mantido pela Escola de Estudos Esotéricos.

21 Foster Bailey: carta para Roberto Assagioli, 5 de março de 1956 [inédita]. Mantido pela Escola de Estudos Esotéricos.

22 Foster Bailey: carta aos membros do conselho diretor, 7 de março de 1956 [inédita]. Mantido pela Escola de Estudos Esotéricos.

23 Carta de Foster Bailey para "amigos", 24 de abril de 1956 [inédita]. Mantido pela Escola de Estudos Esotéricos.

24 Foster Bailey: Carta para Regina Keller, 27 de fevereiro de 1962 [inédita]. Mantido pela Escola de Estudos Esotéricos.

25 " Mission and History of the School [Missão e História da Escola]". Escola de Estudos Esotéricos , 2019, Web. 12 de novembro de 2019. <http://www.esotericstudies.net/mission.html>

26 Regina Keller também gravou e transcreveu as palestras de sexta-feira de Alice Bailey (dadas entre 1943-1946), que foram disponibilizadas no site da Escola de Estudos Esotéricos.

27 “ Mission and History of the School [Missão e História da Escola]”. Escola de Estudos Esotéricos , 2019, Web. 12 de novembro de 2019. <http://www.esotericstudies.net/mission.html>

28 “ History of Meditation Mount [História da Meditação do Monte da Meditação, em tradução livre]”. Meditation Mount , 2019, Web. 23 de novembro de 2019. <https://meditationmount.org/history/>

29 Maureen Temple Richmond, Studies in the Esoteric Astrology of Alice Bailey: Ray Analysis and Astrological Life Guidance Direct from the Master to an Advancing Disciple [Estudos em Astrologia Esotérica de Alice Bailey: Análise de Raios e Orientação Astrológica de Vida Direta do Mestre para um Discípulo Avançado, em tradução livre], 2018, p. 19. PDF.

30 Foster Bailey: Carta para Frank Hilton, 30 de junho de 1976 [inédita]. Mantido pela Escola de Estudos Esotéricos.

31 Foster Bailey: Carta para Frank Hilton, 11 de maio de 1977 [inédita]. Mantido pela Escola de Estudos Esotéricos.

32 The Esoteric Quarterly [O Esotérico Trimestral, em tradução livre], 2019, Web. 1 de dezembro de 2019. <http://esotericquarterly.com/about/index.htm>

33 “ Mission and History of the School [Missão e História da Escola]”. Escola de Estudos Esotéricos , 2019, Web. 12 de novembro de 2019. <http://www.esotericstudies.net/mission.html>

34 Gail Jolley (diretora executiva da Escola de Estudos Esotéricos): E-mail para Isobel Blackthorn, 23 de outubro de 2019.

23 Roberto Assagioli

23. Roberto Assagioli

1 Alice Bailey, “Friday Talk” [Discurso de Sexta, em tradução livre], 14 de abril de 1944, p. 5. PDF em School for Esoteric Studies [Escola de Estudos Esotéricos], 2019, Web. 24 de setembro de 2019. <http://www.esotericstudies.net/aabtalks/aab04-14-44.pdf>

2 Ibid.

3 “ About Us [Sobre nós]”. Psychosynthesis Trust [Fundação Psicossíntese], 2019, Web. 20 de outubro de 2019. <https://psychosynthesistrust.org.uk/about-psychosynthesis-trust/>

4 Kenneth Sørensen e Hanne Birkholm, “Roberto Assagioli – His Life and Work, a biography [Roberto Assagioli – Sua Vida e Obra, Biografia, em

tradução livre]". Kenneth Sørensen, 02/06/2017, Web. 17 de outubro de 2019.

<https://kennethsorensen.dk/en/roberto-assagioli-his-life-and-work/>

5 Ibid.

6 Al Mankoff, " Roberto Assagioli, Psychosynthesis, and the Esoteric Roots of Transpersonal Psychology [Roberto Assagioli, Psicossíntese e as Raízes Esotéricas da Psicologia Transpessoal, em tradução livre]". Kenneth Sørensen , 01/02/2019, Web. 17 de outubro de 2019. <https://kennethsorensen.dk/en/roberto-assagioli-psychosynthesis-and-the-esoteric-roots-of-transpersonal-psychology/>

7 Bailey, Discipleship in the New Age [Discipulado na Nova Era] Vol II , p. 459.

8 Bailey, Discipleship in the New Age [Discipulado na Nova Era] Vol II , p. 465.

9 Maureen Temple Richmond, Studies in the Esoteric Astrology of Alice Bailey: Ray Analysis and Astrological Life Guidance Direct from the Master to an Advancing Disciple [Estudos em Astrologia Esotérica de Alice Bailey: Análise de Raios e Orientação Astrológica de Vida Direta do Mestre para um Discípulo Avançado, em tradução livre], 2018, p. 19. PDF

10 “ The Group for Creative Meditation : Another Roberto Assagioli Legacy [O Grupo de Meditação Criativa: Outro Legado de Roberto Assagioli, em tradução livre]”, p. 5. PDF. Meditation Mount [Monte Meditação], 2019, Web. 18 de outubro de 2019. <https://meditationmount.org/wp-content/uploads/2017/01/History-of-Creative-Meditation.pdf>

11 Ibid., p. 3.

12 Al Mankoff, “ Roberto Assagioli, Psychosynthesis, and the Esoteric Roots of Transpersonal Psychology [Roberto Assagioli, Psicossíntese e as Raízes Esotéricas da Psicologia Transpessoal, em tradução livre]”. Kenneth Sørensen , 01/02/2019, Web. 17 de outubro de 2019. <https://kennethsorensen.dk/en/roberto-assagioli-psychosynthesis-and-the-esoteric-roots-of-transpersonal-psychology/>

13 “ A Training Course in Creative Meditation ”. Creative Group Meditation [“Um treinamento em meditação criativa”, Grupo Meditação Criativa, em tradução livre], 2019, Web. 20 de outubro de 2019. https://www.creativegroupmeditation.org/training-events

14 Uma biografia mais completa de Ian Gordon-Brown pode ser encontrada em: “ Ian Gordon-Brown: in memory of a person on influence [Ian Gordon-Brown: Em Memória de Uma Pessoa Influente, em tradução livre]”. Laetus in praesens , 12 de dezembro de 2016, Web. 21 de outubro de 2019.

<https://www.laetusinpraesens.org/guests/iangb/igb.php>

15 Barbara Somers, “ Centre Profile: The Centre for Transpersonal Psychology [Perfil do Centro: O Centro para Psicologia Transpessoal]”. Self & Society: An International Journal for Humanistic Psychology [Self & Society: Periódico Internacional Para a Psicologia Humanística, em tradução livre] Vol 26, 1998, edição 5, 5 de novembro de 1998. <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/03060497.1998.11085887?journalCode=rsel20>

“History of CTP [História do CTP]”. Centre for Transpersonal Psychology [Centro para Psicologia Transpessoal], 2014, Web. 21 de outubro de 2019.

<http://www.transpersonalcentre.co.uk/index.php/history-of-ctp>

e “Ian Gordon-Brown 1925-1996”. Transpersonal Perspectives: the power of the transpersonal [Perspectivas Transpessoais: o Poder do Transpessoal, em tradução livre], 2019, Web. 21 de outubro de 2019.
<http://transpersonalperspectives.org/ian-gordon-brown-1925-1996/>

16 Nigel Wellings, Elizabeth Wilde McCormick, Transpersonal Psychotherapy [Psicoterapia Transpessoal], (New York : Sage, 2012), p. 2.

24 A Fundação Lucis e as Nações Unidas

24. As Nações Unidas

1 Mary Bailey, A Learning Experience [Uma Experiência de Aprendizagem,

em tradução livre], pp. 81-2.

2 Ver “ About the Aquarian Age Community [Sobre a Comunidade da Era de Aquário]”. The Aquarian Age Community [Comunidade da Era de Aquário], 2019, Web. 1 de dezembro de 2019. <http://www.aquaac.org/about/about.html>

3 “ Secretary-General’s remarks at Memorial Service for Robert Muller [Observações do Secretário-Geral na cerimónia fúnebre para Robert Muller, em tradução livre]”. 11 de março de 2011. Nações Unidas, Web. 15 de dezembro de 2019. <https://www.un.org/sg/en/content/sg/statement/2011-03-11/secretary-generals-remarks-memorial-service-robert-muller-delivered>

4 Alice Bailey, Education in the New Age [Educação na Nova Era], (New York: Lucis Trust , 1987), p. x.

5 Ibid., p. 107.

6 Um esboço básico do Currículo Básico Mundial pode ser encontrado em: “Currículo Básico Mundial”. UNESCO, 2019, Web. 1 de dezembro de 2019.

<http://www.unesco.org/education/tlsf/mods/theme_c/popups/mod18t01s03.html and

“Currículo Básico Mundial”. Robert Muller, Web. 1 de dezembro de 2019.

<http://robertmuller.org/rm/R1/World_Core_Curriculum.html>

7 “Robert Muller Schools International [Escolas Internacionais]”. The School of Ageless Wisdom [Escola da Sabedoria Eterna], Web. 1 de dezembro de 2019. <http://www.theschoolofagelesswisdom.org/rms/>

8 Robert Muller, New Genesis: Shaping a global spirituality [Nova Gênesis: Formando Uma Espiritualidade Global] (New York : Doubleday, 1982); e “ Biography [Biografia]”. Robert Muller , Web. 1 de dezembro de 2019. <http://robertmuller.org/rm/R1/Biography.html>

9 Donald Keys, Earth At Omega: Passage to Planetization [A Terra em Ômega: Passagem Para a Evolução, em tradução livre], (Wellesley, MA: Branden Publishing Company , 1983), p. 81.

10 “ Planetary Citizens [Cidadãos Planetários]”. Source Watch: The Center for Media and Democracy [SourceWatch: O Centro Para a Mídia e a Democracia, em tradução livre], 2014, Web. 1 de dezembro de 2019.

<https://www.sourcewatch.org/index.php/Planetary_Citizens#cite_note-4>

11 Ver “ Spirituality and the United Nations ” [Espiritualidade e as Nações Unidas, em tradução livre]. The Aquarian Age Community [Comunidade da Era de Aquário], 2019, Web. 1 de dezembro de 2019. <http://www.aquaac.org/un/sprtatun.html>

12 Para algumas especulações interessantes sobre a criação da sala de meditação e a possível influência de Alice Bailey, veja meu livro, The Unlikely Occultist: A biographical novel of Alice A. Bailey [A Ocultista Improvável: Um Romance Biográfico de Alice A. Bailey, em tradução livre].

13 U Thant, " The Making and Building of Peace [O Fazer e Construir da Paz, em tradução livre]". The Beacon , Vol 41 edição 7, janeiro/fevereiro 1966, p. 222.

U Thant, "What Could We Build If We Worked Together [O Que Poderíamos Construir se Trabalhássemos Juntos, em tradução livre]". The Beacon, Volume 42, edição 5, setembro/outubro 1967, p. 158.

U Thant, "The United Nations and Human Rights [As Nações Unidas e os Direitos Humanos, em tradução livre]". The Beacon, Volume 42, edição 11, setembro/outubro 1968, p. 349.

U Thant, "Trade, Aid and People [Negócios, Auxílio e Pessoas, em tradução livre]". The Beacon, Volume 42, edição, 12, novembro/dezembro 1968, p. 370.

U Thant, "Message for Youth [Mensagem Para a Juventude, em tradução livre]". The Beacon, Volume 43, edição 12, novembro/dezembro 1970, p. 383.

U Thant, "The United Nations: Crisis of Authority [As Nações Unidas: Crise de Autoridade, em tradução livre]". The Beacon, Volume 44, edição 2, março/abril 1971, p. 56.

U Thant, “The United Nations and the Human Environment [As Nações Unidas e o Ambiente Humano, em tradução livre]”. The Beacon, Volume 44, edição 10, julho/agosto 1972, p. 314.

As fontes acima foram obtidas em:

“The Beacon 1922 – continuando, Nova Iorque, Fundação Lucis, Foster Bailey”. “Union Index of Theosophical Periodicals” [Índice da União de Periódicos Teosóficos, em tradução livre]. Theosophical Society of Australia [Sociedade Teosófica da Austrália], 2018, Web. 29 de novembro de 2019. <http://www.austheos.org.au/indices/BEACON.HTM>

Não há indicação de que a Fundação Lucis planeje digitalizar cópias antigas da The Beacon e torná-las disponíveis para pesquisadores online.

14 McLaughlin e Davidson, Spiritual Politics: Changing the World From Inside Out [Política Espiritual: Mudando o Mundo de Dentro Para Fora, em tradução livre], (New York: Ballantine Books, 1994), p. 315.

15 McLaughlin e Davidson, Spiritual Politics [Política Espiritual], p. 317.

16 ver Spiritual Caucus at the United Nations [Caucus Espiritual nas Nações Unidas], 2019, Web. 1 de dezembro de 2019. <http://www.spiritualcaucusun.org>

17 “Nancy B. Roof”. Kosmos: Journal for global transformation [Jornal para a Transformação Global, em tradução livre], 2019, Web. 1 de dezembro de 2019. <http://www.kosmosjournal.org/contributor/nancy-b-roof/>

18 ver “Marcia S. Moore Collection, 1948-1999”. Concord Library [Biblioteca Concorde], 2016, Web. 1 de dezembro de 2019. <https://concordlibrary.org/special-collections/fin_aids/moore>; e “Robert and Eleanor Moore Collection, 1943-1963”. Concord Library [Biblioteca Concorde], 2016, Web. 1 de dezembro de 2019. <https://concordlibrary.org/special-collections/fin_aids/moore_r_e>

19 Autora, professora de ioga e astróloga, Marcia Moore experimentou vários psicoestimulantes. Ela experimentou a cetamina com seu quarto marido, Howard Alltounian e morreu em circunstâncias misteriosas em 1979, aos 50 anos de idade. Seu corpo foi encontrado dois anos depois, em uma mata próxima à sua casa em Washington. Suspeita-se de suicídio ou overdose, mas a causa da morte permanece não solucionada. Ela também foi esposa do famoso astrólogo Louis S. Acker.

20 Robert S. Ellwood, Islands of the Dawn: The Story of Alternative Spirituality in New Zealand [Ilhas do Amanhecer: A história da Espiritualidade Alternativa na Nova Zelândia, em tradução livre] (Kolowalu: University of Hawaii Press , 1993).

21 Ver “ United Nations Days & Years Meditation Initiative [Iniciativa de Meditação dos Dias e Anos das Nações Unidas, em tradução livre]: Steve Nation”. Intuition in Service [Intuição a Serviço], 2014, Web. 1 de dezembro de 2019. <http://www.intuition-in-service.org/stevenation.cfm>

22 Ver Lifebridge Foundation , Web. 1 de dezembro de 2019. <http://www.lifebridge.org/>; and

23 “Barbara Valocore”. Kosmos: Journal for global transformation [Jornal para a Transformação Global, em tradução livre], 2019, Web. 1 de dezembro de 2019.

<https://www.kosmosjournal.org/contributor/barbara-valocore/>

ver “Upcoming Event – August [Próximos Eventos – Agosto]”. Creative Group Meditation [Grupo Criativo de Meditação], 2019, Web. 1 de dezembro de 2019. <https://www.creativegroupmeditation.org/training-events/upcoming-event-31-8-2019>; e “Tara Stuart”. Kosmos: Journal for global transformation [Jornal para a Transformação Global, em tradução livre], 2019, Web. 1 de dezembro de 2019. <https://www.kosmosjournal.org/contributor/tara-stuart/>

24 “Avon Mattison”. Kosmos: Journal for global transformation [Jornal para a Transformação Global, em tradução livre], 2019, Web. 1 de dezembro de 2019.

<https://www.kosmosjournal.org/contributor/avon-mattison/>

25 ver The Source of Synergy Foundation [Fundação Fonte de Energia], 2009, Web. 1 de dezembro de 2019. <http://sourceofsynergyfoundation.org/>

25. O Movimento Nova Era

1 Alexander, K., “ Roots of the New Age [Raízes da Nova Era, em tradução livre]”. Lewis, J.R., e Melton, G., (eds), Perspectives on the New Age [Perspectivas na Nova Era, em tradução livre], (State University of New York Press , Albany, 1992), pp. 30-47.

Bednarowski, M.F., “Literature of the New Age: A Review of Representative Sources [Literatura da Nova Era: Uma Revisão de Fontes Representativas, em tradução livre]”. Religious Studies Review [Revisão de Estudos Religiosos], Vol 17/3, 1991, pp. 209-216.

2 ver Steven Sutcliffe, “ Wandering Stars: Seekers and Gurus in the Modern World [Estrelas errantes: Buscadores e Gurus no Mundo Moderno, em tradução livre]”, em Sutcliffe, S., e Bowman, M., (eds), Beyond New Age: Exploring Alternative Spirituality [Além da Nova Era: Explorando a Espiritualidade Alternativa], (Edinburgh: Edinburgh University Press , 2000) pp. 17-36.

Steven Sutcliffe, “Category Formation and the History of the ‘New Age’ [Formação de Categorias e a História da ‘Nova Era’, em tradução livre]”. Culture and Religion [Cultura e Religião, Volume 4, edição 1, 2003, pp. 5-29.

Dick Anthony e Bruce Ecker, “The Anthony Typology: A Framework for Assessing Spiritual and Consciousness Groups [A Tipologia Anthony: Uma Estrutura para Avaliação Espiritual e Grupos de Consciência, em tradução

livre]". Ken Wilber, Dick Anthony e Bruce Ecker, (eds), Spiritual Choices [Escolhas Espirituais], (New York: Paragon House, 1987), pp. 35-91.

Harold Bloom, Omens of Millennium: The Gnosis of Angels, Dreams, and Resurrection [Presságios do Milênio: Anjos, Sonhos e Imortalidade], (London: Fourth Estate, 1996).

Kevin Tingay, "Madame Blavatsky's Children: Theosophy and Its Heirs [Filhos da Madame Blavatsky: A Teosofia e seus Herdeiros]", em Steven Sutcliffe e Marion Bowman, (eds), Beyond New Age: Exploring Alternative Spirituality [Além da Nova Era: Explorando a Espiritualidade Alternativa], (Edinburgh: Edinburgh University Press, 2000), pp. 37-50.

3 Marilyn Ferguson, The Aquarian Conspiracy: Personal and Social Transformation in the 1980s [A Conspiração Aquariana: Transformações Pessoais e Sociais nos Anos 80) (London : Paladin, 1982), p. 23.

4 Marilyn Ferguson, The Aquarian Conspiracy: Personal and Social Transformation in the 1980s [A Conspiração Aquariana: Transformações Pessoais e Sociais nos Anos 80), (London : Paladin Grafton Books, 1980), p. 30.

5 ver Kay Alexander, " Roots of the New Age [Raízes da Nova Era]". James Lewis e Gordon Melton (eds.), Perspectives on the New Age [Perspectivas da Nova Era], (Albany: State University of New York Press , 1992), pp. 30-47.

6 Steven Sutcliffe, Children of the New: A History of Spiritual Practices

[Uma História de Práticas Espirituais, em tradução livre] (London: Routledge, 2003) p. 14.

7 Bailey, From Intellect to Intuition [Do Intelecto à Intuição], p. 45.

8 Bailey, A Treatise on White Magic [Um Tratado Sobre Magia Branca], p. 135.

9 Steven Sutcliffe and Marion Bowman (eds.), Beyond the New Age: Exploring Alternative Spirituality [Além da Nova Era: Explorando a Espiritualidade Alternativa], op. cit.

10 Bailey, Autobiography [Autobiografia], pp. 90-1.

11 Ibid., p. 89.

12 Ibid., p. 151.

13 Kurt Leland, Rainbow Body: A History of the Western Chakra System from Blavatsky to Brennan [Corpo Arco-Íris: A História do Sistema de Chakras Ocidental, de Blavatsky a Brennan] (Lake Worth , FL: Ibis Press, 2016), p. 94.

14 Leland, Rainbow Body [Corpo Arco-Íris], p. 131.

15 Ibid., pp. 215-9 e p. 385.

16 “Vera Stanley Alder”. Academic Dictionaries and Encyclopedias [Dicionários e Enciclopédias Acadêmicas], 2019, Web. 2 de dezembro de 2019. <https://enacademic.com/dic.nsf/enwiki/9475828>

17 Ibid.

18 Bailey, Discipleship in the New Age [Discipulado na Nova Era] Vol. I , p. 131.

19 Leland, Rainbow Body [Corpo Arco-Íris], p. 224.

20 Ibid., p. 221.

21 Ibid., p. 225.

22 Ibid., pp. 357- 385.

23 Ibid., p. 385.

24 Ibid., p. 390.

25 Nicholas Campion, The New Age in the Modern West: Counterculture, Utopia and Prophecy from the Late Eighteenth Century to the Present Day [A Nova Era no Ocidente Moderno: Contracultura, Utopia e Profecia Desde o Final do Século XVIII Até os Dias de Hoje, em tradução livre], (London: Bloomsbury, 2015), p. 126.

26 Ver The Lorian Association [Associação Lorian], 2019, Web. 1 de dezembro de 2019. <https://lorian.org/>

27 Ver " About the Findhorn Association [Sobre a Associação Findhorn". Findhorn Foundation [Fundação Findhorn], 2019, Web. 1 de dezembro de 2019. <https://www.findhorn.org/aboutus/community/>

28 para uma relação completa da semana em Findhorn ver Sutcliffe, Children of the New Age [Filhos da Nova Era], op. cit., pp.154-170.

29 Ibid., p. 139.

30 William Bloom (ed.), Soulution: The Holistic Manifesto [A Solução da Alma: Um Manifesto Holístico, em tradução livre], (California: Hay House , 2004); e William Bloom, The New Age: An Anthology of Essential Writings [A Nova Era: Uma Antologia de Textos Essenciais, em tradução livre] (London: Rider, 1991).

31 McLaughlin e Davidson, Spiritual Politics [Política Espiritual, em tradução livre] , p. 20.

32 Global Ecovillage Network [Rede Global de Ecovilas], 2009, Web. 1 de dezembro de 2019. <https://ecovillage.org/about/about-gen/>

33 The Institute for Planetary Synthesis [Instituto para a Síntese Planetária, em tradução livre], 2018, Web. 1 de dezembro de 2019. <https://www.ipsgeneva.com/en/>

34 Ver Hechal , 2019, Web. 1 de dezembro de 2019. <http://hechal.org/>

35 Planetary Citizens: One Earth, One Humanity, One Destiny [Cidadãos Planetários: Uma Terra, Uma Humanidade, Um Destino, em tradução livre] , 2019, Web. 1 de dezembro de 2019. http://planetarycitizens.net/about-planetary-citizens/

26 Uma adversária e uma entusiasta

26. Uma adversária e uma entusiasta

1 Um exemplo é Darshan com a Mensageira Elizabeth Clare Prophet, The Work of the Adepts and the Teachings of the Seven Rays [A Obra dos Adeptos e os Ensinos dos Sete Raios, em tradução livre] que vale-se do The Masters and the Path [Os Mestres e o Caminho] , de Charles W. Leadbeater

2 Phillip Charles Lucas, prefácio. Erin Prophet, Prophet's Daughter: My Life with Elizabeth Clare Prophet Inside the Church Universal and Triumphant [Filha da Profeta: Minha Vida com Elizabeth Clare Prophet Dentro da Church Universal and Triumphant, em tradução livre] , (Lanham, Maryland: Rowman and Littlefield, 2008), p. x.

3 " Teachings of the Ascended Masters [Ensinamentos dos Mestres Ascencionados, em tradução livre]", Summit Lighthouse , 2019, Web. 1 de dezembro de 2019. <https://www.summitlighthouse.org/teachings-of-the-ascended-masters/>

4 A Wikipedia provê uma tabulação comparativa dos sete raios e suas várias correspondências de Alice Bailey e a The Summit Lighthouse na página da Summit Lighthouse. As duas tabelas são uma leitura interessante. Na versão de Prophet fica evidente seu evangelismo, cada raio é "de Deus". Cada raio tem uma localização, uma pedra preciosa e um dia da semana. Situando as duas correntes amplamente diferentes e suas respectivas tabelas juntas numa única discussão dos raios sob o título de Ensinamentos da Nova Era, com Leadbeater desfrutando do terreno mais elevado do parágrafo anterior como tendo sido o principal motor teosófico, rebaixa Alice Bailey e sugere uma equivalência de profundidade e integridade com Prophet. <https://en.wikipedia.org/wiki/Seven_rays#The_Summit_Lighthouse [51>

5 Elizabeth Clare Prophet, Pearls of Wisdom [Pérolas de Sabedoria], Vol. 19, no. 5.

(Corwin Springs, MT: Summit University Press, 1976) citado em <http://www.alpheus.org/html/source_materials/krishnamurti/kh_on_k.html>

6 “ Lady Master Clare de Lis [Senhora Ascensionada Clare de Lis]”. The Hearts Center Community [Comunidade Centro do Coração, em tradução livre], 2019, Web. 1 de dezembro de 2019.

<https://www.heartscenter.org/TeachingsBlogs/AscendedMasters/ElizabethClareI GuruMa/tabid/1159/Default.aspx#.XeM7HZMzZz8>

7 Bailey, Esoteric Psychology [Psicologia Esotérica] , Volume II , p. 347.

8 Ibid., p. 396.

9 Foundation for Inner Peace, 2019, Web. 1 de dezembro de 2019. <http://www.acim.org/Scribing/about_scribes.html>

10 Olav Hammer, Claiming Knowledge: Strategies of Epistemology from Theosophy to the New Age [Alegando Conhecimento: Estratégias de Epistemologia da Teosofia à Nova Era, em tradução livre], (Leiden: Brill, 2004), p. xiii.

11 “ Benjamin Crème: a messenger of hope [Benjamin Crème: Um Mensageiro da Esperança]”. Share International , 2019, Web. 1 de dezembro de 2019.

<http://www.share-international.org/background/bcreme/bc_main.htm>

12 Pastor Hal Mayer, “ New Age Prophet Benjamin Creme Dies At Age 93 [O profeta da Nova Era Benjamin Creme morre aos 93 anos]”, Keep the Faith [Mantenha a Fé, em tradução livre], novembro de 2016, Web. 1 de dezembro de 2019. <https://ktfnews.com/new-age-prophet-benjamin-creme-dies-age-93/>

27 Cedercrans e Laurency

27. Cedercrans e Laurency

1 Ver “ About Lucille [Sobre Lucille]”. Dakini Wisdom [Sabedoria Dakini, em tradução livre], 2019, Web. 1 de dezembro de 2019. <http://www.dakini-wisdom.com/AboutLucille.htm>

Victor Dutro, “An Esoteric Profile” (Great Quest 02 DHY paper, 2014). PDF. Morya Federation, 2019, Web. 1 de dezembro de 2019. <http://www.moryafederation.com/wp-content/uploads/2015/01/Lucille-Cedercrans1.pdf>

2 Zachary F. Lansdowne, “ Cedercrans’ Writings Compared to Bailey’s Technique of Integration for the Seventh Ray [Escritos de Cedercrans Comparados à Técnica de Integração de Bailey do Sétimo Raio, em tradução livre]”. PDF. The Esoteric Quarterly [O Esotérico Trimestral], Spring 2015, pp. 39-63.

3 Ver Dutro, “ An Esoteric Profile [Um Perfil Esotérico]”. op. cit.

4 Bailey, Discipleship in the New Age [Discipulado na Nova Era] Vol. II , p. 597.

5 Landsdowne, op. cit., p. 60.

6 Ibid.

7 “ Introduction to the Works of Henry T. Laurency [Introdução à Obra de Henry T. Laurency, em tradução livre]”. Laurency , 2019, Web. 1 de dezembro. <https://www.laurency.com/introduc.htm>

8 Bailey, A Treatise on White Magic [Um Tratado Sobre Magia Branca], p. 79.

9 Håkan Blomqvist, “ The Henry T. Laurency esoteric legacy [O Legado Esotérico de Henry T. Laurency]”. Håkan Blomqvist’s Blog , 6 de janeiro de 2014, Web. 1 de dezembro de 2019. <https://ufoarchives.blogspot.com/2014/01/the-henry-t-laurency-legacy.html>

10 Ibid.

11 Henry T. Laurency , Knowledge of Life Three [O Conhecimento da Vida - 3, em tradução livre], traduzido do sueco por Kent Hammarstrand e Lars Adelskogh, Suécia: Henry T. Laurency Publishing Foundation 2006), p. 3.

12 Ibid.

13 Lars Adelskogh, “ Helena Roerich – A False Messenger of the Planetary Hierarchy [Helena Roerich – Falsa Mensageira da Hierarquia Planetária, em tradução livre]”. PDF. <http://livskunskap.dyndns.org/hylozoik/english/Helena%20Roerich%20a%

28 Os documentos acumulados

28. Documentos acumulados

1 Bailey, Discipleship in the New Age [Discipulado na Nova Era] : Volume II , p. 701.

2 Geoffrey Logie: entrevista com Isobel Blackthorn, outubro de 2019.

3 Chris Adams, The Grail Guitar: The Search for Jimi Hendrix's Purple Haze Telecaster [A Guitarra Graal: a Busca Pelo Apresentador da Névoa Roxa de Jimi Hendrix, em tradução livre], (Lanham, Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, 2016), pp. 191-194.

4 Maitreya School and Healing Centre [Escola Maitreya e Centro de Cura], Web. 1 de dezembro de 2019. <http://www.maitreyaschoolandhealingcentre.org.uk/>

5 “Cornford, Lily”. Kate Bush Encyclopedia , 2019, Web. 1 de dezembro de 2019. <https://www.katebushencyclopedia.com/cornford-lily>

6 Keith Bailey: transcrição da entrevista com Kathy Newburn. Op. cit.

7 RWB Kevin Townley , 2019, Web. 1 de dezembro de 2019. <http://townley.mwglco.org/>

8 Circular postada em Masonic Forum of Light [Fórum da Luz Maçônica], 2005, Web. 1 de dezembro de 2019. <http://staffs.proboards.com/thread/1372/dk-alice-bailey-russell>

9 É incerto se Marian Walter tinha o direito de deixar em testamento o material e o incenso que ela adquiriu de maneira clandestina e que não lhe pertencia, uma questão que precisaria ser examinada numa corte de justiça.

10 Geoffrey Logie: Troca de mensagens com Isobel Blackthorn, 21 de setembro de 2019.

11 Eu escolhi omitir as identidades dos membros do The Polaris Project, um fórum Yahoo que aconteceu entre 2005 -2010, para prevenir mais danos.

12 Stephen Pugh: conversa particular com Isobel Blackthorn.

13 John Cobb: Mensagem postada no The Polaris Project, c2005.

14 Coletado de uma variedade de conversas particulares conduzidas entre Isobel Blackthorn e vários participantes e observadores.

15 Foram feitas duas tentativas de contato com Michael Robbins por e-mail.

16 Alice Bailey: Carta para Roberto Assagioli, fevereiro de 1940, não citada e de uma fonte não verificada, presume-se ser a parte do depósito de Marian Walter em posse de Michael Robbins.

17 Esse assunto foi ao ar no The Polaris Project.

18 Marian Walter, " Applicants at the Portal Study Set VII [Aspirantes ao Portal, Conjunto de Estudos VII]", p. 392. PDF, International Wisdom Synthesis Center [Centro Internacional de Síntese de Sabedoria, em tradução livre], 2019, Web. 20 de outubro de 2019.

19 Michael Robbins, Tapestry of the Gods [A Tapeçaria dos Deuses, em tradução livre] Vol I , (Arizona: University of the Seven Rays Publishing House , 1996), p. 20.

20 Michael Robbins, " The Jewish Group: DK's letters to Roberto Assagioli [O Grupo Judeu: Cartas de DK para Roberto Assagioli]". Esoteric

Astrologer , 2019, Web. 1 de dezembro de 2019. https://esotericastrologer.org/articles/the-jewish-group-service-unpublished-letters-of-dk-to-roberto-assagioli-fcd/>

21 Uma análise mais profunda está além do escopo do trabalho atual.

29 Avanço dos Ensinamentos

29. Avanço dos Ensinamentos

1 Ver School for the Study of the Seven Rays [Escola para o Estudo dos Sete Raios], 2019, Web. 1 de dezembro de 2019. <http://seven-rays.org/>

2 Kurt Abraham, Threefold Method for Understanding the Seven Rays [Método Triplo para Compreender os Sete Raios, em tradução livre] (Cape May, NJ: Lampus Press, 1984).

3 "Michael Robbins, PhD". Seven Ray Institute and University of the Seven Rays [Sete Raios Instituto e Universidade dos Sete Raios], Web. 1 de dezembro de 2019. <http://www.sevenray.org/robbins.html>

4 Morya Federation: Esoteric Schools of Meditation, Study and Service [Federação Morya: Escolas Esotéricas de Meditação, Estudos e Serviço, em tradução livre], 2019, Web. 1 de dezembro de 2019. <http://www.moryafederation.com/>

5 PIP II , 2019, Web. 1 de dezembro de 2019. <http://www.pipiionline.com/index_pip3c.asp>

6 Michael D. Robbins, The Tapestry of the Gods [A Tapeçaria dos Deuses, em tradução livre] : Volume I: The Seven Rays: An Esoteric Key to Understanding Human Nature [Os Sete Raios: Chave Esotérica para Compreensão da Natureza Humana, em tradução livre], (Phoenix: University of the Seven Rays , [Universidade dos Sete Raios] 1996), assunto da contracapa.

7 Shamballa School [Escola Shamballa], 2019, Web. 1 de dezembro de 2019. <https://www.shamballaschool.org/>

8 " About Shamballa School [Sobre a Escola Shamballa]". Shamballa School , 2019, Web. 1 de dezembro de 2019. <https://www.shamballaschool.org/>; and Highden Temple , 2019, Web. 1 de dezembro de 2019. <https://www.highdentemple.org/about-us>

9 Ver Light-Weaver [Tecelão de luz] , 2016. Web. 3 de fevereiro de 2020. <http://www.light-weaver.com/>

10 Douglas Baker, Esoteric Psychology: The Seven Rays [Psicologia Esotérica: Os Sete Raios, em tradução livre] e The Seven Rays: Keys to the Mysteries , [Os Sete Raios: Chaves de Mistérios, em tradução livre] (London : Aquarian Press, 1977).

Ver também Douglas Baker: Home of Ancient Wisdom [Lar da Sabedoria Eterna], 2007, Web. 1 de dezembro de 2019. <http://www.douglasbaker.com/>

11 Piero Ferrucci, Inevitable Grace: Breakthroughs in Self-realization [Graça inevitável: Avanços na Autorrealização, em tradução livre] (Los Angeles: Jeremy P. Tarcher, 1990).

12 David C. Borsos, " Cosmic Fire Studies and Academia – A Manifesto Part II: The Work [Estudos e Academia do Fogo Cósmico - Uma Parte do Manifesto Parte II: O Trabalho, em tradução livre]". Esoteric Quarterly [O Esotérico Trimestral], 2017, Vol 13, p. 37.

13 Ibid., p. 55.

14 Steven Sutcliffe, Children of the New Age [Filhos da Nova Era] , (Abingdon, Routledge, 2003), p. 138.

15 Os nomes e datas dos vários presidentes foram gentilmente fornecidos por Christine Morgan, presidente da Fundação Lucis.

16 E-mail de Christine Morgan para Isobel Blackthorn, janeiro de 2020: Carta como anexo: "2018 Financial Report " [Relatório Financeiro de 2018] março de 2019, Grupo Sede Fundação Lucis.

17 Bette Stockbauer, " Africa and the Planetary Picture (A África e a Imagem Planetária)", The Beacon, 2019, Vol. 4, pp. 29-31; Anne Woodward,

“ The Paradoxical Utopia of Piet Mondrian (A Utopia Paradoxal de Piet Mondrian)”, The Beacon, 2019, Vol. 4, pp. 17-20; Christine Aagaard, “ Pluto and Global Economics (Plutão e a Economia Global)”. The Beacon, 2020, Vol 1, pp. 13-16.

18 Newsletter: “ In Resonance with the Living Earth: A World Goodwill Seminar [Em Ressonância com a Terra Viva: Seminário da Boa Vontade Mundial]”, sábado, 10 de novembro de 2018, Hotel Amba, Charing Cross, Londres, Fundação Lucis.

19 Newsletter: “An Invitation to Attend the Arcane School Conference [Convite para Participar da Conferência da Escola Arcana], Londres 15-16 de junho de 2019”, Fundação Lucis.

20 Letter to co-workers: “The Rise of the Group Hero [Carta aos colaboradores: O Levantar do Grupo de Heróis]”. Semana do Festival do Novo Grupo de Servidores do Mundo de 2019, Fundação Lucis. <https://www.lucistrust.org/about_us/lucis_trust/bi_annual_letter/2019_festi dm_t=0,0,0,0,0>

21 Bailey, Discipleship in the New Age [Discipulado na Nova Era] Vol II , pp. 146-7.

22 “ The Mantram of Unification [O Mantra da Unificação]”. Lucis Trust, 17 de janeiro de 2020. Web. <https://www.lucistrust.org/mantrams/the_mantram_unification>

23 “Humanidade é Uma, E Somos Um com Todos.

Procuramos Amar, não odiar;

Procuramos Servir, e não exigir o serviço devido;

Procuramos Curar, não ferir.

Que a dor traga a devida recompensa de Luz e Amor.

Deixe a alma controlar a forma exterior,

A vida e todos os eventos,

E traga à luz o Amor Que está por trás dos acontecimentos da época.

Que a visão venha e ilumine.

Que o futuro seja revelado.

Que a UNIÃO INTERIOR manifeste-se e as divisões externas desapareçam.

Que o AMOR prevaleça.

Que Todas as Pessoas AMEM.” – post do Facebook, 23 de dezembro de 2019. <https://www.facebook.com/olivia.hansen.906/posts/10218815727335865>

30 Astrologia Esotérica

30. Astrologia Esotérica

1 Alice A. Bailey, Esoteric Astrology [Astrologia Esotérica] (New York: Lucis Trust , 1951).

2 Temple Richmond, “ The Role of Alan Leo and Sepharial in the Development of Esoteric Astrology [O Papel de Alan Leo e de Sepharial no Desenvolvimento da Astrologia Esotérica, em tradução livre] (Parte I)”, Esoteric Astrology [Astrologia Esotérica], Summer 2005, p. 15.

3 Ibid., p. 13.

4 Ibid., p. 22.

5 Ver “Dane Rudhyar: Renaissance Man of the 20th Century [O Homem Renascentista do Século XX, em tradução livre]”. Melanie Reinhart , 2013, Web. 1 de dezembro de 2019.

<http://www.melaniereinhart.com/RUDHYARarticle.htm>

6 Esoteric Astrology with Mermaid [Astrologia Esotérica com Sereia, em tradução livre] , 2013, Web. 1 de dezembro de 2019. <http://www.mermaid-uk.net/Esotericcontents.htm>

7 Jeffrey Wolf Green pode ser encontrado nesse website, School of Evolutionary Astrology [Escola de Astrologia Evolutiva], 2019, Web. 1 de dezembro de 2019. <http://schoolofevolutionaryastrology.com/>

8 Ver Esoteric Astrologer [Astrólogo Esotérico], 2019, Web. 1 de dezembro de 2019. <https://esotericastrologer.org/>

9 Phillip Lindsay, " The Hidden History of Humanity [A História Oculta da Humanidade, em tradução livre]", 18 de agosto de 2017, Vídeo, Web. 20 de outubro de 2019. <https://youtu.be/GbWMw249xY8>

10 Phillip Lindsay, "Capricorn Servers Week, 2025 and the Externalisation of the Hierarchy [Semana dos Servidores de Capricórnio, 2025 e a Externalização da Hierarquia, em tradução livre]", outubro de 2019, Esoteric Astrologer [Astrólogo Esotérico], 2019, Web. 1 de dezembro de 2019. <https://esotericastrologer.org/newsletters/special-edition-newsletter-capricorn-servers-week-2025-the-externalisation-of-the-hierarchy/>

11 " Introduction to Esoteric Astrology [Introdução à Astrologia Esotérica]". Lynn Koiner: Astrological Research [Pesquisa Astrológica], 2019, Web. 1 de dezembro de 2019. <http://www.lynnkoiner.com/astrology-articles/introduction-to-esoteric-astrology>

12 Stephen D. Pugh, “ Triple Sign Zodiacal Meditations [Meditações do Mapa Solar Triplo]”, The Esoteric Quarterly , outono 2012, pp. 53-65. Seu livro, The 72 Faces of Man: The Complete Sun Sign Guide to the Path of Initiation [As 72 Faces do Homem: Guia Completo dos Signos Solares Para o Caminho da Iniciação, em tradução livre], está disponível no Scribd.

13 Bailey, The Unfinished Autobiography [Autobiografia Inacabada], p. 183.

14 Stephen Pugh, Análise do gráfico Ascendente de Peixes, grupo de Astrologia Esotérica, <https://www.facebook.com/groups/486648064843029/search/?query=Pisces%20Rising&epa=SEARCH_BOX> acessado com a permissão dele em 11 de outubro de 2019.

Para astrólogos interessados, outra indicação de ascendente em Peixes é a colocação da lua de Alice Bailey em Virgem. Virgem rege o sistema digestivo e a anemia perniciosa é causadora de um distúrbio digestivo. O governante da 6ª casa no mapa ascendente de Peixes é o sol em Gêmeos, e Mercúrio como governante tanto de Virgem quanto de Gêmeos, está em Câncer/4ª casa, que rege o estômago. Peixes ascendente pode também colocar Marte na 6ª casa da saúde, em Leão, o signo associado ao coração. Marte está disposto pelo seu sol, que em troca está disposto por Mercúrio, que está em recepção mútua com sua Lua, amarrando juntos o estômago e o sistema digestivo. Com a lua em Virgem, essa recepção mútua entre a Lua e Mercúrio dominam o mapa, assim como a saúde fraca de Alice Bailey dominou sua vida.

31. Magia Branca

1 Alice Bailey, Letters on Occult Meditation [Cartas Sobre Meditação Ocultista], p. 193.

2 The Planetary System: Ideas, Formulas and Forms for a new Culture/Civilisation [O Sistema Planetário: Ideias, Fórmulas e Formas para uma Nova Cultura/Civilização, em tradução livre], 2019, Web. 2 de dezembro de 2019. <http://blog-en.theplanetarysystem.org/tps/>

3 John Rollo Sinclair, The Other Universe [O Outro Universo, em tradução livre], (London : Rider, 1973), p. 115.

4 Dean Going: Carta aos colaboradores e companheiros próximos no Grupo dos Nove, 1984. Mantido pela Escola de Estudos Esotéricos , 2019, Web. 29 de novembro de 2019. <http://www.esotericstudies.net/>

5 Sir John R. Sinclair, The Alice Bailey Inheritance [A Herança de Alice Bailey, em tradução livre], 1984.

6 Ibid.

7 Marian Walter: Notas sobre meditação do amor da alma, 1984, p. 3. Mantido pela Escola de Estudos Esotéricos , 2019, Web. 29 de novembro de 2019. <http://www.esotericstudies.net/>

8 Ibid.

9 Há uma progressão aritmética dos 3 (triângulos) para 9 (3 triângulos), e para 12 (4 triângulos). Nenhum grupo de 6 (dois triângulos) é conhecido.

Ver <http://twelvestar.org>

10 Steven Chernikeeff, Esoteric Apprentice [Aprendiz Esotérico, em tradução livre], (BBR Publications, 2019).

11 Ibid., pp. 4-5.

12 Ibid., p. 9.

13 Helena Roerich, Agni Yoga 1929 , p. 137.

14 Chernikeeff, Esoteric Apprentice [Aprendiz Esotérico], p. 94.

15 Ibid., p. 95

16 Ibid., p. 99.

17 Ibid., pp. 65-6.

Comentários finais

Comentários finais

1 Bailey, The Externalisation of the Hierarchy [A Exteriorização da Hierarquia], p. 562.